3 1761 06974502 4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

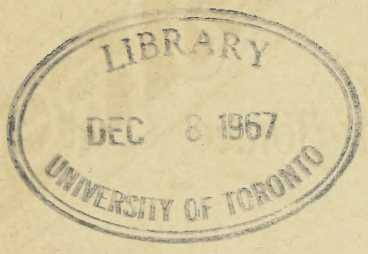
http://www.archive.org/details/gomesfreireroman01mart

2 Vols

Francisco da Rocha Martins

JOÃO ROMANO TORRES & C.A — EDITORES

PQ
9261
M37934
G6
v.1



PRIMEIRA PARTE

A VINGANÇA DOS JESUITAS

I

A ronda das ordenanças

A NOUTE estava calida, pesada, asphyxiante, o luar vinha do alto, brando, suave, envolvendo a cidade no sereno dos seus clarões, espalhando alvuras leitosas pelos edificios erectos, graves, firmes, tocando os santos vetustos e patriarchaes nas roupagens de pedra dos porticos dos innumeros conventos, tornando d'uma branquidão marmorea os palacios de escadarias envarandadas e terraços floridos empinados para o Tejo que corria n'umas scintillações claras de prata fundida.

Ouviam-se os latidos furiosos garganteados pelos cães vadios estirados pelas ruas escorregadias e infectas, por onde os mosquitos zumbiam incommodando com as suas ferroadas os bandos bulhentos e esturdios de populares, que passavam de quando em quando e se perdiam nas vielas em doudas algazarras, cantando pelas baiucas enfumadas d'onde chegavam sons gemidos de violas em desaforados e languidos *landuns*.

A gente grave, os serios e pesados mercadores de grosso trato, tanto como os efeminados peraltas da côrte, os mellifluos e dengosos cantores do paço, os frades severos e gordos, não se atreviam a sahir depois de certas horas temendo o encontro d'esses bandos que então infestavam a cidade correndo ao assalto das bolsas com

o mesmo ardor bellico com que durante o governo do marquez de Pombal escorraçavam os hespanhoes, atacando com denodo as rondas das ordenanças, *a ronda da chuchadeira,* como lhes chamava o povo, aterrorisando os circumspectos botequineiros que as compunham armados de partazanas e de chuços virgens de combates.

Tudo mudara em Portugal depois da queda do velho ministro, que comparecia ainda ante os juizes apesar de quasi moribundo, n'esse anno de 1781 cheio de tendencias de retorcesso para os tempos beatos do freiratico D. João V, o d'Odivellas, e em que as potencias espreitavam com gaudio o desmantelamento do poderio portuguez mantido outr'ora pela vontade energica do reformador que n'uma (*) phrase soubera prophetisar o futuro da nação.

A ronda das ordenanças, passava lentamente em face do forte da Junqueira debruçado para o rio, como se quizesse fazer ouvir no intimo das suas casamatas o murmurio profundo das aguas ao lamberem cariciosamente os esfarellados paredões que as formavam e onde o ministro omnipotente no reinado anterior, soubera aferrolhar a nobreza revoltada contra a sua grande obra que cognominaria um rei apenas complacente.

Os homens da ronda, uns vinte, armados de velhos chuços, envergando os fatos dos seus officios e tendo sobre as cabelleiras de rabicho uns chapéus tricornes, caminhavam como receosos lançando olhares investigadores para todos os lados. No meio do grupo vinha um homem gordanchudo, baixo, fardado n'um uniforme verde e que arrastava a pesada espada pendente do cinturão de couro apertado ao seu ventre obeso; na cabeça trazia chapéu com galões de prata a encimar-lhe a cabelleira d'um pardo accentuado; calçava meias d'algodão listrado e sapatos com fivelas de latão, nos dedos envolvia um rosario de grandes contas ôcas e dos labios vermelhos no largo carão escanhoado, sahia-lhe um murmurio fervoroso de beata prece ao ouvir bater a uma hora no convento dos oratorianos das Necessidades.

— Resaes, senhor capitão da ronda? interrogou uma voz zombeteira mesmo ao seu lado.

(*) O marquez de Pombal ao saber que lhe tinham apeado o busto do medalhão da estatua equestre, substituindo-o pelas armas de Lisboa que tem um galeão de velas desfraldadas dissera:

— Agora é que Portugal vae á vela

E elle interrompendo a oração, e olhando a pessoa que o interrogava, volveu:

— Estou fazendo uma corôa para que a Senhora do Cabo livre a ronda de maus encontros, senhor corregedor!

Aquelle a quem o capitão chamava corregedor e que vestia completamente de velludo negro e tinha pelos hombros a capa d'homem de justiça, em cujo peito se destacavam os bofes de rendas da sua camisa, era um individuo alto, elegante, que se apoiava na vara, distinctivo do seu cargo e usava cabelleira encannudada encimada por um enorme chapéu de pasta em fórma de meia lua. Ao ouvir a resposta do capitão, esboçava um sorriso e volvia:

— E esperais assim afugentar os salteadores?

— Certamente, certamente... E oxalá que Nossa Senhora do Cabo sempre nos livre d'esses bandidos que andam desaforados!

— Ha-de livrar, mestre João Negraes, ha-de livrar! Por isso todos os annos lhe offereço seis almudes do meu melhor azeite... exclamou um dos da ronda em voz fanhosa.

— E eu acompanho-a á sua ermidinha do outro lado do Tejo e offereço-lhe dez duzias dos meus pasteis com que são depois regalados os anjinhos que o senhor marquez de Marialva leva á procissão! exclamou mestre Negraes que era pasteleiro nos arcos de Belem.

Como se fosse um signal, todos os da ronda começaram a enumerar os seus presentes á santa, fallando com devoção, emquanto um d'elles affirmava:

— E bem merece a pena... Eu tenho sido poupado desde que entrei para as ordenanças... Mas tambem todos os annos offereço a Santa Maria de Belem, dois odres de vinho...

— Com que se regalam os frades, mestre Bellarmino, porque é bom o vosso vinho! tornou o corregedor com convicção, dirigindo-se ao botequineiro do largo de Belem.

— Cada vez que me lembro dos marotos das quadrilhas até sinto suores frios! bradou mestre João Negraes, aterrorisado.

— E' pedir uma droga ali ao boticario do Altinho... Olhe que já estamos perto! gritou n'uma risada o zombeteiro corregedor.

— Ah! V. s.ª não sabe... para roubarem uma gallinha de virtude, mataram a bruxa d'Alcolena... Não zombe, senhor corregedor... Olhe que estes tempos vão maus...

— Peores que os do Sebastião José! disse o Bellarmino por entre dentes.

— Sim que ao menos no tempo do atheu, os ladrões tinham medo dos tratos... retorquio de novo o capitão.

— Não era isso... E' que os soldados andavam pagos em dia e não formavam quadrilhas!... exclamou um mestre correeiro devotado ao marquez.

— Isso é verdade... Elle era mau, tinha cabellos no coração, era um impio, mas lá governar sabia!... tornou João Negraes.

— E havia ouro no real erario, no tempo do Sebastião José...

— Pudera... Se não ia para Roma! rosnou por entre dentes o corregedor.

— E agora é uma lastima... Nem o negocio deixa... exclamou o correeiro cheio d'indignação, emquanto o Bellarmino, affirmava n'um proloquio que começava a correr:

— Olhem: Mal por mal antes Pombal!

— Cautella com as fallacias... Olhem que estamos á porta do actual ministro! bradou o corregedor, apontando o palacio do marquez d'Angeja.

Olharam com espanto a residencia e alguns persignaram-se devotamente, agradecendo *in mente* aos santos da sua affeição aquelle aviso do official das justiças.

Calaram-se e continuaram a caminhar.

Subiam agora pelos terrenos do Altinho em direcção ao convento das Salesias que se erguia n'um recanto, cingido nos muros altos da cerca, mostrando nas paredes claras, caiadas de fresco, as janellas tracejadas de varões a olharem o rio.

Iam passar em frente do convento, já levavam as mãos aos chapéus perante a egreja cujo portão forte, chapeado, se fechava hermeticamente aos ruidos de fóra, a garantir o socego das monjas.

Mas de subito o corregedor estacou, e n'um movimento rapido collocou-se em frente da lanterna emquanto os homens de ronda recuavam amendrontados d'aquelle impulso, ouvindo o official da justiça, dizer em voz baixa:

— Alto... Occultem-se ahi na portaria...

— Mas que é, senhor corregedor? interrogou em voz tremula o João Negraes.

— Não viu um vulto saltar o muro da cerca? interrogou elle

— Algum ratoneiro que vae buscar uma abada de laranjas á cerca das freiras... tornou de má vontade o capitão.

— Ou algum fidalgo perdido d'amores que vae fallar á sua monja... ciciou o taberneiro Bellarmino.

— N'um ou n'outro caso a ronda nada tem a vêr com isso... São negocios de pouca monta.... Vamos, senhor corregedor! pediu o capitão, sentindo um calefrio ao lembrar-se das quadrilhas e passando com furia infrene nos dedos tremulos as contas do rozario.

Porém o corregedor, que ficara a meio do caminho, emquanto os outros se occultavam na portaria, fez um gesto rapido, aconchegou-se mais com a parede e murmurou:

Convento das Salesias

— Oh! Deitam uma escada da janella... Parece que alguem vae descer... Diga aos seus homens que estejam promptos ao signal... Quando soltar um silvo do meu apito corram a prender o fidalgote....

— Mas que vae fazer, senhor corregedor? interrogou cada vez mais receioso o pasteleiro de Belem.

— Ora essa! Vou com a sua ajuda evitar um sacrilegio!... disse elle sorrindo com certa alegria e dispondo-se a saltar o muro da cerca do lado do Altinho, emquanto o vulto que vira subir ficava debaixo das janellas do convento que deitavam para as terras fronteiras ao pateo dos bichos da quinta de Belem.

— Ajudem-me aqui, que o muro d'este ponto é alto!... tornou a meia voz sentindo-se já empurrado por um dos da ronda, ouvindo ao mesmo tempo mestre Negraes exclamar:

— Deixe-os. . Naturalmente é gente de nascimento...

— E que tem com isso? Obedeça ás minhas ordens em nome de sua magestade. Fique ahi com os seus homens e quando os chamar venham... Do contrario já sabem que incorrerão nas iras do senhor Pina Manique, intendente da policia.

Fallava-lhes assim, em voz baixa, muito nervoso no alto do muro que transpunha d'um pulo.

O corregedor foi cahir sobre uma mouta d'alecrim florido, que formava um biombo de verdura, além no recanto da cerca em frente do caramanchão onde as freiras passavam as horas da sesta.

Relanceou um olhar para as janellas do convento e avistou o vulto parado a alguma distancia trocando breves signaes ao clarão da lua com alguem que estava no alto, emquanto uma escada de corda pendia presa nos varões do parapeito.

Era do lado do refeitorio, d'uma janella sem grades que lhe respondiam, segundo o corregedor podia vêr acocorado nas hervas, tendo nos labios um sorriso satisfeito ao murmurar:

— Hum... E' ella que vae descer... Trata-se d'um rapto... Amanhã subo um grau no animo do intendente...

Foi n'este momento que um ruido de vozes semi-abafadas vindo do caramanchão, lhe feriu os ouvidos. Estremeceu, ficou um momento muito admirado, e no seu rosto desenhou-se uma expressão d'assombro ao escutar o que diziam ali proximo, no interior do caramanchão verdejante e perfumado, onde penetrava um bello e tenue raio de luar.

— Sim, meu amigo... Os seus sonhos pódem realisar-se... Não era a primeira vez que um simples padre jesuita subia até á purpura... murmurava uma voz molle mas persuasiva.

— Outros ha que não pertencendo á Companhia estão a meio caminho para cardeaes... Senão, veja esse arcebispo de Thessalonica, o confessor da rainha, que o escuta, e se deixa dominar por elle que nos odeia... tornou outra voz, porém, vibrante e forte.

— O quê?... O quê?... E eu seria cardeal? Cardeal como vós, eminentissimo senhor? perguntou um outro, sem duvida aquelle a quem se tinham dirigido, n'um tom commovido.

— Sim, padre Manuel Cardozo... Não são esses os vossos desejos mais ardentes? interrogou o que primeiro fallára, emquanto o corregedor, sem perder de vista o vulto agora empoleirado no ultimo degrau da escada, murmurava:

— Oh! Os jesuitas levantam a cabeça...

No caramanchão continuavam fallando mas agora de fórma que o corregedor apenas entendia algumas palavras soltas.

Rastejando, acercou-se mais, e nos seus olhos fusilaram dois

clarões de intima alegria ao ouvil-os agora muito bem, descobrindo mesmo por entre a folhagem um vulto vestido de vermelho, descortinando um rosto branco, d'olhos castanhos, vagamente illuminado n'uma mancha de luar, emquanto na escuridão ficava um outro vulto negro, quasi indefenido; e de pé em frente d'ambos, um homemsinho enfesado, pallido, a cabecita pequena a agitar-se n'uns tremores nervosos, as mãos a agarrarem as dobras d'um habito ecclesiastico, e que de costas voltadas para o corregedor, exclamava:

— Oh! E que era necessario fazer para isso?... Tudo... tudo que fôr possivel! Oh! a purpura... a purpura...

— E' uma predestinação em vós, padre Manuel Cardoso... disse o individuo que ficava no recanto e que como os outros dois fallava n'uma mistura d'italiano e portuguez muito em voga no tempo.

— Sim... Já vos chamam o cardeal... tornou o que se envolvia nas vestes prelaticias.

— Ah! Desde que pertenço á companhia... Até o Sebastião José, um dia no paço das damas, me chamou assim... Oh! e eu espero... espero...

— Podeis esperar tudo da omnipotencia divina, irmão... volveu o vulto negro, emquanto o padre perguntava pela segunda vez:

— Mas que é necessario fazer?

— E' preciso que a companhia de Jesus, volte a estes reinos, e á direcção espiritual dos principes.

— Oh! Estais zombando, padre mestre, disse elle dirigindo-se ao vulto que se conservava na sombra e continuando logo:

— E como posso eu, um pobre padre conseguir tudo isso, se vós que tendes poder não o fazeis?...

Calaram-se e olharam-se durante alguns momentos em silencio, emquanto o luar entrava em fios pallidos por entre a folhagem do caramanchão.

Exactamente na occasião em que iam responder á pergunta do padre Manuel Cardoso, pela janella do convento descendo a escada nos braços do vulto que o corregedor estivera analysando via-se uma fórma clara, na qual elle reconhecia uma freira vestida no habito das salesias. O corregedor fez um movimento para se levantar, desejoso de oppor-se áquelle rapto que lhe fizera descobrir mais um

mysterio, porém sentiu-se agitado estranhamente e a custo abafou um grito de pasmo, ao ouvir o homem que estivera até então falando, retorquir em resposta ao antigo jesuita:

— Para serdes cardeal era necessario que D. Maria I não reinasse... Que deixasse d'existir!

— Ah! E será isso possivel?... E' ainda muito nova a soberana... morro antes... titubeou em voz rouca o padre Cardoso.

— Não... A rainha que por cousa alguma, aconselhada como está por esse maldito arcebispo confessor, admitte a volta da companhia apesar da sua grande fé catholica e extrema devoção, póde morrer ámanhã. Basta uma vontade decidida e um braço firme... insinuou ainda o outro.

Agora o homem que conduzia a freira já èstava de pé na cerca e ia transpor o muro onde descançava a religiosa; o corregedor tinha um novo impulso para os deter, porém interessava-o muito mais aquella conspiração movida na sombra pelos membros da companhia de Jesus, contra a rainha.

O padre Cardoso ficava calado, amarrotava cada vez mais nervosamente as dobras do habito e ao cabo d'alguns minutos, volvia:

— E se eu fosse esse homem...

— Serieis cardeal porque subiria ao throno...

— O principe do Brazil... murmurou o padre.

— Não esse... E' novo demais por agora... Depois é um discipulo do Sebastião José. Ficaria na regencia el-rei D. Pedro III cujo espirito religioso está entregue á muito habil direcção do senhor cardeal da Cunha... e n'um gesto lento, n'um traço negro desenhado na sombra, o padre mestre apontava o homem sentado quasi a seu lado, e continuava:

— A rainha não se libertará nunca da influencia do arcebispo de Thessalonica e embora isso succedesse, teria escrupulo em ir contra os decretos de seu pae... Não rehabilita os Tavoras como não admitte a companhia de Jesus... Tem ao seu lado além do arcebispo, o marquez de Marialva que a aconselha tambem.. Já vêdes pois, meu padre, que só sendo D. Pedro rei, é que terieis a vossa purpura...

— Oh! Tudo... Tudo... Irei até ao fim...

— O que? Serieis capaz de assassinar a rainha? perguntou o cardeal da Cunha n'um impeto.

— Sim... Irei até ao fim... Quero a minha purpura! exclamou o padre n'um gesto de louco, em voz cada vez mais rouca.

Os outros trocaram um olhar d'intelligencia, e por fim o padre mestre disse:

— Pois bem, estaes decidido?

— A tudo...

— Ide ámanhã a Queluz, ao paço real, sereis introduzido e cumpri a vossa vontade... A Companhia vos saberá agradecer, cardeal Cardozo.

E atirava-lhe aquelle titulo honorifico a deslumbral-o, bem certo do attentado ao vêr um clarão de loucura no semblante do padre, a quem dizia:

— E agora jurae que nada revelareis do que se passou, e jurae tambem que não hesitareis...

O corregedor fazia um movimento de admiração ante semelhantes combinações e olhando para o muro via que a freira e o seu raptor tinham desapparecido. Mordeu os labios enraivecido, porém temendo despertar a attenção dos conspiradores deixou-se ficar na mesma posição.

No caramanchel o padre Cardozo murmurava convicto o seu juramento, em voz clara, firme, vibrante.

Palacio de Queluz (ala direita)

Agora erguiam-se e iam descer os tres pequenos degraus do retiro das freiras.

N'este momento soavam gritos afflictivos e ouviu-se um tinir de espadas que obrigaram os padres a estremecer, emquanto o cardeal da Cunha murmurava:

— Que se passará?

— Alguma arruaça nocturna! E' melhor recolhermo-nos ao convento, eminencia... O padre Cardoso ficará comvosco até de

madrugada! aventou o homem trajado de negro e cujo rosto o corregedor não conseguiu vêr na rapida passagem dos conspiradores para a escada do convento.

Na rua continuava o ruido da lucta, tiniam espadas, soavam gritos, emquanto a ronda se acoutava na portaria esperando prudentemente o signal do corregedor para intervir na questão.

Porém este punha-se de pé, ficava ainda uns momentos a olhar o convento, e murmurava:

— E se eu os prendesse? Nada... E' melhor ouvir o intendente... Está mettido na cousa o cardeal da Cunha! E pelo sim pelo não... fez um gesto, accenou com a cabeça e tornou:

— Oh! Eu os ensinarei!... Agora vamos aos outros!

Muito rapidamente corria para o muro d'onde vinha ainda o mesmo ruido das espadas tocando-se; trinava um silvo estridente, saltava para a rua e via uma sege correndo de batida pelo campo das Salesias, e os seus pés tropeçavam n'um corpo cahido junto do muro da cerca, cuja cabeça livida se destacava ao clarão da lua.

A ronda rodeava-o agora; as partazanas luziam, os rostos pallidos dos bons e gordos milicianos tinham expressões contristadas e o corregedor n'um olhar interrogativo, exclamava:

— Com que então, mestre João Negraes, assim deixaes que fidalgos cruzem as espadas apesar do alvará de sua magestade que prohibe os duellos?

— Esperava o vosso signal, senhor corregedor! volveu em voz tremula o pobre pasteleiro, muito ridiculo na sua farda verde.

— Signal que chegou tarde... Ah! mas não faz mal... Julgo que d'esta vez o intendente ha-de perdoar não só a vós outros por deixarem de cumprir o vosso dever, mas até aos proprios duellistas... Vá... E' levar este fidalgo ahi para portaria e correi a buscar soccorro... Esperem; deixem vêr se merece a pena!...

E elle tomando a grande lanterna das mãos d'um homem da ronda, assestou-a para o rosto do que estava cahido e coberto de sangue. Era um mancebo de rosto pallido pelo sangue perdido, vestido n'um requinte de luxo e que entreabria os labios como se quizesse fallar.

O corregedor fez um signal aos da ronda para que o levassem e exclamou:

— Ganhei a minha noute!

II

O intendente da policia

TERMINAVA n'esse dia o lucto da côrte pela morte da rainha mãe, D. Marianna Victoria de Bourbon.

D. Maria I, ao cabo d'alguns mezes de recolhimento, devia receber os fidalgos da sua casa além na sala do throno do paço de Queluz forrada de damasco carmesim-escuro.

Enfileiravam-se poltronas acaireladas de velludos lavrados, os espaldares entalhados com armas reaes e destinadas aos altos personagens, perto do solio escarlate, de pesado docel, ladeado por cortinas cahidas em pregas opulentas e ondulantes em trualidades graves, severas, de sombras ricas dadas pela semi-obscuridade que reinava na sala fresca, cujos reposteiros pezados estavam corridos deixando apenas ouvir um vago sussurro das fontes nos jardins da regia residencia.

Pela porta rasgada, ampla, avistava-se a turba dos cortezãos recamados d'ouro, em vestes de seda, os punhos das espadas cinzelados, as casacas de côres variegadas scintillantes de bordados, camisas de bofes, d'arrendados leves e caprichosos, as cabeças firmes cobertas nas cabelleiras empoadas e rescendentes, cingidas em fitas setinosas; destacavam-se os penteados altos das damas muito emplumadas lembrando um bando d'alegres aves de plumagem exotica tremulando aos seus menores movimentos, os pescoços alvos sahindo dos decotes, emoldados em perolas e diamantes vindos nas bagagens dos vice-reis.

No meio d'aquelle luxo bizarro faiscavam os olhos languidos das secias damas (*) de faces pintalgadas de signaes postiços, os fidalgos passavam na turba em ademanes dengosos, ellas estendiam os collos em ondulações cysnaticas, entreabriam os labios em sorrisos languidos, os rostos besuntados em carmim vivo segundo a moda do tempo.

Apinhoava-se além a maior nobreza do reino, luziam casulas de bispos, tinham fortes coloridos as fardas dos generaes e dos marechaes de cujos hombros pendiam cordões d'ouro, as vestes negras onde se destacavam os punhos de renda dos gentis homens da camara, traçavam notas severas na multidão brilhante, e os habitos dos prelados das ordens religiosas deixavam pontos claros a breves intervallos. Erguiam-se acima das cabeças as alabardas d'aço dos archeiros das Guardas Reaes, que nos seus trajos de velludo de cores variadas se postavam em torno da sala, aguardando a soberana.

Fazia-se um grande movimento de recuo na turba aristocratica, curvavam-se cabeças, alguns joelhos dobravam-se, as cabelleiras sacudidas deixavam evolar nuvens de pós aromaticos, todos se affastavam respeitosamente, esboçando sorrisos de servilismo em face d'um homem que acabava d'entrar, vestido muito simplesmente no habito branco dos carmelitas e que arrastava as suas sandalias nos gloriosos tapetes orientaes da sala do throno.

Era alto, volumoso, d'hombros largos e peito saliente, o rosto gordo luzidio, córado, o pescoço com refegos de carne cahidos na gola alvissima do seu habito, os labios grossos, vermelhos e sensuaes abertos a deixarem entrever dentes claros e rijos, verdadeiros dentes de camponio sadio, de mãos amplas e fronte larga, a cabeça teimosa e obstinada, encimada por uns cabellos grisalhos que lhe formavam a aureola da larga calva fradesca.

Muitos fidalgos acercavam-se a pedir-lhe bençãos, as damas collavam os labios frescos á sua mão papuda, toda a côrte se curvava em zumbaias, n'umas exterioridades respeitosas, mantidas outr'ora para com o marquez de Pombal emquanto, como ao presente, os odios referviam nos peitos dos membros efeminados d'aquella côrte singular.

(*) Estes signaes das damas obedeciam a diversos nomes.

Elle olhava-os d'alto, firme, sereno, com desprezo altivo nos olhinhos redondos e penetrantes, por vezes fuzilantes em clarões desdenhosos. Uma verdadeira multidão o cercava, emquanto o carmelita ficava impassivel olhando a porta; depois, de repente, n'um gesto rapido e vulgar, exclamava em voz forte e d'um rude accento transmontano:

— Que vem fazer á corte o cardeal da Cunha? Então já esqueceu as ordens da rainha que, apesar de o deixar no conselho d'estado, o dispensou de vir ao paço?

Dizia aquillo brutalmente, quasi sem olhar os que se curvavam ante elle como lacaios, e fitava o cardeal que apparecia vestido na sua purpura, o rosto claro franzido n'uma expressão de desgosto.

Varias vozes se levantavam na turba cortezã, todos se affastavam a deixarem-no isolado a meio da sala, emquanto elle caminhava lentamente olhando com raiva o carmelita.

A côrte estava admirada d'aquelle successo, de vêr o cardeal da Cunha apresentar-se assim de subito, depois de ter cahido no desagrado da soberana que lhe conservara os empregos a instancias de D. Pedro III, de quem elle era director espiritual.

— Senhor arcebispo de Thessalonica, vossa grandeza quer saber o motivo da vinda do cardeal? interrogou um joven fidalgo com o mais agradavel dos seus sorrisos, fazendo uma mesura ao homem diante de quem todos se curvavam, que era o confessor da rainha, um astro fulgurante da côrte pela confiança de D. Maria I.

— Que importa? Veiu porque lhe appeteceram os ares de Queluz... tornou o arcebispo no mesmo tom rude, voltando com desplante as costas ao joven que lhe fez ainda respeitoso cumprimento, emquanto o outro tomava logar n'uma poltrona.

Agora entrava na sala um velho alto, d'olhar bondoso, physionomia nobre e insinuante, elegante e donairoso apesar da edade e que se vestia completamente de negro, ostentando um thesouro em cada botão da sua casaca, da qual pendia de longa fita vermelha uma gran-cruz; descançava as mãos nos copos lavrados do seu espadim e sorria agradavelmente á côrte que o saudava com respeito.

O cardeal da Cunha, ao vêl-o, e sentindo-se isolado na sala, avançou para elle e exclamou:

— Deus vos salve, senhor marquez de Marialva!

O velho fidalgo, olhou-o admirado e disse:

— Vós aqui, senhor cardeal da Cunha!

— Sim, excellencia, tornou elle com grande cerimonia em que o marquez reparou. Vim para pedir justiça a sua magestade.

Todos os fidalgos se tinham acercado cheios de curiosidade ao ouvirem as ultimas palavras do cardeal que continuava:

— Sim... Justiça, já que não posso appellar para o serviço dos que dirigem a policia!

— O quê? E não é vossa eminencia, o regedor das justiças? interrogou o Marialva, emquanto os fidalgos abafavam risos nos lenços de rendas perfumadas.

— Marquez... Eu o sou por graça de Sua Magestade... No emtanto a cidade é continuamente assaltada e as rondas impotentes para cohibirem abusos... A mim pertencem as justiças executivas mas não as questões de segurança... E d'esta vez, como sempre, os criminosos não cahirão sob a minha alçada...

— Mas que succedeu, senhor cardeal? Algum novo crime perpetrado pelas quadrilhas?...

— Oh! Antes o fosse.. Porém succedeu um verdadeiro sacrilegio!

— Um sacrilegio?! perguntou toda aquella côrte devota, cheia de terror esquecendo já a falsa posição do cardeal.

— Sim... Foi roubada esta noute uma monja do convento das Salesias...

Um brado d'admiração e de horror sahiu dos labios dos fidalgos, emquanto as damas se acercavam curiosas.

— Não seria obra do inimigo?... perguntou em voz de baixo profundo um rotundo desembargador, continuando:

— Como succedeu com aquella freira do Sacramento que tinha aventuras amorosas com o proprio Belzebuth... Até se pintaram cruzes vermelhas nas janellas por onde o demonio costumava entrar...

— E foi mandada para a Inquisição! accrescentou uma divina mulher loura n'um fremito de terror.

Mas o cardeal não os ouvia e exclamava, tornando-se vermelho como a sua purpura:

— E rente ao muro da cerca appareceu ferido um fidalgo... Ah! desde os tempos do senhor D. João V, que Deus tenha em sua gloria eterna, que ninguem se atrevia a raptar uma freira, nem

a ferir um homem junto a terreno sagrado... E para demais ha o alvará que prohibe os duellos...

— Oh! Mas o criminoso precisa d'um exemplar castigo! exclamou o de Marialva cuja devoção era bem conhecida, accrescentando logo:

— E ha-de tel-o, juro vos... Sua magestade ha-de ouvir os meus rogos...

N'este momento, o cardeal da Cunha tornava-se ainda mais vermelho d'indignação e bradava:

— Ah! Mas ainda não sabeis o resto, senhor marquez... E' que a monja raptada, é a minha sobrinha D. Elvira de Mendonça e Mello... Que o fidalgo ferido, quasi moribundo, é D. Ramiro, o seu promettido noivo...

D'esta vez o espanto da côrte foi enorme, uns mostravam-se indignados, emquanto outros se acercavam do arcebispo de Thessanica a narrarem-lhe o facto que elle ouvia muito distrahido, tendo murmurios desdenhosos nos labios grossos.

O cardeal ia continuar, enxugava a testa molhada de suor, porém empallidecia ao vêr entrar o padre Cardoso, muito encolhido nas dobras negras do seu habito, que avançava cabisbaixo para junto do throno, a occultar-se na multidão fidalga.

Só então o cardeal pareceu recordar-se do seu facto da vespera, estremeceu e ficou como desfallecido em face do Marialva que attribuindo o deliquio á commoção, lhe tomou caridosamente o braço e obrigou o cardeal a sentar-se n'uma das poltronas proximo do arcebispo que se levantou d'um pulo, muito irado, e lançou um olhar colerico ao marquez, affastando com um safanão os que o rodeavam, e murmurou:

— Que irreverencia... O cardeal ao meu lado... Esse judas!

Porém agora a côrte movia-se a dar passagem a um homem, para o qual um fidalgo que entrara ha pouco, exclamava:

— Ah! Eis ahi o senhor intendente da policia que nos poderá explicar os acontecimentos d'esta noute!

Mas Pina Manique, vestido na sua casaca bordada a prata, o rosto grave sem a minima alteração, volveu um olhar pela sala como a procurar alguem, sem dar attenção ás palavras que lhe dirigiam, e depois voltando se para o corregedor que o acompanhava muito á vontade no meio da côrte, pareceu interrogal-o em voz

baixa, emquanto e subordinado lançando um golpe de vista por entre a turba, teve um sorriso satisfeito nos labios, ao descobrir o padre Cardoso, sumido contra o throno.

— Senhor intendente... V. ex.ª poder-nos-ha explicar os acontecimentos d'esta noute... O sacrilegio inaudito que se perpetrou ? interrogou o mesmo individuo que já se lhe dirigira e que estivera fallando com Marialva.

O intendente fez-lhe um cumprimento e interrogou-o por seu turno:

— Que acontecimentos, senhor ministro?...

E o marquez d'Angeja, porque era elle o interlocutor de Manique, volveu:

— O sacrilegio do convento das Salesias de Belem.

O intendente ia responder, mas batiam no chão as alabardas dos archeiros da Guarda Real, e o mestre de cerimonias, entrajado de gala, abrindo caminho, annunciou em voz forte:

— Sua Magestade!

Curvaram-se as damas, formaram-se alas, as pessoas de maior gerarchia collocaram se á frente, emquanto o vulto volumoso do arcebispo de Thessalonica se destacava na rectaguarda da rainha, e á frente d'um sequito de damas, fidalgos e pagens.

D. Maria I, subia altivamente para o throno em passadas medidas, breves, o rosto magro e claro onde brilhavam uns olhos vagos, melancholicos, eivados d'uma expressão de tristeza.

A côrte ajoelhava em frente da soberana que ficava de pé no throno e apenas o arcebispo tomava logar a pouca distancia.

Ali perto, o padre Cardoso, n'uns estremecimentos nervosos, os olhitos a dardejarem clarões intermittentes, todo agitado em frente da soberana, apertava sob as vestes com a mão crispada a coronha d'uma grande pistola.

O corregedor tivera artes de se collocar n'uma meia sombra na sua rectaguarda ao passo que o intendente da policia, mesmo em face da rainha, olhava firme e persistentemente o jesuita que continuava no mesmo tremor, os labios em titilações, os dentes cerrados com furia, a cabecita redonda de maniaco semi-curvada; e o cardeal da Cunha pozera-se a distancia, perto da porta, ennovelado nas vestes prelaticias, muito pallido, elle, o que vinha reclamar justiça.

Reinava na sala um pesado silencio, ouvia-se correr lentamente, n'uns murmurios, a agua nos tanques do jardim.

D. Maria I, encarava o intendente da policia, via a direcção do seu olhar descobrir de seguida o cardeal a alguma distancia, ia falar, mover-se, estendia o braço eburneo n'um gesto d'agradecimento.

O padre Cardoso, o jesuita, apertava cada vez mais a coronha da sua pistola e levantava os olhos para a soberana de pé na sua frente, lembrando-se muito a conspiração da vespera, todo elle tremulo de receio, louco e ambicioso.

Era o momento.

Continuavam sempre nas mesmas attitudes, entreviam-se as cabeleiras empoadas dos cortezãos sahidas do amalgama dos fatos vistosos e ricos.

O jesuita não perdera de vista a soberana: fizera um pequeno movimento, estremecera.

Na retina passou-lhe então uma visão de morte; viu no ardor da sua imaginação a rainha prostrada pelas suas balas, cahida para sempre emquanto elle molhava as suas roupas negras no sangue ainda quente que lhe daria a côr rica da purpura, com a qual formaria as suas vestes prelaticias arrastadas depois na curia para onde o enviariam. O seu cerebro d'ambicioso, maniaco, acalentava planos; sentia um fremito percorrer-lhe a espinha, nos olhitos encovados scintillava um clarão raivoso e n'um repente entreabria o habito deixando apparecer as coronhas das pistolas, uma das quaes segurava com mão rija e possante em extranha allucinação.

A rainha olhava-o tambem durante instantes, tornava-se pallida, livida, e antes que o jesuita fizesse um movimento para descarregar a arma, sahia-lhe da garganta um som estridulo e ficava hirta, apontava o vulto negro do padre Cardozo, exclamando:

— Regicida! . . Regicida!. . .

Elle, ao vêr-se descoberto, ficou paralysado, deixou cahir a pistola sobre o tapete e sentiu se agarrado fortemente pela mão ferrea do corregedor, emquanto os archeiros da guarda levantavam sobre elle as alabardas e os fidalgos soltavam imprecações n'um rumor incrivel, ouvindo-se acima de todo o

tumulto, a voz trovejante do intendente da policia, que bradava:

— Padre Manuel Cardozo, estaes preso em nome de Sua Magestade!

O cardeal da Cunha, empallidecera logo ao primeiro grito da soberana e cingira-se contra a porta, envolvido nas vestes de principe da egreja, emquanto o arcebispo de Thessalonica subindo os tres degraus do throno, dominando a assembléa com o seu vulto claro no habito de carmelita, segurava a rainha meia desfallecida e que lhe apoiava a cabeça no hombro largo.

Pina Manique, agarrava vigorosamente o jesuita e exclamava de novo:

— Regicida! Não hesitavas então ante o sacrilegio mais horroroso?

E n'outro tom para o corregedor do crime que lhe revelara a conspiração urdida nas Salesias, dizia:

— Conduzi este homem... Levai-o com todas as cautellas. . E' um grande criminoso e os cumplices pódem desejar livral-o .

Fixava com o seu olhar duro e cortante o cardeal da Cunha que cada vez se occultava mais no reposteiro.

Por entre os ruidos, os protestos, o côro d'imprecações da côrte, o jesuita sahiu agarrado pelo corregedor. Ia de cabeça baixa; como se tivesse perdido o uso da razão, murmurava palavras soltas e ao passar junto do cardeal volveu para elle um olhar que obrigou o prelado a estremecer esperando ouvir sahir dos labios d'aquelle homem uma tremenda revelação. Porém Cardozo, esboçou um sorriso alvar, rouquejou uns sons e deixou-se levar pelos corredores em direcção á porta da sahida.

O marquez d'Angeja, o primeiro ministro, acercava-se da rainha a felicital-a por ter falhado o attentado, via no seu rosto uma expressão dolorosa e affastava-se logo com uma venia, dirigia-se para o cardeal da Cunha com quem travava conversação sobre os acontecimentos da noite anterior. O prelado respondia com grandes hesitações, volvendo a miudo olhares para o intendente da policia.

Em torno fallava-se, manifestavam-se indignações; a côrte corria a rodear a rainha muito fraca pelo abalo soffrido, ao

passo que o arcebispo de Thessalonica, tendo para a soberana um olhar de piedade e para a turba um gesto rude, exclamava laconico e imperioso:

— Vossa Magestade, deve recolher-se aos seus aposentos!

D. Maria I, lançava-lhe um breve sorriso agradecido, encostava-se no seu braço com força e volvia:

— Recolher-me-hei... Acompanhe-me, meu padre . Careço dos vossos carinhos, D. Fr. Ignacio...

O carmelita, passeou um olhar dominador pela côrte, como a dizer-lhe que a sorte d'esse padre quasi regicida estava nas suas mãos, nas linhas vulgares do rosto houve como subita transformação e cada vez com maior rudeza, muito desprezador para aquelles fidalgos, bradou:

— Affastem-se, senhores! Sua Magestade vae recolher-se...

Na ala dos cortezãos estava o velho marquez de Marialva, que tivera ha pouco longa conversação com Angeja ácerca do sacrilegio de Belem, como já se chamava na côrte ao rapto da monja, e a rainha ao avistal-o sorria-lhe com amizade e em tom quasi respeitoso dizia:

— Marquez ..

— Real Senhora! respondeu elle ajoelhando-se em frente da rainha, emquanto a côrte se curvava respeitosa.

— Acompanhe-me tambem... ordenou ella, muito cheia d'attenções para com o velho amigo de seu pae.

E o marquez, com toda a tranquillidade, sem reparar sequer no resto da nobreza, collocou-se ao lado de D. Maria I que caminhava agora entre elle e o arcebispo; os archeiros abriam caminho com grande pressa e as alas fidalgas formavam-se á passagem da rainha.

— Passagem!... Passagem!... bradava na sua voz rude e forte o arcebispo de Thessalonica, erecto e aprumado no seu habito simples para o qual a côrte tinha longos olhares respeitosos.

Logo que a soberana sahiu com o seu sequito, os fidalgos começaram a dispersar-se pelo palacio e pelo jardim; o marquez d'Angeja conversava ainda com o cardeal que sorria com certo jubilo ante as palavras do ministro.

Foi n'esta occasião que o corregedor do crime voltou da

sua missão e se approximou do intendente da policia que ficara no vão da janella como a contemplar as arvores do parque por onde se viam prepassar ranchos fidalgos.

— Então, Lopes Cardoso, onde deixasteis o jesuita? . . . interrogou o intendente ao vêl-o na sua frente com grande veneração, todo curvado.

— Entreguei-o á escolta que está rodeando a sege, senhor intendente . . volveu o corregedor.

— A escolta?

— Sim, senhor intendente . . .

— Trouxesteis uma escolta? perguntou o intendente admirado, d'aquella previdencia.

— Oh! Mas decerto . . .

— Julgo que não foi a da ronda das ordenanças . . . disse o intendente sorrindo-lhe com agrado.

— Apenas seis soldados de cavallaria que requisitei ao senhor marquez d'Alorna . . .

— Isso é que se chama prever as cousas! E se por acaso o homem não tentasse contra a rainha? . . .

— Eram pouco os soldados . . . Tinham ficado a distancia e ninguem daria por tal . . .

— Sois um homem precioso, Lopes Cardoso . . Ha pouco, quando preveni sua magestade do que se tramava contra a sua augusta pessoa, fallei-lhe de vós . . . Bem o mereceis. Ides em bom caminho.

O corregedor deveras lisongeado ainda se inclinou mais, volvendo:

— São favores de vossa excellencia . . .

— E' necessario premiar sempre os servidores dedicados.. . E o vosso serviço é d'esses que jamais esquecem . . Salvasteis a vida da rainha e talvez tambem Portugal da ruina. Acreditae que emquanto viver D. Maria I e tiver a seu lado os Marialva e o arcebispo, a companhia de Jesus não se restabelecerá . . Por isso é grande o vosso serviço . . .

— Que ordena v. ex.ª em relação ao jesuita? perguntou Lopes Cardoso, radiante.

— Conduzi-o para o forte da Junqueira . . . respondeu o intendente.

Porém n'este momento o marquez d'Angeja descobria os homens da policia, trocava mais algumas palavras com o cardeal e fazia um gesto a Manique para que se approximasse.

Elle avançou para o ministro olhando com persistencia o cardeal que sorria, e ouviu Angeja, exclamar:

— Senhor intendente... Ha pouco quando entrou Sua Magestade, antes d'esse fatal acontecimento, dirigia-lhe uma pergunta.. Poder-me-ha responder a ella?

— V. Ex.ª fallava...

— D'um sacrilegio inaudito commettido esta noute no convento das Salesias.

— Mas ..

— Não tem conhecimento d'elle? interrogou severamente o marquez.

— V. Ex.ª... Refere se...

— Ao rapto de minha sobrinha!... bradou de repente o cardeal.

O intendente fez-se pallido ante a gravidade do acontecimento que julgava sem importancia e respondeu:

— Nada sei a esse respeito, confesso.

— Ah! Senhor intendente, onde está então o seu zelo? Ignora que roubaram d'um convento a sobrinha do senhor cardeal, ignora que tentaram contra a vida de D. Ramiro de Noronha?

— Confesso a minha ignorancia n'esse assumpto, respondeu elle, olhando d'esta vez o cardeal muito altivamente.

— Ah! Para que serve então a vossa policia? perguntou o cardeal da Cunha, fazendo-se forte e continuando:

— Sou o regedor da justiça e posso dirigir-vos esta pergunta, senhor intendente.

— Eu não tenho policia... O serviço é apenas feito pelas rondas das ordenanças...

— E para que servem .

— Confesso que esses mercadores de nada servem! tornou com tranquillidade.

— Porém minha sobrinha foi raptada e é necessario encontral-a! bradou de novo o cardeal muito colerico.

— Senhor... Ha muito que pedi ao senhor marquez

d'Angeja o dinheiro necessario para a formação d'um corpo de policia...

O ministro, estremeceu de colera ante a censura, e exclamou:

— Porém, sabeis as condições do erario. Sabeis, senhor intendente de policia, e que Sua Magestade perdôa todos os delictos excepto os de sacrilegio?

N'aquellas palavras ia uma ameaça que o intendente comprehendia ao volver com um sorriso de finura:

— V. Ex.ª sabe que os poucos elementos de que dispunha empregava-os na descoberta da conspiração contra Sua Magestade?

Cunha empallideceu, e o ministro interrogou:

— O quê? Sabieis da conspiração?

— Prevenira Sua Magestade, disse elle tranquillo.

— Vós?

— Meia hora antes d'entrar n'esta sala!

— Então Sua Magestade sabia?

— Sim, senhor ministro...

— E não desistiu de vir?

— E' bom affrontar sempre de frente os inimigos! replicou Pina Manique.

O pasmo do marquez d'Angeja era enorme, o terror do cardeal lia-se-lhe agora nas faces que o intendente contemplava, ao perguntar-lhe muito naturalmente:

— Vossa eminencia está incommodado?

Elle estremeceu novamente, viu que o marquez d'Angeja o olhava tambem e volveu em voz embargada pelo terror:

— Não... Penso apenas n'essa pobre menina roubada assim do interior da casa de Deus! Ah! Mas juro-vos que o raptor, o miseravel que feriu D. Ramiro, desde que o descubra, pagar-me-ha caro... Será enforcado, porque sua magestade não perdôa taes delictos e ha-de escutar a voz de toda a sua côrte a pedir-lhe a punição do infame que as rondas de v. ex.ª deixaram fugir...

— Foi hontem que succedeu esse sacrilegio, não é assim? interrogou o intendente.

— Sim .. Hontem ou antes na madrugada d'hoje... por-

que á meia noute a madre Francisca Salesia visitou o convento de alto a baixo e viu-a na sua cella . .

— Muito bem . . . E o individuo ferido?

Foi levado pela ronda das ordenanças para o seu palacio da calçada d'Ajuda!

Por elle se poderá saber o nome do aggressor que é tambem sem duvida o auctor do rapto.

— Ah! Mas é que D. Ramiro Noronha não falla, e o physico do paço receia pela sua vida . .

— Mas a ronda encontrou-o já ferido? interrogou o intendente.

— Sim . . . Assistiu ainda em parte ao duello em que não interveiu porque esperava ordens d'um tal corregedor que só muito tarde as deu! exclamou o marquez d'Angeja.

— E como o sabe v. ex.ª?

— Pelo capitão das Ordenanças, um pastelleiro de Belem, que se lançou hoje a meus pés pedindo piedade ao saber da alta gerarchia da pessoa, victima do miseravel raptor . . .

— Oh! Pedirei a Sua Magestade justiça severa! O culpado da fuga d'esse infame pagará o seu delicto . . . Resta-me saber o nome d'esse corregedor . .

— Mestre Negraes ignora-o tambem! replicou Angeja, dizendo de seguida:

— Mas talvez que o senhor intendente nol-o possa dizer...

— Eu?

— Sim . . . Não superintendeis os serviços de segurança?

— Assim é, senhor ministro!

— Ah! Então sabe o nome das pessoas que empregais e que tão pouco habeis se revelam! exclamou o cardeal.

— Sim . . . Na realidade bem pouco habeis . . Descobrem melhor os tramas dos miseraveis que conspiram contra a vida de Sua Magestade do que os fidalgos raptores de monjas.

E olhava fixamente o cardeal que bradava:

— Senhor intendente . . . Dizei-me o nome d'esse corregedor! ordenou o cardeal, invocando a sua qualidade de regedor das justiças.

— Preciso vêr a lista dos serviços d'esta noute . . Depois vol-o direi, senhor . . . E emquanto aos acontecimentos inter-

rogarei alguem que a essa hora devia estar no local! disse Pina Manique com um ar de mysterio, curvando-se ante o ministro e fazendo uma venia ao cardeal, que ficava muito pallido e se encostava á parede para não cahir ao ouvir as ultimas palavras do intendente, que já sahira da sala e entrava agora no corredor onde o Lopes Cardoso o aguardava.

Viu-o, sorriu-lhe e dando-lhe umas palmadas no hombro, exclamou:

— Grandes intrigas vão na côrte, meu amigo!

E o outro admirado do tratamento, interrogou com o mais agradavel dos seus sorrisos:

— Que quereis dizer, senhor intendente?

— Que estaes em bom caminho para a forca, senhor corregedor! replicou elle com alguma tristeza ao lembrar-se do grande poder do cardeal no animo de D. Pedro III e tremendo pelo habil magistrado que tinha a seu lado e o qual n'um encolher de hombros, muito pallido, mas ainda com o seu bom espirito, volvia:

— Não é para agradecer o terdes fallado de mim a sua magestade!... Agradeço a mercê mas devolvo a promettida recompensa! Bem dizia v. ex.ª que eu ia em bom caminho!... Para mais alto não podia ser... Porque espero ir para o céu depois de enforcado.

III

O frade cartuxo

LÉM á entrada dos aposentos do arcebispo de Thessalonica que ficavam na parte inferior dos da rainha, para que sua magestade a todas as horas pudesse mandar subir pela escada interior, que ligava o seu quarto com o debaixo, o confessor indispensavel ao socego e á tranquillidade da sua devota consciencia, estavam dois frades vestidos nos seus habitos e que pareciam aguardar o momento de transporem a porta do carmelita.

Um d'elles era gordo, rosto vermelho lagosta, os olhos mascarados n'uns oculos enormes e escuros, a cabeça calva ornada apenas nas fontes d'umas farripas grisalhas, as pernas curtas sustentando o ventre enorme, todo elle pantafaçudo e ridiculo; muito encostado á parede analysava o outro que passeava ao longo do corredor. Este era muito novo ainda, tinha o cabello negro circumdando a sua pequena corôa de noviço dos cartuxos, os olhos de pestanas compridas, vivos, scintillantes, fixavam-se nas arvores do jardim a espreitarem os vultos gentis das açafatas da rainha que passeavam nas ruas arenosas.

— Esperaes tambem sua grandeza, irmão? interrogou o outro fulgurando um olhar torvo pelos oculos negros.

— Sim, meu padre... respondeu o religioso em voz firme e bem timbrada.

— Porque me daes esse tratamento? interrogou elle fixando o mancebo.

— Sou apenas noviço dos cartuxos de Caxias e vós tendes as ordens

— No emtanto em breve as tereis tambem assim, parece...

O frade olhou-o com certa curiosidade, analysou-o bem e volveu:

— Não meu padre... Jámais as terei... E' exactamente por isso que aqui estou! respondeu o mancebo com grande espanto do interlocutor que bradava em voz terrivel:

— O quê? Deixaes o convento? Assim vos fallece o animo...

Dardejava-lhe verdadeiros olhares colericos, cheios d'indignação.

Ia responder-lhe como se deprehendia do ar resoluto com que o encarava, mas a porta dos aposentos do confessor da rainha abria-se e um leigo baixo, atarracado, d'olhos saltitantes, um riso alvar nos labios grossos apparecia a olhar os dois frades e exclamava em tom alegre:

— Já chegou sua Grandeza... Manda que digam as suas pretenções!

— Desejo fallar a sua grandeza! berrou o dos oculos, emquanto o noviço dizia por seu turno:

— E eu tambem...

— Sou fr. José do Rosario, conselheiro do Santo Officio, accrescentou o rotundo frade com orgulho, olhando de novo o mancebo a quem o leigo perguntava n'um riso chocarreiro:

— E vós?

— Sua grandeza não me conhece... Sou um simples noviço dos cartuxos de Caxias... disse elle com uma humildade mais evangelica que o orgulho do gordo famulo da Inquisição.

O leigo mostrou de novo a dentuça suja, trinou outro riso e fechando a porta com desembaraço, desappareceu arrastando as sandalias.

Fr. José do Rosario, olhou de novo o mancebo que continuava a admirar a gentileza das açafatas da rainha, e perguntou com voz cava:

— Porque quereis deixar o convento, noviço?

— Porque não quer criar uma barriga como tu, fr. bojudo!... casquinou uma voz de falsete ao fundo do corredor.

O padre voltou rapidamente a face affogueada, os olhos despediram scentelhas d'odio para o lado d'onde chegava a voz, ao passo que o noviço soltava uma estrondosa gargalhada ante o extranho personagem que despontava na volta do corredor.

Era um homemzinho magro e baixo de cara engelhada, a bocca desdentada aberta n'um riso trocista, cujos olhinhos vivos verrumavam os religiosos. Avançava mettido na sua veste fidalga da mais bella seda de cuja cinta pendia uma bolsa bordada em caprichosos matizes de missangas, o fato assentava mal ao seu corpo desengonçado, a cabeça tinha-a coberta n'um chapéu tricorne ornado de lentejoulas e debruado de bons arminhos, as pernas cambaias envergadas de seda creme moviam-se n'um exaggero ironico ao andar dos cortezãos, calçava sapatos com fivelas de prata e trazia na mão um pequeno chicote de cabo em marfim lavrado.

O cartuxo ria desesperadamente ao vêl-o, emquanto o famulo da Inquisição se calava apesar dos seus olhares odientos.

O personagem continuava:

— Sim o gentil cartucho não quer trocar a sua elegancia pelo teu corpo de velho sapo barrigudo. . Eh! ouves ó forneiro de Belzebuth!

E n'um gesto patusco assentava-lhe duas palmadinhas no ventre obeso gargalhando:

— Que tens com que o cartuxo queira deixar o convento? Olha, noviço, faze-lhe uma figa torta que este frade tem mau olhado!

O mancebo, admirava-se muito do silencio do outro ante aquelle ridiculo personagem e ria ainda mais ao ouvil-o dizer:

— Tomo-te sob a minha protecção, joven cartuxo . Deixa fallar o D. fr. pança... Mas de que te ris?... Ah! Vejam o que são os homens!

Ainda os mais humildes têm gargalhadas para a desgraça... disse aquellas ultimas palavras n'um tom philosophico, depois em gargalhadas estridulas, saltitando, no seu andar pausado, bradou:

— Eh! Olá D. fr. vibora não estales de raiva que envenenas o ar! Dou-te licença que falles... Anda responde, assador das almas!

O famulo do Santo Officio, calava-se e os seus olhos scintillavam coriscos de colera, emquanto o outro, com mais duas palmadinhas nos hombros vastos do reverendo, aconselhava:

— Toma cautella não estales!... Até ao dia de juizo se rebentares... Vou ali ao Ayres de Sá, ao ministro da minha prima D. Maria I, encommendar-lhe um responso... Terás no entanto o elo-

gio do Cardeal da Cunha teu mestre nas intrigas... Eh! lá! Adeus D. fr. lombriga das entranhas de Sebastião José!...

Soltou uma risada e voltando-se para o noviço berrou:

— Ri á vontade... Pódes rir... Gosto de ti... E para inquisilar o fr. bojo, vou proteger-te...

— Eh! lá! senhor inquisidor geral!... gritou á porta do arcebispo, accrescentando:

— Mandae abrir que tendes á vossa porta o maior fidalgo d'esta terra... Abri a D. João de Falperra.

Ouviu-se o riso alegre do arcebispo e foi elle mesmo que appareceu a abrir a porta emquanto o inquisidor e o cartuxo se curvavam n'uma reverencia. O personagem bradava:

— Bons dias, Grandeza .. Nunca ficou tão bem um titulo a um corpo.. Tu devias chamar-te immensidade .

E ria de bom grado, ao passo que o confessor da rainha ria tambem, dizendo:

— Vem, D. João de Falperra quero regalar-te com um bello copo de vinho das lavras do Alto Douro...

— Inda isso dura... Mas vamos a elle, immenso senhor! retorquio n'uma allusão picante á corpulencia do arcebispo, ante o espanto do cartuxo que ria ainda, ao vêl-os perderem-se no interior dos aposentos.

— Maldito! rosnou por entre dentes fr. José do Rosario levantando a cabeça que tivera curvada durante o tempo de conversa do exotico homunculo com o arcebispo.

E agora ouvindo o noviço rir, exclamou:

— De que te ries, mancebo?.. Não sabeis então do poder d'aquelle maldito D. João de Falperra?

— Poder?... Ora é um louco!

— Que domina na côrte com o arcebispo e com D. Rosa .. Os que elles odeiam estão perdidos no animo de sua magestade.

— Mas quem é elle?

— O bobo da côrte... D. João de Falperra, não reparasteis que me callei .. Elle que não sympathisa commigo... Mas tenho a protecção de D. Rosa e isso me salva ..

— Quem é D. Rosa, meu padre? interrogou o mancebo admirado.

— E' a preta anã, favorita de Sua Magestade!

ARCEBISPO DE THESSALONICA

— Oh! que côrte... Então aqui dominam os loucos? interrogou com energia.

— Calae-vos .. As paredes aqui teem ouvidos... rosnou o inquisidor, accrescentando:

— Não é por vós que não tendes a perder senão a vida mas é por mim que tenho os meus cargos... As paredes têm ouvidos...

— E' verdade! . E' verdade! As paredes têm ouvidos! exclamou n'esta occasião a voz chocarreira do leigo gordalhudo que servia o arcebispo, apparecendo á porta.

E o famulo estremecia ao ouvir o leigo, exclamar:

— Perguntavas, oh! cartuxo, se aqui dominavam os loucos? Sim... Elles, os santos e os homens de talento! Ha uma differença entre os tres: os santos tornam-se martyres, os homens de talento perdem-no, e só os doidos é que prosperam ..

E ria elle tambem como louco a rebolar o ventre.

— Entra... accrescentou n'um gesto largo, rindo sempre.

— Como? Primeiro do que eu? exclamou o conselheiro do Santo Officio, mordendo os labios, accrescentando:

— E' contra a etiqueta...

— A etiqueta do senhor arcebispo é a sua vontade . E não tendes o direito de o censurar... bradou o leigo, com severidade.

— Não lh'o digaes ao menos... quasi supplicou o outro.

E o gordo leigo, com um olhar protector como se fosse o amo, disse:

— Ficae descançado, fr. do Rozario... Vinde! bradou para o cartuxo que o seguiu deveras admirado, murmurando:

— Oh! Decididamente entrei bem ..

Agora chegava á porta d'um aposento todo forrado de ricos velludos, cheio de poltronas flacidas e de mezas acharoadas com incrustações de prata, fraldadas de vermelho. Em frente d'uma d'ellas estava a figura grave e pesada do arcebispo tendo na sua frente o rosto chupado do bobo que sorvia com delicia um copo de vinho dourado egual ao de Sua Grandeza.

— Que queres, noviço? interrogava o confessor da rainha com a sua habitual rudeza, que intimidava por momentos o joven quasi ajoelhado na sua frente e que lhe beijava a mão papuda com mostras de respeito:

— Ergue-te . ergue-te... E falla! bradou o confessor da rainha, olhando-o com attenção.

Porém o cartuxo calava-se emquanto o bobo lhe fazia gestos para que dissesse a sua pretenção e exclamava de seguida no seu falsete:

— Fallae, senhor noviço, que sempre se perde por estar calado em frente de Sua Grandeza! Não é assim, compadre arcebispo?

— Senhor arcebispo... começava já o noviço, quando o prelado rindo muito, bradou:

— Olha, sê rapido... Dize tudo em duas palavras e não te demores. Que desejas?

— Ser militar .. respondeu d'um impeto ousado o noviço com grande espanto ao prelado que bradava, fazendo-se vermelho:

— Oh! E julgas acaso que assim se rasga um habito?... Estás louco! Sahe!. . E's prompto nas exigencias!

— Perdeu, compadre... Elle disse tudo em duas palavras como lhe pediste . gargalhou D. João de Falperra.

O confessor, vendo o bom espirito do mancebo, pareceu humanisar-se ao vêl-o ir para a porta e bradou:

— Anda cá... Que motivos tens para a tua pretenção?

— Não me agrada a clausura! replicou o cartuxo.

— Achas severa de mais a tua ordem?

— Não quero ser frade...

— E porque?

— Porque a minha vocação não é essa!

— Para que entraste no convento?

— Senhor: sou filho segundo d'uma casa fidalga... Meu irmão pertence aos terços... Eu sou padre e queria ser militar.

— No regimento de teu irmão?

— Não, senhor arcebispo! exclamou como aterrorisado.

— E porque?

— E' meu inimigo, esse irmão... Por sua causa me vestiram o habito...

— Sois o contrario de sua grandeza... Elle principiou por soldado e foi acabar em confessor e arcebispo... Vós começasteis por frade e acabareis em general... gritou o bobo a rir.

— Como vos chamais?

Elle olhou-o com certo desprezo, como se não lhe quizesse responder, porém ficou admirado ao ouvir o arcebispo dizer:

— Dize o teu nome a D. João de Falperra e se elle se interessar pela tua pretenção estás servido...

— Não... não... O bobo da côrte não protege os fidalgos, detesta-os .. gritou o exotico personagem. Mas tu arcebispo de Thessalonica vaes servir esse mancebo...

— Eu? Mas não sabes como a rainha é severa n'essas questões religiosas...?

— Dir-lhe-has que é uma questão de consciencia... Vá, tu tens arte, meu rebuscador de peccados!..

O noviço ficava admirado de semelhante confiança, pasmava ao vêr a preponderancia do bobo na côrte e ainda mais se espantava ao ouvir o arcebispo dizer-lhe rindo muito:

— Como te chamas?

— Vasco de Miranda...

— Noviço dos cartuxos de Caxias! gritou D. João de Falperra, soltando uma gargalhada; depois tirando da bolsa uma moeda d'ouro com a effigie de soberana atirou-a ao ar e ao vêl-a cahir exclamou:

— Está de cunho... Ah! Noviço que não és servido... e sahiu de corrida saltando pelos moveis, abriu a porta; atirou um empurrão a fr. José do Rozario e bradou:

— Entra, fr. truão!

O famulo cambaleou: de seguida atravessou o corredor e appareceu ante o arcebispo, que perguntava ainda ao joven:

— Estaes então decidido a assentar praça de soldado?

— Sim, Grandeza...

— Pois veremos... veremos... Isso de ser frade sem vocação é bom para os especuladores... Tens razão... No emtanto a rainha nunca consente n'essas cousas!

E a sua grandeza no seu assento rude de transmontano ia fazer mais recommendações ao noviço quando deparou com o famulo quasi ajoelhado a seus pés.

Voltou-se com um ar terrivel e interrogou:

— Quem vos mandou entrar?

— Mas... foi D. João Falperra...

— Tem graça o bom bobo. Elle que tanto embirrava com vossa paternidade, hoje serviu-o...

— E' muito bondoso, o senhor da Falperra! lisongeou o padre, buscando despertar as graças do arcebispo, que bradava:

— Eh! Fr. José do Rozario, não tenhaes essa hypocrisia... Se pudesseis metterieis o bobo n'um ninho da inquisição...

— Eu, Grandeza?... Mas ..

— Fallae para que entrastes e sede breve! gritou o confessor com certo mau humor como se tivesse esquecido a presença do mancebo, para o qual o famulo lançava um olhar terrivel que elle não viu.

O prelado tornava:

— Dou-te dez minutos d'audiencia. . Fallae..

— Pois com licença de vossa Grandeza eu vou apresentar a minha pretenção, começou fr. José do Rozario n'uma zombaria, emquanto o arcebispo, murmurava olhando um relogio collocado sobre uma meza fraldada de purpura:

— Dois minutos em cumprimentos. Sabeis que detesto os aduladores! Fallae.

— Grandeza .. Eu venho pedir-vos uma ordem de prisão em nome do Santo Officio de que sois o Grande Inquisidor.

— Não é costume... Fallae ao senhor inquisidor do conselho, replicou o confessor da rainha com mau modo.

— Mas, Grandeza... E' um caso excepcional.

— Trata-se...

— De prender por atheu um homem de justiça.

— E' um cumulo... E que é elle?

— O corregedor Lopes Cardozo .

— Ah! E que fez esse corregedor?

— E' um sacrilego!

— Contae isso... volveu o arcebispo com certo interesse que não lhe era habitual.

— E' cumplice do rapto da sobrinha do senhor cardeal da Cunha, da monja das Salesias..

Elle deu um pulo na cadeira e bradou:

— Tendes a certeza?

— Perguntou-o ao senhor Marquez d'Angeja a quem o narrou mestre Negraes, chefe das rondas ..

— E o que fez elle?

— Não deu o signal ao qual a ronda devia investir, ordenando-lhe que não procedesse sem que o ouvisse... E tendo presenciado o rapto tolerou-o, chegando só depois do duello com o sr. D. Ramiro de Noronha. Elle deve saber o nome do sacrilego raptor!

— Tendes a certeza? perguntou o prelado, fazendo se vermelho de colera. Oh! e sua magestade que tanto se interessa n'este sacrilegio... Ella perdoa tudo excepto esses crimes... Tendes a certeza?

— Grandeza: Eis aqui o relatorio do mestre Negraes... e entregava-lhe uns papeis cheios de rubricas.

— Pois prendei-o... Eu vou participar a sua magestade que já temos um dos sacrilegos... e voltando-se para o noviço, exclamou:

— Olha, o mal d'uns é o bem d'outros... A' alegria que sua magestade vae ter por esta prisão deverás a dispensa do teu serviço religioso... Não tens ordens menores?

— Estou no convento ha um annos apenas, disse elle radiante e curvando-se.

— Bem... Espero servir-te, meu rapaz! exclamou o confessor no seu tom rude mas contente porque ia fazer tranquillisar a consciencia de rainha ha uns dias sobresaltada por aquelle sacrilegio.

Depois lembrou-se do cardeal da Cunha que odiava, e disse a meia voz mas de forma que o padre ouviu:

— Não é pelo cardeal, é por sua magestade!...

Agarrou a penna de rama de sobre a mesa e traçou o seu nome no fundo d'um papel que o famulo lhe apresentava, interrogando de seguida:

— E esse miseravel regicida?

— Está no carcere do lado do Jardim do Regedor na inquisição, aguardando a sentença!...

— Quereis dizer o julgamento?

— Já foi ouvido quando estava no forte da Junqueira.

— Ah! que declararou?

— E' um segredo de policia...

— Interrogaste-o tambem!

Nos labios de fr. José do Rozario, passou um sorriso mysterioso e inclinando-se pondo-se quasi de rastos em frente do prelado disse:

— Se m'o permitis vou prender o corregedor... Amanhã direi a vossa grandeza os resultados dos interrogatorios d'ambos...

Foi-se a recuar para a porta, os labios sempre no mesmo sorriso de mysterio, as pernas gordalhudas, todo pesado, aos cumprimentos para sua grandeza que ao vel-o sahir, disse:

— E' a primeira vez que faz alguma cousa sem interesse. .

Depois voltou-se para o noviço e exclamou no mesmo tom forte:

— Vae para o teu convento... Lá te mandarei chamar... Como é o teu nome religioso?

— Antonio da Purificação.

— Vae... e estendendo o braço apontou-lhe a porta n'um gesto severo, ao vêr o noviço lançar-se-lhe aos pés, a agradecer-lhe effusivamente, com grande ancia. Sahiu depois de innumeras venias, exclamou e ainda de porta n'uma voz cheia de gratidão:

— Oh! Como vos agradeço magnanimo senhor!

O arcebispo ficou um momento callado, pensativo e de seguida, murmurou:

— Deixa-me ir socegar o animo da pobre rainha... A prisão do sacrilego acalmar-lhe-ha os nervos irritados com receio dos castigos celestes... Que mál educaram esta soberana! e subindo a escada que rangia ao seu pezo, dirigia-se aos aposentos reaes, tendo na larga face vermelha uma expressão meia triste.

Entretanto o cartuxo entrava no corredor e ia dirigir se para a porta do paço mas recordava-se d'alguma cousa; acercava se da janella onde ha pouco estivera parado e lançava ainda um olhar para o jardim.

Estava tão entretido que não sentia um ruido de passos na sua rectaguarda ao mesmo tempo que uma leve mão lhe tocava nas costas a despertar-lhe a attenção.

Voltou-se; viu D. João de Falperra que lhe sorria a mostrar as gengivas e o olhava com insistencia.

Recordou-se do grande poder do bobo; sorriu-lhe tambem e com grande espanto seu ouviu-o dizer serenamente:

— Noviço... Recolhei-vos ao vosso convento; são prejudiciaes os ares da côrte para um fidalgo que recusa ser frade!...

O noviço estremeceu e dirigiu-se para a porta depois de lhe ter dito:

— Obrigado pelo aviso, D. João de Falperra! e estendeu-lhe a

mão fina e aristocratica. O bobo apertou-a bem na sua e depois exclamou:

— Sabeis que não é costume dar-se a mão ao bobo... Tolera se como devertimento, como um egual e mesmo a um superior que obriga a rir, mas ninguem tem para elle essas demonstrações... Vá, noviço, leve esta lição de viver na côrte para quando um dia fôr bispo; e accentuando bem a palavra sorria ao ouvil-o dizer:

— Oh! Preferia ser general! E dae-me a vossa mão pela ultima vez porque sois um homem de bom conselho e a quem começo, a estimar! exclamou o noviço apertando mais a mão do bobo enternecido.

Porém a subitas resoou uma gargalhada á entrada do corredor e D. João de Falperra largando o noviço exclamou:

— Olhae... Já começam a zombar de nós...

Foi de corrida para o lado opposto emquanto Vasco, ou antes fr. Antonio, ia pelo corredor com os olhos baixos, vermelho de vergonha porque pudera distinguir o vulto de uma mulher que o vira falar com o truão da rainha.

D. João de Falperra, viu o ainda desapparecer e chamando um creado do paço que vinha do quartos dos gentis homens exclamou:

— Vae leva esta carta e este outro papel a um noviço cartuxo que deve ir no portão da quinta... Olha lá vae a atravessar... e apontou-lhe o vulto de Vasco de Miranda que atravessava o jardim, muito cabisbaixo. Dize-lhe que vaes da parte de sua magestade!... E n'outro tom, murmurou: Ha pouco assustei-o.

O servo como se tratasse com um alto personagem inclinou-se e partiu de corrida emquanto o truão dizia:

— Uma boa acção de vez emquando até faz bem!

Soltou uma risada á vista d'um grupo fidalgo que passeava n'aquella fórma dançada da epocha e mostrando as gengivas sem dentes, bradou:

— Gentis homens na distincção e nas fórmas, abri com a vossa tradiccional generosidade as bolsas e deitae algumas moedas d'ouro no saquitel magro de D. João de Falperra! e estendia-lhe a escarcella que tirava da cinta e onde os fidalgos deitavam as suas moedas rindo muito.

Vasco de Miranda, atravessava o jardim do paço plantado d'arvores magnificas e onde desabrochavam mettidas nas cantarias altas.

Ouvia risos nas balustradas que circumdavam o palacio e voltando-se viu o grupo das açafatas que estivera contemplando ha alguns momentos.

Eram umas seis, todas muito formosas vestidas com luxo e que se entretinham formando grandes ramilhetes de vistosas flôres.

Elle inclinou-se e deparou com uma que mais lhe prendera a attenção ao vel-a debruçada.

Era uma menina de dezassete para dezoito annos, elegante e esbelta, de rosto roseo e lacteo onde brilhavam uns olhos azues e sonhadores a cabelleira loura formava-lhe um diadema em torno da cabeça, mas o tom dos cabellos desapparecia lhe quasi por completo, sob uma camada de pós aromaticos.

O seu olhar fixou-se n'ella, entreabriu os labios n'um sorriso a que a dama correspondeu, ao murmurar n'uma risada.

— Oh! Que pena E' um frade!

E as outras riam muito, crivando-o de olhares gaiatos, como a estabelecerem intimidade.

Baixou a cabeça ao recordar-se da sua profissão, porém n'este momento sentiu que lhe tocavam no hombro e voltando-se viu um creado do paço que lhe entregava uma carta e um papel dobrado, dizendo:

— Da parte de sua magestade!

— E' engano! Para mim?

— Para voz mesmo... Não sois um noviço cartuxo? Julgo que mais nenhum anda no jardim! e retirou-se logo apressadamente.

Elle estupefacto leu o envolucro da carta que era dirigida ao superior do seu convento, abriu o papel, fez-se vermelho d'alegria e correndo para o meio das damas, exclamou n'uma saudação á joven loura:

— Vós senhora... lastimaveis que fosse frade?

— Oh! Na vossa edade .. retorquiu ella a rir atando um novo raminho de lilazes n'um junco flexivel.

— Pois Deus quiz que não vos ficasse essa pena no coração... Já não sou frade... O habito não faz o monge, agora senhoras... eu sou cadete do regimento de Peniche!

E mostrava de longe a real nomeação n'um gesto alegre; estremecendo ao ouvir a dama dizer na sua voz argentina:

— Graças ao nosso amigo D. João de Falperra a quem apertaes as mãos pelos corredores do paço?

Fez-se pallido, teve um grande momento d'orgulho e bradou:

— Não... Graças ao senhor arcebispo de Thessalonica! Deveras convencido d'isso, bradou com gentileza:

— Agora, bella dama, offerecei-me uma das vossas flores para commemorar este dia do nosso conhecimento.

— Ahi a tendes, reverendo... Quero dizer, senhor cadete! e atirou-lhe aos pés uma rosa vermelha como o rubor que lhe subia ás faces, e que o ex-noviço levou aos labios fazendo uma venia e desapparecendo no portão depois de se ter voltado duas ou tres vezes a contemplar a joven que lhe sorria.

Junto ás damas que riam da aventura, apparecia um homem magro, vestido de escuro e de cujo pescoço pendia uma corrente d'ouro que segurava a luneta de cabo; usava cabelleira empoada que assentava bem ao seu rosto pallido onde brilhavam uns olhos graves, profundos, scismadores e que em voz de descançada modulação, exclamava:

— Olhae que uma rosa quer dizer amor, D. Maria da Penha.

As açafatas, levantavam-se rapidamente ante o recemchegado, emquanto a joven loura, tornando-se muito mais vermelha, volvia com os olhos baixos, n'uma vozita receosa:

— Se quizesse dizer respeito, offerecer-vos-hia a mais formosa, senhor principe do Brazil...

O regio personagem teve para ella um olhar triste e ficou a ver o noviço que atravessava a ponte em direcção á Tapada Real.

No caminho, junto ao portão pintado de verde da quinta, fr. José do Rosario conversava com um homem de mau aspecto, vestido de negro, de rosto chupado e olhos encovados, esqueletico a contrastar com a gordura do reverendo, que apontando o noviço, murmurava:

— Tomae bem sentido, Jacintho Peres, é aquelle o noviço... Ide e fazei isso limpamente. Já sabeis que não sou aváro...

— Demais o sei, paternidade!

— Pschiu! mais tento, mestre Jacintho... Em Portugal já não ha jesuitas e essa designação é pouco apropriada... Quando a Companhia voltar, talvez me chameis...

— O reverendo geral da Ordem... insinuou o outro n'um risinho irritante, escancarando a bocca.

— Sim talvez... Porém ide... e apontava-lhe o noviço que se perdia na volta da estrada que vae dar a Ajuda.

O outro fez uma venia estendeu a mão onde o jesuita depoz algumas moedas e affastou-se em seguímento do joven, arrastando a espada ferrugenta que lhe batia nas perninhas magras.

Fr. José do Rosario, ficou ali algum tempo e dos seus labios grossos sahiram n'um murmurio estas palavras:

— Não se ouve impunemente um pedido de ordem de prisão para um corregedor do crime! Nada que o segredo é a alma das grandes combinações. E aquelle arcebispo é tão pouco cauteloso.

N'este momento o reverendo ouviu passos na sua rectaguarda e voltando-se com um certo receio, viu dois homens que se dirigiam para o palacio conversando n'uma mistura italianisada que era vulgar na epocha; a alguma distancia seguia-os um creado da casa real levando duas magnificas espingardas de caça. O jesuita curvou-se á passagem d'elles e ouviu então um mancebo gordo, atarracado, o labio inferior grosso e decahido, todo o corpo enterrado sem elegancia n'umas vestes de seda e que se dirigia para elle curvando-se, a beijar-lhe a mão, emquanto o outro esboçava um sorriso maligno.

— Deitae-me a vossa benção, fr. José do Rosario... exclamou mancebo em voz dolente.

— Eu vos abençôo, serenissimo senhor principe D. João.

— Estivesteis na novena da Graça no passado sabbado? interrohou o principe com respeito.

— Não, serenissimo senhor... Tive que confessar um penitente no santo officio.

— Talvez esse louco padre Manoel Cardozo que n'um momento de allucinação tentou contra a vida de minha mãe e rainha.

— Não, meu senhor... Ao allucinado sacerdote ouvil-o-hei ámanhã...

— Ah! Resae por elle que a rainha ouvirá as vossas preces dirigidas a Deus e que a illuminarão... Adeus, reverendo!... e beijava-lhe de novo a mão grossa, dizendo na sua voz roufenha para a pessoa que o acompanhava:

— Pedi a benção de sua paternidade, mestre Jacques Lebon...

Não queiraes apenas que eu maneje bem as vossas endemouinhadas espingardas...

O mestre d'armas, curvou-se a beijar a mão do reverendo e poz-se a caminho ao lado do principe, muito grave na sua casaca vermelha.

E o jesuita murmurava:

— O padre Cardozo, um louco... Ah! Se a rainha o entendesse assim... Oh! Este principe D. João... Sim elle é que era um bom rei...

Sentiu então a voz do creado do principe que voltava a sollicitar-lhe a benção por ordem de seu amo, dizendo:

— Sua Alteza real, offerece-vos uma das suas seges para vos conduzir a Lisboa...

O gordo jesuita, poz os olhos em alvo e retorquiu:

— Dizei a sua alteza que muito lhe agradeço a mercê, porem a minha muita humildade não me permitte acceital-a, pois fiz voto solemne a Nossa Senhora dos Martyres de trilhar a pé o caminho até á Ajuda...

Fazia um gesto a deitar-lhe a benção e mettendo-se por entre umas sarças ia encontrar uma sege que deixara a distancia.

Correu a cortina de couro e ouviu logo uma voz exclamar:

— Então, irmão fr. José do Rosario?

— Tudo corre ás mil maravilhas, fr. José Maria de Mello.

Trepou com a ajuda do bolieiro, o seu corpo rotundo para o vehiculo e disse:

— A' Inquisição depressa... Se não ordenaes o contrario, fr. José Maria.

— Não... Acompanhar-vos-hei, retorquiu o outro que era um mancebo dos seus vinte e cinco annos, de faces pallidas e cabello negro e luzidio. Apesar da sua pouca edade apresentava já um semblante grave, ainda mais accentuado pelos oculos verdes que lhe encobriam os olhos enfermiços mas nos quaes havia dequando em quando scentelhas perspicazes.

— Correm então bem os nossos negocios?

— A's mil maravilhas...

— O arcebispo assignou a ordem?

— Deu-me plenos poderes para prender esse tal corregedor

por heretico e cumplice do miseravel raptor da sobrinha de vosso parente, o senhor cardeal de Cunha...

Nos labios seccos do mancebo que envergava o habito dos oratorianos, passou um sorriso desdenhoso ao ouvir falar na joven, e de seguida volveu em tom energico:

— Bem, é então nosso, o corregedor?

— Dentro em instantes, talvez...

— Oh! Parece ao cardeal que foi esse homem que informou o intendente de policia de tudo quanto se passou nas Salesias...

— Mas como o saberia?

— E' ainda um mysterio... A não ser que o proprio raptor de Elvira para garantir a sua impunidade relatasse tudo ao intendente... Mas por um chegaremos á descoberta do outro! E se acaso realmente informaram Pina Manique... Ai d'elles! Porque na Inquisição ainda ha torturas que vós não hesitareis em applicar! bradou elle com raiva.

— Tambem o arcebispo está interessado na prisão do corregedor...

— Melhor... Dentro em pouco estaremos livres d'esse tal magistrado que não prende o raptor da monja e cujo nome sem duvida nos ha-de revelar...

— E se não o conhecer?

— Pela duvida de que nos engane fal-o-hemos emmudecer para sempre até que se applique o mesmo ao infame que feriu o meu amigo D. Ramiro de Noronha...

— E raptou a vossa parenta...

Tornou a sorrir e perguntou: E do padre Manuel Cardoso não vos falou o arcebispo?

— Sim... Quer saber a sua confissão!

— Oh! Esteja descançado... Para que elle a não saiba consegui arrancal-o do forte da Junqueira... Lastimo apenas que o cardeal já não tenha os plenos poderes d'inquisidor...

— Foi o unico cargo em que a rainha lhe tirou grande parte do poder...

— Essa rainha de que podiamos estar livres... Eu sempre o esperei...

— Então, padre-mestre, não faltarão occasiões, exclamou o fr. do Rosario com cynismo.

— O meio é arriscado, pensemos n'outro! Agora trata-se de salvar o padre Manuel Cardozo para que não revele os nomes dos que o incitaram...

— Tendes razão... Mas é facil porque a rainha dispor-se-ha á clemencia.

— Como o sabeis?

— Para sua alteza o principe D. João, o padre é um louco...

— Ah! Eis o meio... E' necessario que realmente seja considerado assim... Oh! mas o principe do Brazil influirá, e talvez nos transtorne os planos...

— E' um atheu, esse D. José... Basta-se dizer com orgulho discipulo de fr. Manuel do Cenaculo.

— Que por seu turno apoiava o Sebastião José...

— Como o principe...

— Oh! Aquelle D. João é que dava um bello rei... Todo elle é piedade e devoção!

— Quem sabe? exclamou José Maria de Mello, com um relampago nos olhos enfermiços e continuando:

— Estamos para assistir a uma grande lucta que cousa alguma poderá paralysar. Ah! Fr. do Rosario.., Talvez apenas um homem a possa antever por agora...

— Quem é?

— E' esse corregedor.

— Prendel-o-hei logo que chegar a Lisboa.

— Se já não se tiver evadido.

— Impossivel, pois ignora o que ha a seu respeito... E para maior cuidado a unica pessoa que ouviu o meu pedido de ordem de prisão, tambem não terá muito tempo de fallar d'elle...

— Quem é? interrogou José Maria de Mello.

— Ah! Um noviço cartuxo...

— Não tem importancia a creatura. E entregasteis-o ao cuidado de Jacintho Peres não é assim...? interrogou o frade a rir extranhamente.

— Sim, irmão, fez o outro com tranquillidade.

— Oh! Adivinhei alguma cousa d'anormal ao dar pela ausencia do vosso *factotum*.

Elles embrenhavam-se n'uma conversação em voz baixa emquanto a sege rodava aos solavancos nas estradas cheias de barran-

cos, e n'um dos momentos de maior discussão, ouvia-se o fr. José do Rosario, dizer:

— Mas como inutilisar a rainha?

— Antes d'ella, e para lhe chegar, ha outros a inutilisar primeiro... Irei até ao fim, se me deixarem... Eu sou um Tavora e os meus foram assassinados! Um Tavora deve vingar-se nos Bragança! e os seus olhos chispavam raivosamente ao murmurar:

— O proprio cardeal, nosso parente, sempre luctou para isso... E eu continuar-lhe-hei a obra! soltava uma risada de som metallico e ficava-se grave no fundo da sege, a murmurar palavras de colera, o joven oratariano.

E no jardim do paço de Queluz o principe D. João, ao lado de Jacques Lebon, seu mestre d'armas, atravessava uma vereda de alecrim, quando avistou seu irmão D. José que ainda conversava com as damas. Então, com certa raiva, voltou-se para o francez, e disse-lhe:

— Vinde, mestre Jacques, tomemos pelo atalho para me poupar aos sarcasmos de sua alteza!

O mestre d'armas sorria de pussilanumidade do discipulo e seguia-o, emquanto o principe do Brazil, vendo a manobra, murmurava com ironia para as damas:

— Senhoras não ides pedir a benção ao reverendo D. prior de Mafra?

— Está no palacio, o reverendo? exclamaram todas com alegria, logo tornado em grande troça ao ouvirem o principe dizer:

— Sim... Vem disfarçado na pelle de meu irmão D. João...

Soltavam gargalhadas e o principe ficava muito serio a contemplar com ternura a D. Maria de Penha.

As açafatas continuavam a fazer os seus ramos de côres variegadas, e o sol filtrava-se nos feixes d'ouro dos seus derradeiros raios atravez das ramarias das arvores do jardim real.

IV

Um ninho d'amorosos

A luz vinha dos candelabros de prata lavrada collocados sobre as mezas esculpidas no estylo D. João V, a engrossar sombras nas pregas dos reposteiros das portas do fundo tocados de travez. Amplos estofos rodeavam o aposento, a um canto abria-se um cravo magnifico, emquanto as cadeiras em couro lavrado de espaldar alto se alinhavam sumptuosas pela sala da fidalga residencia, erguida além a dois passos do rio, perto da Cruz Quebrada, mostrando a sua frontaria armada n'um brazão.

A noute estava chuvosa e o vento soprava violento, fazendo ramalhar as arvores da quinta immensa que se estendia nas trazeiras da propriedade para onde deitavam as varandas de cantarias claras.

Recostada n'um sophá via-se uma dama deveras formosa, vestida n'um roupão de velludo e que conversava com um mancebo sentado na sua frente n'um pequeno tamborete bordado a prata.

Teria quando muito vinte e dois annos, era alto, esbelto, o rosto comprido e ainda quasi imberbe condizendo com a cabelleira polvilhada; uns olhos castanhos, de magnifica expressão illuminavam-lhe a physionomia d'um cunho masculo e energico, agora adoçado pelo sorriso amigo que enviava a joven.

Falava em voz serena e bem timbrada e ao levantar-se mos-

trava toda a sua elegancia, as linhas harmoniosas do seu busto apertado n'uma farda de cadete do regimento de Peniche.

— Oh! Elvira, essa tristeza constante perturba-me... Dir-se-hia que me condemnas, que me culpas... exclamava elle ao vêr os bellos olhos negros da sua interlocutora, orvalhados de lagrimas que se suspendiam das pestanas compridas.

— Condemnar-te eu? Quando fui a unica culpada do que succedeu...! volveu ella com um sorriso melancholico nos labios finos.

— Tu!... Não... Eu amava-te, amo-te, se não tivesses correspondido ao meu affecto saberia procurar a maneira de te esquecer!... E a unica fórma porque o poderia fazer era a de me deixar matar longe d'aqui, combatendo e expondo-me... Demais bem o sabes! Para que repetir cousas dolorosas para ambos...

— Oh! Mas eu amava-te e amo-te ainda!... bradou ella n'um impeto, enxugando as lagrimas e continuando: E's tão differente de todos esses fidalgos devotos e cortezãos que trazem a infamia no fundo do coração os quaes acobertam com os sorrisos mellifios e com venias grotescas e medidas, os pensamentos que lhes vão no cerebro...

— Oh! Mas que tenho para te offerecer! Um fidalgo como eu, apenas póde dar á mulher amada o valor do seu braço, a sua vida...

— E um amor sublime em nada comparavel aos outros... Um affecto eterno, duradouro, em que se partilhem penas e cuidados, em que se soffra e haja alegria, divididos os dois sentimentos por nós ambos muito irmãmente...

— Elvira! Querida noiva! exclamou elle n'um arrebatamento, correndo a estreital-a ao peito.

Formavam um grupo encantador, unidos n'aquelle amplexo curto, na sala vasta do palacio, emquanto lá fóra o vento zunia e as aguas do rio se levantavam em cristas enormes.

— No emtanto tenho receios... dizia ella como a medo.

— E de que? Não sabes do que sou capaz por tua causa.

— Mas falta ainda para sermos felizes essa resposta que tanto se demora... Tenho por vezes grandes sobresaltos ao lembrar-me que os teus podem recusar a sua benção ao nosso enlace...

— Elvira, sabes a divida que contrahi para comtigo desde que transpuz os muros d'esse convento e te arrebatei nos braços até

este palacio, que a generosidade d'um amigo me cedeu!... A tua reputação soffreu sem duvida no animo da côrte, o teu sacrificio digno, é para elles uma torpeza sem nome... Preferiam vêr-te casada com um homem que não amasses embora depois te entregasses a um amante... Tudo isto são deveres que a par do immenso amor que tenho por ti, me levariam ao extremo de dispensar o consentimento dos meus...

Oh! Nunca... nunca seriamos amaldiçoados! Que situação seria a nossa?! O odio da tua familia colligado com a vingança que o cardeal deve meditar a estas horas...

— Vingança?

— Sim, meu amigo, tu não conheces o animo falso d'esse meu tio... Será capaz de tudo para se vingar de termos frustrado o seu plano... Depois, ha ainda esse D. Ramiro, o noivo que me queriam dar, e que sem duvida se vae alliar com elle! Todos estes odios suspensos sobre as nossas cabeças onde nos conduziriam?

— Ah! Tens razão! exclamou elle, ficando pensativo durante alguns momentos.

Mas erguendo logo a cabeça, os olhos brilhantes a illuminarem-lhe o rosto da mais varonil expressão, bradou:

— Sahiriamos d'aqui... Iria servir n'outro paiz, esconderiamos lá a nossa felicidade...

— Muito longe que estivessemos o odio, a raiva de meu tio chegaria um dia... Elle é poderoso, o cardeal... Depois medita as infamias a sangue frio...

— Sim, é verdade... E' um miseravel. Para o definir basta vêr-se como se insinuou no animo do marquez de Pombal, que a côrte agora escorraça e condemna, como repudiou o seu parentesco com os Tavoras para lisongear o grande ministro ao qual agora alcunha de atheo, ao curvar-se ante o throno d'uma soberana que o repelliu do paço...

— Garantindo-lhe, no emtanto, todo o seu poder... Meu tio é ainda regedor das justiças... Perseguir-nos-ha por hereges transfugas d'um convento, como regedor das justiças saberá procurar o homem que feriu gravemente esse D. Ramiro de Noronha, a quem estima e que é o amigo mais intimo de José Maria de Mello...

— Ah! Mas acima d'elle ha ainda o arcebispo, o inquisidor geral... Existem ainda os ministros.

— De que elle é collega e que lhe obedecem, principalmente Ayres de Sá e o visconde de Villa Nova...

— Queres dizer então?

— Que corremos um grave risco, meu amor...

— Ah! Desafio-os! gritou elle n'um impeto de heroismo; e logo, como se tivesse notado alguma cousa de triste no seu rosto, exclamou:

— Salvo se te arrependes de teres cedido aos meus rogos!

— Oh! Nunca! Nunca! retorquio a dama com energia. Sabes que estou prompta a partilhar comtigo todas as dôres, todos os soffrimentos, que estou decidida a morrer a teu lado se chegarmos a esse e extremo se tornar preciso! concluiu D. Elvira, transfigurada, e com as faces vermelhas d'enthusiasmo.

D'esta vez foi ella que se ergueu e correu a abraçal-o; beijou-o cheia de contentamento e ficaram ambos no sophá estreitamente enlaçados, ella a repetir:

— Não... não... Amo-te muito... Por tua causa seria capaz de tudo!

O cadete espreitava, cheio de contentamento, a transformação do rosto da mulher amada e esquecendo rapidamente os perigos, deixava-se ficar além prezo nos seus braços, os olhos semi-cerrados, a murmurar:

— Oh! Como sou feliz... E a minha felicidade começou no dia em que te conheci... Vivia triste e aborrecido aos vinte annos, quando a vida tem para todos encantos aos milhares... Os rapazes da minha edade folgavam na côrte, dançando minuetes e dirigindo madrigaes ás damas, no meio dos cortejos de poetas pobres e servis, de bobos especuladores, de padres habeis, e de negros que os ajudam nas suas emprezas cobardes, porque hoje já não ha a coragem de desembainhar uma espada frente a frente... Eu conservava-me affastado de tudo isso... Sou pobre e não quero as suas migalhas... Sou altivo de mais para descer áquelles meneios, a todas as ridiculas cortezias d'uma côrte de maniacos... E então via-os passar á frente das procissões com ares devotos, via-os aprendendo com o confessor, *a arte de estar á janella*, descobria-os fazendo as suas affirmações aos frades, dançando os minuetes, tocando viola, cantarolando arias dolentes, via-os refalsados e hypocritas, na intimidade das damas, comendo dôces pelas portarias dos conventos e

sendo do cortejo das madres abbadessas que os mimoseavam a miudo... Então desesperava ao olhal-os... Tinha raiva ao meu tempo, ao vêr tanta decadencia seguindo ao periodo de vitalidade que o grande marquez soubera dar ao paiz...

«Foi então que te encontrei... Vi-te formosa e melancholica por entre as grades do côro, n'um dia de festa em que os altares faiscavam de luzes e as imagens tinham fulgurações nos seus mantos recamados d'ouro... Eu entrava no templo movido pela curiosidade... Depois os sons do orgão na sua dolencia de musica severa, as vozes dos cantores da Capella Real, aquella divina harmonia de Jomelli... Esse canto abria-me no coração um logar, eu que o tinha fechado pela raiva aos do meu tempo, e n'esse logar que harmonias infindas rasgavam, iam entrando dois formosos olhos humidos de lagrimas que avistáva a fitarem-se em mim... Eram os teus, era a tua imagem que me offerecia novos horisontes... Então...

— Então... Agora é a minha vez... atalhou ella sorrindo-lhe meigamente e recostando a cabeça graciosa no hombro do noivo, continuou:

— Então eu que vivia triste como tu... sentindo-me isolado no interior d'esse convento, onde a par das rezas se faziam bordados e se cantavam trechos sagrados, não amando as minhas companheiras e não podendo encarar essa madre Francisca Salesia, nem a soror Thereza, sua ajudante, eu que tinha alli por unica companhia as avesitas que morriam de tristeza em gaiolas de grades d'ouro, senti pela primeira vez um olhar amigo a fixar-me... Viera dos campos, de longe, de lá, d'onde ha sol, abelhas douradas zumbindo e fructas frescas d'uma maturação rica, confundindo os seus amores com o perfume das flôres silvestres, e sentia-me isolada... Amei esse olhar que me fitava e amei o homem que m'o enviava... D'ahi as cartas que a minha pobre Miquelina me fez chegar ás mãos, d'ahi a confissão do meu viver, a vontade de meu tio em me casar com outro a quem estava promettida e a fuga por uma noute de luar...

— Viemos então para aqui, para o palacio que o teu amigo conde de Assumar te cedeu, e eis-nos nos braços um do outro, fazendo juramentos d'um amor eterno e inalteravel...

— Oh! Sim... sim .. Querida Elvira! exclamava o cadete, apertando-a muito ao peito e depondo-lhe nos labios um beijo resdeitoso.

Depois olharam-se como confundidos, soltavam-se dos braços um do outro, exactamente no momento em que a porta do fundo se abria e uma mulher velha, vestida como as servas, e tendo no rosto uma expressão carinhosa ao avistar o galante par, avançava até ao meio da sala, e exclamava:

— Acaba de chegar o sr. conde e pede para fallar a v. ex.as...

— D. Pedro? exclamou o cadete n'um impeto alegre, levantando-se d'um pulo, emquanto a joven murmurava:

— A estas horas?... Oh! Mas nunca costuma vir de noute... Que succederá, meu Deus! e fazia-se pallida, erguendo-se a receber o recemchegado que assomava á porta, e dizia com gentileza:

— Desculpar-me-ha, não é assim, minha senhora?...

D. Elvira, cada vez mais pallida, inclinou-se e esforçando-se por sorrir volveu:

— Oh! sr. conde, estaes em vossa casa para demais...

— Vossa emquanto a habitardes. Porém, perdoae, senhora, se vos roubo o vosso noivo por momentos... volveu o conde, sorrindo com gentileza e fazendo um signal ao amigo.

D. Pedro de Portugal, o conde de Assumar, era um rapaz dos seus vinte e cinco annos, alto, reforçado, moreno e de grandes olhos negros e vivos, vestia como o seu interlocutor, a farda de cadete do regimento de Peniche e uzava cabelleira empoada, segundo o costume dos fidalgos d'aquelle tempo.

Agora D. Elvira, corria para o meio do aposento e exclamava:

— D. Pedro... Por Deus, falle... Diga-me o que succedeu... Terei coragem! Oh! Diga...

— Mas, minha senhora, asseguro-vos que apenas uma pequenina contrariedade...

— Para nós? Oh! Falle...

— Sim, para vós... Pois tendes que dar hospitalidade esta noute a um pobre frade cartuxo que os homens da minha lancha acabam de salvar da furia das ondas...

— Ah! E' apenas isso, exclamava a dama, esboçando um sorriso.

— E não é pouco pelo menos para o pobre frade que felizmente, o Joannico, um dos meus remadores conseguiu alcançar embora com risco da vida, volveu o conde de Assumar com um sorriso cortez para a dama.

— Mas onde foi... onde foi D. Pedro... perguntou D. Elvira a interessar-se pela victima murmurando:

— Mas tambem, meu Deus, aventurarem-se no mar com semelhante tempo, n'uma verdadeira noute de tempestade!

Com effeito o vento gemia cada vez com mais força e ouvia-se o ruido das ondas encapelladas batendo nos paredões do palacio.

— Oh! O pobre frade recolhia ao seu convento, assim o julgo.

— Mas vós senhor D. Pedro para que vos aventurais assim? interrogou de novo a dama.

— Negocios de coração... murmurou o amigo do conde, a meia voz.

— Gomes Freire! exclamou de subito o fidalgo. E tu melhor de que ninguem sabes até onde elles nos levam.

— Voltavas de vêr a filha do conde de S. Vicente? perguntou Gomes Freire.

— Sim, voltava de vêr vossa prima, senhora, disse dirigindo-se á dama.

— Minha prima! disse D. Elvira deveras admirada.

— Sim... Tambem uma sobrinha do cardeal que é irmã do actual conde, visto elle ser filho do 4.º senhor de S. Vicente... Conheceis sem duvida D. Henriqueta da Cunha?...

— Eu!... Mas não... volveu ella com admiração.

— Porém é de vossa familia...

— Vivi sempre na provincia, não conheço ninguem de familia a não ser o cardeal e José Maria de Mello, tornou ella placidamente.

O conde ficou uns momentos admirado e de seguida exclamou:

— E' singular!... Porém, senhora, terei muito prazer em vos apresentar vossa prima, e minha noiva.

— Somos então quasi primos, conde? interrogou ella com alegria ingenua.

— Depende de se resolver o meu casamento...

— O velho conde sempre se humanisa? interrogou Gomes Freire com certo interesse.

— Não sei... Tenho ainda que vêr Henriqueta furtivamente... O pae é cruel de genio rispido... Contam-se d'elle verdadeiras atrocidades...

Envolve-me na sua raiva por me saber ligado a D. José de Menezes, e filho do marquez de Marialva e intimo amigo de meu

pae... Detesta a nossa familia como detesto rancorosamente a do Marialva, seu cunhado.

— Ao passo que teu pae, o marquez de Alorna...

— Me dá ampla liberdade... Mas isto não vem ao caso, tornou o conde contínuando logo:

— Voltava de Oeiras de vêr a minha noiva, e a lancha parecia sossobrar a todos os momentos... No rio nem uma luz, apenas o rugir do vento e o bater das ondas nos rochedos... Subito, quasi em frente de Gibraltar, os meus homens ouviram gritos e descobriram á superficie dos ondas uma embarcação voltada á qual se agarrava um vulto. Joannico, mandou avançar a lancha e dentro em instantes atirando-se com denodo ás aguas conseguiu agarrar o corpo que se debatia e que era o d'um pobre frade cartuxo que recolhia ao seu convento. A embarcação era tripulada por tres homens que tinham nadado para terra deixando o desgraçado a debater-se sem soccorro... Tomei-o a bordo e trouxe-o para aqui entregando-o aos cuidados de Joannico e do meu velho Romualdo... Está na gruta do jardim... E... agora que cumpri a minha missão, retirar-me-hei se acaso, m'o permittis.

— Perdão, conde... exclamou a dama. Não vol-o permitto... A noute está tempestuosa e expor-vos-heis a naufragar tambem...

— Elvira tem razão... secundou Gomes Freire, Tu, meu bom D. Pedro, vaes ficar aqui esta noite...

— Insistem... Estou ás vossas ardens!

— E agora vamos vêr esse pobre frade, disse o cadete, emquanto D. Elvira tomava um dos candelabros de sobre a mesa.

— Foram-se atravez dos corredores, e o conde murmurou muito baixinho para o amigo:

— Preciso falar-te... Ha grandes novidades na côrte...

— Estamos descobertos? perguntou o outro no mesmo tom de voz e sem a menor alteração no rosto.

— Não por emquanto... mas quem sabe quanto tempo durará a nossa impunidade... Que demonio! Não ha de ser muito difficil aos *moscardos* do senhor Pina Manique descobrir que o cadete do regimento de Peniche, Gomes Freire de Andrade é, o raptor da sobrinha do senhor cardeal da Cunha e que o seu camarada, D. Pedro de Portugal, o coadjuvou no rapto, disfarçado em conductor de sege, apesar de requestar tambem outra sobrinha de sua eminencia.

— Cala-te... Elvira póde ouvir-te e inquietar-se-hia...

— Bem... Porém logo que possas fala-me... Sabes que houve uma tentativa d'assassinato contra a rainha?

— Hein... E quem foi o infame?

— O padre Manuel Cardozo, por alcunha o *cardeal*.

— Ah! Cheira-me a intriga jesuitica! exclamou Gomes Freire em voz alta, ao chegarem á entrada do quarto onde descançava o frade.

Entraram lentamente e contemplaram-no: elle estava ainda estendido no leito; tinha os olhos cerrados, murmurava palavras inintelligiveis e mostrava o rosto insinuante coberto de grande pallidez.

A' cabeceira do leito viam-se dois homens. Joannico, o remador, o typo do gaiato da epocha, de grandes olhos vivos na cara chupada e melenas cahidas na frente, e Romualdo, o velho servo dos Alornas, vestido na sua libré muito cuidada e tendo no rosto grave e sereno uma grande expressão de piedade pelo pobre naufrago que o gaiato salvára da furia das ondas.

Ao vêrem entrar os fidalgos curvaram-se quasi até ao chão, e o conde dirigindo-se-lhe, bradou:

— Pódem ir deitar-se... eu mesmo ficarei a velar o frade... E para demais tu Romualdo já não estás em edade de vigilias e tu Joannico deves estar cançado...

— Oh! Senhor conde, disse o remador com um sorriso de fanatico para o idolo, fixando o mancebo, eu estou bem! Nunca estive tão contente! Elle que vestia um fato do conde, encontrado por acaso n'um armario de residencia, tinha uma grande alegria na physionomia esperta e contemplando-se com amor volvia:

— Pois se estou vestido como um fidalgo. E lançando sempre um olhar contente para o fato de seda, endireitou o busto e sahiu da sala ao lado de Romualdo diante d'um sorriso do conde que ordenou:

— Pois bem, guarda o fato... Dou-t'o, como paga da tua acção... Agora retirem-se...

E ficaram apenas os tres contemplando o frade que dormitava em sobresalto tendo aos pés do leito o habito encharcado.

Gomes Freire, teve um movimento de colera e fixando o religioso, exclamou em voz vibrante:

— Olá senhor frade... A vós outros, não são permittidos os

segredos senão os de confissão e nós, eu e o meu amigo D. Pedro de Portugal, não nos confessamos com risco de passarmos por impios... Por isso se escapasteis hontem de morrer nas ondas porque se voltou um barco, não escapareis hoje porque ouvisteis uma conversa...

E o conde d'Assumar, accrescentou com tranquillidade:

— Na verdade antes tivesseis ficado nos penhascos da Gibalta, assim teremos que trabalhar em abrir-vos uma cova ahi para o meio da quinta se não preferireis tomar um novo banho... e apontava o Tejo que corria ali a seus pés lambendo o rochedo sobre que assentava o palacio.

Porém o frade sem a minima commoção, com um sorriso amavel e com uma venia de gentileza, apesar de ter o habito todo ensopado e amarrotado, volveu:

— Senhores: Permitti que vos diga que só por acaso ouvi o vosso segredo... Permitti tambem que vos diga que prometto esquecel-o e...

— Que segredo em bocca de frade equivale a estar em labios de mulher! interrompeu D. Pedro, emquanto Gomes Freire, continuava:

— O caso de que se trata e o qual agora sem duvida conheceis tão bem como nós, fez ruido e sobresaltou a côrte pelo extraordinario de aventura...

— E pelo arrojo dos seus iniciadores! interrompeu o frade, cruzando os braços e sentindo-se cada vez mais á vontade.

— Oh! Agradeço-vos o cumprimento que no emtanto dispensavamos bem... Não se trata aqui d'arrojo mas sim d'uma questão de coração, cujo fim seria este ou outro mais arriscado se fosse necessario! exclamou o cadete Gomes Freire, muito altivamente, continuando logo:

— A'manhã em qualquer reunião fidalga em que os peraltas fallassem d'este mysterio que escapou até hoje aos esbirros do Santo Officio e aos *moscardos* do senhor Pina Manique, intendente da policia, vós, irmão, terieis o desejo de vos mostrardes sabedor de grandes intrigas e dirieis, por exemplo, que um dos vossos confessados vos revelara tudo accrescentando o sacrilegio, e ao fallardes d'elle terieis olhares raivosos e farieis estremecer as sécias damas ao fulminardes os sacrilegos cujos nomes atirarieis em pasto aos

famulos do senhor arcebispo e aos moscardos do senhor intendente... Para que tal não succeda vêmo-nos na obrigação de vos perguntar:

— Jogaes as armas, meu reverendo?

O frade olhou-o com firmeza e volveu, cheio de brio:

— Eu as jogo, senhores cadetes...

— N'esse caso tenho a honra de vos convidar a um passeio pela quinta para enxugardes o vosso habito ainda molhado pelas salsas ondas, como diria qualquer dos peraltas vossos amigos... bradou Gomes Freire, com grande decisão.

— Perdão, camarada! atalhou D. Pedro de Portugal. E' a mim que compete...

— Por Deus, D. Pedro... Eu sou o mais interessado... volveu o cadete.

— Não... Tu já tiveste um golpe rijo junto ás Salesias... Deixa que eu ensine a sua reverencia um bote de mestre Jacques Lebon que sem duvida ignora, porque no seu sagrado mister raras vezes tem encontrado este afamado e venturoso mestre d'armas do Collegio dos Nobres e de Sua Alteza o principe D. João.

— Enganai-vos... Tenho com elle entrevistas tres vezes por semana, replicou audaciosamente o frade, emquanto o conde e o amigo lhe admiravam o sangue frio.

— Ah! Vejo então que errasteis a vocação... Estaveis mais talhado para soldado que para frade cartuxo...

— Sou apenas noviço e póde ser que quebre os votos singelos...

— Se eu o consentir, porque apesar do que diz o meu amigo Gomes Freire, sou eu quem se vae bater com vossa reverencia, invocando para isso a minha qualidade de dono de casa...

Dizia aquillo no mesmo modo ironico com que até então tinham falado ao frade, e Gomes Freire, volvia n'um assentimento:

— Consinto porque respeito a etiqueta... Porém se tiveres a infelicidade de levar um golpe, tomarei o teu logar.

— Seja... E eu colloco-me ás ordens do senhor frade que ouve os segredos pelas portas...

— A's vossas ordens estou, senhor... Mas permitti que vos diga que ísto em mim é infelicidade... Escuto sempre sem querer segredos que me custam caros... Ah! vá lá que comvosco estarei

frente a frente, com lealdade, mas olhae que por causa d'outros segredos, já tenho sido victima de traições...

— E' então habito antigo em vós outro, o escutar ás portas? interrogou D. Pedro provocantemente.

E o frade que falára até então com sinceridade, fez-se extremamente pallido, sentiu um calefrio percorrer lhe o corpo, endireitou o busto, lançou a D. Pedro um olhar altivo e exclamou:

— Senhor... Agora vejo á affronta no que até aqui se poderia explicar... Estou ás vossas ordens...

— Ainda bem... E tomo a liberdade de vos offerecer uma casaca porque o vosso habito póde tolher-vos os movimentos.

— E' largo em demasia... Vamos... bradou elle, cheio de colera.

— Ah! a vossa regra prohibe-vos que o tireis... Pois olhae, frei, que hontem elle bastante vos incommodava sobre as aguas...

— De que me arrancasteis, não é assim? interrogou o frade já menos colerico.

— Não e ainda bem que não! exclamou o conde. Se vos tivesse salvo a vida, teria agora remorsos de vol-a tirar. Deveis esse obsequio ao meu creado! disse-lhe com desprezo, e logo n'um tom ironico, interrogou:

— Vossa paternidade ha-de desculpar não termos aqui á mão um confessor para no caso de vos succeder algum desastre, porém o bom padre Ventura de S. Mathias, o capellão dos Alornas, está em Lisboa com a familia do marquez e não me parece que venha a estas paragens... E' muito commodista e por aqui ha ás vezes maus encontros. Depois é medroso como um frade! concluiu o conde atirando-lhe mais aquelle insulto e desembainhando a sua espada de cadete, emquanto Gomes Freire offerecia a sua ao frade, dizendo-lhe:

— Ahi tem... E' uma arma sacrilega... Já feriu um homem em chão sagrado...

Porém o frade ao segurar aquella espada do regimento, estremeceu d'alegria, nos olhos passou-lhe uma scentelha d'intima satisfação e sorridente, como a colera já se lhe tivesse dissipado, exclamou:

— Senhor: estou ás vossas ordens! Porém peço-vos que mudemos de logar porque n'este o tinir das nossas espadas perturbaria

— Attacae, senhor, attacae !

o somno da gentil dama que hontem entrevi á cabeceira do meu leito. Cheio de gentileza, fazia uma venia com a arma ao adversario que admirado d'aquella finura de espirito n'um frade cartuxo, lhe replicava:

—Tendes razão... Vamos para o alto! Estareis mais perto do ceu, meu reverendo...

Atravessaram então muito silenciosamente a quinta até ao alto que ficava no meio d'umas arvores muito copadas e o conde olhando o frade, exclamou ainda:

—Vae incommodar-vos o nosso habito...

Fallava-lhe d'esta vez muito seriamente ao vêr o desvelo em que o joven religioso se lhe collocava na sua frente n'uma admiravel guarda, respondendo:

—Fazei porque rasgal-o, senhor conde... Prestar-me-heis n'esse caso um serviço...

—Diligenciarei... tornou D. Pedro fazendo uma venia, cada vez mais admirado d'aquella subtileza ironica do religioso.

Além frente a frente, prestes a attacarem-se, eram ambos bellos e nem um musculo se contrahia nas suas physionomias.

Gomes Freire, olhava o religioso e ante semelhante denodo para demais revelado n'um frade, geralmente cobardes e traiçoeiros, sentia a seu pesar invadir-se d'uma grande sympathia pelo mancebo que apenas defendia os golpes do conde, cujo braço forte fazia vergar com firmeza o delgado espadim da ordenança, berrando:

—Attacae, senhor, attacae! e já não feria nas suas palavras ao vêr a lealdade e a coragem do adversario.

—Estou recebendo as vossas lições, senhor conde, retorquiu elle a sorrir. Sois muito mais habil que mestre Jacques Lebon...

—De quem tendes aproveitado bem as lições!... retorquiu D. Pedro, já cançado ao fim de meia hora de combate com um adversario valente que lhe aparava todos os golpes com mestria e valor.

D. Pedro de Portugal, teve no olhar uma faisca colerica ante aquelle combate que ameaçara não ter fim e fazendo um sarilho com espadim, vibrando duas rijas estocadas no espaço, n'um golpe italiano pouco usado e que o religioso desconhecia, feriu-o no braço que empunhava a espada e pela manga do habito rasgado appareceu a carne do frade manchada de sangue que vinha aos borbotões d'uma grande ferida.

Elle, de pé, os labios desmaiados, n'um sorriso, exclamou:

— Oh! Senhor D. Pedro, executasteis bem o vosso golpe... E de tal maneira que me impedisteis de continuar o duello tendo que me conservardes prisioneiro afim de que o vosso segredo não seja revelado porque em frades não ha que confiar! e deixou-se cahir n'uma pedra, emquanto Gomes Freire, admirado d'aquella coragem, bradava:

— É necessario ir buscar um physico...

— Quereis-me curado depressa, não é assim? Oh! Como temeis pelo vosso segredo... Mas tambem como já vos disse, isto em mim é signal... Hontem nos paços reaes ouvi um segredo que me custou a maior das traições. E no emtanto sabe Deus se eu o queria ouvir... Hoje, depois de salvo d'essa traição, ouço outro segredo e sou ferido por um rijo golpe que me ficará de memoria, camaradas, eu vol-o juro! concluiu o frade, como se não desse pela dôr da ferida.

— Como, camaradas? bradou Gomes Freire, emquanto o conde de Assumar avançava para o adversario muito admirado d'aquelle tratamento.

— Sim... Porque se não me engano a farda que envergaes é a de cadetes do regimento de Peniche...

— Tão certo como o vosso habito, ser os dos frades cartuxos de Caxias! apoiou Gomes Freire.

— Tem graça... Hoje tem-me succedido cousas identicas ás d'hontem... nunca achei tanto chiste ás repetições... Hontem, meus senhores, disse eu a uma dama:

«O habito não faz o monge» e hoje sou obrigado a repetir-vos a phrase, porque na realidade eu não sou frade ou antes nunca o fui, porque não passei de noviço...

— Mas tereis ordens, o que é devéras para lastimar n'um homem esforçado e valeroso como sois! exclamou Gomes Freire buscando ligar a ferida com o seu lenço de rendas.

— Enganai-vos, como hontem aquelle padre... Cá voltam as repetições... Não, meus senhores, ou antes não, meus camaradas! Eu Vasco de Miranda, nunca terei ordens...

E o noviço que na vespera sollicitara do arcebispo de Thessalonica essa mercê e que o bobo da rainha se antecipara em arranjar, dizia, mettendo a mão esquerda no bolso ínterior do habito e tirando uma carta e um papel dobrado:

— E a proposito d'ordens... Peço-vos tenhaes a bondade de lêr esse documento que a agua do Tejo não conseguiu senão amar rotar na fortaleza do pergaminho.

O cadete, agarrou rapidamente os pergaminhos e ao lêr o documento, soltou um grito d'alegria e exclamou:

— Ah! E' uma patente que a rainha concede a Vasco de Miranda, nomeando-o cadete do regimento...

— Do regimento de quê? interrogou o conde d'Assumar.

— Do regimento de Peniche, com mil cartuxos, camaradas! bradou o frade tornando-se muito pallido e dizendo as ultimas palavras em voz fraca.

– Oh! Eu que vos feri... Mas porque o não dissesteis logo? tornou o conde.

— Porque um cadete do regimento de Peniche, deve levantar as affrontas ainda mesmo quando são feitas por irmãos de armas e...

— Amigos dizei... Sim e amigos! Por isso quereis partilhar a responsabilidade do nosso acto, d'esse sacrilegio que tanto punge a côrte e que não vos intimidava.

— Não... E demais eu tenho que dizer-vos ácerca d'isso... Foi o primeiro segredo que ouvi na côrte e o qual me ia custando caro! disse elle em voz cada vez mais fraca.

— Ah! Fallai... fallai... pediram ambos n'um impeto. Mas o novo cadete, desfallecia pelo sangue perdido, deixava pender a cabeça, tornava-se livido, emquanto Gomes Freire o tomava nos braços ajudado por D. Pedro, ambos o conduziram para o palacio, murmurando:

— E' um heroe...

Entravam no quarto, abriam-lhe o habito e estendiam-no no leito emquanto ordenavam que fossem buscar um physico e Gomes Freire, fazia á pressa um penso que lhe collocava na ferida.

Elle parecia acordar em sobresalto, olhava febricitante as paredes do quarto e fixava a vista em D. Elvira de Mendonça que acabava de apparecer á porta, muito gentil no seu roupão bordado e perguntava com certa afflicção na voz:

— Não está melhor, o reverendo?

— Perdão, Elvira... O senhor Vasco de Miranda é como nós outros cadete do regimento de Peniche.

Ella soltava um grito de admiração, e Vasco voltando-se no leito, com um sorriso breve nos labios esmaecidos, todo n'uma grande agitação febril, mas muíto bello na sua pallidez, dizia em voz fraca:

— Oh!... Oh!... Perdi a rosa vermelha e viva como os labios da gentil açafata da rainha...

Principe D. José

VI

O principe do Brazil

rainha acabava de vêr sahir na porta que deitava para o pequeno corredor, o vulto pesado e corpulento do carmelita confessor cujo habito branco ondeava, fazendo destacar a cabeça grave do arcebispo cuja tonsura era rodeada de cabellos crespos.

Ficára então como meditando, recostada n'um sophá, o rosto de linhas nervosas muito pallido por todas as commoções soffridas.

As aias entravam n'um longo e cerimonioso cortejo vestidas de sedas claras, as frontes encimadas por penteados colossaes, andando nas suas passadas saltitantes e rythimicas de damas sécias, habituadas ás etiquetas da côrte, e curvavam-se ante a soberana, prestes a ajoelharem-se a seus pés.

D. Maria I, olhou-as com o seu ar nobre e grave, recebeu-lhes os cumprimentos com um gesto brando e de seguida despediu as com o olhar a indicar-lhes a sahida, murmurando:

— Quero estar só... Faz-me bem a solidão... Preciso meditar!

E aquella mulher coroada, sujeita a todas as influencias, a todas as intrigas, aos caprichos dos aulicos, julgava na realidade ter a resolver um grave problema d'estado.

Subito, tempo depois de terem sahido as damas, a porta do

aposentos particulares da rainha abriu-se e appareceu um mulhersinha negra, muito baixa, de olhitos vivos e travessos, destacando-se na esclerotica branca, ao mover as palpebras, o tronco vestido n'uma amazona da mais vermelha côr, a carapinha rente a encimar-lhe a tez d'um preto d'ebano, o nariz muito achatado, traços largos e desproporcionados com o corpo, toda ella enfeitada de joias bizarras sobre o flammante trajo; ao approximar-se da soberana, os seus labios de desmedida grossura franziram-se como contrariada, hesitou uns momentos a encarar sua ama e de seguida deitou-se-lhe aos pés n'um almofadão de velludo com borlas d'ouro, dizendo de certo modo confiado:

— Vossa magestade está doente?

— Oh! E's tu D. Rosa... murmurou D. María I ao deparar com a sua preta anã, a favorita que tinha o condão de a alegrar.

— Sim... Sou eu, real magestade... Como de costume vinha passar a tarde com a minha querida rainha, mas está incommodada por vêr a negra... Ella vae-se... dizia a anã na sua linguagem semi-barbara.

— Não... Não... Fica D. Rosa...

— Então ficarei, real magestade... retorquiu ella pegando na mão da soberana e levando a com fervor respeitoso aos labios que ao entreabrirem-se deixavam vêr duas enfiadas de dentes miudinhos e de extraordinaria alvura.

— Que ha de novo no palacio, D. Rosa? interrogou D. Maria I, como de costume, esperando revelações que sempre lhe eram feitas ou pela favorita ou pelo seu bobo, o empavesado D. João de Falperra que D. Rosa odiava muito não desejando partilhar com elle as boas graças da soberana.

— Ah! Real magestade... Muitas cousas se passam... começou a negra com desplante. Todos os fidalgos e damas estão indignados...

— Sim? E porquê, D. Rosa?... perguntou a rainha n'um sobresalto.

— Porque ainda não se descobriu o auctor do sacrilegio das Salesias... Pergunte, vossa magestade, ao cantor Polycarpo...

— Ah! E que diz Polycarpo?

— Que d'este modo dentro em pouco os salteadores de conventos serão tão numerosos como os bandidos das ruas; que já não

se póde ter segurança nem mesmo na casa de Deus, que as monjas acabarão por sahir dos conventos aterrorisadas com os sacrilegios... E o reverendo oratoriano fr. José Maria de Mello prégou outro dia nas Necessidades, dizendo que o inimigo começava a triumphar de Deus, que os subditos da rainha seriam tragados pelo inferno e...

D. Maria I, fazia-se pallida e murmurava, n'uma interrogação apressada:

—E?... E que?... D. Rosa...

—E que deviamos todos rezar por vossa magestade, para que Deus vos illuminasse.

A rainha ouvia-a sempre no seu modo triste, quebrantada, cheia de mysticismo, antevendo ali uma falta de religião na pouca diligencia da sua policia, e ouvia a negra continuar facciosa:

—E a primeira revelação dos castigos do céu parte d'esse sacerdote que...

—Que sacerdote, D. Rosa... De quem fallas? interrogou a rainha.

—Não sei se deva tocar n'este assumpto de que nunca fallei a vossa magestade, replicou a preta com grande finura.

—Falla; dize tudo...

—Pois bem!... Trata-se do padre Manuel Cardoso... Elle teve o seu braço armado por Satanaz... Um padre tornado quasi assassino... Ah! Real senhora, ali anda obra do inimigo das almas, que como diz fr. José Maria, vae triumphando... Depois como se explica os acessos que tem?... Um verdadeiro horror... Atira-se contra as paredes, barafusta e blasphema... Tem o sopro de Belzebuth! — e a anã benzia-se com uncção rebolando os olhos.

—Mas como o sabes? interrogou a soberana admirada.

—Disse-m'o em segredo um bom leigo da Inquisição...

A rainha continuava meditativa, n'um nervosismo extranho, cada vez mais immersa nos seus pensamentos desencontrados e julgava vêr ainda esse sacerdote, o antigo jesuita, a fixal-a com clarões extranhos nas pupillas, a mão magra apertando nervosamente o cabo da pistola. Sabia tudo com antecedencia, graças á prevenção do intendente, que entrára esbaforido a revelar-lhe toda a conspiração urdida contra a sua real pessoa. Estremecera dolorosamente e quasi se recusára a ir n'esse dia á sala do throno; porém, o inten-

dente fallara-lhe em nome da justiça, supplicára lhe que se expozesse á vista dos seus subditos, querendo-lhe evitar a tempo esse attentado infame. Fôra, tornára-se por assim dizer cumplice do inimigo, apparecendo ante esse sacerdote tresloucado como já se affirmava á bocca cheia na côrte.

E então a soberana sentia remorsos, a sua muita piedade e fervor religioso revelavam-se a subitas, hesitava, pensava agora que commettera um grave erro.

— Oh! Deveria tel-o affastado antes da sua ideia criminosa ser posta em pratica! murmurou lentamente, sahindo-lhe dos labios seccos as palavras n'uma toada tristonha que a negra escutava.

Agora ouviu-se a porta, a aia de serviço annunciar:

— El-rei!

D. Rosa levantou-se d'um pulo com uns clarões de jubilo nos olhitos espertos e correndo para o recem-chegado bradou:

— Benção... benção... real senhor...

Ouviu-se então uma voz cançada e fanhosa, dizer:

— Sejas em Deus, D. Rosa...

D. Pedro III, devia ter sessenta e dois annos, era um individuo de regular apparencia, caminhando sempre com um ar de piedade, nos dedos finos as contas do rosario, a cara rapada segundo o uso do tempo, os olhos d'uma languidez mystica parados, sem brilho erguidos de momento a momento para os corredores do palacio onde se cavavam nichos e ardiam vélas deante de toda a especie de santos que affirmavam a grande devoção dos soberanos. Vestia completamente de negro como um magistrado ou como um ecclesiastico, trazia nas mãos um grande lenço vermelho apertado com a tabaqueira de ouro em cuja tampa se via a imagem de S. Pedro. As pernas eram tropegas e arrastava os pés calçados em sapatos de fivelas d'ouro, na alcatifa espessa do aposento real. Elle, o rei devoto, digno marido da rainha piedosa, curvava-se n'um cumprimento respeitoso e murmurava n'uma lamuria de cantochão, a inclinar a perruca parda que lhe emmoldurava a cabeça torva e alvar:

— Que os santos martyres estejam comvosco real, senhora, n'este dia do seu muito e glorioso martyrio...

— Assim seja real senhora... E que a Virgem vos acompanhe...

Ambos n'aquelle formulario de beatas e com a etiqueta rigo-

rosa d'essa prevertida côrte ficaram face a face, contemplando-se como a interrogarem-se :

— Ouvisteis fallar na loucura que deu de repente ao padre Cardoso, real senhora ! perguntou D. Pedro III no seu tom fradesco.

Accenou-lhe ligeiramente com a cabeça e murmurou :

— Sim, real senhor e esposo, ouvi... E bastante me preoccupa esse estado do...

— Ah ! E porque, real senhora... Assim já não poderá responder diante do tribunal ? Não é verdade ? interrogou el-rei, dizendo ainda como a mêdo :

— E vossa magestade queria dar um exemplar castigo...

— Eu ?

— Sim, real senhora. Bem sabeis como ando affastado dos negocios... Porém é a voz corrente em toda a côrte... Assim Deus, antecipou o seu castigo ao de vossa magestade.

A rainha ficou pensativa e por fim, disse :

— O intendente da policia tinha-me fallado em suppliciar esse padre, em apresental-o como exemplo a novas tentativas, realmente é verdade... Está, porém, entregue ao tribunal angusto da Inquisição, e o meu confessor aconselha-me que se lhe instaure um processo civil, seguindo a opinião do intendente.

— Ah ! Um vão sacerdote julgado... Por Deus, real senhora... Sabeis que nunca vos peço cousa alguma, mas o meu espirito soffre só com a ideia de vêr um ministro de Deus e para demais um pobre louco entregue aos juizes... Oh ! real senhora...

— Mas e o exemplo ! e a justiça ! exclamou ainda a rainha tomada de certa revolta, e acariciando a carapinha da negra que se lhe deitara novamente aos pés.

— Mas, real senhora e mãe, bradou n'este momento uma voz da porta. Isso é repetir as atrocidades que o Sebastião José, o hereje, fez soffrer ao padre Malagrida...

— O senhor intendente da policia tem muito da escola em que aprender !

Voltaram-se todos para o lado d'onde vinha a voz e depararam com o principe D. João que ia beijar as mãos dos seus progenitores ficando-se depois n'uma attitude de devoção, emquanto D. Pedro III passava nos dedos as contas do rosario.

D. Maria I, ao ouvir os conselhos e supplicas do filho e do ma-

rido, que actuavam no seu animo religioso, devéras disposto á clemencia em assumptos de devoção, ficou calada, e estremeceu ao ouvir D. João, com um enthusiasmo que não lhe era peculiar, dizer:

— E esse senhor intendente ao mesmo tempo que aconselha suplicios para os loucos, deixa andar á solta os sacrilegos que assaltam os conventos... Senhora mãe, começou elle, depois de uma curta pausa. Eu venho pedir a vossa magestade muito respeitosamente, que ordene ao senhor intendente a immedíata prisão do miseravel, que em chão sagrado, atacou um fidalgo e que roubou uma monja do seu convento.

— Mas, meu filho, o senhor arcebispo acaba de participar-me que o sacrilego vae dar entrada na inquisição...

— Ah! Mas é que ha tambem certo corregedor...

— E' esse mesmo que vae ser punido.

— Ah! E então o verdadeiro criminoso...

— Ainda não se descobriu... Aguardam-se as confissões do corregedor...

— Para que serve então o intendente da policia? interrogou a voz fanhosa do rei.

— Para descobrir aquelles que tentam revoltas na sombra contra a rainha minha mãe e vossa esposa, real senhor! bradou uma nova voz; e o principe D. José, alto, esbelto, desenvolto, o unico da familia que tinha na fronte a energia, apparecía no limiar vestido com simplicidade, e inclinava-se a beijar a mão á rainha e a el-rei, lançando ao mesmo tempo um olhar desdenhoso ao gordo principe D. João, que perguntava:

— Onde esteve vossa alteza esta manhã que não appareceu na missa?

Não se dignou responder-lhe logo, viu os olhares dos regios personagens fixos n'elle e encarou a preta que fechava na mão um amuleto ante aquelle principe tido como hereje pela côrte effeminada.

Agora volvia com desdem:

— Ouvi a missa na capella do senhor marquez de Bellas, no meio d'um rancho de camponezes que não me reconheceram... Ali ouvi exprimir-se o povo na sua linguagem rude e franca, o que sempre é proveitoso...

— Para quem espera ser rei... murmurou o principe D. João,

D Pedro III

emquanto a rainha, pallida de colera ante o filho mais velho, se erguia um pouco no sophá e agarrava nervosamente a carapinha de D. Rosa que lançava olhares desconfiados a D. José, o qual n'um impeto exclamava:

— Sim... Diz vossa alteza para quem espera ser rei... Oxalá que o seja bem tarde, porque é signal de longa vida de nossa augusta mãe... Porém no dia em que prometter aos portuguezes um reinado de felicidade, saberei dar-lhes essa felicidade!...

— Vossa alteza possue um segredo de tornar venturosos os que se acercam de sua real pessoa... murmurou D. Pedro III com uns longes d'ironia, a que o herdeiro do throno, volveu:

— Não, meu senhor e pae, ao contrario, muito ao contrario eu torno-os desgraçados... Porém é por agora, e só por agora...

— Porque vossa alteza ainda não usou o seu elixir gerador de venturas... tornou de novo o soberano com grande gaudio do principe D. João, o qual era a mais perfeita copia de seu pae.

— E não real senhor... Porque segundo creio o que vossa magestade chama o *meu elixir*, tem o nome de justiça, cabal, ampla, completa, justiça para todos sem excepção como no reinado de meu avô, quer os criminosos que ha a punir se chamem Aveiros e Tavoras e pertençam á melhor nobreza do reino, quer usem o nome de Malagrida e sejam membros da Companhia de Jesus, d'esse bando negro que volta impetuoso estendendo as garras para empolgar um throno esperando empolgar um povo inteiro... Oh! mas quebrar-lhes-hei as azas para que rastejem sempre!...

No rosto dos augustos personagens, estampou-se a maior admiração, ante aquellas palavras do principe, aliás usuaes na sua bocca, embora nunca proferidas com tanta vehemencia.

A rainha puzera-se de pé, vibrante, livida, olhara o filho e em voz tremula de raiva, sibilante, exclamara:

— Vossa Alteza, permitte-se em censurar o meu governo?

— Não, real senhora e minha augusta mãe, permitto-me apenas dizer-lhe que a traição e a perfidia se embuscam no vosso palacio acobertadas nas roupetas jesuiticas!

— Os jesuitas!... Que blasphemia! Se foram expulsos!... bradou o principe D. João com grande espanto.

— Sim, foram expulsos uns e ficaram outros... Alguns dos que sahiram, voltaram tambem acobertados nos habitos d'outras

ordens. Eu sou capaz de os apontar a dedo no paço real, na magistratura, nos conventos e até nas praças publicas... E vou apontal-os ante a intriga urdida em volta do throno e em que se busca salvar um miseravel que nos teria privado da nossa soberana se um homem habil e dedicado aos seus reis não tivesse impedido o golpe.

— O quê? Pois sabe? interrogou a rainha deveras admirada.

D. José, na sua exaltação, continuava:

— Sei tudo, real senhora, sei tudo... Acabo de estar com o senhor intendente da policia...

— Ah! Por isso vossa alteza vem desejoso de barbaridades sem nome... tornou D. Pedro III com certa raiva.

— Não, meu pae... Venho desejoso de justíça .. E por isso, vos peço, minha augusta mãe, não como principe mas como filho respeitoso e obediente, um castigo exemplar para o padre Manuel Cardoso que meu irmão busca salvar, que meu pae cognomina de louco!

— Senhor, e sobre os Evangelhos, pela memoria dos Santos Martyres vos juro, que esse pobre sacerdote é um maniaco, replicou D. Pedro.

— Sel-o-ha... Porém houve quem aproveitasse a sua mania para lhe armar o braço... Era um louco tambem esse Jacques Clemente que em 1580 assassinou Henrique III... Ravaillac era um louco e poz entraves com o seu punhal á obra do grande Sully ao assassinar Henrique IV... São sempre loucos aquelles a quem os padres armam os braços, são sempre allucinados os que tentam contra a vida dos reis... No emtanto como no mundo ha milhares de maniacos e apenas alguns reis, se não dermos o exemplo ao primeiro d'aquelles que se tornou regecida, dentro em pouco não haverá soberanos.

Agora os outros ficavam confundidos e aterrados; a propria rainha admirada da logica d'esse eloquente principe que era seu filho, conservava-se muda, e a negra benzia-se a miudo, relanceando olhares para o principe do Brazil.

Elle, no emtanto continuava com o seu enorme enthusiasmo:

— Sejamos pois coherentes... Não nos importemos com a qualidade dos criminosos e castiguemol-os com severidade... Castigue-se o padre Manoel Cardoso e procurem se os seus cumplices!...

— Como? Os seus cumplices? Mas vossa alteza acredita que elles existam? interrogou a soberana toda n'um tremor.

— Apontal-os-hei a vossa magestade se me concede para isso permissão... Agarral-os-hei e se fôr necessario eu proprio os levarei até ao pelourinho para que as multidões cevem n'elles a sua colera, despojal-os-hei das honras e dos cargos, não me intimidarei com edades nem com posições...

— Alteza... Prohibo lh'o... Ouve bem! gritou a soberana n'um arranco. Isso são falsidades dos que buscam agradar... Não creio nos cumplices do padre Cardoso...

— Tem vossa magestade razão! bradaram em unisono D. João e D. Pedro.

— Mas vossa magestade não sabe o succedido.

— Não... O intendente revelou-me apenas o que quiz ouvir... Não quero fazer um reinado de perseguições e por isso melhor é assim... Vossa Alteza quando reinar procederá como desejar, trabalhará para a historia; eu trabalho para Deus e para a minha fé...

— E para a historia tambem, real senhora... A ella pertence a casa de Bragança, desde que um duque nosso antepassado pôr na cabeça a corôa da dynastia de Aviz descendente por seu turno ao rei sagrado em Ourique!

— Alteza... Não o quero ouvir mais! Já vos disse que não encetarei perseguições... E' a melhor maneira de aplacar a colera dos inimigos... A clemencia desarma os maus...

— A vossa clemencia é grande, senhora... Por isso deveis perdoar ao padre Manoel Cardoso, ao louco... Exilal-o... Deus antecipou a vossa justiça! exclamou D. Pedro III com grande interesse fazendo abertamente o seu pedido logo apoiado por D. João, quedizia:

— E castigar o sacrilego das Salesias...

— Dir-se-hia que vossa alteza tem grande interesse na punição d'esse facto quasi sem importancia .. bradou irreflectidamente o principe do Brazil.

— Que blasphemia!... Se é o maior dos sacrilegios!... gritou D. João, ao passo que D. Pedro e a rainha, bradavam:

— Oh! E' inaudito!

— Ah! Vossa magestade quer punir o sacrilego que rouba uma monja e fere um fidalgo sem duvida em leal duello e deixa em paz o maior sacrilego, o que tentava contra a vossa vida!...

— Alteza!... Os actos da rainha não se discutem! exclamou D. Maria I erguendo a cabeça com altivez. Apraz-me ser clemente, sel-o-hei...

— N'esse caso porque não perdoaes ao velho marquez de Pombal? bradou o principe do Brazil n'um movimento de furia emquanto os seus interlocutores se faziam pallidos como se tivessem ouvido pronunciar o nome do anti-Christo.

E D. Maria I, bradou d'esta vez com verdadeira colera:

— Sei d'onde vem... Acaba de se revelar... Vem de lêr as obras secretas do seu mestre...

— De fr. Manuel de Cenaculo? mas não me consta que as tenha.

— Não... Sua magestade quer referir-se ao outro... ao Sebastião José... disse com desprezo o rei, accrescentando: Esse é mais regecida que o proprio Manuel Cardoso... Basta dizer-se, alteza, que quiz privar vossa mãe do throno...

— Ah! E vingam-se! gritou o principe sem se poder conter.

A rainha apontou-lhe a porta n'um gesto lento e soberano, fez-se excessivamente pallida e exclamou:

— Sahi, senhor principe do Brazil. Sahi e não volteis sem que vos ordene!

D. José, tornou-se livido, lançou um olhar rancoroso ao pae e ao irmão e sahiu em passos firmes depois de se ter inclinado em face da rainha.

E á porta, cerrando as mãos com força, murmurou cheio de rancor:

— Oh! Sente-se n'esta intriga o dedo jesuitico!... Descobrirei auctor! Ou eu não seja nunca rei de Portugal!

— Sahi, senhor principe do Brazil...

VII

A intriga regia

principe do Brazil sahira emquanto elles ficaram entreolhando-se.

Depois deante d'uma risadinha satisfeita de D. Rosa que se revolvia na sua almofada de borlas de ouro, pareceram despertar.

D. Maria I, como se apenas então tivesse medido bem a gravidade do seu acto deixou-se cahir no sophá quasi desamparadamente, emquanto a negra como um rafeiro lhe beijava as mãos d'uma alvura marmorea sulcadas de veias finas, setinosas e azuladas.

— Oh! Fui muito longe... foi severidade em demasia... murmurou a rainha sentindo o peito arfar-lhe com violencia.

O principe D. João sorria n'um jubilo egual ao da mercenaria negra ao vêr expulso o irmão; D. Pedro murmurava uma oração crente como a pedir coragem ao céu e ao ouvir o monologo breve da esposa, volvia:

— Não, real senhora... Não fosteis severa em demasia... Se não estivesse na presença de vossa magestade eu desde ha muito teria mandado sahir esse filho irreverente, esse subdito ousado em demasia, e ainda mais digno de punição porque é elle o vosso primeiro vassallo... O principe do Brazil é herdeiro do throno, mas no emtanto não se lhe devem permittir ousadias...

— Será um mau rei... será um mau rei... murmurou ainda a soberana.

— Sim, será um Sebastião José coroado! bradou com ironia o principe D. João. Tem falta de fé, odeia os sacerdotes, indispõe-se com a egreja, não cumpre os seus deveres de catholico e no fundo do coração accumula odios...

— Accumula odios e contra quem? perguntou o rei com certa insistencia.

— Contra todos que lhe firam o orgulho... E' o unico na familia real que ainda não perdoou aos Tavoras!

— Senhor principe D. João... exclamou n'este momento a voz da aia de serviço interrompendo a intriga que o regio personagem esboçava a conselho dos famigerados jesuitas.

— Que quereis, senhora condessa de Lumiares? interrogou o fanatico principe, sorrindo com uma visagem vulgar á dama.

— Com permissão de sua magestade vos digo que o vosso confessor vos aguarda!

— Vou já, desde que sua magestade m'o permitta.

— Ide, D. João... disse a soberana com certa pressa como se temesse ouvir até ao fim aquella intriga.

— Vou desde já, real senhora... Hoje é quinta feira e tenho os officios da Trindade... Porém deixareis que vos diga, senhora e minha augusta mãe, que espero da vossa clemencia o perdão do padre Manuel Cardoso.

— E eu junto os meus votos aos de sua alteza! Supplicou o rei no seu tom fradesco e lento.

D. Maria I, pareceu meditar uns momentos, ficou a olhar na sua frente como aterrorisada e de seguida entreabriu os labios muito disposta a pronunciar uma recusa.

Mas a voz da negra, soava, muito guinchada, dizendo:

— O inimigo armou o braço do antigo jesuita... triumphou Belzebuth... Lá o disse fr. José Maria...

Foi ante esta recordação, toda replecta de devoção estupida e estranha que a piedosa rainha teve a visão do inferno com os seus tormentos, via que esse padre decahido da graça de Deus, lhe trazia o aviso no cano das suas pistolas, d'um proximo fim em que o altissimo se vingava. Depois aquella maneira do principe do Brazil se exprimir, a longa serie de doestos que atirava epigrammatica e sarcastica aos frades, revelavam bem que o peccado já começava a penetrar nos membros da real familia.

Vinha-lhe um desejo louco de redimir a culpa; pensava em donativos a conventos, bençãos papaes pagas a peso d'ouro, na fundação de mosteiros e no acto magnanimidade sem duvida agradavel a Deus desde que perdoasse áquelle que a quizera ferir. E fundava-se no exemplo de Jesus .. A rainha que desterrara mesquinhamente Pombal, pensava em offerecer a outra face para nova bofetada jesuitica... E esse offerecimento estava no perdão que concederia...

D. João e o rei, aguardavam o resultado das meditações da soberana, temiam a todos os momentos uma recusa e receiavam que o arcebispo confessor influisse no animo da rainha para castigar o padre.

Trocaram um olhar sereno que era um signal pelo qual os pensamentos se entendiam. O principe supplicava ainda:

— Então qual é a resposta de vossa real magestade?

— Preciso ouvir D. fr. de S. Caetano. Replicou ella emquanto o marido e o filho, ficaram aterrorisados á simples ideia que ella podesse ter uma entrevista n'aquelle sentido com o justo e rasoavel arcebispo de Thessalonica.

— Real senhora... Vossa Magestade não quiz ouvir o principe D. José.

— Bem... Mas o principe...

— Inspirará o vosso confessor... Insinuou D. João.

— Que dizeis?... Sabei que fr. Ignacio de S. Caetano é um santo!

— Ninguem mais do que eu presta homenagem a suas virtudes e talentos... Porém sei tambem que adora meu irmão, o principe do Brazil...

— Bem e depois? Interrogou a soberana.

— E que julgando ser util a vossa magestade vos aconselhará as vontades do principe, não é assim alteza?

Interrogou D Pedro III, a ajudar a intriga com os olhos baixos, cheio de devoção.

— Oh! Impossivel... N'esse caso succederia sempre assim... E os conselhos do arcebispo são sempre bons e puros... replicou D. Maria I que amava Thessalonica como a um bom pae espiritual, respeitoso e devotado.

— Mas é que, real senhora... Bem sabemos as muitas virtudes do vosso confessor... Porém é certo que sua alteza, nunca buscou

impôr a vossa magestade como hoje, um dos seus desejos... Transmittil-o-ha ao arcebispo que instinctivamente vol-o dirá, o santo varão.

— E sabeis a opinião do principe do Brazil...

— Será a opinião do Sebastião José!...

— A quem elle ama e venera!

— Porque lhe quiz dar a corôa, tirando-a da cabeça de vossa magestade!

Disseram ambos os regios e fradescos personagens n'um *duo* malevolo proprio para servir as suas vontades.

— O quê? Tendes a certeza que o principe ambicionava a minha corôa... exclamou D. Maria I... Mas como, se n'esse tempo era uma creança...

— Fr. Manuel do Cenaculo e o proprio Sebastião José lhe segredavam a ambição... Parte d'ahi o seu orgulho... E vossa magestade no proprio interesse de sua alteza nem deve ceder á sua vontade...

N'este momento annunciavam o marquez de Marialva, ouvia-se a voz fresca da aia bradar o seu nome e o velho fidalgo, sempre severamente vestido, entrava e ajoelhava-se em face da rainha que lhe bradava:

— Ah! Ainda bem que viesteis, meu bom amigo!...

Este erguia-se a um gesto, depois de lhe beijar a mão e ir praticar egual cerimonia com os outros personagens, emquanto a soberana dizia:

— Careço de vós, senhor...

— Estou ás ordens de vossa real magestade, minha ama e rainha! exclamou o marquez com uma grande venia.

— Desejo saber a vossa opinião ácerca do padre Manuel Cardoso.

— D'elles vos vinha fallar, senhora... Acabo de estar com Martinho de Mello e com o marquez d'Angeja, vossos ministros que aguardam as ordens de vossa magestade...

— Então na vossa opinião...

— O padre Manuel Cardoso, é um louco, a côrte o diz... Deveis ser clemente... Uma soberana como vossa magestade não deve seguir a maneira politica do Sebastião José que segundo julgo é a do intendente da policia e de todos os discipulos do atheu... e elle

MARQUEZ DE MARIALVA

sublinhava as ultimas palavras referindo-se a Thessalonica e ao principe D. José, emquanto, el-rei e o D. João, bradavam enthusiasmados:

— Bem o dissemos a vossa magestade!

— A vossa opinião, velho Marialva, é para mim uma decisão! exclamou a soberana em tom energico, dando um tratamento muito familiar ao marquez.

— Assim o esperava da clemencia de vossa magestade. . Para nada serviria a minha opinião pois tenho a certeza que no fundo da vossa alma já existia o germen do perdão...

— Como deve tambem existir o do castigo para os mais nefandos dos sacrilegios, esse das Salesias... Quem tentou contra a vossa existencia? Um louco! Quem raptou a monja? Quem feriu D. Ramiro de Noronha? Sem duvida um braço forte e um homem consciente...

— Tendes razão... Desterrar-se-ha o padre Manuel Cardoso, punir-se-ha o sacrilego que commetteu o rapto!

— Póde vossa magestade dar as suas ordens... insinuou D. Pedro.

— Sim dal-as-hei... O corregedor accusado de cumplicidade no rapto da sobrinha do senhor cardeal da Cunha, deve estar preso, como me garantiu o arcebispo... Agora resta o padre... Esse embarcará...

— Póde partir no *Orion* que vae para Genova émanhã e se encontra no Tejo... disse o principe D. João com um olhar supplicante para a mãe.

E ella levantando se, ia chamar a aia que lhe trouxe os objectos necessarios para escrever, quando viu D. Rosa ajoelhada na sua frente e que lhe apresentava uma penna de rama e um tinteiro, collocando-se de forma que a rainha escrevesse a ordem na pasta de couro que lhe collocava diante, sempre ajoelhada na sua almofada de borlas d'ouro.

— Adivinhava-vos senhora... Conheço a vossa bondade! murmurou a preta muito aduladora.

D. Maria I pegou no papel e escreveu com mão firme algumas linhas, depois tomou outro papel e traçou ainda umas palavras. Foi n'este momento que a um signal de Marialva, o marquez d'Angeja appareceu á porta, dizendo:

— Venho receber as ordens de vossa magestade!

Ao mesmo tempo pela escada dos aposentos do confessor, ouviu-se a voz do arcebispo, dizendo:

— Senhora, é a vossa hora de passeio no parque!

E o carmelita ficava-se a tomar a sahida com o seu busto eracto envolvendo o soberano n'um dos seus disfarçados olhares onde se via perspicacia.

— Marquez d'Angeja, aqui tem as minhas ordens para com o padre Cardoso... exclamou a rainha, e então dando-lhe outro papel, tornou:

— Eis aqui uma ordem a mais formal para se punirem os sacrilegos das Salecias!...

Nos labios dos assistentes passou um sorriso de satisfação e inclinando-se todos diante da rainha sahiram murmurando:

— E' um acto de justiça!...

A' porta os dois marquezes affastaram-se a deixar sahir el-rei e o principe e depois seguiram na sua rectaguarda, emquanto na sala, a preta favorita se enroscava aos pés da soberana, e o arcebispo de Thessalonica no seu tom rude clamava:

— Sim, real senhora foi um acto de verdadeira justiça. Sua magestade, sua alteza e os srs. marquezes de Marialva e de Angeja o disseram concordando commigo pela primeira vez nas suas opiniões...

D. Maria I, tornava-se livida, o seu espirito fraco, ficava agora sujeito á benefica influencia de Thessalonica e estremecia ao recordar-se da sua ordem, exactamente contraria ao que elle lhe aconselhara, esquecendo pela primeira vez de cumprir um dos seus alvitres.

Porém não teve a coragem de lhe dizer logo tudo, rapidamente tornou-se ainda mais livida, os labios desmaiaram-se-lhe e a rainha tomando o braço do Carmelita, dirigiu-se para a porta em direcção ao parque, seguida por um cortejo d'aias e açafatas que a aguardavam e á frente dos quaes caminhava D. Rosa, a anã favorita, rebolando os olhos, deveras satisfeita.

A rainha ia de cabeça baixa e o arcebispo olhava para todos os recantos n'um antigo habito de analysar o que se passava no palacio.

Via então mettido no vão d'uma janella o principe D. João, gordalhudo e beatifico, fallando com um frade oratoriano, alto magro, de grandes occulos verdes, e ouviu-o ainda dizer:

E o carmelita ficava-se a tomar a sahida ..

— Pois triumphei, reverendo José Maria de Mello! e logo tomando-lhe o braço dizia: Acompanhais-me com o meu confessor á Trindade?

O arcebispo encolheu os hombros e pareceu esquecer aquelle encontro, porém á sahida do portão que deitava para a rua, ali a dois passos da quinta, viu o vulto pardo de D. Pedro, cheirando rapé da sua caixa benta e conversando com o cardeal da Quinta seu confessor, ao qual revelava:

— D'esta vez coube-nos a victoria, cardeal... Vamos ámanhã á Sé Patriarchal ouvir as matinas de Jomelli...

— Sim, real senhor... Estou ás ordens de vossa magestade.

— Depois passava um homemsinho caminhando na ponta dos pés, n'esses requebros femènis, rescendendo a perfumarias, a mão nos copos d'um delgado espadim e que fazia uma venia respeitosa aos dois personagens, emquanto el-rei lhe bradava:

— Ferracuto... Que nos cantas ámanhã?

O cantor da capella real, respondia a el-rei emquanto o arcebispo ficava pensativo.

E por ultimo do meio d'uns arbustos ouviu a voz do velho marquez d'Angeja exclamar:

— Pois fr. José do Rosario... Aqui tem a ordem... Levamos as lampas ao arcebispo! Vencemos!...

Soava um riso alegre que parecia do Marialva e depois uma voz de baixo profundo, dizendo:

— E' o segundo triumpho... O primeiro foi o da demissão de Sebastião José! Vencemos!

Então, o carmelita estremeceu, voltando-se para a soberana d'uma fórma insinuante que tinha para com ella e interrogou:

— Vossa magestade póde dizer-me porque todos vencem hoje na sua côrte?...

— Vencem? Não o comprehendo, monsenhor... respondeu ella como admirada, ante o olhar doce que o carmelita lhe dirigia, e interrogando n'uma grande desconfiança sobresaltado:

— Vossa magestade, já resolveu acerca do padre Manuel Cardoso, não é assim? A rainha estremeceu, ao vêr chegado o momento da confissão, e murmurou:

— Já sim, meu amigo.

— E podeis dizer-me em que sentido? perguntou apressadamente D. fr. Ignacio.

— Desterrei-o... volveu D. Maria I com voz muito baixa.

Thessalonica fez-se pallido, encolheu os hombros, teve um olhar de piedade para a rainha e apenas disse:

— Ah! Então já sei porque vencem... Mas não são todos como ha pouco suppunha. E' verdade que para existirem vencedores devem haver vencidos, porém julgava que os ultimos não venciam no paço... Agora já sei quem venceu!

— Perdoae, monsenhor, não ter seguido pela primeira vez, o vosso conselho... pediu a rainha em voz tremula, aguardando a resposta de Thessalonica, que como se não tivesse poder, e na sua voz mais branda, volveu:

— Vossa magestade é soberana e tem o direito de fazer o que desejar, mesmo em tornar vencedores nas intrigas os vossos inimigos...

— Oh! Mas... Foi a meu esposo, a meu filho D. João, e ao marquez que cedi...

— Não, real magestade, vossa magestade cedeu aos jesuitas!

— São elles os vencedores! exclamou o arcebispo no seu tom de voz rude que n'aquelle momento debalde buscou tornar carinhosa.

Ella n'um sobresalto exclamou:

— Que diz, monsenhor?

— Que se approxima alguma tempestade tenebrosa...

— Oh! São as idéas do principe do Brazil! replicou D. Maria I a animar-se, recordando-se do que ouvira ao marido e ao segundo filho.

Mas agora o arcebispo, curvava-se para um pequeno pagem que se accercava e sorrindo disse á rainha:

— Oh! Eu bem affirmava a vossa magestade que a tempestade engrossava...

— O que ha!... Que temos? interrogou D. Maria I com grande terror, sacudida violentamente n'um calafrio.

— Ah! Real senhora... A tempestade cresce... Já o piloto vem dar aviso, segundo julgo.

— O piloto!

— Sim, o senhor intendente de policia ao qual vou falar com permissão de vossa magestade.

D. MARIA I

A rainha largou-lhe o braço e disse:

— Vá e volte depressa! e deixou-se cahir n'um banco, ficando muito triste, toda agitada emquanto a preta favorita a acariciava e as damas da côrte em torno aguardavam n'umas respeitosas attenções.

De repente soou a voz do bobo a cortar o silencio, berrando:

— Eh! D. fr. tonel, não andas aqui por bom, velha coruja!... Tu tens mau olhado! Eh! mocho de inquisição!...

E saltitando nas perninhas delgadas veio assentar um murro nas costas de fr. José do Rosario que na sua dignidade paclydermica se mettia n'uma alea de buxo, buscando fugir ao truão, que bradava sempre:

— Oh! Fr. bojudo!... Coruja! Velha Coruja!...

Da capella real vinha um som divino das vozes dos *castrati*, ensaiando umas cantatas de Jomelli, que subia n'uma lamuria infinda para o espaço, n'um côro maravilhoso sahido de gargantas que a rainha pagava a peso d'ouro.

E D. Maria I continuava a deixar-se acariciar mollemente pela anã de rosto d'ebano, dentes de marfim e olhar de demonio.

VIII

Aventuras d'um vice-rei

ANOUTECERA e pelas margens do Tejo aproavam barcaças enfeitadas a galhardetes flamantes, carregadas d'uma multidão ebri-festiva que voltava de uma romaria.

Estrallejavam foguetes na amplidão do rio, fogos de côres variegadas rasgavam o espaco escuro em *zig-zags*, feericos, soavam cantigas populares seguindo a dolencia das guitarras.

Os fidalgos acompanhados de numeroso sequito saltavam das embarcações, nas suas passadas saltitantes pisavam a areia, emquanto as damas de altos penteados vínham para terra ao collo de pretos robustos de fardalhões vistosos e mettidos na agua até aos joelhos conduzindo os amos.

Havia uma algazarra incrivel de violas e de oboés, por entre o tropel extranho em que se confundiam os barqueiros e os creados ajoujados com os cabazes das baixellas ao lado dos peraltas de ares methodicos que traziam pela mão uns pequenitos, os anjinhos da santa, vestidos garridamente e tendo azas transparentes pequenas nos hombros descobertos, os cabellos annellados, as caritas rosadas, mostrando-se somnolentas ao clarão dos archotes resinosos empunhados pela lacaiada.

O povo misturava-se a rouquejar canções, anões e pagens sopravam em gaitinhas fazendo um infernal ruido trocando com os mon-

— Cautella... cautella...

ges de todas as ordens e com os capellães dos sequitos dos Marialvas e dos Angejas e de grande numero de fidalgos da melhor nobreza, devotos da Santa que lhes merecia especial cuidado.

Toureiros de gesto patusco dirigiam-se n'uma linguagem mesclada aos fidalgos cavalleiros, amigos de montadas, os que se destacavam no ambito effeminado d'aquella côrte singular. Poetas, de roupas desbotadas, parasitas menos dos nobres, as perucas á banda atiravam improvisos e satyras, emquanto uns homens esfarrapados conduzindo macacos habeis carateadores e empregados nos mais extranhos (*) serviços, pulavam para terra entre os guinchos estridulos dos quadrumanos.

Ao caes de Belem acabava de chegar uma embarcação a bordo da qual um bando fidalgo e esturdio atirava ao espaço canções em voga, ao passo que os negros e os pagens se mettiam na agua empunhando archotes a illuminarem o caminho dos senhores que saltavam para os hombros dos corpulentos escravos, berrando sempre.

Eram quatro os mancebos que vinham na embarcação. Um d'elles ao chegar a terra voltou-se para os companheiros e exclamou para um outro fadado de cadete do regimento do caes.

— Agora, Jacob Mestral, para coroar a festa vamos á tavolagem do *Veutral* ali na praça de Belem...

— Menos berrata, Silva Menezes, volveu o outro com um sotaque extrangeirado na voz, dirigindo-se ao seu interlocutor que vestia tambem a farda de cadete do mesmo regimento.

— Ora e porque? bradou Silva Menezes, n'um rompante. Temes acaso a ronda da *chuchadeira*, uma ranchada de burguezes que se dispersam com um bambú...?

— Cautella... cautella... tornou um joven peralta que se agarrava muito ao pescoço do negro que o conduzira e apezar de já estar em terra.

— Lá estás tu com terrores, ó Villa Nova... Descança que o viatico não passa e pódes deixar em paz a tua campainha...(*) E'

(*) Beckford conta que havia grande quantidade de pessoas que alugavam macacos empregados para cortarem.

(* *) O prazer do conde de Villa Nova é annunciar com a sua campainha a todos os verdadeiros crentes a approximação da celestial magestade.

(Beckford) *cartas.*

verdade que és um *bambino* e a culpa foi nossa em te darmos um logar na barca dos esturdios!

— Deixae o conde... Sua excellencia pensa nos moribundos... E' o homem que mais os ama n'estes reinos! tornou um outro rapaz muito galante no seu trajo fidalgo, soltando uma gargalhada.

— De que ris, Balthazar d'Athouguia? Tambem fazes profissão d'heretico? interrogou o conde deVilla Nova, n'uma grave compostura, resolvendo-se a largar o negro e endireitando cuidadosamente os bofes de renda da sua magnifica camisa, continuando logo:

— Que estes senhores militares assim o entendam, permitte-se, embora não seja do agrado da nossa piedosa soberana, mas tu que sem duvida sereis um licenciado em canones...

— Que a terra seja leve ao meu grau e vou convidar-te para conduzires a campainha do viatico, porque já está moribundo!...

Soltaram todos gargalhadas, e apenas o conde de Villa Nova ficou d'olhos baixos, dizendo de seguida para o negro:

— Barnabé... Vae buscar os cestinhos de dôce e as fructas... Leval os-has á madre rodeira das Salesias para soror Francisca!...

— Ah! acompanha-nos o conde! exclamaram elles devéras contentes, emquanto a multidão se escoava pelas ruas sempre ao ruido das suas musicas, n'uma algazarra d'ensurdecer.

—Eu! Acompanhar-vos... Julgam acaso que entro em tavolagens?... Por Deus, que mocidade!... fazia um meneio, dois requebros e tornava:

— Nunca vos acompanharei...

— Perdão, senhor de Villa Nova, tornou D. Balthazar, d'esta vez com comica gravidade. Se acaso n'uma tavolagem qualquer rufião estivesse em perigo vós entrareis a levar-lhe o viatico... Mesmo se qualquer de nós o carecessemos n'este momento mas não o quizessemos receber senão no *veutral* irieis, senhor conde!...

Riam muito, soltavam brados de applauso, sem repararem em quatro homens vestidos de negro, que ouviam tudo, trocando olhares d'intelligencia, emquanto Villa Nova, nos seus requebros, saltitando, seguido pelo negro se affastava atirando-lhes em voz melliflua um epitheto:

— Vis hereges!...

Ora que pena... Só nos falta um, para um jogo de levar tudo adeante! exclamou Silva Menezes ao qual Jacob Mestral, respondeu logo:

— Ah! Se estivesss aqui o D. Ramiro de Noronha!

— A melhor cabeça, a melhor espada e o melhor copo do bando! tornou Silva Menezes.

E D. Balthazar volveu a accrescentar:

— Retido em casa pela espadeirada do maldito cadete...

— Do sacrilego! Que diria o Villa Nova.

— E a côrte toda...

— Mas quem será o miseravel? exclamou Mestral.

— D. Ramiro sabe apenas que é um cadete do regimento de Peniche... Viu-lhe a farda ao clarão da lua...

— Um cadête do regimento de Peniche... Oh! duplamente inimigo... Inimigos os regimentos do Caes e o de Peniche, inimigo o máldito que feriu o nosso camarada D. Ramiro...

— Deixa... Vingal-o-hemos! Agora á tavolagem!... bradou Silva Menezes, piscando os olhos, n'uma furia de jogo dada pelo começo da embriaguez.

Os quatros homens vestidos de negro encolhiam-se nos paredões do caes e sorriam de jubilo ao ouvirem a voz do cadete bradar á creadagem.

— Eh! Pára com tudo...

— E se o senhor conde de S. Lourenço, vosso pae, perguntar por V. ex.ª disse em tom respeitoso um servo de cabellos brancos:

— Dize-lhe meu velho Carlos que eu fui em busca d'aventuras para a sua collecção de anedoctas.

O criado sorriu e ía partir, porém n'este momento ouviu-se um ruido de vozes acompanhadas d'uma guitarra e um ultimo bote, aproou ao caes.

— Quem será esta gente?

— Oh! Plebeus que se divertem como fidalgos! fez com desdem D. Balthazar d'Athouguia ao ver saltar da embarcação dois homens do povo de grenhas hirsutas e caras rapadas segurando um d'elles o archote que illuminava um pequeno circulo emquanto o outro empunhava a guitarra.

Iam voltar as costas mas ao mesmo tempo repararam n'uma mulher vestida coma as ciganas e que mostrava as meias ao saitar

do bote sem acceitar os braços que um dos individuos lhe offerecia para se amparar.

Era alta bem feita, os seios tumidos, espetados no casabeque de tecido vivo, as saias chegavam-lhe a meio da perna e deixavam vêr um pé pequeno calçado em chinellinhas bordadas, trazia um lenço enrolado em volta da cabeça cujos cabellos negros caíam em tranças fortes pelos seus hombros. No rosto de linhas firmes e energicas brilhavam-lhe os grandes olhos negros de *maja* a bocca de desenho correcto e os labios grossos, sensuaes ao abrirem-se n'um sorriso para os que a conduziam, mostravam os dentes de uma grande alvura. Empunhava um pandeiro de grandes fitas multicolores, e ao vêr-se em terra, levantando a bella cabecita d'ave, n'um ar tresloucado, bradou:

— E agora até á vista seus barqueiros!

— Não queres que te acompanhemos a casa, Chiquita, perguntou em voz rude um d'elles.

E ella com desembaraço, volveu:

— Obrigado!... Preciso de vocês só no mar onde não posso andar pelo meu pé e em terra nas vezes em que os fidalgos que julgam ser *oregos todo o matto*, se atrevem em grande numero!... A um e um ainda posso com elles... E' uma corja amaricada! e a rapariga soltava argentina gargalhada falando na sua linguagem plebea deveras pittoresca.

— E se agora succedesse isso!... perguntou o barqueiro com cuidado.

— Deixa lá amigo Pio... O Joanico tem rijo o braço e póde correr meia duzia!

— Ah! Vaes ter com elle! ainda não te passou a paixoneta!

— Nem passa, isto é d'aqui!... e levava a mão ao peito n'um gesto graciosa, ao recordar-se do valente creado do conde d'Assumar.

Depois trocou a boa noute com os barqueiros e começou a caminhar com desembaraço no caes apesar da escuridão.

Os tres fidalgos trocaram um olhar d'intilligencia e Silva Menezes, murmurou:

— Que linda rapariga!

— E decidida! accrescentou Mestral.

— E se lhe furtassemos dois beijos!... insinuou D Balthazar.

— N'esse caso tres .. Um por cabeça!

— Exclamou de novo o filho do conde de S. Lourenço.

— Ou um por labios...

— N'esse caso seis!... Vamos a isso!

Dispunham-se a caminhar ao mesmo tempo que os homens escondidos no caes faziam movimento para os seguir.

Porém durante a conversação dos fidalgos aproava um outro bote d'onde saía um homem obero garridamente vestido e que relanceava olhares curiosos para todos os lados como se procurasse alguem. Ficou assim uns momentos applicando a vista e depois descobriu nas trevas o gracil vulto de cigana, pôz se em marcha no andar compassado e saltitante dos peraltas da epocha, dizendo para os homens do barco em voz desembaraçada:

— Vão para casa... Eu irei quando puder... Dizei ao senhor marquez de Angeja que fiquei no Convento das Salesias nos aposentos do padre Theodoro d'Almeida!

— Sim senhor vice-rei... disseram duas ou tres vozes, emquanto o personagam começava a caminhar em perseguição da cigana.

Os fidalgos trocaram um olhar e Silva Menezes, exclamou:

— Oh! O vice-rei do Algarve!

— E fica nas Salesias!

— Querem vêr que foi elle que raptou a monja! bradou Jacob Mestral com uma risada trocista, ao passo que D. Balthazar volvia:

— Elle! Só se raptar aquella gentil mulher que desembarcou ha pouco e que talvez não resista ao ouro de sua excellencia...

— O quê! Realmente o vice-rei irá em seguimento da cigana?

— Tenho a certeza!...

— Vamos analysar o amor de sua excellencia...

— E desistimos dos beijos...

— Por causa do forte do Junqueira, onde o senhor de Villa Verde nos metteria desde que falasse n'isso seu pae, o nobre prezidente do erario...

— O pequeno marquez d'Angeja successor do grande marquez de...

— De Pombal... tornou D. Balthazar a meia voz.

— Pschiu! O Sebastião José, na tua bocca é uma blasphemia!

— Na do Villa Nova seria caso para uma semana de jejum.

— E na do vice-rei do Algarve para tres ditas de improperios seguidos de outras tantas de penitencias...

Conversavam e íam atraz o vice-rei ao mesmo tempo que eram seguidos por seu turno pelos homens vestidos de negro, que diziam:

— Bella caçada d'herejes!

E com testemunho do conde de Villa Nova...

Ora mas sempre são fidalgos, e protegidos...

— Que tem?... Se fr. José do Rosario me disse que era necessario recobrar antigos poderes... Ora nada ha para isso como prender gente da côrte...

— Tens razão! assentiu uma voz; e ao mesmo tempo avançavam em seguimento dos fidalgos que não perdiam de vista o vice-rei.

Elle chegara á praça de Belem, relanceara um olhar e ficara um momento preplexo, depois parecera sobresaltar-se e dirigir-se animadamente com certo aprumo para o lado do largo onde a cigana parara.

A meia voz, o vice-rei, murmurou:

— Espera-me...

Elle era um homem alto, robusto, de grandes pernas arquedas, vestia sempre com a maior garridice, os olhos moviam-se rapidos ao falar, gesticulava a miudo e agora no monologo que encetara, o senhor vice-rei, fazia umas visagens n'um habito antigo e tinha a bocca constantemente cheia de saliva levando de quando em quando o lenço aos labios a enxugal-a. Caminhava para a cigana, muito ufano, a cabeça erguida, a cabelleira batendo-lhe nas costas, murmurando:

— Oh! Mas é deliciosa... E sem duvida vae acceitar tudo... Ao começo regeita-me, torna-se pudica, depois cahe nos meus braços... E será então uma excellente amante!... E que dirá a côrte?... As sécias morrem d'inveja de semelhante belleza quando a virem na Rua dos Condes no seu camarote... Oh! Ha-de vêr-se ao lado da condessa de Pombeiro... Para a encavacar... E o Lafões... Elle que tem a presumpção dos melhores boccados!... Oh! Comprar-lhe-hei uma anã preta...

Estava já a dois passos da cigana e os fidalgos analysavam-lhe

de longe os movimentos, ao passo que ella, como se não o tivesse visto, entrava na porta onde estivera espreitando ha momentos e volvia ainda um olhar para a rua.

O vice-rei teve um sorriso fatuo e disse:

— Hum... Conhece-me... não quer expôr-me na rua... Que discreta!

E rapidamente penetrou na porta atraz da cigana emquanto os fidalgos bradavam:

— Oh! Sua excellencia entra na tavolagem do Pedro Mestral... Podemos jogar descançados esta noute que os esbirros não nos visitarão!

Neste momento, vindo dos lados do pateo dos bichos, do palacio de Belem, appareceu um homem vestido na capa do corregedor de justiça e em seguimento do qual, com certo disfarce avançavam quatro vultos.

Este caminhava despreoccupado como se não desse por tal, porém de quando em quando volvia um olhar discreto para os seus preseguidores e murmurava:

— Cumpra-se a promessa do intendente... Agora é que vou para o ceu com passagem pelo carcere da Inquisição! Os outros não o perdiam de vista e á frente d'elles vinha aquelle individuo que na estrada de Queluz recebera ordens de fr. José do Rosario.

Jacintho Peres, o esbirro, tinha nos labios um sorriso satisfeito e ao vêr o corregedor internar-se no largo, disse para um dos homens:

— Vae ali ao regimento do Caes... Faz-te reconhecer como famulo do Santo Officio e requisita seis soldados!... e ao ver o outro affastar-se de corrida, murmurou:

— Foram seis homens que o maldito levou para prender o padre Cardoso... Ah! Quem com ferro mata com ferro morre!... Vamos merecer os elogios do senhor cardeal de Cunha!

E o corregedor como se não tivesse raparado n'elles entrou com grande aprumo na porta do Mestral ao mesmo tempo que os fidalgos a transpunham rindo muito da aventura do vice-rei á qual asseguravam assistir.

Os esbirros que os seguiam hesitaram em penetrar n'aquella casa de reputação de tavolagem equivoca e perigosa e ficaram se a alguma distancia contemplando a porta.

Foi então que os companheiros de Jacintho Peres se acercaram e ao reconhecerem os outros famulos, estenderam-lhe as mãos em signal d'amisade, emquanto um dos presentes, dizia:

— Ah! Mestre Jacintho Peres... Temos boa caçada... Nada menos que tres fidalgos que blasphemaram e com testemunho do conde de Villa Nova...

— Bem se trata agora d'isso... volveu o esbirro.

— Mas... titubeou o outro com admiração.

— Sim... Homens! Preciso de vocês para cousa mais importante...

— Então o quê?

— Prender o corregedor Lopes Cardoso!

— Um corregedor!

— O sacrilego cumplice do rapto da monja das Salescias, a sobrinha do senhor cardeal de Cunha!

Os outros soltaram um grito de pasmo e de alegria, dizendo de seguida:

— Vamos a elle!

— Esperem! Deixem vir os soldados que mandei buscar .. Porque em finura, raros se equiparam ao atheu do corregedor! Entrem para ali para o *Neutral;* e não o deixar saír sem o seguirem. Affastaram-se e foram postar-se no escuro do largo, emquanto o Jacintho Peres com os seus homens se mettiam sob os arcos de Belem vigiando a porta da tavolagem d'onde vinha um ruido enorme de violas tocando em *landuns* monotonos, á mistura com o berreiro das vozes avinhadas.

A ronda das ordenanças passava lentamente enviando olhares medrosos para todos os lados, de partazanas aos hombros, emquanto mestre Negraes passava nos dedos as suas contas, murmurando uma prece á Santa Maria de Belem.

Dos lados da Junqueira ritinía n'um tilintar compassado a campainha do sagrado viatico.

IX

O primeiro segredo

O conde d'Assumar, por aquella tarde alegre em que nos pinheiros da sua cêrca os melros assobiavam canções estridentes, deixara o barco e subira ao palacio dirigindo-se logo muito á pressa para o quarto habitado pelo antigo noviço cartuxo, o qual ainda guardava o leito.

Vasco de Miranda, ao vêr entrar o conde, teve um bello sorriso a illuminar-lhe a face pallida e interrogou com certa impaciencia:

— Então D. Pedro?

— Ah! Já me conheceis?... exclamou o conde com grande contentamento.

— Sim... parece que tive alguma febre...

— Delirastes... E foi lindo o começo do vosso delirio... Tinheis perdido as rosas que vos dera certa açafata... Vasco sobresaltou-se e exclamou:

— Ah! Sim recorda-me... Uma mulher linda como uma visão sobrenatural... Os cabellos uns raios d'ouro fulgido, os labios roseos os dentes perolas e a voz doce como o trinar do rouxinol nas balseiras...

— Ou como uma melodia de Jomelli cantada por Ferracuti ou pela Scarlatti, exclamou n'este momento uma voz á porta.

E o doente volvendo para aquelle lado o seu olhar cançado, disse:

— Sim, Gomes Freire! .. D'uma doçura embriagadora e deliciosa...

— Sois poeta, senhor cadete! exclamou n'este momento uma outra voz pelo menos tão doce como a que Vasco de Miranda evocava, e D. Elvira de Mendonça que acompanhava o noivo, apparecia e sorria com amizade ao ex-noviço, o qual se tornava vermelho e volvia:

— Sou novo e amo, gentil senhora! Ella sorria, apertava bem como Gomes Freire a mão do conde e a do cadete e continuava:

— Amaes? Oh! Deus vos dê felicidade no amor... A vida passasse de qualquer modo... Ricos ou pobres todos os seres vivem sob a protecção do ceu... Somos como as avesitas: umas têm os seus ninhos nos troncos frondosos das grandes arvores onde se entrelaçam os roseiraes debeis, outras apenas possuem umas palhas no alto de choupos desprovidos de folhas... E ellas vivem todas... Nós tambem assim podemos ser... Que importa a riqueza se o ceu abençôa um affecto, que valem as pompas se o coração canta harmonias suaves... N'um palacio, como n'uma cabana se póde sentir!

E' no sentimento que devemos desejar a felicidade... Por isso desejo venturas aos vossos amores! concluia ella com um olhar carinhoso, para o noivo que respondia:

— Assim é... quantas vezes não desejamos ser muito pobres e de muita humilde condição, só para que o mundo não perturbe os nossos affectos! Se nós, Elvira, fossemos do povo, ninguem poria obstaculos á nossa união, teriamos formado um lar, gosado uma vida de amor embora de lucta se impozesse! Seria então a lucta pela manutenção da existencia, para ganhar o pão de cada dia com esforços embora sobrehumanos logo esquecidos, logo compensados com um beijo, com uma caricia...

— E assim, meu amigo ainda terás egual felicidade... consolou o conde d'Assumar, continuando:

— Deves partir o mais breve possivel a encontrares tua mãe, a solicitares a sua benção para a união com D. Elvira... Depois apresentar-lhe-has a tua noiva e d'ahi em diante, a vida decorrerá sem uma nuvem.

— Conde: Julga isso?! exclamou a subitas a joven, tomada de um contentamento que durou pouco, pois accrescentou:

— E não sei o que me advinha o coração! Umas vezes julgo tudo isso possivel, outras receio...

— Mas o quê?... Que podes receiar! minha mãe é uma santa...

— Amar-te-ha tanto como eu, serás para ella a filha estremecida, cheia de carinhos, de affectos, amada n'uns transportes susceptives da sua grande alma...

— Pois sim... Vejo ás vezes as cousas d'esse modo... Mas outras... Entre receios penso que ha quasi duas semanas que o teu creado partiu e ainda não voltou com a benção de tua mãe para o nosso enlace... e a sobrinha do cardeal levava o lenço aos olhos a enxugar as lagrimas.

Gomes Freire fez-se pallido, ficou pensativo alguns momentos e depois volveu:

— Receio que lhe tenha succedido algum desastre... Tudo se deve esperar n'estes tempos!... Por isso vou eu proprio sollicitar de minha mãe o seu consentimento... Partirei hoje mesmo...

— Oh! Partir... Deixar-me-has aqui! meu Deus!... Quanto vou soffrer...

— E' necessario, bem o deves comprehender. Que queres se a vida é toda d'imprevistos! Para demais ficarás entregue aos meus dois amigos... Não te abandonarão!... Depois voltarei breve...

Não lhe respondeu, pareceu antever uma grande desgraça e ficou chorando, emquanto D. Pedro e Vasco de Miranda, exclamavam:

— Seremos para vossa excellencia como dois dedicados irmãos.

Então o cadete, com uma resolução firme, n'um tom que lhe era peculiar, disse:

— Partirei esta noute... Porém antes, tenho umas revelações a ouvir do senhor Vasco de Miranda...

O ex-noviço, estremeceu e de seguida disse:

— Oh! E ha muito que as devia ter feito... São cousas muito graves... mas o meu estado febril não m'o premettia...

— Mesmo no delirio, tinheis palavras que pareciam pungir-vos... Dir-se-hia que quereis salvar alguem! bradou Assumar.

— Oh! Talvez!... Ouvi, cousas que me íam custando a vida... E' esse o meu primeiro segredo...

— Ah! Mas antes d'isso deixae-me tambem calar a vossa impaciencia! atalhou o conde, dizendo-lhe:

— Sabei que estaes dispensado dos vossos votos simples... São cousas da que vos podia livrar um simples arcebispo! E o prior do vosso convento d'isso se encarregou...

— Mas como o sabeis?

— Vi uma carta dirigida ao dom prior, julguei tratar-se de alguma missão melindrosa de que tivesseis sido encarregado e como estaveis muito doente partí a desempenhar eu mesmo a commissão.

— E o que dizia a carta? perguntou muito apressado o novo militar.

— Ordenava ao dom prior que vos deixasse livre e vos dispensasse da assistencia do convento, e das promessas, visto não terdes votos formaes, declarando ao mesmo tempo a vossa nova profissão... E sois muito protegido Vasco de Miranda, porque a carta era toda do proprio punho de sua magestade...

— Oh! Que poder tem o arcebispo! murmurou o cadete.

— E' elle o vosso protector? interrogou n'um impeto Gomes Freire, como se uma rapida ideia lhe atravessasse o cerebro.

— Sim é..., retorquio o joven, julgando na realiadade dever todos esses obsequios ao confessor da rainha. O conde continuava, com alegria:

— O D. Prior sorriu ao lêr a carta, enviou-vos a sua benção e desejou-vos felicidades... Partí e soube no regimento do vosso entado... Procurei o marquez das Minas, amigo de meu pae e solicitei para vós tres mezes de licença depois de lhe contar o vosso estado...

— Oh! Como vos agradeço D. Pedro, disse o joven estendendo-lhe a mão que o fidaigo apertou, dizendo:

— Era justo... Fui o culpado do vosso estado...

— Bem... Agora é a minha vez de calar a vossa impaciencia! exclamou o ex-noviço dirigindo-se aos presentes que tomaram logar nas poltronas do quarto, emquanto elle dizia:

— Porém antes de tudo, preciso contar-vos uma pequena historia.

— A vossa? interrogou Gomes Freire, em tom amigo.

— Sim, camaradas. A minha historia.

Ficaram-se silenciosos a ouvir o cadete que em voz doce, os olhos cerrados a invocar recordações, murmurava:

— Eu sou filho segundo d'uma pequena casa fidalga... Meu

pae serviu sempre com dedicação o marquez de Pombal a quem devia alguns beneficios, e logo após o desterro do grande ministro, viu-se obrigado a sahir da côrte onde pouca figura fazia attendendo aos seus diminutos haveres... Ensinara-me a respeitar esse vulto grandioso que soubera impôr o nome portuguez ás outras nações. Porem meu irmão detestava o ministro... Chamava-o revolucionario e ao vel-o decahido rejubilou. Geraldo de Miranda, meu irmão, é capitão do regimento d'Olivença, sahiu de casa depois d'uma grave questão com meu pae e odiando-me mortalmente em vista das minhas ideias concentanear com as do nosso progenitor... E então, receiosos pelo meu futuro em virtude das desintelligencias havidas com o que seria chefe da casa, temendo que levasse o seu odio a ponto de me negar os meiosde subsistencia, fizeram-me noviço dos cartuxos, tornando-me frade já que não podiam comprar-me uma patente...

— Ah! Nunca tivesteis vocação... murmurou D. Pedro com certa alegria.

— Não... Dias depois de estar no convento odiava mortalmente todos aquelles espectros que se passeavam nos claustros entregues ás suas locubrações pallidos, enfezados estudando muito, porque apesar do que dizem, os cartuxos de Caxias tem entre si grandes intelligencias. O meu companheiro era D. Ray-mundo de Niza, um fidalgo que professou por questões d'amores e com o qual sympathisei logo de começo... Fr. Affonso de S. Lucas, é este o seu nome religioso, contava-me as suas maguas e em troca narrava-lhe as minhas, além á sombra dos copados arvoredos, onde corria a agua da fonte do marmore; e eu mettido no meu habito, entalado entre as paredes do convento, sentia um desejo louco de liberdade.

Então D. Raymundo, um dia disse-me:

— Escute Antonio de Purificação era este o meu appellido religioso, porque não vae falar ao arcebispo de Thessalonica, confessor da rainha?!

Podia recommendal-o a alguem porém não o farei... O arcebispo despresa mortalmente os nobres e se alguma predilecção tem eu a desconheço... Para demais estou desligado de tudo e não convem lembrar-me que existi sobre outro nome e em outra condicção. Ide só... Pedi para lhe fallar e supplicae-lhe que vos deixe sen-

tar praça de soldado! D'ahi ireis subindo e como sois fidalgo logo que juntardes dinheiro podereis comprar a vossa patente...

— Sorriu-me a ideia e parti... Cheguei ao paço de Queluz com o coração oppresso, pedi que me ensinassem os aposentos do arcebispo e riram-se ante um frade que fazia semelhante pergunta, pois o confessor é a pessoa mais procurada na côrte...

— Ah! E recebe-vos? interrogou D. Elvira deveras interessada na historia.

— Sim, minha senhora; preferindo-me até a um famulo da inquisição, certo frade rotundo e alvar, de nome fr. José do Rosario...

— Oh! A alma negra de Santo Officio! Que andaria elle meditando?

— Ia solicitar do inquisidor uma ordem de prisão... respondeu logo o cadete, olhando-os com insistencia.

— Ah! Para um corregedor, accusado de cumplicidade n'um rapto...

— N'um rapto? perguntou Gomes Freire, erguendo-se rapidamente emquanto D. Elvira collocava a mão ns seio arquejante.

— Sim... N'um rapto d'uma gentil monja do convento das Salesias... Era isto o que tinha a dizer-vos! exclamou elle com grande pressa emquanto, a sobrinha do cardeal bradava:

— Oh! Meu Deus! Meu Deus! Eu bem te dissera, Gomes Freire! Estamos perdidos...

— Mas como? Estás louca! Não vês que se trata d'um corregedor!

— Mas fale... fale... Vasco... Peço que lhe digas tudo. E era apenas ao corregedor que iam prender?

— Sim minha senhora, pois ignoravam o que eu sei desde ha tres dias, isto é o nome dos heroicos mancebos que a côrte alcunha de sacrilegos.

— Mas explique-se Vasco... Que tinha a vêr no caso o pobre corregedor que assim incorreu nas íras de fr. José? perguntou Gomes Freire, com grande raiva.

— Ora... E' alguem de quem se querem vêr livres... murmurou D. Pedro.

— Não, senhor conde... Parece que esse tal corregedor vos deixara fugir e só quando viu cahido D. Ramiro é que avançou com

— Peço-te que não partas...

a ronda das ordedanças... Até me lembro que quem fez estas declarações ao marquez d'Angeja foi um tal mestre Negraes capitão das rondas...

— Ah! O pasteleiro dos arcos de Belem... disse o conde.

— Parece que sim... assentiu Nasco.

— Mas a que deveriamos nós essa complacencencia do corregedor? interrogou Gomes Freire, cada vez mais meditativo, emquanto D. Elvira, dizia sempre receosa:

— Mas não falaram em mais ninguem? Diga, Vasco, peço-lhe que diga a verdade inteira...

— Não, minha senhora... Juro-vos... Pois se até o fr. José do Rosario, disse que esperavam saber o nome dos raptores pelo corregedor ao qual chamavam cumplice.

— Oh! D. Pedro... E saberá elle os vossos nomes? interrogou a donzella cada vez mais palida.

— Não creio... Do contrario já teriamos sido chamados...

— Tambem o julgo assim... Porém posso affirmar-vos ter ouvido esta conversa entre fr. José e o arcebispo que dizia interessar-se bastante a soberana na descoberta d'este caso...

— Oh! Estamos perdidos! Oh! Gomes fujamos hoje mesmo... Isto é honroso!... supplicou D. Elvira, com os olhos marejados de lagrimas.

— Não Elvira... Não desistireis do meu proposito, perdôa... O meu creado não voltou ainda de casa de minha familia... E' necessario que eu parta... Não quero demorar a nossa união.

Tu, boa e estremecida amiga, ficarás entregue á guarda dos meus dois valentes camaradas... D. Pedro de Portugal e Vasco de Miranda... E nada receis por mim... Voltarei e brevemente serás minha esposa...

— Oh! Peço-te que não partas... Supplico-te!... disse ella cada vez mais tremula.

— Perdoa... mas irei... Não posso realisar o nosso casamento!

Tudo quanto se passou e que Vasco ouviu em cousa alguma nos toca... Não vi nenhum corregedor e como sabes a ronda só chegou quando entravamos na sege... Por consequencia, descança como ha pouco e tem confiança em mim... Apenas uns dias e depois a felicidade d'uma vida inteira.

Calou-se e abracou-a. A joven estremeceu, enxugou as ia-

grimas e ficou n'uma attitude melancholica ao ouvir Vasco continuar:

— Julgo que fr. José do Rosario faria vingar alguem o facto, talvez a pedido do cardeal, prende o corregedor... Elle não vos conhece e ficareis livres... Foi o que vos revelei, o principal motivo de querer entrar na vosso segredo, cuja responsaailidade espero que partilheis commigo.

— Assim será, já que tanto o desejais! exclamou D. Pedro.

— E que bem o soubesteis merecer accrescentou Gomes Freire com um sorriso.

Porém, Vcsco continuava: Agora resta-me dizer-vos porque simples acaso travamos conhecimento.

— Ah! melhor de que vós o sei eu! respondeu logo o conde de Assumar.

O vosso barco voltou-se, e Joanico conseguiu salvar-vos; depois ouvisteis a nossa conversa. Eis tudo... Devemos o nosso conhecimento á tempestade.

— Enganai-vos!

— Como? Pois não foi ella que vos fez naufragar?

— Devemos as nossas relações a um homem que me odeia, e ao qual farei todo o mal possivel! bradou o cadete erguendo-se no leito e dardejando um subito olhar de colera.

— Mas quem é? Basta ter contribuido para a nossa amizade para que lhe perdoes.

— Não... Elle mostra-se tambem vosso inimigo apesar de não vos conhecer...

— Mas de quem se trata? interrogou Gomes Freire.

— De fr. José do Rosario... volveu tranquillamente Vasco de Miranda.

— Elle? Mas como?

— Eu vos conto... Ao sahir do palacio de Queluz, dirigi-me á Ajuda e d'ahi ao caes de Belem no intuito de tomar uma embarcação que me conduzisse ao convento... A noute estava tempestuosa e esperei alguns momentos lamentando não ter tomado outro caminho...

Porém o meu desejo era chegar de manhã ao convento e não voltar mais... Tomei o caminho mais comprido, n'esse intuito e cheguei ao caes...

Já desesperava de encontrar barco, quando um individuo vestido de negro e que reconheceria entre mil, se me dirigiu dizendo:

— Aguardais uma embarcação, reverendo?

— Sim, cavalheiro, respondi-lhe na melhor boa fé julgando vêr nos seus labios um sorriso ironico, e perguntando-lhe logo:

— Porque tal riso?

— Ah! E' que os barcos com este tempo não se aventuram ao mar... Aqui estou eu, que pagava bem a quem me levasse a Oeiras!

— Como por encanto appareceu um barco tripulado por dois homens de má catadura e um d'elles bradou:

— Cá está o barco... Se queresi gastar seis cruzados, levalos-hemos!

Então o individuo, sorrindo-se para mim, n'um ar amavel offereceu:

— Se quereis ír até ao convento! E para os homens, exclamou:

— Doze, mas é necessario levar este bom cartuxo a Caxias.

Accederam e partimos. A noute cahia e o barco trepava nas cristas das ondas sem que o menor signal de terror invadisse os remadores que se esforçavam a vencer os elementos em desordem.

O personagem sentara-se a meu lado e cahira n'um grande silencio desde Ribamar onde se ergue o convento e em frente do qual se descobriu... Depois reclinou-se á prôa e ao chegar lá baixo perto da Gibalta, vi que os homens deixavam de remar e que o desconhecido soltava uma gargalhada.

Ia interrogal o porém senti-me agarrado pelos homens e atirado ás ondas emquanto a voz escarminha do miseravel perguntava:

— Ah! Agora fr. José póde estar socegado... Ninguem prevenirá o corregedor da sua prisão, Boa noute cartuxo!...

Os remadores, sem duvida seus cumplices riram tambem e eu n'um esforço desesperado agarrei-me á borda do barco que se virou em virtude dos dois homens se terem lançado á agua logo ao primeiro movimento que fiz para saltar de novo para a embarcação... E o miseravel lançou-se tambem ás ondas deixando-me agarrado á quilha do barco ouvindo-o ainda dizer:

— Não sabe nadar... Estamos salvos!... E depois perderam-se na praia ao mesmo tempo que eu era levado para longe quasi desmaiado mal agarrado á quilha do fragil barquinho... Foi então

que me salvasteis... que vim para aqui... que escutei o vosso segredo o qual me ía custando tão caro como o do fr. José...

— Ah! Miseravel padre! gritaram a um tempo, Assumar e Gomes Freire, ao passo que Vasco de Miranda, dizia:

— Desde então fiz dois juramentos que hei-de cumprir á risca.

— Quaes foram? interrogaram elles.

— Vingar-me de fr. José do Rosario, de fr. bojudo, como lhe chamou o bobo da rainha... Sim vingar-me d'elle como um turco e...

— E!...

— E aprender a nadar como um peixe!... replicou elle com uma gargalhada alegre.

Gomes Freire, ergueu-se e offereceu o braço a D. Elvira, depois olhou o seu novo camarada e em voz tranquila disse:

— Mais do que nunca careço de partir... Todos esses acontecimentos dispõe-me á felecidade... Tenho a certeza d'ella... Ignoram quem raptou Elvira e não o saberão facilmente... Depois casar-nos-hemos na provincia e ficarás entregue á minha santa mãe... Vasco, até á volta... Partirei hoje mesmo... Adeus D. Pedro!...

Caíu-lhe nos braços e muito baixinho, murmurou:

— Velem por ella...

E ao abraçar Vasco repetiu-lhe o seu pedido e sahiu com a noiva que chorava desesperadamente, murmurando:

— Oh! Não partas... não partas... O coração advinha-me uma desgraça!... Consolava-a com doces palavras que ella não queria ouvir, cada vez mais firme no seu proposito do partir, desejoso d'essa felicidade para a qual carecia a benção de sua mãe.

O conde e o ex-noviço, tinham ficado no quarto e o fidalgo, dizia:

— Não sei porque... Mas parece-me que esta aventnra vae acabar mal!

E o ex-noviço, recostando-se nos almofadões volveu:

— Nada acaba mal quando se é novo... E para demais quando se é cadete d'um bello regimento!...

X

O «Neutral» de Belem

A cigana penetrava na sala baixa do café, rodeada de mesas sujas sobre as quaes havia picheis de vinho e botelhas de aguardente, bebidas com grande satisfação pelos homens de mau aspecto e ruim catadura que jogavam os dados na mais infrene tavolagem.

Appareciam jaquetes, cintas de bolieiros e camisolas de barqueiros, cabelleiras safadas, braços que se erguiam, chapeus de feitios exquisitos, tudo n'uma confusão extranha, emquanto lá ao fundo por detraz d'um mesquinho balcão o Pedro do *Neutral*, o dono da locanda, magro, enfezado, bilioso, os labios n'um riso continuo, ladeado por dois robustos creados, ia enchendo picheis que os moços conduziam ás mezas, onde se jogava e se fazia alarido, ao som de violas gemebundas e de vozes alcoolicas cantando modinhas.

O vice-rei, ficara parado á entrada da baiuca ao ver a joven que procurava alguem com a vista, e depois como ella relanceava um olhar para o seu lado, toda a impressão d'aquelle antro se lhe dissipou e foi sentar-se tambem, na unica mesa no sitio mais escuro, como confundido ante todos aquelles ruidos, desencontrados.

N'uma mesa collocada ao centro da casa e rodeada de matulões, gente da maruja, e da mais infima ralé, era onde se jogava

com mais furia fazendo-se saltar os dados, trocando-se ditos, entrando em disputas que passariam a factos se o *Nentral* n'uma vozita aflautada, não se acercasse logo, guinchando:

— Então pequenos... lembrem-se de mim... Que diriam os da policia se em minha casa se fizessem dispauterios. . Na rua matem-se á vontade!

E na andadura medida a imitar os fidalgos da epocha, elle com o seu arsinho mellifulo d'antigo leigo, voltava para o seu logar.

Os fidalgos tinham penetrado em seguimento do vice-rei e sentavam-se a uma das mesas, esboçando sorrisos ao verem a cara do grande personagem que não se atrevia a levantar-se do seu canto temendo despertar as attenções.

Agora toda aquella gente ao vêr a cigana parava de jogar como por encanto, as conversações serenavam e bradavam-lhe:

— Eh! Chiquita!... Viva a Chiquita!

— Vá lá uma gotta!

— Anda para aqui!...

Todos lhe accenavam, chamavam-n'a com alegria, alguns acercavam-se d'ella em grande intimidade, ao passo que a rapariga, sorria, tinha para elles uns ditos, e continuava procurar alguem com o olhar.

— A pequena está bem relacionada... murmurou Jacob Mestral, com um sorriso ironico:

— Vae agora dar-lhe um beijo, D. Balthazar!... exclamou Silva Menezes, dirigindo-se ao companheiro, que volveu:

— Antes o tentasse n'uma egreja!... Isto é gente dos demonios...

— Mas parece que ella procura alguem!...

— Naturalmente o vice-rei... disse um dos fidalgos, a rir.

E o personagem parecia tambem julgal-o porque continava a fixal-a com insistencia desejoso de travar conversação.

Ella dirigiu-se em voz baixa a um dos homens e interrogou:

— Não viram o Joannico?

— Não deve tardar... Foi a Marvilla com o amo...

— Com o novo!... interrogava Chiquita.

— Não, com o marquez d'Alorna, o pae do conde d'Assumar...

— Ah! E' esse senhor que é muito amigo d'elle...

— E' o que lhe dá cruzados porque segundo me parece, elle o ajuda nas aventuras! replicou o homem n'um sorriso.

— E' possivel, Alvaro... E' possivel. Bem sabes da coragem do Joannico!

— Chiquita! Chiquita! gritaram d'uma mesa. Anda cá, toma uma gotta e canta uma das tuas...

Não se fez rogada, os olhos luziram-lhe e a bella cigana approximou-se da mesa, esvasiou um pichel e bradou:

— Atira lá um *landum*...

A viola soou n'aquella musica indolente, ante o silencio do café, cujos frequentadores rodearam a cigana.

Foi n'este momento que o corregedor entrou, embrulhado na sua capa e foi tomar logar n'uma mesa proxima da do vice-rei, murmurando:

— Aqui nem o rei dos esbirros me deita a unha!

A Chiquita de mãos nas ancas, a garganta a apparecer-lhe no decote da casaquinha, os olhos brilhantes, a bella cabeça deitada para traz, requebrava-se n'umas osçillações lentas e languidas, mechendo o tronco, os labios entre-abertos, toda d'uma voluptuosidade felina e cantava acompanhando o instrumento por entre os olhares lubricos de toda aquella extranha assembléa:

Ai! Ai! Já não ha quem queira
Ai! Ai! Já não ha quem queira
Ganhar um vintem
Levar a Chiquita
P'ras bandas d'além

E ia sempre nos seus requebros, enthusiasmada, deveras formosa assim com a cabeça inclinada para traz, os seios turgidos quasi saltaram-lhe do decote, n'um ar de ribalda, fazendo ouvir a sua voz meiga e d'uma languidez extranha.

O vice-rei, muito pallido, os olhos despedindo clarões libidinosos sentia-se attrahido cada vez mais para essa mulher, parecia como louco, sacudido nos seus desejos ardentes.

O corregedor pedira um pichel de vinho e o Pedro Neutral, viera muito obsequiador, com o barrete na mão, exclamando:

— Oh! v. sr.ª senhor corregedor dignou-se visitar esta sua casa...

— Sim, Pedro... Espero uma pessoa...

— Ah! Julgo que não terá aqui a exercer a acção da lei... disse o dono da locanda nas suas fallinhas mansas, um pouco assustado.

O corregedor fazia-lhe um signal para que tomasse logar á sua mesa e dizia-lhe:

— Pedro... A tua casa não tem outra sahida?

— Mas não, senhor corregedor!

— Garantes-me isso sobre juramento?

Elle fez-se livido e tornou:

— Mas... Mas... v. sr.ª vem prender alguem?

— Não... replicou elle, lembrando-se de sua extranha situação e comprehendendo agora muito bem as ancias dos desgraçados que perseguira mais d'uma vez.

— Então...

— Sou eu mesmo que preciso sahir sem que me vejam...

— Lastimo, senhor corregedor, mas não tenho outra porta no meu estabelecimento... Por Santa Quiteria de Méca, minha protectora, o juro...

Lopes Cardoso, fez um gesto de raiva e de seguida disse:

— Que tolo sois, mestre Neutral!... Uma casa da ordem da vossa, sujeita a visitas da policia e dos esbirros, deve ter quanto mais não seja am subterraneo...

O locandeiro encarou-o espantado e murmurou:

— Mas senhor corregedor... v. sr.ª é quem m'o diz...

— Extranhal-o hein!...

— Sim, senhor corregedor!

— Ah! E' que tu não sabes quanto sou teu amigo... E lastimo não ser um dia corregedor effectivo de Belem porque a tua casa jámais seria incommodada...

— Favores... favores... tornou com humildade o Neutral.

Em torno a Chiquita cantava sempre, ouviam-se palmas, os copos despejavam-se e a gentil cigana, alegre e saltitando, ria e folgava, cheia d'applausos, olhando de quando em quando a porta.

O Neutral dirigia-se ainda ao corregedor em voz muito baixa:

— V. sr.ª, conhece aquelle fidalgo que ali está... e n'um revirar d'olhos indicava o vice-rei.

Lopes Cardoso, olhou-o e fez um gesto d'admiração ao reco-

nhecel-o, passou a mão pelos olhos como se temesse enganar-se e murmurou.

— Mas não estou enganado, não... E' o vice-rei!... Que demonio virá elle aqui fazer?

— O vice-rei? interrogou o Neutral cheio de espanto.

— Sim, mestre Neutral, o vice-rei do Algarve está em vossa casa!

— Oh! E eu que não sabia... Vou já offerecer-lhe a minha sala... Agora tão alto personagem aqui n'esta espelunca!

— Não façaes isso, mestre Neutral, aconselhou o corregedor, com os olhos brilhantes de contentamento ante uma ideia que lhe viéra a subitas, ao recordar-se dos esbirros que o perseguiam.

— E porque, senhor corregedor? interrogou o locandeiro, cheio de admiração.

— Porque, sua excellencia, não ficaria contente de ser reconhecido n'esta companhia...

Mas não comprehendo... não comprehendo o que vem aqui fazer!

— Eu vos digo... Julgo que sua excellencia veiu em seguimento da Chiquita.

— Ah! Deve ser isso!

— E alem aquelles fidalgos parece que o guardam... e o Neutral apontava a mesa onde D. Balthazar d'Atouguia e os companheiros se encontravam.

— Diabo! rosnou entre dentes, o corregedor.

— Ah! A minha casa vae-se afreguezando... Com mil bombas! Belem, tornou-se um sitio d'aventuras! exclamava o Neutral, radiante.

— Sim... E algumas de tal ordem que conduzem á Inquisição e quem sabe se á forca!

— Crédo!... murmurou o dono da casa, com os olhos espantados e benzendo-se devotamente.

— Já vos disse...

— Só quando são aventuras d'aquellas das Salesias... Sacrilegos... Ah! E' verdade, senhor corregedor, e ainda não descobriram os herejes?

Lopes Cardoso, fez-se pallido, esboçou um sorriso contrafeito e volveu:

— Elles julgam que os têm debaixo d'olho... Pelo menos um...

Mas enganam-se...

— Ah! v. sr.ª conhece-os?

— Mas quem lhe disse isso, seu taberneiro d'uma figa?! bradou o corregedor n'um sobresalto.

— Quem... Mas se v. sr.ª diz que se enganaram... E' porque...

— Irra!... E' porque desconfio, sabe?

— Ah!...

— E julgo mais que elles se encontram aqui... tornou Lopes Cardoso a disfarçar as suspeitas que recahiam sobre elle.

— Aqui? perguntou o locandeiro n'um espasmo.

— Sim senhor!... Aqui mesmo! affirmou elle, deveras contente ao ver o terror estampado no rosto do pobre homem, que murmurava:

— Olhe! E v. sr.ª vem para os prender... Oh! senhor corregedor, pela Virgem lhe peço que os prenda na rua... Sacrilegos em minha casa! Mas isso importará a minha ruina!... Disse ha pouco que era meu amigo...

O corregedor ficava meditabundo como se pensasse em tirar partido de situação e depois, com um sorrisso fino, volveu:

— E sou... Quero até provar-lh'o mestre Neutral!...

— Como... como?... A's ordens de v. sr.ª senhor corregedor...

— Sabe que se fôr o proprio a denuncial-os receberá uma recompensa e a sua casa será tida por respeitavel e talvez até mereça a protecção do sr. intendente!

— Ah! Sei-o bem... Muito bem o sei...

— N'esse caso porque não denuncia os sacrilegos?...

— Eu?... Mas dava tudo para os conhecer... Oh! tudo!... dizia elle com grande commoção.

O corregedor pensou durante uns momentos, sorriu, tomou um ar grave e começou:

— Que daria a quem lh'os indicasse?...

— Mas já disse a v. sr.ª... Tudo quanto podesse...

— Pois eu descobri esses miseraveis e estou disposto a dizer que foi o senhor quem m'os indicou...

— Receberá a sua recompensa, a sua casa não será incommodada, e ficaremos amigos...

— Mas e porque! V. Sr.ª podia receber sósinho a recompensa! tornou o outro a rir, concluindo:

— V. Sr.ª diverte-se...

— Engana-se, falo a verdade!... Já sabe que nós outros, homens de justiça não temos recompensa alguma quando descobrimos criminosos... Dizem a isso que o nosso officio...

— Ah! Tem razão...

— Mas não lh'a dou eu!... exclamou o habil Lopes Cardoso com bem fingida indignação e olhando a porta onde esperava vêr os esbirros a todos os momentos para o prenderem.

O locandeiro ante aquelle ar do interlocutor, tornou-se humilde e volveu:

— Sim... Quero dizer...

— Quer dizer?... Que o governo de sua magestade, trata melhor os mercadores que a nós homens da lei... Se descubro um criminoso não me gratificam... se o não descubro, castigam-me... Emquanto que se o mestre Neutral, lançar as suas vistas sobre um patife recebe boa esportula... Acha justo?

— Como v. sr.ª entender... Mas senhor corregedor, não quer um copo de vinho de Companhia?

— Acceito, mestre Neutral, com a condição de beber á minha saude e ao exito certo da nossa combinação...

— Que honra!... Que grande honra!... E o corregedor radiante, via que o locandeiro estava ainda mais radiante, e esfregava as mãos sentindo ali a maneira habil de fugir aos perseguidores.

D'ahi a minutos, Neutral voltava com a garrafa e dois copos, hesitava em tomar o seu logar em face do Lopes Cardoso, que com o melhor dos seus sorrisos dizia:

— Sente-se... sente-se...

Enchia os copos e levava o seu á bocca esvasiando-o, com um alegre estalido de lingua, dizendo:

— Bella pinga, mestre... Vá bebei! Em torno ouviam-se sempre os mesmos applausos á cigana para a qual os fidalgos tinham sorrisos e o vice-rei olhava da mais brutal concuspicencia, fixando-a desvanecido.

O corregedor lançou um olhar cheio de scentelhas para os lados e disse a meia voz para mestre Neutral:

— Ouça pois... Diante do que me disse, comprehende bem

que á nós outros não convem nunca descobrir criminosos de importancia...

— Certamente... certamente...

— Por isso costumamos encarregar alguem de fazer as denuncias, recebendo metade da quantia que o senhor intendente ou o governo estipulam...

— Ah! Agora comprehendo!... Agora comprehendo! bradou o outro cheio de jubilo.

— Acceita? interrogou á pressa, o corregedor.

— Com o maior reconhecimento.

— N'esse caso vá denunciar aquelles fidalgos... e o corregedor que tinha o seu plano para se evadir, apontava os tres homens sentados á mesa e que tinham pedido dados, agora que a Chiquita terminava as suas canções e ficava n'um ar melancholico a olhar a porta.

— Ah! São elles... E são caras desconhecidas...

— São fidalgos... Pode dizer que ouviu uma conversa acerca de...

N'este momento D. Balthazar d'Athouguia, atirava os dados e exclamava:

— Seis... Maldito seis... Fui mais feliz outro dia com o jogo de Ramiro de Noronha!

O locandeiro deu um pulo, e o proprio corregedor ficou pallido murmurando:

— Serão elles? e logo com sorriso, monologou:

— Seja o que fôr, não tenho vontade nenhuma de ir hoje até á Inquisição e embora os apontasse não escaparia. O cardeal tem-me vontade... E depois não serão apenas conhecidos, até amigos?!... Nada; vou seguir o meu jogo... e em voz alta, disse:

— Vê, mestre, ouve...

— Ah! São elles... Falaram de D. Ramiro, do pobre fidalgo ferido...

— Corra mestre... Vá denuncial-os, insistiu muito á pressa o corregedor.

— Mas onde?... A estas horas?...

— A' Inquisição ou antes aos esbirros...

Subito soou uma voz á porta e appareceu um homem novo, vestido com garridice n'um bello trajo que ajustava bem á sua es-

tatura elegante. A cigana ao vel-o levantou-se, correu para elle de braços abertos, enlaçou-o além junto á porta exclamando:

— Oh! Joannico!... Joannico!

O vice-rei volveu para o recemchegado um olhar d'odio, rancoroso, cerrou as mãos e ficou-se a analysal-o cheio de raiva, emquanto D. Balthazar dizia para os companheiros:

— Sabem o que lhes digo? E' que não queria por cousa alguma do mundo estar na pelle d'aquelle rapaz...

— Nem eu!... exclamaram os outros a um tempo, recordando-se do grande poder do vice-rei e vendo a fórma porque elle continuava a olhar o crado d'Assumar, o qual dizia com certo terror alcançando a cigana:

— Que se passaria no vosso café mestre Neutral para que os esbirros da Inquisição estejam á vossa porta!

— Os esbirros!... gritaram todos com grande susto ao recordarem-se do tribunal do Santo Officio.

Apenas os fidalgos tiveram um sorriso, dizendo:

— Nós estamos livres... Basta ali estar o vice-rei!...

Porém até o proprio personagem estremecera ao lembrar-se que teria de declarar a sua alta cathegoria a semelhante gente que bem se encarregaria de espalhar a sua insistencia n'esse logar suspeito. E então, como se não se importasse já com a cigana, o corpulento personagem lançou em volta um olhar desanimado.

O corregedor muito pallido, em frente do Neutral, dizia-lhe:

— Vá... vá... Elles não vêem sós com certeza... Não se trata d'uma ronda das ordenanças que se põe em debandada... Salvae a nossa casa e recebereis ámanhã o dinheiro da intendencia... Ide denunciar os fidalgos!...

— Eu vou... eu vou... murmurou o Neutral como louco, correndo para a porta, emquanto os outros ficavam paralysados, á excepção do vice-rei que se erguera e se dirigia para a mesa de Lopes Cardoso, que se levantava cheio de espanto e levava a mão ao chapéu com grande respeito:

— Sois corregedor do crime, não é assim? interrogou o personagem em voz grave.

— Sim, excellentissimo senhor... volveu elle com a maior deferencia...

— Conheceis-me?

— Tenho essa honra, senhor vice-rei!

Elle levou o lenço aos labios a enxugar a saliva que borbulhava e de seguida, murmurou:

— Pois eu preciso sahir d'aqui sem ser reconhecido pelos famulos que ámanhã se encarregariam de espalhar a minha presença n'este local...

D'esta vez, o pobre corregedor fez-se livido ante a idéa do vice-rei, que continuava:

— Comprehendeis que não posso ir dizer a minha qualidade a essa gente... Um corregedor do crime póde saber das aventuras d'um fidalgo como eu... Mas esbirros nem as devem suspeitar!...

— Porém, excellencia, que desejaes... Estou ás vossas ordens!... tornou elle muito tremulo sentindo-se perdido.

— Que digaes a esses esbirros que me deixem passar!

— Mas senhor... E' a gente da Inquisição... Eu mando apenas nas rondas... O Santo Officio só obedece aos seus famulos...

Agora o vice-rei tornava-se pallido tambem e depois batendo com a larga mão na testa, bradou:

— Porém espero que o Santo Officio não prenderá um corregedor!...

Lopes Cardoso, tornou-se livido ante aquellas palavras, ao lembrar-se que na realidade eram apenas esses os intuitos dos esbirros.

Mas o vice-rei, continuava:

— Com as cousas como estão, qualquer fidalgo desde que não declare o seu valimento é preso, mas um homem de justiça, nunca. Por conseguinte...

— O que? Senhor... murmurou o homem de justiça sem vêr o alcance das palavras do vice rei.

— Eu sou o corregedor!... E vós arranjae-vos... Ámanhã declararei a vossa posição e eu mesmo vos porei em liberdade...

— Mas excellencia... Acaso vou ser preso? interrogou elle cada vez mais confundido.

Decerto... Porque naturalmente o vão ser todos n'este casa... retorquiu o personagem sempre a enxugar os labios com o seu fino lenço.

— Mas eu...

— Como os mais... Porque me ides dar a vossa capa e o vosso chapeu!

--Eu sou o corregedor do crime!

Lopes Cardoso, sentiu então o mais intenso jubilo e exclamou:

— Porém...

— Hesitaes... Descançae, senhor corregedor que não vos esquecerei... Estão vagas algumas alcaidias... Elle, tremulo e indeciso, quiz ainda replicar, mas o fidalgo arremessava-lhe já a capa e o chapeu deixando-lhe o seu em troca e embrulhando se dirigia-se para a porta, exclamando:

— Até amanhã, senhor corregedor!

E o outro ao vel-o ir para a sahida e olhando o chapeu que lhe deixava onde brilhava uma fivela de esmeraldas, murmurou:

— Não perdi com a troca!

Mestre Neutral emquanto durou esta rapida conversa, levado n'um grande impulso quizera dirigir-se para os esbirros, porém exactamente no momento em que o ia fazer sentiu na sua rectaguarda o vice-rei envolto na capa do corregedor e não o confundindo apesar da escuridão, ia fazer-lhe um cumprimento respeitoso ao comprehender aquelle troco de trajes e murmurava:

— Sua excellencia não quiz ser reconhecido!

Mas ouvia a voz d'um dos esbirros, murmurar:

—Eh! Mestre Neutral... Nem um aviso ou então sereis punido por sacrilego!

O vice-rei transpoz descançadamente a porta, embruihando-se muito na capa do corregedor, e os esbirros foram em seu seguimento até á esquina, e além no escuro, lançaram se sobre elle, emquanto soava a voz escarninha de um dos homens, gargalhando:

— Vinde mestre, Jacintho Peres, que o melro cahiu na ratoeira!... Eh! Levem-n'o p'ra sege... gritou a mesma voz ao passo que os soldados agarravam com força o nobre, que clamava, salivando:

— Eu sou o corregedor do crime! Olhae a minha toga!

— Demais o sabemos... gritaram com umas gargalhadas de troça, fazendo subir para a sege que escoltada pela cavallaria, voltara para os lados da Junqueira.

E o astuto corregedor que viéra de vagar até á porta e assistia a tudo, ao vêr os esbirros lançarem-se sobre o vice rei, saíu de corrida, dizendo ainda:

— Deus o ajude por muitos annos, mestre Neutral!

— Ah!... Ah! E' a primeira vez que se faz isto!... Prender

um vice-rei! exclamou o locandeiro benzendo-se devotamente e seguindo com a vista o corregedor que se affastava muito apressado.

— Oh! E que o vice-rei tambem era dos sacrilegos!... E esse não era conhecido pelo senhor corregedor!... Onde irá elle? interrogou-se ao ver o vulto ir em direcção aosa rcos d'onde saía Jacintho Peres e dois esbirros os quaes vinham correndo ao verem os companheiros atirarem-se ao pseudo magistrado.

E o verdadeiro, ao ver os esbirros, affastou-se no escuro e foi-se para o Chão Salgado a murmurar:

— D'esta vez a Inquisição fez uma caçada quasi real!...

XI

Os Esbirros

Mestre Neutral ficara á porta esfregando as mãos e ao ver que outros famulos sahiam dos arcos do pastelleiro, correu ao seu encontro, murmurando:

— Ah! Vêm prender os outros... E' preciso que seja eu quem lh'os entregue!... Nada que é dinheiro que entra e a reputação da casa que sobe...

Jacintho Peres, caminhava com o seu ar saltitante e ia dirigir-se para a sege, quando encontrou no seu caminho o locandeiro, a bradar-lhe:

— Eh! Boa noute, meus senhores!

— Olá, mestre Neutral!... Com que então daes abrigo a um sacrilego! interrogou o famulo não perdendo de vista o vehiculo que estava a alguma distancia escoltado pela cavallaria.

— Perdão, senhor, a minha casa é publica e todos entram...

— Desde os da tavolagem a quem um dia darei volta até aos infames salteadores de conventos...

— Assim é... Porém eu é que sempre busco a servir a policia e a Santa Inquisição... tornou elle desbarretando-se.

— Ah! E vinheis contar-nos o que bem sabiamos!... Agradeço-vos o obsequio! disse Jacintho Peres na sua vosinha de escarneo, accrescentando:

— Vamos rapazes nada de fazer esperar sua excellencia! e dizia aquilo n'um modo ironico e dirigia-se para a sege, quando o Neutral, exclamou:

— Mas onde ides?

— Ao nosso officio...

— E os outros? perguntou com grande pressa.

— Os outros?

— Sim... Os tres sacrilegos...

— Mas onde se encontram? interrogou o esbirro, dando um saltinho de contentamento e de espanto, emquanto os outros se acercavam.

— Ah! não sabeis ainda? interrogou este tambem muito contente.

— Mas não... Falae depressa... Quem são?

— Dois cadetes do regimento do Caes e um outro fidalgo que se encontram na minha casa.

Por Deus!... E' ter sorte... E como o sabeis? interrogou o outro.

— Oh! Para servir a Santa Inquisição e a policia, tenho mil ouvidos, tornou elle a fazer valer os seus serviços.

— E que ouvisteis d'esta vez? interrogou muito rapidamente o esbirro.

— Que eram elles... Se um até falou no golpe que deu em D. Ramiro de Noronha, o bom senhor da calçada d'Ajuda, que todos nós conhecemos e que foi acutilado em chão sagrado das Salesias!... disse elle com nova barretada.

E o Neutral, deveras convencido que aquellas palavras pronunciadas por D. Balthazar representavam na realidade a prova do crime, lembrando-se bem do que ouvira ao corregedor, certo, plenamente convicto, ouviu o esbirro a dizer-lhe:

— E dizeis serem cadetes do regimento do Caes?

— Não, o que feriu o bom fidalgo não o é...

— Porém estão mais dois?

— Sim...

— E' o demonio... Os soldados do regimento não prendem os seus cadetes.

— Que fazer? perguntou um dos tres esbirros.

— Mandar avançar a sege para a Inquisição e seguir-mos estes, conhecer-mos as suas figuras sem que o suspeitem e amanhã requisitar a captura ao senhor marquez d'Alorna...

— Está bem... Sois d'uma finura senhor Peres! tornou um dos

homens cheio d'admiração, ao passo que elle se dirigia aos que guardavam o vehiculo e bradava:

Vá... depressa para a Inquisição cautella com o *passaro*... Nós temos ainda melhor caçada!...

O vehiculo partiu a toda a brida, conduzindo o pobre vice-rei amortalhado na capa do corregedor, não querendo dar a conhecer a sua qualidade e mesmo sentindo agora que não seria ouvido, porque os esbirros, diziam:

— Vamos na tabua... Nada... Olhe que sempre é pessoa de qualidade!

Então o gordo personagem estremeceu e murmurou:

— Mas então não comprehendo... Pessoa de qualidade!... Mas então estou bem preso... E' a mim e não a outro que capturam... Mas porque?...

E ficou a meditar deveras alvoraçado sentindo o carro rodar com estrepito ladeado pelos soldados e ouvindo as risadas dos esbirros, empoleirados na tabua do vehiculo.

Jacintho Peres, voltava para junto do Neutral e tranquilisava-o ao ouvil-o dizer:

— Mas senhores... Vinham apenas para prender os sacrilegos?

— Sim... ou antes o sacrilego!...

— Ah! E' que os meus frequentadores estavam sobresaltados...

— Tranquillisae-os pelo menos por hoje, mestre Neutral!... casquinou o outro muito alegre.

O Neutral, muito satisfeito entrou na locanda onde se fizera silencio e onde agora nos grupos se combinavam a meia voz planos de defeza, e bradou:

— Tranquillisae-vos... Os senhores do Santo Officio, tinham-se enganado com a casa... Não era aqui que vinham exercer o seu officio porque sabem a boa reputação da loja desde que lhe disse o seu nome. Devia ser com esse café novo ahi da calçada d'Ajuda!... e o Neutral, ganhava assim duplamente, julgava elle; punha á vontade os que tinha como sacrilegos e arruinava em parte a reputação do seu rival moderno.

A cigana, ao ouvil-o, olhou o Joannico e exclamou:

— Ah! Graças a Deus! Cheguei a temer que nos prendessem...

— Sim!... E se fossem os da *ronda de chuchadeira* não havia perigo porque conhecem o valor e a coragem de mestre João Ne-

graes rei dos pastelleiros e dos medrosos!... gargalhou o Joannico.

Mas com os da Inquisição não succede assim porque são habeis e entendem-se com a tropa! redarguio um outro, exactamente na occasião em que Jacintho Peres com grande disfarce se esgueirava vindo sentar-se na meza ha pouco occupada pelo vice-rei; os dois outros esbirros entravam um após outro tomando logar perto do balcão, depois de terem visto mestre Neutral apontar-lhes os fidalgos tidos como grandes sacrilegos pelo seu bestunto occupado apenas pelas miragens que o arteiro corregedor lhe fizera antrever.

Os esbirros analysavam os cadetes e o fidalgo, tinham sorrisos satisfeitos ao lembrarem-se das suas recompensas logo que os prendessem e Jacintho Peres sentia-se já mettido no animo de fr. José que o recommendaria ao Cardeal da Cunha, desde que lhe entregasse o raptor da sobrinha.

E pensava qual dos tres seria o mais culpado, olhando ao mesmo tempo com grande enthusiasmo a gentil cigana que empunhando a pandeireta se dispunha a dançar um bailado hespanhol.

O esbirro murmurava:

— Hum... Heretica... E a rainha nossa senhora a prohibir as comicas nos theatros... Deixa estar que não te perco de vista!...

— Chiquita!... Vamos ao bailado! gritava-se em torno, por entre o chocar dos copos e o som dos dados atirados com estrepito para as mezas, ao passo que os fidalgos mechiam dinheiro perdido no seu jogo, e a viola gemia os primeiros accordes a incitarem a Chiquita.

O Joannico de pé junto d'ella, sorrindo-se bradava n'um impeto:

— Vai... Chiquita!... Anda!...

— Por ti meu amor!... Olá da musica...

E nos seus requebros, os pésitos d'ave levantando-se ligeira, a cabeça voltada a tres quartos, os braços erguidos tocando no pandeiro cujas fitas esvoaçavam, ella era linda e enthusiasmava, ao entreabrir os labios n'um sorriso voluptuoso, os olhos faiscantes devorando o amante que estremecia de prazer e d'orgulho ao vêr a admiração dos companheiros e dos fidalgos.

D. Balthazar segui-a com a vista e quando ia atirar um gracejo,

reparou em Jacob Mestral que se fazia pallido como um defunto ao fixal-a e murmurava:

— Oh! E' sublime... E' sublime esta mulher!...

— Repara, Jacob, que tens ganho ao jogo!... gritou-lhe Silva Menezes.

Não lhe respondeu, continuava a olhar a cigana enthusiasmado, sentindo para ella a mesma attenção que o vice-rei e mal ouvindo D. Balthazar dizer-lhe:

— Quer o D. José affirmar que serás infeliz nos amôres...

— E dizeis ha pouco que não querias estar na pelle do tal Joannico, só porque um vice-rei adiposo lhe cubiçou a amante!...

— Oh! Queria-a nem que fosse o verdadeiro soberano que m'a disputasse! exclamou Mestral olhando por seu turno o creado d'Assumar para quem a cigana no seu voltear gracil ao som d'aquella musica alegre e enthusiasta, sorria cada vez com maior ternura.

— Julgo que não irás disputal-a áquelle vadio disfarçado em fidalgo com alguma veste roubada!

— Sim... Vê lá o que queres fazer...

— Nada por hoje... Oh! Mas será minha um dia!...

Continuava a devoral-a com a vista, emquanto ella cançada ao terminar a musica se deixava caír nos braços do Joannico por entre os applausos dos circumstantes; Mestral fazia-se pallido de raiva e o creado d'Assumar, bradava alegremente apertando a amante ao peito e largando-a de seguida:

— Olé mestre Neutral... Traga vinho para a nossa meza! E todos bebem não é verdade, rapazes!...

— Sim... Sim... A' saude do Joannico nunca se recusa!

— Mas tu hoje estás rico, meu pimpão? exclamou o Alonso batendo-lhe amigavelmente no hombro.

Continuavam a rir e iam esvasiando os copos rapidamente, trocando ditos d'um lado para outro.

Subito o Alonso gritou:

— Eh! Chiquita, acautella o teu amante dos olhos gaiatos das sécias... Julgo que aqui bem perto, talvez ali p'ros arcos, em certa loja de pastelleiro, existe alguem que bebe os ventos por elle... E olha-lhe p'ra a veste rica que traz... Até parece um cantor do paço...

O rapaz dizia aquillo com certo tom brincalhão n'uma curiosi-

dade immensa de saber d'onde lhe viera esse trajo rico, emquanto um homem que usava um fato pardo e tinha na cabeça um chapeu tricorne muito amachucado, dizia por seu turno:

— Eh! Bah!... Agora vejo a allusão... Falas da mulher de mestre Negraes... Da Guiomar... Com ella se fazem tolos os peraltas e alguns vem na dilligencia lá do Loreto só para vêrem os seus bellos olhos, fingindo comer-lhe os pasteis...

— Basta de chalaças!... Alonso... Eduardo! Calem-se... Que nada tenho a vêr com a Guiomar, Deus o sabe!...

— Oh! Enganaes-me!... exclamou a cigana com os olhos brilhantes de raiva. Mas por esta t'o juro que sou capaz de metter a secia no seu forno...

E a Chiquita fazia uma cruz com os dedos, encarando o amante que corria a abraçal-a dizendo:

Acho pesada a graçola, rapazes! Já lhes disse que nada tenho a vêr com a mulher do pastelleiro! Se tenho uma boa veste e me tine o dinheiro na bolsa é porque não se prestam serviços sem paga ao meu nobre amo, o senhor conde de Assumar!...

— Ah! E' então elle que tem aventuras? exclamaram todos a rir, emquanto a cigana se acercava a olhal-o bem de frente, dizendo:

— Joannico!... E que aventuras são essas?

— As mais innocentes do mundo! replicou o rapaz muito tranquillamente.

— Mas fala... fala... Estou cheia de raiva!...

— Chiquita... Não sabes que elles brincavam?... Então a mulher do capitão das rondas podia nunca gostar d'um servo?... E ainda que succedesse... Eu só gosto de ti!... e o rapaz era tão digno ao pronunciar aquellas palavras que a Chiquita deixou-se abraçar seguindo o resto de sua conversacção com grande enthusiasmo, a dizer-lhe:

— Ah! Perdoava-te tudo menos isso!... Tu sabes que me ferve o sangue... Sou boa, mas tambem sou má... E por ti... Caramba! Até me deitava na fogueira d'um auto de fé!...

— Credo!... exclamaram em torno algumas vozes, emquanto Mestral, murmurava:

— Que mulher!... Que mulher!... Então o Joannico volvia, cheio de jubilo:

— Por ti faria o mesmo... E para que não te restem duvidas

ácerca do que fiz para merecer da generosidade de meu amo, sempre te direi que isto foi a paga de arrancar um homem ás ondas...

— Um homem?... Mas onde?... Foi na noite da tempestade? interrogaram varias vozes.

E o creado do conde, exclamou:

— Sim na noute da tormenta, lá baixo em frente de Gibalta... Era um pobre frade agarrado á quilha d'um barco voltado...

— Ih!... E tu...

— Lancei-me ás ondas para que meu amo não se expozesse, agarrei-o pelo habito que estava a estender-se na agua e trouxe-o para bordo sem sentidos...

O Jacintho Peres, desde ha uns momentos que seguia curiosamente a conversação, olhava attentamente o Joannico e estremecia ao ouvil-o continuar ante o enthusiasmo dos camaradas:

— Era um noviço dos cartuxos... O pobre rapaz recolhia ao seu convento e julgo que os homens do barco o abandonaram porque de terra vinham vozes e avistavam-se vultos... O esbirro, tinha scentelhas colericas nos olhos e murmurava:

— E' elle!... Oh! E eu que soltei aquellas palavras!...

— Então, meu amo, continuou ainda o rapaz, levou-o para o seu palacio da Cruz Quebrada, deitou-o n'um leito ao que ajudei, mais o velho creado da casa e depois como paga, em troca do meu fato molhado deu-me esta veste e algum dinheiro... Ora ahi têm as aventuras de meu amo...

— N'essa noute... Porém n'outras sabe Deus...

— Não... Elle tem a sua noiva a quem ama tanto como eu a Chiquita. e não precisa de fazer venias ás secias ou ás monjas...

— Sim... Como tu não precisas olhar para a mulher de mestre Negraes!... tornou a cigana, mas d'esta vez a rir.

O esbirro da Inquisição ao ouvir aquella revelação inesperada, ficara melancholico, n'um grande abatimento, comprehendendo que incorreria nas iras de fr. José se por acaso se soubesse ter sido salvo o noviço. Agora que o corregedor estava preso, julgava elle, já não temia o perigo de ser revelado o segredo mas em todo o caso pronunciava palavras que sem duvida tinham feito um inimigo d'esse homem o qual para demais seria capaz de vingar-se. E no seu cerebro fecundo em alvitres e planos, começou a germinar uma nova ideia criminosa.

Levantou-se e foi surrateiramente até ao balcão; uma vez ali trocou em voz baixa algumas palavras com um dos esbirros indicando-lhe o rapaz e a cigana e de seguida foi sentar-se de novo á sua meza bebendo vagarosamente um copo de licor. Os fidalgos olhavam sempre a joven, ao passo que no grupo continuavam a falar da aventura de Joannico com grande gaudio da cigana que bradava:

— Que era um valente, já o sabia! Com mil pandeiros! Viva o Joannico. Agora sou eu quem faz a saude! Saltava lesta para a meza e ali empunhando n'uma das mãos o copo e na outra o pandeiro, clamou:

— Viva o Joannico! A' saude do meu amante!...

A rapariga entreabriu os labios n'um sorriso terno para elle, os outros levantaram-se a empunhar os copos para brindarem, os fidalgos ficaram na sua meza e Jacob Mestral, com raiva soltava de subito uma gargalhada.

Alonso ouviu-a, fez gesto, olhou o Joannico que se tornou pallido, e bradou:

— Eh! rapazes... Não bebam... Porque aqui dentro d'esta casa ha alguem que ainda não se ergueu a saudar o valente que salvou uma vida!...

Caminhou até meio da casa e fixou o seu olhar em Mestral que se levantava de repente e levava a mão á espada com um sorriso de mofa.

O esbirro erguera-se no seu banco e ia dirigir-se para a porta quando a cigana saltando lesta da meza, o agarrou bradando:

— Eh! Por Deus, um mercador... Tem vergonha de beber pelo meu amante, você tambem!... Pois beba ou assento-lhe as mãos n'essas faces deslavadas... Olhe que o Joannico é um valente!

O esbirro tornou-se verde de colera, no emtanto, muito acobardado, resmungou:

— Oh! Mas gentil menina... Eu não tinha intenção... E' que já é tarde e...

— Beba e saia depois, e não volte mais porque do contrario em vez de vinho dou-lhe chumbo derretido como aos herejes...

— Por Santa Gertrudes... Que sou bom catholico, pelo menos tão bom como a menina!... dizia elle com um sorriso sarcastico, esvasiando o copo e bradando:

O Joannico fazia frente com um pesado banco...

— Pelo vosso amante!

O Alonso postava-se com um riso escarninho em face de Mestral que exclamava:

— Porque me olhas, villão?...

— Ah! E' que lhe peço meu fidalgo, o obsequio de beber um copo de vinho pelo Joannico... Queria vêr vossas excellencias de pé... Já o estão... Agora é beber!... dizia o plebeu com ousadia olhando os tres fidalgos que o encaravam admirados.

Então Mestral, clamou:

— Sim estamos de pé para vos mettermos no estomago em vez do vinho da garrafa, dois palmos de ferro... Fidalgos não bebem com a lacaiada!

— Olá que vossa senhoria está grave... vem encontrar-se com a ralé!

— Para me rir como ouviste, villão... Cala-te...

— E quem o ordena, senhor fidalgo? bradou Joannico collocando se-lhe na frente n'um ar de desafio.

— Eu, Jacob Mestral cadete do regimento do Caes, meu lacaio, amante de bruxas...

O rapaz fez-se pallido como cêra, agarrou um copo de sobre a meza e arremeçou-o contra o cadete que se baixou ao passo que o pichel se amolgava na parede fronteira, e o outro gritava:

— Oh! Que vaes pagal-as!...

E desembainhando a espada collocou-se-lhe na frente mandando-lhe rija cutilada. Os outros fidalgos atiravam-se com denodo sobre o grupo e ia travar-se rija lucta.

O Joannico fazia frente com um pesado banco ao seu adversario e a cigana ao ouvir o tumulto, tirava uma navalha da cinta e corria para o cadete, bradando de dentes cerrados:

— Miseravel... Cobarde!

O grupo dos plebeus entricheirava-se com as mezas e fazia face aos fidalgos em grandes gritos estes por seu turno de espadas erguidas clamavam invectivas contra aquelles homens revoltados.

Porém a cigana no momento em que ia cravar a navalha nas costas de Mestral sentia-se violentamente agarrada e ao tempo appareceram no interior da estalagem oito soldados de espadas desembainhadas a cuja frente estava um official que bradava:

— Em nome da rainha rendam-se!

Os cadetes ao ouvirem aquella voz e a depararem com o official do seu regimento baixaram as espadas e fizeram a continencia militar.

Entretanto a cigana debatia-se nos braços de Jacintho Peres que lhe dizia:

— Vou agora ensinar-te a fazer saudes!...

E vendo junto a si os dois esbirros, gritou:

— Para a Inquisição!

Arrastavam-na para a porta com furia, e a pobre rapariga debatendo-se chamava.

— Joannico!... Joannico!

Elle ouviu-a, agarrou um banco que arremeçou contra o peito d'um soldado e ante o espanto de todos, n'um salto ligeiro correu para a porta lançando-se sobre os raptores da Chiquita e attacando-os com grande raiva:

Mas os esbirros chamavam por soccorro e a Chiquita dizia:

— Foge... Foge... Peço-te que fujas... Deixa-me... Salvar-me-has depois...

— Nunca!... Ah! Miseraveis!... gritou Joannico.

Mas n'este momento sentiu-se agarrado pelos braços por dois soldados do regimento do Caes e emquanto se debatia, os esbirros arrastavam comsigo a cigana.

Este fez um esforço sobrehumano, desprendeu um dos braços a custo e arremessando a espada ao soldado que o largara, mandou rija cutilada ao outro e segurando a arma dispôz-se logo a attacal-os.

No café, o official bradava para os cadetes:

— Entreguem-me as suas espadas!

— Fomos insultados e defendiamo-nos, meu alferes! exclamou Mestral com grande ira.

— Não se trata d'isso têm outros crimes mais graves porque responder! volveu o official serenamente.

Então D. Balthazar d'Athouguia, saíu do escuro e apresetando-se ante o alferes, perguntou:

— E de que nos accusam, D. Francisco de Noronha?

— Vós? O visconde d'Athouguia?

— Sim eu, Jacob Mestral, e Silva Menezes, filho do conde de

S. Lourenço e ambos cadetes do vosso regimento que nos lembrámos de vir tomar um pichel de vinho a este logar... julgo que isto não constitue um crime... Fomos insultados, defendemo-nos; eis tudo!

O moço official passou a mão pelo rosto branco e com grande polidez, volveu:

— Mas então... E' impossivel!... Vós não sois os criminosos... Se sois amigo de meu primo D. Ramiro de Noronha!

— Todos nós... Oh! Chamem esse famulo, gritou o official com raiva dando a ordem a um dos soldados que d'ahi á pouco conduzia Jacintho Peres, o unico que ficara esperando os acontecimentos emquanto os companheiros levavam a cigana.

Ao vêl-o no seu ar timido, o alferes perguntou:

— Accusas-tes estes fidalgos de sacrilegio?

— Nós? Sacrilegos! clamaram todos a um tempo.

— Sim... Accusava-vos de serem os raptores das Salesias e os que feriram meu primo D. Ramiro!

— Oh! Que infamia! Vós, D. Francisco, bem nos conheceis... certamente...

— Mas... Quem me indicou suas senhorias foi mestre Neutral...

E elle apontava o locandeiro que durante a lucta se conservara detraz do balcão muito acocorado e o qual agora se justificava a tremer:

— Mas disse-m'o ó senhor corregedor...

— Que corregedor? gritou o esbirro com raiva ao vêr transtornados os seus planos.

— O senhor Lopes Cardoso...

— Ah! Sim... Maldito... Nunca se farta de nos fazer pirraças... Eu lh'o direi ámanhã no Santo Officio...

Curvou-se diante do official e dos fidalgos e disse:

— Desculpae-me senhores. No emtanto peço-vos mettei este homem na cadeia porque é elle o culpado de tudo isto...

— Sim... Ide em paz e vós tambem senhores! exclamou D. Francisco de Noronha apertando a mão aos cadetes e a D. Balthazar e bradando para os soldados:

— Agora levai todos estes villões para que se lhes ensine nas galés como se tratam fidalgos!...

Emquanto os militares procediam á operação, este veiu até á

porta e viu um dos seus homens cahido ouvindo ao mesmo tempo o outro bradar-lhe:

— Oh! Meu alferes... O maldito do rapaz feriu o meu camarada! Mas elle tambem vae bem convidado...

— Quem?

— O que queria levar a cigana!

E apontava o Joannico aquem rompera um hombro ao vêr o companheiro por terra, e o qual se perdia de corrida no escuro dos arcos de Belem.

PINA MANIQUE

XII

As promessas do arcebispo

O confessor da rainha encontrara a breve trecho o intendente da policica, deixando a soberana além sob as arvores rodeada das suas aias.

Pina Manique, vestido completamente de negro e tendo sobre a casaca a cruz de Christo curvou-se ante o carmelita, beijou-lhe respeitosamente a mão e rejubilava ao ouvil-o dizer no seu tom rude:

— Ah! Vem annunciar-me a tempestade... Acabo de dizer isso mesmo a Sua Magestade...

— Sim, grandeza... Venho dizer-vos que Sua Magestade tem sido enganada, tem procedido ao contrario do que devia proceder, porque embora seja soberana, nós temos a obrigação de lhe mostrar o inimigo a punir.

— Assim o entendo.. Assim o entendia n'outro tempo o marquez de Pombal, hoje moribundo... E quem enganou Sua Magestade? interrogou sempre na mesma rudeza a que o intendente respondeu, tranquillamente:

— Os jesuitas!

— Sim... não me causa admiração... Para mim não é surpreza.

São elles os que se occultam no ar balofo do principe D. João e o dirigem, elles mettem-se no animo do Angeja e do Marialva, e no d'el-rei... E ai de Portugal, ai da rainha no dia em que ganharem a sua confiança...

— Estão prestes a isso... Acabo de saber que foi concedido o perdão ao antigo jesuita Cardoso...

— O mais completo perdão... Apenas o exilio como castigo...

— E no entretanto elle commetteu o maior dos sacrilegios... Fidalgos eram o duque d'Aveiro e os Tavoras, elles foram esquartejados... E se a rainha nossa senhora e ama, quizesse punir tinha a ferir alguem da mais alta posição a par d'esse jesuita...

— O que?... Que dizeis, senhor intendente?...

— A verdade, Grandeza... Uma grande e terrivel verdade que Sua Magestade não quiz ouvir quando lhe revelei do attentado que se preparava...

— Oh! Fale... Fale... E como soube do attentado, senhor intendente? interrogou o competente confessor com grande curiosidade tomando-lhe o braço.

Então o homem da policia, sentindo-se sempre no seu mister, relanceou om olhar desconfiado pelo jardim e disse:

— Se vossa grandeza me quizesse ouvir longe d'aqui... Receio sempre de ser escutado...

— Iremos para fóra dos muros da quinta... Sua Magestade aguardar-me-ha... Para demais sabe que estou com vossa excellencia e espera as suas revelações!

— Que peço a vossa grandeza o occulte de Sua Magestade por agora, a não ser que veja um meio de punir os culpados...

— Veremos, senhor intendente!

E elles saíam o portão e vinham para as margens do riacho, o habito claro do carmelita destacando-se junto ao fato negro de Pina Manique, ambos muito graves ladeando o ribeiro que se abria lá em baixo n'uma grande poça onde as lavandeiras batiam roupas com estrepito.

— Falae... ordenou o arcebispo encarando o intendente e parando ambos á sombra d'um enorme carvalho de ramadas distendidas:

— Senhor: vossa grandeza sabe, que a conspiração contra a rainha foi planeada entre tres homens?

— Hein... Tres homens? E como se prende apenas o jesuita? perguntou este cheio de espanto.

— Pelo mesmo motivo que se dá a este a liberdade...

— Ah! Os jesuitas...

— Que não querem ser compromettidos.

— E quem são elles?

— Um é o padre Cardoso que vimos prestes a prepretrar o attentado e que o teria commettido se não tivesse sido descoberto na vespera...

— Ah! E os outros... os outros... E' necessario revogar o perdão do jesuita e prender os outros dois...

— Assim procederia o senhor marquez de Pombal mas não procederá o senhor marquez d'Angeja!... exclamou colerico o intendente.

— Mas acima de todos existe a rainha!

— E ainda acima, com perdão de vossa grandeza, existem os poderosos jesuitas!

— Mas depressa, os seus nomes e serão punidos...

— Pois bem: Um dos conspiradores era o senhor cardeal da Cunha, outro um individuo a quem chamavam padre mestre e que não foi possivel reconhecer.

As faces luzidias do arcebispo empallideceram, foi sacudido n'um estremecimento de colera e bradou em voz suffocada pela raiva:

— O cardeal da Cunha, o padre mestre!... Oh! Mas o ultimo é tambem, é um Tavora! São elles que buscam vingar-se na rainha, vingando ao mesmo tempo a Companhia de Jesus! Esse cardeal parente dos Tavoras, armava um braço, para ferir a soberana, o outro incitava, falava ao seu subordinado, o jesuita Cardoso, promettendo-lhe a purpura cardinalicia, fazendo-lhe vêr que com a morte de D. Maria I, subiria ao throno, ou antes ficaria regente el-rei D. Pedro III cuja direcção espiritual está entregue ao senhor cardeal da Cunha... Contavam então com a côrte dos fanaticos, com D. João, com D. Pedro, com Ayres de Sá e com os Angejas para restabelecerem a Companhia, para dominarem novamente na Inquisição... elucidou rapido, o homem da policia.

— Ah! Miseraveis... Nunca perdoaram o assassinato dos seus, a execução ordenada no reinado anteríor... O cardeal da Cunha vinga-se de lhe ser prohibida a entrada no Conselho, de lhe ser cerceado o poder do inquisidor pela creação do meu logar, vinga-se como homem, vinga-se como parente dos Tavoras e vinga-se como jesuita ou como amigo d'elles? O outro... Oh! o outro... A que chegará esse homem se não o esmagar!

— Mas vossa grandeza conhece tambem, esse a quem chamavam o padre mestre?

— Advinho e explico n'este momento certos boatos... E' um frade oratoriano, chama-se José Maria de Mello, é parente dos Tavoras como o cardeal mas aquelle não renegou a familia... Onde chegará este homem! interrogou como um aviso precoce o confessor da rainha, a entrever já uma grande serie de horrores, e perguntando.

— Era então uma conspiração jesuitica e uma vingança de familia?

— Sim... Grandeza... E se lançaram mão do padre Cardoso foi pela monomania que tem desde ha muito de envergar a purpura:

— Ah! Agora vejo claro... E' realmente um doido...

— Que devia ser punido para exemplo com os seus cumplices! Mas não constou isso a Sua Magestade?

— Não me quiz ouvir... Logo que acabei de narrar o que se tramava muito secretamente, Sua Magestade fez-se livida e teve um impeto de revolta, murmurando:

— Contra mim... contra mim!... Oh! Punil-o-hei...

Expliquei então a Sua Magestade que se devia expôr á tentativa do jesuita, desde que eu ali estivesse a impedil-a. Prevenimos os archeiros das guardas e dispuz a minha gente... Depois quiz narrar á rainha o succedido... N'um preambulo mostrei-lhe um vulto de principe de egreja mettido na conspiração e ella, vendo talvez onde queria chegar, disse-me:

«Pina Manique... Prenda apenas o jesuita».

— Insisti ainda, mas Sua Magestade manteve-se inabalavel na sua resolução... Eis tudo!....

— Quer dizer que ainda ignora os nomes?

— Quer dizer que talvez os suspeite mas que os não punirá... Não perdoou ao padre?

— Mas póde revogar a ordem...

— Impossivel!...

— Ah! E porque?

— Porque a esta hora, tenho a certeza já está a ser executada...

— Póde deter-se o jesuita, supplicial-o.

— Grandeza, sei bem quanto podeis no animo de Sua Magestade, no emtanto agora é tarde... Conhecemos os inimigos, vigial-

os hemos, vossa grandeza no paço eu na intendencia. Sabemos que os Tavoras buscam vingar-se, que os mesmos á frente dos jesuitas querem impôr a Companhia e assim como o nosso mestre Pombal, os destruiu ás claras, nós destruil-o-hemos a occultas... E' a lucta entre um prelado digno e um bando de salafrarios! E' esta a melhor obra de vossa grandeza!

— Sim, senhor intendente... Combatel-os-hemos! e o confessor da rainha tinha clarões raivosos nos olhinhos pardos, e nos labios um sorriso de vingança.

Depois em voz breve, perguntava:

— Mas como soube tudo isso?

— Ah! eis porque me dirigi a vossa grandeza tão leal e abertamente depois de ter falado a Sua Alteza Real o Principe herdeiro do throno que parece ter caído no desagrado de sua augusta mãe!

— Ah! Fale...

— Vossa grandeza, sabe que os conspiradores se reuniram n'uma noute quente e em que havia luar, no convento das Salesias?

— Hein? Nas Salesias? interrogou o prelado com espanto.

— Sim, grandeza... Sua eminencia o cardeal, visita muito o mosteiro e passa lá algumas noutes...

— Bem sei... Por causa, segundo julgo, d'uma sobrinha, que na realidade não sei d'onde lhe veiu... O conde de S. Vicente não tem outras filhas... Bem, vamos adiante...

— Pois José Maria de Mello, segundo vossa grandeza, diz, foi visital-o e levou comsigo o padre Cardoso... Soube-o pela propria madre á qual interroguei ha dias sobre o rapto da sobrinha do cardeal!

— Agora vou comprehendendo... v. ex.ª tem no convento alguem que os espiou...

— Não, grandeza... volveu o intendente com um sorriso mysterioso. O caso foi muito diverso.

— Oh! Contae... contae...

— E que julga vossa grandeza, bastante digno para galardoar a descoberta de semelhantes inimigos? Sim porque é d'ahi que vae partir o nosso cambate... O golpe contra a Companhia!

— Ah! Vejo as cousas... Na realidade assim é... Mas tenha vossa excellencia a certeza que taes serviços serão premiados...

O intendente esboçou um sorriso, e volveu:

— Garantis-m'o, grandeza?

— Pela minha honra! Pois ha alguem, que não conheça, habil em demasia para salvar a vida da rainha, para descobrir os manejos jesuiticos, ajudando, ou antes sendo até o principal factor d'um golpe que lhes será applicado, e hei de hesitar em remuneral-o? Não... Sollicitarei da rainha o que elle desejar... Mas quem é?

— Eu digo a vossa grandeza, começou Pina Manique, collocando-se em face do arcebispo, e dizendo:

— A ronda das ordenanças andava no seu gyro, subia a ladeira das Salesias, quando viu alguem saltar o muro da cerca... O habil magistrado que acompanhava a ronda, obrigou-a a esconder e saltou a parede na direcção opposta á do desconhecido...

— Ah! Então um dos conspiradores não entrou pelo portal!... Havia então mais algum? perguntou o prelado, ficando attonito.

— Eu explico a vossa grandeza... O magistrado occultou-se e seguiu com a vista o vulto, viu uma escada suspensa da janella do convento, comprehendeu ali alguma cousa d'anormal e dispoz-se a prender o individuo que falava com uma monja...

— Ah! E depois... depois!... interrogou o confessor começando a comprehender.

— Quando o magistrado ia pôr em pratica a sua ideia, ouviu vozes vindas d'um caramanchão da cerca e que os conspiradores julgavam deserta áquella hora, pois já tinha batido ha muito a uma depois da meia-noute! Escutou tudo, tinha em seu poder a chave da intriga e conhecia dois dos conpiradores... Mas...

— O quê?

— O individuo que falava com a monja, o verdadeiro causador emfim, de que se descobrisse o trama, já saltava o muro e raptava a freira, que assim fugia emquanto o tio conspirava...

— O tio? interrogou o outro, e logo n'um impeto, assentando rude palmada no hombro do intendente, bradou a rir muito:

— Tem graça... tem graça... Uma sobrinha do cardeal, a raptada! Bello golpe!... Soberba partida... Oh! o miseravel no dia seguinte vinha falar em justiça, vinha pedil-a!... E conseguiu interessar toda a côrte...

— A propria rainha que não perdôa taes delictos... disse o intendente!

— Veremos, intendente... Juro-lhe que d'esta vez, perdoal-os-ha.

O raptor se fôr agarrado, será posto em liberdade embora contra a côrte inteira... Digo-lhe que nunca se fez melhor embora inconscientemente...

— Mas grande... ali existe na realidade sacrilegio! volveu o intendente de semblante carregado.

— Mas tambem existe uma sublime partida?... gritou elle n'uns ares patuscos de antigo carreteiro, dizendo:

— E não serei eu que recompense o raptor, não irei até ahi... Mas juro-lh'o que não o condemnarei tambem!... E agora trata-se da recompensa ao magistrado... Ah! mas espere não anda mettido n'isso um corregedor?

— Sim, grandeza... Contra o qual, vossa grandeza passou uma ordem de prisão, que entregou a fr. José do Rosario, o amigo do cardeal!

— Ah! E' verdade... Mas esse é cumplice do rapto...

— Não grandeza... Esse foi o que perseguiu o raptor a que vossa grandeza acha tanta graça e por conseguinte o habil magistrado de que vos falei e...

— E que salvou a rainha!... Oh! Mas esse homem está a estas horas na Inquisição!

— Com certeza...

— Como o sabe?

— A policia tudo sabe... Deve ser preso brevemente... Elles não o pouparão!

— Oh! Pobre rapaz... E...

— Lopes Cardoso!

— E' isso... Mas como arranjaram elles a cumplicidade com o raptor?

— Porque o cardeal soube pelas minhas palavras proferidas no dia do attentado que o corregedor foi quem os descobriu e então accusando-o dando-o por cumplice do rapto, fazendo com que o padre Cardoso seja perdoado, sua eminencia nada receia assim como o seu cumplice, salvaguardando tambem a Companhia!

— Ah! Por isso elle não assignou a ordem de prisão e mandou esse bojudo fr. José...

— Sim e vossa grandeza, para acceder á vontade da rainha, vendo realmente n'elle um sacrilego...

— Sim... Caí na alhada!... Oh! Manique... E dizia eu que

fôra a primeira vez que o reptil do fr. do Rosario fizera alguma cousa sem interesse!...

— Bem planeadas tinham elles as cousas!...

— Com a habilidade dos jesuitas, dos monstros, a que eu arcebispo de Thessalonica, juntamente com o senhor intendente da policia, saberemos cortar as garras!

— Decerto, mas grandeza... Agora é necessario arrancar o pobre corregedor da Inquisição!

— Lavrarei a ordem...

— Mas é que elles escudar-se-hão agora na protecção da rainha e não largarão facilmente o preso!

— Intendente... Eu sou o supremo inquisidor!

— E o cardeal da Cunha pertence ao Conselho Geral, e os ministros são pelo seu lado, e a côrte que já têm um sacrilego, quererá vel-o queimado, não o largará assim?

— Mas elle já estará preso?

— Pelo menos prestes a isso... Os famulos não se descuidarão com certeza.

— Bem... E' necessario então o perdão da rainha!

— O perdão... Mas se elle não é culpado!... Sim não é culpado... Merece até uma recompensa, como vossa grandeza o affirmou ha momentos!

Thessalonica, muito envolvido n'aquella intriga, cheio de raiva ao vêr a habilidade dos jesuitas seus inimigos, tornou-se quasi apopletico e bradou com um gesto de antigo soldado, vigoroso e energico:

— E tel-a-ha! Juro-lh'o... Irei eu mesmo arrancal-o da Inquisição! E estendendo a mão que o intendente beijou, affastou-se rapido no atalho, o habito branco a esvoaçar, penetrando de novo no jardim real por entre as inclinações das pessoas que encontrava, sempre muito apressado ante a noute que vinha caíndo e murmurando:

— Oh! partirei ámanhã logo de madrugada:

Dirigia-se então á soberana que ao vêl-o exclamou aterrorisada.

— Então, meu padre?...

— Póde Vossa Magestade dormir tranquilla... A tempestade está amparada, por agora...

— Ah! Mas ameaça-me ainda algum perigo?

D. Maria e o arcebispo de Thessalonica

— Agora, real senhora, tendes dois pilotos em vez d'um ao leme, e esses affianço, tem rijo pulso para esmagar todos os inimigos...

E elle erecto e firme lançava um olhar altivo ás damas que lhe beijavam a manga do habito, concluindo ao reparar no olhar velado da soberana:

— Oh! Bom pulso... bellos pulsos.

E olhava com orgulho os seus punhos grossos de rude transmontano.

XIII

O oratoriano

liteira armoriada, de grandes vidraças crystallinas, conduzida pelos servos vestidos em librés vistosas e seguida por um pretalhão espadaudo que sobraçava um grande cabaz coberto com a mais alva das toalhas, acabava de parar á porta dos oratorianos das Necessidades, cujo convento se erguia a dominar o Tejo e o valle d'Alcantara.

E um homem dos seus cincoenta e cinco annos, envergando as vestes de principe de egreja, os cabellos brancos fluctuando sob a gorra, passava ainda rapido e de cabeça erguida por entre as alas de leigos a quem deitava uma rapida benção, dizendo para o negro que o seguia sempre:

— Gargantua, entrega esses folhados da minha parte ao reverendo padre superior...

O negro escancarou a bocca n'um sorriso alvar, atirou-se de joelhos e beijou a fimbria do habito do principe de egreja, cujo rosto claro e de seraphica expressão se mostrava um tanto aborrecido, emquanto o creado, exclamava:

— Sim, senhor cardeal da Cunha!

O cardeal subiu depois com presteza a escada do convento e foi bater á porta d'uma das cellas cuja porta se abriu apparecendo então um homem alto, que inclinou a cabecita de cabellos negros e sedosos a rodearem-lhe a tonsura, mostrando o seu rosto esqualido mascarado n'uns oculos verdes e murmurou:

— Sêde bem vindo, senhor cardeal!

O recemchegado entrou, fechou com precaução a porta e bradou:

— Aqui estou, primo... Que desejais, fr. José Maria de Mello!

O oratoriano fez um gesto placido a indicar uma poltrona ao cardeal e sentando-se na cadeira de espaldar alto, disse:

— Dar-vos contas dos nossos negocios!

— Ah! Fallae...

— O padre Manuel Cardoso embarca amanhã de manhã no *Orion* e parte para Genova...

— Já o sabia...

— Muito bem... D. Ramiro de Noronha, apresenta-se amanhã na côrte!

— Já está restabelecido?

— Inteiramente... Acabo de o confessar bem como a sua mãe D. Mecia de Noronha...

— E quaes são as suas disposições?...

— Está animado d'um terrivel desejo de vingança!... bradou fr. José Maria, emquanto o cardeal esboçava um sorriso, e retorquia:

— Melhor assim!...

— Decerto... Ama Elvira loucamente e faria tudo para a encontrar bem como ao seu raptor... E' uma paixão doida a d'esse mancebo!

— Ah! Eu o sei... Tanto que pertencendo por sua mãe aos Lafões e por seu pae aos Noronhas, não hesitava em dar a mão de esposo a uma pobre rapariga, filha d'um homem que não lhe póde dar esse nome...

O oratoriano olhou espantado o cardeal e bradou:

— Que dizeis? Mas então essa mulher não é vossa sobrinha? Não pertence ao ramo dos Tavoras suppliciados?... Não foi recolhida e creada a occultas por vossa eminencia?

— Sim, foi creada na provincia mas se é Tavora é apenas pelo meu lado .. A mãe era uma joven que se recolheu ao Lorvão... Criei Elvira, eduquei a, fiz-lhe doação, obrigando todos a julgarem-n'a minha sobrinha! E agora quando me sinto velho e vejo ainda por realisar a obra de vingança emprehendida e minha filha longe de mim, desobediente ás ordens que lhe dei, tremo, José Maria

de Mello, de morrer sem rehaver essa creança e sem vingar os nossos!

— Perdão, primo... Vingal-os-hei eu! Rehabilitarei a sua memoria, farei entrar os seus descendentes na posse dos titulos e dos haveres sequestrados por esse maldito Sebastião José que já vae pagando os seus crimes...

— Ah! graças aos jesuitas!

— Sim, graças á força da Companhia, força occulta por agora mas que ha-de resurgir, voltar com mais poderes ainda! Restabeleceremos a Companhia de Jesus e rehabilitaremos os Tavoras... Conto com aquelles para servir, para estes, como os ultimos para auxiliarem os primeiros... E' uma fortuna esta vingança que não largo, que levarei até ao fim!...

— Oh! Mas que contaes fazer? perguntou com enthusiasmo o cardeal, recostando-se na poltrona.

— Eu? Oh! Tenho muitos planos... Tendem todos ao mesmo fim em todos elles as mesmas pessoas são alvejadas... Os membros da Companhia são do meu parecer... affirmou elle em voz baixa.

— Ah! Então que não vão tentar alguma nova cousa contra a rainha...

— Ah! Ao contrario, é a ella que alvejaremos já que o padre não teve coragem!

— Cautella fr. José Maria... Olhae que foi necessario uma grande politica para se conseguir o perdão d'esse jesuita, olhae que se elle tem sido julgado, os nossos nomes seriam revelados e ficariamos perdidos!

— Antes d'isso matal-o-hia eu!... gritou o frade com energia.

— Vós?... Oh!

— Eu sim, cardeal. Quando um homem como eu, lucta, vae até fim... Tem um obstaculo supprime-o...

— Theoria da Companhia de Jesus!... A mais sabia das theorias. Assim é necessario que o animo da rainha nos pertença... Manuel Cardoso vae ámanhã no *Orion*, não é assim?

— Sim, parte para Genova e não voltará...

— Para cousa alguma nos serve... Nunca se deve armar um louco como elle! Cheguei já a essa conclusão... Perdem-se sempre... E' preciso chamar antes os conscientes ao nosso gremio... Já temos

O cardeal da Cunha e fr. José Maria de Mello

os Angejas, em breve teremos completamente os Marialva, Ayres de Sá, o ministro, é dos mais amigos e Martinho de Mello não nos porá obstaculos...

— Têm el-rei pelo vosso lado!... offereceu o cardeal.

— Hum... fez o padre mestre cem desdem. Tem sessenta annos e para pouco serve...

— Quereis dizer então que os velhos... disse o cardeal com certa tristeza.

— De pouco auxilio prestam quando são reis, como D. Pedro e muitas luzes nos podem dar quando são cardeaes como vossa eminencia! replicou n'um tom ligeiro embora altivo.

— Ponhamos então de parte el-rei...

— Sim... Temos o principe D. João!

— Oh! O principe!... Pouca influencia tem na côrte...

O oratoriano mostrou nm sorriso mysterioso nos labios grossos, passou a mão pela fronte, os olhos faiscaram-lhe por detraz dos oculos verdes e bradou:

— Quem sabe a que poderá ter!

— Elle!

— Sim, eminencia!

— Porém... Como?

— Se um dia fôr rei... tornou José Maria de Mello, com o seu tom altivo.

— Rei? Oh! Mas se o herdeiro do throno é esse maldito principe do Brazil...

— As caudelarias reaes têm muitos cavallos indomaveis e os salteadores andam desaforados pela cidade!... volveu o frade com uma ameaça ficando muito tranquillo.

— Mas e a rainha, não contaes com a rainha?

— Essa... Oh! Já tive a honra de vos dizer que a alvejariamos...

— Porém governa...

— Não... Quem governa é o director de sua consciencia...

— Oh! Outro inimigo... Um discipulo de Sebastião José!...

— O arcebispo de Thessalonica! Esse cederá o seu logar a outro.

— Como? E a quem?

O frade teve um novo sorriso e volveu com orgulho:

— Como? Morrendo sem duvida... A quem? A um membro

da Companhia de Jesus... Uma vez de posse do espirito da rainha, não temendo o herdeiro do throno, livres do arcebispo, o que nos resta ?

— Implantar a Companhia, exigir a rehabilitação dos Tavoras!... exclamou o cardeal cheio d'um grande enthusiasmo.

— Ainda mais... E depois de tudo isso conseguido vingar os nossos, daremos o throno ao principe D. João, o mais breve possivel!... clamou o oratoriano.

— Mas como conseguir tudo isso ?

— E' um trabalho de muitos annos, mas conto com bons elementos.

— Trabalho que não chegarei a vêr realisado!

— Tende esperança... E coadjuvae-nos por agora...

— Que devo fazer ?...

— Sollicitar d'el-rei um bispado.

— Ah! E para quem ?

— Para mim! exclamou José Maria de Mello, n'um impeto; emquanto o cardeal o olhava espantado e dizia sem se poder conter; com certa desconfiança:

— Sois ambicioso ?

— Não...

— Mas, esse bispado...

— E' a primeira pedra para subir até ao animo da rainha.

— Vós ?... Oh! Mas sois um Tavora!

— Que Sua Alteza Real, o senhor principe D. João, estima e imporá a sua mãe, como um começo de rehabilitação... A rainha é devota, quererá fazer bem a um membro da familia que seu pae tanto prejudicou e morto o arcebispo eu serei o confessor! Depois é uma questão de tempo, para que a Companhia triumphe! Achaes bom o plano ?

— Magnifico!

— N'esse caso sollicitae o meu bispado...

— Resta vér se a rainha vol-o concederá...

— Exigil-o-heis d'el-rei...

— Exigir ?

— Sim, primo, então que confessor vós sois que não sabeis ter exigencias ? Bem se vê que sois pouco jesuita!

— Mas é que Thessalonica...

— Que fará?

— Ao saber que el-rei se interessa verá ahi a minha mão...

— Bem... E depois?

— Destruirá a ideia no espirito da rainha como costuma fazer sempre!

— Bem... Sollicitae o bispado e deixae commigo o carmelita vil! ameaçou novamente o outro, dizendo:

— Mas elle agora não tem contrariado os nossos planos.. Até ordenou a prisão do corregedor!

— Não podia deixar de o fazer. A côrte inteira o exigia!

— Agora carecemos de collocar os inimigos frente a frente... Conhecer os que odeiam o arcebispo e aproveitar-lhes as iras, os que detestam D. José, principe do Brazil, e fazel-os caminhar, conhecemos os odios occultos existentes contra D. Maria Benedicta, a esposa do principe, e que é da opinião do marido, e obrigal-a a ceder... A rainha guardo-a para mim... O rei entrego-lh'o, primo!...

E o oratoriano levantou-se com toda a fé no poder tenebroso da Companhia de Jesus.

O cardeal, admirado, não acreditando muito em todo o bom exito d'aquelle plano, mas querendo, no caso de elle ser posto em pratica, vingar-se de mais alguem, exclamou:

— Ha ainda outro homem a quem precisamos anniquilar!

— Quem?

— O intendente de policia! bradou afflicto, o cardeal.

E José Maria de Mello, soltou uma nova gargalhada ficando-se a olhar o parente que o olhava admirado, e volvia:

— Esse é uma serpente cujo veneno se chama a intendencia. Desde que seja demittido é innofensivo.

— Não o receia então, primo? interrogou o cardeal deveras admirado.

— Eu? Por mim nada tenho a vêr pessoalmente com elle... Emquanto á Companhia não teme ninguem. Faz curvar as vontades firmes dos reis, abala thronos, faz revoluções, agita o universo d'um extremo ao outro e triumpha sempre, arvora as suas bandeiras negras por toda a parte, desde a Russia até á America, desde a Africa e a India até á propria Roma. Os papas acatam-na e temem-na porque lhe conhecem o poder, os reis involuntariamente vêm-se cingidos nos seus anneis, os fidalgos curvam-se, os povos emmude-

cem e a signa de Loyola triumpha!... Como quereis então que ella tema um intendente de policia, um chefe de moscardos, um esbirro-mór? E soltava outra gargalhada, pondo-se serio de repente ao ouvir o cardeal dizer:

— Mas é que elle sabe das pessoas que estavam com o padre Cardoso.

— Ah! Disse-lh'o o maldito corregedor! gritou João Maria de Mello, accrescentando logo:

— A Inquisição tem carceres bem fundos... Esse corregedor não sahirá de lá nunca! E emquanto ao intendente...

— Que vae fazer?

— O mesmo que se fez a esse Sebastião José.

— O desterro...

— Sim... Primeiro mostraremos a sua falta de tacto... Perdel-o-hemos no espirito da soberana... Depois Portugal tem colonias e as pedras d'Angoche davam um soberbo jardim para o espião! Olhe esse fica para fr. José do Rosario que o odeia bem... E agora, primo, mãos á obra...

— Esperae José Maria... Quero-vos pedir ainda um serviço...

— Falae...

— Quero que na vossa vingança sejam envolvidos os raptores de minha filha!

— Sel-o-hão... Descobri-os... Esses entregae-os primeiro a D. Ramiro de Noronha, depois á Inquisição...

— Oh! Se os encontrasse?... Daria tudo quanto me pedissem... Infligir-lhes-hia todos os tormentos e ao ter de novo minha filha a meu lado...

— Que farieis?

— Dal-a-hia a D. Ramiro...

— Ah! Cardeal... Depois de ter sido amante d'outro...

— O que? gritou o velho com a voz estrangulada na garganta, os olhos fusilando em clarões de raiva, transtornada toda a sua placida physionomia.

— Sim... decerto... volveu o frade com grande sangue-frio. Julgaes acaso que após uns mezes de convivio com o raptor, elle a respeitou! Tornou-a sua amante e até talvez que sua esposa!

— Seria uma desgraça irremediavel! Ficaria sempre em poder d'esse homem.

— Não... Para elle vingança do noivo ultrajado... Ella obrigada a professar n'um mosteiro de ordem severa a expiar as culpas! gritou o oratoriano com fogo.

— Oh! A unica pessoa que amo...

— E que não corresponde ao vosso affecto...

— Para a qual guardava a minha fortuna...

A esta palavra magica, os olhos do padre brilharam ainda mais, e clamou:

— Oh! que prazeres me póde dar!... Recordar-me que depois de minha morte ella irá caír nas mãos de Henriqueta da Cunha, filha de meu irmão ou na de outro qualquer parente! Nunca! Não foi para isso que reneguei os Tavoras, não foi para isso que me curvei ante o Sebastião José, não foi para isso que luctei!

— Mas tendes a vossa obra!

— A minha obra!... Ah! A vingança! Por Deus... Eu tenho já pouca vida!

José Maria de Mello, fez-se livido de colera, olhou com raiva o cardeal e bradou:

— Mas ha momentos não dizieis isso, mostraveis até o desejo de vêr realisada essa obra immensa, ha mezes conspiraveis contra a vida da rainha, desejoso que voltasse a Companhia...

— Ah! Então tinha ambição para ella!

— E ha momentos?

— Desejava vêr confundidos os inimigos... A rainha que me insultou, Thessalonica que me combate, os outros que desprezo!

— Pois é por tudo isso que sois nosso alliado...

— E sou-o!

— N'esse casoa uxiliae a empreza! Se não quereis o vosso dinheiro nas mãos dos parentes, legai-o á Companhia de Jesus! gritou o padre-mestre.

O cardeal curvava lentamente a cabeça encanecida e ficava calado durante muito tempo, murmurando em voz baixa ao cabo d'uns momentos:

— E minha filha?

— Desprezou-vos... volveu o outro. Depois com grande raiva, cheio de colera, bradou:

— Sois louco, primo cardeal, então quereis legar o vosso dinheiro á mulher que fugiu do convento, á sacrilega que o saberia

repartir com o amante, esse homem, talvez um especulador, que alvejou esse fim, tenho certeza!

Então o cardeal, erguendo-se tambem bradou:

— Sim... Sim... E' possivel!... N'esse caso... O meu dinheiro será para...

— A vingança...

Calou-se, ouvindo soar aquellas palavras muito vibrantes, no pequeno ambito da cella, e volveu como a medo:

— Será para...

— Oh! Para a Companhia de Jesus!

— Para... A mãe d'Elvira... Sim para sua mãe... E ella se um dia vir a filha desgraçada soccorrel-a-ha!

— A mãe d'Elvira? Ainda vive?

— Vive...

— Onde? perguntou com intimativa o frade,

— No Lorvão já vos disse...

— E' monja?

— Sim...

— E chama-se?... interrogou José Maria de Mello com os olhos brilhantes de raiva.

O cardeal segurou-se ao rebordo da mesa, os seus labios entreabriram-se lentamente e volveu:

— Para que o quereis saber?

O oratoriano pallido de colera ao comprehender que o parente lêra alguma cousa de extranhamente terrivel na sua impaciencia, retorquio:

— Porque ás vezes posso carecer de estar em contacto com essa dama... Não me recommendais vossa filha?

— Sim... sim... Tende piedade d'ella.. E sereis inclemente para o seu raptor...

— Bem... N'esse caso, o nome?

O cardeal da Cunha ia talvez pronuncial-o mas n'este momento soaram duas pancadas na porta da cella e ouviu-se uma voz unctuosa, dizer:

— Abri, fr. José Maria de Mello!

— Sua Alteza! exclamou o frade com uma especie de raiva ao vêr que o cardeal ainda não dissera o nome desejado.

No emtanto abri-a a porta e curvando-se ante D. João, dizia:

— Oh! Grande honra me fazeis, senhor... Visitardes a cella mesquinha d'um pobre oratoriano...

— Dizei d'um santo e virtuoso varão, d'um douto luminar da egreja... Não é assim, senhor cardeal da Cunha? interrogou sua alteza dirigindo-se ao cardeal a beijar lhe a mão com respeito, praticando d'egual modo para com o frade, que a retirou n'um gesto rapido, dizendo:

— Alteza... Sou apenas um pobre frade...

— Ah! Que importa isso se apenas admiro as vossas virtudes, volveu o principe forçando-se a estender-lhe a mão, e dizendo de seguida:

— Mas sentae-vos, senhores...

E como teimassem em ficar de pé, D. João disse:

— Abreviarei n'esse caso a minha entrevista...

— Oh! Alteza real... Ficae...

— Sentae-vos! ordenou com um bom sorriso para o frade; e ao vel-os obedecerem-lhe, começou:

— Eu vinha confessar-me a vossa paternidade!

— A mim? interrogou o frade com espanto.

— Sim... E o vosso director espiritual?...

— O frade arrabido?

— Sim, alteza... O padre Mathias da Conceição...

— Oh! E' tambem o confessor de meu irmão...

— Mas...

— Não gosto de suas doutrinas... Por isso careço de nova absolvição para um peccado... Não fiz confissão completa a fr. Mathias. Desde que vos conheço tenho segredos e temo que...

— Ah! Alteza... O segredo da confissão é sagrado...

— Porém... Eu quero que me escutaes! Não só hoje mas sempre!

Os olhos do frade luziram de prazer, rejubilou ante aquella nova arma que lhe punham na mão, viu apressada a sua nomeação, sentiu-se subir d'um impeto ante a estupefacção do cardeal de Cunha e replicou:

— Mas alteza... Eu não sou vosso confessor...

— Sel-o-heis particularmente...

— Mas porque não nomeaes alteza a fr. José Maria, vosso director espiritual? interrogou o cardeal a auxiliar o jesuita.

Elle, com bem fingida modestia, volveu d'olhos no chão:

— Oh! Senhor cardeal... Por Deus! Não sou digno...

Porém, o principe erguera a figura gordalhuda e elle que raramente tinha impetos, clamou:

— E' por isso que aqui estou!

O frade fez-se pallido de prazer e o coração bateu-lhe com força julgando se já no paço.

— O principe continuava iracundo:

— Sim é por isso... Sollicitei a vossa nomeação para meu confessor... Fr. José do Rosario aconselhara-m'o e eu desejava-o bastante... Porém, a rainha minha augusta mãe, a instancias de D. José e do arcebispo oppoz-se... Jurei então nomear-vos eu proprio e eis porque estou aqui... No paço um confessor official que jámais me ouvirá... No convento vossa paternidade a quem reconheço...

— Mas alteza, uma simples curiosidade, e que allegavam sua alteza real o principe do Brazil e sua grandeza o arcebispo, para me combaterem?

— Oh! Padre... Vós sois um Tavora...

Fr. José Maria de Mello, fez-se livido, cerrou os dentes e murmurou ao cabo d'alguns momentos:

— Oh! que horrivel vingança eu vou tirar!

Logo, com uncção, um ar piedoso, seraphico, disse:

— Alteza real... Perdoae-lhes... O perdão é proprio dos peccadores que conhecem as suas culpas!

Persignou-se devotamente ao ouvir bater as Trindades no sino do mosteiro, emquanto o cardeal da Cunha se retirava, o filho dos Braganças caía de joelhos aos pés do descendente dos Tavoras!

XIV

Os carceres da inquisição

s sinos das egrejas da capital tocavam para a primeira missa da manhã e dos lados das novas ruas *Aurea* e *Augusta* bordejadas pelos estabelecimentos dos ouvires e dos mercadores de seda e lã, começavam a apparecer devotos que atravessavam o Rocio para a egreja dos dominicanos ou subiam para S. Roque, de contas enroladas nos dedos, as mulheres o-embi cadas, todos cheios do mais ferveroso zelo.

Frades mendicantes aos pares, as sacolas aos hombros destacando-se nos habitos pardos avançavam piedosos a tregeitarem bençãos sobre as barracas dos mercadores do outro lado da praça ao fundo da qual se destacava o palacio da Inquisição ladeado por muros altos a sustentarem os jardins que deitavam sobre as ruas do Principe e do Regedor.

As filhas dos burguezes, engalanadas, os penteados altos, caminhando sérias, eram seguidas a distancia por homens de balcão e lavrantes de metaes que os *escudeiavam*, segundo a phrase da epocha.

Alguns fidalgos saltitantes e mellifluos expunham se pelas esquinas, encarando com as mulheres, fazendo signaes compassados com os lenços, sorrindo ante a perfeição d'um *galante* ou d'um *tentador* que negregavam nas faces carminadas das donas.

E por aquella manhã alegre de domingo, os adros atulhavam-se de namoradores e de velhas alcovêtas, beatas e bruxas que acceita-

vam tanto os encargos piedosos como os profanos a troco d'um cruzado novo.

Mendigos aos bandos, nojentos esfarrapados, os braços laivados de feridas, as cabeças em crôstas leprosas, crivados de bexigas, estendiam mãos magrizellas e sujas com ladainhas confusas e hespanholamente devotas tanto pelo exagero, como pela a intuição.

As ruas animavam-se pouco a pouco em quanto o sol vinha do alto em jorros, alegrando fachadas severas, pondo resplendores de luz nos braços das cruzes de ferro espetadas nas cupulas dos conventos.

E n'um contraste profundo, enorme a este quadro de pia devoção d'uma cidade ao amanhecer, quando os vendilhões abriam tendas no lado oriental do Rocio e expunham mercadorias ás vistas do populacho, quando olhos de piedade tinham relampejos ternos para os gatunos que fiando contas faziam signaes ás damas, lá dentro no interior do palacio inquisitorial passavam-se outras scenas bem diversas.

Sob as abobadas recurvas, immensas, silvando em mil echos pelas arcarias soavam vozes profundas, sinistras, ouviam-se passadas de sandalias assentadas em lagedos que eram tampas de sepulchros, moviam-se vultos negros de famulos e do interior das estreitas cellas vinham n'uma dolencia arripiante, gemidos e ais modulados pelos prisioneiros do Santo Officio.

A' esquerda, lá bem ao fundo, n'um recanto negro, avistavam-se bancos grossos que rangiam nas polés por noutes extranhas de dôr, noutes que convinham aos carrascos tonsurados para melhor ouvirem as confissões das victimas: era o tronco com as suas aberturas, aquellas com umas camadas pardacentes, os ferros de todas as especies luzidios ao vil clarão d'uma lampada de sacrario suspensa na abobada negra pelo fumo das fogueiras alimentadas a oleos santos.

Era um laboratorio immenso de verdugos sagrados, um altar a presidir ás execuções, altar de toalha crestada pelo fogo, onde um Christo chaguento e arroxeado parecia contorcer-se asphyxiado tambem, os olhos parados em direcção ao céu como n'um desejo de romper essas curvas de pedra e vira mostrar-se ás multidões como a primeira victima dos seus pseudos discipulos.

N'aquelle logar reinava um silencio de morte. Os apparelhos

de tortura dormiam como monstros cançados de carnificinas, o aço no seu relampejar, ás intermittencias da lampada tinha ameaças em cada scintillação, castigos em cada lampejo. Depois por um corredor immenso, ladeado de portas incurtadas nas paredes, chumbavam-se cruzes junto a argolas onde se amarravam os padecentes e n'um pequeno largo era o potro, ferreo, ignominoso como um pelourinho de praça publica mas cuja vergonha recaía sobre os carrascos poupando as victimas.

Descendo das frinchas vidradas d'umas paredes vinham a escoar-se raios brandos da luz de fóra, as paredes abafavam os ruidos todos, tornando o logar n'um sepulchro de vivos.

Tres homens em passadas lentas, appareceram junto ao potro, vestidos em habitos de capuz, os rostos mascarados de negro, e ficaram uns momentos silenciosos. Subito um outro, vestido como os famulos, acercou-se d'elles e exclamou:

— Deus esteja comvosco, irmãos executores!...

— Amen... Mestre Jacintho Peres!... E na vossa graça estejaes!... replicaram os tres em unisono.

E o esbirro, n'uma compostura hypocrita, perguntou:

— Estará no edificio, sua paternidade, o senhor vigario?...

— Deve estar na sua cella! Aguardamol-o para o interrogatorio do vosso preso de ha duas noutes!...

— Qual d'elles? Porque tenho doiss, irmãos!

— Ah! Trata-se do hereje corregedor!

— N'esse caso, vou fallar a sua paternidade... Deus vos acompanhe!

E no seu andar pulado dirigiu-se para o atrio, passeando nos corredores onde soavam gemidos.

No seu caminho topou com um leigo de carantonha alvar e que se lhe dirigiu em tom abrupto:

— Onde ides, irmão?

— A' cella do senhor vigario...

— Ah! E' que sua paternidade aguarda uma visita...

— E' a minha, sem duvida... disse elle com importancia.

— Sois vós o que prendeu o corregedor hereje?

— Sim, irmão!...

— Ah! Vou conduzir-vos... Sua paternidade ha dois dias que tem andado fóra e só hoje póde interrogar o impio! Caminhavam

em direcção á cella do reverendo que ficava no lado de S. Domingos, n'uma portinha baixa, estreita.

O leigo roncou um *Bemdito* e bateu na porta, ouvindo-se ao mesmo tempo a voz pastosa do obeso frei José, clamar:

— Quem é?

— Somos nós, reverendo padre... O leigo...

— E Jacintho Peres, accrescentou o outro.

Sua reverencia levantou-se, arrastou sandalias e abrindo a porta appareceu ante os recemchegados, fazendo um signal ao leigo para que se affastasse e ficando com o esbirro a quem perguntou de subito:

— Então o nosso homem?

— Está no carcere, segundo julgo!

— Sim... Está no carcere... D'isso não resta duvida pelo menos para os guardas cujos ouvidos tem sido atroados com os seus grítos...

— Ninguem o diz...

— E porque?

— Porque o corregedor é homem de tino e sabe que de cousa nenhuma lhe servem semelhantes manifestações...

— Ainda não o vi... Vou interrogal-o dentro em instantes... Mandei preparar os homens da polé, porque póde ser necessario o apparato...

— Com certeza é, reverencia... Não é homem para fazer declarações á primeira...

— Bem... Assistirá ao interrogatorio... Olhe vá o senhor mesmo soltal-o!

— Eu? Mas...

— O que?

— Tenho exactamente hoje uma missão...

— Vós...

— Uma cousa que se relaciona com a cigana presa... Trata se d'um tal Joannico creado do conde d'Assumar e que...

— Ah! E' um hereje!

— E' o amante da feiticeira...

— Oh! Então ide... lançae-lhe mão... Vós tendes merecido, bem merecido bem n'estes ultimos tempos, Jacintho Peres...

— Oh! reverencia... Trabalho na gloria de Santa religião e na prosperidade da Companhia... Se ella se restabelecesse!

— Familiar... Era este o vosso logar!

— Oh! Eu Familiar do Santo Officio... Eu equiparado aos fidalgos... Mas e a minha apresentação!... disse elle com finura mostrando o seu enxovalhado fato negro.

— Tereis uma tença... Para demais fostes militar...

— Oh! Militei no Brazil no tempo do Sebastião José que bem mal pagou os meus feitos, o hereje!... Ahi está um a quem veria queimar de boa vontade...

— Como eu, mestre Jacintho... Como todos nós... Mas vou dar-vos uma paga... exclamou elle tirando uma porção de dinheiro da algibeira e entregando-lhe com dignidade, ao accrescentar:

— Esse trabalho da prisão do corregedor vale vínte cruzados...

— Trinta, senhor vigario...

— Sejam trinta... Com mais vinte do negocio do noviço...

O esbirro estremeceu ao recordar-se do que ouvira ao Joannico, comprehendeu bem ser necessario fazer desapparecer realmente e para sempre esse rapaz; ao lembrar-se das indicações aprendidas, pensou tambem no que seria a sua missão d'ora avante, e desejoso de saír d'ali acceitou a quantia sem reluctancia, dizendo apenas:

— Dar-me-heis oito pela cigana...

— E' caro... Mas eil-os...

— Ah! E não fallando, senhor vigario, nas indicações colhidas acerca do mui excellentissimo senhor D. Ramiro de Noronha...

— Que indicações...

— As da qualidade do seu aggressor!

— O que? Mas n'esse caso conheceil-o?

— Sei apenas que é um cadete do regimento de Peniche... Disse-mo sua excellencia, quando lhe fallei para as investigações.

— Ah! Procurae em todo o regimento e facil vos será talvez descobrir... Oh! Mas não é necessario... Amanhã ou depois o mais tardar estarão em nosso poder, pela confissão do corregedor... Ide!... Ide!

Foi-se para a porta resmungando mas saudando sempre o vigario, que lhe dizia:

— Olhae Jacintho, preveni os dois famulos que encontrareis na cella da portaria para soltarem o preso e levarem-no para a sala. Eu desço já...

— Sim, reverencia!

O esbirro affastou-se então tilintando o dinheiro na algibeira das calças e murmurando:

— Hum... hum... Não chega a sessenta cruzados... E ainda tenho que matar um homem por minha conta!... Maus raios!... Oh!... Que blasphemia! A senhora do Cabo me perdôe... Matal-o-hei... sem fraquejar... concluio com um sorriso unico, indo bater á porta da cella indicada pelo reverendo.

Dois individuos magros, de semblante carrancudo, vestidos de negro, ao verem o esbirro, interrogaram:

— Que nos quereis, mestre Peres?

— Ide conduzir para a antiga sala da tortura o corregedor impio... Sua paternidade, fr. José do Rosario, vae interrogal-o...

— Sim, irmão!... responderam em unisono, emquanto elle ia preencher mil formalidades para saír do edificio.

— Ah! irmão André... Vamos ao trabalhinho...! disse um dos famulos n'um ar alegre a qve o outro retorquia:

— Ora graças!... Já ha muitos annos que não se põe ninguem a ferros!

— Comparado com antigamente...

— Ora irmão... Para isto não ha como os reverendos padres de S. Domingos!... fazia elle, tilintando um molho de chaves e affastando-se seguido pelo outro nos corredores escuros, parando em fim face d'uma portinha baixa, a gargalhar:

— Vamos a ver-te a catadura!

A chave rangeu, os gonzos, chiaram e a porta abriu-se dando passagem a um homem corpulento por cujos hombros pendia a capa do corregedor e que bradava furioso, levando o lenço aos labios a enxugar a saliva por entre as risadas dos famulos:

— Por Deus!... Que o pagareis bem caro! Prender-se durante tres dias e quatro noutes uma pessoa da minha qualidade! E' um desacato! E' uma infamia... Onde está o sr. inquisidor geral?... Chamem o arcebispo de Thessalonica... Chamem até o rei para vos dizer quem sou...

— Perdão, senhor corregedor, vossa senhoria engana-se na conta... está aqui ha apenas duas noutes e tres dias...

— Basta... Basta... Eu não sou corregedor! bradou elle na sua grande furia, vermelhaça, apopletico, a limpar a saliva dos labios grossos.

Isso... Negae.... Ha-de servir-vos de muito... rosnou um d'elles...

— O que? Acaso não haverá aqui quem me conheça?

— Todos, segundo julgo!....

— N'esse caso, passagem!...

Apenas uma gargalhada lhe respondeu escarninha e zombeteira sob as abobadas e o pobre vice-rei, clamou:

— Mas quem me mandou prender! Antes que fosse o inquisidor geral, saíria d'aqui... Eu sou nobre... sou...

— Seja o que fôr... Sois um hereje... E' um preso do Santo officio... gritou um dos homens do tronco apparecendo na sua mascara e obrigando o pobre a recuar espavorido.

Os famulos lançaram-se sobre elle que se debatia e arrastaram-n'o para o meio da sala com grande pressa, desejosos de o amedrontarem.

— Malditos! Malditos! exclamou com intensa furia.

— Oh! blasphemo... blasphemo... murmurou uma voz cava ao fundo do corredor. Entrava então um monge ladeado por dois homens da semblante carrancudo vestidos como os antigos famulos do Santo Officio e que continuava:

— Ides narrar aqui todas as vossas impiedades...

— Eu... Eu... Porém sabeis com quem trataes?!

Mas ao vêr o sorriso escarninho que se desenhava nos labios de numia do frade, dizia cheio de commoção:

— Irmão... Ouvi-me... Escutae-me... Peço-vos um momento...

— Jamais recusei ouvir as confissões sinceras!...

E o seu olhar duro cravava-se com insistencia nos instrumentos de supplicio, como alanceado por uma longa saudade dos tempos em que todos esses ferros lampejantes serviam para arrancar a mentira á sombra da bandeira religiosa. Agora eram apenas uns pobres espantalhos, além collocados com o duplo fim de aterrorisar e de tornar mais horripilante o sombrio tribunal, eram como velhas fauces de feras impotentes ameaçando apenas pelo aspecto e por isso o frade com fingida clemencia, tornava:

— Falae.

— Meu padre... Meu irmão... Ouvi-me. Juro-vos que ha aqui um equivoco... Estou innocente...

— Calae-vos!... bradou elle. Calae-vos. Todos os da vossa egualha negam os seus crimes!

— Da minha egualha! volveu ao sentir-se offendido nos seus pergaminhos: Acaso tendes recebido aqui muitos vice-reis?!

Em torno, os homens do sequito, os brutaes carcereiros e famulos riram da ideia ao passo que o outro tornou em tom severo:

— Calae-vos!... Deus julgará este homem e a sua cumplice... Trazei-me a cigana!

— A cigana!... Ah! a cigana?! exclamou o vice-rei sem se poder conter.

— Conheceil-a, hereje?!... Ah! não podeis agora negar!... e nos seus labios appareceu o mesmo riso de velho inquisidor ao sentir que elle se lhe entregava com aquella phrase.

O seu olhar descia para os instrumentos de supplicio, via n'aquellas palavras a obscessão causada pelas massas de ferro no criminoso que os julgava ainda applicaveis e como acariciar toda essa arsenal de carrasco, fixando um a um os objectos, exclamou de novo:

— Trazei-me essa mulher!... Sereis confundido!...

— Mas nada tenho a vêr com ella! respondeu cada vez mais admirado. Quero sahir d'aqui... Vingar-me-hei... Direi todas estas atrocidades a Sua Magestade!

— Desvarias, impio... Desvarias!... Nunca mais sahirás d'aqui...

— Nunca mais?! Mas eu sou o vice-rei do Algarve!...

Com um gesto authoritario, o juiz do Santo Officio exclamou ainda:

— Basta de farças!... Dispam-n'o... Só assim confessará tudo!...

Atiraram-se sobre elle, rasgaram-no com impetos selvagens, de brutas feras, a amedrontarem-no, emquanto o outro tornava:

— Expliquem-lhe a serventia d'esses ferros e levae a cigana para a sala das audiencias.

— Quero saír d'aqui!... Quero saír d'aqui! Sou o vice-rei! clamava elle cada vez mais desesperado sem se poder mover, os labios cheios de saliva que lhe caía pelo queixo, emquanto os outros diziam:

— Saír!... Mas julgas então que se é hereje a bello prazer? Oh! Attentas contra a santa religião e não queres soffrer o justo castigo!...

O frade alteava a voz e n'um tom terrivel, bradava lhe:

— Sacrilego... Vil hereje immundo, pagarás por todos os outros... Tu estás aqui porque assim o ordenou o senhor inquisidor-geral! E' enorme o teu delicto sem duvida, para elle assignar o ordem de tua prisão... Sim, o inquisidor, que nunca nos dá presos d'importancia!

O vice-rei perdia pouco a pouco a côr, tornava-se pallido, desfallecia, continuava sempre a sua arenga aguardando que fossem buscar a cigana para a sala das audiencias.

Subito ouviu-se um ruido de passos, tilintaram chaves e dois novos famulos foram abrir a porta d'uma cella, exclamando:

— Saí...

Appareceu um corpo magro, enfezado, mettido n'uma batina ecclesiastica, e o vulto recuava ao vêr o vice-rei, ao analysar a sala das torturas e n'um grito de louco, bradava:

— Oh! Perdão... perdão .. Foram elles!... Eu queria ser cardeal!...

— Vinde comnosco, reverendo... disse o monge que estivera até então junto do vice-rei, acercando-se do jesuita Cardoso e murmurando-lhe ao ouvido:

— Estaes livre!

— Ah! Morreu a rainha? Voltou a Companhia? perguntou elle com um clarão d'alegria nos olhinhos redondos, tornando-se triste de seguida para dizer:

— E quem ganha a purpura não sou eu!... Morreu a rainha...

— Não... Irmão... Sua magestade perdoa-vos...

— Hein... A mim!... Oh! graças, meu Deus, graças... Ainda não tiraste todo o poder á Companhia de Jesus!

O reverendo prostrava-se por terra beijando o lagedo d'aquella sala onde milhares de innocentes tinham sido victimas d'esse poder que elle abençoava.

Depois levantou-se, arrimou-se ao frade e bradou:

— Oh! E para onde vou?

— Para Genova, irmão! exclamou n'este momento uma voz grave no atrio do edificio para onde os famulos conduziam o regicida.

— Oh! padre-mestre! bradou elle ao reconhecer José Maria de Mello.

— Sim... Embarcareis no *Orion*... Esperava que partisses hontem, mas o navio só larga á tarde... Ide para bordo... Aqui tendes esta bolsa... disse-lhe ao leval-o para um recanto, onde os famulos não o podiam ouvir. Gastae até Genova e quando ali chegardes perguntae pelo padre Vemecci... E' um pobre frade capuchinho, cujo convento vos indicarão... E' esse o vigario da Companhia... Passae com elle alguns dias e de seguida parti para Roma onde vos precederá uma carta para o geral... Ide, irmão!

— Oh! Abraçae-me... abraçae-me! Já dei graças a Deus pelo poder da Companhia...

O oratoriano apertou-o nos braços e murmurou:

— Os jesuitas triumpham sempre! Lembra-vos que em todas as ordens do paiz ha pelo menos um que enverga a roupeta sob o habito!

Ide! E a paz do senhor seja comvosco!

Mas no momento em pronunciava estas ultimas palavras ouviu passos no lagedo do atrio, entreviu aberta a porta da Inquisição e quasi a seu lado deparou com o arcebispo de Thessalonica, perante o qual todo se curvou deveras admirados d'aquella visita do inquisidor supremo que serenamente entrava do edificio.

José Maria de Mello, pallido como a cêra ao ser surprehendido pelo arcebispo a abraçar o criminoso, murmurou uma phrase e curvou-se n'um cumprimento, emquanto o padre Cardoso livido de terror, dizia:

— Oh! Vem condemnar-me!... Não me deixará saír...

— Sahi já!... exclamou o oratoriano entregando-lhe a ordem, e apontando-lhe os homens que o esperavam.

O jesuita caminhou de corrida e desappareceu na frontaria entre a escolta, ao passo que o parente do cardeal, relanceando um olhar pelo atrio apenas viu os famulos a distancia e o arcebispo que lhe deitava ainda um olhar investigador subindo a escada de pedra da sala do conselho.

— Oh! Mais um motivo para morreres miseravel! murmurou com os dentes cerrados o frade, cerrando o murro apontando na direcção do inquisidor.

XV

O inquisidor supremo

arcebispo ao vêr fr. José Maria de Mello abraçar o jesuita, mordeu os labios muito irado, sentiu confirmadas as revelações do intendente de policia e murmurou algumas palavras inintilligiveis.

Subia lentamente a escada na sua grande preoccupação e chegava em frente d'uma porta sobre a qual estava pintada uma grande cruz negra.

Um famulo curvou-se até ao chão ao reconhecer sua grandeza, e elle comprehendendo quanto carecia de tacto para se conduzir ordenou nos seus modos francos:

— Chamai o senhor residente...

O outro ajoelhou-se a beijar-lhe o habito e depois affastou-se de corrida, emquanto o arcebispo abria a porta e penetrava n'um aposento muito escuro, as janellas fechadas e pregadas interiormente, e de cujo tecto pendia uma pequena lampada d'azeite.

A casa tinha por mobilia uma especie de tribuna alta forrada de negro e onde se via uma mesa e uma cadeira de espaldar alto, em baixo mais duas mesas grandes rodeadas de escabellos e a meio do aposento um velho banco chumbado ao solo.

Era a sala dos interrogatorios d'onde outr'ora o padecente passava quasi sempre as troturas, quando não fazia a espontanea confissão do seu delicto.

Porém a maioria nunca chegava a entrar n'essa casa e só quando

se tratava de preso d'importancia é que o supremo conselho ou o senhor inquisidor em pessoa tratavam de os interrogar.

O inquisidor supremo, ficara de pé no meio da casa a olhar um Christo enorme suspenso da parede ao fundo da sala e que era illuminado frouxamente n'umas debeis intermittencias, que o coloriam extranhamente.

Dos labios do grande personagem saía um monologar confuso, irado, e ao vêr entrar um padre, magro, secco, de aspecto bondoso, avançou para elle e perguntou:

— Fr. Thomé de Jesus, entreviestes no interrogatorio do regicida?

— Grandeza... balbuciou elle com unção, curvando-se a saudal-o. Não assisti a cousa alguma...

— Ah! E quem o interrogou, n'esse caso?

— Fr. José do Rosario, o vigario...

— Bem... Estava entregue em boas mãos... murmurou o arcebispo, continuando:

— E dir-me-heis a razão da vossa falta?

— A minha saude abalada... volveu o residente com voz tremulo.

— N'esse caso fazei-vos sempre substituir por fr. José?

— Sim, grandeza!

— Quer dizer declinaes nas mãos d'esse padre todo o vosso poder, deixaes que proceda em harmonia com os seus interesses servindo-se do Santo Officio como d'uma arma para ferir os seus inimigos?

— Grandeza... Fr. José do Rosario é um homem de consciencia, merece a minha confiança... tornou o padre em tom humilde.

— Sim! Pois n'esse caso deixaes de merecer a minha...

— Eu? Mas grandeza que fiz para incorrer no vosso desagrado? interrogou elle muito admirado.

Gomo unica resposta, o corpulento carmelita, exclamou:

— Fazei com que fr. José do Rosario venha á minha presença... Quero que me responda elle proprio...

— Sim, grandeza... replicou elle muito tremulo affastando-se a buscar o gordo frade que entrou d'ahi a instantes curvando-se humildemente ante o inquisidor, buscando dar ao rosto a mais seraphica das expressões.

— Fr. José... gritou o inquisidor em voz terrivel. Fostes o encarregado de interrogar o jesuita Cardoso?

— Sim, grandeza... Assim m'o tinheis ordenado.

— Ordenado? Não... Pedir vos apenas um relatorio das suas confissões! Onde está elle?

— Aqui, grandeza, replicou o astuto jesuita em tom humilde, rejubilando ao vêr o espanto desenhado no rosto do arcebispo.

— Tinha cumplices? bradou em voz irada.

— Nada confessou... Elle está louco... respondeu o vigario.

— Ah! Por isso lhe concederam a liberdade... volveu em tom escarninho. A sua loucura é má, e o exemplo repetir-se-ha... Vou guardar o vosso relatorio que desejo lêr com attenção... E' verdade que o jesuita está livre mas não quer dizer que os outros o estejam muito tempo!...

E encarava com grande insistencia, os dois padres.

Depois n'outro tom, com certa indifferença, perguntou:

— Porém esse corregedor cuja ordem de prisão, assignei ha dias, decerto não está louco não é assim? Deveis tel o interrogado já... O sacrilego confessou o crime?

Fr. José sorriu com um ar jubiloso, e mentiu:

— Oh! grandeza declarou serem verdadeiras as nossas suspeitas disse que tinha cumplices... E' um verdadeiro hereje cuja prisão faz honra a vossa grandeza!

— Ah! E' então muito perigoso?...

— Immensamente... Os seus processos são infames e desde que não seja punido pelo menos com açoutes não ficará o exemplo para os futuros herejes...

— Como não ficou para os futuros regecidas... volveu o inquisidor a meia voz, continuando logo n'um tom severo:

— Os açoutes, dizeis?

— Sim, grandeza...

— Ah! Quantas vezes, o interrogastes?

— Tres... respondeu o jesuita affoutamente.

— Ah! E não declarou o nome dos cumplices?

— Não grandeza...

— Mas confessou o seu delicto?

— Sim, grandeza.

— Por todas as tres vezes?

— Sim, senhor inquisidor...

— Ah! N'esse caso precisa ser queimado! O aute de fé é a menor pena para o seu crime!... exclamou o arcebispo olhando bem fr. José do Rosario que estremecia e respondia logo ao ouvil-o dizer ainda:

Faremos reviver os autos!

— Ah! Sois justo, senhor... Sois um verdadeiro justo...

— Mas não era isso o que se dizia ainda ha bem pouco tempo... volveu a sorrir para os padres buscando ouvil-os.

O residente calava-se; na sua face de homem sério e grave nada transparecia, o outro replicava com certa ousadia ante o bello sorriso do arcebispo.

— Não, grandeza... Chamavam-vos apenas pouco rigoroso.

— Oh! Mas n'este caso provar-vos-hei, como sei punir... Ide buscar esse hereje... Tenho desejo de o interrogar... Ah! fr. José do Rosario estará no edificio alguns membros do conselho?

— Vossa grandeza, quer proceder a um interrogatorio em forma?

— Mas certamente... Não dizeis ser esse homem um grande criminoso?

— Assim é, grandeza.

— N'esse caso, mandae chamar um membro do conselho... Por exemplo o senhor cardeal da Cunha!

O jesuita estremeceu, buscou ler no rosto do arcebispo o movel a que obedecia ao mandar chamar aquelles homens e de seguida ia partir para cumprir as suas ordens quando o ouvia exclamar:

— Oh! Não é necessario fr. José... Não é necessario... Eis sua eminencia que chega!...

E apontava a porta ao jesuita e onde apparecia a purpura do cardeal que ao ver o confessor da rainha, se fazia pallido e exclamava:

— O senhor inquisidor supremo!...

— Sim... Eminencia, sois o presidente do conselho secreto da inquisição não é assim? Exerceis as funcções de inquisidor geral provisoriamente, não é verdade?

— Sim, grandeza.

— N'esse caso espero que assistireis ao interrogatorio d'esse heretico corregedor accusado de sacrilegio... O cumplice dos raptores de vossa sobrinha... disse o arcebispo com delicadeza pouco vulgar, mascarando o odío que nutria pelo cardeal.

— Mas grandeza... Eu não desejava privar vossa grandeza d'essa missão... Para demais vinha para isso... Mas estaes sós senhor e...

— E vossa eminencia ficará tambem...

— A's vossas ordens!... replicou com certo eontentamento o cardeal, dizendo de seguida:

— E já o interrogaram?

— Sim eminencia... E' um verdadeiro facinora... Não é assim fr. José?

— Sim grandeza... Um infame!

— Pois senhor cardeal, é o unico auto de fé á antiga que vou ordenar!... exclamou com vehemencia o arcebispo, saboreando com delicia aquella alegria que se espalhava no rosto branco do velho cardeal, gosando de antemão o prazer da vingança, parando ao ouvir o corregedor fazer face a face a accusação d'esse principe de egreja que tinha ali ao seu lado.

Veiu-lhe então um desejo de chamar tambem José Maria de Mello, confundil-o, arrancar-lhe a mascara e levar a sua audacia ao ponto de os deter no carcere que a sua victima deixaria, indo de seguida participar á rainha a sua obra dizendo:

— E esses não são loucos, real senhora! Porém carecia de testemunhas para isso, para que ostentassem depois todas as declarações do corregedor e n'um gesto amplo, bradou:

— Chamae fr. José Maria de Mello que se encontra no edificio... E' um dos familiares do Santo Officio, parente do senhor cardeal e por consequencia da pobre senhora victima do miseravel corregedor e dos seus cumplices...

O cardeal ficou uns momentos surprehendido com tanta deferencia, elle que conhecia bem o seu inimigo, e emquanto fr. José ia chamar o oratoriano, ordenava a um famulo.

— Eh! Ordenae de minha parte, a todos os padres que se encontram no edificio que venham a esta sala!

— Mas para que, grandeza? perguntou com susto o cardeal.

— Para dar maior luzimento ao acto! retorquiu elle saudando muito amavelmente fr. José Maria que entrava ao lado do jesuita n'um ar grave e respeitoso.

— Sentae-vos senhores... E que venham todos!... gritou para o famulo.

— Mas o conselho costuma ser secreto... disse ainda o cardeal.

— Assim é... exclamaram todos vendo que alguma cousa de extraordinario se ia passar.

— Ordeno! bradou em tom de commando para o famulo que se retirou, e logo em voz agradavel para fr. José do Rosario, interrogou do alto da tribuna para onde subia com o cardeal!

— Declarou, não é verdade, que fôra ao convento no intuito de raptar uma monja?...

— Sim... Grandeza! mentiu logo o frade com um olhar para José Maria de Mello.

— Era acompanhado por dois homens?

— Isso não o affirmou... Julgo até que eram mais... Mas o que feriu o sr. D. Ramiro de Noronha era um cadete do regimento de Peniche!

— Muito bem... Embora tenhamos que prender o regimento inteiro, descobril-o-hemos... Não é assim senhor cardeal?

— Decerto... E agradeço a vossa grandeza a parte activa que toma n'esta desgraça que me feriu profundamente.

— Obedeço ao meu zelo religioso e ás ordens de sua magestade! replicou Thessalonica, ante o pasmo estampado em todos os rostos perante aquella nova forma do arcebispo encarar as questões começando a verem n'elle um outro homem bem diverso.

Agora entravam padres e famulos, agglomeravam-se confusamente na sala mal illuminada, deixavam um logar vago para o reu, e depois quando os servos entravam com os brandões de cêra fumegantes, o arcebispo pondo-se de pé, perguntou:

— Fr. José, esse corregedor não declarou mais nenhum facto, embora extranho ao crime?...

— Não grandeza... Mandei-o conduzir á sala, esperava de interrogal-o com o senhor residente na casa da audiencia Ali declararia tudo!

— Conduzi esse corregedor para esta casa...

— Fez-se um grande silencio ao aguardarem o criminoso, todos tinham desejo de ouvir as revelações que elle iria fazer e José Maria de Mello, vendo alguma cousa de extranho no procedimento do inquisidor, estremecia ao lembrar-se que sem duvida Thessalonica estava ao facto da conspiração e os collocaria, a elle e ao cardeal, em frente do supposto hereje.

Vinha-lhe então um desejo enorme de prevenir o parente ao sentir-se perdido e estremecia ao ouvir o cardeal supplicar a Thessalonica:

— Espero de vossa grandeza um bello acto de justiça...

— Oh! Prometto aos culpados uma grande punição! e fazia-se vermelho de raiva.

— Sua grandeza, fallou ha pouco n'um auto de fé... assegurou fr. José do Rosario.

— Sim um auto de fé, bem temivel, bem publico para servir de exemplo. Estão prohibidos, mas restabelecel-os-hei.

Ouviram-se passadas no corredor, gemidos, depois umas vozes bradando:

— Caminha hereje!

O inquisidor de pé, a mão no peito do habito, era imponente a dominar a multidão tonsurada.

Os brandões ardiam, avermelhavam com o seu clarão os rostos aos presentes, parecendo espalhar uma onda de sangue, fumegavam as chammas d'um auto de fé precoce. Destacavam-se cinco habitos negros de sacerdotes, vestes de famulos, rostos carrancudos de guardas emquanto o Christo macillento, suspenso na parede parecia presidir com o inquisidor supremo a essa reunião que ia assistir ao julgamento d'um hereje.

A subitas appareceu um homem semi-nu, os fatos rasgados, adiposo, o rosto transtornado de terror, tremulo que caía no meio do aposento ao empurrão brutal dos famulos e se erguia de seguida ferido, maltratado, olhando desvairado todos os presentes.

José Maria de Mello, occultou-se entre dois frades, o cardeal desviou a vista temendo ser reconhecido e apenas o arcebispo inquisidor, olhava o recemchegado, tendo na physionomia uma expressão extranha de pasmo.

O outro, olhava-o tambem e dos seus labios saía um grito, uma exclamação entre jubilosa e assustada, emquanto Thessalonica com voz temivel bradava:

— Mas que significa isto?... Porque está aqui o senhor vice-rei?

— Vice-rei! exclamavam todos cheios de pasmo, e o proprio cardeal tinha um gesto de indignação.

Fr. José do Rosario, tornou-se livido, e o arcebispo, bradou:

— Expliquem-se! Que quer dizer esta infamia?

— Vice-rei?... murmuravam ainda os assistentes, ao passo que elle, cheio de colera, borbulhando saliva, clamava terrivel:

— Senhor arcebispo, sou uma victima dos seus sequazes! Arrastaram-me para aqui n'uma sege apesar dos meus protestos, metteram-me n'uma cella escura durante muito tempo, deram-me como alimento apenas pão e agua e esta manhã conduziram-me para um logar ignominioso, rasgaram-me as carnes, retalharam-me os braços com as suas cordas e não me quizeram ouvir... Mas hei-de pedir justiça a sua magestade, e a meu pae... Que delicto commetti eu, o vice-rei do Algarve?

— Por Deus senhor vice-rei! bradou o arcebispo, descendo da tribuna e agarrando os hombros nús do personagem. Juro-vos que os culpados de semelhante infamia serão punidos .. Oh! E' preciso que não me accusem de complacencia!

— Fr. José do Rosario! gritou em voz terrivel. Senhor residente!

Os dois interpellados avançaram de cabeça baixa ante o pasmo e o terror que se apossava de todos, e o arcebispo fulminando-os com o seu olhar penetrante e colerico, exclamou:

— Explicae-me vós, os dois assistentes de Inquisição, como se encontra aqui o senhor vice-rei n'este estado, um fidalgo de maior nobreza, um subdito fiel da rainha?

— Grandeza!... murmuraram ambos deveras agitados.

— Ah! Fallae! ordenou em grande colera.

Todos estavam como paralysados comprehendendo a grande vingança que o arcebispo ia tirar, vendo agora bem o seu poder enorme, lendo no rosto do vice-rei a maior das raivas.

— Fallae!... Sim fallae!... exclamou por seu turno o obeso personagem, soltando de seguida um gemido e caíndo n'uma cadeira que dois sacerdotes lhe acercavam, murmurando:

— Oh! miseraveis... Tentaram contra a minha vida, contra a minha liberdade... Pagal o-hão!

— Então, senhores? interrogava o inquisidor avançando de punho erguido para os dois frades.

— Senhor... Julgamos que sua excellençia era o corregedor!

— O quê? Não têm então aqui outro preso?

— Não, grandeza, não...

— Oh! Mas que infamia... Foi então ao senhor vice-rei que interrogastes tres vezes, foi elle que vos declarou ser cumplice do

rapto, foi ainda sua excellencia que declarou a sua connivencia no sacrilegio?

O jesuita caíu de joelhos aos pés do arcebispo e supplicou:

— Piedade... perdão...

— Ide supplical-a a sua magestade, hypocrita cumplice de mil torpezas! Esmagar-vos-hei a todos!... e n'aquella ultima palavra via se a allusão á Companhia de Jesus, no olhar que enviava ao cardeal lia-se o rancor.

— Senhor peço-vos perdão por meu turno; não fui o culpado...

D'esta vez o pasmo foi ainda maior ao verem o poderoso arcebispo curvar se ante o personagem.

— Vingar-me-hei! bradou apenas o vice-rei com um terrivel gesto.

— Confundiram-vos com um corregedor sacrilego!

— Ah! O miseravel!

— Quem?

— Esse corregedor!

— Conheceil-o?

— Sim... Trazia a sua capa, foi por isso que me confundiram...

— Oh! e o infame emprestou-m'a de bom grado!

— Mas que quer dizer tudo isso?

— Que esse miseravel ha-de ser enforcado n'uma praça publica! foi a unica resposta do vice-rei, que exclamava de seguida:

— E agora quero saír d'aqui! Quero punir o corregedor e os que me prenderam bem como aquelles que não me quizeram ouvir!

O arcebispo deu as suas ordens e o vice-rei saíu com gestos furiosos e loucos, emquanto os frades se dispressavam e José Maria de Mello saía do lado do cardeal, murmurando:

— Oh! A' solta ainda o miseravel corregedor!...

— Tem a protecção do intendente de policia, assim o julgo.

— Pois, Pina Manique será o primeiro a caír ferido!... tornou o oratoriano n'uma ameaça.

O inquisidor, olhando fr. José do Rosario d'uma maneira terrivel e disse:

— Recolhei-vos á vossa cella! Amanhã sereis punido bem como os vossos cumplices...

— Senhor...

— Nem mais uma palavra! O Santo Officio é hoje uma prisão do estado e não serve de arma aos jesuitas!

— Aos jesuitas?!... perguntou elle tornando-se livido.

E o inquisidor agarrando-o pelo habito com a sua mão possante, disse-lhe rapidamente.

— Sim, os jesuitas que odeiam os que lhes descobrem os manejos como succedeu a esse pobre corregedor! Ah! fr. José, vós bem o sabeis, e agora resta-vos apenas o forte da Junqueira!

— Oh! perdão... perdão...

— Ide para a vossa cella! O senhor residente recolha-se á sua!... E depois para um frade, ordenou:

— Ouvi fr. Martinho... Que ninguem communique com fr. José do Rosario... Respondeis por isso!... disse elle n'uma ameaça.

E sahindo tinha nos labios um sorriso, murmurando:

— Oh! Pobre corregedor salva-se dos jesuitas torna-se alvo da vingança d'um grande fidalgo!...

De pé, na rua, olhando o edificio rosnou:

— E eu que o queria salvar!

Depois trepou para a sege que se affastou de corrida.

XVI

A descoberta do esbirro

Mestre Jacintho Peres, com uma expressão radiante na physionomia, uns clarões jubilosos nos olhinhos pardos encravados no rosto chupado, entrava na cella de José Maria de Mello, que sentado em face d'uma grande mesa e empunhando uma penna de rama, escrevia muito á pressa algumas notas no caderno collocado na sua frente.

— Ah! Sois vós, mestre Jacintho... exclamou o oratoriano, de semblante carregado.

— Eu sim, senhor padre mestre, eu que vos trago uma grande novidade.

— Maior tenho eu para vos dar, sem duvida alguma... Novidade de tal ordem que vos conduzirá ás pedras d'Angoche ou á forca...

— A mim, reverencia...

— Sim, a vós que nos compremettes a todo o momento... A vós que auxiliaes os nossos inimigos... E o melhor é que elles proprios vos punirão como já está succedendo ao pobre fr. José do Rosario, vossa victima! gritou o Tavora, tomado de rancor subito.

— Minha victima!... Oh! mas não comprehendo... Juro-vos... titubeou elle mudando rapidamente a expressão do rosto.

— Sim... Ah! mas tomae cautella, muita cautella, senhor Jacintho. Ainda não perdemos a esperança de restabelecer a Compa-

nhia e ella vos punirá se antes d'isso os senhores da côrte não vos mandarem arrancar a pelle...

— Mas de que se trata, reverendo... Eu que tenho prestado serviços enormes á Companhia!... Aindo ha dias lancei mão d'um hereje que outro não seria capaz de conduzir ao carcere!

— Julgas isso?

— Tenho a certeza.... O corregedor é o que se chama um verdadeiro astucioso... Tem logrado muitos...

— Como te logrou tambem, mestre Jacintho...

O esbirro soltou uma risadinha e engelhando o rosto n'uma careta que queria fazer passar por sorriso, volveu:

— Ah! vossa reverencia tem estado a brincar...

— Jacintho Peres! Eu não brinco nunca!... Não costumo descer a essas frivolidades... Dedico a minha vida, como sabeis, a grandes commettimentos, a tarefas superiores e de tal ordem que jámais me sobeja o tempo para gracejos...

— N'esse caso... Mas... Como é que o corregedor me logrou...

— Fugindo...

— O quê? Dos carceres da Inquisição! Impossivel! Seria o primeiro! exclamou elle fixando o oratoriano que se levantou irado e bradou:

— Não dos carceres da Inquisição porque nunca lá entrou!

— Reverencia! gritou o esbirro, pois se o proprio carcereiro m'o disse!...

— Enganou-vos! Dizei-me... Conheceis bem o corregedor?...

— Regularmente...

— Mas não tanto que não o deixasses passar lançando mão d'outro que usava a sua capa e o seu chapéu!

Jacintho Peres, fez-se livido de raiva e bradou:

— Ah! O miseravel! Mas hei-de encontral-o, juro-vos. E até então o infame que se prestou a essa farça indigna pagará bem cara a ousadia! O senhor inquísidor supremo, saberá punir os que representam comedias com os famulos do Santo Officio! Eu proprio o porei no potro... Oh! merece tratos de polé!...

— Mestre Jacintho... Desenganae-vos. Não fareis isso!

— Juro-vos... Arrancarei a pelle ao patife!

— Tereis coragem de fazer semelhante cousa ao senhor vice-rei do Algarve?

— O vice-rei!... gritou elle n'um impeto agarrando-se a um movel para não cahir.

— Sim... Elle proprio, que jurou vingar-se dos que lhe tinham feito semelhante offensa!

— Oh! Meu Deus... Mas porque serviu elle esse corregedor?

— Ao contrario... Sua excellencia estava convencido que o outro é que o servia!

O maior pasmo se desenhou no rosto do esbirro, que bradou:

— Mas como?... Oh! Tudo isto é extraordinario...

— E mostra bem o valor d'esse corregedor que empresta a capa aos vice-reis que não querem ser reconhecidos em maus logares!

— Ah! Agora comprehendo! Meu senhor... Salvae-me!

— E acaso o poderei fazer?... Esse maldito arcebispo colliga-se com o vice-rei, prende na sua cella fr. José do Rosario e auxiliado pelo outro que soffreu tratos, dará o derradeiro golpe nos poucos jesuitas que ainda existem na Inquisição.

— Impossivel!... impossivel!...

— Mestre Jacintho! Duvidaes do que vos affirmo?

— Mas o senhor cardeal nos salvará!

— Elle? Oh! E acaso não se salva tambem a custo?

— Oh! a Companhia perdida por um mau passo d'um esbirro! exclamou fr. José Maria, n'um arranco.

Jacintho Peres, curvou a cabeça, ficou uns momentos silencioso e por fim, assegurou:

— Pois eu salvarei os jesuitas!

— Vós!... tornou o frade com um sorriso de escarneo. Vós que não vos podeis salvar...

— Salvar-me-hei! volveu o esbirro com firmeza, collocando-se com certo aprumo em frente do padre-mestre.

— Mas como?..

— Entregando os verdadeiros raptores da sobrinha do senhor cardeal...Esses que Sua Magestade deseja punir pelo sacrilegio... Os nomes que esperavamos ouvir da bocca do negregado corregedor posso eu dizel-o dentro em...

— Em dez annos!... gargalhou o frade muito desprezadamente.

— Não, reverencia... Dentro em minutos! bradou o esbirro

cheio de altivez deixando José Maria de Mello n'uma grande preplexidade.

— Que dizeis? Oh! Estaes louco, bem louco!

— Não, fr. José Maria, não padre-mestre... Falo com consciencia. Era essa a noticia que vos trazia!

— Ah! exclamou o interlocutor como se começasse a vêr a salvação, accrescentando:

— Se assim é na realidade, podemos tentar alguma cousa... Mudaremos de tactica... Dirigir-nos-hemos a el-rei e a sua alteza... Entregaremos á justiça real esses sacrilegos. Appelaremos para o senhor marquez de Angeja que por seu turno insistirá com o seu filho para que perdôe os maus tratos... O arcebispo apesar da sua preponderancia no animo da rainha não poderá obstar a que justiça seja feita... Deixaremos a gloria da acção e tirar-lhe-hemos o proveito... Fr. José do Rosario e o residente serão postos em liberdade... O cardeal da Cunha e eu podemos respirar... E emquanto ao corregedor guardal-o-hemos para depois... Não ha risco de apparecer na cidade n'estes tempos mais proximos!...

O padre-mestre falava muito rapidadamente, com uma certa segurança, começava acreditar elle proprio nas palavras do esbirro e interrogando de seguida:

— Mas tendes ao menos d'esta vez a certeza?

— Completa!

— Porém, como?

— Por todos os motivos...

— Falae... Isso não são razões!

— Pois bem... Vossa reverencia sabe que muitas vezes vos acompanhei a reuniões e a visitas no convento das Salesias?

— Sim... E depois...

— Sabeis tambem como conheço D. Elvira de Mello, a sobrinha de sua eminencia!

— Sim... sim...

— Pois vi sua excellencia!

— Tu! E onde?

— Mais devagar, reverencia, basta dizer-lhe que a vi.

— Oh! Seria maravilhoso... Oh! maravilhoso por todos os motivos! gritou o frade com grande energia, perguntando-lhe logo:

— Mas não te enganaste?

— Não, reverencia...

— Conta-me tudo... Dar-te-hei o que precisares!

— Era ahi que queria chegar... como eram as vossas ordens a respeito d'essa dama que vinha receber... Não quiz dirigir-me a sua eminencia porque julgo conhecer um pouco as vossas ideias.

— As minhas ideias?

— Sim, reverencia, as vossas ideias! Tanto a respeito da Companhia, como a respeito da vossa familia!

— Por Deus! Mestre Jacintho isso é d'um arrojo... disse elle com um sorriso de desdem.

— Julgaes? Oh! Não o diz a assim o vosso livro!

— O meu livro?

— Sim... Os planos que todo o bom membro da Companhia deve enviar o geral de Ordem, deixando uma copia no archivo de residencia!

— Ah! Miseravel atreveste-te a...

— A abrir a estante de vossa reverencia! gritou o esbirro muito tranquillamente.

— E confessas esse crime! Oh! Sabes que incorres na penna de excommunhão...

— Por Deus! Eu sou leal... Desejo apenas a vossa protecção, tornou o esbirro com humildade comica.

— Que demonio... Desde que passe ás vossas mãos a fortuna do senhor cardeal ou que entre nos cofres da Companhia, ou desde que tenhaes poder, espero que sabereis recompensar o humilde servo que de tal fórma vos auxilia, que podendo receber uma bella recompensa do senhor cardeal da Cunha se apresenta espontaneamente a declarar-vos que se colloca ás vossas ordens...

Fr. José Maria de Mello, muito pallido ao vêr-se assim entregue a um esbirro, tornado implicitamente seu cumplice, esboçou um sorriso vingativo, que o outro viu, e fusilando um olhar raivoso atravez os seus oculos verdes, disse em tom grave, como se não quizesse ligar maior importancia ás palavras do sequaz da Companhia:

— Obedeceis-me então, n'esse caso, não é assim?

— Sim reverencia... Hoje como sempre, como no futuro, quando fôrdes o dominador.

— N'esse caso contae-me como descobristes a sobrinha do senhor cardeal da Cunha.

— Vou satisfazer-vos, reverencia! assentiu o esbirro, sentando-se sem cerimonia n'uma cadeira, e tirando uma pitada de rapé da caixa d'ouro que estava sobre a mesa ao alcance da mão.

Depois fungando-a com delicia, assentando dois piparotes n'um gesto em que parodiava os elegantes pintalagretes, recostou-se mais e começou:

— Vossa reverencia sem duvida ouviu falar de certo noviço cartuxo que estando nos aposentos do senhor arcebispo, ouviu a ordem de prisão para o negregado corregedor?

O frade, teve um sorriso terrivel e exclamou:

— Sim.. Um rapazote que pagou com a vida a sua visita ao carmelita... Se não me engano fostes vós o encarregado d'essa morte?

— Assim é, reverencia... Vejo que sois um bello provincial da Companhia... Tudo sabeis...

— Bem... Mas que tem a vêr esse noviço com a sobrinha do cardeal? Ah! Espera, exige-me talvez contas da sua morte... perguntou elle ao recordar-se dos preambulos que o outro empregava e julgando vêr ali um ardil para que o salvasse.

Porém Jacintho Peres, muito repotreado na cadeira, as perninhas magras estendidas, volveu:

— Não, reverencia... Tanto mais que o noviço não morreu!

— Como, não morreu?

— Oh! Acaso estará pouco afiado o vosso punhal como pouco astuta está a vossa imaginação? interrogou elle fulminando-o com o olhar.

— Não reverencia... E' que eu não me servi d'essa arma... Odeio o sangue que corre... Depois ha o estrebuxar das victimas... disse o esbirro no modo chocarreiro que por vezes empregava.

— Ah! E' assim que nos obedeces? Deixaste em paz esse miseravel, que naturalmente se apressou a prevenir o corregedor do que se lhe preparava e...

— Não, reverencia... Não teve tempo para isso...

— Mas então...

— E' que eu escolhera para elle outro genero de morte... Como se fosse casual... Estava uma noute de tempestade, iam n'um bote onde com certa habilidade o conseguira conduzir... Em frente

d'uns rochedos a tripulação saltou á agua, eu obriguei o fradepuio a mergulhar e saltei tambem julgando-o bem morto... Tanto mais que o infeliz me confessara a sua ignorancia na arte natatoria!

— Viemos para terra e fomos acampar á mesa d'uma taberna longinqua, conscios de termos ganho honradamente o nosso dinheiro...

— Bem... Porém não succedera assim...

— Decerto e vou restituir a fr. José do Rosario os trinta cruzados da Companhia...

— Ah! Estaes honesto! gargalhou o frade.

— Não... E' que a vida d'esse bello frade, vale hoje para mim mais de duzentos cruzados!...

— E porque?

— Porque por elle cheguei a excellentes resultados acerca da sobrinha de sua eminencia!

— Ah! E' talvez elle o raptor?...

— Não... não... Está proximo d'elle mas não é o culpado... Se o levaram para casa d'elle depois de o arrancarem ás ondas, o pobre noviço não tem d'isso a menor culpa...

— Ah! E vós...

— Sim... Ouvi um patife que é amante de certa feiticeira, narrar o caso...

— Onde?

— No *Neutral* na volta da celebre partida do infame corregedor...

— Que fizeste então?

— Fui ouvindo e depois quiz conduzir o salvador da gente perigosa para a inquisição... Porém, se este tem bons braços para nadar, melhor os tem para desarmar soldados e conseguio evadir-se, sem que lhe puzesse até hoje a vista em cima!

— Ah! E é por esse rapaz que esperas saber onde pára o noviço?

— Não reverencia... Porque o heroico nadador, para melhor narrar a sua acção contou para onde o levara.

— Ah! E depois?

— Depois... Claro que no dia seguinte fui ao logar indicado esperando encontral-o para ganhar d'este modo os meus trinta cruzados e não incorrer nas iras de fr. José do Rosario.

— Ah! E' interessante a tua narração... Continua! exclamou o oratoriano ficando-se a escutar o outro com agrado.

— Estava eu á espreita e mais dois dos meus companheiros, eis que a janella da casa onde se occulta o naufrago se abriu para que o ar penetrasse a refrescar os aposentos, e...

— E?...

— A meus olhos appareceu n'uma aureola de sol a mais formosa das damas... Dos labios dos meus companheiros saíram gritos de pasmo, nos meus abafei um nome e o meu pensamento voou logo para o cofre do senhor José Maria de Mello...

— O que?... exclamou o oratoriano, não podendo deixar de rir ante a arenga do esbirro.

— Sim... Porque essa formosa apparição dizia-vos respeito... era...

— D. Elvira de Mello... a sobrinha do senhor cardeal!

— Oh! E' admiravel! exclamou o frade com um subito enthusiasmo.

— Não é verdade?... Pois bem, deixei em paz o meu homem que tambem appareceu no terraço mas d'uma maneira que quasi o não conheci!

— Ah! Não admira, naturalmente o abalo...

— Não era o rosto que estava mudado...

— Então...

— Era o fato... O noviço mandou o habito ás ortigas e vestia agora uma bella farda de cadete do regimento de Peniche...

— Ah! Foi então elle que feriu D. Ramiro de Noronha... Era um falso frade... Tens razão em dizer que a vida d'esse homem vale muito dinheiro... Vou compril-a...

— Não se apresse, vossa reverencia. O culpado não é elle...

— Mas essa farda...

— Significa apenas o pedido que ia fazer ao senhor arcebispo! que foi deferido, segundo me disse fr. José do Rosario no proprio dia.

— Ah! Mas então...

— Então quer apenas dizer que ha outra gente mettida na questão.

— E quem?

— Ah! reverencia... Ao ver a formosa apparição lembrei-me do vosso cofre... tornou elle no seu tom jocoso.

— Quanto queres? volveu com laconismo imperioso, o frade.

D. MARIA BENEDICTA

— Julgo que duzentos cruzados... Sim, tenho que me vestir de novo...

O oratoriano escreveu algumas palavras n'um papel e disse de seguida, estendendo-lhe o papel.

— Amanhã a casa do mestre Abrahão Mosés, banqueiro da Companhia.

— Eis ahi um judeu que negoceia com o mais santo dos dinheiros! murmurou entre dentes, o esbirro.

— Vamos: O nome d'esse homem e o logar onde se occulta a sobrinha do cardeal!

— O logar é no palacio do sr. conde de Assumar, na Cruz Quebrada... Foi o creado Joannico, amante da cigana Chiquita, que está no Santo Officio, quem salvou o frade tornado cadete...

— O conde de Assumar! Mas esse tambem é do regimento de Peniche... Foi até nomeado agora alferes! Ah! E' então o conde! Mas isso é impossivel! Se sollicita ha muito a mão da filha do conde de S. Vicente, outra sobrinha do cardeal!

— Mas, reverencia, isso não quer dizer que o conde não tenha algum amigo...

— Aquem cedesse o seu palacio! Tens razão...

— Exactamente! Tem um amigo... Alguem que não se encontra agora em Lisboa...

— Mas como o sabes?

— Por um creado a quem perguntei pelo senhor conde... E elle disse-me que sua excellencia não residia ali... Ia visitar muitas vezes, todos os dias até, o seu amigo que residia no palacio desde ha quatro mezes!

— Ah! E é esse...

— Tambem antigo cadete e hoje alferes do regimento de Peniche, o raptor...

— Mas como o sabes?...

— E' simples... Moram além dois homens e uma senhora... Ha um terceiro que os visita.

— Sim... Falla...

— O primeiro era frade antes do rapto e não podia ser o aggressor do senhor D. Ramiro de Noronha o qual declara ter sido ferido por um cadete...

— Bem...

— A senhora é sobrinha do senhor cardeal...

— Sim...

— O que os visita está para casar ou ama outra sobrinha de sua eminencia e não podia ser o raptor... Por consequencia é o terceiro... O que saíu de Lisboa ha quasi quinze dias e ainda não voltou... Foi até nomeado alferes durante a sua ausencia.

— E chama-se?

— Eis o que o creado ignorava porque o senhor conde nunca se dirigira ao amigo á sua vista... E para demais este servo está lá ha pouco mais de quatro mezes e é empregado das cosinhas...

— N'esse caso ignoras...

— O que? O nome do amigo do senhor conde?

— Sim... O nome do sacrilego!

— Não, reverencia... Sei-o... Nada mais facil do que no quadro do regimento do senhor marquez das Minas ou no numero da *Gazeta de Lisboa,* vêr os officiaes promovidos... E os unicos cadetes nomeados alferes no regimento, são, o senhor conde de Assumar e...

— E o raptor...

— Que se chama...

— Gomes Freire d'Andrade! exclamou triumphante, o esbirro fazendo uma venia ao padre mestre, que se tornava pallido e exclamava ante este nome:

— Oh! Será parente d'um certo Bernardim Freire, militar tambem, um capitão, com o qual temos antigas contas... Um patife que sendo alferes serviu Sebastião José, contra a Companhia? Seja como fôr... Irei até ao fim... E' necessario, mestre Jacintho Peres, que venha para o nosso poder a sobrinha de sua eminencia; emquanto a Gomes Freire, eu sabereí vingar-me! E agora vamos triumphar... Eu vou para o paço... Tu corre a preparar tudo para o rapto...

— Ah! E d'esta vez não se trata d'um sacrilegio porque em vez de irmos raptar uma esposa de Deus vamos buscar, com perdão de vossa reverencia, a noiva do proprio Belzebuth!

— Ide, mestre Jacintho, fazei ligeiramente as cousas e contai commigo!

E antes de saír embrenhou-se na combinação de arrojados planos com o oratoriano.

No côro do convento os frades cantavam louvores a Deus pelas misericordias com que os beneficiara n'esse dia.

E pareciam, ao enviarem ao espaço ao som do orgão as suas vozes dolentes, uns cumplices do padre-mestre e do esbirro.

XVII

A açafata da Rainha

familia real mudara a sua residencia de Queluz para Ajuda e n'essa manhã assistia á missa na capella do paço.

No côro de grades douradas reboavam as vozes em cantos sacros, destacavam se os vultos dos cantores pagos como principes, tratados com o maior respeito, gosando de maior influencia.

Ferracuti, o amigo d'el-rei, fazia-se ouvir, apresentando a sua figurinha grotesca encostado ao varandim, sua rectaguarda viam-se Totti, Manini, Biagino, Reina e uma infinidade de contraltos e sopranos, os *castrati* de vozes de rouxinoes que encantavam a magna assembleia piedosa.

A rainha orava cheia de fé de joelhos aos pés do altar, onde o arcebispo dizia a missa, os principes no maior recolhimento ajoelhavam-se a alguma distancia d'el rei que na mais piedosa das attitudes, deixava voar o pensamento para as delicias chimericas da vida eterna.

O principe do Brazil ao lado de sua esposa D. Maria Benedicta, sua tia com quem o tinham casado, erguia por vezes a cabeça e relanceava um olhar para o grupo das açafatas onde estava D. Maria da Penha, a joven loura de bellas faces claras, os olhos humidos fixos no altar.

A seu lado, uma deliciosa mulher morena, de labios vermelhos e olhos negros, figura graciosa e ardente de hespanhola, travêssa e

buliçosa, reparava muito nos olhares do principe e tocando levemente no braço da companheira, dizia em voz muito baixa.

— O principe D. José, continua a contemplar-te...

— E' muita a bondade de sua alteza... volveu ella no mesmo tom.

— Não... E' muito grande o seu amor!

— Antonia... Está louca?! murmurou com desgosto a linda açafata, fazendo-se córada.

— Louca? Não... Mas é uma cousa que se nota... Sua Alteza, ama-te...

— E que me importa esse amor?...

— Por Deus que é uma honra...

— Quando se ama tambem... tornou D. Maria de Penha.

— Ah! Sei... E preferes ao principe, o bello cadete noviço do paço de Queluz...

— Queres dizer? perguntou ella muito admirada.

— O cadete de D. João Falperra... Do bobo... disse a outra com ironia.

— Do bobo. . Não, Antonia... queres dizer: o protegido do senhor arcebispo. O cadete do regimento de Peniche! volveu ella com certa colera ao vêr o desprezo com que a companheira falava.

— Ah! Confessas então que o amas? interrogou Antonia de Castro, muito apressadamente.

— Não... Não confesso cousa alguma! replicou a outra.

— Oh! Mas o fogo com que o defendes!... Sua Alteza continua a olhar... insistiu ella, voltando disfarçadamente a cabeça para o lado do principe.

Ia retorquir-lhe mas a missa terminava, soavam de novo as vozes dos cantores, a familia real, retirava-se por entre saudações para os seus aposentos.

O principe collocou-se a distancia olhando ainda a açafata e foi necessario que a esposa lhe tocasse no braco para o arrancar á sua contemplação, dizendo-lhe:

— Senhor .. Vossa mãe já saíu... E' a nossa vez!... e ella erguendo com orgulho a cabeça, como se fosse já a rainha, recebia a mão que o principe lhe estendia e saíam ambos da capella.

A etiqueta a mais rigorosa estava estabelecida, os fidalgos não cediam os logares que lhes competiam pelo seu grau de nobreza no

sequito real e iam caminhando com grande gravidade, deixando passar o arcebispo que irreverentemente atravessava o cortejo.

No grupo das açafatas curvavam-se cabecitas gentis ante os altares.

D. Maria da Penha, muito abstracta quasi não ouvia as palavras da companheira, a constante insistencia de D. Antonia de Castro, acerca do amor do principe.

Atravessavam as arcarias, muito ruidosas, gargalhando, fallando dos escandalos da côrte com risadinhas abafadas, todas ellas cheias de mocidade e de viveza e apenas, a joven loura, como meditativa caminhava um pouco affastada das companheiras em cujo grupo se mettera D. Antonia, exclamando:

— Já repararam na tristeza da loura Circe...

Olharam todas, a joven que se designava por aquelle nome e abafavam risadas nas plumas das ventarolas, contemplando-a com ares trocistas, ao ouvirem outra a bradar:

— Tem no coração algum amor impossivel!

— Que se faça monja! gritou um diabrete vivo e alegre, de grande penteado e rosto mimoso.

— Oh! Clarisse monja... E os raptores!...

Novas gargalhadas se ouviram entre o bando que passava n'este momento a alguma distancia d'uma das pilastras e onde se escondia um vulto d'homem que, ao vel-as se sumia na face opposta da columna, fixando a joven que caminhava a alguma distancia.

Passava meditativa como sempre, muito bella no seu vestido branco bordado, o pescoço nu, caminhando com donaire fidalgo e estremecendo ao ouvir uma voz muito terna dizer-lhe:

— Bons dias, gentil senhora!

— Vós, senhor? exclamou ella, entreabindo os labios n'um sorriso doce ao reconhecer Vasco de Miranda, agora vestido no seu soberbo uniforme de cadete, que assentava bem á sua figura esbelta.

— Eu sim, minha senhora, eu que vos sollicito uns momentos...

— Oh! Se nos vissem... Vão ali as minhas companheiras...

— Que dizem ter v. ex.ª um amor impossivel no coração!... disse o joven com um sorriso.

— O que?... Ellas fallaram...

— Da loura Circe... replicou elle, continuando:

— Da loura e admiravel senhora de cuja mão caíu a primeira flôr que andou sobre o meu coração!

— Senhor! bradou a joven fazendo-se vermelha e dispondo-se a retirar ao vêr que o bando das açafatas já ia distante.

— Um instante apenas... Supplico-vos... exclamou o cadete n'um ar de humildade.

Ella, muito vermelha, de peito a arfar-lhe no vestido, deveras presa aquelle logar, volveu:

— Então esta noute, amanhã...

Dae-me uma esperança, peçolhe... Oh! Não deixei de pensar em vós desde aquelle momento em que me falaste, em que me atiraste alegremente essa flôr que se perdeu nas ondas...

— Ah! Nas ondas?... Correste então um perigo? interrogou ella deveras sobresaltada, encarando-o com grande interesse.

— Não... não... Falemos de nós... de vós... gritou o joven n'um grande arrebatamento ao vêr que elle se interessava pelos perigos a que estava sujeito.

— Mas que quereis de mim, senhor... senhor...

— Vasco de Miranda!... replicou elle. Que vos quero senhora?... Oh! Uma palavra de esperança ao meu amor!

Então a joven como esquecida de tudo, n'uma abstracção, feliz e contente ao ouvir a declaração que sahia dos labios d'esse mancebo amado desde ha muito em segredo, disse na sua voz argentina:

— Senhor Vasco...

— Falae... Dizei-me tudo... Peço-vos... e olhava-a com infinita ternura.

— Pois bem, senhor de Miranda, esperai-me d'aqui a meia hora no terraço do Jardim Botanico... Falar-vos-hei durante uns momentos...

— Chamae-me antes, Vasco...

— Sim... Vasco... Esperar-me-heis não é assim? e ella muito ruborisada affastava se de corrida emquanto elle bradava:

— Oh! E' linda... E' um anjo... Mas, e eu que não lhe sei o nome... Que louco!...

Fez um gesto, sorriu-se de contentamento e saindo pelas arcarias foi em direcção ao pateo das cosinhas a distancia do qual se erguia o Jardim Botannico.

Chegou á porta que empurrou levemente e penetrou n'uma rua areiada por sob as arvores, vendo os canteiros cobertos de flôres que perfumavam o ar e dirigindo-se para o terraço de marmore por onde pullavam os aloés, o heliotropo e geranios nas ruas em talhões bem cuidadas perto dos malvaiscos as das figueiras da India, e das pimenteiras de bagas côr de coral cahidas em pingentes d'um cheiro activo.

Ali perto tres fontes jorravam agua, as acacias floriam, avistava-se o Tejo e os terrenos de Memoria onde onde se prepetrara annos antes a tentativa dos Tavoras contra D. José I.

Ficou ali olhando a vastidão dos terrenos, encantado sob o bello céu azul, o coração palpitante de jubilo ao recordar-se d'essa mulher formosa que estermecia.

No seu cerebro passavam rapidas as ideias, acastellavam-se planos, forjavam-se grandes lances, desejava uma guerra onde se tornasse celebre para depois offerecer o seu nome á gracil menina.

Estalava no ruido de passos a areia do jardim e um vulto appareceu por entre as arvores, caminhando com precauções, como se procurasse alguem.

Vasco de Miranda, immerso nos seus pensamentos não ouviu aquelle ruido; continuava contemplando o rio e misturando os seus sonhos com a realidade-

Ouviu-se então uma voz, que o fez voltar rapidamente ao exclamar:

— Aguardavas-me ha muito tempo. Desculpae-me...

— Oh! Senhora... Não sei o tempo que vos esperei... Estive pensando em vós, sentindo o coração palpitar no mais ardente dos amores e as horas podiam decorrer que sentir-me-hia feliz... Oh! Esperava-vos era o bastante, sabia que vinheis e isso dominaria todas as impaciencias...

— Como sois amavel... murmurou a joven baixando a cabeça.

— E serei amado?... interrogou o cadete, n'um tom alegre e sorrindo á joven, que volveu:

— Que outra prova desejais... Não accedi á vossa entrevista?...

— Oh! senhora... Como as vosas palavras me tornam feliz... exclamou elle.

Mas dizei-me o vosso nome! pediu n'outro tom, continuando logo:

— E' sempre tão agradavel murmurar o nome da pessoa que se adora...

— Maria... disse ella muito baixinho.

— Oh! Como a Virgem... volveu elle, esboçou um sorriso e fez-se vermelho ao recordar-se da antiga profissão que a joven lhe lembrava n'um tom satisfeito.

— Oh! parece que vos estou vendo, ainda nos habitos de noviço, atravessar a quinta de Queluz, muito preoccupado, como se procurasseis o caminho do céu...

— E achei-o apesar de não ser esse o meu pensamento...

— Como, achastes...

— Sim... O caminho do céu é o do vosso coração...

Ella córou e de seguida disse:

— E que succedeu áquella rosa que vos dei?

— Perdi-a e fiquei louco de desespero... Foi no mar quando me dirigia ao convento... A embarcação voltou-se em virtude d'um plano formado por um miseravel contra mim e caí nas ondas n'aquella noute de tempestade...

— Ah! E como vos salvastes?... interrogou a açafata da rainha, muito commovida.

— Vinham n'um barco alguns homens que me recolheram... E por fim travei conhecimento, tornei-me mesmo um grande amigo de D. Pedro de Portugal que era o dono d'aquella embarcação...

— O conde de Assumar? interrogou ella... Foi nomeado alferes do regimento de Peniche.

— Sim, com Gomes Freire... Conheceis aquelle fidalgo?

— Não... Mas conheço alguem que o ama muito...

— Talvez D. Henriqueta da Cunha...

— Sim, a filha do conde de S. Vicente!

— Meu Deus... Que alegria... Como vamos ser felizes todos...

— A felicidade d'elles?... Oxalá que seja immensa... Mas Henqueta duvida... A familia oppõe-se ao seu enlace...

— Ah! E vós tendes familia, senhora? interrogou elle tambem n'um sobresalto que a fez rir, respondendo:

— Apenas uma velha madrinha...

— Ah! E não se opporá a que vos ame?

— Ella!... Oh! E' muito minha amiga D. Mecia de Noronha, assim como o seu filho D. Ramiro...

— O quê? D. Ramiro de Noronha? perguntou elle, cheio de espanto.

— Sim... Conheceis tambem?

— Oh! Não... não conheço esse fidalgo! replicou Vasco, fazendo-se muito pallido.

— Julguei... Oh! o pobre senhor tem soffrido muito... Foi victima d'um duello... Ah! Mas agora me lembro... Com um cadete do vosso regimento...

Vasco de Miranda, deu um salto para traz e fixando a joven aterrorisado, interrogou:

— E como se chama esse cadete?

— Ah! Eis o que o senhor D. Ramiro ignora... Viu o apenas n'aquella noute...

— Ah! E já está melhor, o filho da vossa madrinha?...

— Sim... Já vem á côrte... respondeu ella.

O cadete desejoso de mudar de conversação, dizia-lhe:

— Mas falemos de nós, Maria. . Diga-me, está disposta a corresponder ao meu grande affecto, a este amor que lhe dedico, não é assim?

— Sim, Vasco... Amo-o desde aquella tarde em que o vi passar... Não imagina a alegria que de mim se apossou ao saber que não era noviço mas sim militar... D'então para cá pensei muito em si e hoje...

— Oh! Maria... Minha querida Maria! exclamou o joven apertando-lhe as mãos com grande ternura, ficando-se uns momentos olhando o rosto formoso da joven que lhe dizia:

— Vasco... Vasco... deixe-me!... e soltava lentamente as mãos ficando a sorrir-lhe.

Por entre as acacias, dois olhos espreitavam a scena, e uma mulher pallida, nervosa, sibillava n'um murmurio por entre os dentes cerrados:

— Oh! Amam-se... amam-se... Eu bem o sentia... Oh! que rival para sua Alteza!

Era aquella açafata que estivera durante a missa conversando com D. Maria de Penha e que lhe chamara a attenção para os olhares do principe do Brazil.

Assistia a tudo aquillo desde ha instantes, rancorosa, o rosto moreno transtornado, toda n'um tremor convulso ao vêr que elles

—Oh! Maria... minha querida Maria!...

tomavam logar n'um banco do terraço e ficavam assim conversando a meia voz.

O cadete n'um tom apaixonado, dizia:

— Não duvide, Maria... Amal-a-hei sempre... Oh! Sempre... Foi para mim como um complemento á vida .. Sou feliz com o seu amor... Hei-de tornar-me rico e considerado para lhe offerecer então o meu nome...

— Oh! Vasco... Que importa o nome e a riqueza?... O amor é tudo para duas almas como as nossas.

Deixaram-se ficar de mãos enlaçadas, ella sem as retirar, o peito arquejante, ao ouvir o mancebo dizer:

— Não imagina quanto fiquei perturbado ao ouvir uma das suas companheiras dizer que a senhora tinha no coração algum amor impossivel... Julguei perder a vida ao recordar-me que podia amar um outro!

Maria, fez-se córada, e volveu:

— Não, Vasco... Era em si que pensava e essa mulher bem o sabia.

— Quem é ella?

— E' D. Antonia de Castro, a esposa d'um desembargador...

— E é sua amiga?... Oh! Não sei porque desconfio d'essa mulher que murmurava a seu respeito.

Antonia estremeceu violentamente, teve um desejo louco de sahir d'ali do seu esconderijo apresentar-se á frente d'ambos, dizer-lhes todo o odio que nutria por essa D. Maria de Penha a quem o principe parecia amar e que recebia as homenagens d'um simples cadete.

Recordava os motivos do seu odio, d'essa longa tortura em que se debatia desde ha dois annos, amando com todo o impeto do seu sangue ardente esse D. José que seria rei um dia, e o qual nem pensava n'ella, tendo apenas olhares para a açafata loura.

Entrava a odial-a muito, por esse affecto, chamava-lhe sempre muito receosa as attenções para o principe, desejando vêr bem que ella não o amava, desesperando-o immenso, accusando-lhe o amor. Se pudesse perdel-a no animo da rainha, no da côrte, mostrar uma falta! Ella seria expulsa e então o campo ficar-lhe-hia livre!

Por isso estremecia ante a rival e buscava ouvir tudo quanto se passava, vendo n'aquelle amor o começo da sua vingança.

tomavam logar n'um banco do terraço e ficavam assim conversando a meia voz.

O cadete n'um tom apaixonado, dizia:

— Não duvide, Maria... Amal-a-hei sempre... Oh! Sempre... Foi para mim como um complemento á vida .. Sou feliz com o seu amor... Hei-de tornar-me rico e considerado para lhe offerecer então o meu nome...

— Oh! Vasco... Que importa o nome e a riqueza?... O amor é tudo para duas almas como as nossas.

Deixaram-se ficar de mãos enlaçadas, ella sem as retirar, o peito arquejante, ao ouvir o mancebo dizer:

— Não imagina quanto fiquei perturbado ao ouvir uma das suas companheiras dizer que a senhora tinha no coração algum amor impossivel... Julguei perder a vida ao recordar-me que podia amar um outro!

Maria, fez-se córada, e volveu:

— Não, Vasco... Era em si que pensava e essa mulher bem o sabia.

— Quem é ella?

— E' D. Antonia de Castro, a esposa d'um desembargador...

— E é sua amiga?... Oh! Não sei porque desconfio d'essa mulher que murmurava a seu respeito.

Antonia estremeceu violentamente, teve um desejo louco de sahir d'ali do seu esconderijo apresentar-se á frente d'ambos, dizer-lhes todo o odio que nutria por essa D. Maria de Penha a quem o principe parecia amar e que recebia as homenagens d'um simples cadete.

Recordava os motivos do seu odio, d'essa longa tortura em que se debatia desde ha dois annos, amando com todo o impeto do seu sangue ardente esse D. José que seria rei um dia, e o qual nem pensava n'ella, tendo apenas olhares para a açafata loura.

Entrava a odial-a muito, por esse affecto, chamava-lhe sempre muito receosa as attenções para o principe, desejando vêr bem que ella não o amava, desesperando-o immenso, accusando-lhe o amor. Se pudesse perdel-a no animo da rainha, no da côrte, mostrar uma falta! Ella seria expulsa e então o campo ficar-lhe-hia livre!

Por isso estremecia ante a rival e buscava ouvir tudo quanto se passava, vendo n'aquelle amor o começo da sua vingança.

Agora D. Maria erguia-se no banco, estendia a mão a Vasco e dizia-lhe:

— Não devo estar aqui mais tempo! Vasco, até á noite...

— Oh! Maria não parta assim... Diga-me ao menos quando a verei...

— A'manhã á noite no pateo das damas, onde resido com uma minha amiga... Estarei livre do serviço e falar-lhe-hei pelas novas horas... As açafatas tem ali aposentos...

— Irei... Até ámanhã...

E antes que ella se pudesse oppôr, o cadete, curvou-se com galhardia e depoz-lhe um beijo na mão, murmurando:

— Oh! Maria como agradeço o seu amor!

Nos labios de Antonia de Castro passou um novo sorriso vingativo e ia occultar-se mais ao vêl-os despedirem-se, mas sentiu-se agarrada pela cintura e recebeu nas faces um beijo que a fez soltar um grito, ao mesmo tempo que uma voz escarninha, dizia:

— E' a paga da tua curiosidade, minha açafata indiana... Os outros beijam as mãos eu... eu... beijo te a cara!

E D. João de Falperra, o bobo da rainha, carateando a açafata que buscava fugir, appareceu á vista do cadete tirando com um grande gesto patusco o seu gorro e clamando:

— Olá, que eu pago por minha conta aos que vos espiam!...

Antonia de Castro, louca de raiva, ao vêr-se descoberta, lançou um olhar terrivel ao bobo e affastou-se de corrida, emquanto este dizia para o cadete:

— Aprendei, sr. Vasco de Miranda, a procurar a traição e a infamia occultos em todos os reposteiros e em todas as arvores dos palacios e cercas reaes!...

— João de Falperra!... gritou o cadete, correndo para elle.

Mas o bobo soltava um grito estridulo e desapparecia por entre as arvores em seguimento do outro que já se mettia pelas veredas tortuosas da Ajuda.

Vasco olhou a noiva que estava pallida e murmurou:

— Eramos vigiados...

— Sim... Por ella, por essa açafata de que me aconselha a desconfiar!... Mas que terá ella commigo... Essa mulher!...

Os olhos orvalhavam-se-lhe de lagrimas, e Vasco dizia-lhe com uma voz enternecida:

— Maria, defender-te-hei... Serei o teu noivo e o teu amigo... Oh! desafio todos!... Sou forte com o teu amor!

E depunha-lhe na mão um outro beijo muito casto.

O bobo á porta do jardim, murmurava:

— A traição e a infamia emboscadas em toda a parte... em toda a parte...

Encostava-se á cantaria e nos seus olhitos pequenos fusilavam extranhos clarões, continuando o seu monologo, e exclamando por fim:

— Irei até ao fim... até ao fim... Vasco é meu amigo!... Oh! Amigo... Calava-se, ficava meditativo e ao cabo de alguns minutos perguntava lentamente: E é alguem amigo d'um truão!

Como resposta sentiu uma mão que procurava a sua e ouvia uma voz dizer:

— Ha, os que conhecem a sua bella alma!

E o cadete sorria-lhe ao vêl-o muito admirado, transfigurada a face grotesca.

XVIII

O pastelleiro dos arcos

loja era vasta, tinha um tom garrido com o seu balcão pintado de verde, os armarios envidraçados deixando vêr boiões de doces e de especiarias com letreiros escriptos n'uns grossos caracteres a tinta côr de castanha.

De dentro, d'uma divisão que se avistava do interior da casa, o tio Negraes, de grande avental branco, os braços cabelludos á mostra, movia desesperadamente uma grande pá com que batia a mistura de ovos e assucar levantando-a de quando em quando em ondas d'um amarello vivo e encolhendo os hombros desesperado, continuava a sua faina, ali a pouca distancia do forno que se abria de bocca rubra a engulir as fôrmas dos deliciosos pasteis.

A nata tinha tons amarellentos esmorecidos em pelliculas, coalhada nos grandes cangirões, o mosquedo cobria as fôrmas vasias e encostada ao balcão olhando a rua, via-se uma formosa mulher de olhos pretos e vivos na sua physionomia doce, os labios vermelhos a desafiarem beijos, os magnificos cabellos bem penteados a dominarem-lhe a cabecita insinuante, os seios turgidos comprimidos no vestido de estofo azul que lhe modelava o busto de linhas harmoniosas.

Um rapazito mascarrado aprumava-se ao lado de mestre Negraes e de quando em quando corria ao forno a tirar as fôrmas com uma pá de cabo comprido.

— Guiomar!... bradou mestre Negraes, tendo nos labios carnudos um sorriso terno para a bella mulher. Peço-te que venhas preparar a massa e polvilhal-a com a tua receita!... Anda, meu amor!

— Por Santa Maria de Belem, senhor meu marido; deixae-me hoje com os vossos pasteis...

— Mas é que se trata de fornada nova!

— Deixae-me... Logo... D'aqui a instantes... Por agora não... Tenho mais a fazer!

E ella erguia-se, mostrando a linha flexivel do seu corpo, e dirigia-se para um canto da loja a levantar um reposteiro por onde desapparecia, emquanto o marido gritava ao aprendiz n'um ar zangado:

— O' neto do demonio... Se me deixas queimar a fornada, enforco-te!...

— Mas, mestre Negraes... Se estou a tomar conta... lamuriava o garoto, carateando o pastelleiro.

Elle continuava a bater a sua massa e ao cabo d'alguns momentos deixava-se cahir n'um banco, suspirava, volvia um olhar de rafeiro fiel pela loja e chamava o rapaz em tom amigo:

— Anda cá, Theodoro... Anda rapazote!

— Prompto, meu mestre!... exclamou o interpellado apressando-se a correr ao apello.

— Queres comer um bello talhão de marmellada das freiras á tua merenda?

O rapaz como se lhe tivessem offerecido uma fortuna, esgarçou a bocca n'uma risada, abriu muito os olhos e exclamou:

— Oh! Está a brincar!

— Fallo verdade.... Verdade como um homem que precisa de que sejam francos com elle... Ouve cá: Como foi isto de estar cá em casa o doente... Quem é elle?... Que quer dizer isto tudo?

— Olhe mestre: Eu estava deitado na minha cama no sotão mas ainda vi...

— Conta... Mas fala baixo por causa da patrôa...

— Eu conto... Ah! mas deixe-me ir tirar os pasteis. . gritou o rapazito correndo para o forno. Agarrava com a pá as ultimas fôrmas, fechava de seguida a porta do forno e ia sentar-se em frente do patrão, o barrete branco enterrado até ás orelhas.

— Fala, meu Theodoro... fala!... exclamou o burguez com novo suspiro.

— Eu estava no sotão e ouvi gritos na rua, seges a correr, tinir de espadas, o demonio...

— Crédo, rapaz... Não fales no inimigo sem te benzeres!

O garoto seguiu o conselho e continuou:

— Levantei-me muito devagarinho e abri a minha fresta... E eis que vejo luzes ali no *Neutral* e alguns homens que paravam, emquanto os soldados pareciam procurar alguem, aqui á porta veiu cahir um vulto... Estava ferido porque gemia, e eu a tremer de medo...

— Ah! fostes-te deitar outra vez, maldito, e não ouviste nada! exclamou o pastelleiro tomado de rancor.

— Não senhor... Fiquei a ouvir...

— Ah! E's um valente... Olha, eu confesso que não fazia o mesmo...

— O patrão andava na ronda e não ouviu nada?

— Eu!

— Sim?

— Não... A essa hora estavamos nós a contas com tres velhas bruxas, Nosso Senhor me perdôe, ali na praia da Galé...

— Bruxas?... Oh! E o mestre viu-as!

— Se as vi!... Até fui eu quem as prendeu por estarem a fazer sacrilegios!

— Eram feias, hein?... perguntou o aprendiz muito curioso.

— Feias? Horrorosas!... Olha, pergunta ao Bellarmino taberneiro... Até tinham pés de cabra... Mas conta, rapaz, conta o resto...

— Ah! Então o vulto desatou a bater á porta sempre cahido por terra...

— Oh! Batia?

— Sim senhor, como um desesperado!

— E tu?

— Eu fiquei muito quieto para escutar.

— E que escutaste?

— Depois de muito tempo, a patrôa levantou-se e gritou pelo postigo:

«— Ah! E's tu, Negraes?»

— Coitada!... Pensava em mim... murmurou com um bom sorriso, o pastelleiro.

— Sim senhor... E tanto que abriu logo, exclamando:

«— Oh! Em que estado!... Meu Deus! meu Deus!... Que succedeu!...

— Como é boa! Julgava então que era eu!...

— Depois ajudou a levantar o homem e trouxe-o para dentro soltando sempre lamentos...

— Se me julgava morto!...

— Até a senhora dizia: «Oh! malditas rondas!... malditas rondas!...

— Julgava que tinha sido ferido eu o capitão das rondas das ordenanças... exclamou elle com grande contentamento.

— Eu então vim do alto da escada do sotão para ouvir o resto... Tremia como varas verdes!

— Theodoro... E' um grande peccado ouvir o que se passa no lar conjugal alheio! disse o burguez com gravidade, accrescentando, logo:

— Mas d'esta vez, perdôo-te... Porém comes menos um quarto de marmellada das freiras!

— Ah! Se julgava que era o patrão... E eu queria logo ir á botica, chamar o senhor physico...

— Mas então não me julgavas morto?...

— Não senhor porque andava encostado ao hombro da patrôa que levava o candieiro! E mesmo que estivesse morto eu podia ir chamar o senhor leigo!...

— Hein! gritou o pastelleiro muito sobresaltado, tornando-se livido. Minha mulher levava um candieiro... Mas então via que não era eu!...

— Não sei, patrão... Apenas ouvi depois que ajudava a Maricas, a moça creada, a despir o ferido e que o metteram na cama!

— Hein! Minha mulher!... Tens bem a certeza?...

— Eu não vi... Mas se elle está na cama...

— Ah! Isso foi a creada... Minha mulher é muito séria... E tu diabrete d'uma figa, para pagares a tua mentira comerás apenas meio quarto de marmellada!

O garoto fez uma careta, muito zangado e teve um tregeito d'amuo ao ouvir o patrão, dizer:

— E não ouviste mais nada ?

— Só depois do patrão vir e da senhora não o deixar entrar no seu quarto, de o patrão pedir explicações...

— Oh! Patife... Não comerás nada porque estiveste escutando... Ora o miseravel!

— E ouvi que a senhora falou muito com elle no dia seguinte e tratavam de senhores fidalgos!

— Hein, de fidalgos!...

— D'um senhor conde...

— Oh! Tenho um nobre em minha casa! Talvez o proprio marquez de Marialva... Ouve, Theodoro, farás todos os dias dois dos melhores pasteis para esse fidalgo...

— Que é rico que eu sei cá.

— Mas como sabes tu isso?...

— O' patrão eu queria já a merenda! retorquiu o garoto com olhos gulosos para a marmelada.

Mestre Negraes arregalou os olhos, carregou a physionomia e volveu:

— Depois... Depois... Agora conta o resto...

— E' que elle dá dinheiro á senhora para os remedios e tem um fato muito bonito...

— Tu já viste?... Mas como?

— Do meu quarto... Tenho uma fenda no soalho...

— Oh!... E's um grande homem! Um valente... Podes comer a marmellada que quizeres!... bradou elle deveras alegre, continuando:

— Ouve, Theodoro... Tu vaes ficar na loja, cobres a massa dos pasteis, eu vou para o teu quarto e se a patrôa perguntar por mim, dir-lhe-has que o mui-alto e poderoso senhor marquez d'Angeja me mandou chamar ainda sobre a questão do rapto da monja!... Entendes?

— Sim, patrão, bradou o rapazote deveras satisfeito com a ideia do pastelleiro que correu a vestir a sua farda de capitão das rondas das ordenanças.

Transpunha a porta e voltava d'ahi a momentos, mettido na farda verde, a espada batendo-lhe nas volumosas barrigas das pernas cambaias, na cabeça o chapéu tricorne com franjas de prata.

Punha o dedo nos labios a indicar silencio ao aprendiz e depois

— Onde vae n'esse traje, senhor meu marido?

pé ante pé ia dirigir-se para a escada que conduzia ao andar superior. Mas sentiu-se agarrado de repente por um braço e ouviu uma voz de agradavel timbre, mas que o sobresaltou, exclamar:

—Onde vaes n'este trajo, senhor meu marido?

E perante o pastelleiro aterrorisado appareceu o vulto elegante da esposa, tendo nos labios um amavel sorriso.

—Mas... Mas... titubeou elle com certo receio.

—Não diga mais! Sei que vae saír?

—Mas...

—Vá, saia... Nunca tenho o gosto de o vêr com a sua farda atravessar a rua durante o dia!... exclamou elle d'um modo ironico.

E o pobre homem ficava ainda parado em frente d'ella murmurando:

—E' que... tinha um negocio com sua excellencia, o senhor marquez d'Angeja, mas não é urgente e já mudei de intenção...

—Oh! Negaes... Por cousa alguma do mundo se deve fazer esperar um fidalgo como o sr. marquez! volveu a mulher com certo pasmo.

—Sua excellencia desculpar-me-ha!...

—Ora... Com que então já mestre Negraes, pastelleiro dos arcos de Belem e capitão das rondas, se atreve a fazer esperar debalde os senhores ministros?... Vá procedendo d'esse modo e depois se lhe tirarem a sua patente e o obrigarem a andar de chuço ao hombro servindo sobre as ordens do Bellarmino ou do Alfredo alveitar, queixe-se... Venha depois para que eu peça de novo ao senhor conde de Villa Nova e verá o que lhe respondo...

—Mas... Se te digo... atalhou elle gesticulando muito.

—Sim... Mas eu é que não quero ouvir cousa alguma... Julga acaso que terei muito prazer em passar de esposa do capitão da ronda para a d'um vulgar e reles miliciano?! gritava a mulher em grande berreiro, empurrando-o para a porta, fazendo-o transpor o balcão e não querendo ouvir o marido, que dizia:

—Guiomar... Querida... Ouve...

—Qual?... Nem mais um momento... Vá fallar ao senhor marquez!...

Por fim o pastelleiro com um ar resignado, sentindo bem ter caído na sua propría armadilha, ia transpor o limiar, porém deti-

nha-se um pouco esperançado ao ouvir a esposa dizer-lhe novamente:

— Na realidade não sei onde tem hoje a cabeça, senhor!... Pois vae a casa do senhor marquez e não lhe leva o seu costumado quarteirão de pasteis?

— Tem razão... tem razão... volveu elle machinalmente.

A joven esposa do pastelleiro correu então a buscar uma bandeja que enfeitou com diversos papeis e collocou geitosamente, com symetria os pasteis que mostravam um pequeno lago tostado e coalhado de boa nata, cobriu tudo com uma toalha alvissima e entregando ao marido, gritou:

— Vá e não se esqueça de perguntar pelas melhoras do senhor vice-rei!...

— Guiomar... Guiomar... murmurou elle com a voz embargada na garganta, emquanto a esposa, gritava:

— Por Santa Maria... Ide rapido!

Affastava-se na rua muito cabisbaixo obedecendo á mulher que ao vêl-o partir entrava novamente na loja, dizendo ao aprendiz:

— E tu, meu demonico, sabes que te arranco as orelhas no dia em que tiveres a negregada ideia de informares teu amo do que se passa em casa... Do contrario, se fores bom para mim e não tagarelares comerás os pasteis e as amendoas que desejares... E agora vela pela loja!

O garoto ao vêr a patrôa dirigiu-se rapidamente para o interior da casa, lançou-se com denodo sobre uma bandeja de marmellada que começou comendo com grande semcerimonia.

Ella entrava no quarto onde estava o homem que para ali entrara n'uma noute.

Acercou-se do leito com certo cuidado e debruçou-se muito levemente a analysar o pobre ferido que abriu os olhos sorrindo-lhe n'um ar de gratidão.

E a formosa pastelleira contente com aquelle sorriso, exclamou:

— Tomareis agora o vosso copo de vinho da Companhia...

— Não... não... Desejo apenas saír d'aqui!... gritou o joven doente, erguendo a cabeça e mostrando o rosto pallido pela perda de sangue.

— Então senhor Joannico, peço-vos, supplicou com o mais agradavel dos modos, a mulher de Negraes.

— Ah! E' que não posso ficar aqui uma vida inteira! insistiu elle continuando:

— Agradeço muito os vossos cuidados, todo o bem que me fizestes, porém agora é a minha vez de tratar dos meus interesses...

— Oh! Estaes ainda tão fraco... disse ella com certa pena contemplando-o melancholicamente e buscando aconchegar-lhe a roupa da cama com as suas mãositas brancas de enfermeira caridosa e dedicada.

— Guiomar... perdão, senhora Guiomar... juro-lhe que me sinto bem! assegurou o creado do conde de Assomar sorrindo á joven, que volveu:

— Eu sei... Desejaes saír d'aqui para irdes assim n'esse estado salvar alguem em que falastes muito durante o vosso delirio...

— Eu? exclamou elle com admiração.

— Sim... Vós proprio... volveu Guiomar n'um enternecedor olhar que o Joannico não quiz observar, replicando:

— E de quem falava eu?...

— D'uma mulher á qual chamavas todos os nomes carinhosos falando ao mesmo tempo da Inquisição...

— Da Inquisição... Oh! E' a Chiquita! Sim é a Chiquita... E' necessario que me levante e corra em seu soccorro... bradou elle n'um impeto sentando se rapidamente no leito.

Então a mulher do pastelleiro no seu tom carinhoso e amigo, tornou:

— Oh! Mas estaes ainda muito fraco...

— Isso cousa alguma quer dizer! Um pouco de ar do rio, duas goladas do verde, não do vinho fino que é bom para fidalgotes, e duas costelletas bem regadas e estou bom...

— Pela vossa devoção deixae que parta...

— Oh! Estaes aqui ha apenas quinze dias!

— Quinze dias... Oh! E durante todo este tempo, meu amo sem ter noticias minhas... Mas o peor é a Chiquita encarcerada.

Guiomar fez-se pallida ao ouvir repetir o nome da cigana e n'um ar de desafio, com arrogancia vibrando extranhamente interrogou:

— Ah! E porque foi presa essa rapariga?

— Por estar na nossa companhia... volveu elle com naturalidade.

— Pequena é a culpa... Mas onde se encontravam?

— Onde?

— Sim...

— No Neutral...

— Ah! A'quella hora da noute... Uma mulher... Eis ao que se expõem... Ou Santa Margarida de Crotona (*) ou então os carceres da Inquisição... Ah! e interessa-se muito por ella não é assim.?.. interrogou depois como anciosa.

Elle não lhe respondeu logo, encarou-a com mostras d'uma grande amisade e volveu:

— O bastante para desejar a sua salvação...

— N'esse caso parta! bradou Guiomar n'um tom de voz extranho, suffocada.

O creado d'Assumar não pronunciou mais palavra, esperou que ella saisse e começou a vestir-se com grande pressa, murmurando:

— Oh! Ainda chegarei a horas? Não estará já morta?... Meu Deus!... Foi terrivel este ferimento!...

Relanceava a vista pelo quarto procurando o chapéu que encontrou collocado com cautella sobre uma cadeira e de seguida dirigiu-se para a porta, ainda monologando.

Na sua frente viu a mulher do pastelleiro que o olhava do mesmo modo triste, dizendo-lhe:

— Senhor Joannico, não se esqueça ao menos d'esta casa, nem dos amigos que aqui tem...

— Oh! Guiomar... E acaso posso esquecer o carinho com que me tratou. A mim... a um extranho... correndo o risco de se indispôr com seu marido por minha causa!

— Não... Cumpri apenas o meu dever!

— O seu dever?

— Sim... Tinha á minha porta alguem que carecia de soccorro e prestei-lh'o da melhor vontade...

— Ah! Faria isso ao primeiro? interrogou Joannico embora a seu pesar.

E ella com ficticia tranquillidade volveu:

(*) Recolhimento das mulheres perdidas no edificio onde está hoje a Cordoaria Nacional.

— Inteiramente!

— E' grande a sua alma, é bello o seu coração!... exclamou o rapaz atirando-lhe aquelle elogio com certa reserva.

Depois estendeu lhe a mão e atravessando rapidamente a loja ante o pasmo do aprendiz, metteu-se pelos arcos em direcção ao mosteiro de Belem.

Guiomar corria para o seu quarto deixava-se cair sobre uma cadeira e chorando com desespero, murmurava:

— Oh! Sei tudo... Ama a cigana... Ama a feiticeira!

Ficava assim durante tempo a meditar n'aquelle amor do gentil creado do conde, emquanto o crepusculo caia lentamente.

Mestre Negraes entrava na loja e berrava para o aprendiz, deveras irado!

— Accende o candieiro, patife!

E o garoto cumpria a ordem pegando fogo na torcida do enorme candieiro de latão cuja luz illuminando os utensilios, tirava scentelhas dos boiões de doce.

E o capitão da ronda murmurava:

— Oh! seis quartos da minha melhor marmellada aos anjinhos da Senhora do Cabo se o doente sair de minha casa!... Ha que tempo não beijo, minha mulher!

XIX

O mensageiro

LVIRA de Mello, recostava-se languidamente na poltrona e conversava com o conde d'Assumar, tendo na physionomia uma expressão do mais intenso jubilo, ao exclamar:

— Ah! Vejo agora, conde, quanto os meus pensamentos me enganavam! Já não quero acreditar nos presentimentos! Ainda hontem me julgava tão desgraçada e hoje considero-me bem feliz...

— Tinha-vos assegurado isso mesmo, senhora! volveu D. Pedro, olhando-a com certa amizade e continuando:

— Gomes Freire volta e para a fazer sua esposa... E' elle o portador do consentimento de sua mãe que já está restabelecida d'essa doença que tanto demorou o meu amigo junto d'ella...

— Oh! Chegará pela madrugada... E partiremos dentro em dois dias... Do nosso cantinho da provincia abençoal-o-hemos sempre conde.

— Oh! Senhora... Apenas o dever d'amisade paternal que me une a Gomes Freire, me incitou a auxilial-o... Quem sabe se um dia não terei de exigir do vosso noivo egual serviço.

— O quê? acaso o conde de S. Vicente pensa em recolher sua filha n'um convento!

— Sim, minha senhora... Henriqueta estava desolada a ultima vez que lhe falei...

— Mas... Meu Deus... Meu Deus... Sendo ambos ricos e nobres, amando-se...

— Ah! E' que existe a lucta entre as nossas familias... Vós ides ser feliz, senhora, gosar todas as alegrias do amor ao lado do homem que o vosso coração escolheu... Eu terei que luctar ainda muito tempo!... E no emtanto rejubilo com a vossa felicidade, com a do meu camarada Gomes Freire.

— Como lhe deve ficar bem a sua nova farda de alferes... disse ella a meia voz como envergonhada, accrescentando logo:

— Parece que a benção de sua mãe nos trouxe prosperidades! Como vou ser feliz em conhecel-a!...

— Ah! E' uma bella senhora, formosa ainda apezar dos annos e que vos ha-de amar como filha... A condessa é extrangeira, d'uma educação completa e tem uma alma de ouro...

— A condessa? Então minha mãe... a mãe do meu noivo...

— E' filha dos condes de Chasegóch, fidalgos da primeira nobreza da Bohemia, casou com o pae de Gomes Freire, então ministro plenipotenciario na Austria onde falleceu, partindo ella para o reino a iniciar seu filho na carreira das armas, querendo fazer d'elle um heroico official que continuasse as tradições da familia, um grande coração prompto a sacrificios pelos amigos e pelas causas justas! disse D. Pedro de Portugal.

E D. Elvira, exclamou:

— Oh! E conseguir, ambas as cousas não é assim, conde?

— Sim, conseguir, senhora... O homem que vae ser vosso esposo é um dos officiaes de mais futuro em Portugal... Ainda o dizia outro dia o conde de Lippe a meu pae n'uma rennião em casa do Angeja!

— Ah! Conde, é tão bom ser feliz ao cabo d'umas desgraças.. E' como repousar ao fim d'uma longa jornada...

— Sim, a felicidade, como eu, a ambiciono, sobretudo no amor!

— E não vae vêr hoje a sua noiva, conde? interrogou D. Elvira a interessar-se nos amores dos fidalgo, que volvia:

— Não, senhora... Hoje coube a vez a Vasco de Miranda .. replicou o conde com um bom sorriso.

— Vasco de Miranda!... Ah! Já lhe chegou tambem a vez de amar?

— Desde o dia em que recebeu a sua nomeação... Adora uma

bella açafata da rainha!... Deseja apenas conquistar as suas dragonas de tenente para a tornar sua esposa... A esse tempo já Gomes Freire e eu devemos ser capitães...

— Oh! Quanto elle me tarda! exclamou a joven indo á janella com se esperasse vel-o apparecer a subitas.

Porém o conde dizia-lhe com certa complacencia:

— Descançae senhora... Elle virá pela madrugada apenas...

— E far-me-has companhia até então?

— Sim, minha senhora... Tenho sempre o maior prazer na vossa presença!

— Por Deus, conde, deveis descançar... na realidade não sei como agradecer-vos tantas amabilidades...

— O dever de cortezia de que todo o bom fidalgo se deve prezar, ordena-me que vos acompanhe... Falaremos d'elle, d'esse amante tão querido para nós ambos e o tempo passará rapido e dentro em algumas horas Gomes Freire estará ao vosso lado...

Ella ia responder-lhe mas n'este momento a porta abriu-se e a creada appareceu, curvando-se a annunciar:

— Está ali um frade capucho que deseja fallar ao sr. Conde...

— A mim? A estas horas? Oh! que succederá? Perguntae-lhe se é urgente o que tem a dizer-me, ou se percisa apenas de pousada?

— Parece que vem da parte d'alguem.

— Oh! Quem será?

— Talvez da sua noiva... disse D. Elvira a interessar-se pelo fidalgo.

— Tem razão, senhora, e se m'o premitte...

— Pois não, conde... assentiu ella ao vêl-o saír do aposento e reclinando-se na poltrona.

Então deixava voar a sua imaginação de mulher amante e casta atravez do paiz dos sonhos, onde encontram sempre a imagem do homem amado a sorrir-lhe docemente, sentia-se palpitante de amor nos seus braços que a apertavam, vivendo ambos no interior do lar que iam constituir e sorria a bella dama, ao vêr approximar-se a sua felicidade eterna.

Desde que fosse a esposa d'elle, cousa alguma teria a receiado cardeal que não os preseguiria, e julgando não ter outros inimigos comprehendia o seu viver futuro levada n'uma corrente de ideias consoladoras.

Mas o conde voltava e entrando rapidamente na sala, dizia com certa tristeza:

— Senhora, acabo de receber uma terrivel noticia...

— Conde... Assusta-me!... gritou ella pondo-se rapidamente de pé e fazendo-se immensamente pallida.

— Sim, minha senhora... Ha pouco quando lhe dizia que a minha felicidade retardava parecia obedecer a um presagio...

— Oh! Mas que succedeu? Conde, meu amigo, fale? supplicou a noiva de Gomes Freire, cheia de susto.

— E' que Henriqueta envia-me o reverendo capucho a participar-me...

— O quê? Alguma terrivel má nova já m'o disse...

— Sim... carece de falar-me esta noute sem falta e o meu coração adivinha um terrivel perigo...

— Talvez a ida para o convento, aventou D. Elvira com certa piedade.

— Eis o que me lembra ou então alguma cousa ainda mais terrivel... Henriqueta falar-me-ha até da janella do seu quarto na impossibilidade de descer ao jardim .. E' o que deprehendo das palavras d'esse frade que vem mendigando pelos caminhos e que a encontrou na estrada de Caxias á sombra das arvores com a aia que a vigia ..

— Ah! E supplicou-lhe...

— Sim, a pretexto de lhe dar esmola acercou-se d'elle e disse-lhe:

— «Meu irmão... Por tudo que ha de sagrado no mundo passae na Cruz Quebrada no palacio d'Assumar e se ahi encontrardes o senhor Conde pedi-lhe que venha hoje vêr Henriqueta da Cunha... Trata-se d'uma questão terrivel... Dado o caso de elle ahi não se encontrar procural-o-heis no palacio d'Alorne na cidade...» Elle cumpriu a missão... Com o dinheiro que recebeu da sua mão alugou o bote que o conduziu aqui e o levaria a Lisboa se não me encontrasse. Assim dei-lhe pousada por esta noute. Já vêdes, senhora, que sou forçado a partir... Desculpae... Voltarei breve!

— Conde... Vá... E oxalá que encontre a sua noiva mais feliz do que ao encontrar esse frade... Resarei por vós e por ella, pedirei a Deus que os torne bem felizes! Oh! Mas parta, conde, não se demore!

O fidalgo deveras perturbado inclinou-se mais uma vez diante d'ella e exclamou:

— Mas ides ficar só com os creados...

— Pedirei a esse bom frade que me acompanhe...

— Ah! Fazeis bem n'isso, senhora... Tanto mais que lhe devo gratidão... Gomes Freire estará aqui dentro em pouco e eu voltarei ainda para abraçal-o...

— Adeus, conde!... Oh! Como desejo a vossa felicidade...

— Obrigado senhora... Obrigado, querida irmã e premitta que lhe chame assim pois será a noiva de Gomes Freire a quem amo com um verdadeiro affecto fraternal!... Até á vista!...

E o fidalgo saíu de corrida ao passo que D. Elvira caía de joelhos a orar pela felicidade d'aquelles amantes cuja vida d'angustias conhecia pela sua.

Fcou assim durante algum tempo invocando sempre fervorosamente o auxilio divino.

Por fim ouviu-se á porta uma voz pausada exclamar:

— Concedeis-me licença, minha piedosa senhora?

— Ah! Entrae reverendo... volveu ella acabando a sua prece e erguendo-se a indicar um logar ao capucho.

Era um homem baixo, atarracado, de semblante tristonho, os olhos encovados, no fundo das orbitas e agora aguardava que a dama tomasse o seu logar.

Depois ao vêl-a sentada, deixou-se cahir na cadeira e disse na sua voz grave e monotona:

— Oraveis, não é verdade, senhora?

— Sim, meu padre, orava pela felicidade d'essa pobre menina.

— Meu Deus! Como me pareceu triste... Como me incumbiu da sua missão chorando...

— E vós, meu padre, fosteis bom porque a soccorrestes...

— E não é nosso dever consolar os tristes? volveu elle com doce intonação na voz.

— Sim, meu padre, mas nem sempre os tristes encontram no seu caminho quem os comprehenda!

— A misericordia de Deus é infinita e põe sempre ao lado dos que oram com verdadeira fé, o remedio para os seus males, minha boa senhora!

— Quanto se soffre por esses palacios dos grandes da terra!...

exclamou o capucho com os olhos em alvo, na mais seraphica das attitudes.

— Mais do que nas cabanas, muitas vezes!

— Quasi sempre... Principalmente n'estes tempos em que tão accesos andam os odios nas familias!... A maldade impera!...

Ella ouvia-o admirada do seu ar de verdadeiro crente, olhava-o com curiosidade habituada como estava a encontrar sempre entre os frades a glutoneria mais do que a verdadeira fé.

— A maldade, reverendo, vae progredindo...

— Tudo em desconto das nossas culpas se deve soffrer... Ainda ha tempo fui roubado por uns salteadores e apesar da minha humildade, dos seus labios saíam insultos para mim... Julgaes que me indignei? Não, minha bondosa senhora, vi ali um castigo aos meus numerosos peccados...

— Oh! O reverendo um peccador! Permittei que não vos acredite!

— Senhora... Peccador embora arrependido e todo o peccado tem o seu perdão quando o que o commette se arrepende a tempo!

— Assim é, meu padre...

N'este momento ouviu-se sob a janella um silvo estridente subindo da praia. Os olhos do frade relampejavam e a joven estremeceu ante aquelle assobio que lembrava um signal.

Porém aquietou-se ao ouvir o capucho continuar a ennumeração dos seus peccados, dizendo-lhe:

— Vós, senhora, deveis ter uma alma d'anjo como o vosso semblante... Decerto no vosso intimo nada existe a pungir-vos, no emtanto, apesar de tudo isso vê-se bem que soffreis... dizia o reverendo a insinuar-se ao passo que ella volvia com alguma confiança:

— Oh! E quem não soffre n'este mundo?

— Todos... Até os anjos que andam na terra como V. Ex.ª... tornou elle na sua insistencia a que a joven redarguiu:

— Oh! Os meus soffrimentos em breve vão findar...

— Assim deve ser, visto que Deus sempre protege os bons.

— Tenho tambem peccados, meu padre, já vos disse... No emtanto o Altissimo condoeu-se de mim, lançou sobre a minha pessoa o seu olhar misericordioso e affastou os perigos e as dôres de sobre a minha cabeça...

— Como o sabeis? interrogou o frade subitamente.

E a joven admirada, encarando-o e vendo os seus olhos a faiscarem disse:

— Sei-o porque a felicidade vae começar para mim, meu padre!

— A felicidade? E a que daes esse nome? interrogou o capucho na sua voz pausada, continuando logo:

— A felicidade consiste acaso nas riquezas, nos bens terrenos, nas pompas, nas grandezas, nos nomes fidalgos?

— Não, meu padre, não... retorquiu simplesmente, a joven.

— Então como a entendeis? perguntou de novo, estremecendo ao ouvir repetir-se o silvo dos lados da praia.

Ella estremecera tambem; lançou um olhar receioso pela casa e baixou a cabeça sem lhe responder.

Mas o frade ia dizendo sempre:

— E' no amor por um homem que a encontrareis sem duvida, não é assim?

D. Elvira de Mello, fixou-o por seu turno e muito ingenuamente, n'um arranco, confessou tornando-se córada:

— Sim, meu padre, é realmente no amor que eu a encontro!

— Ah! E sois muito amigo de vosso esposo, n'esse caso? Não é assim? perguntou rapidamente o frade olhando-a muito envolto nas dobras do capuz.

— Meu esposo? Oh! eu não sou casada...

— Tendes então um noivo?

A joven admirada d'aquella forma porque o frade a começava a interrogar, olhou-o com attenção, estremeceu e apenas retorquiu:

— Sim, um noivo a quem amo e que vae chegar!

— Talvez hoje ainda? interrogou com certa commoção.

— Dentro em pouco! respondeu D. Elvira, muito franca e abertamente.

— Como dentro em pouco? exclamou o frade, estremecendo dos pés á cabeça e erguendo-se com rapidez ao ouvir um terceiro signal vindo da praia.

A joven erguera-se tambem n'um impeto, fazendo-se pallida ao vêr o capucho de pé na sua frente, clamar, n'outro tom de voz depois de a ter olhado d'um modo sinistro:

— E quando vos casaes?

— Descei... descei... bradou impaciente o esbirro.

— Dentro em alguns dias... tornou ella.

E em voz tremula, sentindo-se agitada sem saber explicar a causa; e o frade acercando-se pouco a pouco da janella abriu-a com rapidez e correndo a agarrar a joven n'um salto de panthera, despindo o habito e buscando envolvel-a n'elle, bradou em voz rouca:

— Dentro em pouco?! Oh! Sim... sim devereis obedecer a vosso tio!

— Meu Deus! Mas que significa isto?... bradou D. Elvira ao vêr o frade que envergava agora o habito dos oratorianos e distinguindo na sua frente um outro homem que trepava por uma escada de corda e exclamando:

— Significa que sois nossa prisioneira!

— Mas isto é uma infamia! Chamarei por soccorro! exclamou ella, gritando de seguida: Soccorro!... Soccorro!... D. Pedro... Gomes! Freire...

Os seus gritos estrugiram em todo o palacio, e então o recem-chegado tendo no olhar uma scentelha raivosa, bradou:

— Descei, fr. Leoncio, e levae-a.

Mais dois homens tinham subido a escada e vinham collocar-se junto do que dava a ordem, exclamando:

— Ah! Mestre Jacintho Peres, parece-me que vamos ganhar honradamente o nosso dinheiro!...

— Descei... descei... bradou impaciente o esbirro dirigindo-se ao frade que tapava a bocca de D. Elvira, buscando ao mesmo tempo arrastal-a para a varanda.

Porém a joven debatia-se nos seus braços musculosos e dos seus labios saíam sempre os mesmos gritos a implorar soccorro.

O oratoriano acabava por alcançar a escada, tomava a joven pela cintura e n'um esforço começou a descer, emquanto o esbirro, gritava:

— Ah! Vamo-nos barricar!

Corria para a unica porta da sala que fechava rapidamente, ao passo que os outros arrastavam para ali os moveis e nos corredores do palacio se ouviam gritos, appareciam luzes, abriam-se outras janellas e os taes homens muito lestamente desciam a escada e vinham caír na praia onde aguardava um bote para o qual saltaram rapidamente.

Agora D. Elvira abandonara-se desmaiada nos braços do frade,

e a embarcação depois de receber os tres esbirros, affastava-se á força de remos.

No palacio corriam luzes d'um lado para outro, e d'uma das janellas ouvia-se a voz do senhor Romualdo, bradar:

— Ah! Miseraveis... Ladrões! Assassinaram a senhora!...

E apontando a espingarda que empunhava disparou-a em direcção ao barco d'onde lhe respondeu uma gargalhada escarninha.

Pelas salas do palacio d'Assumar as creadas redobravam de berreiro e os servos buscavam debalde abrir a porta chapeada que os outros tinham barricado.

Mas ao mesmo tempo ouviu-se uma voz soando n'um grito extranho e um homem desvairado de cabellos em desordem e espada desembainhada, appareceu ante a creadagem assustada, gritando:

— Que succedeu!... Que succedeu!

— Ah! Está a porta fechada... gritou Romualdo forçando ainda a porta da sala.

Falavam todos a um tempo em volta do recemchegado, exclamando confusamente:

— Assassinaram a senhora!...

Então elle correu para a sala contigua, ergueu-se na varanda e com risco de se precipitar passou n'um salto para a janella dos aposentos da joven.

Penetrou rapidamente na sala, circumvagou um olhar desesperado e soltou um grito terrivel, clamando:

— Oh! Miseraveis!... Miseraveis! Raptaram-na... Raptaram-na!

Correu então para a porta, agarrou com furia os moveis, e conseguiu entreabril a um pouco gritando:

— E' necessario perseguil-os... Vamos, um bote!

De fóra empurravam a porta e entravam de tropel, Romualdo retorquiu:

— Não temos nenhuma embarcação... O senhor conde saíu no seu bote...

Então o recemchegado deixou-se caír n'uma cadeira onde ella se sentara mil vezes, como louco inteiramente perdido, dizendo raivosamente:

— Ah! Que louco e eu que vim por terra!...

Vasco de Miranda, que voltava de sua entrevista com o coração

replecto d'amor, escondia o rosto nas mãos e chorava agora a felicidade do seu amigo, murmurando em voz que tocava as raias da dôr:

— Pobre Gomes Freire... Pobre Gomes Freire!...

E o barco ia longe levado na corrente conduzindo os esbirros que cantavam alegremente, emquanto á pôpa o frade amparando a cabeça da joven, dizia a meia voz, n'um estribilho sinistro:

— Oh! E' o começo... E' o começo do poder!...

XX

A volta do noivo

MORTECIAM pouco a pouco todos os ruidos no velho solar. A creadagem retirara-se e Vasco ficara além meditativo como se forjasse algum plano. Depois n'um impeto acercou-se d'uma das mesas que os esbirros não tinham deslocado, traçou á pressa algumas palavras n'um papel e levantando-se irado dirigiu-se para a porta bradando:

— Romualdo!... Romualdo!... Mande preparar rapidamente um outro cavallo...

O velho servo, deveras compungido, approximou-se e perguntou:

— V. S.ª vae sahir novamente? Oh! Meu Deus! que terrivel noute!

— Depressa... depressa o cavallo! ordenou elle correndo para o pateo e estacando ao ouvir o ruido das patas d'um outro cavallo que acabava de parar á porta e do qual se apeava um homem envolto n'uma longa capa e que bradava em tom alegre:

— Onde irás tu a estas horas e com tanta pressa, Vasco?...

— Gomes Freire!... bradou elle como aterrado.

— Sim, eu, homem, que diabo! Dir-se-hia que venho do outro mundo...

— Oh! Meu amigo... Meu caro amigo!... exclamou o cadete seriamente commovido.

— Mas que tens, que é isso?... interrogou o alferes acercando se d'elle e tomando-lhe o braço.

— Oh! Não posso... Não posso explicar-te...

— Ah! Temos negocios de amores!... exclamou Gomes Freire n'um tom animador, continuando:

— Porém subamos... Oh! Estou ancioso por beijar Elvira!..

Buscava arrastal-o pela escada de pedra, porém o cadete detinha-o por sua vez não sabendo como lhe communicar a terrivel noticia.

Os creados acercavam-se pouco a pouco, Romualdo, de semblante compungido abafava a custo os soluços e Vasco continuava sempre a agarrar o amigo, que ao vêr toda aquella gente em volta, bradou com grande commoção:

— Mas que significa isto?... Dir-se-hia que uma tremenda desgraça acaba de caír sobre esta casa...

— Sim, amigo, uma desgraça, uma grande desgraça... A maior de todas!

— Que queres dizer? Fala! gritou o joven official encarando o cadete. E depois como se um terrivel pensamento lhe atravessasse o cerebro, subiu um dos degraus e ia precipitar-se pela escada, quando o amigo lhe gritou:

— Não subas, Gomes Freire... Oh! Peço-te... não subas...

— Mas, e porque? gritou elle já sem se poder conter trepando os degraus louco de raiva e de desespero, como inconsciente dirigindo-se apressadamente para os aposentos da noiva, seguido por Vasco que tinha lagrimas na voz ao dizer lhe:

— Oh! Amigo... pobre amigo!

— Mas que quer isto dizer? perguntou como succumbido, livido ante aquella desordem da casa, voltando-se para o cadete e interrogando-o com voz terrivel:

— Vejamos... Onde está Elvira? Que succedeu aqui?... Falem ou sinto que enlouqueço!

— Oh! Meu amigo, a tua noiva... a tua noiva...

— Vamos que succedeu! gritou d'esta vez totalmente desesperado.

— Não está aqui!... exclamou a custo o cadete.

— Então onde?... Como a guardaram? Tu e D. Pedro que fizeram d'ella!...

— Oh! Meu amigo... Um terrivel acontecimento se deu esta noute no palacio...

— Ah! Elvira está morta?... interrogou elle no auge da raiva.

— Não.. não... Foi levada d'aqui á força!...

— O quê? perguntou Gomes Freire aprumando-se em frente do cadete, os olhos coriscantes, todo n'um tremor a bradar:

— Então onde estavam os meus amigos?... E' assim que a defenderam! Miseraveis!... Oh! Miseraveis!... Mas Vasco... Oh! Vasco.. explica-me tudo... Irei até ao fim do mundo para a ter de novo em meus braços, arrancal-a-hei até do meio da côrte, penetrarei no palacio do cardeal e terei a coragem de largar o fogo a todos os mosteiros para me vingar... Meu Deus! Ter a felicidade e perdel a assim a subitas, quando vinha contente e confiado no futuro!... Oh! E' de enlouquecer!

E como se perdesse toda a energia, deixou-se cahir n'uma poltrona, dizendo lentamente:

— Conta-me tudo... Ouvir-te-hei até ao fim... Preciso conhecer os meus inimigos... Fala, Vasco!...

— Mas, meu amigo, cousa alguma sei... Chegava de Lisboa, onvi um ruido enorme, gritavam que uns salteadores tinham assassinado D. Elvira... E então foi o tempo de correr a este quarto, certificar-me que desapparecera e saber que uns homens a tinham conduzido n'um bote...

— Ah! E não os seguistes... Oh! Vasco, como tu desmereces da minha amizade!

— Gomes Freire... Escutae, amigo... Quiz seguil-os... Não havia, porém, embarcação... D. Pedro saíra n'ella e era impossivel apanhar os raptores. Porque vieram aqui apenas por ella!

— Ah! E D. Pedro? perguntou o alferes cada vez mais agitado. Como se comprehende que a abandonassem assim depois de saberem o que se passa.

— Mas, meu amigo, o conde ficara junto d'ella...

— Porém abandonou-a.

— O senhor conde recebeu um recado da filha do senhor de S. Vicente e partiu... explicou a creada, acercando-se.

— Ah! E tu, Vasco... Saíras tambem... volveu Gomes Freire amargamente.

— Mas sahi muito primeiro! Cada noute ficava um aqui, hoje

era a vez de D. Pedro que só por um caso de força maior saíria do seu posto...

— Sim, meu senhor, foi o recado da menina que lhe trouxe um frade... tornou a serva.

— Um frade? bradaram Vasco de Miranda e Gomes Freire n'um impeto.

— Sim... Ficou até conversando com a sr.ª D. Elvira logo que o senhor saíu... Foi então que se ouviu o barulho ao cabo d'algum tempo e que succedeu a grande desgraça... concluiu a rapariga dirigindo-se de preferencia a Gomes Freire que a escutava com attenção.

— Ah! Infames! Mil vezes infames!... bradou elle cerrando nervosamente as mãos e tendo uma grande lividez espelhada no rosto.

— Foi elle... Era cumplice dos outros e serviu-se das vestes para inspirar confiança a D. Pedro.

— E de que ordem era?

— Um capuchinho...

— Oh! Que fazer!... Que fazer!... Vejo aqui os jesuitas mettidos na questão!... tornou Vasco de Miranda.

— Sim... Advinha-se o braço da infame seita... Mas juro-te, Vasco, que vou montar immediatamente a cavallo, e á hora, a que chegar á côrte mostrarei a toda essa gente que ainda ha homens capazes de morrerem dignamente insultando e ferindo todos os inimigos que tem ao alcance, na impossibilidade de conhecerem o que os alvejou! concluiu em tom colerico na maior das excitações.

— Mas que queres fazer?

— O que ias fazer a Lisboa? interrogou Gomes Freire.

— Eu?

— Sim, Vasco... Que ias fazer?

— Mas...

— Fala... Tinhas um plano?

— Sim, tinha...

— Explica-o...

— Tratava-se de desafiar D. Ramiro de Noronha que julgo o auctor d'esta infamia...

— Louco... D. Ramiro de Noronha, o effeminado fidalgo, empregado em raptar damas... Elle o que vive nas portarias dos con-

ventos e os ronda a deshoras? .. Não... O verdadeiro culpado é o cardeal! E' a esse que vou exigir contas!... gritou com impeto, Gomes Freire.

— Tu? Mas com que direito, pobre amigo?

— Com o direito do amor d'ella! bradou com altivez.

— E esqueces o nosso sacrilegio, a condemnação que nos pésa sobre a cabeça e nos levaria á Inquisição ficando assim impossibilitados de descobrirmos o logar onde vão esconder a tua noiva aleivosa e perfidamente roubada aos teus carinhos!

Gomes Freire curvou a cabeça ante aquellas razões, os olhos fuzilavam-lhe relampos colericos, os labios mordia-os desesperado, estava na maior das agitações e não sabia que fazer.

Foi então que o conde de Assumar, livido, como louco tambem penetrou no aposento e correu de braços abertos para o camarada, exclamando:

— Oh! Meu amigo... Meu irmão, foi por minha culpa!... Oh! E' a maior das desgraças!...

— Pedro... Pedro... murmurou elle. Sabes então tudo?

— Sim... Romualdo acaba de me narrar toda essa scena que ouvi com o coração cheio de odio... Cobardes, affastaram-me de casa servindo-se para isso d'um nome que sabem ser sagrado para mim!

— Mil vezes miseraveis!... murmurou Vasco cheio de rancor.

Ficaram muito tempo silenciosos e por fim, olharam-se com firmeza, nos seus rostos varonis saía a chancella de maior energia, nos seus olhos a promessa tacita d'ir até ao fim.

E a voz de Gomes Freire, sacudida, breve, quasi solemne, exclamava:

— Sejamos homens .. A dôr deve dar-nos mais valor para arrostar com os perigos!...

— Sim, Gomes Freire... Tenhamos a devida coragem de soldados! bradou por seu turno Vasco de Míranda n'um arranco.

E D. Pedro, apenas accrescentou:

— A todo o nosso valor e coragem é necessario juntar a astucia que é a peior arma dos nossos inimigos...

— Bem... Sei que posso contar com a nossa amisade... exclamou o alferes, buscando serenar, mas sentindo a colera referver-lhe no peito.

— Com os nossos braços, gritou o cadete.

— Oh! Irmão e com a minha vida! exclamou o conde de Assumar, accrescentando:

— Não, Pedro, pela traição e pela cobardia todos são vencidos...

— Porém que fazer no meio de tudo isto? interrogou D. Pedro de Portugal.

—Procurar os raptores d'Elvira!

— Antes que os tenhamos encontrado daremos entrada na Inquisição... asseverou o cadete.

— Mas...

— Sim... Não somos nós sacrilegos?

— Sim, e estamos condemnados apesar de não nos conhecerem!

— Perdão... Desde hoje pelo menos somos conhecidos! gritou o conde com certa pressa.

— Sim, volveu Vasco. Nenhum esbirro ignora que o conde de Assumar tinha em sua casa a foragida das Salecias, que essa foragida era a noiva de Gomes Freire e que este a raptou ajudado pelo seu amigo e por mim que os quero acompanhar! exclamou o joven cadete.

— Tu?

— Sim... Eu!

— Mas se nada tiveste com o rapto.

— Desculpae, D. Pedro... A responsabilidade compreia eu com um bote á Jacques Lebon, mestre de esgrima de Sua Alteza! Vê se te recordas... Chegou o momento de saldarmos contas meu amigo...

— Tendes razão e partilhareis d'essa responsabilidade!

— E agora, meus amigos, peço-lhes que me deixem só por um momento... exclamou o alferes em tom compungido.

E ao vêl-os sair, elle caíu de joelhos em face da poltrona onde ella costumava estar, e deixou-se ficar além na mais profunda das abstracções, como extranho a tudo.

D. Pedro ao lado de Vasco conversavam a meia voz e caminhavam no corredor parallelo ao aposento onde o alferes se encontrava.

— Sabes? Estou resolvido a chegar aos ultimos extremos para

raparar para com o nosso amigo o mal que involuntariamente lhe causei...

— Compartilho a tua resolução! E necessario assentarmos um plano...

— Por onde principiar?

— A minha ideia era inutilisar esse D. Ramiro de Noronha a quem odeio instinctivamente.

— D. Ramiro?

— Sim... Já o disse a Gomes Freire!

— Mas...

— Sim... Julgo que o cardeal ao fazer raptar a sobrinha a vae entregar nos braços d'elle!

— Veremos... E desgraçado d'elle se assim succeder!... gritou o fidalgo no tom d'uma resolução suprema.

— Mas como descobririam elles onde se occultava D. Elvira de Mello?

— Eis ahi o grande mysterio de tudo isto...

— Pelo meu lado vou com Gomes Freire até ao patibulo se fôr necessario... gritou D. Pedro a affirmar muito a sua resolução.

— Não ha-de ser necessario... Porém eu como sempre compartilharei os vossos perigos...

O alferes do regimento de Peniche, o pobre Gomes Freire, ouvia aquelle som de vozes, o ruido dos passos dos amigos, porém continuava sempre como ligado áquelle logar a pedir energia para entrar na lucta, aquelles sitios onde vivera a mulher amada.

Ao cabo d'alguns momentos ergueu-se rapidamente e de cabeça levantada avançou para o corredor, exclamando:

— Ah! Agora desafio-os a todos! A' côrte, aos jesuitas, ao intendente e até á Inquisição!...

— Juro-vos, camaradas, que saberei vingar-me!

— Nós te auxiliaremos!... exclamaram ambos n'um grito unisono.

— Bem... Parto immediatamente para Lisboa...

— Iremos comtigo!

— Seja!

Desceram ao pateo, acordaram os creados que dormiam, mandaram apparelhar os cavallos e no momento de partida, o alferes olhou ainda aquelles logares, depois tirou do peito uma fita

achada na sala onde Elvira estivera e levou-a respeitosamente aos labios, estremecendo de colera ao lembrar-se da infamia de que a sua noiva fôra victima. Depois voltando-se para o conde, perguntou:

— D. Pedro... A côrte está em Ajuda ou em Queluz?...

— N'Ajuda! responderam os dois amigos.

— Bem... E' lá que me dirijo!

— Tu... Mas a fazer o quê?

— Depois veremos...

— Gomes Freire... lembra-te da tua condemnação... Nós deviamos marchar na frente!

— Não... O sacrilego deve defrontar-se com os justos!

— Sacrilegos somos todos nós... Iremos pois tambem... E a que parte da côrte?

— Ao gabinete do inquisidor geral!...

Calaram-se admirados d'aquella audacia estando no emtanto dispostos a partilharem os perigos a que se ia expôr o corajoso official que dizia ainda:

— E' o inquisidor que pune os sacrilegios... Quero vêr quem pune as infamias de maior monta...

— Acompanhar-te-hemos...

No momento porém em que ia sair ao portão appareceu na sua frente um homem que ao reconhecel-os ao clarão dos archotes que dois criados empunhavam, exclamou:

— Senhor conde, senhores, boa noute!

— Joannico! gritou o fidalgo. Mas d'onde vens depois de tanto tempo?

— Venho, senhor conde, das portas da morte depois de ter escapado de entrar as da Inquisição...

— Tambem tu!...

— Sim, meus senhores, tambem eu incorri n'um sacrilegio!

— Bem... E como esperas salvar-te?

— Tenho o meu plano e por isso venho despedir-me de V. Ex.ª

— Ah! Deixas o meu serviço?

— Sim excellencia... Seria o mesmo que me deixar apanhar pelos esbirros, o viver nos vossos palacios...

— E para demais quando esses esbirros os assaltam para roubar mulheres! gritou Gomes Freire cheio de rancor.

— O quê?... Que diz V. Ex.ª, senhor alferes? Ah! A senhora D. Elvira de Mello.

— Sim... Ella... murmurou Vasco dirigindo-se ao seu salvador.

Então o rapaz aprumou-se, depois baixou a cabeça e n'um momento exclamou:

— Eu não passo d'um servo mas sei o meu logar... Por isso senhor D. Pedro de Portugal, peço a V. Ex.ª para continuar ao seu serviço...

— Concedido! disse o conde admirado.

O rapaz inclinou-se n'uma saudação e transpôz a porta. Os cavalleiros partiram a galope pelas margens do Tejo levantando nuvens de poeira.

D'ahi a momentos sentiam o mais rijo galope d'outro cavallo e viam Joannico que se dirigia para elles. Lançaram-lhe olhares interrogativos como se quizessem saber o que o trazia.

E o amante da Chiquita exclamou com alegria:

— O logar do creado é atraz do amo... V. Ex.ª tem-me ainda ao seu serviço!...

Sorriram com as palavras do heroico Joannico e dirigiram-se rapidamente na direcção de Belem.

A manhã rompia agora, o sol já tingia d'ouro as cumiadas das serras.

XXI

Os jesuitas

sege rodava rapidamente, aos solavancos pelas estradas tortuosas, deixando entrever pelas cortinas de couro semi-erguidas os campos que se estendiam verdes e desertos, as encostas onde manchas de malmequeres punham tons fortes como se fossem ondas d'ouro rolando pelas cumiadas até aos valles bordados de salgueiros.

De quando em quando, um casal branco mostrava-se a distancia, apparecia o vermelho d'uma serra em rapida ondulação, mostrava-se um rebanho minusculo pelo cume d'um monte, cortava o espaço algum bando d'avesitas que iam pousar nos trigaes.

O padre recostava-se com uma especie de bem estar nas almofadas de couro da sege e por detraz dos oculos verdes, os seus olhos cerravam se com beatitude ao calor mortificante d'aquelle meio dia; a seu lado Jacintho Peres, muito encolhido, vestido n'uma fustão novo, o espadim entre os joelhos, lançava rapidos golpes de vista para a paisagem e exclamava:

— Ah! fr. José Maria de Mello já estamos perto... Avisto já o zimborio de Mafra... Depois é um instante até á quinta do senhor visconde de Villa Nova da Cerveira.

— Sim... Mas carecemos d'entrar no convento... Aguardam-me!

— Estamos perto... Já se vêem as torres! insistiu o outro recostando-se ao lado do oratoriano.

E com effeito o monumental zimborio do convento recortava-se no espaço azul dominando a planice como um balão pardo suspenso a grande altura. Pouco a pouco ia apparecendo o muro da Coutada, emmaranhavam-se arvores, destacavam-se plantações, perfis de veados d'armações bifurcadas, esgueiravam se rapidos n'uma matta de pinheiros e por fim o convento patenteava-se em toda a sua grandeza magistral.

Erecto e altivo nos porticos cheios de columnatas e de baixos relevos, cavado de nichos, lavrado d'alto a baixo; a egreja do mosteiro entalada entre duas altas torres, parecia repousar ao abrigo d'esses gigantes de pedra. No alto dos torreões d'um estylo bizarro, em frisos, ponteagudos, firmes, os enormes e celebres sinos estavam mudos, quedos ante a paisagem doce e clara tambem. No largo em frente as casinhas brancas pareciam olhar com admiração os collossos. Ao longe uns cabeços; mais para a esquerda monticulos, e lá para baixo a delgada nesga d'um granzoal em tons azues.

A carruagem parava á entrada do convento e os dois homens apeavam-se mollemente, entorpecidos, relanceando um olhar para os escarpados outeiros nevoentos e distantes que fechavam o quadro. O sol derdejava rijamente os seus raios, e elles penetravam na egrja cheios de satisfação, abrigando-se do calor.

Então além entre todos aquelles marmores ricos, perto das columnas vermelhas, em face dos quadros raros, aos reflexos mirabolentos dos lanternins e dos candelabos d'ouro, que espalhavam tons exquisitos nos marmores pretos das arcarias que os reflectiam, os dois ficaram um momento silenciosos.

Depois o frade exclamou:

— Aguarda-me aqui, Jacintho Peres! Vou tratar do futuro da Companhia de Jesus!

Sob as arcadas collossaes a sua voz reboou sinistra como uma ameaça, potente, forte, como se essa seita estivese no apogeu de todo o seu poder como nos tempos do rei piedoso (ou na epocha do magnanlmo) que erguera aquelle templo fabuloso e cheio de maravilhas.

N'um ar humilde, compondo a physionomia, fr. José Maria de Mello, atravessou a egreja e entrou pela sachristia, empurrou uma porta baixa e entrou n'um largo corredor onde encontrava frades que o saudavam com as palavras sacramentaes, affastando-se depois

no burel dos habitos, lentos e melancholicos como sombras extranhas.

Chegou finalmente a uma pequena sala apainelada, toda de porphyro e alabastro em incrustações, e foi bater tres pancadas com intervallos breves mas eguaes n'uma outra porta por detraz da qual se ouvia um grande ruido de vozes.

Como por encanto, esta abriu-se, e fr. José Maria de Mello deixou-se ficar no limiar emquanto todos os que ali estavam se levantavam cruzando os braços sobre o peito.

Era um aposento vasto, o tecto d'arcarias de sumptuoso estylo, bem allumiadas pelas vastas janellas que se abriam para a cerca onde se entreviam brancuras de marmore e subia o cantar da agua nos tanques espalhando frescura. A mobilia era toda de madeira do Brazil com ricas incrustações de ouro e marfim, as cadeiras altas, d'espaldares lavrados, hypocritas de fórma, enfileiravam-se tendo na sua frente frades que se revestiam dos habitos de todas as ordens.

Eram uns sessenta, velhos e novos semblantes asceticos de *cartuxos* e gordos e nedios *agostinhos,* calvos e doutos *arrabidos,* corpulentos e mal trajados *franciscanos*, lugubres monges de cabeças á Goya vindos de ermiterios distantes, e dois oratorianos magros que avançavam para o recemchegado com mostras de respeito.

— Ah! Estamos todos, não é assim? exclamou elle com firmeza depois de os saudar.

— Sim, todos!... responderam varias vozes.

— Irmãos, é o momento de vibrar um decisivo golpe! exclamou elle.

Fez-se um silencio extranho emquanto elle avançava para uma cadeira collocada á cabeceira da mesa vasta que pejava o aposento e em torno da qual os outros se encontravam.

Um frade magro, de rosto vulgar, as pupillas baixas, o ar doce, envolto no burel dos carmelitas descalços analysava no seu tom humilde o recemchegado parecendo ao mesmo tempo ler no seu breviario.

Era ainda muito novo aquelle frade, lembrava uma creança envergada n'aquellas vestes que lhe ficavam bem ao ar doce do seu rosto pallido, coroado por cabellos sedosos onde se rasgava a corôa.

Agora ouvia-se a voz de fr. José Maria de Mello, começar:

— Irmãos... Tenho esperança no restabelecimento da companhia!

— Sim... Depois de destruidos os nossos inimigos mais poderosos.

— O arcebispo de Thessalonica, o principe do Brazil e o intendente da policia! exclamou um frade carmelita, continuando na sua attitude humilde e falando com um accento extrangeiro na voz de agradavel timbre.

— Como? Pois sabeis? interrogou fr. José Maria de Mello, fixando-o deveras admirado e não se lembrando de o ter visto até então.

— Sei, irmão, que o arcebispo nos combate, que tem poder sem limites no espirito da rainha... Sei que o principe do Brazil, segue as ideias do seu mestre o marquez de Pombal...

— O Sebastião José... disseram com desprezo algumas vozes.

E elle esboçando um sorriso nos labios finos, volveu:

— Seguindo as ideias d'esse demolidor intelligente em demasia...

— Como? Intelligente?... O atheu, o hereje!... gritaram todos.

— Sim, intelligente a ponto de luctar comnosco... e que soube deixar um discipulo que será rei a proseguir na sua obra...

— Oh! Defendeis isso... Não sabeis então que ha meios... murmuraram alguns.

E sempre do mesmo modo, continuou:

— Sei pois que o principe nos odeia, sei que o intendente nos combate... E' necessario assentar a maneira de os anniquilar isto dentro em seis annos...

— Em seis annos? bradou fr. José Maria de Mello, com desdem. Dentro em alguns mezes...

— Impossivel! impossivel! exclamou o carmelita com a mesma serenidade.

Ouviu-se um grande murmurar de desapprovação ás palavras do joven, e o oratoriano ao vêr-se assim combatido, conscio do seu poder e da sua força, exclamou desdenhoso:

— Sois muito novo, irmão... Não sabeis o poder de que dispomos... Julgais então difficil fazer desapparecer dois ou tres homens embora elles sejam poderosos?

— Não. Sei até que isso é facil...

— Já vêdes portanto...

— Que morto o arcebispo e o principe, resta ainda a rainha...

— Que é devota...

— Restam-nos os ministros...

— Que são nossos... Angeja que nos protege, Ayres de Sá que nos respeita, Villa Nova que nos admira e até Martinho de Mello que tem pela Companhia a maior das indifferenças.

— Dizeis devota a rainha?

— Sim... D. Maria I é a mais piedosa das soberanas...

— Dizei-me então porque não restabeleceu ainda a Companhia? interrogou elle.

— Oh! Por conselhos d'esse maldito arcebispo confessor... gritaram em unisono.

— E quem vos diz que o futuro confessor de sua magestade não será tambem nosso inimigo?

— Mas el-rei se encarregará de lhe impôr um dos nossos...

— El-rei? Oh! Morto o cardeal da Cunha, el-rei seguirá na sua indifferença, e mesmo que o cardeal viva, D. Maria I não se deixará guiar por elle...

— O principe D. João... aventou outro.

— Ah! O nosso futuro rei? bradaram os jesuitas cheios de admiração.

— Sim, o futuro rei... Isso entra nos planos de fr. José Maria de Mello... assegurou elle, emquanto o outro o olhava cheio de espanto e queria pronunciar algumas palavras. Porém o joven que começava a admirar o concilio proseguia:

— Por isso vos digo que apenas dentro em seis annos teremos occasião de nos vingarmos...

— E porque seis annos?

— Porque só dentro em cinco teremos um bispo portuguez na nossa ordem! Porque é entre os bispos que sua magestade escolhe os confessores.

Calaram-se admirados até ao extremo de semelhante logica, e apenas fr. José Maria de Mello, sorrindo murmurava:

— Oh! Talvez o tenhamos dentro em seis mezes!

— Impossivel! tornou elle sem se alterar.

— E porque, irmão? interrogou o oratoriano muito cheio de raiva, fixando-o extranhamente.

— Porque o pontifice não assignará por agora essa nomeação.

— Pio VI é então nosso inimigo? interrogaram os jesuitas, como se vissem no mancebo um louco.

— Não...

— Mas então porque falaes?

— Porque o papa não pode por agora nem restabelecer a Companhia, nem protegel-a...

— Mas como sabe elle o nome dos jesuitas?

Sorriu com desdem e volveu:

— Porque não lhe obedecem!...

— Quereis dizer?

— Que todos os frades não sujeitos ao dominio dos seus bispos são jesuitas... E em Roma sabe-se tudo... Tanto no Vaticano como na residencia modesta do geral da ordem...

— Ah! Vindes de Roma?

— Não, irmãos ... Venho de Hespanha...

— Mas o que se trata agora em Hespanha? interrogaram elles cheios de curiosidade em face de semelhante prodigio.

— De aniquilar o conde de Florida-Blanca, o ministro, inimigo da Companhia... Por sua causa é que o papa não restabelece os jesuitas...

Calaram-se de novo, cheios de admiração; apenas o Tavora, olhava o moço carmelita como se o julgasse um charlatão, e interrogava:

— Porém vós sois o unico a responder á minha politica!

— Sim... Não quero a perdição da Companhia... Estaes aqui para nos deter... A Europa empenha-se na questão da Russia... Frederico II e Catharina adoptam os jesuitas mas a França e a Hespanha combatem-nos... D'ahi a lucta... Precisamos ter muita cautella, fazer com que se esqueçam de nós e trabalharmos na sombra... Refreae os vossos impetos, irmão... Sereis vós o vingador de vossa familia e da Companhia, descançae...

— Da minha familia!... bradou elle tornando-se livido e não comprehendendo como aquelle mancebo estava ao facto dos seus planos.

— Sim... Dentro em quatro annos, Roma sanccionará a nova nomeação de bispo... Sereis collocado ao lado da rainha... Para isso tendes apenas uma tarefa e não vos mettas n'outras... Tratae

d'inutilisar naturalmente, sem pressa, enredando, fazendo ardis, o arcebispo de Thessalonica.

— Oh! Mas e os meus planos?... Vos estaes louco...

— Calae-vos e ouvi! exclamou o outro.

Então todos aquelles jesuitas, costumados a vêrem em José Maria de Mello, o seu chefe bradaram:

— Está louco!... Está louco! Escute! Obedeça como nós!

Erguiam se nas cadeiras, levantavam-se raivosos, pareciam prestes a lançarem-se sobre esse homem que assim lhes falava e nos seus semblantes appareciam signaes evidentes de intensa colera.

O mancebo sorriu com desdem, ergueu-se lentamente por entre o tumulto e bradou:

— Onde está então a vossa humildade, irmãos? Um jesuita jámais se exalta, jámais alarma... Oh! Parece que os habitos com que disfarçaes as vossas roupetas gloriosas, essas eguaes á que Ignacio de Loyola tornou uma bandeira poderosa, vos transtornaram os principios!

— Eh! Fóra... Fóra!... Por Deus que vos atreveis, senhor frade estrangeiro! bradou José Maria de Mello, collocando-se-lhe na frente.

— Tambem vós?... Oh! Como os jesuitas se abastardam... Vêem em mim o inimigo não é assim... Firam na sombra se tem coragem, forjae embuscadas mas não ataqueis face a face!...

— Mas insultaes?... gritaram elles ainda cheios de raiva.

— Senhores, menos ruido ou do contrario o dom prior de Mafra penetrará n'esta sala e ficará admirado da desunião da ordem!

— Desunião!... Oh! Não vêdes que ao contrario nos unimos contra vós?

— Bem o vejo! Mas procedeis como homens vulgares e não como jesuitas, como discipulos de Santo Ignacio... Oh! irei dizer aos do meu paiz que a Inquisição e o poder da Companhia em Portugal foi destruido ante a pouca serenidade e astucia dos seus membros!...

— Dil-o-hei em França na collegiada de Renopes, na Hespanha no convento de Sevilha, em Roma escrevel-o-hei em lettras negras no livro da Companhia...

— Ah! Tendes razão, os inimigos devem desapparecer!... gritou José Maria de Mello avançando para elle.

Mas o joven cruzava os braços e bradava:

— Desapparecer por meios naturaes ou que pelo menos o pareçam... a violencia é indigna d'um jesuita pelo menos em publico e da fórma que se descubra... Não conheceis a *Monita Secreta*, eu vol-a mostro!...

— Oh! que audacia! gritaram os jesuitas admirados, avançando para elle de braços erguidos.

E o mancebo abrindo o habito mostrou-se vestido de negro e levou tres vezes a mão ao lado esquerdo do peito, desabotoando de seguida a batina e apontando uma cruz d'ouro que lhe pendia do pescoço.

Recuaram todos como por encanto, tornados de pasmo e curvaram as cabeças, murmurando:

— O geral!... O geral dos jesuitas!

José Maria de Mello, olhou com mostras de terror, aquelle joven que ali estava ainda no mesmo ar simples e bondoso que como elle dizia devia ser a norma de todos os da Compauhia, porém os seus olhos fuzilavam clarões colericos de dominador ultrajado. Depois, sorria complacente, e em voz pausada, disse:

— Que vos aproveite a lição!

Santo Ignacio era bem grande cerebro e não tinha impetos como vós outros... Attendei á modestia com os que os inquisidores de Hespanha se apresentavam nas ruas e analysae a raiva que mostravam ao ferirem os inimigos? Julgaes que ainda é o mesmo? Enganae-vos? Hoje não tendes poder... Sede humildes e deveis ferir na sombra com rancor!...

— Oh! Senhor magnanimo!... gritaram elles cheios de contricção quasi ajoelhados aos pés do papa negro que continuava:

— Agora escutem-me...

Curvaram-se, chegaram-se para elle e ouviram-no dizer:

— Vós, fr. José Maria de Mello, tendes as minhas instrucções combatereis o arcebispo de Thessalonica, movereis a intriga com a habilidade que nos é peculiar e occupareis o seu logar...

— Sim, magnanimo senhor!... volveu o Tavora baixando a cabeça, emquanto o geral, dizia:

— Depois vingae então a vossa familia!...

Relanceou um olhar em roda como se procurasse descobrir alguem, depois sentindo não conhecer a pessoa que desejava, interrogou:

— Quem usa o nome de fr. Fabricio?...

— Eu, magnanimo senhor! gritou n'este momento uma voz bem timbrada e um mancebo de olhar doce e physionomia insinuante vestido no habito dos capuchos apresentou-se em frente do geral que o mediu com o olhar, dizendo de seguida:

— Sabeis que a Companhia de Jesus foi perseguida na America? Sabeis que ahi recebeu os seus primeiros golpes? No Pará e no Maranhão dois homens lhe amorteceram o poder... chamavam-se Francisco Xavier de Mendonça, e o general Gomes Freire de Andrade!

— Gomes Freire! exclamaram ao mesmo tempo fr. José Maria de Mello e o capucho.

— Sim... O primeiro era irmão do marquez de Pombal, o segundo chefe d'uma familia fidalga a que vós pertenceis, irmão!... exclamou elle dirigindo-se a fr. Fabricio.

— Sim... E' verdade!... volveu elle cada vez mais admirado.

— No mundo chamae-vos Luiz de Berredo?

— Sim, magnanimo senhor!... exclamou elle cheio de pasmo.

O geral da ordem sorriu, e tornou:

— Sois filho bastardo de Ambrosio Pereira de Berredo e Freire e por consequencia neto do general que perseguiu a Companhia...

— Sim, o general casara com D. Luiza de Berredo...

— Tendes um tio avô, irmão mais novo d'este general e casado tambem com uma Berredo...

— Com D. Joanna Vicencia...

— Muito bem... Esse tio é capitão d'artilheria e encontra-se no Porto... E' tambem um inimigo porque nós jamais perdoamos... Tendes um irmão, Gomes Freire, alferes do regimento de Peniche e filho legitimo de vosso pae... E' sobre estes dois parentes que a Companhia vae exercer a sua vingança... Os crimes de vosso avô serão punidos no irmão e no neto... São os que existem... Os descendentes d'estes serão tambem punidos e vós sois o encarregado da vingança.

— Eu? bradou elle como aterrado.

— Sim... Porque o odio deve existir no fundo do vosso coração...

José Maria de Mello, ao ouvir fallar do raptor da sobrinha do cardeal, do homem que inconscientemente motivara a descoberta

do attentado contra a rainha, prestara maior attenção e ficara a contemplar aquelle extraordinario jesuita que tanto sabia, o habil politico que ia armar o braço d'um sobrinho contra seu tio, d'um irmão contra sua irmã, despertando-lhe o odio na alma.

— Não conheceis a vossa historia Luiz de Berredo?... interrogou elle.

— Sei apenas que sou um bastardo.

— Porém a Companhia que persegue sempre os descendentes dos que a attacam sabe mais cousas... Fr. Fabricio, escutae a vossa historia... Ouvi-a tambem, membros da Companhia de Jesus.

E o geral, sentava-se, circumvagava um olhar pelos assistentes fixava depois o bastardo e dispunha-se a começar, emquanto a agua jorrava docemente, n'um cantico suave no marmore dos tanques do convento.

XXII

A historia d'um jesuita

ENTÃO no meio do maior silencio, ante as attenções dos frades, o geral começava em voz pausada:

— Ha annos vivia n'um solar do Minho, o general Gomes Freire que voltara do Brazil onde attacara a Companhia de Jesus. Vinha descançar das torpezas exercidas sobre a ordem, vinha gosar das riquezas adquiridas e de confiança do irmão do conde de Oeiras então ministro poderoso.

Seu filho, Ambrosio de Berredo Freire, cursava a Universidade em companhia d'um fidalgo pobre por nome Henrique de Miranda... Eram como irmãos, adoravam-se, nutriam um pelo outro o maior dos affectos... No bairro baixo da cidade, Ambrosio Freire occultava os seus amores com uma mulher do povo, joven e formosa chamada Julia Peres e que era filha d'um barqueiro do Mondego... A desgraçada abandonara o lar, deixara o pae entregue ás suas redes curtindo desgostos, lamentando a fuga da filha, que ao deixar a casa causara a morte da sua companheira uma santa mulher...

O barqueiro procurava saber o nome do seductor da filha e descobriu ser elle um fidalgo que dispunha de grande protecção na côrte... Mas nas suas veias girava sangue forte e impetuoso e jurou vingar-se no miseravel...

— E' de meu avô materno que vós falaes não é assim? interrogou o jesuita fazendo-se pallido.

E o geral da ordem, no seu tom tranquillo, volveu:

— Sim... E' de vosso avô que para vingar a deshonra da filha procurou certa noute de trevas o fidalgo na occasião em que se dirigia para o casebre onde occultava a presa...

— Minha mãe! exclamou o outro, fazendo-se pallido.

O geral accenou affirmativamente e proseguiu:

— De ha muito que o barqueiro tiritava ao frio, cheio de raiva, apertando a sua grande navalha, prompto a ferir o miseravel que lhe levara a deshonra ao lar. Sentiu passos na encosta, o coração bateu-lhe com impaciencia, ao descortinar um vulto que entrava para a casa onde se encontrava a filha.

Esteve ali durante duas longas horas, devorado pelo desejo de exercer a sua vingança, de lavar essa affronta feita por um nobre mas que por isso não deixava de ser mais cruel...

Por fim, louco de raiva, abafou um grito que lhe ia sair dos labios, uma exclamação de contentamento porque a porta abriu-se e o fidalgo embuçado na sua longa capa ia passar ao alcance do seu braço...

— Ah!

— Sim... O barqueiro, fez um movimento, e cravou a arma no peito do miseravel! bradou o geral da ordem, continuando logo:

— Mas um grito estridente se ouvio d'uma janella e a amante de Ambrosio de Berredo que viera assistir á saida do homem que a deshonrara e do qual já tinha um filho, começou gritando por soccorro ante aquelle attentado que lhe roubara o que tinha de mais precioso.

Ouviu então uma voz rouca, extranha de colera que a gelou, exclamar:

— Ah! Sim... Vae denunciar teu pae, infame!

A joven, tomada de assombro, no maior dos desesperos, ao vêr perdido o auctor dos seus dias que lhe victimara o amante, buscou ainda salval o, e com risco de soffrer egual sorte, bradou-lhe:

— Suba... Suba... Esconda-se aqui!

Era tarde. A ronda descia a rua apressadamente e o barqueiro foi encontrado quasi junto do corpo do fidalgo, empunhando ainda a arma com que o ferira. Julia, louca de dôr, no maior dos desesperos, recolheu o que julgava o cadaver do amante, emquanto o pae era levado para a cadeia.

— Oh! E' horrivel... E' horrivel! exclamaram todos emquanto fr. Fabricio se tornava pallido.

— Mais terrivel é o fim d'essa historia... Ouçam...

— Ambrosio Berredo, não morreu. Dia a dia, hora a hora, com o coração despedaçado, aquella filha, cujo pae ia pagar talvez com a vida a vingança da sua honra, velou o amante, prodigalisou-lhe carinhos, foi para elle a mais dedicada das mulheres, buscando salvar o pae de seu filho que então ainda não podia comprehender cousa alguma.

Elle restabelecia-se pouco a pouco e promettia-lhe quotidianamente que apesar da sua origem fidalga casaria com ella, reconhecido a tantos beneficios, a tantos cuidados...

Julia Peres hesitava em lhe falar do pae, temendo exasperal-o porém um dia, estremeceu no mais intimo do seu ser, ao ouvil-o exclamar:

— Estou bom, Julia... Vou sahir de tua casa... Tenho uma terrivel vingança a exercer...

— Sobre quem? perguntou-lhe aterrada.

— Não disseste que o homem que me feriu foi preso!

— Sim... balbuciou a tremer.

— Pois será enforcado... Ainda disponho de influencia precisa para arrancar do marquez de Pombal uma sentença de morte... Meu pae a sollicitará a Francisco Xavier de Mendonça. Naturalmente é um miseravel que me queria roubar a bolsa... Os fidalgos não attacam traiçoeiramente e o marquez não terá muito em conta a vida d'um villão...

— Oh! Não... Não te queria roubar! bradou ella lavada em lagrimas.

— Ah! Conheces o miseravel?

— Sim... Ambrosio... Conheço... Era... Era...

— Quem?

— Meu pae!

— Teu pae! exclamou o fidalgo tornando-se livido. Teu pae!

— Sim e peço-te o seu perdão... Elle buscava vingar a sua honra! Por nosso filho t'o supplico... Lembra-te que lhe d'este o teu nome...

Não lhe respondeu; fulo, louco de raiva, saíu de casa e dirigiu-se á cadeia. Ao chegar viu aepnas na praça grande uma forca

erguida e onde acabavam d'enforcar um homem... Era vosso avô, Luiz de Berredo... Era o barqueiro que morreu suppliciado por tentar vingar a honra da filha... Vosso pae não teve que pedir uma sentença de morte... Vosso avô paterno sem que o dissesse ao filho, exigiu-a de Francisco de Mendonça...

— Oh! Miseraveis! gritou o jesuita, tornando-se livido, emquanto os outros se admiravam cada vez mais da habilidade do geral da ordem que continuava:

— Então, vosso pae saíu de Coimbra deixando vos ao abandono com a mulher seduzida por elle, partiu para o seu solar e dentro em pouco era addido a uma embaixada para Londres...

— Ah! E minha mãe, minha pobre mãe?...

— Ella, a desgraçada ao vêr que o amante não apparecia, correu ao fim de dois dias á casa onde elle habitava... Soube do supplicio do pae e ainda assim foi rojar-se aos pés do algoz... Porém encontrou apenas Henrique de Miranda que não a conhecia, que não sabia mesmo dos amores do amigo, mas que lhe ouvira falar de um homem suppliciado na ante-vespera, narrou-lhe tudo, contou-lhe aquella tragedia lavada em pranto e por fim retirou-se pensando na morte.

O Mondego estava ali a dois passos, a cabana onde elle passára a infancia ainda se mostrava nas taboas apodrecidas, o barco e as redes do pescador appareciam-lhe como a mais horrivel das recordações. E então, n'um impeto, tendo-vos bem seguro nos braços, ajoelhou no limiar da cabana e fez a oração que lhe tinha ensinado essa mãe que morreu de pesar pela sua fuga...

Mais uns momentos a esse rio bordado de salgueiros onde os melros assobiavam canções doces, teria no seu peito, deitada no leito fundo, a mulher que um infame perdera!

Ia lançar-se a agua, olhava ainda a casa, fechava os olhos e balanceando o corpo, além de pé no alto d'uma escarpa lançava-se á agua desejosa de morrer.

Mas o bote soltou-se da sua amarra, alguem muito corajoso remava para o lado onde ella se debatia á superficie do rio segurando-vos sempre ao peito e conseguia salval-a.

— Oh! quem era... quem era esse homem? interrogou o jesuita com enorme impaciencia.

— Era o amigo de vosso pae, Henrique de Miranda, que tres

mezes depois não hesitava em redimir a culpa do amigo que não se lhe confiara...

— Como?... Que dizeis, magnanimo senhor? perguntou elle com grande pasmo.

— A verdade... O fidalgo pobre desposou a filha do barqueiro...

— Ah! Que generoso homem!

— Vós fostes conduzido para casa da mulher que vos creou e vossa mãe morreu assim tranquillamente depois de saber que ficaveis feliz...

— Mas... Sempre me disseram que meu pae me dera o seu nome...

— Assim foi... Nos livros de baptismo estais reconhecido...

— Mas e a pequena fortuna que me deixaram, dizem-me que fôra elle...

— Não o acrediteis... Essa quantia foi offerecida por Henrique de Miranda que velou sempre por vós...

— Qual seria o fim de minha pobre mãe se não tivesse encontrado esse homem generoso?

— A morte arrastando-vos comsigo... Não sentis o desejo de vingar vossa mãe e ao mesmo tempo a Companhia de Jesus? Sabei que Bernardino Freire foi o encarregado por seu irmão de vir sollicitar de Francisco de Mendonça a condemnação do barqueiro do Mondego, sabei que tendes um irmão que mais feliz do que vós gosou dos carinhos de sua mãe, uma fidalga!

— Ah! Então é Gomes Freire, alferes do regimento de Peniche, gritou fr. José Maria de Mello, accrescentando:

— E raptor da sobrinha do cardeal da Cunha!

— Ah! Ahi tendes um começo de vingança, fr. Fabricio... Ide até ao fim...

— Oh! Vingar-me-hei tanto no capitão Bernardino Freire como n'esse homem... Meu avô materno foi suppliciado, minha mãe abandonada e tudo por causa do filho do homem que ajudou Pombal a destruir a Companhia... Irei até ao fim!

O geral teve um sorriso de contentamento e replicou:

— Assim o esperava... E agora subordinae o começo da vossa vingança ao fr. José Maria de Mello que conhece pelo menos um dos descendentes do general e ao que parece um sacrilego!

— Que será suppliciado dentro em oito dias! assegurou convicto, o oratoriano.

— Bem... Resta-nos depois o arcebispo e a rainha... Dae tempo ao tempo... Achae os odios que se podem despertar e aproveitae-os... Nas memorias da Companhia de Jesus que conservo em Roma encontram-se todos os odios de familia... D'ahi o nosso poder... Com agentes habeis triumpharemos...

— Falta ainda o principe do Brazil, magnanimo senhor... exclamou fr. Fabricio com colera.

— Ah! Esse entrego-o a quem mais o odiar!

— Ao irmão... Ao principe D. João que o detesta!... aventou um padre que se ergueu na sua cadeira.

— Não... D. João é um fraco, é um imbecil...

— Entregae-m'o então, senhor! gritou um homunculo que se embuçava na veste dos franciscanos, apparecendo com os olhos scintillantes de raiva.

— Odiaes o principe? interrogou o geral.

— Atrozmente!... Por sua causa fui expulso da casa dos Angeja onde era confessor do herdeiro... Sou o padre Theodoro de Sá...

— Entendei-vos com fr. José Maria de Mello nos momentos criticos e para o arcebispo, recommendo-vos um certo vice-rei do Algarve que pelos modos soffreu tratos na Inquisição... E' fazer-lhe crêr que tudo partiu de Thessalonica... Agora, mãos á obra. A Companhia terá triumphado dentro em seis annos... Cumprindo bem as vossas tarefas chegareis até ao fim que desejamos...

Elles inclinaram-se e pareceram que iam ajoelhar em face do mancebo portentoso que lhes falava, porém elle olhava-os e accrescentava, apenas:

— E agora até ao dia do triumpho!

Embrulhava-se no seu habito de carmelita, tomava uma attitude humilde e dirigia-se para a porta, arrastando penosamente as sandalias.

Voltava-se ainda mais uma vez e dizia:

— Resta-nos ainda os descendentes do marquez de Pombal... E' necessario que sejam nossos... Cada um de vós buscará tornar-se o confessor dos membros da familia e uma vez conseguido isso é certo o triumpho...

— Sim... Preponderamos no seu espirito...

— Fanatisal-os-hão! Educar-lhe-hão os filhos segundo as leis da Companhia... E como o nosso braço se estende pelos seculos fóra, quando algum d'elles fôr dominador, a Companhia terá quem a sustente... Elles e os Braganças devem ser nossos como represalias! Quem sabe ao que chegaremos!

N'um gesto breve abençoava a assembleia e depois já da porta em voz firme, dizia-lhes:

— Não esqueçam como ha pouco a prudencia... Sempre nas trevas até ao triumpho porque a luz cega, por isso a queremos destruir nos cerebros... E mandae-me sempre para Roma os vossos relatorios. Os negocios mais confidenciaes enviae-os para Genova ao cura de Santa Maria...

— Ah! Esse padre remettel-os-ha a vossa eminencia...

— Não... Abrirá as cartas que devem ser escriptas em cifra e inteirar-se-ha do seu contheudo!

— Um cura? exclamaram todos cheios de admiração.

— Sim... Um simples cura que da sua freguezia domina reinos e imperios, move a machina immensa e collossal da Companhia de Jesus e quando em Roma, o Santo Conselho carece de sancção, é o humilde padre que lh'a dá accrescentando aos conhecimentos de cada um dos membros do Supremo Conselho o que muitas vezes lhes falta...

— Um cura?... interrogaram elles ainda.

— Sim... Um cura, irmãos em Christo, um simples cura, que Catharina da Russia estima e Frederico II, acha pelo menos tão apreciavel como o seu Voltaire!

— O atheu? interrogaram algumas vozes.

— O sabio... replicou o geral da ordem, accrescentando:

— São necessarios d'estes homens que nos combatam para dar maior valor aos nossos triumphos... Odeia-se o inimigo mas reconhece-se-lhe o merecimento... E' o que faz o cura de Santa Maria de Genova.

— E' tambem um sabio? Não é assim? perguntou fr. José Maria de Mello.

— Avaliae vós mesmo por estas cousas... Não sei se é sabio, conheço-o apenas como habil... Diz sempre: Approveitae os odios em proveito dos que odeiam os da Companhia. Por isso ordenou a

um Tavora que se vingasse d'um Bragança e a um Freire bastardo que se vingasse d'um Freire legitimo!

— Ah! Sois vós, o cura de Santa Maria!

— Sim, irmãos, sou eu! exclamou o geral da ordem.

— Mas julgavamos, que fosses pelo menos bispo...

— Não... Era um logar que se perdia para outro jesuita que não tivesse as minhas funcções... E depois as cabeças quanto mais altas estão á luz do dia e á face do mundo, mais chamam as attenções!...

Sahia lentamente com o mesmo sorriso humilde pregado nos labios e internava-se pelo convento como se o conhecesse de longa data.

Os jesuitas ficavam paralysados d'assombro e depois com varias venias de parte a parte, sahiam pelas diversas portas da grande sala internando-se nas galerias de marmore raiado, a sonharem no futuro poderio e admirados comsigo mesmo do grande tacto d'aquelle joven tornado geral da Companhia de Jesus, quasi um pontifice e que tão bem comprehendia a sua realeza nas trevas.

Fr. José Maria de Mello, fr. Fabricio e o padre Theodoro de Sá, ficavam juntos durante alguns momentos combinando os primeiros attaques a esses personagens que lhes impediam o caminho. E o oratoriano relatava ao fr Fabricio, as aventuras de seu irmão, o alferes do regimento de Peniche.

— E agora á lucta! exclamaram todos tres ao cabo de algum tempo apertando as mãos com força e affastando-se de seguida em direcções differentes.

Da vasta egreja do convento, nas suas columnas corinthias, com as lampadas maravilhosas d'ouro e pedrarias vinha o som do orgão que resoava em harmonias infinitas.

Jacintho Peres, conservava-se na sua grande indifferença meditando sem duvida uma traição, olhando sem vêr um lanternim d'ouro cravejado de pedras preciosas.

A agua murmurava sempre nos tanques da quinta como a acompanhar na sua toada doce as infamias jesuiticas, emquanto o zimborio altaneiro do convento de Mafra abrigava as torpezas dos roupetas que juravam vinganças a exercer na descendente do rei magnanimo que com ouro do Brazil erguera aquellas cupulas que eram collossos opulentos cobrindo malfazejas toupeiras.

E um frade mendicante na mais humilde das attitudes orava em face d'um santo de pedra.

O geral da ordem passou em frente d'elle, olhou-o em silencio e com um ar humilde, encarando-o a deter-se, pediu-lhe a benção que o outro lhe deu lentamente com o seu ar de velho mumificado na oração.

Elle sorriu de novo, metteu-se na liteira que o aguardava e o seu olhar d'aguia cravou-se no mosteiro como se quizesse fulminar a obra do rei prodigo que luctara com Roma para lhe ceder.

O frade mendicante esboçou tambem um sorriso imperceptivel.

XXIII

Audace fortuna Juvat

O intendente da policia estendia a sua caixa de rapé ao arcebispo, recostava-se na poltrona collocada em face da mesa sobre a qual se via uma enorme bandeja de prata massiça cheia de fructas e de doces, contemplava por momentos a garrafa rolhada do soberbo vinho do Alto Douro e exclamava:

— Não queria perturbar a collação de vossa grandeza...

— Não, Pina Manique, não, meu amigo... Convido-vos até para ella! Conversaremos ao mesmo tempo...

O magistrado soergueu-se na poltrona, n'uma venia, muito lisongeado ouvindo o arcebispo bater tres palmadas compassadas, ás quaes se affastou um reposteiro de damasco e appareceu o gordalhudo leigo que o servia.

Com o mesmo sorriso alvar nos labios desrolhou a garrafa, vasou em dois copos de ouro o liquido odorifero collocou dois pratos do Japão em face dos convivas e retirou-se muito discretamente, ao passo que o intendente trincando uma pera em calda, começava:

— Grandeza... Foi Deus servido que encontrasse o meu corregedor!

— O que? O corregedor? Mas está mal collocado esse pobre rapaz... Escapou ao Santo Officio graças á sua audacia mas não lhe será facil escapar á furia do vice rei...

— Se vossa grandeza o quizesse ouvir..

— Ao corregedor?... Elle está ahi?... Que entre... que entre... Tenho curiosidade em vêl-o...

— Vossa grandeza, concede-me uns momentos...

— Sim... Manique... A' vontade!

— Pois bem... Elle conta com a vossa protecção...

— Farei o que puder... Tanto mais que esse rapaz tem serviços... Desde a descoberta da conspiração contra sua magestade até á partida feita ao vice-rei, tem dado soberbas provas... Ah! Nasceu tarde, o vosso corregedor... Se o marquez de Pombal o tivesse conhecido... Elle que tanto sabia aproveitar os homens...

— Oh! Teria um grande futuro! Mas assim...

— Vegetará... E como o descobristes de novo? Acaso utilisaste para isso a habilidade dos vossos *moscas?* *

— Não, grandeza... Alguns tenho bem habeis mas não chegam ao ponto de se medirem com o corregedor... Tenho até mesmo uma maravilhosa ideia a seu respeito... Mas para isso careciamos do seu perdão... D'esse modo tornal-o-hei chefe da minha policia secreta...

— Que seja elle o primeiro a conservar o incognito e tudo irá bem... A rainha pode não lhe perdoar, o vice-rei clamará, a côrte dará por paus e por pedras mas o meu amigo tornal-o-ha chefe da policia o que quer dizer: invulneravel!

— Para a lei civil...

— E que outra existe?

— A religiosa... O Santo Officio com esse Jacintho Peres...

— Luctarão ambos e salval-o-hei... Que descubra os manejos jesuiticos, que faça com que sua magestade tome precauções contra os que a rodeiam e o vosso amigo subirá no animo da rainha emquanto os nossos inimigos descerão...

— E' exactamente sobre esse ponto que vinha fallar a vossa grandeza...

— Mas sabeis mais alguma cousa?

— Sim... Por exemplo, que esteve entre nós o geral dos jesuitas!

— O geral? Mas que dizeis?

---

* Agentes de policia assim designados por derivação franceza de *mouchards*.

— A verdade... Estava em Mafra onde se reuniram alguns frades que não passam de jesuitas disfarçados...

— E conheceil-os?

— Tenho os seus nomes...

— Maravilhoso!

— E' a obra do corregedor e d'alguns dos meus agentes...

— Ah! Já o tinheis então empregado?

— Desde que me escreveu uma carta confidencial narrando-me as suas aventuras...

— Devem ser curiosas...

— Desde que escapou á senha dos famulos da Inquisição vagueou pelos campos e foi pedir pousada ao convento de Mafra, disfarçado em frade mendicante.

— E deram-lh'a?

— Sem duvida... Se lhe enviei alguns papeis authenticos apprehendidos ha tempo a um supposto jesuita que voltava da Palestina...

— Muito bem... Passou então por peregrino...

— E o dom prior deu-lhe um aposento no mosteiro... N'esse mesmo dia começaram chegando frades de diversas ordens e aos quaes ouviu algumas palavras... Com rara habilidade metteu-se na intimidade de um d'elles, um tal fr. Fabricio sob cuja veste de capuchinho descobriu um jesuita authentico! Foi alojado na mesma estalagem da estrada com o reverendo que conseguio haver á mão os nomes dos frades jesuitas que me enviou pelos tres agentes pretos ás suas ordens...

— Bem!... Oh! Mas é maravilhoso... E emquanto ao geral da Companhia?...

Embarcou esta manhã para Genova... Até por signal visei o seu passaporte...

— Vós? Mas era detel-o...

— Seria anti-politico agora que o marquez de Pombal desceu á campa!

— E qual é o nome d'esse homem...

— Apresenta-se com o de padre João Feschi, prior de Santa Maria de Genova...

— E' uma perola o vosso corregedor!

Comiam e conversavam ao mesmo tempo; o arcebispo estava

— Vossa grandeza perdoar-me-ha o disfarce ..

encantado com as declarações do intendente que levando aos labios o copo d'ouro lavrado, exclamava:

— E agora pode ser introduzido á presença de vossa grandeza?

— Certamente! volveu o confessor da rainha batendo as palmas ao som das quaes appareceu o leigo.

Pina Manique, ergueu-se e disse-lhe com intimativa:

— Com ordem de sua grandeza fazei entrar um mendigo que se encontra ahi na antecamara.

O servo ficou uns momentos perplexo e volveu:

— Ah! Mas esse homem não está em traje... Já o quiz pôr fóra...

— Que entre! ordenou o arcebispo em tom rude.

O leigo voltou-se e d'ahi a momentos introduzia um homem vestido n'uns andrajos, arrimado a duas muletas, a cabeça enrolada n'um lenço vermelho e que se curvava em face do inquisidor.

Depois ao vêr fechar a porta rasgou os seus andrajos e appareceu vestido como um postilhão, atirou fóra as muletas, tirou rapidamente o seu lenço e exclamou com uma nova venia:

— Vossa grandeza perdoar-me-ha o disfarce mas quem quer salvar a cabeça não deve hesítar em enrolal-a n'um lenço embora sujo...

— Nem em trocar chapeus e capas do corregedor com as dos vice-reis! bradou n'este momento uma voz de parte ao mesmo tempo que ali assomava a figura gorda do vice-rei do Algarve que saudava o confessor da rainha.

— Vossa excellencia?... exclamou o corregedor sem a menor perturbação.

— Eu sim, senhor corregedor, que venho pedir a sua grandeza...

— A minha captura, não é assim excellencia? Porém não tendes razão...

— Como? Não tenho razão?

— Eu apenas obedeci ás ordens d'um fidalgo de vossa estirpe a que um simples homem de justiça não tem o direito de replicar... volveu com uma zombaria...

— Deixemos por agora o vosso negocio... Já fiz outras descobertas mais importantes e é possivel que vos perdôe...

— Oh! Magnanimo senhor... volveu elle, radiante.

— E que descobertas são essas, senhor vice-rei? interrogou com grande pressa o intendente.

— Que era exactamente á minha pessoa que procuravam? volveu elle plenamente convencido do que affirmava.

— Mas quem vos diz...

— Algumas palavras que um certo individuo acaba de me dirigir...

Na bocca borbulhava-lhe a saliva, e elle continuava sempre:

— Quizeram fazer me acreditar n'uma cilada do senhor inquisidor para que eu collocasse a minha influencia ao serviço da Companhia de Jesus...

Elles, que conheciam a scena, ficaram admirados de semelhante politica que obrigava o vice-rei a perdoar ao corregedor, livrando assim d'embaraços o arcebispo e o intendente que careciam d'elle, e todos a um tempo interrogaram:

— E quem vos affirmou tal cousa?

— Esta verdade indiscutivel? Não é assim? A Companhia carecia do meu auxilio, fazia-me acreditar n'uma cilada de vossa grandeza, auxiliado pelo senhor intendente que a combate e d'ahi tudo isto que geraria em mim a raiva!

— Muito bem... Muito bem!

— E' possivel!

— Mas quem vol-o disse? interrogaram todos e nomeadamente o arcebispo, desejosos de conhecerem aquelle amigo inesperado.

— Eu vos conto...

— Mas sentae-vos... pediu o confessor da rainha muito ra diante.

Elle, enxugando de vez em quando a saliva dos labios, começou:

— Eu vinha no corredor do palacio, no da capella real, quando ouvi um ruido de vozes... Passou rente de mim o maldito D. João de Falperra e gritou-me:

— Olha ó vice-rei... Estão ali a conspirar contra a tua pessoa... Estremeci e achei natural, tinha ainda ha pouco sido victima, o lobo perseguido torna-se feroz... Fui pé ante pé e escutei... Mas era exactamente o contrario... Vi tres mancebos de bella apparencia, fardados, dois officiaes e um cadete... Um d'elles affirmava:

— «A companhia de Jesus anda audaciosa... Calcula tu D. Pe-

dro que outro dia no Neutral prenderam o illustre vice-rei do Algarve!

— Ah! sempre o prenderam? interrogou um outro com certo pasmo.

Realmente comprehende-se o pasmo do joven!

Mas continuou:

Elle então como a recordar se d'alguma cousa bradou:

— Ah! Agora me recordo, isso foi á uma hora da noute no dia da romaria...

— Sim foi... replicou o outro.

— E era verdade, meus senhores, fôra n'esse dia... exclamou o vice-rei. Appliquei melhor o ouvido e então um dos mancebos como se tivesse recordado a subitas alguma cousa ouvida outr'ora, disse:

— Ah! Mas então explico desde já a prisão d'esse bom vice-rei!

— O que sabes? interrogaram os outros dois com grande pressa.

Eu estava cada vez mais ancioso, o coração batia-me apressado no peito, até que ouvi o seguinte:

— Sabeis que de quando em quando visito certa dama bella e complacente, são palavras d'elle, senhor arcebispo, e que móra junto á quinta de baixo em Belem...

— Que sabiam!... Citaram nomes... Começaram a rir... E eu cada vez mais impaciente! Por fim continuava:

— Estava aguardando no Galvão que elle abrisse a gelosia, senão quando ouço um debil ruido de vozes e tres vultos negros mettidos no portão da quinta... Era ainda cedo e acerquei-me sem que me vissem e ouvi a sua conversação:

— Dizia um d'elles: A Companhia lança mão do vice-rei, mette-o a tratos, faz-lhe crêr que tudo partiu do inquisidor que é nosso inimigo e mostra-se-lhe que o intendente não é extranho á aventura... Chama-se ao nosso gremio e possuir a sua confiança consiste em ter nas mãos os triumphos! Influirá seu pae a estar do nosso lado, clamará contra o arcebispo e contra o intendente e então...

— Salvé a Companhia de Jesus! accrescentou um dos mancebos com se repetisse as palavras do esbirro.

— Comprehendo... atalhou o arcebispo rapidamente piscando o olho ao intendente.

— Vossa excellencia entra no Neutral e elles servem-se da ordem de prisão contra o corregedor aqui presente para o deterem... Que miseraveis!...

— Exactamente... E tanto que eu mesmo disfarçado não sou facil confundir com o corregedor! exclamou elle cheio de vaidade.

Lopes Cardoso, com o mais servil dos seus sorrisos, accrescentou logo:

— Mas certamente... Certamente, senhor...

— D'ahi o meu erro de que venho penitenciar-me, sollicitando o perdão de vossa grandeza para o senhor corregedor, tanto mais que segundo me consta já foram descobertos os sacrilegos das Salesias... concluiu elle.

E o arcebispo com um gesto brando volveu:

— De bom grado o concedo pelo meu lado, senhor vice rei!

— Estive então conversando com os mancebos porque um d'elles exclamava n'um arrebatamento juvenil, bem proprio da sua alma nova:

— Oh! Mas juro-vos que porei a minha espada ao serviço do vice-rei contra a Companhia!...

E outro, accrescentou logo:

— Para mim esse grande fidalgo representa a primeira viticma dos miseraveis que vão de novo tomando posse do paiz...

Ainda o terceiro affirmou:

— Foi a unica boa obra do Sebastião José, a expulsão dos jesuitas! Notem que eu detestei sempre esse energumeno...

— Energumeno?!... Oh! Achei graça ao dito e já não chamo outra cousa ao negregado atheu! continuava o vice-rei. Foi então que lhes appareci e conversei com elles sob um vulgar pretexto nunca lhes dizendo que os ouvira...

— Maravilhoso!... Oh! Vossa excellencia tem um grande poder de insinuação!... accrescentou a intendente a lisonjeal-o.

N'este momento, o leigo entrava e annunciava o reverendo padre José Maria de Mello.

Entrou em grave compostura, cumprimentou com uncção os presentes e para o arcebispo com a mais respeitosa das venias, exclamou:

— Grandeza... Venho da parte de meu parente o senhor cardeal da Cunha...

— Bem vindo sejaes... resmungou por entre dentes o prelado.

— Sua eminencia está ligado á sua poltrona por um ataque de gotta e recebeu os santos sacramentos...

Os olhos do arcebispo fusilaram n'um clarão odiento e não lhe respondeu.

No emtanto o outro continuava sempre:

— Porém antes que a morte o empolgue, Deus quiz dar-lhe a ventura de saber o nome do raptor de sua sobrinha, e enviou a solicitar de vossa grandeza uma ordem de prisão.

— Ah! Mas tendes bem a certeza? interrogou o prelado.

— Completa... Os famulos da Inquisição descobriram-n'o...

— Como? interrogou o intendente da policia emquanto o corregedor se occultava prudentemente por detraz da sua cadeira.

— Da mais simples maneira que vou narrar a vossa grandeza.

— Falae¡

— Os famulos perseguiam no café *Neutral* alguem muito culpado.

— No *Neutral?* murmurou entre dentes, o vice-rei voltando as costas ao oratoriano no qual começava a vêr um jesuita.

— Foi n'essa noute que se deu um lamentavel engano...

— Que hão-de pagar bem caro... murmurou de novo o vice-rei ao qual fr. José Maria de Mello apoiou:

— E' o dever de vossa excellencia vingar-se nos culpados!

— Ah! Taes palavras na bocca d'um sacerdote... reprehendeu o arcebispo.

— Que é fidalgo e deve zelar os pergaminhos... volveu logo o oratoriano, ao passo que o vice-rei, muito enredado em tudo aquillo, tornava:

— Como elle urde a intriga.

— N'esse café, logar d'impios e d'atheus...

O intendente de policia, que n'essa epocha ainda via apenas nos jesuitas os inimigos do throno, não fez o menor caso da denuncia implicita nas palavras do reverendo e ficou-se a ouvil-o.

O padre, continuava:

— Ahi foi visto um servo que em altos brados se gabava de ter protegido um atheu cujo nome dizia e que seu amo recolhera. Indagado o nome do amo, puzeram-se em campo os famulos para

colherem ás mãos o miseravel... Porém qual não foi o espanto de mestre Jacintho Peres...

— Ah! Ah! Esse está sob a minha protecção, murmurou o vice-rei.

— Ao reconhecer n'uma dama que assomou á janella do palacio a sobrinha, de sua eminencia!

— Ah! E' singular... Sem duvida prenderam immediatamente o atheu e restituiram a sobrinha aos braços do cardeal.

— Não, grandeza.

— Um dos atheus é bom fidalgo!

— Ah! Ha mais do que um?

— Tres...

— Heim? Tres?... interrogou o vice-rei, lançando ao padre um olhar desconfiado.

— Sim... Um que desde longa data fez profissão d'atheismo a ponto de trocar as vestes sacerdotaes pelo uniforme, outro que cedeu o seu palacio para recolher a monga furagida e o terceiro o ignobil raptor...

O corregedor olhava fixamente o intendente e trocavam ambos um olhar d'intelligencia onde ia envolto o vice rei.

— Ah! E vindes pela ordem de prisão? Mas porque não lhe lançaes mão?

— São fidalgos e...

— E?...

— Podia succeder um *equivoco* egual ao meu!... exclamou com sorriso o vice-rei, olhando o oratoriano, que se conservou impassivel

— E os seus nomes? interrogaram curiosamente o intendente e o arcebispo.

Mas agora a porta abria-se e o leigo, chegando-se ao meio da sala, exclamou:

— Grandeza... Tres militares pedem para falar a vossa grandeza...

— Quem são? interrogou com pressa o intendente como se advinhasse alguma grande surpreza.

— Dizem que se chamam: O conde de Assumar, Gomes Freire de Andrade e Vasco de Miranda!

— Elles! gritou admirado o jesuita.

— Gomes Freire!... exclamou o corregedor fixando o outro com desconfiança.

— Os meus homens! bradou o vice-rei com surpreza enorme ouvindo ainda José Maria de Mello, dizer com um ar triumphante:

— Oh! Os sacrilegos!... São elles, grandeza, os sacrilegos das Salesias!

O arcebispo, esboçou um sorriso extranho, fez um gesto para que entrasse e na sua voz molle, murmurou em latim:

— *Andace fortuna juvat!*

XXIV

O fio da meada

Elles entraram de cabeça erguida, as mãos nos punhos das espadas que lhes levantava as abas das fardas bordadas a prata. O cadete no meio dos dois officiaes olhando serenamente o arcebispo que admirado de tanta audacia fixava o intendente o qual mordia os labios para não rir ao vêr a cara do oratoriano que os encarava espantado do arrojo. O corregedor admirava-os tambem e o vice rei dava alguns passos e ia collocar-se junto do confessor da rainha, que, como se não soubesse ainda do delicto dos jovens, interrogava:

— Que desejaes de mim, senhores?

— Justiça, grandeza, justiça! exclamou Vasco de Miranda cahindo de joelhos aos pés do arcebispo e beijando-lhe a mão que elle lhe estendeu de bom grado ao reconhecer o ex-noviço.

— E contra quem, senhor cadete?

— Contra a Companhia de Jesus! gritaram todos a um tempo emquanto José Maria de Mello se fazia livido e o arcebispo com bem fingido espanto, volvia:

— Como? Pois se a Companhia não existe...

— Mas existem alguns dos seus membros que exercem perseguições e violencias...

— Assim é, grandeza! bradou o vice-rei, fixando o oratoriano.

— Aqui estou eu por exemplo que como vos disse fui victima d'elles!

Os mancebos trocaram um olhar de admiração, fingido com arte, e Assumar avançando para o vice rei, bradou:

— Excellencia... Já vos sabia victima e tenho a honra de offerecer-vos a minha espada!

— Como eu, excellencia, ponho a minha á vossa disposição, exclamou Gomes Freire.

— Egual offerecimento vos faço! assegurou tambem o cadete.

Então o vice-rei do Algarve, com o melhor dos seus sorrisos, um ar cortez de bom senhor, volveu:

— Não esquecerei o vosso leal offerecimento... E no dia em que d'elle carecer terei muita honra em acceitar!

O corregedor sorriu ainda mais uma vez para o intendente ante a comedia habilmente representada e murmurou como o arcebispo:

— Oh! A audacia é a fortuna dos jovens.

José Maria de Mello, confundido e rancoroso, aguardava o momento de fallar, porém estremecia ao ouvir o confessor da rainha que dizia:

— Mas como entendeis as perseguições de que sois victimas?

— O meu palacio foi assaltado por alguns famulos do Santo Officio e d'ahi arrebataram uma senhora que era a noiva do alferes Gomes Freire!

— Gomes Freire?... interrogou o arcebispo, como a invocar. Sois acaso parente do general d'esse nome que com Francisco Xavier de Mendonça combateu a companhia no Maranhão?

O oratoriano, ante semelhante pergunta, como se quizesse certificar-se bem d'essa verdade, avançou uns passos e esboçou um sorriso vingativo ao ouvir o mancebo replicar:

— Sou seu neto... Meu pae Ambrosio Freire foi ministro plenipontenciario na Austria e era filho do general...

— Sois então sobrinho de Bernardino Freire?...

— Sim, grandeza!

— Oh! A vossa familia tem sempre combatido a Companhia...

— D'ahi talvez o odio que ella me vota...

— Vossa grandeza quer perguntar ao senhor alferes, o nome d'essa dama cujo desapparecimento attribue aos famulos dos jesuitas, a esses que já não existem? disse José Maria de Mello, esperando confundir o inimigo.

— Sim... Dizei-nos o nome d'essa dama?

— D. Elvira de Mello, sobrinha do senhor cardeal da Cunha! replicou imperturbavelmente o alferes.

De todos os labios saía o mesmo grito de espanto ante tal confissão e emquanto nos labios do oratoriano apparecia um sorriso satisfeito, as faces gordas do arcebispo empallediciam.

— A sobrinha do cardeal? Oh! Sois então vós...

— O sacrilego das Salesias, como me chama a côrte! tornou elle com a mesma serenidade, emquanto o vice-rei recuava assombrado, dizendo:

— Oh! Oh! E eu que acceitava a sua espada!... Perdão, Virgem Maria.

— E sabeis em que importa o vosso crime?

— Os homens da minha familia nunca se preoccupam com os castigos...

— Nem mesmo com os de Deus? interrogou o vice-rei cada vez mais pasmado.

— Esses são apenas dados aos maus e nós jamais descemos a esse estado!

— Mas o vosso sacrilegio...

— Outros ha que ficam impunes.

— Assim é... murmurou o arcebispo.

O mancebo, com extranho ardor continuava:

— Eu amava e amo essa joven. Seu tio queria tornal-a esposa n'outro; então o nosso amor não podia soffrer tão rude golpe e deliberei raptal-a atravez de tudo... D. Elvira não era monja professa... Não poude resistir a essa vontade de a tornar minha esposa, e uma noute...

— Auxiliado por mim que guiava a sege disfarçado em bolieiro, raptamos do convento a sobrinha do senhor cardeal! bradou o conde de Assumar.

— Vós? interrogou assombrado, o vice-rei.

— Sim, excellencia, eu, D. Pedro de Portugal, filho do marquez d'Alorna.

— Oh! Desgraçado mancebo! E vosso pae... Mas ao menos não entrastes no convento...

— Não foi preciso...

— Não feristes D. Ramiro de Noronha?

— Cabe essa gloria a Gomes Freire. .

— Oh! E confessais semelhante delicto!...

— Sim, senhor vice-rei, confesso!

— Como eu me confesso cumplice d'ambos! bradou o cadete.

— Vós... Mas julguei que estaveis com a vossa namorada no Galvão.

— Conheceis essa dama? perguntou o cadete com um bello sorriso.

— Sim... Tenho ideia... titubeou o vice-rei ao vêr se compromettido.

— Pois sempre vos direi que a essa dama devo eu a descoberta de grandes tramas a vosso respeito...

O vice-rei poz um dedo nos labios e sorriu-lhe com agrado.

Foi então que se ouviu a voz do arcebispo exclamar:

Mas como sois cumplice de semelhante delicto se no dia seguinte ainda ereis frade e vinheis aqui...

— Sim, grandeza, vinha sollicitar de vossa grandeza, um logar de soldado que me destes!

— Perdão, que Sua Magestade vos concedeu...

— A instancias de vossa grandeza.

— Não... Ao fazer-lhe o meu pedido disse que já servira outra pessoa que se me antecipara...

— Será possivel?... Mas quem?

— D. João de Falperra... volveu o arcebispo com serenidade.

— O bobo?! bradaram todos com grande admiração, olhando o mancebo como se elle fosse sagrado pela protecção do truão a quem a rainha estimava.

O proprio arcebispo, desejoso de o salvar, ao vêr a estupefacção estampada na sua physionomia, bradou:

— Vós não sois cumplice de tal acto...

— Tornei-me solidario com elles desde que soube o seu delicto e não o denunciei... Salvaram-me das ondas e por acaso ouvi o seu segredo...

— Das ondas?

— Sim, grandeza, para onde me arremeçara um famulo da Inquisição, muito traiçoeiramente, e tudo porque eu ouvira no vosso gabinete a ordem de prisão contra o senhor corregedor.

— Contra mim?... Ah! Agora vejo claro...

— Contra o corregedor; n'esse caso sou realmente victima da Companhia, murmurou o vice-rei.

Fr. José Maria de Mello ao vêr o caso complicar-se interpoz-se entre os mancebos e o arcebispo e exclamou:

— Grandeza... Tenho que estar dentro em alguns minutos com Sua Alteza, o serenissimo principe D. João. . Vim sollicitar-vos justiça... Tendes na vossa presença os criminosos e espero que justiça será feita...

— Assim vol-o prometto, fr. José Maria de Mello.

— Oh! Que não transponham livres aquella porta! tornou ainda o oratoriano com raiva, curvando-se hypocritamente ante o arcebispo e dizendo:

— Vou participal-o a Sua Magestade...

— Sim, frei, ide... Juro-vos que os vossos desejos serão satisfeitos.

O outro sorriu e sahiu lentamente com alguns olhares rancorosos e algumas venias ao arcebispo.

Os militares tinham ficado preplexos ante a audacia e mais ainda perante a resposta do arcebispo Agora viam que a comedia habilmente urdida e representada com o vice-rei não surtia effeito, sentiam-se já presos do Santo Officio e estremeciam de raiva por não poderem encontrar Elvira.

O intendente da policia, analysava-os atravez a sua luneta de cabo e por fim, com uma pausa na voz, interrogava Vasco de Miranda:

— Dizei-me, mancebo... Vós ereis frade...

— Noviço cartuxo, excellencia...

— Habitaveis o palacio do conde d'Assumar?

— Depois do banho a que me forçou o esbirro jesuita.

— N'esse caso, grandeza, é este o mancebo de que fr. José Maria de Mello falou...

— E que era esse objecto de conversação d'um creado no *Neutral*, que dizia tel-o salvo e entregue a seu amo...

— Eu!... Um creado!

— Sim... O creado era Joannico.! explicou Assumar.

— Por elle, e desejosos de haverem de novo ás mãos, o homem que ouvira a noticia da minha prisão descobrira n'esse caso a joven senhora... gritou o corregedor!

— E roubaram-m'a, denunciando-me depois! coadjuvou Gomes Freire.

— Ah! mas n'esse caso, a sobrinha do cardeal... balbuciou o arcebispo.

— Está em poder dos jesuitas... concluio o intendente.

— Se não foi entregue ao cardeal!

— Não... Porque ainda hoje elle escreveu a pedir que perguntasse aos raptores onde ella se encontrava.

— E fr. José Maria de Mello...

— Veiu a disfarçar o seu rapto! clamou o corregedor com finura.

— Tem razão!... gritaram todos.

— O cardeal está muito doente. Nutre um desejo enorme de encontrar essa creança... Vós não a tendes já em vosso poder? interrogou ainda desconfiado sua grandeza.

— Juramol-o! exclamaram os mancebos.

— N'esse caso que pergunte por ella a fr. José Maria de Mello.

— José Maria de Mello! Oh! Vae entregar-m'a!... bradou Gomes Freire com rancor.

— Não... Porque elle teve o cuidado de sollicitar para vós um carcere da Inquisição! replicou o intendente.

O mancebo fez-se pallido, curvou a cabeça, ao mesmo tempo que o intendente de policia, dizia:

— Mas essa joven em poder do frade representa mais uma vingança a exercer sobre estes mancebos que além de responderem pelo sacrilegio serão culpados do seu desapparecimento...

— Assim é! assentiu o arcebispo.

— Oh! Grandeza... Juro-vos que me entregarei á prisão, que me deixarei queimar, mas deixae-me um mez de liberdade e findo elle prometto não só encontrar Elvira, mas ainda restituil-a ao cardeal... Vejo bem que ella corre um grande perigo em poder d'esse ambicioso fr. José Maria de Mello! supplicou o alferes deitando-se aos pés do arcebispo, que muito disposto á clemencia, recordando-se da sua promessa d'outr'ora quando jurara proteger o homem que fizera o corregedor descobrir a conspiração contra a rainha, lhe dizia:

— Entregal-a-heis ao cardeal que a tornará esposa d'outro, não é assim?

— Oh! grandeza... N'esse caso elle terá piedade, quando lhe mostrar a alma do parente, quando lhe mostrar a sua perfidia!

— Mancebo, sois louco... O cardeal nunca perdôa...

— Conduzi essa joven aos pés de sua magestade, a confessar o seu delicto e sollicitae-lhe um convento onde professe! replicou o intendente, continuando:

— Assim, a rainha terá piedade, verá ahi a grande fé de D. Elvira, perdoar-lhe-ha o seu delicto, como o senhor arcebispo nos vae conceder o mez que lhe pedis...

— Oh! Será possivel, grandeza? interrogou Gomes Freire com uma especie de alegria mal contida.

O arcebispo baixou a cabeça por momentos e por fim volveu:

— Gomes Freire: eu fui amigo de vosso avô... Era soldado no regimento de Chaves quando elle era cadete... Depois servimos juntos Pombal e tenho em grande apreço as qualidades do irmão d'esse heroico general que vi muito creança... Além d isso, mais de uma vez promettera que o individuo que raptara essa menina mereceria a minha protecção condicional, dentro dos limites do possivel, porque apesar do que dizem eu não sou Omnipotente...

— Oh! Grandeza, como vos agradeço! exclamou o joven.

— Ouvi: Na noute em que raptastes do convento a sobrinha do cardeal, terias caído nas mãos do senhor corregedor se um acaso não lhe desviasse as attenções!

— Assim é, meu amigo! .. disse o corregedor com grande gaudio para o alferes.

— Porém vós sem o saber concorrestes para a salvação da preciosa vida de sua magestade...

— Eu? gritou Gomes Freire assombrado.

— Sim, mancebo.

— Porém, como, grandeza?

— Fazendo com que o corregedor descobrisse uma conspiração contra a vida da soberana.

— D'ahi a protecção que o senhor arcebispo prometteu por ter em grande conta a vida de D. Maria I... disse o intendente.

Protecção ao corregedor e que vos estendo!... volveu elle!

— Oh! Obrigado, grandeza! volveram os indigitados inclinando-se.

— Por isso ide conquistar a vossa noiva, arrancae-a do poder

dos jesuitas, procedei como um digno Freire de Andrade e durante tres mezes ninguem vos tocará... Findos elles pagareis o vosso delicto se não preferis que Elvira seja vossa contra a vontade de sua eminencia!

— Oh! Grandeza... Juro-vos que depois de salvar essa mulher que amo de bom grado me entregarei á justiça de sua magestade a rainha...

— Entregando D. Elvira á religião! volveu o vice-rei. N'esse caso respondo por vós e ajudar-vos-hei para pagar tambem ao senhor Vasco de Miranda a sua descoberta a meu respeito... Os perseguidos devem unir-se...

— E' para nós muita honra! redarguiram os habeis mancebos sorrindo.

O arcebispo continuava, dirigindo-se agora a Assúmar:

— E vós, conde, tomae um creado menos falador... Emquanto a vós, Vasco de Miranda, aconselho-vos menos aventuras e mais proezas guerreiras... Interesso-me por vós... Até d'aqui a tres mezes, a esta hora e sem falta meus senhores...

Inclinaram-se e o intendente assignando um papel estendeu-o a Gomes Freire, dizendo:

— Para vos salvardes da policia...

— Lastimo não vos poder salvar tambem dos esbirros da Inquisição, porém seria levar muito longe o escandalo... Adeus! disse o arcebispo estendendo-lhe a mão que beijavam com respeito

Depois ergueu o volumoso corpo e bradou ao vêl-os dirigirem-se para a porta:

— Eh! senhores por ahi não... Cumpro sempre as minhas promessas e disse a fr. José Maria de Mello que não sahireis livres por essa porta... Ide por aquella!

Apontava-lhe uma sahida encoberta na alcatifa e aos vêl-os desapparecer, volveu:

— São bem sympathicos estes rapazes... Oh! Mas como desculpar-me com a rainha?...

— Ora, dir-lhe-heis, grandeza que o serviço do estado exige semelhante condescendencia...

— E os ministros?...

— Deixae-os commigo?

— E os jesuitas?

— Para esses os mancebos que acabam de sahir e o senhor chefe da minha policia!...

Apontava o antigo corregedor e dizia-lhe:

— Ponde em pratica todos os vossos ardis e entrae em lucta com a Companhia! A victoria pertencer-nos-ha!...

O novo chefe de policia curvou-se e de seguida, exclamou:

— Mas falta-me ainda o perdão de sua magestade!

— Eu me encarrego d'elle! disse o vice-rei, dirigindo-se ao lado do corregedor para a porta que se abria deixando passar um homem alto, magro, de grandes olhos negros, muito esbelto e ainda novo, vestido n'uma farda de capitão de artilheria e que avançava para o arcebispo, exclamando:

— Grandeza! Grandeza! Conto comvosco...

— Bernardim Freire! bradou assombrado o confessor da rainha.

— Sim... Eu que venho sollicitar o perdão de meu sobrinho.

— O alferes Gomes Freire, não é assim? perguntou o arcebispo com um bom sorriso.

— Sim, grandeza! Sua mãe a infeliz filha de meu irmão, contou-me lavada em lagrimas o sacrilegio que elle commetteu!

— Bernardim... Amigo... Descançae!

— Oh! Mas elle está talvez a esta hora na Inquisição!

— Não, amigo, teu sobrinho saíu d'aqui ha momentos são e salvo e prometto velar por elle...

— Tanto mais que é valoroso e esforçado...

— Demais o sei... volveu o carmelita obrigando o official a tomar logar n'uma das poltronas e apresentando-o ao intendente da policia.

— Pina Manique! exclamou o capitão com assombro. Oh! Sois tambem um dos discipulos do grande marquez de Pombal... A minha mão, senhor, acceitae a minha amisade!

O intendente estendeu a mão a Bernardim Freire e murmurou:

— Sim discipulo de Pombal! Mas elle morreu e a sua memoria é execrada... Basta que nos recordemos das suas licções mas esqueçamos o seu nome que ficará apenas para os vindouros! Na côrte esse respeito é perigoso!

Ao mesmo tempo os tres mancebos saíram do paço e no seu caminho, encontraram D. João de Falperra que ao vêl-os se escondia rapidamente.

No emtanto elles viam-no e Vasco de Miranda, exclamava:

— Enorme a alma d'aquelle truão... Devo-lhe tudo...

— E nós já lhe começamos a dever!

— O ardil em que caíu o vice-rei! exclamaram dirigindo-se para os cavallos que Joannico guardava.

O conde dirigiu-se então ao creado e disse-lhe:

— Joannico, fica sabendo que d'hoje para o futuro nos nossos negocios serás surdo, mudo e cego ..

— D'esta vez a tua falacia do Neutral deu bom resultado ao lado d'um mau, para outra vez podia dar apenas o mau! accrescentou Gomes Freire.

O rapaz muito admirado ia responder d'um modo humilde mas Vasco de Miranda tocando-lhe no hombro, bradou:

— Vamos! A cavallo e coração á larga, meu valente!

— A' larga!... Ah! E a Chiquita! A minha Chiquita! murmurou elle com lagrimas nos olhos e seguindo os amos.

N'aquelle momento o arcebispo dizia para Bernardim Freire:

— Ficarás na côrte... Vigiarás teu sobrinho!

Os outros iam já de tropel e o Joannico, dizia ainda saudoso:

— Chiquita! A minha Chiquita!

XXV

A proposta ao cardeal

Ali recostado na poltrona, o semblante triste, o olhar vago a perder-se nos telhados que se erguiam tocados aos derradeiros raios do sol, João Cosme, o cardeal da Cunha, com as mãos caídas envoltas nas vestes prelaticias, as pernas embrulhadas em flanellas, ligado á cadeira no auge da doença, parecia presa de singular meditação.

A seu lado, um creado velho, em cujos olhos havia lagrimas, contemplava-o com tristeza e ouvia-o dizer:

— Paulo, meu velho, isto está por pouco... E apesar de tudo tenho um desgosto profundo... Na minha edade a morte é até uma libertação, principalmente quando cousa alguma se deixou de se gosar na mocidade... As honras, o dinheiro, tudo... Oh! tudo... Mais feliz que os meus parentes, os pobres Tavoras...

— Ah! Senhor cardeal, mas ainda ahi fica depois de vossa eminencia, que se Deus fôr servido, ha-de viver muitos annos, o santo fr. José Maria de Mello que os vingará!... Ah! que ferro eu tenho de já não ser novo...

— E para que, meu bom Paulo! interrogou o cardeal.

— Para vingar tambem a morte de meus filhos...

— Oh! Manuel Alvares e Antonio Alvares, os creados do duque d'Aveiro que foram suppliciados... Mas, Paulo, quando os grandes, os poderosos, nada conseguiram, que fará aquelles que nada possuem?

— Eminencia... Eu tenho esperança em fr. José Maria de Mello e depois tenho um neto, o filho de Manuel Alvares... E Joannico ha-de saber como morreu seu pae, auxiliará então na vingança o frei...

O cardeal, durante todo o tempo que o servo falava no oratoriano, enrugava as sobrancelhas e por fim, quasi colerico, exclamou:

— Ouve bem, Paulo, ouve!

— Eminencia!

— Nunca mais falarás de esse homem na minha presença...

— O que? de fr. José Maria? Mas que vos fez elle, eminentissimo senhor...

— Trahiu a minha confiança...

— Como o sabeis?... Oh! Não creio... O reverendo... Meu Deus!

— Viste aquelle fidalgo que sahiu d'aqui ha instantes?

— Sim, eminencia...

— E' o conde de Assumar!

— Filho do senhor marquez de Alorna, d'esse que vosso irmão tanto odeia?... interrogou o creado cheio de espanto.

— Sim, e não te admires de eu receber em minha casa o filho d'um inimigo de meu irmão, o conde de S. Vicente! Esse mancebo vinha fallar-me de minha filha...

— Por Deus!... Da senhora D. Elvira?

— Elvira... Elvira... murmurou o cardeal com uma especie de saudade. D'ella sim, bom Paulo, d'ella... De minha filha! Lembras te d'esse homem de ha vinte annos?

— Se me recordo, meu senhor? Vossa eminencia era então um dos mais bellos homens da côrte...

— Amei e amei muito, essa desgraçada que talvez ainda viva...

— A monja do Lorvão...

— D. Mecia de Bocarro...

— E vossa filha, a pequenina, como eu a tive nos braços na quinta do senhor conde de S. Vicente...

— Conhecel-a bem... Sabes como desejo a sua felicidade... Pois bem... Foi-me roubada, como sabes tambem, arrancaram-me com ella a alma e eu jurara uma vingança enorme... No emtanto perdoaria hoje, áquelles que o fizeram se m'a restituissem...

— E conheceis os seus raptores?

— Comprei os seus nomes como José Maria de Mello os comprou!

— Ah! O vosso parente... Vêde, meu senhor, como elle vos estima...

— Escuta, Paulo, e não chames amisade á ganancia. Ha tempo um servil famulo da Inquisição, um dos que serviu Pombal e que me serviu tambem antes dos decretos que me tornaram ministro *in partibus,* veiu vender-me o segredo... Veiu pedir-me alguns mil cruzados por um nome...

— O do raptor de D. Elvira?

— Sim... Acceitei e esse nome foi-me dito com outros dois!

— De cumplices!

— Sim, de cumplices... O miseravel contava com a minha colera e rejubilou ao ouvir-me fallar de vingança. Mas já vendeu o seu segredo uma vez e a um ambicioso... A José Maria de Mello... Mais ainda, ajudara a raptar de novo minha filha e entregal-a ao frade...

— Que vae restituil-a a vossa eminencia...

— Que busca impôr-me condições... Quer o meu ouro, o miseravel, em troca de minha filha!

— Oh! Senhor... Pedi o auxilio de D. Ramiro de Noronha.

— O noivo?... Oh! E' um fidalgo como todos os de agora... Sem alma, sem força, sem ousadia, incapaz de luctar com o meu parente... Porém, o conde de Assumar jurou restituir-m'a!

— Elle?

— Sim... São os inimigos que veem em meu auxilio... O mancebo confessou o seu delicto e o do seu amigo Gomes Freire. Foram elles os raptores de minha filha!

— Elles?... Oh! E vossa eminencia transige?

— Antes isso que ceder ás imposições d um miseravel que busca despojar minha filha de sua fortuna!

— Meu Deus! Como as cousas são...

— Vê tu, se esse José Maria de Mello, durante o tempo que me tem visitado já me fallou d'Elvira?

— Eminencia... E quem vos diz que os outros não mentem?

— Quem?...

O cardeal ficava embaraçado com a pergunta, porém n'este momento a porta abria-se e um outro servo annunciava:

...acercava-se do enfermo...

— Fr. José Maria de Mello!

O cardeal estremeceu, fez um gesto a Paulo para que sahisse, e fixou as pupillas vagas no frade que se approximava e dizia:

— Eminencia... Um grave negocio me traz hoje á vossa presença...

— E que negocio? interrogou o velho em voz tremula.

— Vossa filha!

— Ah! esperava-o, senhor... exclamou o cardeal.

O outro, porém, sem fazer caso d'aquella resposta, continuava sempre:

— Os raptores de D. Elvira dispõem hoje de protecção na côrte...

— O que?... E' possivel?...

— Sim... Sahiram soltos do palacio, depois de eu ter pedido a sua captura ao arcebispo...

— Oh! Esse homem é meu inimigo, nunca me perdoou as minhas palavras contra o marquez de Pombal!

— Sim é vosso inimigo... Porém, se os sacrilegos não têem uma punição legal, se a rainha não ceder aos rogos de seu marido e de seu filho, tel-a-hão e bem terrivel! Um pertence aos Alorna que odeio, o outro é descendente de Gomes Freire que combateu a Companhia no Brazil, o outro é o frade tornado cadete e que tem comnosco uma conta em aberto...

— No entretanto, minha filha!

— Ser-vos-ha restituida! bradou com compaixão, o oratoriano.

E o cardeal, como transfigurado, começando a vêr no presente um homem de bem, na sua volubilidade servil, exclamou:

— Oh! E' a vida... é a vida que me trazeis... E onde está ella?

— Em logar seguro... Em meu poder!

— Oh! Conduzi-me lá... conduzi-me á sua presença!

— Alto, cardeal... Isso depende de certas condições!

— E que condições, interrogou elle, fazendo-se pallido e começando de novo a descrer do Tavora.

— Eil-as, volveu elle indo muito direito ao fim.

— Vossa filha entrará n'um convento...

— Ah! E D. Ramiro?

— Tornar-se-ha seu esposo dentro em tres annos...

— Não... Exijo que seja já... Quero assistir a esse consorcio ..

— Acceito... Porém...

— O que?

— Legareis a vossa fortuna a...

— A' Companhia de Jesus, não é assim? bradou o cardeal cheio de colera.

— Apenas metade e a outra metade a este vosso servo! disse com cynismo o oratoriano.

João Cosme, fez-se livido ante semelhante audacia, buscou erguer-se na cadeira e exclamou em voz entrecortada:

— Nunca! Seria condemnar minha filha á miseria! Ramiro de Noronha é bem fidalgo mas é pobre...

— Dar-lhe-hia uma patente!

— Quem? interrogou o cardeal assombrado.

— Eu!

— Vós?

— Sim de que vos admiraes?

— Já chega ahi o vosso poder?

— Por agora apenas tenho essa influencia... O principe D. João não me nega cousa alguma, dentro em alguns annos, será a rainha a primeira a obedecer-me! Na côrte tudo vae mudando, cardeal. O marquez d'Angeja está muito doente e interinamente o secretario d'estado é o conde de Villa Nova da Cerveira que é dos nossos! Thessalonica desapparecerá um dia... No dia do triumpho! Mas para isso, eu simples frade oratoriano, preciso ser bispo e para o ser careço de vosso dinheiro... Vamos, cardeal, é pegar ou largar... decida...

— E se eu recusar?

— N'esse caso jámais vereis vossa filha!

— E que lhe fareis? gritou o cardeal em tom raivoso, fazendo um esforço para se erguer.

— Nos carceres do Santo Officio ha muito logar para as monjas que se deixam raptar, ha cellas gradeadas para aquellas que commettem sacrilegios!

— Ah! E terieis a coragem?

— De me tornar vosso inimigo... Oh! Sim! Todos os meios são bons para conseguir os fins e vós o sabeis, como eu, tanto que

começarei a transigir com os vossos inimigos, com os raptores de vossa filha!

— Sabeis?... O que... Oh! Meu Deus!

— A Companhia, como no nosso tempo, sabe tudo... Sabe por exemplo que o marquez de Alorna aconselha o filho a casar com vossa sobrinha D. Henriqueta da Cunha e que o conde de Assumar vem aqui offerecer-vos os seus serviços n'esse intuito... Negocio por negocio antes commigo que com elle!

O cardeal estava assombrado de semelhante audacia e em voz rouca, berrava:

— Nunca... Nunca... Hei-de ter minha filha e conservarei a minha fortuna!

O frade jesuita, soltou uma gargalhada e volveu:

— E quem vos assegura isso?

— El-rei a quem irei annunciar a vossa infamia! tornou o cardeal como louco. O arcebispo diante do qual, eu o altivo, me rojarei a pedir o vosso supplicio!

— Vós?

— Sim... Eu, um velho, de que todos terão piedade quando contar as suas desventuras...

— E ao qual todos odiarão quando eu lhes contar as suas torpezas.

— Torpezas?

— Sim... Esquecei-vos que entrastes na conspiração contra a rainha?

— Por vosso conselho... Aconselharas-me a vingança... Lembrae-vos bem...

— Ide dizer isso ao principe D. João e rir-se-ha de vós, dizei-o a el-rei e elle responder-vos-ha, que quem atraiçoou o marquez de Pombal, o que renegou o nome dos Tavoras que eu uso com honra e sempre usei, não tem o direito de fazer accusações. Tomei as minhas precauções, senhor cardeal!

— Oh! Miseravel falar assim a um homem como eu... A mim que sou um superior ecclesiastico...

— Porque vos curvastes muito, não porque o merecesses! Lembrae-vos do desprezo com que Pombal vos chamava o *cão* de seu irmão Paulo de Carvalho... Lembrae-vos que na côrte todos dizem repetindo a phrase feliz d'um alumno da Academia da Mari-

nha que pelos modos vos conhece, um tal Manoel Maria... (*) E sabeis o que disse esse rapaz? Que os onze mil volumes de vossa bibliotheca são as onze mil virgens!... Porque nunca os abristes; porque não os comprehendeis...

— Oh! Insulto sobre insulto! A um velho, a um doente!... Sois o maior dos miseraveis, José Maria de Mello e eu vos amaldiçôo!...

O cardeal estava livido ante o jesuita que olhava ferozmente, gargalhando:

— Pensae bem no que vos proponho... Ou vossa filha entregue nos vossos braços ou então o carcere da Inquisição para ella .. Monja sacrilega, filha de couto damnado, sacrilega de sangue... A filha d'uma freira e d'um cardeal! Eu o direi... eu o espalharei d'um lado ao outro da cidade!

— Oh! Infame... infame! murmurava o principe da egreja ligado á sua cadeira pela gotta e lançando ao frade, olhares injectados de sangue.

Por fim veiu-lhe uma crise.

As lagrimas começaram a cahir-lhe nas faces enrugadas, o corpo tremia-lhe n'uma convulsão, todo elle se agitava e não podendo resistir áquella dôr immensa, supplicava:

— José... Oh! Tem piedade de mim!

O jesuita teve um sorriso de vingança satisfeito ao vêl-o humilhado e exclamou:

— Cardeal: Antes de ser vosso parente sou o dos Tavoras morto vilmente n'um patibulo á ordem do infame ministro que deve arder agora no inferno... Sou Tavora e sou jesuita! Não perdôo... Os descendentes de Pombal soffrerão porque a Companhia de Jesus se apossará d'elles, os Braganças, pelo menos Maria I, a filha do homem que assignou a sentença de morte dos meus parentes, pagal-o ha bem caro! Para isso careço de poder! Para o conseguir é necessario dinheiro e o meu é pouco! Careço do vosso ou d'outro! Eis o que vos digo ainda:

— Irei até ao fim por esta ideia! Acceitaes ou recusaes? Vamos cardeal... Não tenho tempo a perder...

(*) Bocage

— João!

— Acceitaes ou recusaes?

— Oh! piedade...

— Pela ultima vez que decidís? gritou elle com raiva intensa fixando o parente.

O velho calou-se; a face tingiu-se-lhe de sangue, sentiu-se quasi moribundo, almejou vêr ainda uma vez a filha e então, cobardemente, parecendo vel-a já entregue aos famulos brutaes, o cardeal, o pobre pae, exclamou:

— Acceito... acceito... Mas quero vêl-a... Casal-a-heis com D. Ramiro de Noronha? Não é assim?

— Sim... Casal-a-hei!

— Oh! Então depressa... depressa... Ide buscar minha filha!

— Redigi primeiro as vossas ultimas vontades! volveu o outro no seu tom brutal.

— O que? julgaes que vou morrer já?... perguntou o pobre velho muito agitado, temendo vêr chegar a ultima hora sem beijar aquella creança que ia desherdar.

— Tudo se espera n'este mundo; foi a resposta do jesuita, que continuou:

— Dentro em tres horas careço das vossas ordens... Irei buscar D. Elvira e deixal-a-hei ao vosso lado!

Foi para a porta com grande aprumo e voltando-se ainda uma vez, bradou:

— E não mandeis que os vossos servos me sigam! Seria tempo perdido, porque trago escolta para lhes poupar passadas!

Sahiu muito rapidamente emquanto o cardeal soltando um grito se deixava cahir desamparado na cadeira.

Tantas commoções tinham abalado o seu organismo depauperado, ficava com o rosto muito livido, a cabeça deitada para traz, como morto.

Paulo, o servo, entrou e soltou uma exclamação de dôr.

Dentro em pouco deitavamn-o no leito e a cabeceira do cardeal era rodeada pelos physicos que luctavam debalde para o salvar.

Além no interior do quarto luxuoso, o enfermo, mettido na alvura do leito, abria os olhos ao cabo d'alguns momentos depois de ter sido sangrado e murmurava:

— Minha filha... Oh! Elvira!

Cahia de novo nas almofadas e ficava no seu rouquejar oppresso, como luctando com a morte, sempre rodeado pelos medicos e pela creadagem.

Depois, ao ultimo raio do sol que lhe brincava no rosto, ergueu-se no leito e em voz fraca, supplicou:

— Oh! Vão chamar meu irmão. Que venha!... Que venha!...

N'esta occasião á porta apparecia uma purpura e o patriarcha de Lisboa conduzindo os santos oleos acercava-se do enfermo, acolytado por uns brilhantes padres que resavam em tom plagente.

Sahiam todos do quarto, deixando face a face os dois principes de egreja que se encaravam tristemente.

D'ahi a algum tempo uma sege parava á porta e fr. José Maria de Mello, apeava-se dando algumas ordens ao bolieiro e a uns seis ou sete homens que appareceram de repente sahidos dos diversos portaes.

Depois avançou para a escada e viu ainda o perfil do conde de S. Vicente que se dirigia para o quarto do irmão.

O patriarcha vinha sahindo com o seu sequito e o oratoriano curvou-se muito admirado, murmurando a fazer-se pallido:

— Mas que quer isto dizer?... Que significa semelhante cousa?

E o cardeal da Cunha falava muito baixinho encostado ao irmão que o olhava admirado e estremecia ao ouvil-o dizer:

— Oh! E casa a Henriqueta com o Assumar!... Peço-te... E' o meu ultimo desejo... Vela por minha filha se a encontrares! Mas dá tambem tua filha a D. Pedro... Serão felizes... Serão felizes...

— Far-te-hei a vontade, João!... assentiu o conde.

E elle com a voz entrecortada, murmurou:

— Fui um grande criminoso! Pombal... Pombal... Perdão! Do meu leito de morte eu abençôo a tua e a minha filha!... Oh!... José Maria de Mello é o maior dos miseraveis... A rainha... a rainha... Tavora... Senhora!

O conde estremeceu mais uma vez, curvou-se a ouvir as suas ultimas palavras mas o cardeal deixava pender a cabeça e ficava mudo para sempre.

O conde de S. Vicente ficou resando á cabeceira do irmão durante uns instantes, depois levantou-se e ao chegar á porta viu José Maria de Mello como petrificado, voltou-lhe as costas com desprezo,

emquanto o oratoriano enrodilhado no habito religioso, se dirigia para a escada, murmurando cheio de rancor:

— Morto!... Morto!... Oh! Até na morte foi imbecil, o miseravel!

O cardeal foi vestido na purpura que manchava d'um colorido sangrento a colcha branca do leito, a sua cabeça de velho tinha uma nota de marfim antigo apoiada nas almofadas e nos seus labios havia um sorriso de beatitude desde que morrera certo da felicidade de sua filha.

XXVI

O poder do odio

o voltarem da egreja onde tinham deixado o corpo do cardeal, revestido das suas insignias, dormindo para sempre, via-se os rostos hypocritamente compungidos dos que o tinham acompanhado e advinhava-se o sorriso com que d'ahi a momentos assistiriam a um *outeiro*.

A côrte viera tambem fingindo esquecer as desavenças trajada de nojo, os peraltas promettendo corôas d'orações, os frades em longas filas tristes nos habitos, os cantores do paço bojudos e mellifluos que tinham recitado a cantata funebre, as damas e os cortezãos, todos agora desfilavam pela nave da egreja, lamentando o cardeal, falando de virtudes que elle nunca tivera.

Um homensinho magro, secco, ossudo, de pelle engelhada que se besuntava de carmim n'uma ridicula e extranha mascara, as faces pintalgadas de signaesinhos como as damas, caminhava aos saltos, sorridente e affectado, dizendo em voz aflautada em francez para José Maria de Mello, que caminhava a seu lado:

— Oh! Tenho-os visto morrer todos! Os do meu tempo... Por Deus! Os que vieram depois... Porque eu sou velho, muito velho, carò reverendo...

— Oh! Senhor duque de Lafões, ninguem o diria... volveu com uma certa ironia, o outro.

— E no emtanto tenho corrido meio mundo... Tenho-me gasto

PRINCIPE D. JOÃO

bem por essas Europas!... Tudo vae da compleição... Sou velho mas sou forte... Olhe, repare n'estes rapazes d'hoje... Queria-os, vêr nos bandos como no tempo de D. João V... Ah! Aquelle infante D. Francisco... Vi-o uma vez derrubar com um tiro a distancia ainda assim, um marinheiro que o saudava no alto d'uma verga... Oh! No meu tempo tinha-se boa pontaria... Veja lá estes Bragança d'hoje... O D. João, um rapaz avelhentado, o D. José, esse um *magister!*... Depois é vêr os outros... Ora repare n'este que ahi vem... e apontava um rapaz muito pallido, vestido em todo o requinte da elegancia e que se dirigia para a saída.

O duque accrescentava: Se isto se parece com o conde de S. Lourenço!

— Eh! Meu velho! exclamou dirigindo-se a um homensinho muito velho mas desembaraçado que lhe passava ao lado e enfiava o seu braço no d'elle, dizendo:

— Homem... Arranjaste bem a cabeça para as bodas com a morte d'esse pobre cardeal!

Ia voltar-se para o oratoriano, porém este acercava-se do rapaz para o qual o duque lhe chamava a attenção e exclamava:

— Oh! D. Ramiro de Noronha!

— Reverendo! volveu o mancebo no seu ar tranquillo e em voz compungida. Não imaginaes como sinto a morte do vosso parente!

O oratoriano lançou-lhe um olhar investigador e tornou:

— Comprehende-se... Era uma grande alma, esse pobre cardeal!...

— A morte de sua eminencia, arrebata-me as minhas mais caras esperanças!

— Ah! E porque?

— Tenho que renunciar á mão de D. Elvira a quem amo apaixonadamente...

— E quem lh'o disse?

— Mas... Se é possivel encontral a... E com a morte do cardeal vae esquecer esse rapto...

— Por Deus! Esquecerá aos da côrte mas a nós outros, meu caro D. Ramiro, a nós outros...

— Oh! Mil annos que viva jamais a esquecerei! volveu o mancebo. Ah! Aquella noute em que esperava vêl-a atravez a gelosia,

quando ia ás Salesias levado n'um impeto porque me tinham falado d'uns amores que mantinha e nos quaes não acreditara, o coração batia-me apressadamente no peito... O que soffri!... Depois esse rapto!... E quando quiz gritar... Uma espada que se desembainhava manejada por mão possante... Ainda quiz sustentar um combate, chamar a ronda... Mas aos primeiros botes fui ferido... Esse golpe jámais o esquecerei... E se não amasse Elvira, casaria com ella do mesmo modo só para me vingar!

— Sabeis já o nome do seu adversario, sem duvida?

— Não se fala n'outra cousa na côrte... Foi esse maldito Gomes Freire...

— Auxiliado no rapto por D. Pedro de Portugal...

— Assumar que ama a outra sobrinha do cardeal...

— Ama? Quem... D. Henriqueta da Cunha? A filha do conde de S. Vicente... Oh! Eis ahi o que ignorava apesar de saber muitas cousas...

— Se quizesses auxiliar me na vingança... propoz a medo o mancebo.

— Na vingança?... Oh! Mas estou ao vosso dispôr!

— Sabeis onde elles occultam D. Elvira?

Os olhos do oratoriano fusilavam em extranhos clarões e bradava:

— Não... Ignoro...

— Sabel-o-hei eu! Se Gomes Freire tem por amigos, o conde de Assumar e Vasco de Miranda, eu tenho Jacob Mestral, Silva Menezes e Balthazar d'Athouguia!

— Sim... E' oppor a força á força e vingae-vos sobretudo em Gomes Freire... Vou dar-vos um auxiliar se o desejaes!

— Mas quem?

— Um frade.

— Um frade? e que auxilio me pode prestar?...

— O de vos aconselhar... O de vos ensinar os lados vulneraveis d'esses homens, o de combinar os planos com que os attacar!

— E como se chama esse homem?

— Fr. Fabricio...

— Oh! Não conheço...

— Conhecel-o-heis ainda esta noute!

— Onde?

— Na minha cella das Necessidades ás nove horas!...

— Lá estarei...

— E levae vossos amigos!

— Assim farei, reverendo!... volveu o mancebo affastando-se depois de ter feito respeitosa venia ao frade.

E elle ficou parado uns instantes ao vêl-o affastar-se, os labios tremeram-lhe n'um sorriso d'odio e murmurou:

— Ah! E queixa-se o duque que já não ha bandos! Renascem agora! Mas estes ao menos não se acutillarão por desfastio mas sim porque um forte braço os move... Agora estes! Depois Thessalonica, em seguida o principe... E o poder será meu... Como vos vou impor oh! Tavoras!

D'um salto ligeiro trepou para a sua sege e ordenou ao bolieiro:

— A Palhavã!

O vehiculo começou a rodar aos boleos pelas ruas ingremes, levantando nuvens de poeira, fazendo erguer os cães vadios que curavam ao sol as chagas, e sahiu as portas da cidade mettendo-se na amplidão dos campos, passando junto ás quintas que estacavam á beira dos caminhos, sempre na mesma velocidade, emquanto o reverendo pensava novas torpezas.

Ao longe destacavam-se monticulos, depois ferteis campos, tudo a desenrolar-se á vista do frade que com um sorriso extranho combinava o seu plano.

Entraram a galope em Palhavã, e elle ao sentir a sege parar rapidamente, exclamou:

— Pára.

Metteu-se por uma congosta que foi subindo; a alguma distancia viu uns vultos que se moviam e deparou com uma tribu cigana que acampava mulheres de rostos tostados vestidas garridamente, deixavam creancitas enfezadas chuparem-lhes os seios negros, os homens bebiam em torno d'uma fogueira onde se preparava o jantar. E a alguma distancia um magro burro espojava-se entre uma legião de macacos presos a estacas e que carateavam o reverendo. Um urso, de pello cahido, velho, olhar melancholico, verdadeiro exilado de mais selvagens regiões, deixava-se como velho rei moribundo picar pelo mosquedo que o cobria.

O frade lançou um olhar de travez para os ciganos, e torneando um muro, foi bater n'uma portinha baixa de pequeno quintalejo. A

casa parecia deserta, nem o menor ruido se ouvia, tornou a bater com mais força, até que a portinha se abriu e Jacintho Peres, dobrando-se em dois, bradou:

— Ah! E' vossa reverencia?

— Sim... Onde está fr. Fabricio?

— Conversa com a menina... quero dizer com a senhora D. Elvira!

— Que venha á sala do lado do campo... E previne D. Elvira de que preciso ter com ella uns momentos de conversação...

— Sim, reverencia...

O famulo affastou-se seguido d'um olhar odiento que o frade he enviava, murmurando:

— Oh! Como as cousas estão para me vêr livre d'este basta avisar o vice-rei...

Entrou então n'uma pequenina saleta que abria para os campos silenciosos e ouviu logo um ruido de passos que se approximavam pouco a pouco, e dentro em instantes apparecia no limiar a figura esbelta de fr. Fabricio que exclamava:

— Deus seja comvosco, irmão!

— Assim seja! resmungou elle, fazendo um gesto para que tomasse logar n'uma das cadeiras.

O jesuita obedeceu-lhe e fr. José Maria de Mello, começou:

— Fabricio, ou antes Luiz de Berredo, lembraes-vos ainda das palavras do nosso geral?

— Sim, irmão!

— Pois chegou o momento de começar!

— Oh! Ha muito que o esperava!

— Esta noute tereis á vossa disposição quatro homens aos quaes com um pouco de habilidade, apenas tereis que ordenar para serdes obedecido...

— Famulos do Santo Officio?

— Não... Fidalgos!

— Como? Fidalgos!

— Sim... Chamam-se D. Ramiro de Noronha, Silva Menezes, Jacob Mestral e D. Balthazar d'Athouguia! Constituem um grupo que odeia o do vosso irmão!

— Bem, reverendo... Com estes elementos começae...

— Oh! Tirarei uma tremenda vingança... A Companhia de

Jesus ficará satisfeita... Se precisardes d'outro auxilio introduzi-vos em casa de Pombal!

— Dos filhos do marquez?

— Sim... E começae a obra por elles...

— Irei até ao fim...

— Agora é necessario attrahir Gomes Freire a certo logar...

— Onde?

— Aqui... respondeu elle serenamente.

— Mas como?

— Fallando lhe de D. Elvira... Virá apenas Gomes Freire e esse será a primeira victima...

— Mas como obrigal-o?

— Deixae que me responsabiliso por tudo!

— Uma vez aqui...

— Estamos vingados...

— Trata-se então d'attrahir tambem, Bernardim Freire!

— Perfeitamente...

— Mas e se por um acaso elle encontra aqui D. Elvira... Se a vê... Se ella vem a saber tudo?

— Oh! Que idéas as suas, meu caro Fabricio... E julga acaso que essa mulher ficará n'esta casa?

— Volta então de novo para a quinta do visconde de Villa Nova de Cerveira, em Mafra?

— Não...

— Então para onde?

— Para onde se costumam conduzir as hereticas...

Apesar de todo o seu desejo de vingança, o jesuita estremeceu e balbuciou:

— Mas quer dizer...

— Para a Inquisição! D'ali ninguem a arrancará...

— Mas e se o inquisidor supremo...

— O que? Julga acaso que é D. Elvira de Mello que vae ser inscripta no livro?...

— Então...

— Um nome vulgar accusado de heresia...

— Oh! E' engenhoso, meu caro reverendo.

— Não... Apenas não olho aos meios para conseguir os fins...

— Já sabe então com quem tem de se encontrar...

— E agora... Vamos fallar a D. Elvira...

Atravessaram um pequeno corredor e entraram n'um aposento onde uma velha resava nas suas contas; ao vêr o reverendo levantou-se beijou-lhe a manga do habito e exclamou:

— Ah! Santo frei... A menina já perguntou hoje por vossa reverencia.

— Previna-a que estou aqui, Belmira!

D'ahi a momentos eram ambos introduzidos n'um quarto mobilado com certa riqueza e onde se via a joven que á chegada dos frades se ergueu, exclamando:

— Vou emfim, vêr meu tio, fr. José Maria de Mello?

D. Elvira vestida n'um roupão claro que fazia destacar a sua formosura, olhava o reverendo com grande impaciencia ao fazer-lhe aquella interrogação. Era realmente bella assim, n'aquella attitude de grande dama, um ar triste, muito esbelta, a fronte fascinadora.

Ao fazer a sua interrogação, olhava sempre na mesma insistencia o interlocutor que volvia:

— Sim, minha filha... Hoje mesmo sereis conduzida á presença do senhor cardeal...

— Porém não succederá como hontem, reverendo? Oh! Aquelles homens, o viatico, tudo me fazia advinhar alguma cousa de horrivel!...

— Sua eminencia melhorou e já hoje vos póde receber...

— Oh! Até que emfim... Lançar-me-hei a seus pés supplicando o seu perdão...

— Perdão?... Oh! Já de ha muito vol-o concedeu!

— Elle? Será possivel?

— Sim, minha filha, perdoou-vos! Apenas esteve alguns dias sem vos vêr, mudou de proposito, o bom cardeal...

— Mudou de proposito?

— Sim... D. Ramiro de Noronha supplicou-lhe de novo a vossa mão!

— Oh! Eu não quero casar com esse homem! gritou ella cheia de desespero.

— E essa é a opinião de vosso tio!

— Quer dizer?

— Que se vos conduziu aqui foi apenas para descobrir o nome do homem que amaes e entender-se directamente com elle...

— Oh! Meu Deus!

— Sim... Entender-se e conceder-lhe a vossa mão!

— Oh! Meu bom reverendo!... Não é verdade que a felicidade mata algumas vezes?

Fazia-se pallida e deixara-se cahir na poltrona, escondendo o rosto nas mãos a derramar lagrimas de alegria.

Os jesuitas trocaram um sinistro olhar e por fim José Maria de Mello, exclamou:

— Vosso tio auctorisa-vos a escrever ao vosso noivo...

— A elle! A Gomes Freire?... Oh! Obrigado, meu Deus, mil vezes obrigado! exclamou a joven tomada do mais intenso jubilo.

E correu logo para a porta, exclamando:

— Belmira... Belmira... Quero escrever!

A velha ácercou-se, interrogou o reverendo com o olhar e de seguida ante a permissão d'este voltou com os objectos pedidos, dizendo:

— Ah! Eu bem vos dizia que serieis muito feliz!

Agora, o jesuita olhava-a, via-a debruçada sobre o papel, e dizia-lhe:

— Dir-lhe-heis o logar onde se encontra... Que o cardeal consentiu no seu enlace...

— Mas e onde o poderei vêr?

— Aqui!

— Não disse que ia partir?

— Sim... Mas apenas á noute e o vosso noivo virá antes d'isso para a acompanhar a casa de seu tio!... Não lh'o digaes... O pobre mancebo morreria de felicidade!

E no seu ar mais requintadamente hypocrita, assegurava:

— Emfim! Ides ser feliz!

— Oh! Como vos agradeço, como vos agradeço!

Orvalhava de lagrimas o papel da carta que escrevia, sorria de jubilo e chorava ao mesmo tempo, o coração batia-lhe anciosamente e ao entregar a carta ao reverendo desfallecia de novo.

Elle, tomava rapidamente o papel, sahia do quarto com fr. Fabricio e exclamava:

— Aqui tem a primeira arma! Mande esta carta ás dez horas e ás onze elle estará aqui!... Parta para as Necessidades e aguarde os fidalgos! Dize-lhe segura a vingança!

As horas iam decorrendo e a noute vinha cahindo, quando elle entrou de novo no quarto da joven e exclamou:

— Partamos!

— Ah! E Gomes Freire...

— O creado não o encontrou no palacio d'Assumar... No emtanto procural-o-hemos em sua casa...

— Em sua casa?

— Sim... Iremos juntos, subirei e conduzil-o-hei ao logar onde se encontra o cardeal e onde ficareis...

Ella, teve como um estremecimento, julgou vêr luzir uma scentelha odienta nos olhos do padre e murmurou:

— Meu Deus... Protegei-me!

O frade sahiu de novo e a joven vestindo-se rapidamente cahiu de joelhos em face d'um crucifixo suspenso da parede e começou a fazer as suas preces.

Foi interrompida pela voz melliflua de fr. José Maria, que do limiar lhe dizia:

— Vinde, senhora... A cadeirinha aguarda-vos...

Levantou-se a custo, relanceou um olhar pelo quarto e atravessou as casas sempre precedida pelo jesuita.

A' porta uma cadeirinha esperava-a... A distancia estava uma sege perto da qual se occultavam alguns homens armados.

Subiu para a cadeirinha e ao cahir nas almofadas sentiu-se como entaipada ali dentro.

As portas fechavam-se, ouviu que davam volta á pequena tranqueta e depois soltando um grito viu-se arrebatada n'um balanço certeiro, emquanto na sua rectaguarda rodava a sege onde fr. José Maria de Mello se recostava ao lado de Jacintho Peres, para o qual tinha de quando em quando olhares raivosos por detraz dos seus oculos verdes.

Depois era assim como o ruido d'uma cavalgada que a escoltava e lá em cima no acampamento dos ciganos começavam a accender-se fogueiras e mulheres bojudas, tocando nos pandeiros entoavam *seguidilhas* alegres, como umas lançadas á primasia dos jesuitas.

Brilhavam estrellas aos milhares, a aragem era branda e a lua recortava-se esbranquiçada no puro do céu recamado de scintillações extranhas.

XXVII

O poder do amor

MADRUGADA. Desappareciam as ultimas estrellas e o vento punha arrepios breves á superficie das aguas. A' porta do Santo Officio dos lados do Jardim do Regedor, acabava de passar uma carroça carregada de palha. O conductor do vehiculo benzeu-se, e murmurou entre dentes um Padre Nosso. Depois bateu no portão que se abriu d'ahi a momentos n'um grande ranger de ferrolhos e um leigo appareceu, resmungando:

— Muito trabalho me dão as camas dos herejes! Ora para que se lhe mudará a palha?... Deviam dormir sempre na mesma... Com negregados não se tem attenções!

E para o carroceiro que estava descarapuçado na sua frente, bradou:

— Entre lá, irmão... Vou abrir o palheiro...

Como a carroça se movesse, á superficie da palha, appareceu uma cabeça logo encoberta ao vêr que o leigo ordenava em tom impertinente: Deite para ahi a carga!

O vehiculo recuava até á porta do palheiro entrava e ficava no escuro.

A mesma cabeça se ergueu circumvagando um olhar.

O casarão estava immerso nas trevas, a distancia viam-se ainda alguns montes de palha antiga para onde o individuo que vinha escondido na carroça dirigia o seu impaciente olhar.

Depois ouviu a voz roufenha do leigo, exclamar:

— Irmão: Esperae que vos quero aquecer... E' justo não é assim! Se o Santo officio recebe do vosso patrão o dizimo de palha, um leigo deve pagar com um dizimo de aguardente... Esperae... ou antes vinde!

Levava-o atravez o pateo até ao seu pequeno casinhoto do porteiro onde entravam ambos.

Ao vêl-os affastarem-se da carroça, um homem saltou lestamente para o chão, relanceou novo olhar pelo palheiro e tirando da algibeira uns bagos de chumbo correu a introduzil-os na fechadura do largo portão, mettendo-se depois silenciosamente na palha que já existia n'aquelle logar, murmurando:

— Se os malditos conseguem apesar de tudo fechar a porta sou um homem morto.

Os outros voltavam conversando, a carroça foi descarregada rapidamente, ouviu-se o ruido das suas rodas no pateo e d'ahi a momentos o leigo que debalde buscava fechar o portão, murmurava em voz alcoolica:

— Ora... Deixa-te estar... Não é d'ahi que os presos fogem!... Oh! Nem ha memoria de algum fugir do Santo Officio.

O homem que ficara mettido na palha, respirou n'um desabafo ao vêr o outro affastar-se e ficou ali estendido d'ouvido á escuta, occultando-se ao menor ruido. O dia avançava; de vez em quando chegavam até ali gemidos, cadeias que se arrastavam, tilintar de ferros á mistura com gritos selvagens. De seguida era um cantico monotono, logo um sino que tocava, depois ainda famulos que entravam e sahiam. A' manhã seguiu-se a tarde em que elle ouviu seges rodando na calçada e o vozear dos frades á mistura com um *De profundis* roufenho que o porteiro entoava na sua voz d'ebrio.

No tecto do palheiro havia ruidos extranhos como de grandes ratos que á approximação da noute sahiam das suas tocas.

O homem erguera-se e começava a habituar-se ás trevas, de quando em quando apertava o cabo da sua immensa navalha que trazia escondida na cinta larga e fusilava um olhar extranho para o irmão porteiro que rondava silencioso por aquelle pôr de sol.

Chegara finalmente a noute. Batiam as Ave Marias por todas as torres, os ruidos amorteciam-se pouco a pouco.

Agora era já completamente escuro; as horas decorriam e o

homem erguera se impaciente começando a caminhar d'um lado ao outro do casarão para se desentorpecer.

Depois com mil cautellas, acercou-se da porta e espreitou para fóra. Havia luz no casebre do porteiro para onde elle se dirigiu pé ante pé, com mil cautellas. Olhou para o interior da casa e viu que o leigo dormia sobre o catre; empurrou ao de leve a porta que mecheu obrigando-o a estremecer, passou-lhe um arrepio na espinha, relanceou um olhar pelo pateo deserto, fez um gesto de grande ousadia e empurrando a porta com força viu que ella se abria ao mesmo tempo que o porteiro acordava em sobresalto exclamando:

— Que é isto!... Que é! Que quer?

Sentava-se na cama espavorido, emquanto o nosso homem, abrindo rapidamente a navalha, exclamava:

— Eh! Pouco barulho se tens amor á vida!

— Mas... Que quer? Oh! que audacia!

— Admiras-te? E' que não me conheces! Vamos... Nem um grito... Levanta-te e acompanha-me...

— Mas onde?

— Obedece porteiro do inferno!

— Oh! Que sacrilegio...

— Obedeces ou não! Collocou-lhe o ferro frio da faca junto á garganta ao mesmo tempo que o pobre homem se tornava livido e em voz muito tremula, julgando ainda sonhar ao vêr a audacia d'aquelle desconhecido, dizia:

— Mas que quer de mim, fidalgo, eu sou um pobre leigo...

— Demais o sei... Levanta-te...

Elle obedeceu a custo pallido de medo, não se atrevendo a soltar um grito, olhando sempre receioso a navalha enorme que o outro empunhava:

Ia a envergar o habito porém o desconhecido tomava-lh'o e dizia:

— Veste outra cousa! Preciso do teu habito...

Elle vestia á pressa uma roupeta negra e perguntava:

— Como entrou aqui? Que vae fazer?

— O que não te importa! Responde só ao que te perguntar... Fica sabendo que conheço os habitos da casa e se mentes rasgo-te a barriga...

— Fallae, senhor... fallae... tartamudeou o infeliz leigo.

— A que horas passam as rondas?

— Meu senhor... D'este lado não ha rondas...

— Ah! E por aqui não se entra no edificio?...

— Sim... Mas nunca se utilisa a entrada...

— Muito bem... Vejo que fallas verdade...

— Agora que mais desejaes! perguntou elle um pouco mais á vontade.

— E' necessario que me ensines o logar onde se encontra uma joven...

O desconhecido vestia á pressa o habito do porteiro e tomava-lhe as chaves, emquanto o leigo, murmurava cobardemente:

— Mas que fazeis, senhor... Quereis entrar ahi...

— E porque não?

— Ah!... Mas é que é um crime!

— Crime? E o que aqui se pratica é alguma boa obra... Vamos responde... Sabes acaso da existencia n'este logar d'uma joven cigana...

— A Chiquita! exclamou o outro assombrado.

— Sim... A Chiquita... Vejo que a conheces... Onde está. . Vamos, depressa, muito depressa... exclamou o desconhecido, olhando o frade que dizia:

— Ah! Vindes do mandado do senhor vice-rei do Algarve... Ella entrou para aqui por causa d'elle...

Os olhos do rapaz brilharam, extranhamente, fez-se pallido e de seguida, murmurou:

— Bem e se assim fosse!...

— E' que o passo é arriscado mesmo para um vice-rei... A Inquisição é um logar sagrado e d'onde ninguem sahe senão pela porta principal ..

— E' o que vamos vêr!

— E' o que lhe digo... E aconselho-vos a não tentar a aventura... Agora que sei quem vos envia, peço-vos que não façaes isso... De mais elle está peor por feiticeria...

— Que tens com isso! Indica-me a sua prisão e ai de ti se mentes!

— Temia então?... Mas o que vae ser de mim? Que me succederá?... Ninguem me salvará de morrer no potro... lamuriava o leigo vertendo copiosas lagrimas.

Então o outro, exclamou:

— Vamos... Ou morres já ou não escapas ao potro porque custe o que custar arrancarei d'aqui esta mulher!

Admirado da valentia d'aquelle homem, o leigo estremeceu, olhou o seu rosto insinuante e altamente sympathico e murmurou com admiração:

— Sois um valente! Ah! Ninguem tentará semelhante aventura...

— Vá... Indica-me a prisão da cigana...

Então o leigo, começou a indicar-lhe o caminho com muitas reticencias em voz tremula, murmurando:

— Ao lado da sala das torturas, uma porta baixa pintada como as outras de preto... A quinta a partir da esquina...

— Bem... Agora acompanha-me!

Nos olhos do porteiro fazilou um clarão d'alegria ao vêr que o seu carrasco se lhe entregava. Transporia a porta, soltaria um grito e seria o bastante para que corressem em seu soccorro os vigias, e o livrassem d'aquella situação.

Mas o rapaz, vestido no habito do leigo, interrogava ainda:

— Tens aqui a chave das prisões?

— Sim... Possuo eu uma, a outra está em poder dos famulos de serviço!

— Qual é!

— Esta que abre todas as portinhas! volveu o leigo sentindo-se mais animado á medida que via o desconhecido avançar para a porta e dizer-lhe:

— Caminha na frente!

Era exactamente o que desejava, avançaria, penetraria no edificio e iria direito á pequena escada do alto da qual gritaria por soccorro.

Ouvia então a voz do desconhecido, exclamar:

— Para onde vaes?

— Mas para a sala das torturas!

— Estás louco... bradou brutalmente agarrando-o pela gola e arrastando-o para a porta da rua que abriu rapidamente, murmurando:

— Nem um grito ou tens com quem te haver!

Como se alguem já aguardasse a scena, o leigo sentiu-se em-

purrado para a rua e preso por quatro braços musculosos ao mesmo tempo que uma voz terrivel lhe dizia:

— Nem um ai, ou morres!

Viu luzir punhaes que dois homens mascarados seguravam e sentiu-se arrastado para longe ao mesmo tempo que a porta da Inquisição se fechava sobre elle.

Então o rapaz ficou só no pateo, circumvagou um olhar e com o mais decidido dos ares, avançou para a porta do edificio a qual abriu sem fazer ruido.

Clarões breves e vacillantes de lanternas espalhavam-se lá muito para baixo tirando scentelhas do aço polido dos instrumentos de tortura.

Deslisou então com infinitas precauções, arrastando-se para não fazer ruido, vendo como sombras pardas que deslisavam tambem ao clarão breve das luzes.

Além, na sala immensa tudo parecia falar de crime.

Só a vista dos enormes instrumentos mesmo em pleno dia punham calafrios á recordação do uso que d'elles se fazia. No emtanto, o desconhecido, continuava o seu caminho, cerrando os dentes e apertando a navalha prompto a lançar-se sobre o primeiro que lhe apparecesse.

Chegava em face do potro. Via-o cheio de horror n'aquella apparencia de velho monstro a ameaçal-o! Ali nem um sussurro, nem um gemido. A dôr dormia. Contou as portinhas a partir da esquina que o leigo lhe indicara; e então com um novo olhar, não podendo eximir-se a um estremecimento, viu uma sombra que avançava lentamente lá em baixo, vindo para o seu lado. Era um dos vigias sem duvida, tilintava chaves, lembrava um phantasma prepassando pelos instrumentos de torturas emquanto o outro se mettia no recanto.

A sombra passava sem o vêr, affastava-se, dava a volta e subia pela pequena escada do fundo, ao mesmo tempo que elle mettia a chave na fechadura dava-lhe volta e penetrava n'uma cella estreita onde apenas havia um monte de palha e uma bilha d'agua que poude entrever á luz de mecha que accendeu.

E sobre a palha, a mais encantadora mulher que se pode imaginar, os seios sahidos do fato rasgado, toda abandonada, dormia a somno solto, movendo-se por vezes e mechendo os labios rubros; o

desconhecido puxou para o rosto o capuz, curvou-se sobre ella e abanando-a, murmurou:

— Levanta-te...

Moveu se, soltou um pequeno grito ao abrir os olhos e exclamou, raivosa, erguendo-se d'um pulo, e avançando ameaçadora para o vulto:

— Ah! Que me querem ainda, carrascos! Mas vaes pagar pelos outros!...

Porém no momento em que se lançava impetuosamente contra o recemchegado, elle deixou cair o capuz do habito, abriu-lhe os braços em que ella se lançou louca de alegria, os olhos orvalhados de lagrimas, dizendo:

— Joannico!

— Eu, meu amor, querida Chiquita

A mecha apagava-se e elles ficavam unidos estreitamente no interior da cella do Santo Officio ella a murmurar-lhe muito baixinho:

— Oh! Como me amas... Como me amas... Meu querido... Meu adorado Joannico!

Beijava-o loucamente nos labios, estremeciam ambos fortemente e por fim a cigana, dizia:

— Mas vamos sair d'aqui não é assim? Como conseguiste isto?

— Isso são contos largos... Saiamos o mais breve possivel...

— Ah! Sim... sim... Vamos!

Iam saír sempre estreitamente enlaçados porém ouviu-se ruido de vozes, gente que chegava, que se movia, uma ordem authoritaria dada por alguem em tom soberbo:

— Abram essa cella!

Os dois amantes estremeceram violentamente, recuaram de novo e ficaram como petrificados ao ouvirem os passos dirigirem-se para aquelle lado.

Era alguma cousa de profundamente triste, quasi terem tocado a liberdade e agora caírem novamente em poder dos esbirros. E logo juntos, não podendo tentar cousa alguma para a salvação.

— Oh! Matar-nos-hemos ambos! murmurou ella como n'uma supplica.

— Sim... Depois de ter dado cabo d'alguns! affirmou resoluto o Joannico.

Sempre abraçado á amante encontrava-se á porta, emquanto os esbirros abriam a cella contigua, dizendo um d'elles:

— Fr. José Maria de Mello... Esta está desoccupada...

— Conduzi para ella a primeira que vem na cadeirinha... E' uma louca heretica que tem negocios com o demonio... Usa nomes que não lhe pertencem... Nunca mais sairá d'aqui!

— Oh! O mesmo que me diziam a mim... murmurou a meia voz a cigana.

Agora ouviam-se gritos, uma voz feminina, clamando:

— Miseraveis! Miseraveis! Frade traidor!... Oh! Quero saír d'aqui!

— Esta voz!... murmurou por seu turno Joannico cheio d'assombro. Oh! Dir-se-hia...

— Fechem a porta! ordenou o homem a quem os outros obedeciam.

Depois deram volta á chave e affastaram-se em grandes risadas, perdendo-se dentro em pouco os seus passos nas lages da sala das torturas.

Da cella visinha vinha apenas um choro continuo, soluços, gritos, imprecações.

E Joannico, murmurava:

— Oh! Não... Não pode ser... A sobrinha d'um cardeal!

— Estás louco! Quem se atreveria? redarguiu a cigana, emquanto o amante abria a porta, puchava o capuz para o rosto e dizia:

— Caminha com cautella!

Depois cerrou a porta com infinitas precauções deu a volta a chave, metteu o molho na algibeira do habito e murmurou:

— Deixal-as aqui... Podem ainda ser precisas para mais alguma vez...

Como sombras rastejaram até á porta, passando por entre os instrumentos de morte e chegaram ao pateo onde a cigana, exclamou:

— Oh! A liberdade! A liberdade!

— Pouco falta!

Abriu o portão que deitava para a rua do Regedor, fechou-o de seguida como se fosse a entrada da sua casa e chegando ao meio da viella soltou um assobio estridente.

— Ah! Joannico... Salva!... E salva por ti... Mas agora temos que fugir...

— Sim fugiremos...

— E teu amo?

— Já deixei o serviço do senhor conde ha um mez!

— E agora?

— Agora sou eu que mando!

— A's ordens, capitão! exclamaram n'este momento dois homens que tinham chegado ao ouvirem o silvo e que o contemplavam admirados ao verem-no ao lado d'uma joven.

— Capitão?... murmurou a Chiquita?

E elle, perguntou aos recemchegados caminhando para a egreja de Santo Antão.

— E o leigo?

— Guardado á vista, capitão!

— Bem, onde estão os cavallos?

— Ali na volta do Passeio Publico.

— Bem... Vamos!

— E que faremos ao fradepio...

— Que venha comnosco.

— Comnosco?

— Sim... Passará por ser o raptor da Chiquita!

— Oh! Que bella farça...

— Se a representassem ali na rua dos Condes, ninguem deixaria de rir...

— Talvez que um dia a cante ao meu Tolentino...

— Ah! O tal poeta que nos poz em verso...

— E que por signal não vos conhece! Mas vamos, rapazes, vamos...

A cigana cada vez mais admirada, olhava o amante e perguntava-lhe:

— Mas porque te chamam elles capitão?

— Ah! Porque os esbirros da Inquisição perseguindo um homem como eu, geram apenas um bandido! Sou o bandido Joanico! O teu amante! E n'um mez tão celebre que já ando em verso!...

— Ah! Joannico... Meu amor! exclamou elle lançando-se-lhe ao pescoço n'um impeto selvagem e bradando:

— Agora sim... agora é que somos bem livres!

Chegaram ao Passeio Publico e appareciam-lhes uns vinte homens a cavallo que ao vêrem o joven, bradavam:

— Isso é que se chama valentia, capitão!

— Que querem... E' o poder do amor...

— Oh! Que bello é ter assim um chefe! exclamaram elles emquanto o Joannico saltava para o cavallo e punha a joven á garupa bradando:

— E agora direitinhos a S. Sebastião!

— Falta o frade!

— Elle ahi vem...

E apontavam o leigo levado tambem á garupa d'um dos bandidos que, bradava:

— Viva seu leigo, raptor de encarceradas!

— Meu Deus! Meu Deus! murmurava o desgraçado, em quanto a cavalgada se punha em marcha estrepitosamente.

Então do circulo do Passeio saíam alguns homens armados de chuços e partazanas que rezavam em contas, dizendo:

— Era o Joannico! Era o Joannico! Eis do que escaparam as rondas das ordenanças!

E atravessando o espaço, ouviu-se no silencio da noute a voz argentina da cigana que nos braços do amante, cantava:

Ai! Ai! Já não ha quem queira
Ai! Ai! Já não ha quem queira
Ganhar um vintem
Passar a Chiquita
P'ras bandas d'além!

E os homens da ronda, murmuravam agradecendo ao Altissimo terem escapado aos bandidos:

Pater noster! Pater noster!

XXVIII

As idéas da açafata

Maria da Penha atravessava o corredor dos aposentos da rainha e dirigia-se rapidamente para a sahida do paço, transpondo o vestibulo, n'um ar açodado, destacando-se no seu vestido branco no estreito espaço mal illuminado.

Ao mesmo tempo abriu-se uma pequena portinha cerrada n'uma tapeçaria e D. Antonia de Castro, pé ante pé, tendo nos labios um sorriso mysterioso, entrou nos aposentos da princeza do Brazil.

D. Maria Benedicta estava sentada n'uma poltrona e tinha aberto sobre os joelhos um grande livro d'illuminuras que olhava com certa indifferença, estando desde ha muito a contemplar vagamente a mesma pagina.

Ao ruido que a açafata fez ao entrar, a princeza levantou a cabeça muito pallida com um tremor na voz, interrogou anciosamente:

— Então, senhora?

— Deu-se ou antes vae dar-se o que eu promettera a Vossa Alteza! volveu a açafata com segurança.

— Quereis dizer...

— Que D. Maria da Penha vae conceder uma entrevista a Sua Alteza, o vosso esposo!

A princeza quasi desfalleceu. E de seguida, n'um tom resoluto, deveras para extranhar na sua molle organisação, exclamou:

— Oh! E' impossivel! Ainda o não creio, Antonia... Sua Al-

teza, o principe meu esposo, com toda a sua intelligencia e grandeza, decerto não seria capaz de tomar a noiva d'um dos seus subditos!

— E porque não, desde que é ella a propria que se rende?...

— Ama-o?

— Não, alteza, não o ama... Deseja ser a favorita do futuro rei... Obedece sem duvida a um fim politico ou ao interesse... Busca talvez um rapido acesso para o seu cadete.

Falava com tranquillidade, segura do que affirmava, deixando cahir as palavras como gottas de veneno no espirito da pobre princeza, roubando-lhe as illusões ácerca do esposo, buscando leval-a a qualquer excesso.

— E onde se realisa essa entrevista?

— No pateo das damas...

— E poderei... Sim... Ser-me-hia facil assistir a ella?

— Vossa Alteza!

— Sim... Eu! tornou a princeza com dignidade.

— Mas lembrae-vos, senhora, que Sua Alteza o principe D. José, entrará em casa d'essa mulher!

— Oh! Basta que eu o veja ahi entrar!... bradou ella devorada de ciumes.

D. Antonia, curvou a cabeça e de seguida, muito rapidamente volveu:

— Alteza! Se o desejaes, estarei aqui ás nove horas... A entrevista está marcada para as nove e meia...

— E como sahirei do palacio?... interrogou ella, muito tremula.

— Disfarçada n'um trajo d'açafata... Ninguem reconhecerá vossa alteza...

— Seja! Mande-me esse trajo... ordenou D. Maria Benedicta, tomando heroica resolução e ficando meditativa, emquanto a outra, se inclinava dirigindo-se para a porta a dizer:

— Serão cumpridas as ordens de vossa alteza real!

Depois, no corredor, sempre com o seu grande ar vingativo, dirigiu-se para os lados dos aposentos dos gentis homens do principe e foi bater a outra porta, ao mesmo tempo que uma voz, dizia:

— Entrae!

Na sua frente, viu um mancebo rigorosamente trajado de gala e que bradava á sua entrada:

— Vós, senhora!

— Sim eu D. Ramiro de Noronha! Eu que venho trazer-vos uma grande nova...

— Para mim?

— Sim para vós... Ou antes alguma cousa com que podeis alegrar vosso amo...

— O principe!

— Sim...

— De que se trata?

— Sabeis dos seus amores?

— Tenho sido o seu confidente... Tanto mais que a mulher que sua alteza distingue é afilhada de minha mãe...

— O que, D. Maria de Penha...

— E' afilhada de minha mãe, repito. E bastante tenho luctado para que conceda a sua alteza essa entrevista ha tanto desejada... Só assim, o principe recuperaria o seu bom humor. Nada ha que o faça mudar... Outro dia em Salvaterra, no meio da caçada, quando a côrte se divertia, sua alteza desappareceu; eu que estava de serviço, fui encontral-o a distancia, sentado na relva e entregue á mesma melancholia... Foi isso que me decidiu a insistir com D. Maria da Penha para que o attenda... Podia mesmo conceder-lhe apenas uma entrevista...

— Conceder-lhe-ha e hoje mesmo! bradou a açafata no mesmo tom decidido com que fallou á princeza.

— Que dizeis?... Oh! Isso é maravilhoso!... Sua alteza vae ficar satisfeito! tornou o gentil homem com grande enthusiasmo.

E como um bom aulico, desejoso das boas fortunas do seu senhor, o que importaria grandes complacencias da parte d'elle, bradou:

— Vou participar-lho! Oh! E a hora... Dizei-me a hora e o local, D. Antonia!

Levantava-se e ia dirigir-se para a porta, quando a outra se collocou á sua frente com um sorriso ironico nos labios e exclamou:

— Ah! Attendei uns momentos!

— Que temos ainda?

— Dizei, D. Ramiro, sua alteza tem um grande desejo n'essa entrevista, não é assim?

— Pois... Assim fará sua alteza... E muita coragem terá ella, se resistir ás propostas do principe...

— Está então combinado!

— Sim...

— Sim...

— Contaes conduzir D. José?

— Tenho a certeza! Se esse amor é a a grande preoccupação de sua vida!

— N'esse caso ás nove horas!

— Lá estaremos!

— O que? Acompanhaes sua alteza?

— Certamente... Apesar de que esta noute tinha que estar no convento dos oratorianos...

— Como? Dos oratorianos!

— Sim, boa amiga, trata-se tambem d'um negocio de mais alta importancia.

E ao proferir aquellas palavras recordou-se da entrevista que José Maria de Mello lhe preparava com fr. Fabricio. Porém, agora muito resolvido, a attacar um dos seus inimigos, bradou:

— Escreverei a Silva Menezes e a D. Balthazar para que se apresentem em meu logar...

— Muito bem... Até á vista... E não vos esqueçaes da capa do cadete!

— Descançae!

— Agitae um lenço em frente das janellas!

— Nada me esquecerá...

— Adeus, D. Ramiro...

— Senhora minha!...

E curvava-se a beijar-lhe a mão com certa graça, sentando-se depois a uma mesa a tomar a penna com que traçou na sua lettra enorme e irregular o convite para os seus amigos.

Depois levantou-se e dirigiu-se rapidamente com o semblante transtornado da mais intensa alegria para os aposentos do principe.

Sua alteza está no seu gabinete de physica! bradou um creado á interrogação de D. Ramiro de Noronha.

— Sempre occupado... murmurou o aulico entre dentes, descendo uma escada interior e indo bater n'uma pequena porta situada no andar de baixo.

— Oh! Para elle é a vida...

— Muito bem...

— E não se importaria de tomar o logar d'um outro...

— Como? D'um outro?

— Sim... Por exemplo d'um cadete de Peniche!

— Não vos comprehendo... volveu o effeminado fidalgo.

— Sabeis que Maria ama um cadete?

— Ah! O seu nome e tenho a certeza que será afastado da côrte...

— Isso é para depois! gritou elle com um clarão no olhar,

— Por agora é apenas preciso que D. José tome o logar d'elle...

— O logar do cadete?

— Sim... Na entrevista que a sua paixão concede esta noute a Vasco de Miranda...

— Vasco de Miranda? dissestes esse nome? interrogou elle no maior dos sobresaltos.

— Sim... Conheceis esse homem?

— Oh! O companheiro de Gomes Freire e de Assumar! Mas n'esse caso é segura a vingança!

— A vingança? bradou ella por seu turno.

— Sim, a minha vingança! Esse homem é um dos que patrocionou a responsabilidade do rapto de Elvira de Mello!

A dama soltou um grito d'alegria, e bradou:

— Ah! D. Ramiro ajudae então o principe... Vingae-vos!

— Para isso basta proferir o nome do seu rival!

— Melhor seria fazer com que elle proprio o visse...

— Tendes razão... Porém como conseguil-o!

— Bem simples... D. Maria da Penha concede esta noute ás nove e meia, no pateo das damas, uma entrevista a Vasco de Miranda...

— Bem... E depois...

— Basta que um outro vá ás nove e o cadete chegará tarde.

— E esse outro...

— Será sua alteza!

— Mas a açafata reconhecel-o-ha!

— Não... Vasco costuma embrulhar-se na sua capa de cadete e agitar um lenço branco na escuridão...

O principe do Brazil, tendo vestida uma comprida tunica de sarja curvara-se sobre um apparelho metallico e observava-o com escrupulosa attenção.

Era um aposento largo, claro, cuja luz vinha do alto a infiltrar-se pela claraboia enorme.

Por todos os lados se viam objectos de arte, pedaços d'estatuetas achadas em escavações, grande numero d'animaes empalhados, collecções de lepidopteros de azas matizadas distendidas, grandes machinas metalicas que constituam o divertimento d'esse principe que buscava achar algumas leis de sciencia, emquanto seu irmão vivia com os frades de Mafra.

D. Ramiro ficara á porta, comquanto sua alteza deixava a machina para se dirigir ao fundo do aposento a buscar uma grande campanula.

Ao voltar-se deparou com o cortezão todo humilhante, e bradou com grande enfado:

— Ah! E's tu, D. Ramiro!

— Sim, alteza!

— E' talvez o duque de Lafões ou alguem da Academia Rea que me procura... Não quero vêr ninguem, Ramiro... Se é esse bom Avellar Brotero, dize-lhe que volte de tarde, preciso trabalhar sósinho!

Despediu-o com um gesto e ia collocar a sua campanula sobre um grande instrumento, curvando-se mais uma vez a segurar a manivéla do apparelho.

— Ah! E' necessario accender o fornilho!... murmurou julgando-se só e indo para um canto da casa, a acocorar-se em frente d'um pequeno forno a que elle proprio ia largar fogo.

Mas o aullico avançava e murmurava tambem:

— Deixe vossa alteza que o auxilie!

— Ah! Ainda és tu? bradou elle com certa colera.

— Alteza! supplicou o cortezão.

— Queres alguma cousa? Oh! D. Ramiro... Tudo que quizeres... Tudo, mas deixa-me...

— Alteza! tornou o aulico.

— Fala! volveu D. Jose enchendo-se de paciencia e erguendo-se para se deixar caír n'um escabello.

— Trata-se... começou o outro com grande contentamento,

sentindo que ia surprehender o herdeiro do throno, o futuro rei de quem esperava honrarias.

— Ah! D. Ramiro... Julgo que não me vaes falar dos teus inimigos!

— Não, alteza!... volveu elle com um olhar colerico.

— Nem dos teus amores... disse ainda o principe muito enfadado.

— Ao contrario... Vou falar dos amores de uma pessoa que vos ha-de agradar.

Elle voltou-se, fez-se pallido e murmurou:

— Ah! Já cousa alguma me interessa... Tudo que podia desejar não é... Olha Ramiro, eu estou farto da vida...

— Oh! Meu senhor...

— Sim... Aborrece-me mortalmente... Que horrorosa é a existencia que todos invejam... Nós, os principes, principalmente aqui n'este paiz, somos uns authomatos... A vontade, essa cousa santa que existe em todos os homens, morre em nós outros... A vontade, Ramiro, que faz dos pequenos, grandes, que torna os humildes potentados, sinto-a dentro em mim com intensidade e não a posso demonstrar... Se soubesses! Se podesses imaginar!... Olha, ás vezes apeteço a miseria...

— A miseria, alteza?

— Sim... Sabes que na minha familia houve um principe, ainda ha bem pouco tempo, que a soffreu! E á sua vontade, ao seu talento, á sua audacia conseguiu triumphar, tendo todas as sensações do bello, soffrendo e rindo, desesperando-se e vencendo... Conheces a historia, D. Ramiro?

— Meu senhor...

— Ah! Desculpa... Tal pergunta nunca se fez n'esta côrte... Serias o primeiro que a soubesses! disse elle com desgosto, continuando:

— Pois, o irmão de meu avô, o infante D Manuel, irmão de D. João V, era como eu... Correu aventuras, deixou o paço, onde seu irmão D. Francisco o intrigou para com El-Rei, e partiu para voltar annos depois coberto d'honras, devidas ao seu esforço, não ao seu nascimento... Eis o que eu queria! Talvez que o faça... Se para reinar basta nascer principe, para ser verdadeiramente rei é necessario conhecer todas as manifestações dos povos... Mas te-

nho medo de mim! Aborreço-me, sinto assim como uma nostalgia...

— Alteza! Buscae distracções...

— E em que consistem ellas? Nas caçadas de Salvaterra, no theatro da Rua dos Condes, nas missas da Encarnação, nas novenas...? Oh! E' muito pouco...

— Vossa alteza pensa assim, porque tem um amor no coração...

O principe teve um sobresalto, tornou-se vermelho e depois volveu:

— Sim... Amo... Mas isto é proprio do meu temperamento! Ha occasiões em que temo enlouquecer.

— Meu senhor!

— Sim... Eu sou um ser extranho!

— Tudo isso se dissiparia se...

— Se?

— D. Maria da Penha correspondesse ao vosso amor...

— Ella?

— Sim, meu senhor, ella...

— Na realidade porque me nega sempre essa entrevista? Amará um outro...?

E D. José, tornou-se mais pallido a esta ideia. O aulico teve vontade de lhe dizer abertamente a verdade mas temendo a grande honradez do principe, pensando que elle não acceitaria a occasião que se lhe deparava calou-se.

Momentos depois observou:

— Mas essa entrevista póde vossa alteza realisal-a!

— Onde? Como? bradou espantado o herdeiro do throno.

— Esta noute no pateo das damas! volveu o outro com serenidade.

— Mas...

— Sim, alteza... O vosso desejo consiste em fallar á açafata, não é assim?

— Sim... Essa joven que eu amo, a unica mesmo a quem posso amar, conhece o meu affecto e evita-me...

— E vossa alteza, servir-se-hia de qualquer meio para se aproximar d'ella?

— Certamente... Mas é impossivel.

— Não, meu senhor, é até facil! Esta noute D. Maria da Penha estará á janella ás nove horas da noute, aguardando alguem.

— Quem?... Quem? interrogou o principe com fogo.

— Ignoro-o, meu senhor... Sei apenas que é um militar, insinuou elle com muitas cautellas.

— Oh! Conhecel-o-hei! bradou o principe n'um arranco que satisfez o aulico.

— Basta vossa alteza tomar o logar, agitar um lenço; e terá a desejada entrevista com D. Maria da Penha!

— Oh! Não... Isso é uma traição! tornou elle honradamente.

D. Ramiro estremeceu de rancor, e volveu:

— Uma traição? Mas, meu senhor, trata-se apenas de conversar com essa dama...

— Tomando o logar d'outro!... Não, D. Ramiro... Sou o futuro rei de Portugal e para respeitar a patria devo começar pelos subditos!

Este, muito desanimado, sentindo nada poder com o grande animo d'esse principe, declamou:

— Mas, meu senhor, vós não desrespeitareis pessoa alguma! Existe uma mulher á qual amaes loucamente; essa mulher concede uma entrevista a outro... Onde está o crime em tomar o logar d'esse outro e fallar á mulher, que desde ha muito tempo se recusa a escutar a vossa respeitosa affeição?

D. José, curvou a cabeça e, com firmeza, bradou:

— Não quero!

Voltou-lhe as costas e curvou-se de novo para accender a mecha, estremecendo, sujeito a uma impressão nervosa, no reunir dos desesperos, emquanto o aulico se affastava, dizendo:

— Meu senhor... Deixaes assim passar uma occasião favoravel! Não ha mulher alguma que resista, face a face, a um principe!

Ia já á porta, dispondo-se a sahir, quando o futuro rei lhe gritou:

— D. Ramiro!

— Meu senhor..., volveu elle, curvando-se, escondendo a sua alegria.

— Quero conhecer esse homem.

— Facil vos é, senhor..., volveu de novo, ao comprehender que nem tudo se perderia.

— Irás esta noute e dir-me-has tudo...

Depois, n'uma grande irresolução, sentindo mais latente o seu nervosismo, exclamou:

— Não... Irei eu proprio... Quero vêr... Quero exgotar o calix até ás fezes!

— Cumprir-se-hão as ordens de Vossa Alteza!

— Porém...

— O quê? Meu senhor...

— Sabeis que não posso sahir do palacio...

— Assim é, meu senhor, sereis notado, e Vossa Augusta Mãe, a Rainha Nossa Senhora, desejaria saber das vossas aventuras...

— Oh! Maldito destino o meu! Se ao menos, como meu irmão..., pudesse desculpar-me com os frades de Mafra... Mas ninguem crê ma minha religião!... Se até me chamam o discipulo do atheu!

— Meu senhor, então, não vos exalteis...

— E onde se realisa essa entrevista? interrogou D. José, em fogo, sentindo o maior dos desesperos.

— No pateo das damas.

— A hora...

— Nove...

— Quem é o official da guarda do paço?

— E' o meu amigo Jacob Mestral.

— Ah! Mas será um segredo com esse official? disse elle com desanimo.

— Mas, meu senhor, quem vos impede de vos disfarçardes?

— Ah! Tens rasão... E a senha?

— Sabel-a-hei... Eu posso sahir sempre.

— Sim... Não és principe... Oh! que destino o meu...

Depois, com energia, rapido, n'uma allucinação deveras extranha, clamou:

— Arranjarás a senha e um disfarce... Acompahar-me-has. Segredo absoluto... Quero conhecer esse homem!

O herdeiro do throno transfigurava-se, cedia ao seu temperamento, esquecendo tudo, e vendo o outro sahir, murmurou:

— Devo pagar o meu tributo á mocidade!

E com grande arte começou a accender o seu fornilho.

D. Ramiro de Noronha, cheio de jubilo, trepava os degraus da escada e exclamava:

— Ah! Começa a minha vingança... N'uma noute terei dois dos meus inimigos em vez d'um só!...

Pareceu-lhe ouvir ruido e voltou-se rapidamente. Ao fim do corredor deslisava um vulto n'um grande agitar de guisos.

E elle com desdem, sorrindo, murmurou:

— Ah! Era o pobre do bobo! Por aquelle não vem o mal nem o bem ao mundo.

XXIX

O cadete de Peniche

INHAM soado as nove horas no relogio da egreja de Nossa Senhora. d'Ajuda.

Como obedecendo a um signal abriram-se ao mesmo tempo duas portas do pateo do palacio real. Houve como um momento d'indecisão e duas mulheres vestidas como as açafatas da rainha atravessaram com rapidez o pateo passando rente ás sentinellas com as quaes trocaram a senha. Logo de seguida e dirigindo-se para o lado opposto por sob as arcarias, dois homens, um dos quaes se occultava n'uma grande capa de cadete e o outro vestido como os fidalgos mas tambem embuçado, praticaram de egual modo para com o soldado que os deixou passar.

Chegaram então á porta e affastaram se rapidamente, caminhando pelo largo com segurança, emquanto os vultos femininos desciam a calçada d'Ajuda e mettiam pela travessa que vae dar ao Pateo das Damas.

Os homens chegaram ao começo da calçadinha ingreme e pararam uns instantes applicando o ouvido.

— Vinde, meu senhor, a entrevista está marcada para as nove e meia!

— Ramiro! E d'onde assistirei á scena, perguntou o outro n'uma voz cançada.

— Alteza! O pateo tem um recanto como sabeis... Está escuro... Facilmente vos podeis occultar...

— Vamos! volveu elle com grande resolução.

Avançaram então mais uns passos e chegaram á entrada do pateo onde Pombal installara outr'ora as suas secretarias e que servia agora de morada a algumas açafatas da rainha.

Reinava no interior do pateo uma grande escuridão que permittia aos dois individuos esconderem-se rapidamente.

A' sua entrada, d'um dos portaes, enovelavam-se os dois vultos das açafatas e ouviu-se uma voz debil como um sopro, murmurar:

— Ainda é cedo, Antonia...

— Não Alteza... Oh! Ahi chega vosso esposo...

— Enganae-vos... E' o cadete!

— Não, alteza, é o principe!

Ficou indecisa. Porém a voz de D. José soou, exclamando:

— Ramiro... Vae vêr depressa se pelo lado da quinta não ha ninguem.

— Sim, meu senhor, volveu o fidalgo atravessando em frente das duas mulheres e dirigindo-se para as terras.

Nem viva alma. O silencio prolongava-se. Lá em baixo o Tejo tinha o colorido escuro d'um rio de tinta pela noute sem lua. Os grilos, dos lado do Guarda-Joias, faziam ouvir os seus ruidos intervallados e uma egreja destacava-se a distancia n'um negrume attenuado á luz d'algumas fogueiras que se costumavam accender pelas ruas e em torno das quaes os visinhos passavam as suas noutes n'uma promiscuidade com os cães vadios até que as dez horas soavam e as rondas começavam o seu gyro.

No pateo, d'um dos lados abria-se uma janella a pequena altura e apparecia um vulto claro que se debruçava como a interrogar as trevas.

— Lá está ella! murmurou uma das mulheres.

— Oh! Vamos vêr... volveu a outra com um estremecimento.

D. Ramiro voltava, cosido com a parede e acercava-se do principe que estava muito tremulo e não proferia palavra.

O vulto branco continuava debruçado na janella. Interrogava o pateo com o olhar, buscava penetrar as trevas.

Foi então que D. José, sem poder conter a sua impaciencia, avançou resoluto agitando o seu lenço e murmurando:

— Oh! Falar-lhe-hei!

O fidalgo estremecia do mais intenso jubilo e via o principe

avançar sempre para a janella onde D. Maria da Penha, se debruçava, dizendo:

— Entra!

D'um pulo, transpoz rapidamente o parapeito baixo e ficou além na escuridão em frente da joven que se voltava a fechar a janella.

Na rua soou um grito e as duas fórmas femeninas destacaram-se á saída do pateo ao mesmo tempo que D. Ramiro corria apressadamente para os vultos.

No entretanto, o principe encontrava-se em frente da joven que bradava:

— Vasco!

Mas de seguida ao accender a luz e ao correr para o que julgava o amante soltou um novo grito, e exclamou:

— Senhor! Vossa alteza!

— Eu sim, D. Maria de Penha... volveu o principe como confundido.

— Oh!

— Nada tendes a temer, senhora...

— Mas, Alteza Real, isso é uma indignidade! bradou a açafata com raiva.

— Senhora!

— Alteza!

— Lembrae-vos que estaes n'uma dependencia do paço real e que falaes ao herdeiro da corôa! gritou D. José cheio de altivez ante as palavras d'ella, esquecendo tudo ao recordar-se da sua gerarchia.

— E vós, meu senhor, estaes em face d'uma mulher surprehendida por semelhante facto...

— Comprehendo! Aguardaveis outro! tornou elle com raiva.

— Sim... O homem que amo!

— E eu venho buscar a resposta das minhas declarações! assegurou o principe com maior auctoridade!

— Alteza! Já tive a honra de vos mostrar o meu respeito...

— Respeito?

— Sim! Que pode uma simples açafata dedicar a um futuro rei...

— Amor... oh! amor... Desde que esse futuro rei lh'o supplique!

— Alteza!

— D. Maria da Penha... Tendes razão em condemnar o meu procedimento... No emtanto...

— Oh! Meu senhor...

— Sabeis porque estou aqui?

— Para ouvirdes dos meus labios uma resposta que eu tenho hesitado em dar-vos.

— Exacto.

— E sabeis porque?

— Porque amaes outro!

— Assim é...

— Oh! Mas não conheceis então a força do meu affecto, do meu amor?

— Já vos disse, senhor, que uma mulher como eu, apenas pode sentir respeito por vossa alteza!

— Escutae!...

— Falae, meu senhor, mas lembrae-vos de que sou uma mulher e que tenho alguem a quem dar contas dos meus actos... Esse alguem é um homem que amo e que estará aqui dentro em instantes...

D. José fez-se pallido ante a audacia d'aquella gentil mulher que lhe falava tão francamente, e de seguida, a reprimir-se, querendo esquecer o seu orgulho real, volveu:

— Senhora... Sabeis que vos respeitarei...

— Sim, alteza... Mas a minha honra?

— A vossa honra? Oh! E não periga ella acaso desde que concedeis entrevistas ao vosso amante?

— Que será meu marido dentro em alguns mezes... E n'essas entrevistas trocam-se palavras, planos de futuro...

O herdeiro do throno, pareceu hesitar em falar no seu amor ao vêr a fórma porque a dama se lhe apresentava. Porém via na sua frente, divinamente formosa, arrebatadora, os cabellos louros formando-lhe como um diadema na cabeça, aureolando-lhe o rosto de linhas firmes e puras; via essa mulher que falava á sua imaginação de poeta e teve a lembrança de que viria a pertencer a um outro!

Então todo aquelle grande fundo de pratica, toda a sua fórma de sentir, a educação recebida, os seus deveres e a sua fórma de

pensar, tudo desappareceu para dar logar apenas ao homem, ao nervoso, ao altivo a quem collocavam na frente um obstaculo, e começou, buscando ainda reprimir-se :

— Maria, tenha por mim esse affecto que lhe supplico... Seria o supremo bem... Não imagina como é attribulada a minha existencia!

Depois d'uns momentos de silencio contiuou:

— Onde todos julgam vêr o mais feliz não existe senão o mais desgraçado dos mortaes... A senhora é para mim o raio de luz, alguma cousa que me póde ainda salvar... Amo-a ! Amo-a e com todo o fogo d'um primeiro amor...

— Alteza... E vossa esposa ? interrogou ella buscando refrear-lhe o enthusiasmo, cheia de terror ao lembrar-se que soava a hora da sua entrevista com Vasco.

— Minha esposa ? Ah ! E acaso posso amal-a ?... Oh ! D. Maria da Penha, a senhora ainda não comprehende o horror d'uma existencia real... Os affectos, esse direito que o homem tem de escolher a companheira da sua vida é-lhe negado... O que o mais simples pastor faz livremente é-nos imposto... Casaram-me e casaram-me com a irmã de minha mãe ! Eu nunca a amei, mesmo nunca amara outra cousa que a sciencia, que a politica ! E ás vezes nas longas noutes, pelos corredores dos paços reaes, ao ouvir amantes trocarem pensamentos, ficava indifferente porque não comprehendia o amor ! Via-a porém, impressionou-me o seu ar melancholico, o seu rosto puro e então amei a... e amei a para sempre...

— Alteza ! Oh ! Por Deus retire-se ! Supplicou ella imprudentemente.

— Retirar-me ?

— Sim... Supplico-lhe...

— E porque ?

— Ah ! E' que...

— Vae chegar o seu amante ? bradou D. José no meio da mais intensa cólera.

— Sim... sim, alteza... Tenha piedade de mim... Elle vae chegar...

— Pois encontrar-me-ha no seu caminho ! gritou com altivez maior, mudando rapidamente ao vêr que a joven nem sequer escutava as suas palavras de amor.

— Oh! Alteza... Não quereis ser causa d'uma irreparavel desgraça...

— Que quereis dizer?! O vosso amante é um fidalgo sem duvida... bradou elle com um olhar cheio de ameaças.

— Oh! Alteza... Ficarei perdida a seus olhos...

— Eu vos rehabilitarei...

— Vós, meu senhor... Mas podeis acaso restituir-me o amor d'elle desde que o perca...?

— Ah! E para vós é tudo esse amor?

— Sim, real senhor... Deixae que vos trate como se fosseis já o meu rei... Oh! Tende piedade!

Cahia-lhe aos pés debulhada em lagrimas, como louca, supplicava-lhe, rojava-se.

Mas o principe estava como no auge de furia, pensava apenas na mulher amada, e chocado por essa ideia fixa até esquecia o que sempre impozera a si proprio como norma.

Bradava-lhe com firmeza:

— Tornae-vos minha amante! Sêde minha e nada tereis a receiar... Nobilitar-vos-hei e podereis viver affastada do paço!

— Vêde, senhor, que me insultaes!

— Ah!

— Sim, insultaes!

— E então muito, o meu amor?

— Sim, alteza... Recordae-vos do respeito que deveis a uma esposa!

— Sempre, minha esposa!

— Oh! E na côrte todas se sentiriam felizes com o vosso amor... Para que o offereceis a uma mulher que pertence a outro...

— Pertence? Ah! Sois então sua amante?

Elle teve a sublime coragem de mentir. Julgou assim desarmal-o, fazer com que a visse por um prisma ignobil, mas conseguiu apenas excital-o.

D. José, na furia louca do seu nervosismo, clamou:

— Ah! Mesmo assim vos quero! Vinde, senhora, vinde commigo!

— Oh! Alteza! Poupae-me...

— Senhora!

— Que quereis... Não vos amo! clamou a joven com raiva ante a insistencia d'elle.

— Ah! Sou louco em guardar comvosco taes respeitos! Se quizer sereis minha... E pensava eu serdes differentes das outras!... Vejo tudo atravez um prisma de poesia que me engana... Julgaes acaso que a minha vontade não se cumpre? Vamos, que se eu ordenar que me sigaes não fareis?

— Nunca!

— Senão por vontade ao menos pela força!

— Senhor! Oh! Como vós mentis aos proprios sentimentos! murmurou ella banhada em lagrimas e rojando-se lhe aos pés.

O principe estremecia violentamente ante a justiça que a desgraçada lhe fazia. E então, sentindo um abalo, vendo quanto era baixo o seu procedimento curvou a cabeça e disse:

— Perdoae as minhas palavras... Mas que quereis! Estou louco... e louco d'uma loucura que não tem como remedio senão o vosso amor! Maria, por minha vez vos peço, que tenhaes piedade de mim... que vos recordeis do que eu soffro acorrentado a esta dignidade régia... Supplico-vos...

Baixara-se a erguel-a, tomava-a nos braços, estremecia ao sentir o seu halito e foi então o principe que vendo a açafata cahir n'uma cadeira se rojou a seus pés, pedindo:

— Oh! Diga-me ao menos que não é amante d'esse homem!

Houve um grande silencio.

Depois quando ella abriu a bocca para falar ouviu-se na rua o trotar de dois cavallos, que penetravam no pateo.

O principe não os ouviu, mas D. Maria de Penha estremeceu e ficou a applicar o ouvido n'uma grande perturbação.

D. José supplicava ainda:

— Diga que mentiu e eu serei feliz!

Ella, já como louca, ao auvir no pateo um breve ruido de vozes, e reconhecendo a de Vasco, exclamou buscando desanimar o principe:

— Não, meu senhor, eu nunca minto!

— Ah! Que infamia! gritou D. José, vendo que essa mulher assim amada já pertencera a outro e correndo para ella como louco.

D. Maria de Penha soltou um grito estridulo e correu para a janella, exclamando:

— Oh! meu senhor... nem mais um passo do contrario ver-me-heis cahir morta a vossos pés!

E a mão apparecia-lhe armada com um punhal que agarrava de sobre uma mesa e que apontava ao peito.

O principe no auge da excitação, obedecendo ao seu temperamento de nervoso, os olhos brilhantes de raiva, todo tremulo, ia ainda avançar e bradava:

— Oh! Quem é o vosso amante?

A joven não lhe respondeu, continuou na mesma posição decidida a ferir-se, a matar-se, se o herdeiro do throno a quizesse segurar.

Mas elle, cada vez mais louco, desvairado, no supremo grau da raiva, gritava:

— Oh! O nome... O nome d'esse homem?

Ainda o mesmo silencio. Depois D. Maria de Penha, com grande tranquillidade, retorquiu:

— Alteza... Perdoae-me... Mas esse nome é o meu segredo!

— Oh! Tremei pela sua vida!

— Sim, alteza... Sois o filho da rainha!

— Excepto quando me encontro com alguem que odeio! N'esse caso sou apenas o primeiro gentilhomem portuguez, depois d'el-rei, meu pae! Vamos, D. Maria de Penha, dizei-me o nome do vosso amante para que o force a uma separação!

— E' escusado, alteza... Elle ama-me e vae ser meu esposo! exclamou ella.

— Vosso esposo! bradou elle tornando-se livido, e pedindo ainda com intensa cólera:

— Oh! Mas o nome!... O nome do seu amante!

— Vasco de Miranda para responder a quem quer que sejaes! Sim, Vasco de Miranda, cadete do regimento de Peniche! gritou n'este momento uma voz bem timbrada ao mesmo tempo que um vulto apparecia rente da janella e se esforçava por subir.

Era o cadete que vinha a cavallo como sempre e que ouvira as ultimas palavras do principe. A alguma distancia um outro cavalleiro parecia aguardal-o.

D. José, esquecendo a sua posição, vendo apenas n'aquelle homem o que lhe roubara a mulher amada, bradou:

— Esperae, que tenho a dizer-vos!

E d'um pulo ao vêr que o outro arredava o cavallo e saltava para o chão, elle transpoz tambem a janella para o lado de fóra, emquanto a açafata gritava como louca:

— Vasco!... Vasco!...

O principe desembainháva a espada e avançando para o cadete, gritava-lhe:

— Em guarda... Nada de explicações... Sabei apenas que amo D. Maria de Penha e que vol-a disputo!

— Ah! Sim!... Então em guarda, senhor, porque gosto de franqueza!

E olhando-lhe a capa militar, accrescentou:

— Caspité!.. Cadete contra cadete!

Viu-se então um homem que vinha correndo do lado de cima e que desembainhando tambem a espada se propunha a atacar Vasco pelas costas.

Mas sentiu-se agarrado pela mão possante do outro cavalleiro que se apeára e ao arremessal-o a distancia, gritava:

— Para traz, cobarde... Não se attacam assim os fidalgos!

O outro levantava-se, mas corria de novo para elle que lhe antepunha a sua espada ao mesmo tempo que Vasco, bradava:

— Vem gente!... E' a ronda. Parae, senhor...

Baixava a espada emquanto o outro segurava sempre com furia e raiva a sua, e D. Maria da Penha, debruçada na janella, exclamava no auge de terror:

— Vasco!... Vasco!... Oh! Por Deus!

Gritou-lhe ainda um nome mas perdeu-se agora entre o tinir das armas dos quatro adversarios porque D. Ramiro de Noronha, collocou-se do lado do principe e o cavalleiro perseguira-o a defender o cadete.

No meio do combate, uma multidão estranhamente sobresaltada penetrou no pateo, uma guarda do paço appareceu á luz do archote, ao mesmo tempo que do lado de baixo se ouvia um grande ruido de gritos e de oboés e um magote de populares, entrou no pateo capitaneado pelo bobo da rainha.

O principe D. José soltou um grito e largou a espada.

XXX

Aventura real

Ramiro de Noronha, no momento em que o principe subira á janella da açafata, avançava para a esquina onde se tinham destacado os vultos femeninos e ficara singularmente embaraçado em presença das duas damas e ao ouvir uma d'ellas exclamar quasi desfallecida nos braços da outra:

— Ah! Antonia, minha amiga, já duvida alguma me resta, agora tenho a certeza da traição!

— Sua Alteza Real! bradara o fidalgo sem poder conter-se desconhecendo mais aquelle ardil da perfida açafata.

— O senhor? exclamou a princeza do Brazil, reconhecendo o confidente de seu marido. E ainda tem a coragem de apparecer!... Retire-se, senhor... Vá vigiar seu amo!

O aulico tirava o seu chapéu e ficava paralysado na presença da futura soberana, que continuava:

— Oh! E lembrar-me que talvez de ha muito se desse esta infame traição... No paço real, ali a meu lado, havia uma miseravel mulher que me envenenava dia a dia a existencia!... Como lhe agradeço D. Antonia a sua prevenção...

— Cumpri o meu dever, Alteza Real!

— Sim... E ajudar-me-ha tambem na vingança... Hei-de fazer com que sua magestade lance essa mulher n'um carcere... Ha-de ser internada em Santa Margarida de Crotona... E' ali o logar das mulheres da sua especie.

Os olhos da açafata brilharam de grande prazer ao vêr a rival condemnada desde já no animo d'essa mulher que teria um dia uma corôa a encimar-lhe a acanhada fronte, porém estremecia dolorosamente ao ouvil-a dizer:

— Ah! Aguardal-o-hei... Ficarei aqui até que elle sahia! E' a primeira vez que uma princeza de Portugal aguarda o marido que venha dos braços d'uma amante!

— Senhora... A vossa dignidade não soffre semelhante golpe...

— Senhor! E' quem fala de dignidade!

Voltava-se com furia para D. Ramiro e continuava:

— O senhor, o cumplice d'essa mulher que assim obriga o futuro rei de Portugal a descer tanto!

Mas D. Antonia, receiosa tambem que chegasse Vasco e que tudo se explicasse, que a princeza ficasse sabendo como seu marido não fôra a uma entrevista mas que tomara o logar d'um outro, tocando no braço do fidalgo, disse:

— Mas vossa alteza não póde ficar aqui...

— E porque?

— Serieis reconhecida, senhora!

— E que tem?

— O escandalo seria enorme!

— Ah! E julgaes acaso que vou guardar commigo o segredo?

— Alteza! Peço-vos que não divulgueis esta scena... E' attentatoria para os bons costumes de sua alteza, vosso esposo!

— Irei pedir justiça á rainha!

— Indisporeis mais ainda sua magestade com seu augusto filho!

— E que importa? tornou ella no seu estribilho.

— Alteza! Por Deus... Retiremo-nos...

— Ficarei!

— Mas senhora!

— Já vos disse... Tenho apenas uma palavra...

— Oh! E se viesse uma ronda! Como os segredos da real familia ficariam manchados na bocca do povo!

Foi então que se ouviu o tropel de dois cavallos e que o fidalgo e a dama estremeceram, exclamando:

— São os da ronda da policia!

— Alteza... Peço-vos humildemente que não comprometteis vosso esposo!

— Já vos disse! Não desisto do meu proposito!

— Senhora... Lembrae-vos que se trata da dignidade real! gritou então a açafata deveras perturbada. A'manhã sereis a rainha! E' a corôa, é o sceptro que correm o risco de serem troçados pelos plebeus que ahi chegam!

Muito pallida, cheia de agitação, a princeza D. Maria Benedicta, assentiu, embora a custo:

— Tem razão... Partamos...

Depois para o fidalgo com um grande desprezo, brádou:

— E vós senhor, dizei a vosso amo o que presenciastes! Dizei-lhe que a princeza do Brazil desceu ao pateo das damas a certificar-se dos seus amores!

Os cavallos approximaram-se e ellas affastaram-se rapidamente em direcção aó paço, emquanto D. Ramiro se occultava no portão.

Viu então os dois cavalleiros dirigirem-se para o interior do pateo e ouviu a voz de Vasco de Miranda, exclamar:

— Espera-me um momento... E' só dizer a Maria que tenho de acompanhar-te a Palhavã por causa das ciladas, e partimos já.

O fidalgo estremeceu mais uma vez ao ouvir o outro retorquir:

— Vasco... Deixa! Para que teimas... Irei só...

— Nunca, Gomes Freire!

— Gomes Freire! murmurou D. Ramiro, sempre mettido no seu portal. Não me enganei! É elle! Oh! que vingança...

— Mas privas-te assim do teu amor...

— Descança... Maria tem muitas noutes para me falar... Para demais se estivesse comnosco o conde...

— Assumar? E' feliz tambem... E' a primeira vez que fala livremente á sua noiva!

— Sim... O conde de S. Vicente humanisou-se com a morte do cardeal!

— Todos, vós outros, aquelles que conheço são felizes... Apenas eu...

— Oh! Alferes! Lembra-te que ha um anno era o conde de Assumar quem falava assim!...

— E' verdade!... No emtanto tudo mudou... Depois extranho esta carta de Elvira... Não acredito no que me diz... Sim... Porque tendo morrido ante-hontem o cardeal ella ainda me fala no seu consentimento, na felicidade de sua benção!

— Dada *in extremis*... volveu o outro. Mas de repente calou-se, applicou o ouvido e exclamou:

— Que é isto?

— O que?

— Não ouviste?...

— Como alguma...

— Pareceu-me ouvir um grito! Oh! Mas não me enganei! bradou elle ao escutar agora muito distinctamente a voz da joven que abria a janella.

— E' Maria!... bradou por seu turno Gomes Freire, emquanto D. Ramiro relanceava um olhar e via o cadete conduzir o cavallo para sob as janellas.

Então, esgueirando-se rapidamente, sahiu da porta e foi de corrida pela calçadinha em direcção ao paço.

Atravessou rapido como um relampago o largo e dirigindo-se para a entrada ia penetrar quando a sentinella lhe bradou:

— Faça alto!

— Onde está o teu official? interrogou elle por unica resposta, accrescentando: Sou o gentilhomem de camara de Sua Alteza Real o principe do Brazil!

O soldado baixou a espingarda fez uma continencia e volveu:

— O meu capitão sahiu ha momentos!

— E Jacob Mestral? O alferes?

— Ah! Elle ahi vem! exclamou o soldado apontando uma ronda que chegava e para a qual o aulico correu, bradando:

— Jacob!

— Tu? bradou por sua vez o outro muito admirado.

— Sim eu! Vem depressa com os teus homens!

— Mas onde?

— Ao Pateo das Damas...

— Que succedeu?

— Talvez corra risco a vida de sua alteza... disse elle em voz muito baixa ao mesmo tempo que o outro dava uma ordem e se punham em marcha para a residencia das açafatas.

Pelo caminho, ao lado do amigo, D. Ramiro dizia-lhe:

— Sabes? Chegou o momento da minha vingança!

— Já me disseste que a esta hora Silva Menezes e D. Balthazar d'Athouguia, aguardam esse maldito Gomes Freire em Palhavã...

— Mas não é em Palhavã que a vingança vae ter logar.

— Então onde?

— Aqui!

— Como?

— Sim... E' Gomes Freire que ali está com Vasco de Miranda.

— E sua alteza?

— Vae talvez atacal-os!

— Oh! Soberbo lance...

— Sim... O principe não é forte no jogo das armas e os outros são de primeira força... Uma vez attacado sua alteza não se fará reconhecer mas quererá a desforra que deve ser terrivel!

— Desforra de rei!

— Sim... E os vossos inimigos estão perdidos para sempre!

— Que cerebro inventou semelhante situação? perguntou o outro admirado d'aquelle golpe.

— Foi uma mulher!

— Quem?

— D. Antonia de Castro, que levou a princeza do Brazil a presencear a entrada do esposo em casa de certa açafata...

— D. Maria de Penha, amante de Vasco?

— A afilhada de minha mãe?

— Oh! Assombroso!

— Mas vamos! vamos!

Iam de corrida e estavam já proximo do pateo quando do lado da travessa da calçada da Ajuda, ouviram um ruido de alegre musica, em que predominavam os oboés e as violas, ao mesmo tempo que algumas vozes roucas atiravam ao espaço uma serenada.

— Que temos agora?

— Oh! São villões que se divertem? redarguiu o outro, emquanto os soldados avançavam.

Mas n'aquelle momento um official montado e seguido da sua ordenança, embargava o passo ao alferes e exclamava:

— Que se passa, senhor?

Ouvia-se um tinir d'espadas dos soldados que tinham recuado ante aquella voz e D. Ramiro, temendo pelo principe correu para o pateo ainda a tempo de se lançar de espada desembainhada sobre Vasco de Miranda que via combatendo com o principe e de ser agarrado por Gomes Freire, travando se então o combate.

Ao mesmo tempo o official que embargava o passo á ronda, explicava:

— Sou o capitão de cavallaria e o encarregado das rondas militares d'Ajuda e Belem:

— Perfeitamente, meu capitão. Mas trata-se de alguma cousa muito grave.

— De quê?

— Da vida de sua alteza real!

— Ah! Com mil raios... Partamos, gritou o militar voltando o cavallo e entrando no pateo á frente dos soldados ao mesmo tempo que a turba plebea tocando os seus instrumentos e empunhando os archotes illuminava o pateo onde se tinham passado tantas scenas.

O principe, como louco, ao lado de D. Ramiro de Noronha, attacava sempre o cadete e a Gomes Freire.

Por um golpe habil de D. José, o cadete recuara até junto do muro ainda a tempo de se livrar, sentindo-se abalado ao ouvir a voz de Maria de Penha, exclamar:

— Vasco! Vasco! Por Deus!...

Depois umas palavras que elle não ouviu porque o principe lhe cahia a fundo encontrando no emtanto a espada do alferes que lhe tocou levemente o pulso não o ferindo mas desarmando-lhe o braço obrigando a soltar o grito que todos ouviram.

D. Ramiro de Noronha amparava o herdeiro do throno que se fazia muito pallido ao receber aquella lição e n'um sobresalto da sua organição quasi desfallecia.

Os soldados rodeavam-no, e D. Ramiro de Noronha, em raiva intensa, bradava rancoroso a arrojada revelação.

— Agarrem os assassinos de sua alteza real!

— Sua Alteza! bradaram todos, inclusivé Vasco e Gomes Freire que correram para o principe e se fizeram lividos, exclamando:

— Mas quem o diria?... Fardado de cadete!

Era um espectaculo singular aquelle, além no interior do pateo, o herdeiro do throno, livido ao clarão dos archotes que os homens do povo sobraçando instrumentos, agarravam; emquanto os dois mancebos lhe prodigalisavam cuidados e D. Maria de Penha, retirando-se da janella e soltando um grito lancinante cahia desmaiada.

Recuperando o seu sangue frio, aquelle principe intelligente,

— Sua alteza ! bradaram todos...

vendo a que fôra apenas a perda da espada que produzira o seu rancor, olhou para D. Ramiro e murmurou:

— Eu fui o culpado!

— Alteza! Elles terão o correctivo!

— Não... poude ainda dizer sua alteza, sentindo-se muito culpado por aquella aventura.

Mas o capitão de cavallaria, avançava e bradava:

— Estão presos, senhores em nome de Sua Magestade!

Mas de repente berrando, como louco, os olhos espantados, gritou:

— Gomes Freire!

— Meu tio! bradou o joven ao reconhecer Bernardino Freire que o arcebispo collocara n'um dos regimentos da côrte.

De todos os espectadores da scena, apenas Jacob Mestral e D. Ramiro de Noronha, tinham sorrisos de satisfação nos labios. Os outros penalisaram-se e o fidalgo, vendo que o proprio principe se arrependia, elle que era o mais justo o mais nobre, que detestava a hypocrisia e combatia os jesuitas, disse-lhe rapidamente:

— Vamos, meu senhor...

— Não... Quero que desculpem a minha acção, esta louca aventura que foi a primeira e será a ultima!

O aulico vendo que lhe podia fugir a vingança, bradou:

— Ah! Alteza!... Vinde depressa. Esquecera-me dizer que vossa esposa esteve aqui!

— Ella? Maria Benedicta! Oh! A ultima das vergonhas! Vamos!...

E sahiu rapidamente do pateo por entre os cumprimentos dos soldados e de todos os presentes chorando lagrimas de vergonha, elle o grande principe, o discipulo de Pombal.

Bernardino Freire, muito commovido tambem olhando o sobrinho, e depois com colera, rancoroso, gritou-lhe:

— A sua espada!

O alferes entregou lh'a com grande tristeza, murmurando:

— Ignorava quem era o meu adversario, meu tio!

— Está preso! foi a unica resposta do militar.

Depois para Jacob Mestral, ordenou:

— Conduza este senhor á prisão!

— Sim, meu capitão!... volveu o outro com grande alegria ao

vêr o soffrimento estampado no rosto de Bernardino que lhe ordenava de novo:

— Conduza tambem esse cadete!

Então cumprindo ainda o seu dever, voltou-se para a gente que enchia o pateo e gritou:

— Nem uma palavra do que se passou. Do contrario a forca terá que trabalhar para muitos em vez de para dois apenas!

E aquelles dois de quem falava, um era o sobrinho amado, que commettera o sacrilegio de levantar a espada para um principe real.

Elles iam agora no meio da escolta, desarmados e cabisbaixos, em torno, aquella gente olhava-os como a dois herejes e Jacob Mestral sorria jubiloso. Sahiam do pateo e dirigiam-se para a casa da guarda contigua á torre de Nossa Senhora da Ajuda.

Bernardino Freire, então como louco, saltou para o cavallo que metteu em infernal galope atravez das terras e chorando de raiva, murmurava:

— Oh! Como salval o! Como salvar da morte o meu pobre sobrinho!... E fui eu que o prendi... Que dirá sua mãe! Oh! Morre... Morre de desgosto! E eu que não o vigiava!... O culpado... O culpado sou eu!

No pateo reinava de novo o silencio, e os dois presos iam penetrar na casa da guarda, á entrada o bando de populares sobrançava os seus instrumentos e Vasco de Miranda ao lançar um olhar pela turba estremeceu.

Sentia na mão como um beijo e de seguida uma lagrima. E agachando-se a seus pés como um cão fiel, viu o corpo rachitico de D. João de Falperra, o bobo da rainha, que lhe entregava um pequenino papel que elle ainda poude lêr á vaga luz vinda de dentro:

Dizia apenas:

— *Tudo isto foi preparado. Tendes inimigos. Mas confiae no principe. E' um justo!*

O cadete com um sorriso alegre e tomando o braço de Gomes Freire, exclamou:

— Agora só confiamos no carrasco! E' pedir-lhe que não nos moleste muito!

E os seus vultos rodeados pelos soldados perderam-se no interior da prisão emquanto o bobo, murmurava:

— Ah! Vingal-os-hei!... Foi essa infame açafata que odeia D. Maria da Penha. Foi o miseravel D. Ramiro! Mas eu os vingarei!

Soaram alegres os oboés e as violas, as vozes erguiam-se nas *modinhas* brazileiras em uso na epocha e D. João de Falperra, tirando da escarcella um punhado de dinheiro vindo d'algibeiras fidalgas, atirou-o ao chão bradando:

— Tomae a paga, malditos! Não serviu de nada a vossa musica!

E affastou-se aos saltinhos, emquanto a turba disputava a murro os mais pobres reaes.

XXXI

O cumplice da açafata

RANDA, suave, n'uma crystalisação doce coada pelos vidros da portaria, a luz entrava na egreja dando tons claros ás imagens vestidas nos mantos recamados d'ouro e bordados por dedos fidalgos. Ao fundo o altar-mór, forrado de damasco. O relicario d'ouro espargindo fulgores, as jarras do Japão em figuras caprichosas de grandes monstros alados continham flôres frescas, de petalas ricas de colorido, as tribunas cavadas na parede de cantaria estavam cobertas de grandes cortinas, e no côro minusculo repousava o orgão de tubos dourados, adornando essa pequena ermida de Nossa Senhora das Necessidades pertencente ao convento dos oratorianos, destacada além no valle de Alcantara garrido e verdejante, e ao fim do qual se arqueavam os pilares do aqueducto alvo na cantaria batida á soalheira.

E junto ao convento, na ala direita a torre do relogio erguia-se para o céu, encimada pela esphera sobre a qual pousava um galo de bronze olhando a quinta cujas arvores formava o fundo do quadro.

A pequenina ermida visinha e bella nas suas paredes, abria-se por aquelle meio-dia, á hora do sol, e no emtanto estava deserta. Apenas de quando em quando um vulto d'oratoriano envolto em habitos, passava d'um lado para outro e ia perder-se nos corredores do convento; da cerca chegava um vozear intervallado dos noviços n'uns zumbidos de colmeia.

Mas acabava de chegar uma cadeirinha, depois aberta a porti-

tinhola, saíu um homem grave de perruca parda, as grossas pernas vestidas em meias de seda azul, a casaca a comprimir-lhe o rotundo corpanzil e que se inclinava com pretenções a gentileza em face d'uma dama esbelta, morena, d'olhos vivos, que trajava um vestido claro pintalgado de raminhos violetas e sobre cujo penteado alto, ondulavam duas plumas vermelhas que condiziam com o leque que manejava com uma graça andaluza.

Apoiou-se ligeiramente na mão que o homem lhe estendia e de seguida penetrou na egreja arrastando a sua immensa cauda, emquanto o individuo com o seu tricorne debaixo do braço a seguia com um bom sorriso amigo nos labios grossos.

Ella, voltou-se rapidamente e murmurou, além na nave da egreja:

— Senhor, meu marido, quereis ir prevenir o reverendo fr. José Maria de Mello, que o aguardo.

— A's suas ordens, gentil Antonia...

E o marido da açafata, o official das alfandegas de Sua Magestade, com uma venia em frente do altar-mór, correu a prevenir o oratoriano.

D. Antonia relanceou um olhar pela egreja, benzeu-se com devoção e foi ajoelhar-se a um canto murmurando uma oração.

Entretanto, o esposo batia á porta da cella do oratoriano e ao vêl-o, curvava-se a beijar-lhe a mão, dizendo:

— Reverendo, minha esposa sollicita de vós a graça de a ouvirdes.

Os olhos do jesuita, tiveram um raio de luz por detraz dos oculos verdes e com uncção, volveu:

— Lucas de Castro... Vou já ouvir vossa esposa...

— Para nós, grande é a honra!

— Para mim, grande é o jubilo! redarguiu elle, como se fallasse verdade.

Pelo caminho, ao descerem as escadinhas vetustas, o official das alfandegas dizia:

— Tenho a certeza que não ides ouvir de Antonia grandes peccados... Uma alma diamantina como a sua não abriga um só mau pensamento!

— Demais o sei... Vossa esposa é um modelo de virtudes! Podeis ter a certeza!...

A açafata erguera a cabeça ao ouvir as vozes, ao escutar o ruido dos passos nas lages da egreja.

Ergueu-se e beijou a mão branca do jesuita, depois elle dirigiu-se lentamente para o confessionario collocado no recanto mais escuro da egreja e a joven foi ajoelhar-se a seus pés na almofada de velludo com borlas d'ouro, emquanto o marido, tirando um rosario da algibeira, começou a fazer as suas preces ao Altissimo supplicando:

— Que a esposa se conservasse sempre na mesma virtude e que sua magestade tivesse longa vida e lhe concedesse rapida promoção... O que elle daria para ser desembargador!

No confessionario passava-se então uma outra scena bem diversa.

O oratoriano recostado na sua cadeira, n'um ar d'indifferença, hypocrita a posição, interrogava com pressa a joven ajoelhada a seus pés:

— Que se passou, D. Antonia?

— O que esperavamos ou antes mais do que esperavamos, reverendo!

— Mais do que esperavamos?

— Sim...

— O principe...

— Apanhado em flagrante por D. Maria Benedicta que eu conduzira á entrevista.

— Obtida a custo de D. Maria da Penha, hein?

— Não, reverendo, a açafata não consentiu!

— Ah! Comprehendo... Foi outra pessoa que recebeu o principe, emquanto D. Maria foi por vós habilmente affastada.

— Não, reverendo... Muito melhor. Foi a propria açafata que contra sua vontade recebeu sua alteza!

— Contae... contae a scena!

— D. Maria devia receber o amante...

— Ah! Esse Vasco de Miranda sobre o qual pesa toda a nossa colera.

— Sim! Sua Alteza tomou o disfarce de cadete, praticou como se fosse Vasco e penetrou em casa da açafata!

— Oh! E' impossivel! Conheço bem D. José! Nunca acceitaria semelhante posição.

— Mas o amor conduz os homens muito longe! E D. Ramiro de Noronha, um apaixonado, teve artes de conduzir sua alteza a semelhante acção... E depois, o principe é um apaixonado tambem e como já vos disse...

— Sim, o amor conduz as mulheres e os homens muito longe! volveu o padre com um sorriso ironico, olhando a dama que retorquia:

— Nada de allusões, reverendo...

— Bem, continuae!

— D. Maria Benedicta louca de colera e de ciume, jurou tirar da açafata, que julga amante do marido, a mais tremenda desforra! Hoje mesmo se dirigirá a Sua Magestade sollicitando a expulsão de D. Maria da Penha!

— Oh! Mas servisteis apenas os vossos interesses! bradou o padre com certa colera, continuando, apesar dos gestos que a açafata fazia para que se calasse:

— Vós amaes o principe, quereis tornar-vos a favorita do futuro rei, desejaes o predominio e contaes com a vossa belleza... Não é isto verdade?

— Reverendo... Procedo em virtude dos vossos conselhos, das vossas ordens!

— Basta, D. Antonia, não julgueis ludibriar-me... Não é pelos meus conselhos que desejaes o amor de Sua Alteza! Amaes o herdeiro do throno bem o sei... Talvez a vaidade, talvez verdadeiro amor... No emtanto amaes!

Fizera-se pallida, e com grande vehemencia, abafando a voz, exclamou:

— Pois bem... Assim é... Obedeço-vos, mas amo-o tambem... Por elle seria capaz de tudo!

— Tão capaz que o obrigais a uma entrevista, que vos tornaes amiga de sua esposa apenas para perder uma rival feliz! Dizei-me agora a quem servistes?

— A vós!

— Não... Que temos a ganhar com a expulsão do paço de D. Maria da Penha?

— Que me torne a amante de Sua Alteza!

— Nada é!

— E' o dominio... Enganae-vos, é o dominio...

— Não me ludibriareis! E' apenas o amor que vos impede!

— Pois bem e se assím fôr?

— No dia do triumpho importar-vos-heis apenas com o vosso amor...

— O que não impedirá de vos livrar de dois inimigos pelo menos!

— Como? E só então... Oh! Tarde cumpris as vossas promessas!

— Tarde?

— Sim... Quando fôrdes amante de Sua Alteza o que poderá ser tarde ou nunca!

— Nunca?! perguntou ella aterrorisada.

— Sim... Desde que o deseje! Julgaes acaso, D. Antonia, que estou disposto a ser instrumento da vossa ambição?

— Ah! Reverendo... Como sois ingrato... Pois sabei que não é d'aqui a tempo que vos entregarei os vossos inimigos... E' hoje... E' a esta hora em que estão perdidos!

— Perdidos?! Mas quem?

— Vasco de Miranda e Gomes Freire!

O oratoriano teve um sorriso, encolheu os hombros e murmurou desdenhoso:

— Se perdesteis tanto Vasco de Miranda como ao alferes nada tenho a agradecer-vos... Porque o ultimo foi victima esta noite! Mas victima de nós outros!

— Enganae-vos!

— Por Deus!

— Sim... Gomes Freire está preso em Ajuda com Vasco de Miranda!

— Que dizeis?

— A verdade...

— Oh! Mas como... como?

— O cadete devia vir tambem á entrevista com D. Maria da Penha...

— Sim... sim...

— Porém Sua Alteza real chegou mais cedo e tomou-lhe o logar.

— Bem... E depois... e depois? interrogou cheio d'impaciencia.

— Veiu á entrevista e fez-se acompanhar pelo seu amigo, que segundo me disse D. Ramiro, que os ouviu, tinha de ir a Palhavã vêr certa dama.

— E não foi? perguntou o jesuita louco de raiva.

— Não, visto que está preso!

— E porque?

— Por ser accusado de levantar sacrilega espada sobre Sua Alteza real!

— Elle! Oh! E' admiravel! gritou o jesuita, transfigurado de alegria.

— Sim... Elle e Vasco de Miranda!

— Meu Deus, agradeço-vos! Sua Alteza é orgulhoso e nunca lhes perdoará...

— E no caso d'esse impossivel succeder, seria então a rainha que quereria castigar os que insultaram o herdeiro da corôa!

— E el-rei a quem o principe D. João instigaria!

— D. João?

— Sim... Desde que soubesse pelo menos que elles eram os sacrilegos das Salesias!

— Depois Ramiro de Noronha instigará pelo seu lado os aggressores de Sua Alteza!

— E sua mãe, D. Maria de Noronha, sollicitará da princeza do Brazil, o castigo!

— A isso comprometto-me eu! Mas, dizei, D. Antonia... Como se passou tudo!

— Ora, reverendo... E' facil vêr isso... O principe sahiu de casa de D. Maria da Penha, elles viram-no, Sua Alteza trocou com elles algumas palavras, travaram combate...

— E D. Ramiro defendeu o principe?

— Correu a chamar a guarda do paço...

— Que lançou mão dos hereges, dos miseraveis!

— Porém elles não reconheceram Sua Alteza!

— Isso em cousa alguma lhes diminue a culpa!

— Muito bem... Agora nem o rei os salvará... Accusados de sacrilegos e de insultadores da pessoa sagrada do herdeiro do throno apenas os espera...

— A forca! disse ella, deixando escapar aquella palavra com grande alegria.

— Sim... E depois, resta apenas o conde de Assumar...

— E o arcebispo...

— Sim... Esse d'esta vez fica tambem compromettido!

— Decerto, pela protecção concedida aos herejes!

— Ah! Vamos triumphar, D. Antonia...

— A minha rival será hoje expulsa do paço...

— Elles serão condemnados...

— E eu tornar-me-hei a amiga da princeza!

— E dentro em pouco a favorita do principe do Brazil...

— E por agora...

— Vosso esposo será desembargador!

— Oh! E' muito difficil arrancar essa graça a Sua Magestade.

— Não... E' até facil!

— Como! Conseguil-o-heis, reverendo?

— Sim, minha senhora... Eis a nomeação...

Tirava então do peito um papel e entregava-o á joven, dizendo:

— Eis a paga dos vossos serviços!

— Mas ha apenas dois dias que vos falei em tal...

— E eu desde hontem que possuo essa nomeação com o nome em branco... Basta preenchel-a com o nome e appellidos de vosso esposo! A'manhã sairá a nomeação na *Gazeta*...

— Mas é extraordinario...

— Não... E' apenas um pouco caro... Mas para serviços d'esta natureza não se olha a tres mil cruzados!

— Tres mil cruzados... Mas então...

— Comprei essa nomeação a uma pessoa que tem grande influencia. Sabeis? O Sarmento que trafica com os empregos publicos...

E vendo o seu espanto, proseguiu:

— Não vos admireis que tudo se vende na côrte!

— Como vos agradeço a nomeação e a lição!

— Agora até á vista... Incitae a princeza que eu vou pôr alguem em campo... D'esta vez é certo o triumpho!

— Sim... Vencemos!

O oratoriano, então, pareceu recordar-se d'alguma cousa, porque exclamou:

— Mas desde que Gomes Freire está preso, não o encontrou fr. Fabricio!

— Fr. Fabricio? Não é uma pessoa a quem D. Ramiro tinha que enviar os seus amigos?

— Sim... E'... Sabeis alguma cousa?

— Sei que dois d'esses fidalgos se encontraram com elle!

— Apenas dois?

— Sim... Porque D. Ramiro era necessario ao principe e Jacob Mestral estava de guarda ao paço d'Ajuda!

— N'esse caso que succederia ao pobre fr. Fabricio e aos dois fidalgos que ainda não voltaram da excursão! Se esses dois homens não estivessem presos dir-se-hia que os tinham apanhado!

— Ah! Garanto-lhe que semelhante cousa é inteiramente impossivel! Elles estão presos e bem presos!

— Bem n'esse caso... Mas vou partir já para Palhavã!

Levantava-se, deu a mão a beijar á açafata e dirigia-se para a porta ao mesmo tempo que Lucas de Mello se erguia a sollicitar a benção do reverendo.

D. Antonia, com um bom sorriso nos labios dirigia-se para o logar onde o marido estivera, via o seu tricorne collocado no chão e levantando-o mettia sob elle o papel que recebera do reverendo e collocava-se a distancia orando em frente d'um altar minusculo.

Reinou por momentos o silencio na pequena egreja.

Depois ouviu-se uma exclamação alegre e o official das Alfandegas, com o rosto transfigurado de pasmo, todo alvoraçado, chegava junto da esposa que parecia immersa em profundo extasi e tocando-lhe no hombro, bradou:

— Antonia! Antonia!

— Que succedeu? perguntou ella erguendo-se e encarando-o com bem fingida calma.

— Os meus sonhos realisaram-se! Oh! Virgem Maria... Oh! Santa Nossa Senhora das Necessidades! Obrigado pelo vosso milagre! Nada ha que chegue a uma oração feita com a mais verdadeira fé!...

E o bom do rotundo personagem tinha lagrimas nos olhos, risos nos labios, toda a sua pessoa se agitava n'um mixto de alegria e de devoção, nas mais desencontradas commoções, desejoso de bailar e d'orar, de cantar e de se penitenciar, bradando por fim com um suspiro:

— Uma nomeação! Uma nomeação!

— Mas que quer dizer? interrogou a mulher com grande naturalidade.

— Ah! Quero dizer... Quero dizer...

A voz embargava-se-lhe, não conseguia dizer o que desejava, e por fim n'um arranco bradava:

— Quero dizer que Nossa Senhora das Necessidades ouviu as minhas preces! Sou desembargador! Desembargador!

Abria o papel que mostrava triumphante á esposa e depois ao reparar bem n'elle, tornava-se pallido, e exclamava:

— Oh! Mas está em branco!

— Bem facil é enchel-o com o seu nome...

— Mas seria realmente para mim?

— Onde o encontrou?

— Sob o meu tricorne...

— Pois é seu... Não tenha a menor duvida!

— Meu! Meu! Oh! Venha agradecer a Nossa Senhora!

E como se a nova posição o tornasse ousado, agarrou a esposa e arrastou-a até aos pés do altar onde ficaram resando.

Elle chorava e ria d'alegria e a joven pensava na vingança.

— Minha Nossa Senhora, dizia a voz molle do novo desembargador. Agora só me resta pedir-vos que conserveis a vida de Sua Real Magestade... e a virtude de minha esposa!

— Peça apenas a primeira, porque a outra é inalteravel! exclamou n'este momento por detraz d'elle a voz de José Maria de Mello, que se dirigia para a porta.

O desembargador e a esposa levantaram-se ambos e seguiram o reverendo que se dispunha a mostrar a sua vinda, tendo para a açafata um olhar d'intelligencia a que elle correspondia com um sorriso satisfeito.

E os dois esposos no interior da cadeirinha affastavam-se.

Quando o reverendo ia partir tambem, dos lados da Boa Morte appareceu uma sege que passou á porta do convento e elle viu com grande espanto um frade que se apeava seguro por dois homens vestidos como os aldeãos.

Reconheceu então Fr. Fabricio, pallido, roto, o fato em desordem, uma ferida na cabeça ligada com pannos n'um curativo feito á pressa.

José Maria de Mello, correu para elle e exclamou:

— Minha Nossa Senhora...

— Fabricio... Que succedeu? Ia procurar-vos...

— Ah! Sois vós, reverendo? volveu o frade a custo. Succedeu que estou vivo por milagre... Oh! Acompanhae-me á minha cella...

E muito baixinho accrescentou:

— Está tudo perdido... Os marotos são de primeira força!

N'aquelle instante o desembargador dentro da sege, dizia para a esposa:

— Oh! Offertaremos á Senhora das Necessidades o meu busto em cêra!

XXXII

A felicidade de fr. Fabricio

O conde de S. Vicente, á cabeceira do leito mortuario de seu irmão, o cardeal da Cunha, esquecendo todos os motivos de queixa havidos contra os Alorna e contra seu cunhado Marialva, promettera a mão de sua filha ao joven conde d'Assumar e pedira a D. Henriqueta da Cunha que assim o participasse ao homem amado.

Convidara pois o gentilhomem para a sua casa que ficava em frente d'uma outra habitada no verão pelos Marialvas exactamente na occasião em que S. Vicente ia para o seu palacio de Bemfica.

O moço fidalgo, louco de jubilo, pela carta da noiva, vestira a sua farda, despedira-se de Gomes Freire e de Vasco de Miranda e entrara no vasto salão do conde de S. Vicente com o coração palpitante de anciedade.

Esperava encontrar Henriqueta e viu o velho fidalgo, secco, aprumado, trajado de negro, fallando rapidamente e em termos peremptorios e que ao vêl-o exclamou:

— Senhor d'Assumar, não extranhe o meu procedimento... Dou-lhe minha filha... Espero que o vosso pae, o senhor marquez d'Alorna me sollicite a sua mão... Este casamento liga de novo os Alorna e os Marialva aos Cunhas! De todos os meus inimigos apenas nunca perdoarei ao conde de S. Lourenço! O velho idiota tem pretenções a espirituoso. Detesto-o e ao seu Lafões, a ambos aos seus poetas que me satyrisam e a sua Academia de peralvilhos!

— Senhor conde, eu...

— Ouça... Mancebo... Repito... Não extranhe o meu procedimento... Obedeço a um pedido *in extremis* que por cousa alguma deixaria de cumprir...

— Um pedido *in extremis ?*

— Sim, conde... Meu irmão, o cardeal, apoiou o vosso pedido e á hora da morte legando parte da sua fortuna á vossa noiva e a outra parte a D. Elvira de Mello, que reconheço como pertencente á minha familia, pediu-me que o tornasse feliz!

— Oh! Pobre cardeal!

— Sei os motivos que o impelliram a isso... Sei que quiz recompensar a vossa generosa acção! Dissesteis-lhes tudo quanto se referia a D. Elvira, contastes-lhe a acção do vosso amigo Gomes Freire...

— Sim excellencia... Fui pedir o seu perdão para elles!

— E que o cardeal me concedeu tambem... Logo que possamos arrancar D. Elvira ao poder d'esse infame Tavora, indigno da nossa familia, ella tornar-se-ha a esposa do vosso amigo!

— Oh! Mil vezes obrigado, conde... Mas de quem fallaes?

— De José Maria de Mello que foi propor ao fallecido cardeal a entrega de sua filha a troco do seu dinheiro!

— Que dizeis? Então não entregaram D. Elvira a sua eminencia! Os jesuitas não pactuaram!

— Os jesuitas?

— Sim... Foram famulos da Inquisição que nol-a arrebataram...

— Sem duvida por ordem do miseravel que buscava fazer uma transacção!

— Por Deus! Não comprehendo então cousa alguma!

— Que quereis dizer!

— Que no momento em que recebi a carta da minha noiva, Gomes Freire recebia uma de D. Elvira. Então eu parti para Oeiras e elle para Palhavã! Dizia-lhe que o cardeal lhe concedera o perdão e que iriam ambos ser felizes!

— O cardeal! Mas estava morto!

— Gomes Freire, julgou a carta um perdão *in extremis*... Mas vossa excellencia diz...

— Que sem duvida, o vosso amigo, vae cahir n'uma cilada!

— N'uma cilada?

— Sim... Porque José Maria de Mello, como jesuita, vingar-se-ha... D. Elvira está em seu poder e sem duvida serve-se d'ella para attrahir o vosso amigo a um perigo!

— Por Deus!

— Sim. Meu irmão disse-me tudo. Lastimava, elle o que ia morrer, não abraçar sua filha...

— Sua filha?

— Sim, meu genro, sua filha... Sois quasi da familia e podeis saber este segredo.

— Já o desconfiava!

— Muito bem... Isso em cousa alguma altera a affeição que dispenso a essa joven que n'algumas vezes...

— E que é uma grande alma!

— Já vêdes, porém, que meu irmão não viu sua filha, que não lhe disse para escrever essa carta... Quem podia pois obrigal-a a isso? os que a têm guardada...

— José Maria de Mello!

— Decerto.

— Oh! Mas n'esse caso, Gomes Freire...

— Vae caír n'uma cilada!

— De que é necessario salval-o a todo o custo... gritou o mancebo!

— Certamente...

— Por isso, conde, espero que me deixeis partir...

S. Vicente, olhou o mancebo, leu-lhe no rosto a coragem agitou uma campainha e a um creado que appareceu, ordenou:

— Chama a esta sala, minha filha!

O servo retirou-se e o conde ficou meditativo durante instantes, depois calmo, sereno, disse:

— São dez horas... D'aqui a Palhavã a bom galope levará uma hora! Chegará a tempo!

— Talvez na occasião de o salvar!

N'este momento D. Henriqueta da Cunha, entrava na sala. Era uma senhora alta, formosa, o rosto oval, os olhos castanhos d'uma magnifica expressão, os cabellos caíam-lhe em tranças sobre o seu vestido de ligeiro estofo azul, tinha um ar verdadeiramente fidalgo e ao vêr o noivo, exclamava:

— Pedro!

— Henriqueta! bradou elle apertando-lhe as mãos, emquanto a joven se ruborisava.

Então o conde, no seu modo secco, authoritario, declarou:

— D. Pedro, permitto-lhe que beije a sua noiva!

Ella, quasi desfallecida offereceu-lhe a testa onde o conde depoz um beijo respeitoso e de seguida correu a lançar-se nos braços do pae, que dizia:

— Bem... E agora partamos!...

Conduziu a filha até á porta apesar das interrogações que ella fazia e tomando a espada e o chapéu bradou:

— Vamos, conde!

— O que? V. Ex.ª?

— Acompanho-o... Se vae defender o seu amigo eu vou defender minha sobrinha!

Saíram então da sala rapidamente e entrando no pateo, o conde mandou sellar dois cavallos sobre os quaes partiram dentro em instantes pela estrada de Caxias, promptos a irem a Palhavã em defesa do alferes do regimento de Peniche.

Emquanto os dois fidalgos assim procediam, fr. Fabricio em companhia de D. Balthazar d'Athouguia e de Silva Menezes, aguardavam a chegada d'aquelle official, escondidos no jardim da pequena casa.

No acampamento dos ciganos não havia o minimo ruido, apagava-se a ultima fogueira e um homem de grandes barbas e cabellos incultos, vestido como os bohemios, o chefe do bando cigano, conferenciava com o frade emquanto os dois fidalgos passeavam ao fundo do jardim.

Fr. Fabricio concluia uma conversa, a que o homem respondia por phrases intermittentes.

— *Zara*... Encontrarás o corpo d'esse official que despojarás, enterrando-o de seguida! Depois partirás com a tua tribu... Com o ouro que te dei farás mais rapida a marcha e ficará entre nós este segredo!

— Sim... sim... frade! *Pepe*, o meu urso, é um bom sepulchro!

— Mas, e se descobrirem...

— Zara, o chefe dos ciganos, nada terá a temer... Tanto mais

que dentro em pouco encontrar-se-ha em Hespanha e se um dia voltar a Portugal já estará bem esquecido o alferes assassinado!

— Sim frade!

— Então vae e olho álerta!

— Descançae!

Partiu a confundir-se na sombra e foi estender-se no meio do bando, olhando bem o urso, cujos olhos luziam nas trevas.

Subito ouviu-se o galope de dois cavallos na estrada, um ruido de vozes, e depois os animaes que eram conduzidos á redea em direcção á casa.

A fogueira dos ciganos apagou-se totalmente e a noute estava bem escura.

— O patife vem acompanhado! murmurou fr. Fabricio ao ouvir o som de duas vozes.

— E nós somos tres, fr. Fabricio!

— Sem contar com os ciganos que nos ajudarão se forem muitos!

— Nunca! exclamou Silva Menezes. Somos fidalgos e baternos-hemos lealmente! Depois de vencidos nada temos a vêr com os seus restos mas emquanto não fôr morto, tratal o-hemos com lealdade!

— Sim... Os despojos d'um homem morto em duello pertencem a quem os achar... Mas em vida pertence ao adversario! apoiou D. Balthazar d'Athouguia.

— Pschiu! Elles ahi estão... fez o frade com muito cuidado e cautella.

Esconderam-se então nas arvores ao mesmo tempo que um vulto trepava o muro do jardim.

Viram um homem vestido na farda d'alferes do regimento de Peniche, que se deixava caír no jardim e se dirigia para a casa onde brilhava uma luz.

Tacteava o terreno e desembainhava a espada, relanceava um olhar admirado pelo recinto e caminhava sempre em direcção á claridade.

Foi então que na sua frente, sahindo d'um renque d'arvores, appareceu um vulto e que uma voz bradava:

— Ah! Não faltasteis á entrevista!

E Silva Menezes, tambem de espada desembainhada, colloca-

va-se em frente do conde que tomava por Gomes Freire e bradava-lhe:

— E' agora a occasião de liquidarmos a divida contrahida com D. Ramiro de Noronha, senhor alferes! Tanto mais que entre o meu e o vosso regimento tambem ha dividas antigas! Sou alferes do regimento do Caes! Em guarda!

D. Pedro de Portugal, apesar de não comprehender porque o amigo faltava á entrevista, dispoz-se a tomar o seu logar e cruzou a espada com a do filho do conde de S. Lourenço.

D. Balthazar d'Athouguia, sahia das arvores e bradava:

— Que pena o vosso amigo não vos ajudar! Sempre me divertia um pouco!

— Eis-me aqui, mancebo! gritou o conde de S. Vicente, que apesar da edade tinha o pulso solido como D. Balthazar comprehendeu ao primeiro ataque.

Assumar, não pronunciava palavra, temendo ser reconhecido e os adversarios trocaram rijos golpes.

Silva Menezes fôra attingido em pleno peito pelo celebre golpe á *Jacques Lebon* e caía n'um mar de sangue, D. Balthazar ao vêr o amigo prostrado soltava um grito e sentia-se impotente para luctar com o conde a quem D. Pedro dizia:

— Deixae em paz esse fidalgo, meu sogro... E' elle que nos vae explicar esta cilada!

— Pois sim, mas desarmado por causa das traições de que é bem capaz, meu genro! volveu o velho S. Vicente que sentia voltar-lhe o antigo ardor, arremeçando a distancia a espada de D. Balthazar que bradava:

— Não é Gomes Freire!

— Não... E' um dos seus amigos que responde tanto pelos seus actos como o proprio que tão traiçoeiramente esperaveis!

— O conde d'Assumar! exclamou o mancebo deveras admirado.

— Sim eu!

— Então o vosso amigo não teve a coragem...

— Calae-vos, vil traidor... Nem mais uma palavra, fabricante de infames ciladas! Gomes Freire não está aqui por qualquer motivo que desconheço, mas eu respondo pelos seus actos como leal camarada que sou! Estou aqui para vos interrogar... Vamos, ca-

minhae na minha frente para o interior d'essa casa... ordenou elle apontando-lhe o caminho com a espada.

— Tem razão somos os vencidos! Porém espero de vós que tereis a caridade de conduzirdes o meu companheiro...

— Resta saber como terieis procedido para com Gomes Freire! Mas não regulo nunca os meus actos pelos dos infames e por isso vou satisfazer-vos!

Depois para o conde com um modo amavel, pediu:

— Meu sogro: Espero que conduzireis esse infeliz para a casa e que correis a chamar o mestre André, o physico dos meninos de Palhavã!

— Assim farei, conde!

E o velho S. Vicente, curvando-se sobre o corpo agarrou-o e penetrando no interior da casa, foi deital-o sobre o leito onde dormia D. Elvira de Mello.

Recuava ao reconhecel-o e ao vêr a pallidez d'aquelle semblante, o sangue que jorrava da ferida, rasgou rapidamente a tira do lençol e buscou estancar o sangue, murmurando:

— Hum... hum... O filho de S. Lourenço... Como o pae, um patife! Mas emfim... Poupemos o inimigo.

O mancebo abria os olhos que fechava de seguida e ficava n'uma grande immobilidade sobre o leito.

O conde de Assumar gritava ao cumplice de Fr. Fabricio:

— Vamos, entrae! Ides dar-me contas de vossa traição!

— Isso é o que vamos vêr! gritou n'este momento a voz do frade apparecendo á frente de oito ciganos commandados por Zara e que empunhavam as suas espingardas

— Ah! Que quereis? perguntou Assumar ao vêr-se rodeado por toda aquella gente que Fabricio correra a chamar ao vêr perdida a partida e julgando ainda tratar com Gomes Freire.

— Queremos a tua vida, filho de infames! bradou com rancor o oratoriano ao mesmo tempo que o conde de S. Vicente ouvindo ruido apparecia á porta e ficava estupefacto. D. Balthazar d'Atouguia correu para o interior da casa e apoderara-se rapidamente da espada que o velho gentilhomem desafivelara para melhor poder soccorrer o filho do seu inimigo; e voltava, bradando:

— Na guerra como na guerra!

— Sim mancebo, tendes razão! bradou com terrivel violencia

o conde de S. Vicente. Mas ha apenas uma differença! E' que n'outro tempo a guerra fazia-se lealmente e agora pela traição!

Ao ouvir esta voz, fr. Fabricio tornou-se pallido e murmurou:

— Com que então o conde de S. Vicente auxilia o miseravel!

Devéras convencido de que estava em frente de Gomes Freire, sentiu-se estremecer.

Toda a narrativa ouvida ao geral da ordem lhe veiu á memoria e então, colerico, fóra de si, ia ordenar a chacina.

Porém elle estava na presença do homem que era seu irmão e cujo pae levara um desgraçado á forca, um pobre que tivera a coragem de defender seu filho contra um nobre.

Nas falsidades do jesuita, n'essa narração adequada pelo geral ás circumstancias, via o motivo do seu odio, da sua intensa raiva.

Agora chegavam as mulheres da tribu com archotes, viam-se-lhes os rostos bronzeados, os fatos vistosos, aquelles ares de pequenos selvagens prestes a lançarem-se sobre a presa.

Approximavam-se pouco a pouco e elle, com um gesto, ordenou aos ciganos:

— Conduzam este homem ao interior de casa.

Mas o conde dava um pulo para traz e fazendo um jogo perigoso com a espada, bradava:

— Para traz!

— Esteja tranquillo ou morre, senhor alferes! gritou-lhe o cigano Zara apontando o trabuco.

Os outros praticaram o mesmo e S. Vicente, rendido ante a evidencia, exclamava:

— Meu genro. Não podemos na realidade vencer estes miseraveis! Comprehendo as suas intenções! Offerecer-lhes-hemos um resgate! O frade pagou-lhes, pagar-lhes-hemos tambem!

— Seu genro! gritou o frade. Não sois então Gomes Freire?

— Não... Sou o conde de Assumar, volveu com dignidade o fidalgo, accrescentando:

— Mas respondo do mesmo modo pelos seus actos!

— Ah! Sois seu cumplice?!

— Sou seu camarada!

— Que ordenaes? interrogou o chefe dos ciganos.

Fr. Fabricio meneou a cabeça, e por fim exclamou:

— Que estes fidalgos sejam fusilados dentro em meia hora!

— Quanto daes por elles? perguntou então Zara com certa fleugma, buscando negociar e arrastando o frade para longe.

— Quanto pedes?

— Cincoenta mil cruzados e a impunidade!

— Dar-lhes-hei sessenta mil, com a condição de partirem já para Hespanha, e de os fusilarem!

— Acceito!

— Collocarão os cadaveres junto á quinta dos meninos de Palhavã e a justiça, embora se trate de dois grandes fidalgos, terá a cautella de não fazer muitas indagações, ao julgar que o golpe partiu dos bastardos reaes... (*) Tudo é possivel n'este mundo!

— Seja! exclamou o cigano, dirigindo-se a passos apressados para os fidalgos e exclamando:

— Senhores: Preparem-se para morrer!

Fr. Fabricio fez um signal a D. Balthazar d'Athouguia e ficaram a distancia contemplando a scena.

Ao clarão dos archotes, o conde d'Assumar estendeu a mão ao senhor de S. Vicente, exclamando:

— Somos victimas da maior das cobardias!

— Sim! E agora não desceria ao extremo de comprar a vida! Morreremos!

— Como nobres, assassinados por bandidos.

Fizeram mentalmente uma oração.

Nos olhos dos ciganos brilhava a ganancia.

O chefe dera-lhes parte do contracto em voz muito baixa.

Agora conduziam os fidalgos para a extremidade do jardim, ligavam-nos solidamente, sempre acompanhados pelas mulheres que empunhavam serenamente os archotes e sahindo da propriedade, conduziam-nos para o acampamento.

Zara, bateu uma palmada na testa e para o frade que assistia impassivel á scena, exclamou:

—Oh! Frei... Melhor que a vossa idéa é a minha! *Pepe,* o meu urso, não come desde hontem!

Fr. Fabricio soltou uma gargalhada e D. Balthazar estremecendo, murmurou:

(*) Os meninos de Palhavã eram filhos bastardos de D. João V.

— Oh! E' horrivel!

Assumar e S. Vicente, de mãos ligadas, o pensamento em Deus, uniam-se um ao outro e esperavam morrer por aquella noite negra, em que os ciganos tinham medonho aspecto á luz dos archotes resinosos.

— Vamos a isto, rapazes! gritou Zara.

Os seus companheiros enfileiraram-se e apontaram as espingardas. Mas n'este momento uma joven cigana, de côr bronzeada e aspecto resoluto, entregava a outro o archote que segurava e bradava:

— Meu pae... Zara! Chefe!... Perdão para o mais novo!

— Eh! Vae-te Noemia... Nada de tolices, lembra-te que os fidalgos são nossos inimigos!

— Não quero! Não o matareis!... E eu... Terei a coragem de estrangular o frade maldito!

— Vae-te, moçoila! gritou o chefe em voz rancorosa!

— Oh! Então para que o mate eu morrerei tambem... Foi elle o bom senhor que em Oeiras nos deu uma bolsa d'ouro pela *buena-dicha*. Não o matareis!

—Sahe d'aqui! gritou cheio de rancor o frade, correndo para a joven, que o olhava cheia da mais intensa raiva, clamou:

— Tu... tu é que precisavas a morte!

— Agarrem Noemia! ordenou Zara ás mulheres. Está louca, porque nos quer roubar sessenta mil cruzados!

— Sessenta mil cruzados! berrou a turba, e as mulheres com furia lançaram-se sobre a joven que debatendo-se, gritava:

— Soccorro! Soccorro!

Como resposta á voz do chefe, exclamava:

— Apartem!

— Soccorro! Soccorro!

Ao longe ouvia-se o tropel d'uma grande cavalgada.

XXXIII

As desgraças de fr. Fabricio

STAVA tudo a postos. Os ciganos enfileiravam-se apontando as espingardas, os prisioneiros murmuravam as ultimas orações, n'aquelle momento em que se ouviu o tropel da cavalgada.

A joven cigana, segura entre as companheiras, debatendo-se, os olhos chispando clarões colericos, berrava desesperadamente:

— Soccorro! Soccorro!

Assim n'aquelle grito, ella atraiçoava os seus recordando-se que era necessario salvar esse homem que lhe dispensara protecção n'outro logar e continuava a gritar sempre, tendo um sorriso de jubilo ao vêr approximar-se a cavalgada que entrava a todo o galope no acampamento.

Eram uns vinte homens que entrevistos aos clarões dos archotes mostravam as physionomias patibulares, das sellas dos cavallos pendiam arcabuzes, uma voz bem timbrada, gritava:

— Rapazes! Temos boa presa!

Cercaram rapidamente o recinto, apearam-se dos cavallos e apontavam os arcabuzes, ao mesmo tempo que o chefe corria para o meio do grupo depois de ter estendido os braços a uma mulher que trazia á garupa, e bradava:

— Entreguem-nos tudo!... Vamos! Nada de demoras!... Temos que ir ao encontro d'uma caravana de peregrinos fidalgos que vem de Mafra!...

— Que queres?... exclamou n'este momento a voz rude de Zara collocando-se o chefe dos ciganos em frente dos recemchegados.

— Que quero?... Mas por Deus... Tudo que nos possam entregar! replicou ousadamente o outro.

— Mas quem és?

— Sou Joannico, o bandido!

— Joannico! bradaram todos com admiração, ao passo que os dois fidalgos collocados a distancia buscavam saber do que se tratava.

— Sim, Joannico, já me conheceis, bem?

— Pessoa alguma ignora o teu nome desde ha alguns dias... Tiveste a audacia de penetrar no convento da Boa Morte e roubares os vasos sagrados! replicou o cigano.

— Isso nada é! exclamou um dos bandidos com uma especie de altivez. Sabe pois, já que tanto admiras esse feito que o chefe vem d'um logar onde ninguem se atreveria a entrar nem mesmo de dia! Vem da Inquisição!

Um brado immenso se ouviu e toda a tribu rodeou o bandido que relanceava o olhar e deparava com fr. Fabricio e com D. Balthazar d'Athouguia.

Então, como se desejasse conhecer o que os juntava ali, clamou:

— Cala-te Sempronio! Nada de alardeares as proezas do bando! E vós outros, dizei-me, o que fazeis aqui... Explicae-me a presença d'aquelles homens amarrados lá em baixo e que segundo me parece ieis fusilar quando alguem gritou por soccorro... Sem duvida um dos prisioneiros!

— Não, Joannico, não foram elles! Fui eu! gritou Noemia collocando-se em frente do bandido, ao mesmo tempo que a Chiquita encostada ao hombro do amante, lhe dizia:

— Tu? Mas gritavas então contra os teus... Não gira nas tuas veias sangue bohemio...

— Oh! Bella joven... volveu a outra. Eu buscava salvar alguem que fôra muito bom para mim!

— Que faz além aquelle frade?... Raio! Passamos a noute em historias de tonsurados!... exclamou o Joannico.

Mal acabara de pronunciar estas palavras, um grande grito se

ouviu e um outro frade sahido do grupo dos bandidos se lançava para a frente, bradando:

— Oh! o reverendo fr. Fabricio!

— Quem és tu? interrogou o oratoriano, ao passo que os ciganos e os bandidos soltaram gargalhadas.

— Sou o leigo Marcolino...

— Tu? O porteiro da Inquisição! clamou o outro admirado, interrogando de seguida:

— Mas como te encontras aqui?

O leigo relanceou a vista pelos bandidos, fez-se livido e cerrou os labios não se atrevendo a responder.

Porém Joannico de muito bom humor, avançando para fr. Fabricio cujo rosto viu ao clarão dos archotes, começou:

— Tendes muito interesse em saberdes a aventura do leigo?... Pois eu vol-a conto... Imaginae, bom frade, que ha n'um canto da cidade um tribunal onde se julgam e são sempre condemnados aquelles que ali entram!...

— A santa Inquisição!... murmurou o oratoriano.

— Oh! Ainda bem que a conheceis pelo esboço! redarguiu o rapaz, emquanto os outros continuaram a rir.

— Ora um dia lembraram-se de conduzir para ali uma mulher accusada de feiticeria porque pertence á tribu dos ciganos!

— Quem é?... Quem é? interrogaram todos.

— Eu... A Chiquita! gritou a joven saltando para o meio do grupo e fazendo uma venia comica ao reverendo, que bradou:

— Vós?... Mas como vos encontreis aqui?

— Pelo mesmo motivo que o vosso leigo! respondeu Joannico com uma risada.

— O que?

— Foram ambos raptados esta noute!

— Impossivel! Na Inquisição ha guardas, ha famulos, isso seria a maior das ousadias!

— Ouça o resto, meu padre, ouça e espalhe á sua vontade na cidade mais esta minha proeza e diga ás justiças de Sua Magestade que eu as desafio a virem prender-me desde Lisboa ao pinhal de Leiria! Mas ouça o resto.

O Joannico narrava então muito fielmente a aventura, alardeando a sua proeza, desejoso de celebridade, por entre as excla-

mações admiradas dos ciganos que começavam a encaral-o como um semi-deus, e o espanto do frade e de D. Balthazar d'Athouguia, que muito tremulos em frente do bandido, bradaram:

— Já é necessario ser valente!

— Como as armas! replicou o leigo, recordando-se do que se passara com elle e supplicando ao frade:

— E agora defender-me-heis, não é assim?

— A isso vos intimo! Direis que ouvisteis a narração feita pelo proprio Joannico, que teve o prazer de pedir o perdão do leigo Marcolino aos senhores inquisidores... Espera que suas reverencias e grandezas lhe farão essa vontade para que possam viajar tranquillos!

— Assim farei! redarguiu fr. Fabricio, com convicção, emquanto D. Balthazar exclamava:

— E eu servirei de testemunha!

Ao ouvir esta voz, o bandido olhou-o bem e de repente bradou:

— Vós aqui?

— Conheceis-me?

—Pois quem não conhece v. s.ª? interrogou a cigana com um olhar de colera, continuando:

— E estaveis então tão silencioso ao ouvirdes falar da Chiquita?!

— Já vos reconhecera...

— Sim... Mas nem uma palavra... Nada, que podia o meu amante recordar se um pouco do passado!

Fr. Fabricio, lançou um olhar rancoroso para o fidalgo, e murmurou:

— Do passado?

— Sim, reverendo fradepio, do passado! Sabei que o vosso camarada já uma vez em companhia de alguns fidalgos tentou contra a vida de Joannico!

— Oh! O infame! Morre!... Morre!... gritaram os ciganos, ainda enthusiasmados pela narração do bandido.

Corriam então para o fidalgo que se fazia livido, e o salteador, com um sorriso de despreso nos labios, exclamou:

— Para traz!

— Mas, chefe, é necessario vingar essa affronta! gritaram os bandidos.

— Rapazes! Retirem-se! ordenou elle com grande auctoridade ao mesmo tempo que era logo obedecido.

Voltara-se então para os ciganos e bradava:

—Sabem que sou eu só quem costuma lavar as affrontas que recebo, como pagar os beneficios que me fazem! Vim aqui porque vos julguei d'uma comitiva que espero! Deparo com estes homens e encontro um inimigo... Sem duvida este frade e este fidalgo seguir-se-hão áquelles dois que ali estão em baixo para serem fusilados!...

Zara quiz falar, mas o chefe dos bandidos fez um gesto e exclamou:

— Não quero roubar os collegas! Sois pobres e revoltados como eu! Precisaes d'ouro! Se tivesse encontrado este homem n'um bando fidalgo, atacaria toda essa gente para lhe dar o direito de á força se bater commigo... Assim vejo-o prisioneiro de vós outros e apenas tenho a perguntar-vos: Quanto vale a vida d'este homem?

— Mas... volveu o cigano com um sorriso extranho no rosto bronzeado.

— Fala!

— Não é nosso prisioneiro! Pelo contrario, pagou com este frade a vida de dois fidalgos!

— Já recebestes o dinheiro?

— Sim, recebi a sua equivalencia... n'um papel que o judeu Pacifico Moysés...

— Muito bem... Fusila então esses dois homens... Se queres fusila tambem o fradepio, mas deixa que me bata com esse fidalgote!

Atirava uma espada a D. Balthazar, arrancava outra da cinta d'um dos seus homens e bradava:

— Vamos, senhor! Dois de vocês illuminem a scena!

D. Balthazar, muito livido, pegava na espada e obedecia ao bandido.

Zara, berrava aos seus homens:

— Vamos acabar com isto!

Collocaram-se de novo em frente d'Assumar e S. Vicente, apontavam já as espingardas ao passo que Noemia gritava sempre:

— Oh! Perdão!... Perdão! Para o mais novo perdão!...

Via a Chiquita a seu lado, corria para ella, deitava-lhe as mãos ao pescoço, orvalhava-lhe o rosto de lagrimas e supplicava:

— Oh! Tu... Deves ser boa... E's a amante do grande bandido. Pede-lhe a vida do fidalgo!

A cigana deixava-se enternecer, ia proferir algumas palavras, mas n'este momento Noemia soltava um grito e corria para Joannico ao ouvil-o exclamar para o senhor de Athouguia:

— O senhor que com os seus companheiros no café *Neutral* de Belem tinha despreso de se bater com o criado do conde de Assumar vae agora cruzar o seu ferro com o mesmo transformado no bandido Joannico!

Fr. Fabricio junto dos ciganos, bradava:

—Depressa! Depressa! Façam fogo!

Mas Noemia, exclamava com desespero:

— O criado do conde de Assumar?... Quem é? Onde está o servo d'esse fidalgo que vão fusilar?

— O quê? bradou o bandido fazendo-se livido.

— Sim... E' elle que além está! gritou a joven desesperadamente, lançando-se aos pés de Joannico, que bradou:

— Com mil raios!... Devia tel-o comprehendido! São estes os amigos de D. Ramiro de Noronha! Oh! Com mil raios!...

Já os ciganos iam fazer fogo, mais uns instantes e os fidalgos seriam victimas.

Porém o bandido correra para os executores, collocara-se-lhe na frente e bradava:

— Suspendam! Suspendam!

— E porque? gritou Zara admirado.

— Porque se não fosse a joven cigana que gritou por soccorro e me acaba de dizer um nome, eu ter-vos-hia enforcado a todos!

— Mas Joannico...

— Sim, e sabeis porque?... Porque ieis assassinar a unica pessoa que respeito no mundo!

Um grito de admiração saíu de todos os labios e o bandido, correndo para o fidalgo e reconhecendo-o, exclamou commovido:

— Meu amo! Senhor conde!

— Tu?... bradou o senhor de Assumar cheio de pasmo.

— Eu sim, eu, senhor conde, que vos ia deixando assassinar!

A Chiquita desamarrava os braços dos fidalgos e bradava:

— Mas os miseraveis pagarão bem caro a sua acção, não é assim, Joannico!

— Certamente! Certamente! Oh! Meu bom amo...

E aquelle bandido audaz e respeitado além no meio da sua quadrilha em frente dos seus homens, ao lado da amante, olhado com pasmo pelos ciganos, beijava com respeito a mão do fidalgo, e murmurava sempre:

— Oh! E lembrar-me que se não fosse essa joven v. ex.ª estaria morto a essas horas!

— Joannico, agradeço-te, és um valente...

— Oh! Meu bom amo... Essas palavras na bocca de v. ex.ª são a minha maior recompensa!

— Dá-me a tua mão! gritou com commoção D. Pedro de Portugal.

O chefe da quadrilha recuou, encarou-o como assustado e retorquiu:

— Senhor conde... Senhor conde...

— Que tens? Que significa isso?

— E' que ha alguns mezes poderia ainda, apesar de ser apenas um humilde servo, apertar a mão de v. ex.ª, porém hoje...

— O quê? Joannico!

— Sou um bandido!

— O que, és tu o celebre Joannico? perguntou cheio de assombro o conde de S. Vicente.

— Sim, meu fidalgo, sou eu!... Eu a quem os inquisidores deram audacia, eu que me revoltei e que seguirei o meu destino!... Prenderam-me a mulher que amo, a Chiquita que tenho a honra de vos apresentar, e eu feito bandido pela perseguição de que era alvo acabo de a arrancar da propria Inquisição!

— Oh! E' assombroso! gritou D. Pedro com certo desgosto.

O antigo servo, voltava-se para os seus homens e bradava:

— Conduzam até aqui esse frade e esse fidalgo!

— Que vaes fazer? interrogou o conde olhando-o de frente.

— Ides vêr, excellencia!

E com rancor, agarrando fr. Fabricio pela gola do habito e D. Balthazar d'Athouguia pela casaca, vergou-os, gritando:

— Ajoelhem-se miseraveis e peçam perdão ao meu nobre amo, ao mais leal e digno fidalgo d'estes reinos!

Elles ficaram de joelhos aos pés do conde e o frade cobardemente balbuciou:

— Perdão, senhor conde de Assumar .. Bem sabeis que não vos era dirigido este golpe!

O fidalgo teve para elle um longo olhar de despreso e não respondeu.

Joannico, então com maior raiva, gritou a D. Balthazar:

— Agora tu!

— Eu? Prefiro morrer...

— Perdôa a um fidalgo semelhante humilhação! disse o conde de S. Vicente. Descança que as nossas espadas são compridas para o deter a distancia!

— Desculpe, meu fidalgo, a vida d'esse homem pertence-me!

Voltou-se para os seus homens, e ordenou:

— Enforquem esse frade!

E para D. Balthazar, disse:

— Agora nós!

Os bandidos levavam o oratoriano aos encontrões, rasgavam-lhe o habito, soltavam gargalhadas trocistas e os ciganos associavam-se ás injurias arrastando o frade que supplicava:

— Perdão! Perdão!...

Noemia soltava uma gargalhada e gritava:

— Oh! bem dizia eu!... Ha Deus! Ha Deus!...

E o pae, o Zara, com um olhar rancoroso para ella, murmurou:

— Pagal-o-has, patifa... Roubaste á tribu sessenta mil cruzados!

A Chiquita ouviu-o e abraçou Noemia, murmurando-lhe:

— Queres ir comnosco! Teu pae matar-te-hia!

— Oh! Sim... Sim, boa Chiquita, quero ir comvosco!

O conde de Assumar lançava-se entre o seu antigo servo e D. Balthazar e exclamava:

— Joannico!

— Senhor conde!

— E's meu amigo?

— Daria a vida por v. ex.ª...

— Muito bem... N'esse caso perdoa a esses homens... Não quero proceder como elles procederiam!

O rapaz curvou a cabeça, deu uma ordem a Sempronio e ao vêr de novo o frade na sua frente, exclamou dirigindo-se a elle e a D. Balthazar:

— Poupo-vos a vida... Porém á segunda vez que vos encontre no meu caminho em attitude hostil, morrereis! E agora conduzam-nos para a casa isolada, de manhã deem-lhes a liberdade! ordenou elle aos seus homens que se apressavam a cumprir a ordem.

Fr. Fabricio por entre os apupos, com os habitos rasgados, contundido affastou-se do lado do fidalgo e vigiado pelos bandidos.

E era esta scena que no dia seguinte contava a José Maria de Mello no convento das Necessidades.

O chefe dos bandidos voltava-se para Zara e dizia-lhe:

— Toma um dos meus cavallos, corre a Lisboa e recebe o teu dinheiro... Estás pago e perdôa a tua filha!

— Noemia acompanhar-nos-ha! resolveu então a Chiquita com amisade, accrescentando:

— Será a minha companheira!

—Seja! bradou o bandido encarando Zara, que volveu:

— E' menos uma no bando não é o que julgaes, Joannico? Pois bem, sabe que amo minha filha e não a deixarei partir!

Agarrava-a com força e ella chorando muito, ficava ante as palavras do senhor d'Assumar, que dizia:

— E' seu pae, tem razão!...

— Sim... Tem razão, accrescentou o conde de S. Vicente.

Despediram-se então com grandes mostras de amisade do bandido, o conde montava a cavallo assim como o senhor de S. Vicente, e dizia a Joannico:

— Meu rapaz fala-me para as tuas bodas, quero ser o teu padrinho.

— V. Ex.ª?...

— Sim eu... Para mim és ainda o mesmo Joannico bravo e leal.

Picava o cavallo que começava a trotar e dentro em pouco a quadrilha affastava-se tambem emquanto os ciganos vigiavam os prisioneiros.

E na garupa do cavallo de Sempronio via-se o leigo Marcolino, que bradava enthusiasmado:

— Que grande homem é o Joannico!

XXXIV

Os ciumes da princeza

Maria I, no seu ar amollentado, tristonho, scismador, estava reclinada na poltrona, tendo como sempre deitada a seus pés, a negra favorita, em cujos olhos havia por vezes, clarões maliciosos. Soubera os sucessos da noute e aguardava os acontecimentos.

A soberana ainda cousa alguma sabia; estava para ali no seu ar costumado, murmurando orações, passando nos dedos um rosario, quando a condessa de Lumiares annunciou:

— Sua alteza real, a senhora princeza do Brazil!

D. Maria Benedicta, a irmã da rainha e esposa de D. José, principe do Brazil, entrou como louca pelo aposento e sem beijar a mão da rainha permaneceu na sua frente muito tremula, na maior das agitações, emquanto a soberana lhe perguntava um pouco despeitada:

— Que tendes, alteza?

— Venho pedir justiça a vossa real magestade! gritou ella n'um brado potente.

Nos olhos da negra passou um clarão ao ouvir a rainha interrogar na sua voz molle:

— Justiça, e contra quem, alteza?

— Contra sua alteza, vosso filho e meu esposo! disse enfurecida a princeza.

D. Maria I, ergueu-se na poltrona, e muito pallida, exclamou:

— Contra o herdeiro da corôa... ? E sabeis o que pedis?

— Sim, real senhora, fui offendida na minha dignidade de esposa e de princeza real! Uma das vossas açafatas é amante de meu marido!

— Que dizeis?

— A verdade!

— Ah! E é contra o principe que vindes pedir justiça? exclamou a rainha tornando-se então livida.

— Sim, pois que saíu do paço real para se ir encontrar com essa mulher, saíu do paço para entrar em rixas com fidalgos que buscaram oppor-se aos designios malevolos de sua alteza!

— Impossivel, senhora!...

— Vossa magestade, se duvída, toda a côrte lhe dirá o mesmo!

— Mas... Oh! Conheço bem meu filho, sei-o arrebatado em negocios de politica mas sei-o tambem bom cumpridor dos seus deveres! exclamou a soberana com altivez.

— O que não impede de se bater com fidalgos!

— Bater! Um duello! Sua alteza transgrediu as posturas? interrogou a voz fanhosa da pretinha favorita.

— Sim... D. Rosa tem razão... Dizei, princeza, meu filho transgrediu os decretos!

— Sim, real senhora... Bateu-se hontem á noite no pateo das Damas com dois fidalgos...

— Elle? interrogou a rainha no auge do assombro.

— Sim, real senhora, e bateu-se por D. Maria de Penha!

— O quê? D. Maria de Penha, a minha açafata!

— A amante do principe!

— O quê? E' d'ella que se trata?

— Sim, real senhora...

— D. Maria de Penha, a quem estimo, a quem conheço! Ella mantendo relações com sua alteza real?

— Sim, real senhora, assegurou de novo a irmã da soberana, clamando:

— Peço-vos pois um exemplar castigo para essa dama, peço-vos um correctivo para o principe que assim mancha a dignidade real!

D. Maria Benedicta fallava sempre rancorosamente, atirando as palavras sibillantes, desejosa d'uma exemplar vingança, muito perturbada.

— E quem são os fidalgos que se atreveram a levantar a espada para aquelle que um dia será o seu rei?

— Esses fidalgos não conheceram sua alteza! bradou a princeza, contente com o papel que os dois amigos tinham desempenhado n'aquella scena.

— Quem vol-o assegura? interrogou a rainha.

— Sua alteza ia disfarçado!

— Disfarçado?

— Sim, real senhora, disfarçado em cadete!

— Oh! Tudo isso é extraordinario!

— Prova apenas como meu esposo se amesquinha!

— Senhora! gritou a rainha deveras irada, encarando-a com magestade!

E para D. Rosa, exclamou:

— Vae chamar o senhor capitão da guarda!

— A's ordens de vossa real magestade!

Ia sahir, porém n'este momento um homemsinho magro, vestido no cumulo da garridice, entrava a porta do aposento e exclamava:

— Com licença de vossa real magestade, eu aqui estou para vos dar explicações!

— Vós, senhor ministro! E que sabeis de tudo isso, conde de Villa Nova da Cerveira?

— Vossa magestade, fez-me a honra de me nomear presidente do real erario durante a doença do senhor marquez d'Angeja, meu nobre collega, e eu esforço-me por desempenhar os deveres do meu cargo.

— Sim, conde, conheço a vossa intelligencia!

— Por isso aqui estou! Logo de manhã recebi a participação dos successos da noite... Sei que uns fidalgos attentaram contra a vida de sua alteza real, o principe herdeiro! Não foi necessario a nota da intervenção da policia por isso que alguem se encarregou de me fazer todas as prevenções! O attentado é a maior das infamias! E reunindo os meus collegas, deliberámos apresentar á sancção de vossa real magestade as sentenças a que condemnamos esses miseraveis!

— Ah! Estão presos? interrogou D. Maria I, como se estivesse livre d'um grande peso.

— Sim, real senhora... Aguardam apenas a condemnação! O processo é summario e...

— E a que condemnaram esses fidalgos? perguntou rapidamente a princeza!

— A' morte no patibulo, alteza! gritou o ministro com um sorriso lisongeiro.

— Impossivel! Esses gentis homens defenderam-se... Foi meu marido que os desafiou! exclamou com energia D. Maria Benedicta.

— Alteza! exclamou admirado, o ministro.

— Sim, senhor conde, e para demais elles não conheceram sua alteza!

— Alteza, mas...

— Já vos disse!... Eu propria me custou a reconhecel-o... Se não tivesse ouvido a sua voz não o acreditaria nunca!

— Vós? exclamou a rainha cada vez mais admirada.

— Eu, sim, real senhora...

— Mas assististeis...

— A grande parte da scena!

— Vossa alteza chegou a vêr a aggressão? interrogou com ousadia a preta favorita.

A princeza lançou-lhe um olhar desprezador e para o ministro, disse:

— Quasi posso jurar que esses fidalgos não reconheceram sua alteza!

— Mas, alteza, esses homens são capazes de todos os sacrilegios!

— Conheceis alguma cousa a seu respeito? interrogou a princeza do Brazil, esforçando-se por salvar a cabeça dos accusados.

— Sei... E o santo fr. José Maria de Mello, ainda ha pouco me dizia os seus precedentes!

— Precedentes? interrogou a rainha.

— Sim, real senhora... São elles os sacrilegos das Salezias!

— Ah! Sempre esses homens! exclamou muito raivosa a soberana.

D. Maria Benedicta fizera-se pallida e exclamou:

— Mas, real senhora... O unico culpado, o mais criminoso de todos é o principe D. José de Bragança! Que resolveis a seu respeito? Se elle insulta fidalgos que se defendem não o conhecendo e

esses homens são condemnados á morte... Que castigo reserveis então a vosso filho?

— O castigo digno d'um futuro rei, alteza! Para demais, temos que esse virtuoso varão que se chama fr. José Maria de Mello, nos garante de antecedentes de...

— De Vasco de Miranda e de Gomes Freire de Andrade! exclamou o ministro radiante.

— E quem vos garante, real senhora, a sinceridade d'esse a quem chamaes virtuoso varão? perguntou de parte uma voz aflautada, ao mesmo tempo que o bobo da rainha entrava impavido na sala e com um ar alegre, continuava:

— Eu tambem lá estava no pateo das Damas e assisti até ao fim da scena a que esse D. Ramiro de Noronha arrastou sua alteza sem duvida por conselho d'esses jesuitas...

E D. João de Falperra, o bobo, fallava quasi com seriedade e olhava a rainha que lhe bradava:

— Cala-te por agora... São muito graves estes negocios para ti!...

— Real senhora, para mim nada ha de grave... Seria tão bem vosso ministro como este espantalho que não tem em cima de si um trapo que seja d'elle!... Deve tudo!...

E o bobo corria para o ministro que se fazia pallido, e face a face exclamava:

— E's capaz de negar, meu rato de egreja?

— Real senhora, taes insultos!

A rainha soltou uma gargalhada e exclamou:

— Ora é D. João que falla!

— Por agora em voz baixa com o senhor ministro, se m'o permittem, logo em voz alta se elle não me quizer ouvir! volveu no seu aprumo, o truão.

— Larga-me, por Deus! bradou com indignação o senhor de Villa Nova da Cerveira.

Mas o amigo de Vasco de Miranda agarrava-o e em voz muito baixa, dizia-lhe:

— Olha que eu sei da venda dos empregos! Se não salvares a cabeça d'esses fidalgos, conto tudo á rainha!

Elle fez-se pallido, olhou-o cheio de admiração, recordou-se dos despachos de desembargadores e outras conezias que trafica-

va e avançou de novo para a soberana, emquanto o bobo o ficava olhando ironicamente.

Era agora muito extranha a situação d'aquelle ministro collocado em face da rainha a quem pedira a sentença de morte de dois homens, e ameaçado pelo bobo que os desejava salvar.

D. Maria I, fez um gesto á princeza e disse-lhe:

— Alteza, recolha-se aos seus aposentos...

— Justiça, real senhora! gritou ella cada vez mais desesperada.

— Tel-a-heis! volveu a rainha.

— Perdoae a esses fidalgos! supplicou a esposa do principe.

— Nunca! gritou a rainha, pedi tudo, excepto isso! E' um ultrage á pessoa sagrada d'um principe, commettido por gente condemnada pelos seus actos anteriores!

— Mas, real senhora, vós perdoastes tambem a esse jesuita que tentou contra vossa magestade! disse a princeza muito audaciosamente.

— Retirae-vos, alteza! Eu sou a rainha!

D. Maria Benedicta curvou a cabeça e sahiu rapidamente ante o gesto magestoso da soberana.

D. Rosa com o seu sorriso malicioso, sentou-se aos pés da sua real ama que se deixara cahir na poltrona, muito raivosa e o ministro ficou de pé em frente da soberana.

O bobo, ao vêr sahir a princeza, seguiu-a e depois no corredor, alcançando-a, exclamou:

— Alteza real!

— Que queres? volveu ella enxugando as lagrimas.

— Odiaes muito D. Maria de Penha, não é assim?

— Oh! Do intimo d'alma!

Elle teve uma contracção nervosa na physionomia e volveu:

— Julgaes essa dama a amante de vosso esposo, não é assim?

— Tenho a certeza! Vi tudo!

— Penetrastes por acaso nos aposentos da açafata?

A princeza muito admirada pelo tom serio em que o truão lhe fallava, dignou-se responder:

— Não... Isso não!

— Como affirmaes então essa mancebia?

Cheia de raiva e de colera, bradou:

— Defendes essa mulher?

— Justifico apenas vosso esposo!

— Tu? Um truão, pretendes defender um principe!

— Alteza! Os truões tambem ás vezes se revoltam contra as injustiças, os bobos, os parasitas dos paços reaes, tambem tem alma para comprehender o bem, tambem sabem vêr as traições!

Cada vez mais impressionada por aquelle tom do bobo, D. Maria Benedicta começou a olhal-o mais attentamente e perguntou:

— Que queres dizer?

— Que D. Maria de Penha está innocente!

— Innocente?! Oh! Se eu não visse...

— Vossa alteza viu apenas um homem embrulhado n'uma capa de cadete saltar uma janella!

— E não é uma prova que a açafata aguardava o...

— O seu noivo!

— Noivo?

— Sim, alteza, o seu noivo agora condemnado á morte por esse imbecil ministro!

— Mas...

— Sim, alteza, D. Maria de Penha esperava como quasi todas as noutes Vasco de Miranda, cadete do regimento de Peniche... D'ahi o disfarce de sua alteza, a fórma como penetrou em sua casa...

A princeza sobresaltou-se, fez-se livida e interrogou:

— O quê? Esse Vasco de Miranda que está preso é cadete do regimento de Peniche?

— Sim, alteza real!

— Mas então é apenas a meu marido que cabem todas as responsabilidades!

— A elle que de ha muito a persegue mas que seria incapaz d'um mau acto, se não fosse aconselhado por alguem...

— Ah!

— Sim... Por D. Ramiro de Noronha que quiz comprometter esses homens que são seus inimigos... Lembrae-vos, alteza, que elles são os raptores da sobrinha do cardeal da Cunha...

— E então?

— E D. Ramiro era o noivo d'essa dama!

A princeza soltou um grito ao comprehender a verdade desde que o bobo lhe explicava:

— Então, sabendo que D. Maria da Penha concedia uma entrevista ao seu noivo, aconselhou sua alteza que se disfarçasse, esperando que o cadete chegasse e travasse a lucta com o principe d'onde lhe resultaria desgraça...

— Mas D. Antonia...

— Essa é uma vibora que obedece a José Maria de Mello!

— E esse frade..

— Odeia tanto como Ramiro de Noronha e os amigos d'estes, o raptor da sobrinha do cardeal, um alferes de nome Gomes Freire, que está tambem preso...

— Meu Deus! E eu que accusei D. Maria de Penha! E' o maior dos peccados... O falso testemunho...

— Mas vossa alteza póde ainda remediar o mal!

— Como? exclamou ella no auge da afflicção.

— Narrando tudo isto a sua magestade que a mim não me acreditaria!

— Tens razão... E' necessario salvar a reputação d'essa mulher e casal-a com Vasco de Miranda!

— Só se fôr nos degraus da forca!... Eu conheço bem o ardil dos jesuitas e elles agora contam com vosso esposo para fazer justiça a esses dois fidalgos!

— Sim... tens razão... E contam tambem com a indignação que esse acto deve causar em sua magestade...

— Além d'isso, têm o apoio d'el-rei e do principe D. João...

— Oh! Serei vencido! bradou elle no maior dos desanimos sentindo não poder remediar todo aquelle mal.

Comprehendia agora bem a intriga, via as cousas muito claramente e no seu intimo religioso travava-se uma lucta, nascia um grande remorso.

— E' necessario! E' necessario! bradou ella.

— E' necessario sim alteza, os innocentes não devem pagar pelos culpados!

— Pois bem... Hei-de cumprir o meu dever! No ultimo caso, eu, a esposa ultragada, lançar-me-hei aos pés do principe a supplicar-lhe a vida d'aquelles que levantaram contra elle as espadas!

— E' a unica cousa que temo! O principe é orgulhoso!

— Mas é bom...

O bobo espraiava o olhar pelo corredor, e de repente, exclamava:

— Oh! Se quereis salvar esses pobres fidalgos, correi, alteza, que D. José dirige se para os aposentos da rainha!

— Meu Deus!

— Vae pedir justiça!

— E a justiça n'este caso são umas sentenças de morte!

— Vamos!

Perderam-se no corredor e dentro em pouco chegaram á porta dos aposentos da rainha.

Viam sua magestade, acariciando distrahidamente a carapinha da negra favorita e tendo na sua frente o conde de Villa Nova da Cerveira a quem dizia:

— Tudo escusado, senhor ministro, são muitos sacrilegios! Esses homens são uns herejes! E para demais vós mesmo ainda ha pouco os condemnaveis á morte! Ractificarei a vossa sentença!

O ministro tornava-se livido ao recordar-se da ameaça do bobo, e via a rainha tomar a penna com que iria assignar aquellas sentenças.

Mas ouviu-se uma voz varonil vinda da porta dos aposentos do arcebispo e o principe D. José, entrando, bradava:

— Justiça, real senhora!

— Justiça vos será feita, alteza real! volveu a rainha traçando a sua assignatura n'um gesto rapido, no fim das sentenças.

XXXV

Justiça real

princeza D. Maria Benedicta, ao ouvir as ultimas palavras da rainha, recuou tambem e ficou entre a porta tomada de terror, emquanto o bobo se escondia n'uma meia sombra.

D. José, digno e com modesta attitude em frente de sua mãe, encarava o ministro e exclamava:

— Senhor conde, sem duvida fosteis mal informado!

E para a rainha que acabava de assignar as sentenças de morte, volveu:

— E vós, real senhora, enganastes-vos na justiça que peço...

— Enganei-me? bradou cheia de assombro a rainha.

Os espectadores da scena olhavam admirados esse principe que fallava d'aquelle modo endireitando-se, e começando de novo:

— Sim, enganastes-vos, real senhora. Essas sentenças de morte são injustas! Eu sou o unico culpado!

O conde de Villa Nova da Cerveira teve um sorriso tranquillo, a rainha ergueu-se na poltrona emquanto D. Maria Benedicta murmurava:

— Oh! Como elle é bom... Como elle é grande!

Apenas D. Rosa, a negra favorita, de olhos rebrilhantes e nariz roido, tinha um ar desesperado ante a confissão do herdeiro da corôa que ia dizendo sempre:

— Sim eu sou o unico culpado! Como se póde castigar os sub-

ditos, desde que os proprios senhores os provocam, os desafiam... Eu sou principe e comprehendo os meus direitos, porém, real senhora, comprehendo tambem os meus deveres. . N'um momento d'allucinação esqueci tudo isso... Foi a primeira e será a unica falta da minha mocidade! Tenho vinte e quatro annos de edade mas ha doze que aprendo os deveres dos reis, ha doze que me exercito n'esse difficil officio de reinar e por isso tenho a obrigação de saber não perdoar mas fazer justiça e só justiça! Deante d'isto peço a vossa magestade o perdão d'esses fidalgos!

— Alteza, o delicto é grave, muito grave e depois elles são os sacrilegos das Salesias! volveu com grande dignidade a rainha, continuando:

— Não se insulta impunemente um principe, não se levanta debalde uma espada para a pessoa sagrada d'um futuro rei, a defender uma mulher ambiciosa e indigna!

Aqui D. Maria Benedicta não poude deixar de estremecer ao vêr a pallidez desenhada no rosto do principe, que bradava:

— Real senhora!

— Alteza! tornou com orgulho, a soberana.

— Essa mulher é digna!

— Digna?

— Sim, real senhora, sim minha augusta mãe...

— Digna a mulher que recebe a altas horas nos seus aposentos o principe real, alguem collocado muito alto para se tornar seu esposo! Digna, a mulher que faz derramar lagrimas de sangue a uma esposa ultrajada que vem supplicar, sem duvida com o coração retalhado, o castigo do marido infiel e da sua amante! Digna, alteza real, esta mulher! Oh! O amor cega-o!

— Minha mãe... Se amo D. Maria da Penha, n'este momento juro-lh'o que é o mais santamente possivel... Ouvi as suas palavras cheias d'indignação e de colera, ouvi as suas supplicas, as suas recusas, as phrases frementes de honestidade e de grandeza com que me ordenava...

— Ordenava? interrogou o ministro a meia voz vendo ali um ultrage á etiqueta.

— Sim ordenava que saísse do seu quarto! Eu ali não era um principe era um bandido que me introduzira com uma mentira nos aposentos da mulher honrada procurando seduzil-a!

Accusava-se em tom energico, cheio de razão, buscando salvar os outros ao vêr a má acção que commettera.

— O quê? Pois Vossa Alteza não é o amante de D. Maria da Penha? interrogou a rainha com um grande espanto.

— Não, real senhora... Sou apenas um homem que a ultrajou!

— Mas então...

— O quê?

— Ella não é culpada!

— Não, Magestade... Já vos disse que sou o unico culpado! Soube que a vossa açafata tem um noivo... Disfarcei-me com um fardamento egual ao d'esse brioso rapaz e penetrei nos aposentos onde ella o recebe dignamente!

— Alteza, falla verdade? interrogou a soberana muito sobresaltada.

— Sim, minha mãe! Juro-vos pelo meu nome...

— Oh!

— Admirae-vos da minha acção, não é assim? Tambem eu me arrependo, real senhora, e por isso aqui estou penitenciando-me!

— E qual foi a attitude da açafata ao deparar com vossa alteza!

— A mais digna! Fallou-me da minha posição, invocou o nome de minha esposa, contou-me o seu amor por um outro homem e no fim, quando eu quasi louco a ameaçava, ella teve a coragem de puchar d'um punhal...

— Contra vossa alteza? interrogou o ministro muito admirado.

— Não! Contra ella propria... Antes queria cahir morta a meus pés do que faltar á fé jurada a um homem amado!

— Juraes a verdade das vossas affirmações!

— Pelos Evangelhos!

— Meu Deus! Essa mulher é muito honesta! murmurou a meia voz a rainha emquanto o principe continuava:

— Ouvi ruido na rua e saltei a janella, deparei com um homem cujo nome sabia, a sua farda foi uma revelação!

— Era o noivo?

— Sim, real senhora, era Vasco de Miranda!

— E depois?

— Desafiei-o... Trocámos os ferros e por fim elle ao saber quem eu era ficou deveras confundido e penalisado! Mas fui eu quem o desafiou!

— Não vos reconheceu?

— Apenas quando um bando de populares capitaneado pelo vosso bobo entrou no pateo trazendo archotes e quando D. Ramiro de Noronha que me acompanhava, bradou:

— Prendam os aggressores de Sua Alteza!

A rainha estava perplexa ante o novo aspecto que a questão tomava e por fim perguntava:

— Mas ha ainda um outro fidalgo!

— Sei o seu nome... E' o alferes Gomes Freire! Acompanhava Vasco de Miranda e defendeu o amigo no momento em que o meu aio se collocava a meu lado!

D. Maria I curvou a cabeça, ficou uns instantes meditativa e por fim disse:

— Como ás vezes nós condemnamos pelas apparencias! Que dizeis a isto, senhor ministro...

— Mas, real senhora... tinham-me affirmado ser uma tentativa d'assassinato e não um duello...

— E quem vos fez semelhantes affirmações?

— Ora, meu senhor, alguem que as ouvira tambem! volveu o conde escondendo cautellosamente o nome do fr. José Maria de Mello.

— Pois esse alguem mentiu ou enganou-se.

— A verdade é apenas a que sua alteza disse! Acredito-o... E agora resta fazer justiça! exclamou D. Maria I, n'um dos seus momentos bondosos.

— Real senhora... A que castello me devo recolher? interrogou com grande altivez o principe do Brazil.

A rainha teve para elle um olhar de admiração e de espanto e de seguida volveu:

— Vós?

— Sim, minha mãe!

— Mas...

— Não estão presos os homens a quem ultrajei? Não assignaveis ha momentos sentenças de morte?

A mão firme e aristocraticamente diaphana da soberana repelliu os pergaminhos onde traçara o seu nome e exclamou:

— Senhor ministro, rasgue esses documentos!

Depois para o principe, disse:

— Compromettesteis gravemente a reputação d'uma pobre senhora! Sabeis que lhe deveis uma reparação?

— Que estou prompto a dar-lhe, tanto como ao seu noivo! Real senhora, por Deus vos peço que me colloqueis no logar d'esses fidalgos e lhes deis a liberdade!

— Não, alteza! Elles pagarão com a prisão o sacrilegio das Salesias!... Serão julgados... D. Maria de Penha receberá uma pensão e sahirá do paço...

— Ella? Mas real senhora, isso é justiça?

A mãe do principe teve um raio de tristeza no olhar, comprehendeu que o filho tinha razão e volveu:

— E como quereis que ella aqui fique?

— Porque não?

— Esqueceis vossa esposa?

— D. Maria Benedicta será a primeira a reconhecer o seu erro, desde que eu lhe jure ..

— Não vos acreditará!... Julgará que desejaes salvar apenas a nympha açafata!

Ouviu-se então um ruido do lado da porta e a princeza do Brazil, muito digna e grandiosa, avançou lentamente até ao meio do aposento.

Fez-se um silencio demorado. Em todos os cerebros passou a mesma ideia. Julgaram que a irmã da rainha vinha pedir justiça contra a açafata.

Porém ella, com um olhar tranquillo em que envolveu o esposo, ajoelhou-se aos pés da soberana e exclamou:

— Real senhora!

— Descançae, minha irmã, descançae...

— Mais uma vez vos venho supplicar...

— Justiça?

— Sim... Mas verdadeira justiça!

— Quereis dizer?

— Peço-vos que nomeeis D. Maria de Penha para minha dama d'honor!

Um grito unisono de espanto sahiu de todos os labios, encararam admirados a princeza, e viam-n'a levantar-se e exclamar:

— Será esta a melhor fórma de mostrar que não a considero culpada!

— Mas alteza!

— Sei tudo! tornou ella como unica resposta.

— Mas como?

— Ouvi a confissão de sua alteza real, meu esposo, mas antes d'isso já sabia mais cousas... Faça vossa magestade justiça que eu saberei fazel-a tambem!

A rainha ia responder, porém n'este momento a porta abria-se, e D. Maria da Penha apparecia acompanhada pelo capitão da guarda como a rainha o ordenára, emquanto ficara só com o ministro.

A pobre senhora avançava lentamente, muito pallida, os olhos enxutos, mas tendo no rosto signaes evidentes do mais atroz soffrimento, os cabellos louros formavam-lhe como uma aureola de martyrio, muito tremula, no auge da agitação, atirou-se aos pés da rainha e começou a chorar desesperadamente.

Vira o principe e pareceu-lhe ler o castigo no olhar carinhoso que a princeza lhe dirigira, assustara-se com todo aquelle apparato, julgara-se perdida.

A soberana ao vêl-a n'aquella posição, sentiu-se commovida, olhou-a ainda e em voz pausada, disse:

— Sabemos tudo...

— Real senhora... Perdão para elles! foi a phrase que sahiu dos labios da joven açafata.

— Fallaes do vosso noivo e do seu amigo não é assim?

— Sim, real senhora... Elles não reconheceram a pessoa de sua alteza real!

— E para si, o que deseja? interrogou a rainha de muito bom humor.

— Oh! Confio na justiça de vossa magestade!

— Bem! Levante-se! ordenou a rainha!

A joven ergueu para ella o olhar e em voz embargada pela commoção supplicou:

— Real senhora... real senhora... Perdão para elles!

— Levante-se! ordenou mais uma vez D. Maria I.

Então em passos firmes, a rainha avançou para uma pequenina secretaria, escreveu algumas linhas n'um papel, dobrou-o cuidadosamente e ia levantar-se de novo quando viu Benedicta que estava fallando com um sacerdote que sahira dos aposentos do arcebispo-confessor.

Estendia uns papeis á rainha, e ante o olhar de espanto que esta lhe deitava ao lel-os, volveu a meia voz:

— Real senhora... Trouxe-m'os o prior de S. Julião da parte do arcebispo... A armada vae partir... Será a maneira de me fazerdes justiça!

D. Maria I olhou o filho que estava a distancia, depois olhou a princeza, beijou-a nas duas faces e traçando a sua assignatura nos pergaminhos, volveu:

— Serão inimigos a menos para quando elle reinar!

E entregou os documentos á princeza que lhe sorriu agradecida.

Depois chegou-se a D. Maria da Penha e entregou-lhe tambem o pergaminho que escrevera primeiro dizendo:

— Aqui tem, minha senhora, a justiça que me pede!

— Oh! agradeço a vossa magestade... Elles não são culpados!

Mas ao abrir o pergaminho onde julgava encontrar o perdão dos dois fidalgos, fez-se muito pallida e deixou-se cahir desamparada n'uma cadeira.

D. Maria Benedicta correu para ella, acariciou-a, beijou-a nas faces e ao vêl-a abrir os olhos surprehendeu-lhe duas lagrimas e ouviu-a dizer na sua vozita cheia de commoção:

— Oh! Como sois boa, alteza real! Como sois grande e magnanima!

— Não, Maria de Penha, fui injusta... Era necessario que me tornasse deveras justiceira!

— Mas eu sou indigna d'esta mercê!

— Vós sois digna até de muitas outras! Conheço o vosso procedimento... Vamos, minha dama d'honor, vinde começar o vosso serviço!...

— E elles... elles... perguntou a joven a meia voz completamente desorientada por tantos acontecimentos.

— Beija a mão a sua Magestade e eu te juro que serás esposa de Vasco!

E a princeza dava-lhe aquelle tratamento deveras satisfeita, comprehendendo que ella soubera resistir bem ao amor d'esse principe que não amava a esposa.

O ciume não existia desde que a outra se mostrava digna até ao exremo.

D. Maria Benedicta e D. Maria da Penha

Agora curvavam-se ambas em frente da soberana e sahiam do aposento.

A' porta, o bobo que tudo escutara, lançou-se de joelhos aos pés da princeza e beijou-lhe a mão, depois olhou D. Maria da Penha e murmurou:

— Oh! Sereis esposa de Vasco... sim, sereis esposa de Vasco!...

As duas mulheres desciam uma pequena escada e entravam nos aposentos da princeza.

D. Antonia de Mello penetrava d'ahi a instantes na sala acudindo ao chamamento da princeza.

Tinha nos labios um sorriso contando já com o bom resultado da intriga. Porém, ao vêr D. Maria da Penha, recuou assombrada, fez-se livida e pareceu-lhe que o cerebro lhe estalava ao ouvir D. Maria Benedicta dizer-lhe:

— Senhora, entrareis esta tarde de serviço nos aposentos de sua alteza a infanta D. Marianna Victoria!

—Eu?... Vossa alteza despede-me, não está contente com o meu serviço?

— Senhora... Cumpri as minhas ordens!

Ella retirou-se curvando a cabeça e cerrando os dentes com furia, murmurando:

— Oh! E' necessario que fr. José Maria de Mello me ajude na vingança! A minha perda é a da Companhia de Jesus!

Correu então ao seu quarto cada vez mais livida, embrulhou-se n'um mantelete, sahiu do paço na sua cadeirinha e dirigiu-se ao convento dos oratorianos.

D. Maria Benedicta voltou-se para sua aia que se fazia pallida ante aquellas palavras da princeza e sem perceber cousa alguma, ouviu a princeza murmurar como se falasse comsigo propria.

— Oh! Dentro em alguns mezes a infanta sahirá de Portugal para casar com D. Gabriel de Hespanha e então será o momento de fazer sahir do paço essa vibora, como diz judiciosamente D. João de Falperra!

Entretanto nos aposentos da rainha, o conde de Villa Nova, interrogava:

— Vossa magestade ordena mais alguma cousa?

— Sabeis por Martinho de Mello, o secretario dos negocios de

marinha, em que pé está a armada que vae partir em auxilio da Hespanha?

— Real senhora... O governo de sua magestade catholica enviou-nos uma nota em que consta partir a armada hespanhola a tomar Argel dentro em oito dias. Os nossos navios que vão em auxilio dos de Sua Magestade Catholica, devem sahir do porto o mais tarde depois de amanhã...

— Muito bem... Enviae-me hoje mesmo Martinho de Mello...

— Sim, real senhora... volveu o mellifulo ministro ajoelhando e beijando a mão da soberana.

Depois sahiu rapidamente murmurando:

— E' necessario salvar ainda esses miseraveis!... Oh! maldito bobo, maldito bobo!...

D. Maria I, de pé, muito altiva, olhava o principe do Brazil que ficava na sua frente e tivera um impeto de se lhe lançar nos braços, porem ouvia-o ainda com a mesma dignidade, interrogar:

— Real senhora, a que prisão me devo recolher?

A rainha substituiu a mãe, e D. Maria I, exclamou:

— Alteza, recolhei-vos durante um mez ao convento de Mafra onde está vosso irmão o principe D. Joãc!

— A um convento?... Eu!...

— Sim... E' a falta de fé que vos perde... Ide e aconselhae vosso irmão em relação ao seu casamento com a infante de Hespanha D. Carlota Joaquina!...

— Real senhora, eu ao convivio dos frades e ao de meu irmão prefiro o dos soldados ou dos marinheiros... Deixae que me recolha a S. Julião da Barra, á torre de S. Vicente de Belem ou deixae-me antes partir na frota que vae para Hespanha!

— Principe do Brazil... Obedecei! Recolhei-vos a Mafra!

Elle curvou a cabeça e mordeu os labios raivosamente.

Era n'este momento que el-rei entrava, exclamando:

— Sabeis os successos d'esta noite? Oh! Oh! E' preciso um exemplar castigo!

D'esta vez D. Maria I, não quiz ouvir o marido, ergueu a cabeça e bradou:

— Real senhor... Já está feita para todos a justiça real!

XXXVII

Os prisioneiros

Alem no fundo da casamata do forte da Junqueira, ouvindo o ruido das ondas que batiam com estrepito nos paredões, elles illuminados apenas á luz debil e vaga da lampada suspensa do tecto negro da prisão, contemplavam-se.

Vasco de Miranda, fez um gesto desesperado e de seguida atirou-se para sobre um mocho de palha que lhes servia de leito e bradou:

— Ora... Com mil raios... decididamente somos infelizes!

— Estás a lastimar-te! Olha que até agora temos tido até bastante sorte... Mas emfim não podia durar sempre!...

— E d'esta vez estamos arranjados!

— Esperamos a morte... Dez soldados com dez espingardas bem carregadas, uma voz de commando, uns ultimos pensamentos para as mulheres amadas e depois a eternidade! disse Gomes Freire no seu ar sonhador.

— E a pobre D. Maria de Penha! Como não terá soffrido esse anjo! Depois ameaçada, exposta a todos os grandes perigos, ao amor crapuloso d'esse filho dos reis que assim insulta a dignidade real... Oh! Gomes Freire, meu amigo, meu irmão... Por Deus te juro que se podesse sahir por instantes d'esta prisão, ver a luz do sol que me deslumbraria, eu só teria um pensamento: o de assassinar esse miseravel!

O cadete estava como louco, tudo lhe parecia negro no seu fu-

turo, entrava a detestar o principe e tornava-se livido ao ouvir o companheiro dizer:

— Cala-te, socega... Sua alteza cedeu a um impulso ou antes obedeceu a uma intriga... Não viste a seu lado esse D. Ramiro de Noronha?

— Oh! Mas a minha querida Maria... O meu amor perdido, todo o futuro desmoronado só porque levantamos uma espada para o herdeiro do throno... Porque são sagradas as pessoas dos principes? Acaso não são homens susceptiveis de fraquezas?

— Mil vezes tenho pensado isso!... Mas a tradicção tem muita força... Eu no dia em que eu casasse com a minha boa Elvira que me aguardava n'essa noute e que sem duvida está no maior desespero, ter-me-hia expatriado... Iria viver para longe, servir outros amos, luctar na guerra, illustrar-me ou morrer... No intimo do meu peito existem aspirações acima das do meu tempo! Sonho alguma cousa que não sei definir mas que acho justa...

— Oh! Amigo e por minha causa tens de renunciar a tudo isso!

— Não, Vasco... Por tua causa? Acaso não somos nós como irmãos, não juramos partilhar todos os perigos...

— Sim, com esse pobre D. Pedro de Portugal!

— Como deve ter soffrido!

— E isto nas vesperas do seu noivado!

— Oh! Mau presagio, elle casa e nós vamos morrer! A sua familia vae trazer galas e as nossas...

— Meu tio... minha mãe...

— E o meu pobre pae vae vestir de luto!...

— E um luto infamante... O lucto pelos suppliciados!

Ficaram uns momentos calados. A agua batia sempre com furia nas pedras por essa noute tempestuosa, não se ouvia outro ruido.

Porém a subitas elles tiveram a visão pavorosa de morte e abraçaram-se estreitamente.

E' que resoavam passos no corredor e ouviam um tilintar de chaves. A porta abria-se n'um ranger sinistro e viam na sua frente um carcereiro que exclamava para alguem collocado da parte de fóra.

— E' aqui, reverendo fr. Melchiades! São estes!

Apontava quasi desdenhoso os dois rapazes a um frade que apparecia no limiar e que como unica resposta ao chaveiro, soltava uma especie de grunhido.

— Já sabeis, meu padre, se fôr preciso alguma cousa é bater no ferrolho! gritou o carcereiro affastando-se e escutando á porta da prisão.

Elles voltaram-se rapidamente para o frade e apesar de se sentirem bem proximos da morte, vendo n'aquelle homem o confessor que lhes enviavam, exclamaram a um tempo ante o habito do réligioso:

— Que demonio... As justiças reaes pouco se incommodam comnosco! Um confessor para os dois... E demais a mais franciscano! A ordem mais pobre!...

— Espera ser nosso herdeiro! Olhe, irmão, eu só se lhe deixar a minha espada, é o que possuo! Ah! Perdão, tenho tambem um masso de cartas e uma pequena fita azul que prendeu os cabellos da mulher adorada! Porém esse thesouro irá commigo para a sepultura! gritou o cadete sorrindo tristemente.

— E eu, irmão, apenas vos deixarei dividas e um encargo que sabereis em momento opportuno... E se ainda vigora a tradição de se satisfazer o desejo dos que vão morrer, peço vos pelo meu lado o seguinte:

— Quero ser fusilado com Vasco!

— E eu egual pedido vos faço, em relação a Gomes Freire! E por agora em vez da vossa confissão duas garrafas de bom vinho para saudarmos ao noivado do nosso amigo D. Pedro, conde de Assumar!

— Que vos agradece reconhecido a lembrança! gritou o frade deixando cahir o capuz do habito e apresentando-se aos olhos dos mancebos que bradaram admirados.

— D. Pedro de Portugal?!

— Eu mesmo! Venho partilhar da vossa prisão por algumas horas!

— Oh! meu amigo! gritaram ambos lançando-se nos braços do fidalgo que os apertou com grande commoção ao peito generoso.

Estiveram assim algum tempo e por fim, o cadete no seu tom alegre e chocarreiro bradou:

— Sentemo-nos!... E' magnifica esta mesa de ministro! Elles

julgaram que iam ter aqui prisioneiro o Martinho de Mello ou o conde de Villa Nova, e apontava a palha que lhes servia de leito e onde se deixaram ficar sentados.

— Mas como entraste aqui?

— Contos largos! Prendemos o capellão do forte e tomei o seu logar!

— Mas quem te auxiliou?

— O Joannico, meu antigo servo, tornado chefe d'uma terrivel quadrilha de bandoleiros!

— O meu salvador feito bandido? gritou Vasco de Miranda pennalisado.

— Sim! Sim! Mas um bom bandido! Um heroe que penetrou na inquisição para arrancar d'esse antro a amante! A cigana Chiquita!

— Oh! E' assombroso!

— Perseguido pela justiça sem ter commettido outro delicto do que o de amar a joven tida por hereje, revoltou-se contra essa justiça e feito bandoleiro, arriscando todos os dias a cabeça, impõe-se e pratica o bem como o mais santo dos cenobitas! Rouba os ricos e soccorre os pobres... Na noite que nos succedeu o encontro com o principe, salvou-me esse bravo rapaz, a cabeça!

— Como? perguntaram ambos deveras sobresaltados, olhando o conde.

Este então narrou toda a scena de Palhavã desde as desconfianças do conde de S. Vicente até ao attaque dos ciganos, desde a chegada de Joannico até á entrada na capital onde soubera do que acontecera no pateo das damas.

— E Elvira?... Elvira?... perguntou Gomes Freire, como louco!

— Elvira? Oh! Pobre amigo escusado será dizer que não a encontramos n'essa casa! O conde de S. Vicente, meu futuro sogro, tinha razão quando via n'essa carta uma cilada!

— Está então em poder de José Maria de Mello? interrogou o alferes com a voz estrangulada na garganta.

— Está em poder do jesuita infame que tomou parte no concluio contra a rainha! Está em poder d'esse miseravel que quiz mercadejar com o pae da tua noiva!

— O pae? perguntou Gomes Freire como louco.

— Sim... Porque, meu amigo, D. Elvira é filha do fallecido cardeal!

— Quê filha?!

— Sim. No emtanto, o conde de S. Vicente defende-a e está disposto a entrar na lucta por ella! Mais ainda o cardeal pediu ao irmão antes de morrer que tão depressa fosse possivel a tornasse tua esposa!

— Minha esposa? Oh! Elvira a minha esposa?... Mas é necessario encontral-a... Onde a occulta esse miseravel? bradou elle com grande energia.

Mas a subitas, recordando-se de sua extranha situação, vendo que ia morrer, murmurou:

— E chega tudo isso quando dentro em pouco algumas balas me arrancarão a vida! Oh! mas tu, Pedro, meu amigo procural-as-has não é assim? Dir-lhe-has que nunca deixei de pensar n'ella, que morri com o seu nome nos labios!...

O pobre alferes sentia-se profundamente abalado ao ouvir fallar de mulher amada, e de repente gritava:

— Ah! Desejava apenas duas horas de liberdade! Estou condemnado sei-o bem, nada me deteria... Entraria no convento das Necessidades defrontar-me-hia com José Maria de Mello e matal-o-hia cheio de prazer senão me dissesse onde occulta a minha noiva... Depois correria a abraçal-a, beijal-a-hia e amigos, morreria por meu turno muito tranquilo!

— Gomes Freire, bradou rapidamente o conde, queres sahir d'aqui?

— Mas como? Oh! Se quero! exclamou o official transfigurado de esperança.

— Demais julgo que a tua noiva está na inquisição!

— Como na inquisição! Oh! que horror! Matal-o-hei... Oh! Matal-o-hei!

— Sim... julgo que o miseravel a fez inscrever com um nome supposto... Só n'esse antro ella pode estar bem escondida! Tenho seguido José Maria de Mello e ainda não o vi ir visitar a sua victima... Em compensação entra todos os dias no Santo Officio, onde na noute do rapto de cigana, Joannico julgou ter escutado a sua voz e a de D. Elvira! Amigo: Cumpre-te saber tudo... Anda sae e vae indagar da tua noiva!

— Mas como, D. Pedro, como? interrogou o official n'um grande desvairamento.

Então o conde com a maior das tranquillidades despiu o habito e mostrou-se vestido na sua farda d'alferes, estendeu o burel ao amigo e exclamou:

— Sahe!

— Oh! D. Pedro, isso nunca! exclamou elle enternecido pela acção generosa d'esse rapaz que assim brincava ao sacrificar-se.

Vasco de Miranda n'um impeto lançou-lhe os braços ao pescoço e bradou:

— D. Pedro é teu amigo, agora daria por ti mais do que a vida, daria a felicidade, renunciaria ao amor se tu o exigisses... Sim, conde, isto se eu pudesse ainda ter esperança!

— Gomes Freire! Vaes sahir d'aqui meu amigo, vaes ver a tua noiva! foi a unica resposta do conde de Assumar.

— Mas isso é talvez a tua morte!

— Não... Vós outros fallam assim em morrer e desconhecem as praches!... Os fusilamentos são de madrugadas... Quando entrei aqui eram nove horas... Tem tempo!

— Oh! E' impossivel, não posso acceitar! volveu Gomes Freire n'um grande embaraço.

— E porque! interrogou o fidalgo, olhando fixamente.

— Porque serias compromettido, meu amigo!

D. Pedro de Portugal, baixou a cabeça, depois com uma grande serenidade, tomando a mão de Vasco e a de Gomes Freire, bradou:

— Camaradas: Sabem que juramos partilhar a sorte, correr aos mesmos perigos... Pois bem... Se Gomes Freire não acceita o que lhe proponho, envergarei eu este habito entrarei no convento e estrangularei esse frade infame, em seguida penetrarei na inquisição embora tenha de me collocar á frente dos bandidos de Joannico que estão aqui perto e farei o que cumpria fazer a Gomes Freire Arrancarei de lá D. Elvira e entregar-me-hei á justiça de sua magestade e á propria inquisição que me julgará por hereje e me fará partilhar da vossa sorte!

— Farás isso? interrogaram os dois rapazes olhando-o com admiração.

— Sabem que nunca falto aos meus juramentos! Pois por mi-

— Sou eu, senhor, volveu o alferes...

nha mãe vos juro que não perderia um momento em pôr em pratica os meus designios.

Elles ficaram calados, medindo o acto d'aquelle homem e Gomes Freire ao cabo d'uns momentos, bradou:

— Seja! Irei eu! Mas estarei de volta dentro em tres horas!... Dá cá o teu habito!

O conde soltou um grito de triumpho e exclamou:

— Já o esperava!

Mas agora ouviam-se passos de alguns homens no lagedo do forte, depois o ruido de coronhas de espingardas que batiam no solo, uma voz de commando e um official apparecia á entrada da prisão.

Os tres rapazes encararam-se á luz breve da lampada e fizeram se pallidos.

Gomes Freire apertou a mão de D. Pedro, e murmurou:

— E' tarde!

— Vamos morrer! murmurou Vasco de Miranda. Oh! Maria! Minha querida Maria! accrescentou emquanto o companheiro murmurava tambem o nome de D. Elvira.

— Gomes Freire de Andrade! bradou a voz pesada do official á porta da prisão.

— Sou eu, senhor... volveu o alferes dirigindo-se ao seu encontro.

— Vasco de Miranda!

— Prompto para a morte desde que aqui entrou! exclamou o cadete com uma risada.

Então o official olhando D. Pedro de Portugal, interrogou:

— E vós?

— Eu sou D. Pedro, conde de Assumar! o alferes envolvia-se no habito e accrescentou:

— Entrei aqui em vez de fr. Melchiades e peço-vos me deixeis acompanhar os meus camaradas, supplicou o fidalgo com as lagrimas nos olhos emquanto elles encaravam altivamente o commandante da escolta cujas armas luziam no corredor.

— Julgo que não quereis ir até Algés, senhor conde! exclamou o interlocutor quasi alegremente.

— Até Algés? interrogaram elles como espantados.

— Sim, pois que os vossos camaradas vão partir na armada

que vae em auxilio de Hespanha e que se faz de vela ao romper do dia... Tenho ordem de os conduzir a bordo onde encontrarão o capitão Bernardim Freire que lhes dará mais explicações por ordem de sua grandeza, o senhor arcebispo de Thessalonica!

— Mas isto é um sonho! bradaram elles novamente.

— Não... E' apenas uma prova que sua alteza real, o serenissimo principe do Brazil não vos guarda ressentimento... Parti... Aqui tendes as vossas ordens de embarque!

Agarraram ambos os documentos que a princeza D. Maria Benedicta, fizera que a rainha assignasse, e Vasco de Miranda exclamou:

— Mas estou promovido a alferes de infanteria de marinha!

— Para á volta seres o marido de D. Maria de Penha! exclamou uma voz á porta.

— Meu tio! exclamou Gomes Freire ao reconhecer o capitão.

— Eu sim que bastante trabalho tenho tido por causa d'ambos e que não poude esperar mais tempo para vos abraçar.

Cahia nos braços do sobrinho, depois apertava a mão de Vasco e a do conde e exclamava:

— E tu não lês a tua ordem de embarque!

— Já a vi, meu tio, estou feito tenente de mar... Mas esta nomeação é o exilio, é o affastamento da mulher que amo!

— E que eu encontrarei para te restituir quando voltares coberto de gloria...

— Mas que significa isto?

— Que o principe do Brazil ha-de ser o rei mais justo da sua dynastia! foi a unica resposta do capitão.

— Porem o insulto...

— Declara-se o unico culpado e paga-vos assim a sua acção!

— Oh! Agora só nos resta dar-mos um dia a vida por D. José II! clamaram ao mesmo tempo os dois rapazes.

— Bem a devem a esse grande principe! assentiu Bernardim Freire com uma grande convicção!

Agora abraçavam todos o conde de Assumar a quem Gomes Freire, dizia:

Amigo... Arranca Elvira das garras d'esse miseravel e dize-lhe tudo que succedeu.

— Parte descançado... A tua noiva terá um logar no meu palacio ao lado de sua prima a minha esposa dentro em alguns dias!

— E vós, meu tio, logo que terminem as batalhas navaes em que vamos tomar parte fazei-nos regressar ao reino...

— Parte descançado, digo-te, como a teu amigo, o principe do Brazil encarregar-se-ha de tudo!

— E a minha noiva? interrogou Vasco de Miranda.

— E' dama d'honor de sua alteza D. Maria Benedicta!

— O que! da esposa do principe?

— Sim, é a melhor forma de provar a sua virtude! E agora vamos!...

— Oh! Se eu a podesse abraçar? murmurou o novo alferes!

— Impossivel! Dentro em uma hora a armada levantará a amarra e aguarda-vos em frente do convento de S. José de Ribamar...

Apertaram mais uma vez nos braços o conde que estava triste, recommendavam-lhe ainda que velasse por D. Elvira e por D. Maria da Penha e partiram acompanhados por Bernardim Freire e seguidos pela escolta.

Ao romper da manhã as naus enfunavam as velas e deixavam o Tejo conduzindo aquelles dois homens valorosos que olhavam a terra com saudades apesar de terem agora na sua frente um horisonte quasi tão risonho como esse espaço immenso, largo, batido pelo sol e que as naus percorriam levando á pôpa o glorioso pendão dos guerreiros que elles deviam honrar como heroes.

E em terra alguns olhos choravam ao verem o navio perder-se, sumir-se pouco a pouco.

Elles de mãos dadas, diziam:

— Com esta separação de Assumar morreu a nossa mocidade!

XXXVIII

A infanta de Hespanha

s canhões troavam envolvendo-se em nuvens brancas de polvora os campos da fronteira, a dois passos de Badajoz, os desenrolavam-se as flamulas e os galhardetes nas barracas onde a familia real aguardava a noiva do principe D. João. (*)

Reunia-se além a côrte, todo um cortejo lusido de fardas bordadas; os magnificos corceis escavavam o solo com impaciencia, os coches de galas de vidraças crystallinas aguardavam o momento da partida, pesados e magestosos na sua riqueza do tempo de D. João V, os regimentos formavam-se em alas brilhantes e os camponios arregalavam grandes olhos para o pavilhão onde a familia real ia jantar em publico, honra que ha muito não concedia ás multidões.

D. Maria I ao lado do marido, aquelle velho rei, tropego, cançado e nullo que se chamou D. Pedro III, fazia as suas despedidas a D. Marinnna Victoria, a infanta portugueza, que casaria tambem com D. Gabriel d'Hespanha.

Portugal como a solidificar aquella alliança com que terminaria as guerras da peninsula, dava uma infanta de Portugal boa e virtuosa em troca d'uma infanta hespanhola que daria pasto á chronica

---

(*) Carlota Joaquina, infanta de Hespanha.

escandalosa da côrte. Tocaram as trombetas pela immensa linha estendida desde Hespanha á raia portugueza.

Villa Viçosa, aguardava a chegada de sua alteza e em todos os peitos batiam impacientes corações, desejando toda aquella gente desde a soberana ao ultimo villão, entrever essa que ficaria fazendo parte da familia real portugueza.

O sol glorioso e creador flammejava do alto os seus raios tirando bellos reflexos dos vitraes da egreja e das condecorações suspensas dos pescoços fidalgos, as damas do paço arrastavam as immensas caudas dos seus vestidos, mostravam nos labios pintados sorrisos humildes, confundiam-se as fardas dos marechaes e as dos grãos-senhores da côrte, os habitos dos prelados faiscantes nos seus bordados, as mitras episcopaes cravejadas de pedrarias. Velhos fidalgos passavam arrimados a bengalas, toda a pleiade illustre dos Lafões aos Marialva, dos Angeja aos Cadaval, ali estava dobrando a espinha, emquanto os soldados se perfilavam garbosos e os canhões soavam sempre á mistura com o repicar estridente dos velhos sinos. Casinhas brancas dormiam ao sol pelas encostas, os campos verdes estendiam-se n'uma doce e tranquillisadora paz, as purpuras, os velludos, os damascos traçavam notas discordantes no meio da simplicidade aldeã.

A pequena infanta saía dos braços da rainha para caír nos de D. Maria Benedicta, depois abraçava o principe D. João e ao chegar a unir-se ao peito do principe do Brazil, dizia-lhe a meia voz:

— Oh! José e sou eu a sacrificada! Que saudades tenho da patria... Não conheço ninguem n'essa côrte!

O herdeiro do throno, muito grave, cada vez mais serio depois d'aquella aventura em que tomara parte, tendo suspenso do pescoço como seu irmão, o Tozão d'Ouro que a rainha catholica lhes enviara, tomou a mão da irmã e murmurou:

— Marianna... Vês esse immenso campo onde os nossos soldados se expõem garridos nos uniformes aguardando aquella que vae ser nossa cunhada? Pois aqui já correu muito sangue portuguez aos golpes hespanhoes, já muitos do paiz visinho fugiram em debandada ante o valor dos nossos! E' a sina de dois paizes separados apenas por uma delgada faisca d'agua d'esde a ponte do Caia a Villa Real de Santo Antonio, e unidos naturalmente de Castello Branco até ao extremo norte! A guerra era fatal entre nós,

dar-se-hiam sempre luctas que impederiam o desenvolvimento dos paizes... Tu e a nossa cunhada, são os penhores d'uma paz duradoura, já vês pois que como uma heroina vaes sacrificar-te por essa patria de que tens tantas saudades!

Beijou-a na fronte e deixou-a affastar-se ficando a contemplal-a durante alguns instantes muito tristemente.

N'um grupo formado a alguma distancia e composto por dois frades e uma dama, um dos frades murmurou:

— Que estará esse negregrado principe do Brazil aconselhando á infanta!

— Dá-lhe conselhos de rei!... volveu com desplante a dama, fazendo um gesto de ironia.

— Quando o fôr e se o fôr! tornou o outro frade que estivera até então silencioso, com ar de ameaça.

— Ah! Fr. José Maria de Mello, exclamou a mulher com grande fogo. O que eu faria para o impedir!

— D. Antonia de Mello sabeis que vos aproveitaremos, bradou o outro frade, accrescentando: Não é assim fr. Fabricio?

— Certamente, reverendo! E chega o momento de entrarmos em combate. Temos reunidas as nossas forças, agora que os herejes se batem em Alger! Teremos prazer em vingar o desprezo com que trata a gentil D. Antonia!

— Odeio esse principe, detesto-o! murmurou a outra com a maior das raivas ao recordar-se das indifferenças de D. José, e continuando:

— Agora porém que a infanta parte como vos posso auxiliar? Essa infame D. Maria de Penha apossou-se do espirito da princeza e tenho que sahir do paço... E' um inimigo de menos na praça!

— Já pensei n'isso! exclamou a seu lado uma voz e um elegante fidalgo tirou respeitosamente o seu chapeu a cumprimental-a, beijando de seguida a manga de fr. José Maria.

— Tambem eu o pensei, D. Ramiro de Noronha e tremi tambem por vós... volveu o oratoriano.

— Ah! O principe não acreditou na minha cumplicidade... Julga que pratiquei tudo aquillo por dedicação.

— E emquanto a D. Antonia, que fazer? interrogou fr. Fabricio. Se carecermos d'ella?

— Lembrae-vos que o padre Theodoro e eu estamos encarregados do principe...

— Quereis dizer?

— Que D. Antonia ficará no paço?

— Eu? Mas como?

— Ahi vem alguem que nos poderá responder! replicou o frade apontando um coche que passava de batida rodeado de cavalleiros e no interior do qual um homem magro e pallido, vestido n'um fardalhão bordado, se inclinava a cumprimentar o reverendo.

— Quem é aquelle homem? interrogou apressada a açafata da infanta.

— E' o conde de Fernan Nunêz... retorquiu elle muito seranamente.

— O que? O embaixador de Hespanha?! perguntaram todos assombrados.

— Sim elle que vae buscar a infanta com a qual sahirá de Badajoz!

— E então!...

— Dir-lhe-ha algnmas palavras a vosso respeito!

— A meu respeito?

— Certamente, por pedido de sua alteza o principe D. João, o noivo de Carlota Joaquina, que não tem damas de honor e as escolherá!...

— E eu...

— Sereis uma d'essas damas! foi a resposta do frade, que ante o pasmo desenhado no rosto da açafata, lhe dizia com um bom sorriso:

— E agora ide, D. Antonia de Mello, não façaes esperar vosso esposo!

Apontava o desembargador que se approximava relanceando para todos os lados olhares investigadores buscando a mulher.

Ao ficarem pois os dois frades e o fidalgo affastaram se n'uma vereda e José Maria de Mello, interrogou:

— E então D. Ramiro, com respeito ao arcebispo, ao vosso inimigo, ao homem que destruiu todo o vosso trabalho acerca de Gomes Freire e de Vasco de Miranda?

— Oh! reverendo! Esperamos o momento!

— Teve artes de fazer desapparecer D. Elvira de Mello, rou-

bando-vos assim essa herdeira com quem devias casar... disse José Maria de Mello, trocando um olhar com fr. Fabricio.

— Ah! Eu e Jacob Mestral e Silva Telles, que são hoje tenentes do regimento do Caes, temos apenas que arranjar mais alguns descontentes!

— E depois?

— Thessalonica será morto! murmurou com rancor o outro.

Mas a subitas teve um sobresalto e exclamou:

— Mas não é o principe que ali vem com Cadaval e com D. José de Menezes?

— Sim... Estão falando com o novo capitão conde de Assumar!

— Ah! E' preciso que saiba o que dizem! bradou elle correndo em direcção ao principe, emquanto fr. Fabricio dizia:

— Oh! Como elle proferiu aquella phrase... Thessalonica será morto!

— E eu serei bispo e vingador da companhia! murmurou com rancor fr. José Maria de Mello.

Agora todas as cabeças se curvavam nos pavilhões da familia real, o principe D. João, muito gordo, de perfil grosseiro, recamado de ouro, descia os primeiros degraus e trocava algumas palavras com o marquez do Louriçal, embaixador extraordinario que fôra a Hespanha pedir a mão da infanta.

O noivo estava cercado por uma ala brilhante de fidalgos que, de chapeu na mão, aguardavam as suas ordens. Estavam com elle os condes de Villa Verde, sempre obeso e banal, na sua farda de vice rei; o velho conde de S. Lourenço, esqualido e erudito tendo nos labios um riso sarcastico, Val de Reis e o marquez do Lavradio, o conde de Aveíras e o principal Mello.

Paravam ali uns instantes emquanto os servos de librés vistosas seguravam os cavallos sobre os quaes iriam ao encontro da noiva real.

Porém, continuavam todos de cabeça inclinada, respeitosos, cheios de uncção em frente d'um cardeal cuja purpura tinha uns tons vivos no meio da grave multidão. Era o nuncio do papa, o cardeal Ranuzi, e ao lado do prelado via-se um outro padre trajado de negro com um solideu roxo e cujos olhos se fixaram em José Maria de Mello que baixou rapidamente os seus ao reconhecel-o, murmurando para fr. Fabricio:

— O geral!

— Onde? interrogou o outro em grande pasmo.

— Ao lado do nuncio!

— Tendes razão!... Ah! E vêde que aprumo, todos se inclinam e elle fica de cabeça erguida ao passo que o cardeal lhe falla em voz baixa!

Assim era com effeito. Ranuzi deu a sua benção á côrte e todos desde a rainha ao ultimo leigo tinham curvado a cabeça, apenas o geral dos jesuitas ficara impavido, ouvindo o cardeal dizer-lhe em voz baixa:

— Este D. João de Bragança tem um ar devoto!

— E' um verdadeiro principe talhado para o sacerdocio... retorquiu o outro n'um tom despreoccupado.

Agora soavam as musicas, o cortejo real montava a cavallo e escoltado por um regimento partiram a toda a brida ao encontro da infanta que chegara ao limite do seu paiz acompanhada pelo embaixador hespanhol.

O principe do Brazil continuava conversando com os fidalgos a quem dizia a um por um:

— Cadaval, acompanhareis minha irmã até Madrid, sois meu amigo, velareis por ella! Tu, D. José de Menezes, auxiliarás o duque n'esse encargo, emquanto ao senhor d'Assumar desejo entregar lhe uma carta para o conde de Florida Blanca, primeiro ministro de sua magestade catholica! Irás no sequito e uma vez na côrte buscarás fallar a sua excellencia da minha parte ..

Tomava-lhe o braço n'um impeto, affastava-se com elle do grupo em quanto D. Ramiro de Noronha os olhava soffregamente, desesperado de não poder ouvir o que se ia passar, e dizia-lhe:

— Conde: Não é verdade que odeia os jesuitas?

— Do intimo d'alma, meu senhor!

— Não sabe tambem que ultimamente têm conseguido grandes triumphos?

— Triumphos?

— Sim... Monarchas hereticos como Catharina da Russia e Frederico da Prussia chamam-nos para o seu lado... Em França procuram segurar-se, na Italia toda desde Roma até aos ducados dominam, na Hespanha avassallam na sombra como em Portugal... Eu tenho uma nota secreta do embaixador portuguez em Madrid

que me dá conta da passagem d'um tal padre Gallari que entrou na côrte e parece ter-se dirigido para Portugal!...

— E então, meu senhor...

— Julgo-o um emissario da companhia, o embaixador... Preciso que Florida Blanca m'o assevere para procedermos...

— Mas vossa Augusta mãe?

— Não póde impedir que combatamos na sombra esse Gallari ou qualquer outro jesuita! exclamou sua alteza, continuando apesar de vêr á distancia de dois passos, Ramiro de Noronha de quem não desconfiava:

— Depois nas mais pequenas coisas se vê o dedo jesuitico... Nas intrigas de que sou alvo, nas perseguições que soffreram os vossos amigos, na devoção exaggerada de meu irmão e até nas dissidencias com minha esposa! Para mim, como para o meu mestre Pombal, a companhia de Jesus é um cancro que corroe um paiz! Se fosse rei mandaria justiçar os declarados jesuitas que encontrasse no meu reino, quando o fôr, combatel-os-hei por todas as fórmas e por isso quero saber desde já de que armas se servem e com que auxilios contam!

— Descança que saberás tudo! murmurou D. Ramiro de Noronha affastando-se, tendo nos labios um sorriso ironico.

Assumar, deveras contente com a confiança do princiqe, exclamou:

— Vossa Alteza sabe, muito bem que póde contar com toda a minha vida!

— Sei, Assumar, e lastimo apenas que não tenhas a teu lado esses dois valorosos rapazes que combatem em Alger!

— Oh! Gomes Freire e Vasco de Miranda! Dois heroes!

— E duas bellas almas! Oh! Mas um dia chegará em que os tres obrarão prodigios...

— Por vossa alteza, meu senhor! volveu o conde deveras satisfeito.

— E tua esposa, conde?

— Está bem, alteza real...

— E' necessario empregal-a no paço...

— Alteza! A condessa de Assumar, como minha irmã a marqueza de Alorna, desejam viver longe da côrte...

— Tua irmã entende-se, já tem uma filhinha não é assim?...

— Sim, meu senhor, Leonor, foi mãe ha um mez... E minha sobrinha, a pequenina Julianna, (*) sentia-se bem disposta a viver...

— Faremos d'ella uma linda duqueza... disse com magnanimidade o principe, como se fosse já o soberano.

— Senhor, agradeço-vos tanto interesse...

— Ah! Assumar, e a prima de tua mulher?

— D. Elvira, meu senhor?

— Sim... A monja das Salesias...

O conde fez-se pallido e volveu:

— Ignoro o que é feito d'ella, meu senhor, e no emtanto promettera a Gomes Freire restituir-lh'a... Disseram-me que se encontrava na Inquisição ás ordens d'esse fr. José Maria de Mello...

— O que? Do jesuita Tavora... Mais uma manifestação...

— Ah! Esse é o nosso mais fidagal inimigo...

— E então?

— Na companhía do senhor arcebispo, corri todo o palacio do Santo Officio e não a encontrei!

— O miseravel é capaz de a ter mandado assassinar! exclamou D. José com um olhar odiento.

— Se tivesse a certeza... exclamou Assumar com raiva e continuando logo:

— Meu senhor, tenho tido momentos em que me desejo lançar sobre esse infame frade e pedir-lhe contas da filha do Cardeal da Cunha!

— Da filha? interrogou o principe no auge da admiração.

— Sim, meu senhor...

— Ah! Nunca julguei... Mas emfim nem por isso D. Elvira é menos digna d'interesse...

— Certamente... Mas ao mesmo tempo que desejo matar esse miseravel, lembro-me que antes o devo combater na sombra!

— Meus senhores, menos enthusiasmo que os da companhia têm cumplices nas proprias hervas que pisam! disse n'este momento uma voz junto dos dois interlocutores.

Voltaram-se rapidamente e bradaram a um tempo!

— O intendente da policia!

(*) Mais tarde a celebre condessa da Ega.

E Pina Maniqne com o seu sorriso extranho, volveu:

— Eu, alteza real, que fui avisado da vossa conversa.

— E por quem? interrogou com surpreza o principe.

— Pelo chefe da minha policia! tornou com orgulho o intendente.

— Mas como? A não ser que o vosso agente se transformasse n'uma d'essas formosas borboletas que por ahi esvoaçam ou n'uma das arvores que pousam nas ramadas não sei como nos poderia ouvir...

— Do alto, mesmo sem ser passaro ouve-se e vê-se muito! volveu Pina Manique apontando uma arvore d'onde sahia a cabeça larga d'um camponio.

— O que? E' o chefe da vossa policia!

— Eu mesmo, o antigo corregedor do Bairro Alto, meu senhor... murmurou n'este momento o homem que estava admiravelmente disfarçado. Eu mesmo que ao escutar as primeiras palavras de vossa alteza avisei o senhor intendente e cheguei primeiro a esta arvore do que vossa alteza com o senhor conde de Assumar a quem saudo...

— E atreveste-te? bradou com furia, o principe.

— Não vos agasteis, meu senhor, conheceis as minhas ideias! dizia com cordura o intendente.

— Não vos agasteis, meu senhor, volveu o antigo corregedor a parodiar o intendente, eu conheço mais um dos vossos inimigos!

— Que dizes?

— A verdade inteira!

— E quem é elle?

— Peço perdão a vossa alteza, mas se me quizer dar a honra de uma audiencia esta noite, informal-o-hei... Não o posso fazer d'aqui porque temo que acima da minha cabeça passem alguns espiões... concluiu com um sorriso que o principe secundou, exclamando:

— E' bem possivel que assim seja tendo alugado para esse effeito a machina aerostatica com que o capitão Pedro Sumati fez as suas viagens...

— Aguardar-te-hei ás 8 horas...

O intendente sorriu tambem, e emquanto D. José dava as ultimas ordens a D. Pedro de Portugal, Pina Manique exclamou apontando em direcção á fronteira:

— Apresse-se vossa alteza em ir para a tribuna porque ahi chega a serenissima infanta de Hespanha!

Por entre as nuvens de poeira levantadas pelas patas dos cavallos, no revoltear do fumo da polvora, distinguia-se como atravez d'um nevoeiro os coches reaes que conduziam a princeza, as musicas tocavam, os soldados apresentavam armas e ali na fronteira onde tantos combates se tinham travado, resoou n'um unico grito:

— Viva D. Carlota Joaquina!

D. José entrava na tribuna real exactamente no instante em que a infanta ahi chegava, apeando-se do coche pela mão do principe D. João que tinha um ar acanhado junto da noiva. Carlota Joaquina era baixa, mas esbelta, morena, d'olhos negros e vivos a accusarem um sangue ardente, correndo impetuoso sob aquella pelle de hespanhola sensual. Vestia no rigor da etiqueta e deixava entrever a carne dos seios tugidos mordida pelo bello sol da peninsula, vinha carregada de joias que não fulguravam tanto como os seus olhos provocantes que baixava agora n'um ar fervorosamente devoto, ao sentir-se nos braços da rainha que lhe dizia:

— Seja bem vinda, minha filha!

A côrte curvava-se ante a joven, que ao vêr-se tão bem acolhida entreabria os labios vivamente carminados a deixar entrever os dentes perlados.

Continuavam a troar os canhões, o jubilo espelhava se em todos os rostos, toda aquella gente sentia uma grande ternura por essa altiva e formosa princeza, de todos os labios sahiam bençãos para ella.

Era bem ella o traço de união entre os dois paizes, por isso todos folgavam.

E a familia real ia penetrando nos aposentos onde havia de jantar á vista da multidão, alegre e jubilosa.

Apenas n'uns olhos formosos havia lagrimas. Era a princeza D. Marianna Victoria que partiria no dia seguinte levando saudades da sua patria e perguntando a si mesma se seria tão bem recebida como a esposa de seu irmão a quem todos acclamavam doudamente, berrando por entre o estrallejar dos fogos d'artificio que se queimavam pela noite adeante!

— Viva a infanta de Hespanha!

Duas mulhersitas do povo, muito curiosas avaliavam a um can-

to quanto custariam as joias (*) de D. Carlota Joaquina e murmuravam:

— Com aquillo tudo seriam felizes todas as familias da nossa provincia!

(*) Carlota Joaquina recebera: Da rainha, brincos com botões e pingentes de brilhantes, collar e ramo de pedras varias, d'el-rei, pluma de brilhantes, principe do Brazil, dois anneis de brilhantes, princeza do Brazil, pluma de brilhantes, D. Marianna Victoria, pluma de esmeraldas e brilhantes, D. João, relogio e braceletes em diamantes.

XXXIX

O grande golpe

porta da baiuca negra escancarava-se sob o Arco grande de S. Paulo, mostrando uma enorme confusão de trapos e objectos de toda a especie agglomerados n'aquelle antro onde o judeu fazia o seu commercio. Era além a morada de Pacifico Moysés, que as alcovetas diziam muito rico, apesar de toda a hediondez da sua loja de mercador de cousas amadas. Viam-se vestes fidalgas de bordados coçados suspensas do tecto junto a velhas catanas amolgadas e de pares de sapatos cravejados de pregos enormes, uns quadros mal pintados de tons rubros com bonecos, indecifraveis sobrescriptos em grossos caracteres, representavam o *incendio do hospital de Todos os Santos* e o *Terramoto de Lisboa*, pesados alfarrabios carcomidos, espolio d'alguns sapientes frades dados á folia, pejavam as mesas acharoadas do tempo do rei D. João V e até velhas imagens de roupagens esmaecidas mostravam os rostos alvares e parados, empoleiradas entre montões de plumas com que bellas secias tinham enfeitado outr'ora os empoados cabellos.

E lá ao fundo, como um bobo no seu covil, os olhos luzentes, o nariz adunco, a pelle engelhada e suja, vestido no balandrau dos rabis, Pacifico espreitava a rua e tinha uma expressão esphyngica no rosto mumificado. A calva amarellenta coberta por um barretinho d'algodão negro, as pernas magras vestidas em meias esburacadas e accenarem miseria ou avareza, na mão a penna de rama com que

escripturava um grande livro, elle era a incarnação exacta e completa d'esses judeus que por não terem patria se tornavam já n'essa epocha os senhores da patria dos outros.

N'aquelle perfil anguloso estava escripto não o fatalismo d'uma raça mas a ganancia, não a maldição divina mas o poder occulto do ouro que dormia no seu cofre forte de mechanismo aperfeiçoado da sua invenção para bem guardar o dote da sua Salomé.

Porque aquelle lobo cerval tinha uma filha, a mais linda menina do Egypto, que apparecia aos domingos na alfurja do pae e desapparecia durante toda a semana sem que pessoa alguma soubesse onde se recolhia.

Tinha ambições para ella esse nojento judeu, queria tornal-a feliz á custa de todas as privações e sabia que o conseguira já, principalmente pela noute morta, quando contava o thesouro accumulado com uma paciencia de aranha.

A noute cahia docemente além sob o arco onde se cavava a loja do judeu e elle, áquella breve claridade, hesitando em accender a candeia de tres bicos, escrevia os seus grossos caracteres e ia resmungando sempre:

— Sessenta mil cruzados á ordem de Fr. Fabricio... Hum... Hum... Mais um a quem os da Companhia dão credito... Grandes cousas se vão passar, não ha duvida!... Oh! os jesuitas que dispendem dinheiro é que contam rehavel-o transformado em poder...

Resmungava sempre e ia escrevendo, mas de repente a luz faltou-lhe de todo e elle erguendo a cabeça n'um ar zangado ia soltar uma praga mas escancarou a bocca n'um riso mostrando os dentes amarellos e exclamou:

— Ah! Sois vós reverendo padre José Maria de Mello! Sejaes bem vindo...

— Tento, mestre Moysés, tento... exclamou da porta um homem vestido como um pescador da Ribeira e cujos olhos se cerravam á luz.

— Ah! logo vos conheci apesar do vosso disfarce! grunhou o judeu com o seu modo attencioso.

O frade, escondido sob aquellas vestes de maritimo, atravessou a custo por entre a rumas de velharias e exclamou:

— Ainda não veiu ninguem?

— Apenas Fr. Fabricio que está lá dentro com o padre Theodoro...

- Ah! E veem com os habitos?

— Não, reverendo... Fr. Fabricio apresenta um magnifico typo de peralta e o padre Theodoro... e aqui o israelita começou a rir desesperadamente, dizendo por entre as gargalhadas, vem vestido como um rabi... Elle!... elle!... Ah! Ah! Ah!

— De que ris?

— Ah! E' que os sermões d'elle que correm impressos e estão á venda ali no Bertrand e nos Paulistas, chamam suinos aos judeus!

— Todos os meios são bons para conseguir os fins, bom Pacifico! volveu com uncção o frade, a quem o dono da baiuca, volvia:

— Reparae que sois agora um peccador...

A' entrada da loja soou então uma voz d'algarvio, e um homem vestido tambem como um maritimo, perguntou:

— Olá, mestre... Tereis por ahi uma camisoleta que queiraes vender?

— Não... não... não tenho!... volveu o judeu de muito mau humor.

Mas o algarvio entrou na loja e parara em face dos dois velhos relogios escondidos n'um montão de farrapos e gritava;

— Pelo Santo nome de Jesus, que vejo!...

— O que vês tu, cão tinhoso? gritou o judeu com grande raiva.

— São os relogios que roubaram a meu amo, não ha duvida! Ah! se o senhor marquez de Marialva os descobre compra-os de novo ou talvez vos metta na cadeia!...

— A mim?... interrogou o judeu que se fizera livido, emquanto o outro entrava mais pela loja e lançava um olhar ao frade.

— Sim e porque não?... Se os relogios fôram roubados! E elle, o senhor marquez, que tem lá uma data d'elles na sala... Pelos modos são p'ra vista!

— Como o maldito descobriu isto... resmungou o judeu, admirado da perspicacia do outro a quem gritava:

— Pois se os relogios são de teu amo leva-os e deixa-me em paz que os comprei sem saber!

— Está hoje muito generoso, mestre Moysés! exclamou o homem

n'outro tom batendo-lhe duas palmadas no hombro que fizeram vergar o israelita e recuar o frade.

O judeu abria a bocca cheio de espanto e como se não acreditasse no que via, exclamou:

— O Joannico?!

— E' verdade, não costumo nunca faltar ao que prometto... E sei que fr. José Maria de Mello me deseja falar esta noute na tua loja... Conheci logo sua reverencia que tive a honra de vêr muitas vezes em casa do senhor cardeal da Cunha onde meu avô servia como creado!

O jesuita lançou-lhe um olhar investigador, emquanto o judeu perguntava assombrado:

— Mas e as barbas que tinhas?

— Eu?... bradou o bandido soltando uma gargalhada. Eu nunca tive barbas!

— Oh! Mas é espantoso... Por isso tu descobriste os relogios...

— Se foi o Sempronio que os roubou da sala do marquez de Marialva n'um dia em que entrou disfarçado em brigadeiro! tornou elle muito tranquillamente.

E depois para o jesuita n'um ar respeitoso, interrogou:

— E que me deseja vossa reverencia?

— E's o Joannico, não é assim? perguntou o frade.

— Eu mesmo, o unico, o cantado pelo Tolentino.

— Entrae! ordenou o frade apontando o fundo da loja mascarado por um reposteiro.

Dentro em pouco atravessaram juntos um corredor e entravam n'uma casa illuminada por dois candieiros d'azeite, mobilada apenas por algumas cadeiras e por uma mesa e onde já estavam dois homens que se levantaram á chegada do frade.

— Reconheces este individuo? perguntou José Maria de Mello ao bandido, apontando Fr. Fabricio no seu disfarce de peralta.

— Perfeitamente... E' o frade que em Palhavã buscava fazer assassinar o senhor conde de Assumar...

— O teu antigo amo...

— Sim...

— Muito bem... Sabes que és filho de Manuel Alvares, creado do duque d'Aveiro e que foi morto em Belem, no patibulo por supposto cumplice d'uma tentativa contra el-rei D. José?

— Sei! bradou com raiva, o bandido. Meu avô contou-me tudo antes de me fazer chegar á presença de vossa reverencia... Disse-me como me occultara á justiça que perseguia os meus, como me mudou o nome, os tormentos que passou e o que disse ao senhor cardeal da Cunha que o occultara na sua quinta de Coimbra onde estava a esse tempo uma sua filha de nome D. Elvira e que conheci mais tarde...

— No palacio de teu amo, raptada por Gomes Freire!

— Assim é!

— Pois nós sabemos quanto vales! Sabemos que penetraste na Inquisição...

— Onde os vossos esbirros tinham conduzido a minha amante...

— N'esse tempo eras apenas o creado d'um fidalgo... Hoje respeital-a-hiamos!

— Sim? Hoje como n'outro tempo eu arrancal-a-hia até do inferno!

— Credo!... exclamaram os dois homens benzendo-se emquanto José Maria de Mello, sorria imperceptivelmente.

— Senta-te, Joannico, e conversemos!

Elle obedeceu e o frade, interrogou-o de subito:

— Nunca sentiste desejo de vingar teu pae e teu tio?

— Não penso n'outra cousa desde esta manhã, desde que meu avô me contou o que elles soffreram! Os ossos esmagados, depois queimados ainda com vida e as suas cinzas atiradas ao mar... Maldito marquez de Pombal!

— Dize antes, malditos Braganças!

— Sim, malditos Braganças! repetiu o bandido.

— Pois bem, o que julgaste quando teu avô te pediu para vires falar-me?

— Que vossa reverencia carecia de mim!

— E para quê?

— Para algum manejo da Companhia de Jesus de que faz parte...

— Eu?

— Sim... Não se entra impunente e com tanta superioridade na Inquisição sem haver um poder occulto, não se consegue que fr. José do Rosario seja transferido do seu carcere do Santo Officio onde estava ás ordens do arcebispo inquisidor geral sem poder

enorme, e demais para o transferirem para o bom mosteiro d'Alcobaça...

— Não, Joannico... E' que eu conto com a protecção do principe D. João e sou apenas familiar do Santo Officio...

— Seja como desejardes; porém isso não explica o que pretendeis!

— Sabes quem eu sou?

— Fr. José Maria de Mello...

— O unico Tavora! gritou o jesuita com energia.

— Tavora! Da familia dos justiçados?

— Sim.

— E quereis?

— Vingar-me dos Bragança como tu o desejas!

— Eu sou filho d'um servo e vossa reverencia da familia dos amos, mas na vingança somos eguaes! Ordene ou antes diga-me a fórma de vingar os meus! exclamou o bandido no auge da raiva.

— Não hesitareis?

— Juro-lhe pela memoria de meu pae assassinado infamemente.

— Pois bem... a familia real está em Salvaterra...

— Já o sei...

— A tua quadrilha anda nas immediações...

— Muito bem!

— Conheces o principe do Brazil?

— Nunca o vi...

— Passará ámanhã ás onze horas da noute na estrada em direcção ao caes n'uma sege sem armas, acompanhado apenas por um gentil-homem... Volta para Lisboa! Pódes começar por elle a tua vingança...

— Mas esse principe não tem culpa...

— E tu, tens alguma de seres filho de Manuel Alvares? Não foste perseguido em creança, não é esse o futuro rei? E demais, como o avô, chama-se D. José...

— Mas e a rainha e o outro principe, toda essa familia dos Bragança?

— Soffrerão um a um o justo castigo!

— Mas porque principiar por D. José? Não ha el-rei antes d'elle?

— D. Pedro III tem sessenta e oito annos e está ás portas da morte...

— A rainha?

— Nunca sahe senão com um enorme sequito de cavalleiros, damas, pagens, negros e musicos... Essa será ferida na sombra...

— D. João?

— Esse matal-o-hei eu! mentiu o jesuita buscando allucinar o bandido.

E elle, cego pela raiva, sentindo ainda aos ouvidos as palavras do avô, toda aquella grande serie de horrores que o velho lhe narrara, no cumulo da exaltação, dispunha-se a servir sinceramente o jesuita no qual via apenas um Tavora, e bradava:

— Seja!

— Acceitas?

— Sim, reverencia... A'manhã, o principe do Brazil receberá uma bala no peito embora eu seja morto como meu pae o foi no alto d'um patibulo...

Os tres homens estremeceram ante a entoação que o bandido dera ás suas palavras e por fim o jesuita Theodoro bradou:

— Não sereis justiçado e sabes porque?

O Joannico não lhe respondeu, ficou escutando o frade que continuava:

— Porque o principe tem inimigos conhecidos e porque partirás de seguida para Lisboa d'onde embarcarás para onde desejares!

— E os meus homens?

— Leva comtigo dois apenas, é quanto basta!

— E a Chiquita?

— Partirá comtigo.

— Precizas dinheiro, não é assim? interrogou fr. Fabricio, a quem o bandido respondeu com orgulho:

— Não... D'esta vez o meu braço não se aluga, exerce uma vingança legitima em qualquer membro da familia real!

— Sim... Tens razão, alveja bem o principe!

— Descancem... nunca se perdeu uma bala da minha espingarda.

— Sim, Joannico, vinga-te que eu concluirei a obra! exclamou José Maria de Mello, estendendo-lhe a mão.

D'ahi a alguns momentos Joannico transpunha muito taciturno a porta do judeu e perdia-se na Ribeira Nova, deveras preoccupado com aquella ideia, sentindo referver-lhe o sangue ao recordar-se

d'essa familia que fizera justiçar seu pae, inimiga para elle mas na qual desejava vingar-se.

Varrera-se-lhe da memoria tudo quanto havia de boas recordações, para elle apenas existia agora uma nuvem de sangue a toldar-lhe a vista.

Ao encontrar-se com a amante que o aguardava na Ribeira n'uma das innumeras tabernas que se abriam n'aquelles sitios, deu-lhe o braço silenciosamente e ás interrogações de Chiquita volveu:

— Temos grandes acontecimentos!

— Que te queria o frade?

— Ensinar-me o caminho da vingança!

— Cautella que elle é um miseravel...

— E' um homem cuja familia, como a minha, tem uma divida em aberto com os Braganças!

— Que dizes?

— Que elle é um Tavora!

— E tu?

— Eu, ah! Chiquita, eu...

— Que tens, meu amor, que tens? interrogou a cigana admirada de semelhante confissão.

— Tenho que sou filho d'alguem que foi enforcado por ordem dos Braganças...

— Teu pae?...

— Era um dos creados do duque de Aveiro!

A cigana soltou um grito, os olhos brilharam-lhe de raiva e exclamou:

— Vinga-te, meu amigo, e eu aqui estou para te obedecer!...

Dirigiram-se então para a praia e tomaram logar no bote que os aguardava.

Ao mesmo tempo, na sala interior da casa do judeu, acabava de penetrar um individuo vestido á militar usando grandes bigodes e que bradava para os tres jesuitas:

— E então?

— Reverendo geral, exclamou o oratoriano, tudo está prompto!

— Elle acceita?

— Sim... E foi o avô o proprio a excital-o por meu conselho!

— Bem... E vós, fr. Fabricio, que me dizeis do filho de Ambrosio Freire...

— Combate agora em Alger, aguardo a sua vinda para eu proprio lhe fazer o mesmo que o Joannico vae fazer ao principe...

— Não é conveniente... Arranjae um instrumento... E vós, padre Theodoro, parti para Salvaterra em segredo e bem disfarçado a vigiar a obra do bandido!

— Assim farei!...

— Resta-vos Thessalonica!

— Esse é meu! exclamou José Maria de Mello.

— Que fizesteis?

— Consegui incitar contra elle D. Ramiro de Noronha e os seus amigos que por seu turno incitam outros fidalgos.

— Mas como?

— Fazendo-lhe acreditar que D. Elvira de Mello fôra retirada da Inquisição pelo arcebispo e mostrando-lhe a protecção que este dispensou a Gomes Freire e a Vasco de Miranda!

— Muito bem, exclamou o geral sorrindo, e onde tendes essa dama?

— Até agora occulta no palacio do conde de Villa Nova em Mafra onde ninguem a irá procurar...

— Decerto... Pessoa alguma desconfiará d'um ministro! Mas careceis d'ella em vosso poder!

— Não, reverendo geral, até me prejudica, por que ás vezes D. Ramiro póde descobril-a, o que seria o mesmo que destruir os meus planos!

— Pois bem... Eu parto depois de ámanhã... No extrangeiro ha muitos conventos, conduzirei a vossa D. Elvira!

— Será feita a vossa vontade! replicou o frade com grande alegria.

— E agora nada de hesitações, é cada um occupar o seu logar que eu não voltarei a Portugal senão depois de vêr os jesuitas no paço... Serão um pouco arriscadas estas minhas viagens e senão venho no sequito do nuncio ou antes com passaportes de embaixador secreto da curia, mais difficil seria... E a vós, fr. José Maria, tenho a dar-vos uma boa noticia...

— Qual, magnanimo senhor?

— Falleceu o bispo do Algarve! respondeu elle olhando-o fixamente.

— Ah!

— Sim... E o Santo Padre por intermedio do cardeal Ranuzi vae pedir a sua magestade esse logar para vós...

— Oh! Meu senhor!

— Sim para vós... Sereis bispo, anniquilae Thessalonica e fazei com que D. João vos nomeie confessor da rainha... A'manhã não existirá o principe do Brazil... Resta-nos depois o intendente e esses tres fidalgos que esmagaremos... Oh! Os jesuitas vão entrar no paço. E' este o nosso grande golpe!...

— Oh! Grande golpe! grande golpe! exclamaram os tres jesuitas em côro, emquanto Pacifico Moysés, fingindo resonar sobre a sua mesa e tendo o ouvido bem encostado á parede, murmurava tambem:

— Grande golpe... grande golpe!

XL

Um ardil da policia

No pequeno theatro de Salvaterra, a côrte assistia ao espectaculo. A rainha estava no seu camarote ao lado d'el-rei que dormitava, muito alquebrado pela doença; ao seu lado o principe D. José entretinha-se a olhar o tecto da sala emquanto D. Maria Benedicta affectava a maior das attenções; n'um compartimento ao lado, o principe D. João muito gordo, com um ar abbacial fungava de quando em quando devota pitada curvando-se a conversar com Carlota Joaquina que sorria distrahidamente.

O theatro era pequeno, tinha umas varandas corridas onde a côrte tomava logar e a plateia era cheia de bancos forrados de velludo carmezim onde estavam sentados os dignatarios.

No palco representava-se uma oratoria em que tomavam parte alguns jovens comicos de rostos rapados fazendo os papeis femeninos em virtude do edital da rainha que prohibia ás mulheres a profissão d'actrizes.

Tudo decorria monotonamente, sem animação, e nos rostos dos reaes personagens notava-se um mortal aborrecimento.

A' entrada formava a guarda real dos archeiros, e era vêr pelos logares inferiores do theatro a multidão d'açafatas languidas e secias, os pretos pequeninos dos sequitos fidalgos, os musicos que formavam a orchestra tocando mollemente, era todo um espectaculo de côrte ceremoniosa indignada com os bocejos d'elrei D. Pedro III.

A noite estava chuvosa, sentia-se o ruido da agua cahindo no tecto do theatro para onde voavam os actores levados pelos machinismos fingindo erguerem as azas de tarlatana.

Dois homens embuçados mettiam-se no vão da porta do theatro como se quizessem abrigar-se da chuva, emquanto na platéa, D. Ramiro de Noronha dizia para um frade sentado a seu lado:

— Que horas são, padre Theodoro?

— São quasi nove e meia, excellencia...

— Ah! E o principe não parte?! volveu em voz baixa o fidalgo, olhando o herdeiro do throno.

— E' que ainda não chegou o conde de Assumar!

— Perdão... Julguei vel-o ha momentos do lado do alpendre!

— O conde?

— Sim... Quando entrei... Pois que cheguei agora...

— Impossivel! Então já se teria apresentado a Sua Alteza!

— Não sei... E o Joannico deve estar impaciente, accrescentou o frade a meia voz.

— Ah! Se lhe parece... Caçada real!

— Vós não acompanhais, Sua Alteza? interrogou ainda o frade.

— Eu? exclamou D. Ramiro. Não... Hoje cabe essa honra ao conde de Assumar!

— E' o demonio!

— Porque?

— O Joannico respeita muito o antigo amo...

— Mas respeita mais a memoria do pae... E depois, julgaes acaso que o reconhecerá!

— Tambem me parece que não!

— N'esse caso, ficae tranquillo! Admiro-me apenas de Sua Alteza não partir! tornou o cumplice dos jesuitas, olhando ainda o camarote.

Os dois homens que se abrigavam da chuva á porta do theatro, affastaram-se um pouco e um d'elles murmurava:

— E' talvez a occasião de prevenir o principe... São dez horas!

— Vae! volveu o outro por unica resposta.

O outro embuçou-se na capa, metteu se por uma travessa contigua ao edificio e foi encontrar-se com um outro individuo que parecia aguardal-o e com o qual trocou algumas palavras. Depois vol-

tou para junto d'aquelle com quem estivera conversando e murmurou:

— Vamos, senhor intendente... Dentro em alguns minutos Sua Alteza terá descido!...

— Acreditaes que o estratagema tenha effeito, Lopes Cardoso?

— Tenho a certeza... Pois se é fr. José Maria de Mello que o aguarda... Meu Deus... E Sua Alteza não é uma aguia!

O intendente sorriu ao ouvir as palavras do chefe da policia e por fim exclamou:

— E agora vamos buscar o conde de Assumar!

Chegavam em frente do portão das guardas do paço real, quando proferiam aquellas palavras, e como resposta ouviam uma voz exclamar:

— Não é necessario... Ha muito que vos aguardava com impaciencia, senhor intendente!

— N'esse caso partamos... Temos ali os nossos homens com uma sege!

— Mas não me explicaes o que quer dizer tudo isto? interrogou o conde com grande curiosidade.

— Por Deus! Já vos disse que se trata da vida de Sua Alteza!

— Mas isso não explica a razão porque depois de ter chegado d'uma viagem a Hespanha e quando tenho que communicar a Sua Alteza, me detenhaes com tanto mysterio! Se alguem ameaça Sua Alteza eu o defenderei!

— Por Deus, meu caro D. Pedro, porque buscaes desvendar os mysterios da policia tão impenetraveis como os de Deus? volveu o intendente arrastando-o para a sege.

— Não... Busco apenas saber qual é o meu papel em tudo isto!

— Dae tempo ao tempo que tudo sabereis... Por agora, o vosso papel, é o d'um discreto fidalgo que no interesse do seu principe e mais ainda no de sua patria, concorda com o intendente da policia!

— Seja, senhor Pina Manique, porém o que eu tenho a dizer a Sua Alteza...

— E' urgente?

— Muito?

— Trata-se dos jesuitas não é assim.

— Assim é!

— E isso faria com que Sua Alteza partisse para Ajuda, não é assim tambem?

— Talvez! Julgo até que Sua Alteza deve ter recebido um correio que lhe enviei...

— Sim... E foi após a chegada do estafeta que Sua Alteza deliberou partir logo que v. ex.ª chegasse!

— Bem...

— Disse-o á mesa do almoço á vista da côrte, sollicitou além a licença de Sua Magestade que lhe foi concedida, deu as suas instrucções ao seu camarista.

— Quereis dizer preparou tudo?

— Teve essa imprudencia...

— Como? Imprudencia?

— Sim e para demais com a antecedencia d'um dia e d'uma noite...

— Mas o que tem isso? interrogou o conde estupefacto.

O intendente esboçou um sorriso, tocou no braço de Lopes Cardoso e disse-lhe:

— Vê se ha por ahi alguem!

O chefe da policia affastou-se a investigar nas trevas para os lados do paço real onde se avistava o vulto da sege com o bolieiro e dois moços, e ao mesmo tempo Pina Manique dizia a Assumar em voz muito baixa:

— Supponha v. ex.ª que depois da noticia da partida dada pelo proprio principe, alguem que conhece os habitos modestos de Sua Alteza, foi dizer aos inimigos de D. José, o seguinte:

— A'manhã ás dez da noite, Sua Alteza, partirá n'um pequeno carrinho, acompanhado apenas por um creado e por um fidalgo, que seria v. ex.ª...

— Bem e depois?

— Supponha que esses inimigos se reuniam em grande numero e atacavam o principe!

— E' possivel?

— E' por isso que v. ex.ª chegou ás onze em vez de chegar ás dez, comprehendeis?

— Mas, como sabe... Oh! E' maravilhosa a sua policia...

— Um pouco habil não o nego... tornou com modestia, o in-

tendente, sorrindo e dirigindo-se para a sege, arrastando o conde e dizendo-lhe ainda:

— Comprehendeis que os inimigos de Sua Alteza...

— São os jesuitas!

— Reunidos hontem em casa de Pacifico Mosés, o banqueiro da Companhia, d'onde o meu chefe de policia os viu sahir disfarçados...

— E apesar de tudo, reconheceu-os?

— Seguiu alguem que bem conhece e foi assim que descobriu os outros!

— Admiravel o vosso agente!

— V. ex.ª conhece-o!

— Eu?

— Sim... E' aquelle corregedor que lhe quizeram dar por cumplice no celebre rapto da monja...

— Bem sei... E que á nossa custa descobriu uma conspiração!

— Que lhe ia custando a vida! volveu o intendente, subindo para o vehiculo.

Durante este tempo, o espectaculo ia continuando no theatro e o frade e D. Ramiro, olhavam a miudo para o camarote real onde o principe D. José consultava com impaciencia o relogio.

D. Ramiro sentiu que lhe tocavam levemente no hombro e voltando-se viu Jacob Mestral e Silva Menezes fardados de tenentes de cavallaria, ao passo que D. Balthazar d'Athouguia envergava o seu novo uniforme de alferes, patente que lhe fôra concedida por intermedio do principe D. João, que formava agora o seu regimento.

— E' a hora! murmurou entre dentes, Jacob Mestral.

— Espera... Elle não se levanta!

E olharam todos para o camarote do principe que continuava a vêr o relogio, cada vez mais admirado pela demora do conde.

Mas de repente, viram erguer-se o principe D. João e caminhar para a porta do camarote.

O frade interrogou no mesmo tom baixo, o fidalgo:

— D. João sabe alguma cousa?

— Não...

— Mas não vê que se levanta!

— Trata-se de qualquer cousa de pouca monta!...

O marido de Carlota Joaquina chegava no entretanto ao corredor e dizia para o official que lhe fallava:

— Onde está esse frade?

— Ali no corredor, alteza real! volveu o outro inclinando-se.

D. João avançou para um vulto que via ao fim do corredor e acercando-se perguntou:

— Sois vós que vindes da parte de fr. José Maria de Mello?

— Sim, meu senhor. . retorquiu o outro em tom humilde, curvando-se.

— Que desejaes?

— Ah! Alteza Real... Que desgraça! Que grande desgraça lamuriou o frade, olhando o principe que bradava:

— De que se trata? Fallae! ordenou elle rapidamente.

— Ah! E' que o reverendo, o santo fr. José Maria de Mello, tinha uma importante communicação a fazer a Vossa Alteza, ácerca dos frades de Mafra...

— Dos frades de Mafra? perguntou o principe com grande pressa!

— Sim alteza, e ainda outras cousas que não me quiz dizer, pedindo-me apenas... e o bom do frade detinha-se com grande commoção.

— Mas o que? Que succedeu ao reverendo?

— Oh! Alteza... Fr. José Maria de Mello está muito doente, teve que ficar na hospedaria de Salvaterra... Lá junto do caes...

— Doente?! interrogou elle no auge do espanto.

— Sim, alteza... Sentiu-se de repente incommodado e eu que o acompanhava vim de sua parte prevenir Vossa Alteza e sollicitar a vossa presença pois que tem alguma cousa a communicar-vos!

— Agora?

— Sim alteza... Porque ha viver e morrer!

O principe fez-se pallido e bradou:

— E quereis que eu vá a esta hora?

— Transmito-vos apenas as palavras do reverendo... Disse-me elle, deveras commovido, aquelle santo:

«— Vae dizer a Sua Alteza que sollicito a sua presença... E' tão grave o que tenho a communicar-lhe...»

D. João, tornou-se ainda mais pallido e exclamou:

— Porém preciso fazer me acompanhar por alguem!

— Como vossa alteza desejar!...

N'este momento passeava no corredor o effeminado conde de Villa Nova (*) e D. João, gritou-lhe:

— Conde!

— Meu senhor...

— Acompanhe-me!

— Onde vae vossa alteza a esta hora?

— Trata-se d'uma communicação de fr. José Maria de Mello que está muito doente na hospedaria da villa!

— Ah! Vamos, real senhor... Mas deixae-me prevenir-a cavallaria...

— Está louco! Amanhã todos saberiam da nossa visita ao reverendo...

— Tendes razão... murmurou resolvendo-se emfim a acompanhar o principe que se mettia pelo corredor e chegava á rua, onde o frade já se encontrava ao lado do carro do principe D. José.

D. João embrulhava-se na capa bem como o ministro e ao vêr aquelle caminho que servia a seu irmão, exclamou:

— Porque iremos por aqui?

— Alteza não ha tempo a perder e a vossa sege é pesada em demasia; volveu o frade.

— Tendes razão... Sahi! e ordenava ao frade que o acompanhasse.

— E' que alteza, eu vou chamar o physico para o reverendo...

— Bem. . Bem... murmurou o principe collocando-se no carro e gritando ao bolieiro:

— A Salvaterra! Pára antes da estalagem...

— Galga depressa a estrada! aconselhou o principe receando.

Na platéa, os fidalgos admiravam-se da demora de D. João e estavam sobre brazas ao verem o tempo decorrer e o principe do Brazil continuava a consultar o seu relogio.

No entretanto o frade, despiu rapidamente o seu habito, soltara uma gargalhada e atirou a veste para um montão d'hervas que ficava a pequena distancia, apparecendo vestido no trajo negro dos homens de policia e penetrando no theatro onde trocou alguns signaes

---

(*) O devoto ministro.

com dois individuos vestidos de officiaes do regimento do Porto e que estavam por detraz de D. Ramiro.

O vehiculo que conduzia D. João, passava junto da sege do intendente da policia para o qual o conde de Assumar, exclamava:

— Oh! Mas sua alteza partiu apesar de tudo... Conheço o seu carro... Oh! Vamos, meu caro intendente!

— Assim é com effeito, tornou Pina Manipue muito tranquillamente.

— Mas, meu Deus, que vae sucdeder ao principe D. José?

— Ah! E' de D. José que falaes?

— Pois então de quem? Não é d'elle que se trata, não é a elle que buscam assassinar...

— Porem quem partiu foi D. João e peço-vos que entreis agora no camarote real e deis conta da vossa missão a sua alteza o principe do Brazil... São onze horas...

— E vós?

— Eu vou assistir a uma grande scena! bradou o intendente, fazendo com que Assumar se apeasse e exclamando para o chefe da policia:

— Os nossos homens?

— Devem sahir n'este momento do caes... Não apparecerão se assim o desejardes!

— Salvo se carecer d'elles.

— Para isso, basta um signal!

— Partamos! bradou o intendente fazendo um signal ao chefe da policia que tomou logar a seu lado.

Entretanto Assumar entrava no theatro e mostrava-se bem. D. José via-o e sahia rapidamente do camarote correndo ao seu encontro na ante-sala.

D. Ramiro de Noronha, os seus amigos e o frade, ergueram-se dirigiram-se rapidamente para a porta e exclamaram:

— E' o momento!

— Montemos a cavallo, tomemos pelo atalho e em um quarto d'hora estamos junto de Joannico a tempo d'assistirmos á scena...

— Têm as mascaras? interrogou o frade, cheio de precauções.

— Sim! volveram elles.

— Então, a caminho!

Sahiram um a um, foram buscar os cavallos que estavam da

parte detraz do theatro e partiram a toda a brida sem que a sua ausencia fosse notada pois n'aquella momento terminava o espectaculo com um bailado e a côrte sahia rapidamente.

Continuava a chover com força, e D. José, conversava com Assumar a quem dava o braço, murmurando:

— Então conde, o embaixador sempre tinha razão em desconfiar do padre Gallari, não é assim?

— Sim, alteza... Assim vos participei pelo meu correio!

— E está ainda em Lisboa, não é verdade?

— Sim alteza?

— E' um jesuita?

— E' o geral da ordem!

— O geral! bradou assombrado o herdeiro do throno, exclamando:

— Partamos! Vamos para Lisboa, conde! E' necessario que esse homem nos caia nas mãos...

— Isso, alteza real, compete ao intendente da policia!

— Mas por isso mesmo preveniremos Pina Manique que o fará vigiar e por esta fórma poderemos descobrir muita cousa!

— Pina Manique, está prevenido!

— E por quem?

— Por mim...

— Fostes a Lisboa... Oh! a vossa demora!

— Tem outros motivos! Pina Manique está em Salvaterra!

— Oh! Vamos ter com elle e partamos todos para Lisboa! Já tenho a licença de minha angusta mãe para me ausentar...

— Bem sei, alteza, tendes essa licença ha dois dias...

— Sabeis?

— Sim, vossa alteza teve a imprudencia de o participar na côrte...

— Imprudencia?

— Sim, porque tendes inimigos os quaes tentariam hoje contra a vossa vida se eu em vez de chegar a esta hora tivesse vindo mais cedo!

— Oh! Mas onde estão elles! bradou o principe no auge da colera.

— Devem ter encontrado a esta hora sua alteza real, vosso irmão!

— Meu irmão?!

— Sim que partiu ha minutos!

— Mas como conseguiram isso...

— Pina Manique o sabe, por sua alteza vae elle fazer descobertas... Ardis de policia, meu senhor, ardis de policia!

E D. José ficava como petrificado encostado ao braço d'Assumar emquanto a côrte sahia do real theatro de Salvaterra.

XII

A aventura d'um principe

D'um renque d'arvores que bordavam o caminho pedragoso que conduzia ao fim da villa acabavam de sahir dois homens envoltos em largas capas a abrigarem-se da chuva, escondiam sob ellas os bacamartes pesados e lançavam olhares investigadores para todos os lados, distinguindo as poças d'agua formadas nos barrancos e perante os quaes um d'elles exclamava:

— Hum... Não é com este tempo que elles se aventuram...

— Raios do diabo! Essa agora... Naturalmente o que elle tem a fazer em Lisboa não é cousa de grande monta e é capaz de partir pela madrugada!

— Não o duvido, volveu o outro. E depois não temos tão depressa outra occasião, Joannico!

— Tens razão, Sempronio... Estes Braganças são protegidos pelo inferno!

— Ou pelo céu, pois que a chuva vem do alto... exclamou o bandido com um ar extranho.

Mas a subitas ouviu-se um assobio muito distante, depois outro mais proximo, até que a alguns passos o signal se repetiu o que fez o chefe, bradar:

— Oh! Os nossos homens avisam-nos...

— Então é que o principe não quer faltar á entrevista...

— Parece que sim...

— Eh! Não ouves? interrogou o Joannico com certo espanto.

— Parece que vêm d'este lado... redarguiu o outro apontando para o atalho que serpenteava da parte de cima da estrada.

— Mas vem a cavallo! exclamou o antigo servo d'Assumar.

— Sim e são pelo menos quatro ou cinco cavalleiros!

— Descobrir-nos-hiam? interrogou de novo com grande colera.

— Quem sabe?

— Mas se assim é...

— E contando apenas com seis homens seremos batidos!

— Ah! E quem sabe se esse maldito frade não nos quiz fazer cahir n'um laço! gritou o bandido como se tivesse feito uma importante descoberta ao mesmo tempo que do atalho despontavam quatro cavalleiros que se acercavam, emquanto o Joannico, interrogava!

— Quem vem lá?

— Amigos! respondeu uma voz que o tranquillisou.

— Bemvindo seja, padre Theodoro! exclamou elle ao reconhecer o outro.

E depois voltando-se para os quatro homens em cujos rostos havia mascaras, tornou:

— Boa noute, senhoras... Parece que o vosso principe já vae tardando!

— Deve aqui chegar dentro em dez minutos, exclamou D. Ramiro de Noronha com segurança.

— Partiu depois de nós e o caminho d'elle é mais longo! ajudou D. Balthazar d'Athouguia, emquanto Jacob Mestral e Silva Menezes, diziam:

— Sim... Nós viemos pelo atalho!

— Ouçam! bradou o padre, pareceu-me ter escutado um silvo!

Applicaram o ouvido e distinctamente se escutou um novo signal ao mesmo tempo que o ruido d'um vehiculo rodando na estrada os poz de sobreaviso.

— Oh! Sempronio, a corda está bem esticada? interrogou elle a meia voz.

— Ora... O trabalhinho foi feito por mim... volveu o bandido com certo orgulho.

— Avisa os nossos homens! ordenou o chefe tremulo de raiva, tirando o seu bacamarte de sob a capa encharcada.

Continuava a chover com força, dos lados do bosque ouvia-se

o ruido da voz de Sempronio prevenindo os companheiros; os fidalgos e o frade mettiam se sob as arvores e ficavam além, murmurando:

— Até que emfim!

— D'esta vez não tornará a desconfiar de mim! disse D. Ramiro com alegria.

— E não protegerá os nossos inimigos, tornaram os outros, ao passo que o frade accrescentava:

— Não porá entraves á marcha da companhia!

— Que entrará triumphante em Portugal, garantindo-nos a religião...

O bandido não os escutava, ficava d'atalaya, os olhos luzentes, tremulo apertándo raivosamente a arma e vendo a seu lado Sempronio.

Pouco a pouco era mais distincto, o ruido do vehiculo, nas trevas avolumava-se uma forma e dentro em alguns instantes viram o carro que se approximava.

Todos os corações batiam d'anciedade, aguardando o resultado d'aquella conspiração que ia servir abertamente os seus interesses.

Mas o carro acabava de parar a subitas, os dois cavallos recuavam com o instincto dos animaes e ouvia-se o sota, gritar:

— Para a frente, malditos!

Incitava-os com o chicote, espancava-os desesperado e os animaes n'um arranco iam avançar, quando o Joannico já impaciente fez um movimento para se lançar sobre elles que chegavam á corda estendida e amarrada fortemente nas arvores da estrada.

Os animaes dobravam as pernas e o carro empinava-se, emquanto de dentro, se ouvia a voz do ministro perguntar:

— Que é isso, José Carlos?

— Ah! Excellencia é...

Porém não teve tempo de concluir a phrase seis homens rodearam o carro, ao mesmo tempo que os fidalgos se chegaram á borda da estrada para assistirem á scena, tomados do mais intenso jubilo.

A voz do Joannico, terrivel, furiosa, soou bradando:

— Ah! Estás em meu poder!

— Oh! Mas enganai-vos sem duvida, senhor... titubeou o bolieiro. Aqui vae sua sua alteza!

— E' exactamente a sua alteza que quero fallar! gritou o ban-

dido apertando a arma e dirigindo-se para o vehiculo, cujas cortinas affastou ordenando:

— Desçam!

— Mas senhor... senhor... disse uma vozita tremula de susto ao escutar as palavras do bandido.

— Nada de demoras! bradou este em voz forte.

— Senhor... Sou o sub-secretario d'estado!... volveu o ministro cada vez mais cheio de terror.

— Que importa, senhor de Villa Nova de Cerveira, descei!

— Villa Nova! murmuraram admirados, os fidalgos.

— Elle com o principe D. José! Mas é impossivel!

— São até inimigos!

O conde descia a custo do carro e pondo uma supplica ardente nas suas palavras, exclamou:

— Mas senhores, vem aqui sua alteza!

— Que desça! ordenou apenas o Joannico por unica resposta.

D. João, apeou então o seu volumoso corpo e ficou de pé na estrada, envolto na capa e sem pronunciar palavra.

— Sigam nos! bradou o bandido, e para os seus homens, ordenou:

— Vigiem o bolieiro... Se gritar enforquem n'o!

— Mas que quereis de nós? interrogou da sua maneira medrosa, o senhor de Villa Nova.

— Sim, que desejaes! perguntou então pela primeira vez o principe n'um tom raivoso, continuando:

— Ignoraes acaso quem tendes na vossa presença? Oh! Mas pagal-o-heis muito caro... Juro-vol-o! ameaçou elle, cada vez mais rancoroso; emquanto Villa Nova dizia:

— Meu senhor... meu senhor..

D. Ramiro de Noronha, soltou então um grito e exclamou:

— Mas não é D. José!

— O que? perguntaram os outros com grande furia.

— Sim... Não é D. José, é o principe D. João!

— D. João! Oh! E vae matal-o? exclamou Jacob Mestral em voz de trovão.

— E' preciso impedir semelhante cousa!

— Seria o contrario do que desejamos!

— Têm razão!

O bandido agarrava então com grande furia o braço do principe e exclamava:

— D. José de Bragança, vaes morrer!

— D. José?! bradou assombrado o ministro com alguma esperança.

— Sim.

— Mas tendes na vossa frente o principe D. João.

— D. João! O noivo, o marido de Carlota Joaquina? exclamou o bandido!

— Sim, sua alteza!

— Melhor... A dôr será mais profunda n'essa familia! murmurou elle tomado de raiva e buscando arrastal-o para o interior do bosque.

Porem o padre Theodoro, collocava-se em frente do bandido e dizia-lhe:

— E' impossivel, esse homem não é D. José.

— E' um Bragança! volveu o bandido por unica resposta, gritando a Sempronio:

— Amarra ahi o senhor sub-secretario d'estado! Eu me encarrego de sua alteza!

— Por Deus! Tal não pode succeder... gritou Jacob Mestral avançando para o Joannico que não o reconheceu pela voz e não lhe podia distinguir o rosto coberto com a mascara.

— E porque, senhor? exclamou o bandido.

— Porque a vida de sua alteza é preciosa!

— Para vós e não para mim! Ah! Comprehendo-vos, quizeram fazer de mim um instrumento para as vossas vinganças! Mas enganam-se, embora os tenha de fuzilar tambem!

— E' o que vamos vêr! gritou Mestral tirando uma pistola do cinto.

— A mim, rapazes! exclamou o Joannico chamando os seus homens que se approximavam apontando os trabucos e deixando livre o bolieiro que se encolhia muito no vehiculo.

— Luz!... Luz! Além! bradou Sempronio apontando um tenue clarão que vira brilhar por entre as arvores.

Jacob Mestral recuou assustado assim como os fidalgos e o frade, e o principe D. João, murmurou para o ministro:

— Não é a voz de Jacob Mestral!

— Sim, meu senhor... Ah! E D. Ramiro de Noronha! volveu elle ao escutar o fidalgo que dizia:

— Vejamos Joannico, harmonisemos tudo.

— Pergunte ao padre Theodoro se eu posso transigir, com mil raios... Eu não estou aqui para servir interesses, estou para me vingar! José Maria de Mello não alugou o meu braço, fallou á minha colera!

— José Maria de Mello! Ah! murmurou o principe. Agora comprehendo!

— Mas o que, meu senhor!

— Isto era uma cilada em que queriam fazer cahir meu irmão!

— Mas em que nós cahimos!

— Cousas do acaso... Mas deixae que elles nos defenderão!

Porém Joannico, apontava a sua arma a Mestral e exclamava:

— Se tentas alguma cousa, morres!

— Ah! patife, amante da cigana, agora vaes saber quem sou! gritou elle recordando-se muito do succedido em Belem e sentindo ainda uma grande colera ao recordar-se da Chiquita!

— O fidalgo do *Neutral!* bradou o bandido com alegria. Oh! D'esta vez a vingança será completa... Rapazes cerquem este homem.

— Joannico! Joannico! supplicou o frade acercando-se do bandido que sorria extranhamente.

D. Balthazar d'Athouguia, recuava, emquanto Silva Menezes, bradava:

— E' impossivel semelhante cousa! Aqui ha um mal entendido!

— Silva Menezes! murmurou-lhe ao ouvido, D. Ramiro de Noronha, se nos reconhece estamos perdidos... Foi uma imprudencia virmos aqui!

— Se não viessemos, já sua alteza estaria morto! A verdade é que ignoravamos o nome do bandido!

Os homens de Joannico tinham cercado Jacob Mestral e Balthazar d'Athouguia chegava-se a D. João, dizendo-lhe:

— Alteza, fujamos!

O principe agora estava livido de susto, as pernas vergavam-lhe, sentia-se tomado do maior terror e em voz tremula, dizia:

— Impossivel... impossivel!...

— Vinde, meu senhor!

— Oh! seria morto!...

Começara a revelar-se a pusillanamidade do principe que tão extranho papel havia de occupar no futuro, e foi necessario que D. Balthazar o agarrasse com força e n'um impeto o levasse em direcção á sege gritando ao bolieiro:

— Depressa! A cavallo e parte!

Saltaram lestamente para o carro, emquanto os bandidos cercaram os fidalgos á voz de Joannico que berrava:

— Hei-de descobrir os vossos fins!

Agora porém, ao ouvir o carro que começava a rodar, o chefe, apontando a arma, gritou:

— Façam alto! Ah! Miseraveis por vossa causa foge-me a presa!

E descarregava o bacamarte cujas balas tocaram o tecto do carro que partia a toda brida.

D. João ia como desmaiado, sentia-se victima d'um enorme pesadello, e murmurava:

— Oh! quem era aquelle homem ..

— O Joannico, meu senhor, volveu o outro.

— O bandido! Oh! pobre conde, vae morrer com certeza!

Porém do lado da estrada ouvia-se o trote d'alguns cavallos a toda brida e via-se uma sege que corria rodeada pelos soldados.

Ouviu-se uma voz bradar:

— Façam alto!

— Vae aqui Sua Alteza! gritou o bolieiro.

— O que? Sua Alteza? exclamou uma voz d'homem, emquanto um vulto se apeava da sege e vinha entreabrir as cortinas do vehiculo onde D. João asphixiava.

Ao clarão das lanternas da outra sege, o principe reconheceu-o e na sua voz tremula, murmurou:

— O senhor intendente!

— Eu sim, meu senhor, que retiro para Lisboa... Mas, vossa alteza a esta hora na estrada? exclamou elle, olhando D. Balthazar d'Athouguia que como os companheiros tinha tirado a mascara ao começar a confissão.

— Ah! senhor intendente acaba de succeder-me uma enorme desgraça!

— A vós, meu senhor?

— Sim... Oh! Mande que a sua cavallaria parta e agarre no bosque proximo um terrivel bandido que tentou contra mim!

— Que dizeis, Alteza? exclamou Pina Manique, fingindo um admiravel pasmo.

— Sim, senhor intendente, nem nas visinhanças do paço real podemos estar tranquillos!

— Mas, intendente... avançou D. Balthazar.

— Não vos reconheceram! Quem imaginaria que vossa alteza sahia do paço a estas horas sabendo-se demais as ordens de Sua Magestade em relação aos principes...

O principe ia retorquir, porém o fidalgo, tocava-lhe no braço e volvia:

— Meu senhor... não digaes cousa alguma, descobrir-se-ia a conspiração contra vosso irmão!

Elle, estremeceu e de seguida com o seu ar medroso, volveu:

— Sim talvez que não me reconhecessem... Oh! Mas enviae os vossos soldados, porque estão em poder d'esses bandidos alguns fidalgos que me acompanhavam...

— E não defenderam vossa alteza? tornou elle no mesmo modo de fingido pasmo.

— Cedemos ao numero, excellencia, e tivemos apenas tempo de salvar Sua Alteza! redarguiu D. Balthazar, cortando a palavra ao principe, temendo cada vez mais que tudo fosse descoberto.

— Ah! E quem são esses fidalgos que assim se sacrificam? perguntou elle naturalmente, fingindo grande respeito.

D. João cahiu no laço que o astuto intendente lhe armava e apesar do fidalgo, lhe tocar de novo no braço, exclamou:

— D. Ramiro Noronha, Jacob Mestral e Silva Menezes!

— Com D. Balthazar d'Athouguia!

— E o padre Theodoro! accrescentou sua alteza.

D. Balthazar, fez-se pallido mas tranquillisou-se de seguida ao ouvir o intendente, bradar:

— Por Deus! São nomes que nunca esquecerão! Rodeados, sem duvida, por uma verdadeira quadrilha, deixam-se ficar e salvam a preciosa vida de Vossa Alteza!

— Sim... Como heroes! assentiu o principe, julgando que assim enganava o intendente e bradando á pressa:

— Mas faça avançar os seus soldados! Salve-os!

— Alteza já partiram! tornou Pina Manique d'um modo tranquillisador, apontando apenas dois homens que tinham ficado, emquanto os outros iam pela estrada com o chefe de policia, montado n'um dos cavallos.

A scena fôra habilmente preparada por Manique que dera as suas instrucções a Lopes Cardoso, e que queria ainda levar a comedia até ao fim, perguntando a Sua Alteza:

— Mas o que vos fizera sahir do theatro?

D. João, apertado com perguntas, teria dito toda a verdade, mas D. Balthazar, mettia-se de premeio e em significativo tom, dizia:

— Trata se d'um negocio privado de Sua Alteza.

— Sim... sim... Um negocio privado! assentiu o principe.

— Bem, meu senhor, folgo muito que Vossa Alteza tivesse escapado á furia d'esses salteadores que juro-vos, terão o devido correctivo...

— Sim, intendente, assim o espero!

— Como saberei, dizer a Sua Magestade...

— Mas o que? interrogou D. Balthazar muito assustado.

— O valor dos vossos companheiros!

— Prohibo-vos, senhor intendente! gritou o principe no auge do terror.

— Não quereis então que sejam recompensados?

— Eu saberei como proceder! Não quero que esta aventura conste na côrte, afim de evitar complicações com minha augusta mãe...

— E com vossa augusta esposa, não é assim, meu senhor? interrogou d'um modo reservado o intendente, fingindo crêr que o devoto principe, voltava d'uma aventura amorosa.

— Decerto... decerto... titubeou elle.

— Bem... Saberei guardar o mais rigoroso segredo!

— Que ninguem saiba que sahi esta noute!

— Guardarei segredo, meu senhor! Juro-vol-o!... repetiu o intendente, beijando a mão de Sua Alteza.

N'este momento ouviu-se o tropel da cavallaria, e Pina Manique com grande jubilo, gritou:

— Ah! Eis que voltam... Está tudo terminado! Que terá succedido?

— Sim que terá succedido? exclamaram ao mesmo tempo, D. Balthazar e Sua Alteza.

— Succedeu, meu senhor, que os bandidos fugiram á approximação da cavallaria, montando os cavallos d'estes fidalgos que encontrei em seu poder e um dos quaes está perigosamente ferido por uma bala de pistola!

— Quem é? interrogou D. João com grande interesse.

— É Jacob Mestral, meu senhor, é o meu amigo! bradou D. Ramiro com a mais intensa raiva, e ao reconhecer, o intendente da policia, bradou:

— Senhor intendente, carecemos de apanhar esse infame salteador!

— O seu nome? interrogou Pina Manique.

Dos labios do fidalgo ia sahir esse nome mas o padre Theodoro, exclamava:

— Ignoramol-o, meu senhor!

— Bem... Far-se-hão batidas nos arredores! exclamou elle, dando uma ordem em voz baixa ao chefe da policia e beijando a mão ao principe, disse:

— Deixo-vos junto da escolta, meu senhor...

— Não... não é necessario! Levae-a e aproveitae-a para perseguir esse maldito... Bem sabeis que desejo entrar no paço sem ruido...

— Tendes razão!... assentiu o intendente.

— Mas onde ficou Jacob Mestral? E' necessario soccorrel-o! tornou Sua Alteza com cuidado.

— Mandei-o conduzir por dois soldados que formaram uma maca com alguns ramos d'arvore...

— E para onde?

— Para a hospedaria da villa!

— Mas...

— Era o logar mais proximo, meu senhor!

— Bem... boa noute! gritou D. João, accrescentando para os fidalgos:

— Partam em separado para não despertar suspeitas... Assim é forçoso...

— Meu senhor... supplicou n'este momento uma voz, sahida d'uma grande capa onde se envolvia um homem que tremia de

medo e que até então não pronunciara palavra, relanceando olhares receiosos para o intendente.

D. João ouviu aquella voz e depois, como se recordasse de repente do seu possuidor, bradou:

— Ah! sois vós!...

— Vossa Alteza já se esqueceu de mim!

— Oh! Conde suba v. ex.ª para o meu carro, que D. Balthazar cede-lhe o logar e acompanhará os seus amigos!

— Obrigado, meu senhor, muito obrigado... Eu estou completamente molhado pela chuva e quasi não posso caminhar!

— O senhor ministro aqui! gritou Pina Manique, como se apenas n'aquelle momento o tivesse reconhecido.

— Eu sim, senhor intendente, volveu elle a quem o chefe da policia ajudava a subir para o carro, mas peço-vos segredo d'esta aventura...

— Tranquillisae-vos, excellencia, a policia é sempre discreta!

— Oh! Agradeço-vol-o! .. Por mim e por Sua Alteza!

— Deus vos dê boas noutes! exclamou o intendente saltando para a sege e dizendo ainda:

— Mas não sabeis quanto lastimo semelhante desastre!

N'aquellas palavras ditas n'um tom natural havia a mais pungente ironia que os outros não comprehenderam.

E a sege partiu escoltada pelos cavalleiros, emquanto o carro de D. João partia tambem e o principe passando nos dedos as contas do rosario, murmurava uma oração á Senhora do Cabo, seguindo depois todas as outras santas da sua devoção. O ministro resava tambem, e na estrada, os fidalgos, exclamavam:

— Oh! Ainda não inutilisamos esse maldito D. José!...

— Sim e em compensação o pobre Jacob...

— Ia pagando com a vida a ousadia!

— O Joannico reconheceu-o!

— Como a todos nós! E no momento de descarregar o tiro, ainda exclamou:

— Por gloria do meu antigo amo e do senhor Gomes Freire!

— Miseraveis!

— Agora é que vae ser guerra de morte!...

— Sem treguas! Sem descanço! E a aventura ficará em segredo!

— Ninguem a divulgará!

— Nem mesmo o intendente.

— Esse obedecerá a D. João, que segundo me parece não lastimaria muito o irmão dado o caso que a nossa aventura tivesse exito!

Embrulhados nas capas dirigiam-se para o paço real, conspirando sempre, e a sege do intendente rolava para a villa.

Elle, voltava-se para o seu chefe da policia, soltava uma risada e exclamava:

— E então?

— Admiravel, excellencia!

— Deixaste partir o bandido, não é assim?

— Dei-lhe tempo a que fugisse, cumprindo as vossas ordens, para que finjamos o segredo mais completo sobre a aventura. Se Joannico cahisse em nosso poder, teriamos que revelar a aventura o que indisporia Sua Alteza! volveu o agente no seu tom ironico.

— Muito bem... Não faltarão occasiões de lhe lançar a mão!

— Certamente... E para demais é preciso cautella não vá tentar alguma cousa contra D. José!

— Mas o que não se explica é como se voltou contra os fidalgos!

— Saberei tudo!

— Realmente o caso está um bocado confuso, mas confio em ti!...

— São favores de v. ex.ª!

— Ah! Preparaste tudo no paço?

— Sim, excellencia, encarreguei d'isso o Vicente Sameiro!

— Bem... N'esse caso tudo corre ás mil maravilhas!

— E está salva a vida do herdeiro do throno!

— E a honra da policia!

— Vejamos agora se em Lisboa encontraremos tambem o que desejamos!

— O geral da ordem!...

— Exacto...

— Substituaremos, Sua Alteza na vingança!

E o intendente e o seu auxiliar recostaram-se nas almofadas e entraram a toda a brida no largo onde existia a hospedaria, olharam a casa, viram luz n'uma das janellas e Lopes Cardoso, murmurou:

— Lá está o Mestral a pagar a sua cumplicidade na conspiração...

— D'aquelle estamos livres por alguns dias!

N'aquelle instante apearam-se e perderam-se na viella que existia por detraz da hospedaria.

O principe D. João, apeava se á mesma hora a alguma distancia do palacio e dizia para o ministro:

— Entremos com cautella!

— Esperae meu senhor, vão além uns vultos! volveu o conde de Villa Nova receiando.

— Ah! Devem ser os fidalgos! tornou o principe começando a caminhar novamente.

Deu o braço ao ministro arrastando-o me seguida para a entrada do palacio.

Porém n'este momento, como por encanto, de todas as esquinas sahiam uns vultos embrulhados em longas capas, e ouviu-se um grande ruido de vozes.

— Que mais teremos? interrogou Sua Alteza.

— Querem vêr que os bandidos se atreveram...

— Estaes louco! Mas o que será?

Como resposta, uma musica ruidosa se ouviu. Soaram violas, oboés e guitarras, formava-se um grupo em frente do palacio e começava uma serenada sob as cordas d'agua que cahia, com furia.

— Oh! Os malditos! murmurou o ministro. São os fidalgos que vem saudar as açafatas!

— A esta hora e com este tempo!

— Oh! Por Santa Maria de Belem! exclamou o conde, n'um gesto desesperado ao vêr que as janellas do paço se abriam e por cima escutavam os tocadores.

O principe ia correr para o grupo, ordenar-lhe silencio, mas como por encanto accendia-se grande numero de archotes e a praça ficava completamente illuminada, emquanto um viva retumbante, soava:

— Vivam os reaes noivos! Vivam Suas Altezas!

— Ah! Estou perdido! bradou D. João, ao vêr na janella do paço a princeza D. Carlota Joaquina que ao lado de D. Maria Benedicta e do principe do Brazil agradeciam aos manifestantes.

— Fujamos, meu senhor! supplicou o ministro.

— Sim... sim... fujamos, conde! bradou D. João como louco.

Mas fôra reconhecido por um homem vestido como a gente do povo e que acercando-se com o seu archote, illuminando bem o principe, exclamava, tirando respeitosamente o seu chapéu:

— Viva Sua Alteza real!

Correram todos para ali formaram um semi-circulo e o personagem buscava embuçar-se na capa porém fôra reconhecido no paço, porque o principe do Brazil, dizia a Carlota Joaquina:

— Mas, Alteza não é vosso esposo que além está?

— O principe! exclamou a hespanhola no auge do espanto.

— Sim... E' D. João! volveu D. Maria Benedicta ao vêr que a princeza o olhava com certa curiosidade, dizendo:

— Mas porque sahiria do paço!

Desenhava-se-lhe já no espirito uma suspeita e via D. João pallido de raiva avançar para a porta por entre as saudações dos vassallos que gritavam sempre ao som da musica:

— Viva Sua Alteza! Vivam os reaes noivos!

Elle corrido, vexado, ao lado do ministro penetrava no palacio e ia dirigir-se para os seus aposentos, porém encontrava na sua frente, a esposa que lhe dizia d'um modo ironico:

— Senhor... Venha vossa alteza agradecer as homenagens d'este bom povo!

— Alteza! murmurou elle, ao olhar o seu fato molhado e atirando a capa para sobre um movel.

O ministro esgueirava-se no corredor, olhando o principe e murmurava:

— Oh! Pobre D. João! O que irá passar Sua Alteza! Mas tambem hoje é que se lembraram de semelhante cousa!

Carlota Joaquina, continuava em frente do principe e encarava-o com uma grande raiva, desconfiando d'aquella sahida nocturna, emquanto D. João, nos seus ares de imbecil, baixava a cabeça. Ella, então, hespanhola de raça, n'um arranco, gritou-lhe:

— Vinde, senhor!

Tomou-lhe a mão e arrastou-o até á janella que deitava para o largo e onde o povo continuava as suas acclamações bradando:

— Vivam os noivos reaes!

A princeza inclinou graciosamente a cabeça e disse para D. João:

— Agradecei senhor!

Nos labios do principe do Brazil havia um ironico sorriso e o irmão curvava-se tambem a agradecer as homenagens do povo, murmurando:

— Miseravel canalha!

No paço um homem no qual seria facil reconhecer o agente de policia que envergando um habito de frade, fallava com o principe ao começo da noute soltava uma risada e murmurava:

— Oh! E elle ainda agradece a partida do senhor intendente! Aquillo é que se chama agradecer o terem-lhe posto a calva á mostra!

E D. João, nos seus ares aborrecidos, mandava mentalmente ao inferno a aventura; ao passo que a multidão o victoriava ao som da musica estrondeante.

XLII

A sagração

O intendente da policia sahia dos aposentos do arcebispo de Thessalonica no real paço da Ajuda e á porta, beijando a mão de sua grandeza, dizia-lhe:

— E agora, senhor arcebispo, é necessario velar por Sua Alteza!

— Julgo-o prevenido... Não sahe senão bem acompanhado, elle que não é cobarde!

— Vigiemol-o sempre porque dos jesuitas tudo se espera...

— Descançae, excellencia... Hei-de mostrar-lhes quem sou!

O outro fez uma venia e desappareceu emquanto o arcebispo se dirigia para os aposentos da rainha.

D. Maria I, agora que fallecera havia seis mezes el-rei D. Pedro III, recahira mais do que nunca no seu recolhimento e recebeu o seu confessor com um sorriso breve á flôr dos labios, murmurando:

— Ia mandar chamar vossa grandeza!

— A's vossas ordens, magestade!

— Sentae-vos, meu amigo... ordenou a rainha com grande amisade.

O prelado sentou-se e ella começou:

— Grandeza: Depois da morte de meu esposo, parece-me que um sem numero de desgraças tem cahido sobre a côrte... Vejo n'isto um castigo do céu, todos os dias me interrogo buscando redimir os meus peccados!

— Real senhora... Tranquillise-se vossa magestade... Conheço todas as vossas acções...

— Ah! arcebispo! E' um horror a vida terrena... Não sei na realidade como harmonisar tudo isto... Sinto por vezes um desejo extranho de remediar muitos males...

— Males?

— Sim... Não vêdes como meus filhos são infelizes?

— Infelizes, suas altezas!

— Sim... D. José, que por graça de Deus, me succederá apenas troca com a esposa algumas palavras e ainda assim em publico para que não vejam as suas discordias... A princeza vive retirada com a sua dama, D. Maria da Penha e procede d'egual modo para com sua alteza! Rebentam as discussões entre elles e a princeza D. Carlota Joaquina que por seu turno parece desprezar D. João... Oh! meu amigo, se soubesse...

— O que, real senhora?

— O pedido que sua alteza me dirigiu á momentos!

— Não o imagino sequer...

— Pois bem... O principe vinha pedir a minha auctorisação para entrar definitivamente para o convento de Mafra... Quer uma dignidade da egreja...

O arcebispo, teve uma scentelha nos olhos e exclamou:

— E ao espirito de vossa magestade não agrada essa idéa?

— Não... E Deus sabe quanto desejaria poder fazer-lhe o sacrificio d'um filho, porém...

— O que?

— D. Carlota Joaquina, ficaria como viuva!

O arcebispo curvou a cabeça e ao cabo d'alguns momentos, exclamou:

— Eu me encarrego de harmonisar suas altezas!

— Vós?

— Sim, real senhora, eu por mais extranho que isto vos pareça...

— Porém, como?

— Sei d'onde partem essas dissenções.

— Mas...

— Sim, real senhora... Sei que tudo isso tem por causa o que succedeu a sua alteza em Salvaterra!

— Como?

— Sim... A princeza julgou que o principe D. João voltava d'uma entrevista amorosa... E então, de ha seis mezes para cá, degladiam-se...

— E que fareis?

— Bastar me-ha explicar a verdade!

— O que? Sabeis acaso...

— Sei tudo, real senhora...

— Contae-m'o.

— Oh! E' muito grave o que sei, nunca vol-o direi!

— Arcebispo! Mais desgostos!

— Que saberei poupar a vossa magestade!

— Oh! Fallae! Supplico-vos!

— Nunca o farei!

— Oh! Tudo isto tem por causa os meus actos... O que eu fiz a Pombal... E depois os Tavoras!

— Os Tavoras! gritou com grande espanto o arcebispo.

— Sim... Quem me diz que elles eram culpados!

— Mas os tribunaes, real senhora, os juizes!

— Podiam enganar-se... E para demais a convicção de meu fallecido esposo...

— Qual era, real senhora?

— A de innocencia d'esses fidalgos...

— Por Deus!

— Sim... A sua innocencia, a morte injusta!

— No reinado de vosso pae, não no de vossa magestade, dir-vos-hei se persistis em acreditar esse impossivel!

— E não pagam os filhos as culpas dos paes?! interrogou a rainha deveras atemorisada.

— Real senhora, por Deus! bradou o confessor muito admirado d'aquella transformação.

— Ouça, arcebispo... Não estão os descendentes dos Tavoras ainda sob o peso da infamia?

— Real senhora!

— Sim... Para que negal-o... Sou muito culpada... E' necessario rehabilitar essa familia!

— Mas como, real senhora! bradou elle, cada vez mais admirado.

— Protegendo os seus descendentes, mandando restituir-lhes os haveres...

— Mas e as sentenças?

— Annullal-a-hei por completo... Não o fizemos já?

— Para ficarem de novo vigorando!

— Mercê d'aquelles que como Marialva, Martinho de Mello, Angeja e vossa grandeza, me diziam...

— Que irá lançar um insulto sobre a memoria de vosso pae! Primeiro o ministro, depois o rei... Oh! Reconheço aqui o dedo dos jesuitas! bradou Thessalonica com o grande desassombro com que costumava fallar á rainha.

— Não... não... Era a justiça!

— Justiça real senhora, foi a outra, a do marquez! No reinado de vosso pae os criminosos eram punidos, ao passo que no vosso...

— Elles são perdoados não é assim? interrogou a soberana.

— Sim, real senhora!

— Porque vós, o meu confessor, intercedeis por elles! Pelos sacrilegos que roubam as monjas, pelos que tentam assassinar meu filho...

Thessalonica, fez-se pallido, ao recordar-se de quem a rainha queria fallar e volveu:

— Referis-vos a Gomes Freire, a Vasco de Miranda...

— E ao conde de Assumar, tornado marquez d'Alorna por morte de seu pae...

— E confidente do principe D. José, amigo do herdeiro do throno, real senhora! E acreditae que na alma do marquez não ha logar para hypocrisias... E' amigo d'esses a quem chamaes hereges, a quem accusaes de quererem assassinar sua alteza... E no emtanto é elle o que vive com o principe? Vêde como as cousas são? Como tudo se justifica só com essa amisade! Se Gomes Freire e Vasco, odiassem sua alteza, Alorna procederia de egual modo!

— N'esse caso não ha criminosos, não ha a quem condemnar, porque me accusaes então de demente?

— Porque se deixou em liberdade o padre Manuel Cardoso e os seus cumplices, porque a traição embosca-se no paço e chega a dominar no espirito de vossa magestade! gritou Thessalonica erguendo-se impetuosamente.

— Grandeza! Não me digaes mais nada! Eu sou muito infeliz!

— Porque os vossos ministros não vos defendem!

— Oh! E' necessario rehabilitar os Tavoras! murmurou ella como se o não ouvisse.

E de repente, exclamou:

— Careço de repouso...

— Real senhora, repouse... E quando me quizerdes escutar, recebei-me, tenho uma supplica a dirigir-vos...

— Oh! Fallae já, arcebispo!

— Não... Aguardarei que vossa magestade repouse...

— Fallae... Peço-vos... Sabeis que tenho sempre pressa em vos escutar e em acceder aos vossos pedidos...

— E bem justo é o que tenho a dirigir-vos n'este momento!

— Dizei!

O arcebispo, calou-se durante uns momentos e depois exclamou:

— Real senhora está a meu lado constantemente desde ha muito auxiliando-me, um homem cujo espirito recto eu bem conheço.

— De quem fallaes?

— Do prior de S. Julião!

— Bem...

— E' para elle que vos venho pedir uma mercê...

— Fallae e considerae-vos servido!

— Está vago o bispado do Algarve e desejo que vossa magestade nomeie para elle o prior!

— O bispado do Algarve! bradou com espanto a rainha, erguendo-se por seu turno.

— Sim real senhora...

— Mas é a unica cousa que não vos concederei! volveu ella como penalisada.

— Oh! Real senhora... titubeou Thessalonica, olhando a soberana, que volvia:

— Vae ser preenchido esse bispado... Obedeço aos ultimos desejos de meu esposo, aos pedidos de D. Pedro, cuja alma, Deus tenha em sua gloria...

— Ah! N'esse caso...

— Sim, grandeza, e ao mesmo tempo cumpro um dever que se me impõe de ha muito...

— Um dever?

— Sim... Ha um homem a quem desejo contemplar... Esse

homem é quasi um santo e a minha familia contrahiu para a com a d'elle a mais sagrada das dividas... Faziamos-lhe mal, devemos-lho uma recompensa!

— Mas de quem fallaes? interrogou rapidamente o arcebispo, fazendo-se livido e ficando muito agitado em frente da rainha, que volvia tranquillamente:

— Fallo de fr. José Maria de Mello!

— Oh! Eis o que eu já esperava! bradou elle assombrado apesar de tudo.

— E' um Tavora! Meu fallecido esposo supplicou-me que os rehabilitasse... E ia morrer... Foram as suas ultimas palavras... disse ella n'um tom triste, enxugando algumas lagrimas que lhe corriam no rosto branco.

Mas Thessalonica, em voz vibrante, n'um sentido protesto, gritava:

— Real senhora essa nomeação é impossivel!

— Porque fallaes assim, arcebispo? perguntou com altivez a soberana.

— Ah! Porque esse homem é o peior inimigo de vossa magestade, e de vossa familia...

— Que dizeis? Estaes louco sem duvida... Elle que tantas mostras d'affecto tem dado a meu filho D. João...

— E que tanto tem conspirado contra vosso filho D. José!

— Por Deus que isso é impossivel, repito!

— Pois bem, real senhora... Eu até hoje tenho conservado o silencio mas agora é impossivel, tambem eu o digo! Sabeis d'onde partem as discordias de vosso filho D. José com sua esposa? De José Maria de Mello que preparou toda a scena do páteo das damas afim de se vingar de Vasco de Miranda.

— E porque?

— Porque elle é amigo de Gomes Freire cuja familia sempre tem combatido os jesuitas!

— E quereis dizer...

— Que o oratoriano pertence á Companhia...

— Arcebispo!

— Real senhora... Mas ainda temos mais... Gomes Freire foi o raptor da sobrinha do cardeal da Cunha...

— E então?

— Isso destruiu parte dos planos do frade...

— Que planos ..

— Primeiro a sua ambição, segundo...

— O quê?

— Foi por causa d'esse rapaz que o corregedor do crime descobriu a conspiração contra vossa magestade!

— Conspiração?

— Sim, a do jesuita Cardoso!

— Mas...

— E da qual faziam parte o cardeal e José Maria de Mello

— Thessalonica!

— Tudo verdade, real senhora, os nomes que vossa magestade não queria ouvir outr'ora eram estes!

— Oh! E' impossivel! bradou a rainha n'um grande desespero.

— Depois esse homem soube cercar-se de cumplices, soube tecer uma grande rede em que envolveu tudo e onde vos envolverá tambem se quizerdes continuar a protegel-o!

— Oh! Não acredito!

— Pois ide perguntal-o ao intendente da policia!

— Pina Manique, sabeis que ha inimigos em toda a parte.

— Sim, real senhora... Porque em toda a parte elles existem! Desde a inquisição d'onde hei-de expulsal-os hoje mesmo, até ás estradas onde os principes devem passar...

— O que?

— Sim, real senhora... Nas estradas onde os fidalgos de companhia com os bandidos aguardam as victimas!

— Em Salvaterra...

— Sim, em Salvaterra...

— N'esse caso meu filho D. João!

— Por um acaso salvou seu irmão D. José, que como sabeis devia partir n'essa noute!

— Sim, recordo-me... Concedeu-lhe licença...

— E a côrte sabia-o...

— E' verdade!

— José Maria de Mello tambem o sabia...

— Mas como, se não vive na côrte?

— Mas tem n'elle os seus cumplices...

— E sabeis os seus nomes, não é assim? interrogou a rainha, buscando confundil-o.

— Sabel-os-hei dentro em instantes!

— Por quem?

— Pelo intendente da policia!

— Oh! Tudo isto é horrivel!... exclamou a pobre rainha, sentindo-se desfallecer, e continuando:

— Mas para que temos machinações... Isto é superior ás minhas forças!

— Julgo que já não tendes as mesmas ideias ácerca d'esse jesuita?

Mas a rainha, sempre desconfiada, lançava-lhe um olhar e bradava:

— Era o que esperavas?

— Sim, real senhora... Sempre aguardei isso!

— Porque tendes n'isso interesse, não é assim?

O insulto era directo e Thessalonica habituado a todos os respeitos, bradou enfurecido:

— Julgae, senhora, o meu procedimento a vosso bello prazer! Cumpri um dever, mais nada! E d'este momento em diante, desde que os meus inimigos, que são tambem os de Vossa Magestade, triumpham, resta-me apenas...

— O que? interrompeu muito apressada a soberana.

— Pedir-vos permissão para me recolher de novo ao meu convento de Carnide!

— Arcebispo! Fr. Ignacio! bradou ella como arrependida lançando-se aos pés do confessor n'um momento irreflectido.

Este, com grande commoção, ajudou a erguer a soberana e murmurou:

— Por Deus, real senhora...

— Oh! perdoae-me... perdoae-me!

— Real senhora!...

— Oh! Vós, o meu confessor, insultei-vos...

— Então...

— Tende piedade de mim... Oh! Sinto-me desesperada!

Thessalonica começou a apaziguar a commoção a essa rainha vestida de luto que começava a perder-se no intrincado labyrintho das intrigas palacianas, e por fim dizia-lhe:

— Ficae tranquilla, real senhora... A vossa consciencia é pura...

— Oh! Como quereria poder remedeiar tudo!

— Está na vossa mão, o que desejaes, replicou o arcebispo.

— Não... não...

— José Maria de Mello, ainda não é bispo...

— Enganaes-vos!

— O que?

— Sim... Quiz obedecer aos ultimos desejos de meu esposo...

— E acaso...

— Sim... deve n'este momento estar a ser sagrado no convento das Necessidades!

— Oh! E' necessario impedil-o! bradou Thessalonica.

Mas agora, como resposta ás palavras do inquisidor, a dama de serviço abriu o reposteiro e exclamou:

— Sua grandeza, o bispo do Algarve!

E José Maria de Mello, que vinha de ser sagrado, revestido dos seus habitos prelaticios, os oculos verdes a encobrirem-lhe as scentelhas do olhar, entrava ao lado do principe D. João que sorria cheio de jubilo e encaravam ambos o arcebispo n'um ar de desafio.

Depois detraz d'um biombo, sahiu um corpo marreco, um rosto d'ébano onde se rebolavam uns olhos maliciosos, e D. Rosa, a anã favorita, que ouvira toda a conversação de D. Maria I com o seu confessor corria a lançar-se aos pés do recemsagrado bispo, dizendo lhe em voz baixa:

— Tenho muito que contar a vossa grandeza!

Elle sorriu e olhou Thessalonica, avançou uns passos e foi curvar-se ante a rainha cuja mão beijou, abençoando-a de seguida, murmurando:

— Real senhora... Agradeço a vossa mercê com o coração replecto da mais intensa gratidão...

Ella, muito pallida ante aquelle homem, cerrava os olhos e deixava-se cahir desamparada na poltrona, a murmurar:

— Thessalonica! Fr. Ignacio...

O confessor correu para a rainha e n'um gesto denunciador, apontando a porta ao bispo, exclamou:

— Sahi senhor... Sua Magestade precisa repousar!

O outro envolveu-os n'um olhar odiento e retirou-se lentamente emquanto D. João fitava com raiva o carmelita.

— Por Deus, real senhora...

E á porta, José Maria de Mello, murmurou:

— Bispo!... Oh! Agora tremei senhores de Bragança!

Era o Tavora vingando todos os desastres dos seus no reinado anterior; exercendo sobre a rainha a supremacia que o poder religioso tinha n'esse tempo de fanatismo sobre o poder real. Vingava-se; era o fim d'um mundo; começava uma epocha d'intolerancia e dominação para a Egreja.

XLIII

Carlota Joaquina

Depois de ter ido cumprimentar a princeza D. Maria Benedicta, o novo bispo do Algarve entrára nos aposentos da esposa de D. João.

Conversára uns momentos com a anã favorita e de seguida, sabendo o que se passára na conversação do arcebispo com a rainha, brilhava-lhe nos olhos uma scentelha colerica e murmurava:

— D. Rosa, agradeço-vos a confidencia... Vossa ama anda mal aconselhada a meu respeito!

— Por esse arcebispo que parece um soldado de maneiras bruscas e gestos grosseiros! respondera a anã, muito taful no seu fato vermelho, continuando logo:

— Quanto seria capaz de fazer para que o confessor de minha real ama, fosse um verdadeiro principe da egreja, que não usasse de vis intrigas...

— E agora elle ficou ainda mais arraigado no animo de sua magestade!

— Se estivesse no logar de vossa grandeza, pedia a intervenção d'alguem n'este negocio...

— Mas de quem... Só se o senhor principe D. João...

— Esse é accusado de vosso parcial!

— Então!

— Mas D. Carlota Joaquina... Por Deus conquistae essa princeza por qualquer fórma, mettei-a nas vossas combinações e o

D. CARLOTA JOAQUINA

triumpho não se fará esperar... Ella odeia D. Maria Benedicta... disse a preta n'uma nova confidencia.

— Que dizeis?

— Que existe entre ellas a rivalidade de duas cunhadas, uma das quaes será rainha, emquanto a outra ficará princeza toda a vida!

— Oh! exclamou o jesuita recem-sagrado como se lhe acudisse uma ideia luminosa, murmurando:

— Resta saber qual d'ellas o será!

Traçou uma benção sobre a cabeça da negra e agradeceu-lhe as suas palavras. Depois fez-se annunciar e dentro em pouco penetrava nos aposentos da princeza.

Carlota Joaquina, a morena e voluptuosa princeza que começava a sentir um profundo desprezo quasi idiota que lhe tinham dado, ao ver entrar o bispo e sabendo da protecção que D. João lhe dispensava, franziu o sobr'olho e ás primeiras palavras d'elle volveu:

— Felicito-vos, grandeza... Sempre esperei que a rainha vos fizesse essa justiça!

— Justiça, augusta princeza, de que sua magestade está bem arrependida... Sinto-o...

— Ah!

— Sim, os meus inimigos têem-se encarregado de insuflar más ideias a meu respeito no animo de sua magestade!

A princeza curvou a cabeça, e de seguida olhando de frente, como se lhe viesse á mente uma recordação, interrogou:

— E o que dizem esses inimigos?

— Toda a casta de calumnias... Sois da catholica Hespanha, augusta princeza, e sabeis bem quanto um sacerdote soffre, ao ter de devorar as affrontas em silencio...

— Um sacerdote?! bradou ella, fazendo-se vermelha, e erguendo-se d'um salto, os olhos rebrilhantes de colera, tendo uma accentuação extranha na voz ao bradar:

— E então uma princeza! Quanto não soffre, senhor bispo, uma pessoa de sangue real ao vêr-se insultada, mais ainda, rebaixada aos olhos d'uma côrte inteira!

— De quem falla, vossa alteza? interrogou elle com a mais bem fingida surpreza.

— De quem? Oh! de mim por exemplo, senhor bispo!

— Vossa Alteza!

— Sim eu... Perguntae a D. Antonia de Mello, que tão vossa amiga parece, quanto eu soffro desde que entrei n'este palacio!

— Vós... Mas porque, senhora!

— Por ter um marido que não sabe defender-me dos ultrages, que não sabe impôr-se, que receia as complicações politicas e não comprehende que, nas côrtes como esta e como a de Hespanha, uma pequena conquista no animo dos soberanos equivale a um grande passo para a omnipotencia!

Animava-se ao falar assim, revelava-se já a mulher engenhosa, a mulher bandido com alguma cousa de bem hespanhol, o genio vingativo e a devoção, a sêde de poder e a habilidade do jesuita de saias para o conquistar.

Excitava-se e excitava o animo do bispo que começava a entrever n'ella uma mulher preciosa para os seus planos tenebrosos e buscava já dominal-a ao exclamar:

— Mas, alteza, quando se insulta alguem da vossa gerarchia, é necessario que o insultador esteja muito alto...

— Sim superior a nós! disse ella com intensa raiva.

— A rainha!

— Alguem que o será, alguem a quem desprezo e diante de quem terei de curvar-me um dia! gritou ainda mais raivosa.

— Vossa alteza curvar-se!

— Sim eu!

— Mas...

— E tudo por um acaso maldito que me ligou a um homem sem energia...

— E se vosso marido a tivesse! Que farias alteza?

— Quereis sabel-o?

— Sim...

— Pois bem, senhor bispo, D. Antonia de Mello, fallou-me a vosso respeito...

— N'esse caso, sabeis...

— Que pertenceis á companhia de Jesus...

— Assim é...

— Bem... Pois se meu esposo fôsse um verdadeiro principe, sabeis qual era o meu papel n'esta côrte?

— Ignoro!

— A da mulher que conspiraria para...

— Para...

— Para ser rainha! exclamou a princeza cheia de altivez.

O bispo recuou ante a fixidez d'aquelle olhar onde havia clarões doidos de orgulho, e depois bradou:

— Rainha?!

— De que vos admiraes? Acaso poderia esmagar d'outra fórma essa princeza do Brazil que quasi me despreza?

— Ah! E' então a ella que odiaes!

— Com toda a minha alma!

— E ao esposo...

— Odeio-o tambem... Porque será elle que lhe dará esse throno, que lhe collocará na cabeça essa corôa da qual talvez já estejam bem perto... Porque julgo que sua alteza conspira para se tornar o mais breve possivel em magestade!

— Isso seria horrivel! exclamou rancoroso tambem o bispo,

— Para vós, tambem?

— Sim alteza... Seria a destruição de todas as minhas esperanças!

— E quaes são ellas, dizei... Eu já vos disse as minhas!

— As minhas esperanças! Oh! Consistem em concluir a obra a que me dediquei de ha muito!

— Que obra?

— A da implantação da Companhia de Jesus n'este paiz d'onde foi expulsa, a do triumpho dos jesuitas, a de vingança dos filhos de Santo Ignacio!

— Ah! bradou elle no auge de assombro. E contaes com o triumpho?

— Sim... Mas para isso é preciso...

— O que?

— Que o futuro rei de Portugal não tenha as ideias do atheu Sebastião José, que não queira imitar servilmente as leis d'esse antigo ministro, que antes pelo contrario seja catholico e amigo dos jesuitas... E' preciso que a futura rainha seja nossa alliada, que nos auxilie, que nos proteja!

Fallava com grande firmeza, encarando Carlota Joaquina e vendo as transformações porque passava o seu rosto, sorrindo ao ouvil-o exclamar:

— Impossivel!

— E porque?

— Porque o futuro rei de Portugal é exactamente esse principe D. José, o atheu discipulo de Pombal, que governará com o arcebispo de Thessalonica e com Pina Manique, que tirará a presidencia do real erario ao devoto e dedicado conde de Villa Nova que veiu substituir definitivamente o marquez de Angeja, morto ha um mez; que dará poderes a Martinho de Mello, que anniquilará Ayres de Sá e quem sabe se (*) Luiz Pinto de Sousa Coutinho. O homem que fará o mais pessoal dos governos que se cercará de membros d'essa irrisoria Academia de Sciencias, que preferirá a um sacerdote um sabio, que tornará fr. Manuel do Cenaculo, seu antigo mestre, uma especie de Richelieu d'este paiz... Será um rei para proferir a um cantico sagrado os versos do poeta Manuel Maria du Bocage, que vae agora a caminho do Brazil, será emfim um rei que terá a seu lado a rainha mais orgulhosa do mundo e a alma mais pequena e mais vulgar que tem existido!

— Engana-se, vossa alteza!

— Como?

— Sim, enganae-vos, senhora, porque o futuro rei de Portugal, será o mais devoto dos principes, o mais catholico dos homens, aquelle que até preferirá ao manto e ao sceptro o chapeu cardinalicio, um que desterrará os sabios para servir a religião, que anniquilará Manique e conservará Villa Nova, que terá o fausto e o amor religioso de D. João V a quem parecerá succeder distinctamente, tanto na devoção, como nome, e que terá a seu lado a mais intelligente das rainhas, cuja alma póde abrigar todos os grandes sentimentos, cujo cerebro póde conceber todos os planos!

Ella, linda, de pé na sua frente, o peito arquejante, as fontes a latejarem, toda sacudida n'um estremecimento, como entrevindo novos horisontes, encarando aquelle bispo que a hyponotisava com as suas palavras, bradou:

—Mas D. José II nunca será esse rei!

—Não...

—D. Maria Benedicta não será essa rainha!

(*) O ministro que entrara depois da morte de Angeja!

— Não...

— N'esse caso...

— Não comprehendeis?

— Confesso-o...

— E' que na historia portugueza nunca haverá um rei de nome D. José II...

— O que?

— Sim, porque em compensação existirá um digno successor de D. João V e que se chamará...

— Como... como?... interrogou a princeza muito anciosa.

— D. João VI, exclamou o jesuita com um sorriso triumphante.

— O quê?

— Sim, e uma rainha que será a verdadeira e a unica soberana e que se chamará...

— Como...?

— A rainha D. Carlota Joaquina! bradou de novo na sua expressão triumphante, curvando-se a beijar-lhe a mão, como se ella realmente já fosse essa soberana.

— Meu marido! Eu! Nós os reis?! exclamou assombrada.

— Sim... tem sido essa uma das minhas luctas, embora ignorasse ainda quem seria a princeza que partilharia o throno com o meu amigo D. João, com o futuro rei!

— Mas que contaes fazer para tudo isso? interrogou a rainha como se ainda não acreditasse em semelhante cousa.

— Mas o que tenho feito...

— E é...

— Conspirar...

— Contra elles?

— Sim, contra elles e contra D. Maria I!

— Vós?

— Sim... Primeiro quizemos, nós, os da Companhia de Jesus, dar o throno a D. Pedro III... Principe devoto e verdadeiramente amigo dos jesuitas, dar-nos-hia todas as regalias!

— Ah!

— E conspiramos...

— Nada conseguiram!

— Porque fomos descobertos e o punhal do padre Manuel Cardoso, as pistolas d'esse jesuita foram inuteis!

— Ah! recordo-me d'essa conspiração!

— Depois buscamos penetrar no animo da rainha!

— E acharam a isso um entrave!

— Por vezes...

— O arcebispo!

— Elle que cahirá quando D. João fôr rei...

— E porque não antes d'isso?

— Antes?

— Sim... Julgo que o logar de director espiritual d'uma rainha é deveras precioso para quem conspira como vós!

— Senhora! bradou assombrado o jesuita. Tanta penetração!

Sorriu orgulhoso e volveu:

— E' tão clara a vossa narrativa! E que fizeram depois? interrogou n'outro tom a interessar-se.

— Depois voltamos para vosso esposo as nossas attenções!

— E elle?

— Ignora os nossos designios!

— Ah!

— Sim... Apesar de odiar o irmão, nunca teria a coragem de conspirar contra elle!

— Assim o julgo...

— Mas nós velamos bem pelos nossos planos e...

— O que?

— Buscamos enredar D. José n'uma cilada!

— Sem resultado!

— Até agora...

— Oh!

— Ultimamente em Salvaterra o throno teria ficado vago desde que D. Maria morresse.

— E porque não succedeu assim...

— Porque alguem se intrometteu nos nossos planos...

— Quem?

— Sem duvida o intendente da policia que foi visto n'essa noute em Salvaterra...

— Ah! Agora vejo tudo...

— O quê, real senhora...?

— Bispo.... Esse tratamento!

— Chegará um dia em que vol-o possa dar em publico...

— Deus vos ouça! Mas digo que vejo bem clara essa intriga... Quizeram indispôr-me com D. João...

— Mas, como?

— Mostrando-me que elle sahia de noute do paço...

— E vossa alteza...

— Cahi no laço...

— Mas é necessario mostrar o contrario...

— Agora quasi após oito mezes quando a côrte sae...

— Mostrareis a generosidade do vosso bondoso coração que sabe perdoar.

— Fazendo...

— Acreditar n'um grande amor por vosso esposo.... Isso disporá a rainha a vosso favor!

— E D. João...

— Ama-vos muito, real senhora!

— Outra vez, grandeza!

— Oh! Perdoae, mas julgo já vêr na vossa bella fronte a corôa real...

— Porque dizeis que meu esposo me ama.... perguntou ella com um sorriso.

— Porque, alteza?

— Sim...

— Porque sei quanto soffre com os vossos despeitos!

— Ah! Pobre principe...

— Lastimaes...

— Que elle não saiba fazer-se amar...

— E o que seria necessario...

— Que tivesse a coragem ou o talento!

— Pobre D. João, digo eu tambem, nunca será amado n'esse caso...

— Um dia apenas...

— Quando?

— Quando me tornar rainha! volveu ella quasi com cynismo.

— Vem ainda longeessedia...

— Longe? perguntou ella impaciente.

— Sim... D. José pode morrer ámanhã mas D. Maria I...

— Pode ser deposta, pode abdicar dois dias depois! exclamou Carlota Joaquina, mostrando-se bem a mulher d'acção.

— Oh! Excellente auxiliar vós sois! bradou o jesuita muito arrebatadamente.

— Mas para que a rainha desde que D. José não exista possa abdicar, carecemos...

— De...

— A livrarmos de quem a possa aconselhar em contrario aos nossos planos...

— Decerto...

— Ha alguem que tem muita influencia no seu animo...

— Thessalonica!

— Elle sim...

— Oh! Desappareceria...

— Julgo que não porá em pratica outra scena como a de Salvaterra...

— Não, alteza... Mas o arcebispo é odiado...

— Por quem além de nós?

— Por alguns fidalgos...

— Oh! Os seus nomes...

— Que buscaes?

— Fazer a sua conquista, volveu com cynismo. Juntal-os á nossa causa, leval os ao extremo...

— Alteza, alguns ha que já estão comnosco... Precisam apenas d'incitamentos...

— Que vos darei...

— Vossa alteza!

— Sim eu... Julgaes acaso que uma vez mettido n'um caminho recuo ou perco tempo... Vamos... Os nomes d'esses fidalgos... pediu elle quasi authoritariamente.

E o jesuita, com o seu sorriso complacente, volveu:

— D. Ramiro de Noronha!

— O camarista de D. José?

— O proprio...

— Mas o principe ignora a sua traição...

— Se a sabe quer mostrar-se generoso...

— Que caracter é o d'esse fidalgo? perguntou de novo D. Carlota Joaquina.

— Por Deus que vossa alteza não esquece cousa alguma! exclamou o jesuita deveras maravilhado.

— Sei o que me cumpre fazer mas para isso careço d'elementos...

— Que vos fornecerei...

— Bem... Então D. Ramiro...

— E' um fraco em frente da lamina d'uma espada, é um forte na sombra, agitando um frasco de veneno ou um punhal... Sujeito a paixões odeia um homem que lhe roubou a noiva e é um dos amigos do principe ou antes do conde de Assumar...

— Como se chama esse homem?

— Gomes Freire de Andrade! E' tenente de mar e brevemente voltará d'Alger...

— Oh! Não esquecerei tambem esse nome...

— Quem mais temos? interrogou com pressa.

— Jacob Mestral!

— Que homem é...

— Militar, tenente de cavallaria do Caes, rude, valente como as armas, fazendo tudo pela colera de ferir um inimigo, incapaz de faltar á sua palavra! Odeia Gomes Freire e sobretudo Assumar!

— Porquê?

— Porque adora D. Ramiro que elles feriram physica e moralmente, porque um dos creados do conde o feriu gravemente em Salvaterra!

— Ah! E o ferido pelo Joannico!

— Sim alteza...

— Mas o bandido...

— Foi creado do novo marquez d'Alorna, antigo conde de Assumar...

— Bem... Que mais?

— Silva Menezes... E' filho do conde de S. Lourenço e isto basta para odiar Alorna, cuja esposa é filha do conde de S. Vicente o peor dos inimigos d'aquelle sabio fidalgo! De resto, personagem insignificante bom para ser mandado...

— Quem mais? perguntou a princeza.

— D. Balthazar d'Athouguia!

— Quem é?

— Fidalgo, muito novo ainda, alferes do regimento do principe vosso esposo... Homem de ruins paixões latentes, capaz de tudo... Cobarde ao ver-se perdido, é um terrivel inimigo para quem o odeia!

— Começarei por esse...

— Para demais é amigo de D. Ramiro de Noronha.

— Será elle o meu instrumento, será o que conduzirá os outros ao fim desejado...

— Muito bem, alteza!

— E como procedereis para com D. José? Comprehendeis bem ser inutil todo o nosso trabalho desde que elle viva e reine!

— O acaso nos deparará um meio, assim o espero...

— Nada de meios violentos!

— Um accidente, por exemplo!

— Ah! Muito bem...

— O principe é caçador... Uma espingarda que se dispara, a bala que fere sua alteza, a confusão da côrte, os physicos em sobresalto...

— D. Maria Benedicta lavada em lagrimas, continuou Carlota Joaquina, no auge do rancor.

— Não o esquecia, senhora, ella detesta o esposo...

— Enganaes-vos...

— O que?

— Ama-o demasiado e soffre com a sua indifferença, eis tudo E mesmo que assim não fôsse, choraria pelo throno perdido!

— Ah! Decerto...

— N'esse caso, prepare tudo... Eu pelo meu lado vou trabalhar tambem...

— Conto com vossa alteza!

— E para que se não veja quanto eu faço, preciso affastar-me...

— Oh! Vossa Alteza é d'uma intelligencia maravilhosa... Por Deus que vos ia propôr isso mesmo...

— Sahirei da côrte...

— E de Salvaterra ou de Queluz assignareis tudo...

— São longe essas localidades, eu prefiro outro logar...

— Onde?

— A Bemposta que transformarei em paço real...

— Tendes a Bemposta, é verdade!

— Bem... E agora até á vista, bispo... Tem sido muito demorada o nossa entrevista e isso póde levantar suspeitas...

Ao acabar de proferir estas palavras, a porta abriu-se e D. Antonia de Mello, entrou muito açodada, exclamando:

— Alteza... Alteza... Dirige-se para aqui o senhor principe do Brazil!

— Elle! exclamaram os dois cumplices aterrorisados.

— Sim...

— Ah! Bispo, vinde commigo! bradou a princeza tomando-lhe a mão e arrastando-o para o aposento contiguo, depois, appoiando um dedo sobre uma mola occulta na parede, poz a descoberto uma pequena escada e murmurou:

— Descei... Ireis ter ao lado das cavallariças e quando me quizerdes visitar emquanto aqui residir, vinde por este lado... Mandar-vos-hei uma chave por D. Antonia de Mello...

— Pensaes em tudo! volveu o bispo deveras admirado e começando a descer a escada.

Ella voltou ao seu aposento, estendeu-se languidamente n'uma poltrona e cerrou os olhos, exactamente no momento em que a aia annunciava:

— Sua alteza real, o serenissimo principe do Brazil!

D. José entrou, lançou um olhar investigador pelo quarto, e encarou a princeza que fingia dormir, depois perguntou á dama em voz muito baixa, como se temesse despertar sua cunhada:

— Já sahiu ha muito o senhor bispo do Algarve?

— Teve apenas o tempo de cumprimentar sua alteza!

— Ah! E' que sua grandeza procurou-me e não queria de maneira alguma que julgasse não o querer receber!

Sorriu á dama que se curvou e desappareceu de seguida.

D'ahi a momentos Carlota Joaquina, erguia se, soltava uma risada e exclamava:

— Antonia senta-te a meu lado! E passava os dedos finos nos cabellos da dama favorita, sorrindo-se a lembrar-se dos seus planos, ella, a voluptuosa princeza que desejava o manto e a corôa para os arrastar na lama dos bordeis reaes.

XIIV

Outro cumplice

Uma multidão de pobres estropeados, as grenhas hirsurtas, cobertos de chagas, torcidos em aleijões, as boccas escancaradas, vestidos na farrapagem mais extranha, coxos que saltitavam amparados em muletas, cegos de grandes barbas, mulheres que se arrastavam, creanças cobertas de feridas, juntavam-se em frente do convento das Necessidades onde os oratorianos iam distribuir esmolas pela sagração do seu antigo companheiro, fr. José Maria de Mello, tornado agora em bispo do Algarve.

E sua grandeza, com o baculo e com a mitra, reluzente nos bordados da casula, a face branca, com reflexos extranhos dados pelos seus enormes oculos verdes, no meio d'uma multidão de frades, sorria jubiloso, tendo por vezes um olhar altivo para essa grande feira de miseria que pejava a portaria do convento.

Elles entravam um a um, d'enfiada, recebiam os obulos n'um lamuriar, com gestos devotos, sobraçando as sacolas e não esquecendo os rosarios, pegando as boccas á mão clara de sua grandeza, que os abençoava n'um ar indifferente.

Fasia calor. Lá fóra aquella gente estiolava-se ao sol, os farrapos fermentavam em cheiros nauseabundos, liteiras fidalgas enfileiravam-se no largo, em face do convento, cujos sinos repicavam festivos, damas de grandes ares entravam na egreja, e ouvia-se a continua algazarra dos mendigos clamando:

— Seja em louvor do bemdito Santo Antonio!

— Para que o grande bispo viva tantos annos como os sagrados corvos da Sé...

— E' um santinho!...

Avançavam e beijavam-lhe as vestes douradas, voltavam com uns ares humildes e José Maria de Mello continuava no seu aprumo fazendo machinalmente a mesma benção.

Subito appareceu na sua frente um coxo que se arrastava a custo; na grande sacola havia um volume enorme do pão da portaria, os pés mettidos n'uns sapatos rotos, todo elle com o ar mais miseravel, collocava-se em face do bispo e murmurava:

— Agradeço-vos a esmola, e desejo-vos muitas felicidades...

O bispo praticou com elle como para com os outros e via o homem baixar-se tomar-lhe a mão que queria retirar mas sentia ao mesmo tempo um pequeno papel que o pobre ali lhe deixava, dizendo:

— E' d'uma rica devota que está na egreja!

O antigo oratoriano fez um gesto raivoso ante a resistencia do homem e não lhe respondeu. Ao vêl-o partir, quando os outros passaram na sua frente, traçando sempre a mesma benção, abriu o papel e estremeceu.

Os sinos repicavam sempre, os mendigos iam recebendo as esmolas e as bençãos e elle como impaciente, levantou-se da cadeira ampla e murmurou para um frade, magro, secco de rosto ossudo que estava a seu lado:

— Irmão prior ficae no meu logar e abençoae essa boa gente!

Sahiu por entre as reverencias e subindo a escada, dirigiu-se para a sua antiga cella em passo apressado, empurrou a porta e exclamou ao vêr além um frade agostinho:

— Que imprudencia, fr. José do Rosario!

— Oh! Quiz felicitar vos, quiz fallar-vos e sahi do meu desterro d'Alcobaça!

— Por Deus que me comprometteis!

— Ah! Bispo do Algarve, vós, fr. José Maria de Mello!... E' um sonho... Eu não o acreditava! exclamou o jesuita como se não tivesse ouvido as anteriores palavras do prelado.

— Ouvis fr. José do Rosario, que me comprometteis com a vossa presença!

— Não... Todos a ignoram, pedi até a D. Antonia de Mello para vos enviar esse bilhete afim de não levantar suspeitas!

— Porém... Se alguem vos visse... Se o arcebispo de Thessalonica que vos desterrou, soubesse de vossa presença, da vossa entrevista commigo, eu estaria perdido no animo da rainha que já quasi me detesta... E então agora que as cousas vão em bom caminho!

— Sim... Bem o vejo, pelo menos para vós...

— Fr. José do Rosario, acaso me julgaes esquecido dos meus planos só porque envergo as vestes prelaticias em vez d'um simples habito d'oratoriano? Sabei pois que sou jesuita antes de tudo e que depois sou Tavora, que tenho dividas com os reis!

— Nunca duvidei da vossa presistencia... Porém a recepção que me fazeis...

— Apenas temo que me compromettais, irmão! tornou elle d'uma maneira mais branda.

— Descançae... Eu vim porque era necessario que vos fallasse' que vos trouxesse um auxiliar...

— Como?

— Sim um auxiliar para a nossa obra!

— Ora... Temos ja bastantes na côrte e alguns de grande valor...

— Porém mais um...

— Conforme elle fôr!... Se me trazeis alguem como esses jesuitas pelo quaes passamos diversos commettimentos e que declinam para mim todas as cousas, agradecevol-o...

— Então os frades...

— Deixae-me com fr. Fabricio que desde a partida de Gomes Freire para Alger nada tem feito; o padre Theodoro tudo compromette... Oh! Precisava de braços mas sobretudo de cabeças!...

— Tendes muitos braços á vossa disposição?

— Os d'alguns fidalgos, o d'esses dois padres, o de Jacintho Peres, o esbirro... E intelligencias apenas...

— A vossa...

— E a d'alguem que soube attrahir á nossa causa...

— D. Antonio de Mello...

— Oh! Nada vale comparado com a pessoa de quem se trata...

— Por Deus que deve ser muito habil...

— Habil e rancorosa!

— Ah! E' mulher!

— Sim...

— Da nobreza...

— Da maior nobreza!

— D. Maria de Noronha, a mãe de D. Ramiro?

— Oh! que vale essa dama?

— Mas então...

— Fr. José... E' uma princeza de sangue!

— Uma princeza! bradou o jesuita enthusiasmado.

— Sim... A futura rainha de Portugal!

— Ah! D. Maria Benedicta!

— Não... D. Carlota Joaquina!

O outro curvou a cabeça deveras admirado e de seguida exclamou:

— Oh! Felicito-vos pela conquista... Vê-se bem que não tendes perdido o vosso tempo!

— Trabalho por gloria da Companhia... Careço agora de desenvolver toda a minha actividade... Tenho preparado um soberbo lance em que tudo arrisco...

— E se perder-mos a partida!

— Recomeçaremos!

— Oh! Sois assombroso de coragem.

— E sobretudo de fé!... Ah! fr. José do Rosario... Dêm-me um homem decidido e o throno é dos jesuitas!

— Um homem! Mas ha pouco offerecia-vos um!

— Duvido que tenha as qualidades de que preciso...

— Trata-se...

— De assassinar alguem que nos incommoda muito!

— Thessalonica!

— Oh! Esse terá tambem a sua vez... Mas agora trata-se d'alguem mais alto!

— D. José!

— Sim, o principe... E' necessario que o golpe d'esta vez não falhe!

— Como em Salvaterra já o sei...

— Sim como em Salvaterra onde o imbecil do padre Theodoro deitou tudo a perder com a sua falta de vigilancia...

— Mas sabeis que isso é grave!

Se o vosso homem tiver mão segura não o é...

— Para nós...

— E que existe mais do que nós? Mais do que os interesses da Companhia? Que existe de superior á vingança d'um Tavora?!... Se o homem de quem falaes tem boa mão e grande coragem, trazei-m'o e tudo se liquidará... Que deseja elle?

— E' ambicioso!

— Bem... E' uma excellente qualidade, os homens assim são capazes de tudo!... Quer titulos, nobreza, homens, dinheiro, pois terá tudo se nos desembaraçar do principe!

— Mas ha um risco...

— Ah! E ainda vos prendeis com isso!

— E' para nós, o perigo... Bispo! Lembrae-vos do padre Manoel Cardoso...

— Oh! De ha sete annos para cá tenho aprendido muito! Julgaes então que eu quereria hoje um braço para ir ferir em plena côrte!

— Mas então... As embuscadas...

— Não... Os accidentes naturaes! E' fidalgo o vosso homem!

— Pequena nobreza...

— E' mau... E' ao menos militar?

— Sim... Capitão dos terços de Olivença.

— Bem... Será transferido para a côrte, arranjar-se-lhe-ha um convite para uma caçada em que D. José tome parte, fará fogo sobre o principe sem que o vejam e assim tudo será a seu sabor!

— Oh! Excellente o plano!

— E bem facil de executar no fim de contas!

— E' verdade!

— E como se chama o vosso homem?

— Luiz de Miranda!

— Por Deus, esse nome...

— Recorda-vos o d'um cadete do regimento de Peniche não é assim?...

— Ou antes d'um alferes d'infanteria de marinha que combate longe d'aqui com Gomes Freire...

— Vasco de Miranda!

— Sim...

— Para a frente, malditos !...

— Pois é seu irmão!...

— Mandae vir esse homem! gritou n'um repente o jesuita, com grande jubilo.

— Sabeis que assim como eu não tenho ordem de me affastar do convento d'Alcobaça, elle não se pode affastar d'Olivença...

— Passará para o regimento do Caes onde se porá em contacto com D. Ramiro, com Mestral e com Silva Menezes!

— Arranjaes-lhe a patente?

— Dentro em duas horas se o quereis!

— N'esse caso Luiz de Miranda estará em Lisboa dentro em tres dias!...

— Seja... Fr. José do Rosario, agora tomae todas as precauções para que não vos descubram, parti hoje mesmo para o vosso mosteiro que tempo virá em que habitarás a côrte, livre de Thessalonica e com um cargo eminente se me quizerdes obedecer...

— Bispo! Sou vos fiel!...

— Frei... Sereis o confessor da rainha D. Carlota Joaquina!

— Já lhe chamaes assim?

— Pelo menos será dentro em uma semana, a princeza herdeira!

— Já!

— Sim... D. José, no proximo domingo vae caçar em Cascaes! E o vosso homem assistirá a essa diversão, em que elle será o principal caçador!

— Sim de caça real! volveu o frade com um sorriso sinistro despedindo-se do bispo e envolvendo-se bem no habito.

José Maria de Mello, despiu as vestes prelaticias que atirou para sobre o leito, agitou uma campainha e dentro em instantes, o esbirro, appareceu no limiar do aposento, curvando-se até ao chão.

— Mestre Peres! exclamou o jesuita. Trazei-me do vosso guarda roupa, o traje d'um juiz do crime!.

O esbirro voltava d'ahi a momentos com os objectos pedidos e o bispo começou a envergal-os um a um olhando-se n'um grande espelho. Depois tirou os oculos, poz o chapeu, envolveu-ae na beca e sahiu pela porta do convento que deitava para os campos da Boa Morte.

Tomou uma sege que estacionava junto á basilica da Estrella, então em construcção e gritou ao bolieiro:

— Ao Jardim Botanico d'Ajuda...

O carro partiu como uma flecha e o prelado assim disfarçado tinha um ar estranho combinando torpezas sem par que iria expor á sua regia cumplice.

Chegava o momento do combate; comprehendia ser necessario muita audacia para levar a cabo os seus planos e jurava não recuar.

Primeiro o principe, depois o arcebispo, ambos morreriam: para o logar do primeiro D. João ou antes sua mulher, o logar do segundo tomal-o-hia elle para dominar no animo da rainha.

— Ah! quando as desgraças a ferissem, ella submetter-se-hia, faltara-lhe o esposo, ficaria sem o filho, o confessor desappareceria tambem; e depois de todos estes cadaveres, seria uma rainha sem affeições, porque a D. João elle o saberia, empolgar, atiral-o aos braços d'uma mulher, separal-o da esposa que o detestava e a qual o futuro rei contrariaria...

D. Antonia de Mello, seria a concubina real, combinaria isso, dil o-hia á propria Carlota Joaquina que havia folgar com essa resolução. E então, elle, o jesuita audaz, de pé nos degraus do throno, aclipsaria o vulto franzino da soberana, seria um dominador, um rei!

— Sim... Um rei... Um rei! Eu um dos Tavoras! e ria com o seu mau riso, quando a sege parou á porta do jardim.

Disse ao cocheiro que o aguardasse no pateo das damas e mettendo-se pelas tortuosas viellas d'Ajuda, chegou á porta secreta do palacio, á sahida cavada, sob um alpendre e que elle transpoz dirigindo-se para os aposentos da sua cumplice.

Ao chegar junto á porta que se abria para a saleta da princeza, parou como admirado.

Ouviu um som de beijos, escutou palavras ternas ditas n'um amoroso segredar, suspiros intervallados, phrases semi-murmuradas, e elle estremeceu, dizendo:

— Oh! A princeza!

Bateu discretamente na portinha, esperou uns momentos e depois sentiu passos, abriam-lhe a entrada e com grande curiosidade olhou os dois aposentos.

Viu Carlota Joaquina languidamente estendida n'um sophá e tendo por unica companhia D. Antonia de Mello que lhe abrira a

porta e agora se lançava aos pés da princeza que lhe acariciava as bellas tranças; tendo no olhar metallico uma expressão felina.

O bispo saudou as duas mulheres e sorriu ao ouvir, a favorita, exclamar:

— Bem vindo sejaes, senhor corregedor do crime!

— Emquanto sua alteza, viver n'este palacio muitas vezes terei de fingir o que não sou!

— Dentro em pouco d'aqui sahirei... Mas, senhor bispo, sentai-vos e dizei o que vos traz...

— Receber as instrucções da minha graciosa soberana! Não é assim? interrogou D. Antonia com gentileza.

— Sim... E pedir a sua alteza duas mercês!

— Dizei...

— Uma nomeação para que um official venha de Olivença para o regimento do Caes e um convite para a caçada que se realisa no domingo em Cascaes!

A princeza estremeceu e exclamou:

— E' o homem!

— Sim alteza!

— O convite será feito por meu esposo no qual encorporará esse fidalgo no seu sequito, a nomeação será solicitada á rainha por...

— Por vossa alteza!

— Não...

— Mas...

— Podeis suppor, meu caro bispo, que o golpe falhava!

— Sim alteza...

— O convite feito a um desconhecido pelo principe D. João, uma transferencia sollicitada por Carlota Joaquina.

— Sim... Mostraria logo o proposito. volveu D. Antonia de Mello, beijando as mãos da princeza que a envolveu n'um doce olhar.

— Oh! Tendes razão!... Mas é maravilhosa a vossa prespicacia! exclamou o jesuita, que d'ahi a momentos se retirava de novo pela porta secreta, murmurando:

— Oh! As minucias d'um negocio... E' sempre importante o detalhe! E a princeza é extraordinariamente habil... Como prevê tudo!

D. Carlota Joaquina, beijava a dama favorita nos labios e dizia-lhe d'animo:

— Contavas-me ha pouco que esse bobo te beijara um dia a nuca á traição... Oh! Minha querida! Juro-te que quando quizeres o mandaremos enforcar...

D. João de Falperra estava desde já condemnado.

XLV

A caçada real

O mar immenso, azul, banhado de luz estendia-se até lá muito a baixo, á linha indefinida do horisonte vasto.

E pequenas velas pareciam pousar como aves maritimas na amplidão d'esse panorama delicioso.

Ceu e agua confundidos ao longe no mesmo puro azul, um sol resplandecente e creador vivificando os campos além em Cascaes, a distancia no meio das brenhas por onde as perdizes pousavam para correrem lestas no seu vôo rasteiro d'ahi a momentos, o bastante para descançarem as azas fatigadas.

Cá para baixo, a villa com os seus casarões pesados, na visinhança do mar, o forte batido pelas ondas e em cuja esplanada vultos breves de soldados do regimento, appareciam minusculos como pontinhos debruçados para o grande espaço das aguas.

A casaria branca dos pescadores em tons suaves, os montes altos erguidos no lado opposto, verdura a engrinaldar tudo isto; e lá muito ao longe um campo semeado de papoulas rubras.

E nas encostas, por entre as arvores d'um bosque que ficava no alto animando tudo, uns despenhadeiros se erguiam a pique e pouca distancia uma comitiva acampava.

Era um nucleo d'homens trajados de escarlate, os pagens, os creados das azemolas cobertos de damascos bordados, além junto das tendas claras especadas ns solo calcareo.

Toldos listrados pendentes das arvores, junto a paredes em ruinas, tudo isso abrigando os fidalgos que de cabeça descoberta, respeitosamente de pé, olhavam sua alteza real o principe D. João, que muito fatigado descançava sob os toldos.

Gordo, pesado, estafado por uma correria em que não pudera acompanhar seu irmão, o marido de Carlota Joaquina, cerrava os olhos com beatitude e murmurava para o seu mestre d'armas.

— Jacques Lebon, veja se encontra o bispo do Algarve!

— Meu senhor... Julgo que sua grandeza acompanha o vosso augusto irmão!

— Ide! E trazei-m'o depressa, nunca me consolarei sem a sua absolvição!

O mestre partiu, e um homemsinho magro atarracado, de voz aflautada, perguntou:

— E é muito pesado o que pesa na consciencia de vossa alteza?

— Oh! Estavas ahi marquez de Ponte de Lima? (*) interrogou o principe dirigindo-se ao presidente do real erario que se inclinou respondendo:

— Vossa alteza bem sabe qne o acòmpanhei sempre durante a caçada.

— E não viste o que eu fiz?

— Não meu senhor...

— Oh! Marquez... matei com uma bala uma pequena andorinha... Tenho escrupulos de consciencia, preciso a absolvição do bispo....

O outro tão devoto como o principe, murmurou:

— Oh! Eu jamais me consolaria... Para mim essas aves são tão sagradas, como os santos corvos da Sé, os que trouxeram o cadaver de S. Vicente martyr...

Elles ficaram conversando sobre o assumpto de devoção e os fidalgos conservavam-se sempre de pé.

Então um d'elles, um homem alto, magro, de rosto energico e olhar falso, fardado de capitão do regimento do Caes, tomando o berço de D. Balthazar d'Athouguia, murmurou:

— E teremos que ficar aqui? Não conheço os usos da côrte!

(*) Conde de Villa Nova de Cerveira, agora tornado em marquez.

— Não, capitão Luiz de Miranda, partamos, do contrario não chegará o tempo.

— E onde se encontra elle?

— Para o lado do bosque!

— Vamos...

— Os cavallos estão ali...

Affastaram-se sem que os notassem e montaram a cavallo dirigindo-se a toda a brida para o logar d'onde vinha os tiros disparados pelos caçadores sobre a caça da coutada.

— Luiz de Miranda, o principe D. José está ali!... murmurou o fidalgo, apontando o herdeiro do throno, vestido completamente de branco e que tinha uma expressão radiante na physionomia ao segurar a sua espingarda.

Era verdadeiramente magestoso, aquelle homem de fronte larga e olhar audaz que no meio da côrte, a pé como o ultimo dos seus gentishomens, sorria alegre, murmurando para os que estavam perto d'elle:

— Oh! Se podesse estaria sempre assim, livre de etiqueta, longe do bulicio.

— Meu senhor, disse-lhe o conde de Assumar que nunca o abandonava por conselho do arcebispo; ninguem vos impede de o fazerdes!

— Por agora meu caro Alorna, mas no futuro!

— Tereis os vossos sub secretarios de estado! retorquiu o conde de Assumar.

Elle olhou-o com grande sem-ceremoaia e volveu:

— Isso era se em vez de ser eu o herdeiro do throno, fosse meu irmão D. João... Os sub-secretarios dizes tu, meu caro marquez, mas para isso só se tu o fosses!

— Eu real senhor!

— Sim... Em quem posso ter confiança no meio da côrte? Dize-me... Olho para todos elles, as physionomias pesadas, sem expressão, nas palavras a mentira, a lisonja, a adulação víl! E são fidalgos?... Faria d'elles os meus ministros? Olhe, Alorna, antes que tenha de ir procurar entre o povo, encontrarei um novo marquez de Pombal.

Emquanto o principe assim falava, sempre preoccupado com a sua politica, a cabeça descoberta á soalheira rescaldante, enthusias-

mado a ponto de esquecer a caça, de ficar ali ao lado do seu confidente, Luiz de Miranda mettera-se por entre as arvores apertando bem o bacamarte, e tinha um olhar mau ao dizer para D. Balthazar d'Athouguia:

— Ide-vos, D. Balthazar, e dentro em um quarto d'hora podeis prevenir o bispo do Algarve que o herdeiro do throno é D. João de Bragança!

— E se falhar o tiro? ..

— Ah! Por Deus estou habituado a atirar ao lobos na fronteira e eu que nunca errei um tiro a essa má caça, não o erraria tambem para uma caça real! Tenho inteira confiança em mim podeis acreditar.

Sorria cynicamente e atravez da folhagem olhava o principe que continuava a conversar com o marquez de Alorna, e ordenava a D. Balthazar:

— Levai o meu cavallo e amarrai-o n'uma arvore á sahida do bosque...

— Que fazeis!

— Partirei depois do desastre de que sua alteza será victima, e dando a volta juntar-me-hei ao sequito do principe D. João, acompanhado por vossa senhoria e pelo senhor bispo...

— Que o principe mandou chamar por Jacques Lebon!

— Mas que não acudirá ao apello de sua alteza senão depois de consummada a obra...

— Esperae-me ambos á sahida do bosque e respondo por tudo, fica combinado que andei sempre na vossa companhia... Vamos... E' o momento!

— Boa fortuna! exclamou D. Balthazar, affastando-se a cumprir os desejos do outro que ficava além occulto na folhagem, apontando a arma, visando bem o coração do principe.

Ouviu-se um grande ruido que fez estremecer o capitão; depois o sequito fidalgo vinha de corrida, vozes bradavam:

— Alteza! Alteza! Avistamos um gamo...

— Um gamo n'este logar? bradou sua alteza.

— Sim, meu senhor, é bem facil que tivesse fugido da real coutada d'Oeiras...

— Seja como fôr... Nada de explicar d'onde nos chega a caça... Temol-a ante os olhos; fogo é o que temos a fazer! ex-

clamou elle com grande alegria, emquanto Luiz de Miranda murmurava:

— E' isso! Vou seguir o teu conselho...

Apontava a espingarda com mão segura, ali bem escondido entre a folhagem; via que a côrte formava um semi-circulo, esperando a caça que os batedores faziam chegar-se para ali.

Lá de cima ao fim do bosque, ouvia-se o ladrar dos cães, um ramalhar nas silvas, troncos quebrados com estrepito, as vozes dos servos, bradando:

— Sim... Sim... Eh! Ahi vae o ganso...

— Attenção, meus senhores! exclamou o principe, collocando se mesmo em frente da espingarda de Luiz de Miranda, e bradando:

— Vamos... Aos seus logares!

Elles obedeceram rapidamente, adoptaram as praxes estabelecidas para a caçada e de dedo nos gatilhos ficaram aguardando o animal que seria victima d'aquella carga cerrada para o qual sua alteza daria o signal.

O cumplice do jesuita continuava no seu posto, pensando em confundir o seu tiro com a descarga da côrte, para de seguida abandonar aquelle logar como previamente combinára.

O gamo vinha batido de cima, correndo perseguido pelos cães, e estacava de repente ante os caçadores, o principe dava o signal, todos aperravam as armas, faziam a pontaria, e elle sorria enthusiasmado, murmurando para Alorna:

— Oh! Se tivesse assim um inimigo ao alcance da espingarda como esse pobre gamo...

— Vossa alteza erraria o tiro porque se lembraria que ia matar um homem!

O herdeiro do throno teve para elle um olhar de amisade e sorriu.

Luiz de Miranda visava bem o principe, o dedo no gatilho, a mão segura, prompto á primeira voz, a esse signal que o proprio D. José daria como um valoroso militar ao commandar o fogo que o havia prostrar.

Os fidalgos tomavam posições alinhavam-se, apenas o principe ficava fóra da fileira, bem visivel, tornado um excellente alvo para o inimigo.

Deu o signal; uma descarga soou e o gamo cahiu por terra

banhado em sangue ao mesmo tempo que uma bala passava silvando por sobre a cabeça de sua alteza que nem dera por tal, enthusiasmado com a descarga.

E Luiz de Miranda que disparara aquelle tiro, estava pallido, livido, agarrado brutalmente por um homem que chegara e que lhe desviara a pontaria empurrando-lhe o braço homicida, exactamente na occasião em que elle ia apertar direito ao coração do filho da rainha.

A bala descreveu errada trajectaria mercê d'aquelle salvador inesperado que além estava agora segurando com raiva o capitão, gritando-lhe:

— Miseravel que ias fazer?

Não respondia, ficava como louco a encarar o individuo que tinha na sua frente e que envergava o uniforme de sargento-mór do regimento de Peniche, e que clamava sempre:

— Querias assassinar sua alteza, não é assim? Oh! Parece que advinhava isso mesmo ao vêr á entrada do bosque esse miseravel agora transformado em bispo! E's cumplice de José Maria de Mello, não é verdade, villão? Oh! Mas vaes dizel-o, além, em face de toda a côrte para que se saiba quem esse homem é... Tinha-te promettido ouro ou titulos!... E' o seu systema!

— Senhor! balbuciou Luiz de Miranda aterrado em frente do sargento-mór. (*)

— Cala-te! E envergas tu uma farda?!... A dos traidores, a dos infames do regimento do Caes! O teu nome...

— Mas juro-vos, meu sargento-mór... volveu elle cada vez mais aterrado.

Porém o official vergava-lhe o braço, obrigava-o a curvar-se, perguntando-lhe com os dentes cerrados, n'uma voz sibillante:

— O teu nome...

N'este momento ouviu-se um ruido de passos que se aproximavam, e o capitão exclamava!

— Oh! Estou perdido!

Fazia um esforço brusco para se soltar mas estava bem preso, e o outro parecia esmagar-lhe o braço como n'uma torquez.

Um novo personagem acabava de chegar ao logar da scena.

(*) Patente que equivalia á de tenente-coronel.

Agarrado brutalmente por um homem...

Era um rapaz ainda, de pelle tostada como a do sargento-mór e que vestia o uniforme de capitão do regimento de Peniche. Ao vêr o seu superior, cheio de raiva a segurar um homem, bradou:

— Que é isso, Gomes Freire!

Ante aquella voz o outro estremeceu, empurrou o miseravel que cahiu por terra, e bradou:

— E', Vasco de Miranda, que vou fazer saltar os miolos, a um miseravel que apontava a espingarda a sua alteza!

— Ao principe D. José! Ao nosso protector?

— Sim... Vinha agradecer-lhe o ter feito com que voltassemos ao reino e as nossas patentes, atravessava o bosque a cuja entrada encontrara o nosso inimigo, esse José Maria de Mello, que o inferno confunda, e deparei com este infame, prestes a victimar sua alteza! Desviei-lhe a pontaria e vou matal-o!

— Eu seguia-te, porém não encontrei o novo bispo!

— Ah! O cobarde teve medo! Ao ouvir a descarga que julgou ter morto sua alteza!

Depois, para o outro, com desprezo, ordenou:

— Levanta-te!

Elle em vez de lhe obedecer ficou na mesma posição como tomado de subito furor, e por fim, erguendo-se, olhou de frente o capitão do regimento de Peniche, que recuou, passando a mão pela fronte n'um gesto louco e gritando:

— Meu irmão!

— Teu irmão este infame? interrogou Gomes Freire, deveras surprehendido.

O miseravel continuava a fixar o official e por fim dizia:

— E agora conduzam-me á presença de sua alteza! O meu nome ficará infamado, mas o do meu captor será maldito como o de Caim!

Gomes Freire, baixára a cabeça confundido e Vasco de Miranda, olhando o irmão que assim alardeava a sua infamia, gritou-lhe:

— Ah! Julgas acaso que hesitaria em te entregar á justiça real? Pensas que receiava a mancha no meu nome? Não... Porque cumpria bem o meu dever.

— Mas porque o não fazes? interrogou elle com um olhar odiento.

— Porque meu pae é um homem honrado, que morreria de vergonha ante o filho infamado!

— Que querem então de mim? interrogou com ousadia.

— Que partas para longe, que não voltes á côrte, que não tentes cousa alguma contra D. José! exclamou n'um impeto o sargento-mór.

— E se recusar?

— Mato-te como a um lobo! Vamos, escolhe!

Elle baixou a cabeça, metteu as mãos nos bolsos e exclamou:

— Partirei...

Affastava-se em passadas largas e de longe montando a cavallo, saltando o muro na direcção onde estavam os officiaes, murmurou:

— Partir? Oh! Nunca! Agora ficarei para a vingança!

Elles lado a lado dirigiam-se para o principe D. José, Vasco de Miranda ainda não trocara palavra com Gomes Freire, apenas derramára algumas lagrimas nas mãos do amigo que tomara para as beijar.

E agora além em frente do principe, elles conservam-se ainda commovidos, ouvindo a voz alegre do marquez de Alorna, tornado coronel d'um regimento, por morte de seu pae, exclamar:

— Alteza! Dizieis ha pouco que não tinheis em quem confiar! Aqui tendes dois corações leaes!

E apertava nos braços os seus amigos queridos, n'uma effusão jubilosa, emquanto D. José, dizia:

— Sejaes bemvindos, senhores!

Elles beijaram-lhe mais uma vez a mão e vendo o sorriso bondoso do principe, Gomes Freire, murmurou:

— Senhor, meu futuro rei, perdoae o passado e recebei os tributos da nossa gratidão pela vossa magnanimidade!

Vasco, ainda muito pallido não se atrevia a fallar, recordava-se sempre do irmão e estremecia de cólera.

O principe dizia-lhes então:

— Sois amigos do marquez de Alorne, meus amigos, ficaes tambem!

E lá em baixo um poente melancholico, fechava o quadro da caçada real.

XLVI

Confidencias

Conversava o marquez d'Alorna, com sua esposa, sentado no banco de pedra, d'aquelle jardim da propriedade de Oeiras onde tantas noites elle entrara nos tempos dos seus amores occultos. Agora muito felizes lado a lado, olhavam o extenso panorama que se desenrolava á sua vista e iam falando dos acontecimentos da côrte.

Era no dia seguinte ao da caçada real; e D. Pedro de Portugal dizia a sua mulher:

— O principe ficou deveras encantado, minha boa Henriqueta, com a presença de Vasco de Miranda e de Gomes Freire!

— Não lhes guarda já resentimento? interrogou ella com grande pressa.

— Não. E' uma alma verdadeiramente grande para abrigar sentimentos mesquinhos! Demais comprehendeu o laço que os seus inimigos lhe armaram!

— Mas apesar de tudo conserva ainda D. Ramiro de Noronha ao seu serviço...

— Conserva... Finge não conhecer a sua traição...

— E com D. Maria da Penha...

— Tributa-lhe o maior respeito... Folgou immenso com a resolução da esposa em conservar a joven a seu lado...

Foi n'este momento que um creado envergando a libré dos

Alorna, atravessou o jardim e acercando-se dos dois conjuges, exclamou:

— Senhor marquez, estão lá fóra os senhores Gomes Freire e Vasco de Miranda!

— Oh! Que entrem para aqui! Que entrem! exclamaram a um tempo os dois esposos.

Dentro em alguns instantes, Gomes Freire apparecia ao lado do amigo e curvavam-se em face da marqueza, a quem Alorna, os apresentava, exclamando:

— Minha querida amiga... São os meus dois fieis companheiros de ha muito tempo... Estima-os como elles já te estimam desde o começo do nosso amor...

— Senhores... Folgo immenso em travar conhecimento com os dois melhores amigos de meu esposo, que são ao mesmo tempo leaes e valorosos militares...

Inclinaram-se cerimoniosamente em frente da fidalga e Gomes Freire, volveu:

— Agradecemos-vos a distincção!

— Oh! Senhor sargento mór, de ha muito eu sei o que valeis... Para demais, Pedro contou-me a vossa paixão por minha prima, os lances a que vos expuzesteis, todas essas scenas que tanto vos honram...

— Ah! D. Elvira... Meu Deus, como o coração me gotteja ainda ao lembrar-me d'essa dama que amo! E se voltei a Portugal...

— Foi por sua causa, não é assim? interrogou o marquez com um bello sorriso.

— Sim... Buscando encontral-a, dar-lhe o meu amor, tornal-a minha esposa como D. Maria da Penha vae ser a consorte de Vasco de Miranda!

— Quando se realisa o enlace, Vasco? perguntou o marquez com a sua grande persistencia em saber da felicidade do amigo.

— Logo que se preencham as formalidades necessarias... Promettera a mim proprio unir-me a D. Maria mal tivesse conquistado os meus primeiros galões... Hoje sou capitão, graças a ti, e posso cumprir a minha palavra...

— Graças ao teu valor...

— E á influencia que tens junto do principe... volveu Vasco.

— Não... Sua alteza, sabendo dos prodigios que praticaram na armada, insistiu com a rainha para vos galardoar, recordou até mesmo o passado e obteve de sua mãe, as vossas patentes!

— Realmente devemos muito ao principe...

— Sargento-mór na minha edade e quando meu tio Bernardim, é coronel deveis concordar que é ter felicidade... Mas a tudo isto preferia...

— D. Elvira de Mello...

— A esposa como tu, Pedro, a tens, como Vasco a vae ter... Oh! Porém eu...

— O que? Já desesperaste de encontral-a?

— Ah! E eu tenho um mau signo! volveu elle d'um modo triste.

Vasco de Miranda estivera silencioso durante algum tempo e por fim, de repente, ao vêr que a marqueza se despedia e se retirava, exclamou á pressa:

— Sabes qual é o motivo da nossa visita?

— Oh! Naturalmente porque desejam estar junto d'um amigo que não vêem ha muito! tornou com o seu sorriso.

— Sim, Pedro, é tambem por isso...

— Mas não é a unica causa?

— Não...

— Que temos então?

— Gomes Freire que te explique, a mim fallece-me o animo!

— Ah! E' então muito grave o assumpto? interrogou o marquez como sobresaltado.

— Sim Pedro, é muito grave! volveu o sargento-mór, com certa firmeza.

— Mas de que se trata? interrogou cada vez mais admirado.

— Da vida d'uma pessoa que nos é extremamente cara! bradaram ambos a um tempo.

— Sua alteza! exclamou o marquez d'Alorna n'um impeto.

— Sim... O principe... assegurou Gomes Freire.

— Mas quem tenta contra a sua vida?... disse n'um grande sobresalto. Oh! Miseraveis! Já em Salvaterra, o intendente da policia o salvou a custo e agora...

— Em Salvaterra? bradaram espantados os dois amigos.

O marquez então narrou-lhes todos os acontecimentos que elles ouviam cheios de pasmo e por fim, o sargento-mór, gritou:

— Pois d'esta vez o golpe parte do mesmo lado!

— O que? O Joannico?! Mas depois d'essa aventura, e sabendo que fôra com elle o caso, procurei-o e elle jurou-me não tornar a tentar contra sua alteza...

— Não... Joannico era apenas o braço, não é assim?

— Decerto... Um infame serviu-se do odio que existe no coração d'esse rapaz, cujo valor conhecemos, disse lhe como seu pae morrera n'um patibulo, emfim, armou-lhe o braço!

— Como agora! exclamaram ambos.

— E esse homem...

— E' o bispo do Algarve...

— Ao tempo ainda simplesmente, fr. José Maria de Mello...

— Mas d'esta vez o caso teve outras consequencias, apesar da aventura passar despercebida na côrte e até a sua alteza!

— Mas o que foi?

— Hontem no momento da descarga ao gamo, uma bala sahida do bacamarte d'um individuo que se occultava sob a folhagem do bosque, passou alguns dedos acima da cabeça de D. José!

— Oh!

— E sabes porque não temos n'este instante a lamentar uma morte? Porque um homem decidido, agarrou o braço do miseravel no momento em que ia fazer fogo, desviando-lhe assim a bala!

— Por Deus! E onde se encontra a pessoa que attacava, sua alteza!

— Sem duvida longe d'aqui...

— Ah! Deixaram-no em liberdade! Mas...

— Sim... Já comprehendeste que foi Gomes Freire, quem obstou a esse assassinio...

— Tu! Oh! Saldaste a tua divida para com D. José!

— Espero ao menos que não lh'o irás dizer...

— E porque?

— Porque nós t'o supplicamos...

— Meu Deus! Mas d'esse modo, não se punindo os culpados, o principe será victima uma das vezes!

— Nós velaremos por elle!

— Mas porque não denunciaremos esse homem? interrogou Alorna muito surprehendido.

— Oh! Marquez... soluçou Vasco de Miranda.

— Vasco, meu amigo, que é isso? interrogou D. Pedro tomando-o nos braços e apertando-o ao peito.

— É que esse homem é sagrado para mim...

— Meu Deus! Acaso será algum grande fidalgo? Cadaval, Lafões... Ah! Talvez que o principe D. João...

— Não...

— Mas...

— E' meu irmão! bradou elle escondendo o rosto no peito do marquez, que ficou cabisbaixo.

Alorna, d'um modo triste, olhando os amigos, murmurou:

— Vasco... Gomes Freire... E' esse o unico motivo capaz de fazer cerrar os meus labios...

— Obrigado! Comprehendes... Não é por elle...

— Sim... É por teu pae, meu amigo...

— E' pelo homem que morreria de vergonha ao saber de semelhante infamia!

— Teu irmão é n'esse caso, um certo Luiz de Miranda, que veiu d'Olivença...

— Sim...

— Capitão?

— Sim...

— Oh! Mas esse homem fazia parte do sequito do principe D. João!

— Queres dizer?

— Que foi na realidade o bispo que lhe armou o braço! E' sabido quanto póde no animo de sua alteza! Ah! Mas eu farei com que esse homem se affaste do paiz...

— Amigo, seria a tua melhor acção... Porque elle é ambicioso e perde-se sujeito áquelle homem pernicioso...

— Vasco... Tu tens soffrido desde ha muito por causa de teu irmão, não é assim?

— Oh! Desde os mais tenros annos!

— Deixa que te abrace mais uma vez... exclamou o marquez unindo-o ao peito.

Agora ouvia-se um cavallo que parava á porta da residencia e d'ahi a instantes, apparecia o conde de Val de Reis que exclamava:

— Meu caro Alorna... Meu caro marquez...

— O conde?

— Vem ahi sua alteza! foi a resposta do fidalgo que acompanhava D. José de Bragança, e fardado de coronel, exclamava ao apparecer na extremidade do jardim:

— Ora este homem... Eu queria chegar sem ser visto... Oh! Conde, sois indiscreto! fez elle com um bom sorriso.

— Meu senhor... Eu vinha visitar o meu coronel, volveu Val de Reis que era o sargento-mór, do regimento do marquez, e ao vêr vossa alteza, julguei do meu dever prevenir...

— Fizeste muito mal!... Eu queria surprehender estes senhores que sem duvida conspiravam. . tornou de muito bom humor.

Alorna, e todos os presentes, beijavam a mão do principe e o marquez, murmurava:

— Meu senhor... E' para mim a maior das honras, a vossa presença aqui...

— Oh! Não me agradeças, não me agradeças porque deixei á porta D. Ramiro que não tarda a penetrar tambem no teu dominio...

Falava do seu modo jovial, contente por aquella tarde de sol, o bom principe, que continuava:

— Mas meu caro marquez, descança que o senhor de Noronha não passará do jardim, eu é que preciso de ter comtigo uns momentos de conversação...

— A's vossas ordens, meu senhor!

D. José, então voltou-se, assestou a luneta n'um ar observador em que imitava o seu mestre Pombal, e exclamou, como se só agora tivesse reparado nos dois officiaes:

— Mas não me engano, tenho na minha frente o senhor Gomes Freire, o sargento-mór do regimento de Peniche!

— Sim, meu senhor, por graça de vossa alteza real!

— Oh! Lisongeiro, sargento-mór, por graça de sua magestade... Eu ainda não sou rei...

E el'e sorria-lhe d'um modo bondoso, e continuava:

— Sei dos vossos prodigios em Alger... E se não fosse por carecer de vós em Lisboa, aconselhava-vos a que tomasseis parte na outra expedição!

— Quereis desterrar-me, meu senhor?... interrogou o official d'um modo cheio de amisade.

— Por Deus! Já vos disse que não sou o rei, porque se o fosse,

hoje mesmo, o regimento de Peniche, chamar-se-hia o de Gomes Freire de Andrade, para vos provar que aos homens do vosso valor, o desterro deve ser na côrte ao lado dos monarchas que muito carecem de amigos e de corações leaes, não assim, senhor capitão? perguntou elle dirigindo-se a Vasco de Miranda, que muito commovido se inclinava, dizendo:

— Quando os monarchas são como vossa alteza o ha-de ser, em cada subdito têm um amigo fiel e dedicado!

— Ah! Por Deus e por S. Jorje, que manejas tão bem a cortezia como...

O principe calou-se a subitas, e depois n'um riso satisfeito, bradou:

— Ia dizer como a espada, mas substituirei a phrase por outra...

E volveu:

— Como o galanteio ás damas... E' verdade, capitão, já tendes padrinho para o vosso casamento?

Vasco de Miranda, no auge da admiração, volveu:

— Mas meu senhor... Estão naturalmente indicados...

— Gomes Freire e o marquez!

— Os meus dois amigos!

— Se me contasseis n'esse numero pediria a Alorna que me cedesse o logar...

— Oh! Meu senhor! exclamou o capitão curvando-se a beijar a mão do principe, emquanto o marquez, dizia:

— Mas deixemol-o, alteza, porque sei os sentimentos que Vasco nutre por vós...

— Bem... bem... E depois trataremos de procurar uma noiva para o nosso sargento-mór...

— Para mim, meu senhor, peço-vos que não penseis em tal!

— Oh! E porquê?

— Porque ficarei solteiro! exclamou com firme resolução.

— Oh! Gomes Freire!

— Sim, meu senhor, amei uma mulher que me foi arrebatada dos braços por alguem a quem odeio e que me odeia, procurei-a, procuro-a, se um dia a encontrar serei seu esposo, se não tiver a dita de a vêr conservar-me-hei fiel á promessa que lhe fiz...

— E essa dama... Foi-vos arrebatada... Mas por quem?...

— Por alguem que é tambem vosso inimigo, meu senhor!

— Quem? Qual d'elles?

— Fr. José Maria de Mello!

— Ah! O bispo... Mas n'esse caso não era um capricho o que nutrieis pela filha do cardeal da Cunha?

— Não, meu senhor... E' um grande amor...

— Não o julgava... Mas já que assim é, nós a procuraremos! Juro-vol-o, dou-vos a minha palavra que se Deus me conservar a vida, sereis feliz com a mulher que amaes! Vamos senhor! exclamou D. José, apoiando-se no braço do marquez de Alorna e dizendo para os dois officiaes:

— Vinde... Assistireis ao que tenho a dizer ao vosso amigo...

E em voz muito baixa, n'uma confidencia, tambem dizia a D. Pedro:

— Vim porque sabia que os encontrava.

Voltara-se para o conde de Val de Reis e exclamava:

— E vós, conde, acompanhae o vosso coronel!

N'este momento D. Ramiro de Noronha entrava no jardim e tirando o chapéu, curvando-se em face do principe, olhando ao mesmo tempo admirado os outros personagens, muito desejoso de assistir ao que se ia passar n'essa reunião para que sua alteza os convidara.

E D. José, n'um ar malicioso, que por vezes tomava, encarando D. Ramiro, apoiando se mais no braço de Alorna, disse para o seu camarista apontando os officiaes:

— Ramiro, apresento-te os meus fieis amigos: Gomes Freire de Andrade, sargento-mór do regimento de Peniche, e Vasco de Miranda, capitão do mesmo regimento!

Elle inclinou-se muito pallido em frente d'aquelles homens a quem o seu amo chamava amigos e volveu com mal disfarçada raiva:

— Já vos conhecia, senhores!

— Desde ha sete annos! secundou Gomes Freire, lançando-lhe um olhar colerico.

O fidalgo ia seguir D. José, que se dirigia para o palacio, porém o principe ordenava-lhe:

— Aguarda-me ahi, Ramiro, e vae rezando um terço por minha intenção... para que Deus me livre dos meus inimigos.

E no olhar de sua alteza havia como uma accusação ao cumplice do bispo do Algarve.

Viu que entravam no palacio, e então, ao ficar só, collocado no banco onde o marquez estivera com a esposa exclamou no cumulo da raiva:

— Oh! E' demais tanta humilhação... Se ninguem o matar, matal-o-hei eu, juro o pelo meu nome!... Oh! Defrontar-me assim com esses que odeio!

Nos labios desmaiados do fidalgo borbulhava uma espuma de raiva e n'um esforço erguendo-se, olhando o palacio, n'uma ameaça terrivel, murmurou:

— Matal-o-hei... Matal-o-hei...

XLVII

O começo da vingança

José Maria de Mello entrara lentamente nos aposentos da rainha, ficava além á porta, muito respeitoso, muito grave, vendo o vulto da soberana curvado em face do seu oratorio onde as imagens de bello ouro lavrado tinham scintillações exquisitas ás luzes das lampadas de oleos aromaticos.

Aquella cabeça firme de animal damninho estendia-se a analysar a soberana.

Ella ergueu-se de repente, passou as mãos pelo rosto a enxugar as lagrimas que lhe cavavam as faces pallidas e murmurou:

— E' um castigo do céu! E' um castigo!

Nos labios do bispo do Algarve, encrespou-se um sorriso quasi ironico, avançou na mesma lentidão para a soberana e murmurou:

— Real senhora... Aqui estou!

— Ah! Vós, grandeza... Fez ella n'um sobresalto enorme, fixando-o extranhamente. Oh! Vinde... Rvinde! ezae commigo pela vida do herdeiro do throno... Fiz-vos mal, perdoae... Sinto que com as vossas orações a vida de sua alteza será salva!...

Começava agora a revelar-se bem o seu temperamento mystico, toda a longa desgenerescencia d'uma dynastia, esse phenomeno pathologico que nas familias reaes se analysa mais do que nas outras, pelos dados accumulados de seculo para seculo.

Era a transmissão das podridões do sangue, o desiquilibrio d'essa raça real que se manifestava em D. Maria I.

Nos seus avós já se manifestara tambem, entre elles tinham existido degenerados nevropathas perigosos pela posição que occupavam.

Desde D. João IV, pusilamine e timido até D. João V, roido de doenças secretas, Affonso VI pederasta e louco, D. Francisco, criminoso como seu tio o fôra tambem, que essa raça, já perturbada pelas allianças com outras gerações desiquilibradas, se definhava e decahia.

Como D. Sebastião, o mystico sonhador, D. Maria I mostrava-se agora d'uns excessos de devoção, d'uma tibieza d'animo, d'umas agitações extranhas e começava a formar-se a loucura que os jesuitas apressariam com os seus tormentos infames.

Para ella, cravava-se bem firme o remorso na alma. Eram os Tavoras, o duque d'Aveiro, os fidalgos suppliciados no reinado de seu pae que lhe vinham á mente e a aterrorisavam, tendo-se lembrado de tudo aquillo pelas palavras imprudentes e propositadamente insuffladas no seu animo por José Maria de Mello e pelos seus cumplices.

Era debalde que o arcebispo-confessor e Martinho de Mello, buscavam distrahir a soberana, proporcionando lhe as grandes diversões, fazendo passar ante os seus olhos a côrte deslumbrante, e quando lhe viam o espirito cançado, a mandavam para as Caldas ou para Salvaterra a reconstituir-se.

Mas havia n'ella a ideia dominante e fixa d'esses Tavoras, cujo descendente fizera sagrar para o desprezar depois.

A serie de desgraças que pesavam sobre a sua familia contribuiam tambem para o estado de espirito verdadeiramente extranho.

Morrera o esposo, travavam-se luctas intestinas no seu paiz onde se accendiam odios, na sua familia onde os membros se guerreavam formando facções.

Agora, a coroar essa nobre obra de desgraça, seu filho, o herdeiro do throno, aquelle em que maiores esperanças tinha, cahira doente depois d'umas correrias pelas penedias de Cintra em que o sol ardente faiscava.

E essa doença ia victimal-o, os physicos tinham gestos desolados para a soberana que vira o filho estendido no seu leito de dôr, a

epiderme coalhada de globulos negros d'essas bexigas apanhadas á soalheira e que o transformavam, creando crostas alastrantes pelo corpo d'esse principe outr'ora tão gentil.

Como se myriades d'insectos venenosos o picassem, elle estava coberto de bexigas que o prostravam, uma febre enorme o agitava, mal podia abrir os olhos cujas palpebras estavam corroidas pelo mal e a voz pastosa, secca, a voz do delirio soava por vezes n'uns soerguidos como se lhe apparecesse ante a vista alguma scena terrivel:

— Sangue! Sangue! Elles!... Clamara D. José, n'aquella tarde de esplendido sol em que as flôres do jardim pareciam amollentadas, e quando a rainha entrava n'esse quarto d'uma atmosphera pesada e fetida, em que cheirava a febre, e no qual os proprios physicos tinham receio d'entrar.

Sem se saber como espalhara-se a noticia de que D. José tinha uma doença desconhecida, o seu creado de quarto, um velho que lhe era dedicado, desapparecera e dizia-se que fôra contaminado pela doença.

E aquelle principe, o futuro rei, estava como abandonado por todos, desde os membros da real familia que á excepção da rainha e de Maria Benedicta, não o visitavam, até ao ultimo dos servos receiosos tambem d'esse terrivel mal.

D. Maria I, não tendo confiança nos homens, voltou-se para Deus.

Passou as noutes velando, ali junto do seu oratorio, dirigindo preces ao céu, sentindo estalarem-lhe as fibras do seu coração materno, só ao lembrar-se que o filho podia morrer.

— Era o castigo do céu! dizia ella, dissera-o a Thessalonica, dissera-o aos seus amigos e chamara o Tavora, a occultas do arcebispo, encerrava-se agora com elle no oratorio e exclamava aquellas palavras que o tornavam jubiloso.

Depois, a rainha corria para a porta, fechava-a cheia de medo, com um olhar brilhante e cahindo aos pés do bispo, erguendo as mãos, como louca, supplicou:

— Oh! Grandeza, dar-vos-hei tudo, pedi... Mas affastae o mal com as vossas preces!

— Real senhora... Sua alteza viverá... Não receieis cousa alguma... Os physicos não têm mais poder do que Deus e é para elle que vamos appellar!

A rainha D. Maria I em oração

— Oh! Sim... sim... Para Deus! Ao meu lado... Aqui... Ajoelhe-se e ore...

José Maria de Mello n'um ar falso, requintadamente hypocrita, ergueu os olhos ao céu e em voz doce, sentindo-se em segurança no interior d'aquelle oratorio e ao lado da rainha, disse:

— Oh! Tavoras, meus parentes, martyres em vida, e que sem duvida estaes no ceu, intercedei para com Deus pela vida de sua alteza que a vossa memoria será abençoada!

A rainha ao escutar aquella extranha supplica, fez-se livida, envolveu-o n'um olhar doce e exclamou:

— Como sois bom... Oh! Orae... orae!

— E rehabilitareis a memoria dos martyres! bradou o Tavora com um olhar dominador.

— Sim... sim... juro-vol-o! exclamou a pobre rainha como desvairada.

Ficaram então ambos n'aquella posição durante muito tempo dirigindo as suas preces ao céu.

A rainha n'uma grande persistencia conservava a seu lado o arcebispo como se resumisse n'elle toda a sua esperança.

E a noute cahia emquanto o prelado sem manifestar a minima impaciencia pelas longas horas a que ali estava continuava a resar e aconselhar a rainha.

Dir-se-hia que desejava prendel-a além, tel-a segura, para que não fosse ao quarto do doente.

Entretanto no jardim do palacio reinava o maior silencio.

As arvores projectavam sombras enormes, ouvia-se correr a agua no tanque n'um murmurar tristonho.

Subito dos lados do palacio desceu um homem envolto n'uma longa capa e que relanceava uns olhares por todos os lados como se procurasse alguem, ficava uns instantes parado e continuava a interrogar as trevas.

Depois do lado opposto appareceu um outro individuo vestido nos habitos d'um frade oratoriano e que por seu turno pareceu tambem procurar alguem com o olhar.

Avistou o outro porque se dirigiu para junto d'elle e murmurou:

— Sois vós, mestre!

— Sim reverendo fr. Fabricio...

— Então que me dizeis mestre Bruno de Sá ?

O physico de sua alteza, relanceou um olhar medroso e volveu:

— Devemos antes ir para junto da fonte do Dragão... Ali o sitio é mais solitario e ninguem se póde occultar para nos ouvir.

— Vamos...

Caminharam com pressa e dentro em momentos sentaram-se no rebordo do tanque; ouvindo-se a voz de fr. Fabricio, interrogar:

— Visteis sua grandeza ?

— O senhor bispo do Algarve ?

— Sim...

— Está nos aposentos de sua magestade desde a tarde !

— Ah ! N'esse caso a rainha ainda hoje não viu o filho ?

— Não, reverendo !

— E o seu estado é grave...

— Mais dois dias sem tratamento e morre !

— Oh ! E' necessario que o não tenha ! exclamou o frade com uma scentelha colerica no olhar.

O physico baixou a cabeça e não respondeu.

Mas fr. Fabricio continuava :

— Pode se escapar á espada d'um cadete de Peniche e á espingarda d'um bandido e á d'um fidalgo mas a doença que não recebe tratamento ninguem resiste !... Por isso dentro em dois dias estaremos livres d'esse inimigo da Companhia !

— Quem sabe ?! volveu o outro d'um modo extranho.

— O que ? Não tendes então a certeza ? interrogou o frade com certa raiva.

— Reverendo : Affastei toda a gente da cabeceira do principe, fiz d'um caso de bexigas negraes uma doença desconhecida, raptamos o criado de sua alteza e esse nunca mais verá alguem a quem possa narrar os acontecimentos, Alorna está longe n'uma missão de confiança, os outros amigos de D. José, Gomes Freire, Vasco e Val de Reis, guardo-lhes a passagem com a minha autoridade de physico-mór... O principe corroido pelo mal morrerá, mas se ainda vier alguma cousa com que não contamos e que nos póde perder ?

— O que ? perguntou o frade no auge do espanto.

— Sim.... Supponha que vem outro physico, que entre n'aquelle quarto e vê como temos procedido, estarei perdido, e o principe ainda será salvo...

— Outro physico?

— Sim...

— Mas acaso...

— Fala-se d'isso no paço...

— Oh! Mestre Bruno, mas é necessario evitar isso a todo o custo...

— Como?

— Por todos os meios... E quem é elle?

— Um certo medico Pedro Antonio Celestino que serve o regimento do marquez das Minas!

— O regimento de Peniche?

— Sim!

— Oh! Mas anda ahi o dedo dos nossos inimigos!

— Com certeza!

— Mas, a rainha precisa conceder licença para tal...

— Certo...

— E se não o fizer dentro em dois dias...

— Quando o physico chegar será muito tarde!

— Evitaremos que a ordem seja concedida!

— Mas o encarregado de a pedir é...

— Quem?

— Thessalonica!

— Oh! Meu Deus, mas n'esse caso sua magestade não recusará...

— D. Rosa, a anã favorita, narrou-me tudo isto e agora, meu reverendo, salve-nos!

— Oh! Mas é necessario prevenir sua grandeza! Do contrario tudo estará perdido!

— Descancem que eu vélo pelo bom resultado da empreza! exclamou n'este momento uma voz que obrigou os dois interlocutores a exclamarem:

— O bispo do Algarve!

— Que desde algumas horas tem estado junto da rainha e que não a abandonará até ao final da vingança! replicou elle.

— Mas que dirá a isso o arcebispo.

— Não terá muito tempo para fazer commentarios... volveu José Maria de Mello com um ar terrivel.

E logo voltando-se para o physico, interrogou:

— Continua a correr a lenda da doença desconhecida!

— Sim, grandeza!

— Ninguem entrou no quarto de sua alteza?

— Os proprios enfermeiros que puz a guardar a porta, têm medo de ahi penetrarem!

— Muito bem... Sereis recompensado Bruno de Sá!

— Assim o espero da generosidade de vossa grandeza, volveu o physico d'um modo aváro.

— Descançae!

— Oh! Sou um servo de vossa grandeza!

— Eh! E vós fr. Fabricio, chegou o momento d'entrardes em acção! exclamou o bispo com intimação decidida. Depois voltando-se para o physico, volveu:

— Ide-vos e descançae! Não abandonarei a rainha e Pedro Celestino não verá sua alteza, apesar de tudo!

— Oh! No caso contrario tudo estava perdido!

— Já vos disse e nunca falto ao que prometto!

O physico inclinou-se e partira, olhando a unica luz que brilhava no palacio e que vinha do quarto do doente.

Então, o bispo do Algarve encostando-se ao braço de fr. Fabricio, bradou:

— Agora vós!

— Que fazer, grandeza!

— Encontrae-vos com Jacintho Peres nas Necessidades... Elle tem intrucções e conta com alguns homens decididos...

— Mas de que se trata?

— De atacar Gomes Freire e Vasco de Miranda!

— Vasco de Miranda? interrogou o frade n'um sobresalto.

— Sim... Mas esse homem é o irmão de Luiz de Miranda não é assim?

— Sim... E' o que esteve em risco de denunciar aquelle que ha muito nos teria tirado do principe, e que o maldito Alorna, que as pagará tambem, teve artes de fazer patir para o Brazil n'essa nau que levou os regimentos...

Fr. Fabricio fizera-se muito pallido ao ouvir aquella revelação e depois volveu:

— Grandeza eu conversei algum tempo com Luiz de Miranda!

— E d'ahi...

— Sei-o filho d'alguem que me é caro!

— O quê?

— Sim... Filho do homem que teve a coragem de dar a mão de esposo a minha mãe, abandonada por Ambrosio Freire, o pae do sargento-mór...

— Elle? Então Vasco de Miranda e Luiz de Miranda!

— Unem-se commigo pelos mesmos laços que Gomes Freire! A differença é que odeio o segundo tanto como estimo os primeiros... E' uma divida de gratidão?

— Oh! Recuaes n'esse caso? bradou enfurecido, o bispo.

— Não... Apenas peço o perdão de Vasco de Miranda!

— Reverendo!

— Grandeza!

— Os jesuitas nunca perdoam e esse official é nosso inimigo... Se recuaes encarregarei outra pessoa da nossa vingança...

— Com respeito a Vasco agradecer-vos-hei!

O bispo do Algarve curvou a cabeça, ficou uns momentos meditativo e depois volveu:

— Fabricio, comprehendo a vossa repugnancia... Outra pessoa se encarregará de Vasco... Em troca tendes Gomes Freire e o marquez de Alorna, á vossa conta!

O jesuita ia replicar, pedir mais uma vez o perdão para Vasco, mas disse para comsigo ser impossivel obter tal cousa do bispo.

Murmurou então algumas palavras em voz muito baixa e deixou que José Maria de Mello continuasse:

— Chegou o momento... Vamos agora impedir que o physico do regimento veja sua alteza! Oh! E' um bello começo de vingança...

Fez um gesto de despedida ao cumplice e affastou-se tambem em direcção ao paço.

Fr. Fabricio, ao ver-se só, fez-se pallido e murmurou:

— Oh! Vasco de Miranda, o filho do homem que protegeu e amparou minha mãe será salvo, apesar de tudo! Mas o outro... Oh! o outro morrerá!...

Perdeu-se então por entre os arvoredos, tendo nos labios uma crispação horrivel.

A' mesma hora, o arcebispo de Thessalonica nos seus aposentos, passeando como fera enjaulada, exclamava para Gomes Freire respeitosamente de pé na sua frente:

— Trazei-me o vosso physico, elle verá sua alteza!

— Mas, vossa grandeza não diz que o bispo do Algarve está sempre junto de sua magestade!

— Sim, essas mulheres lá de cima, bradou elle referindo se com raiva a Carlota Joaquina e a Maria Benedicta, são as unicas culpadas do que vae succeder... A mulher de D. José não se harmonisa com a de D. João... Se ellas se entendessem, tudo iria pelo melhor, porque a rainha essa .. essa começa já a não ter vontade propria... Ah! E julga que ignoro a presença do bispo... Ha pouco chamou-me como sempre para que a confessasse, e mentiu-me... mentiu-me ao falar de José Maria de Mello, que desappareceu, e logo entrou mal eu sahi...

— Mas então sua magestade!

— Teme-o a elle, teme um castigo porque o bispo é Tavora, a mim estima-me mas não me quer ouvir...

— E emquanto a sua alteza, meu senhor!

— Oh! Trazei o vosso physico, elle entrará commigo no quarto de D. José!

— Com vossa grandeza? bradou o sargento-mór, muito admirado.

— Sim commigo.

— Mas o Bruno de Sá nega a entrada!

— Eu sou o arcebispo de Thessalonica, meu rapaz, e a côrte curva se ainda na minha frente. Não peço ordem! E hei-de salvar sua alteza... Ah! Será rei... elle o grande discipulo de Pombal... E então desgraçada da Companhia de Jesus!

Em cima a preta favorita, deitada no sobrado, encostando o ouvido ao solo, escutava as palavras do confessor de sua magestade e tinha um sorriso malevolo nos labios revirados.

XLVIII

No leito de morte

A' luz mortiça da lampada que traçava nas paredes avermelhados clarões, cahido n'uma singular prostacção, o principe D. José, estendido no leito, os labios contrahidos, os dentes cerrados, o rosto e todo o corpo coberto de bexigas que se alastravam em globulos negros, o cabello cortado a falsas thesouradas, todo elle no mais extranho aspecto, tinha todos os indicios d'um moribundo condemnado já pela sciencia.

O aposento com as suas incrustações d'ouro, as suas purpuras, os seus velludos pendentes sob as paredes, cheirava a febre, porque as janellas não se abriam desde ha muito.

Os lençoes ensopavam-se em suor e ninguem teria a coragem de lhes tocar temendo ser empestado, tal fôra a arte com que os jesuitas tinham espalhado a noticia de uma doença horrivel.

O filho dos reis estava além só, completamente abandonado, soffrendo, coberto de pequenas feridas, muito unidas, muito juntas.

Prostrado, tornado desconhecido, elle murmurava por vezes uns sons roucos, abafava, estendia um braço a procurar a agua com que mitigasse a sede, mas o braço cahia-lhe inerte e ninguem lhe chegava o copo aos labios.

Do pateo dos lados das cavallariças subia um ruido de vozes, gargalhava-se. Os moços seguravam os cavallos que relinchavam, as librés vistosas punham notas berrantes no pateo curto e cheio de

servas parasitas. Soavam ao longe as trombetas de caça, na tapada real para onde dentro em pouco se dirigira a comitiva.

Carlota Joaquina, vestida n'uma amazona escura, trepava para seu pequenino cavallo arabe, empunhava o chicote, olhava os fidalgos e nos seus labios vermelhos de hespanhola sensual, deslisava um sorriso.

D. João de Bragança ao lado do duque de Lafões que nos seus ares aperaltados, as faces cravejadas de signaes, caminhando como a pisar um tapete de pedras preciosas, olhava o luzido cortejo e encrespara as sobrancelhas ao olhar a esposa.

Depois olhava o duque e via a côrte, recordava-se que lá em cima sua mãe orava e seu irmão agonisava. Na alma pusillanime travava-se uma lucta, ficava uns momentos suspenso.

A face gorda e vermelhante, tinha uns estremecimentos nervosos, o corpo rotundo agitava-se-lhe ao vêr o busto franzino e provocante da esposa que parecia dar o signal de partida.

Lafões, teve um gesto de espanto, voltou-se para o principe e exclamou:

— Sua alteza real vae caçar! Oh! Mas o principe D. José agonisa!

—Sim... sim... murmurou o irmão do herdeiro do throno fazendo-se livido.

Carlota Joaquina, ouviu-os, voltou-se como surprehendida e encarando o esposo, vendo-o, como tomado d'um subito acaso de ternura, fez um signal a um rapaz forte, sadio, de cabellos louros e olhos azues, e exclamou:

— Senhor almoxarife ajuda-me a descer!

O interpellado deveras admirado acercou-se da princeza e sentiu por momentos o seu corpo nos braços e recebia o sorriso que ella lhe enviava.

D. Antonia de Mello, montada tambem no seu cavallo, tornou se livida e mandou um olhar odiento ao almoxarife que de pé, muito surprehendido, o chapéu na mão, continuava a olhar a princeza que se dirigia ao esposo, e exclamava:

— Estaveis ahi, meu senhor?!

D. João, que a amava, admirado d'aquelle accesso de meiguice, depois de dez mezes de affastamento, olhou espantado a princeza que lhe tomava o braço, dizendo em voz baixa:

— João...

— Mas... mas...

Affastava-se com elle uns passos, unia se bem ao marido, provocadora como uma horisontal e nos seus olhos negros, accenderam-se scentelhas de brutal cuscupicencia, dizendo:

— Sei tudo... Oh! Tu não és culpado, meu amor!

— Carlota, murmurou o devoto principe estremecendo ao voluptuoso contacto da amante de D. Antonia de Mello.

— Sim João... Essa grandeza supplicou-me tudo...

— Que grandeza?

— Sim o arcebispo!

— O quê? Mas fizeram as pazes?

— Por tua causa! volveu ella com o seu olhar refalsado apertando-lhe o braço e dizendo ainda:

— Como te amo!

D. João, sentiu-se transportado ao ceu ante a intimação que a sucia dava ás suas palavras e tremulo, como louco, volveu:

— Oh! Carlota e eu... Adoro-te, meu amor, não sabes como tem sido horrivel a minha vida estes dez mezes!

— Perdôa...

— Oh! Tu a supplicares! Mas sou eu que devo...

— Cala-te! murmurou ella pondo-lhe nos labios a mão fina que D. João beijou; e accrescentando:

— Agora nunca mais nos separaremos!

— Oh! Jamais!... fez elle no auge do goso.

— Oh! Vem meu amor... vem commigo por esses prados fóra! Deixaremos a côrte caçar, nós perder-nos-hemos nos arvoredos... Tenho um desejo louco de te beijar!

Envolvia-o no seu halito perfumado, buscava arrastal-o, emquanto D. João baixava a cabeça e dizia:

— Mas... mas...

— O quê?

— Meu irmão...

— E que te importa? Tens aqui a tua mulherzinha!

Cada vez o perturbava mais, acariciando-o, com o olhar avelludado e felino, buscando conquistal-o, emquanto o infeliz principe volvia:

— Mas elle vae morrer!

— Oh! Ninguem morre n'uma tarde de sol como esta em que ha rouxinoes entoando canticos, em que as flôres espalham aromas e quando dois jovens esposos falam d'amor... Vem...

— Não...

— Recuaes! Ah! Tu não me amas! tornou a princeza do mesmo modo ardente, chegando-se a elle, affastando-se para o interior do jardim real, longe de vista dos cortezãos.

Ali então, entre duas arvores, no estonteamento da soalheira, ella, a louca princeza, agarrou-lhe as mãos, fixou o seu olhar no d'elle e exclamou:

— João... João!... Acompanha-me...

A face gorda e luzidia do futuro D. João VI, do Menelau moderno enlividiceu, teve um desfallecimento e sentiu nos labios um beijo de fogo, ouvindo ao mesmo tempo uma vozita languida, doce, exclamar:

— Meu amor... meu amor... Vem ..

— Ah! Vamos!

Esquecendo o irmão, a mãe, o lucto que adejava, sobre a côrte elle deixou-se arrastar e pelo braço da mulher, chegou em face dos aulicos e bradou:

— O meu cavallo! O meu cavallo!

— Vossa alteza tambem vae? interrogou Lafões no auge do espanto.

D. João, volveu para ella um olhar triste e não lhe respondeu, montou a cavallo e dentro em instantes a comitiva desapparecia para os lados da Matta de Queluz.

Depois ouviram-se tiros que soavam por essa tarde ardente, e quem olhasse Carlota Joaquina vêl-a-hia distribuir os seus olhares entre D. Antonia de Mello e o almoxarife de Queluz que lhe sorria n'um ar humilde.

Nos quartos de D. José, o mesmo espectaculo, a mesma dôr, a doença, avançando, o delirio da agonia apossando-se do principe.

O physico, que estivera conversando com D. Rosa, entrara no aposento e olhava sua alteza com ar d'observador. Depois acercara-se mais e ouvia-o murmurar sequioso, a bocca pegajosa:

— Agua... agua...

Nos olhos de Burno de Sá, passou uma scentelha, como se tivesse nascido no seu cerebro uma inspiração sublime, e então des-

pejando a garrafa da agua no copo d'ouro, veiu até á porta, olhou atravez os reposteiros e acercando se de seguida do principe, disse:

— Eis a agua, alteza!

Devorado pela sede, tremulo, os olhos cerrados, o corpo n'uma agitação extranha, coberto das bexigas, D. José entreabriu os labios onde o outro chegou o copo que elle despejou n'um trago com mostras de grande goso, dizendo:

— Mais! Oh! mais...

Teve um sorriso de contentamento, encheu outro copo e deu-o a sua alteza, murmurando ao vêl-o cahir nas almofadas do leito, respirando com grande difficuldade:

— E agora pode vir o medico do regimento de Peniche! Oh! Elle vae morrer!

Mas recuou como espantado e tornou-se pallido, ficando com os olhos dilatados a fixar a porta do aposento que se abria e onde apparecia D. Maria Benedicta, a esposa do principe ao lado de D. Maria da Penha que lançavam pelo quarto um olhar investigador.

— Senhoras! bradou o physico, fazendo um gesto de aterrado.

— Que é... Que desejaes de nós? perguntóu com altivez D. Maria Benedicta, encarando-o com certo espanto.

— Não entreis!... Não entreis!

— E porquê?

— E' muito grave a doença de sua alteza!

— Ah! E eu sou sua esposa...

— Isso senhora, é uma imprudencia...

— Com a qual nada tendes a vêr!

— Alteza... O meu dever!

— O vosso dever é salvar o principe... O meu é ficar a seu lado!...

— Vós aqui?

— Eu sim...

— Mas, como o physico-mór, do paço, vol-o prohibo, senhora!

— Eh! Passagem... Obedecei á futura rainha de Portugal! Assim o quero!

E erguendo-se a cabeça com altivez acercou se do leito de D. José a quem ficou contemplando ao lado de D. Maria da Penha, que chorava.

D. Maria Benedicta, tinha um ar altivo além em face d'aquelle

leito mortuario, via o esposo e estremecia a cada movimento que elle fazia.

Subito, o principe voltou-se como instintinamente para o seu lado, fez um esforço para abrir os olhos e murmurou:

— Agua! Agua!

— E' impossivel, volveu em voz muito baixa, a princeza para D. Maria da Penha. Seria a morte! Não ouvistes o que disse Pedro Celestino... Bastava um copo, no seu estado de febre...

O physico estremeceu ante aquellas palavras, olhou a garrafa da agua e sorriu ante o ouro de que ella estava coberta, e foi para a porta murmurando:

— Oh! A garrafa não me denunciará.

D. José erguera meio corpo no leito e murmurava ainda:

— Agua... oh! Tenho sede!

— José... José... Meu esposo!... Ouves-me?

Elle estremeceu, no rosto coberto de bexigas houve como uma crispação e no delirio da febre, murmurou:

— Maria... Maria... e logo de seguida, tornou:

— Vasco... Vasco... Casareis. . Oh! Casareis, serei o padrinho! Olhe a boda... Como vae luzida!

— Ah! E' de vós que elle falla! bradou a princeza dirigindo-se a aia...

— A rainha... a rainha... minha esposa... a madrinha... volvia o doente.

— Ah! Agora fala de vossa alteza!

— José... José... tornou D. Maria Benedicta buscando que elle a ouvisse.

— Que me querem? Ah! os jesuitas! Sangue! Sangue!

A princeza recuou para avançar de seguida tomou-lhe a mão.

Segurava com os seus dedos finos aquella carne empestada, coberto de crostas negras e dizia:

— Ouve-me... ouve-me... Estás melhor? Não é verdade que estás melhor?

— O throno... Oh! Pombal eu farei a tua obra! foi a resposta de sua alteza no delirio da febre.

Continuava sentado no leito como tomado de força sobrehumana e tinha um aspecto lastimoso que horrorisava as duas senhoras.

De longe, da Tapada Real, vinha o ruido dos tiros dos caçado-

res, pela tarde rescaldante de sol, d'ali proximo um murmurar confuso d'orações no quarto da rainha.

Depois reinou o silencio e a princeza disse:

— Oh! E elles divertem-se... Essa miseravel festeja a agonia do meu marido... E ella... ella... vae ser a rainha!

— A rainha! A rainha! Mas ella reza! murmurou D. José, que parecia ter concentrado todas as suas faculdades, sentindo no quarto de sua mãe o som da duas vozes.

— Ah! Elle ouve! .. Elle ouve! Salvar-se-ha! Quem sabe! Oh! Meu Deus! Meu Deus! bradou D. Maria Benedicta, muito commovida.

Mas a subitas estremeceu e tornou-se livida, tomou o braço de D. Maria da Penha que apertou com força, exclamando:

— Ouça... escute!...

Applicaram o ouvido e ficaram como horrorisadas ao escutarem a voz do bispo do Algarve, exclamar n'um tom rancoroso:

— Vamos... Vamos... Estamos sós... N'aquelle quarto não ha senão teu filho que agonisa rainha de Portugal! Assigna... Assigna a rehabilitação dos Tavoras se queres salval-o!...

— Que diz elle?... Oh! E' horrivel. Eu sonho... eu sonho... D. Maria da Penha!

— Não... não... alteza... escutae-me disse por seu turno a aia.

E ouvia-se então a voz da rainha, volvendo deveras afflita:

— Grandeza!... Grandeza!... Tudo farei, mas implore a Deus que salve o meu filho!

— Oh! E' necessario prevenir Thessalonica! exclamou a esposa de D. José vertendo copiosas lagrimas.

Mas o principe erguia-se quasi por completo soltava um grito estridulo e bradava:

— Morro!... Morro!...

As duas mulheres, como loucas no auge do desespero, agarravam aquella cabeça lavrada de globinhos negros e ficaram assim durante algum tempo.

Elle estremecia, depois agitava-se uns instantes, revolvia-se, crispava as mãos, soltava um novo grito e as damas sentiam collar-se aos seus dedos as crostas das feridas de D. José.

Respirava com força, contorcia-se, abria os labios, parecia ter

um espasmo, queria fallar mas não proferia um unico som e buscava ainda abrir os olhos.

A porta descerrava-se e o physico ficava muito taciturno a analysar o quadro que se lhe deparava.

O principe do Brazil, chegava o rosto negro ao da esposa que não retirava o seu, murmurava phrases inintiligiveis e depois de repente, muito nitidamente, bradava:

— Ah! A obra de Pombal! A obra do marquez!... Mestre... mestre...

Encostava a cabeça ao hombro da mulher, soltava um som rouco e ficava n'uma quietação extranha, coberto das bexigas negras, ao passo que ellas o largaram sobre as almofadas do leito, ao verem-n'o rigido, inteiriçado.

Tinha expirado.

Ouviram-se passos no corredor, duas vozes soaram, depois escutou-se uma breve prece no quarto da rainha e a voz de Thessalonica bradando á entrada do aposento do principe:

— Queremos vêr sua alteza! Este senhor é o physico Pedro Celestino!

Um enfermeiro respondia-lhe em phrases humildes, o arcebispo gritava:

— Passagem! Passagem!

Nos labios de Bruno de Sá, passou um sorriso e no momento em que a porta se abria para deixar passar os dois homens, elle sahiu, bradando:

— Morreu sua alteza! Está morto o herdeiro do throno!

— Que dizeis? bradaram o arcebispo e o physico fazendo-se lividos, e aos quaes o outro respondeu:

— Morreu sua alteza real, o principe D. José!

— Ah! Está então tudo acabado! murmurou Thessalonica entrando no quarto ao lado de Pedro Celestino.

N'este momento um homem coberto de poeira tilintando esporas e arrastando a espada, despontava ao fim do corredor, e chegava á porta do aposento, interrogando os homens que além estavam:

— Sua alteza? e sem esperar resposta, ordenou:

— Diga-lhe que o marquez de Alorna, voltando da missão de que elle o encarregou lhe pede audiencia!

Morte do principe D. José

— Sua alteza real acaba de fallecer n'este instante! volveu um dos enfermeiros.

— Morto! Oh! Mas é impossivel, é impossivel! e como se não acreditasse penetrou no aposento, onde apenas viu um cadaver negro, coberto de feridas, estendido n'um leito de cortinas de purpura e aos pés do qual estavam ajoelhados o arcebispo, o physico do regimento de Peniche e D. Maria de Penha.

A princeza, como louca, ao vêr Alorna, exclamou:

— Oh! marquez! marquez!

E cahiu-lhe desmaiada nos braços, emquanto á porta se ouvia um grito estridente e apparecia D. Maria I, desgrenhada, pallida, envelhecida, que se lançava sobre o corpo do filho, beijando-o com furia, e murmurando:

— Oh! Oh! Não é elle... Não é elle... D. José era formoso! Oh! Não é elle... O bispo enganou-me!

Beijava-o sempre, os olhos enxutos, vitreos, com um clarão de loucura, depois como extenuada, agarrou se a Thessalonica e bradou:

— Salve-me... Salve-me! Oh! O senhor é bom!

Da porta o bispo do Algarve com um terrivel sorriso nos labios contemplava essa scena da familia real.

XLVIII

O confessor da rainha

UPERIORES ás dôres intimas ha o dever... Os que se deixam esmagar por um desgosto são fracos e a fraqueza é o peior dos males para quem governa um povo! e o arcebispo concluia assim o seu sermão ante a côrte ajoelhada respeitosamente, fixando a rainha pallida como um lyrio e que trajava de lucto no meio do seu sequito.

Havia uma atmosphera asphyxiante no interior da capella real, onde ha momentos se realisára o casamento de Vasco de Miranda com D. Maria de Penha.

E a noiva no seu vestido claro destacava-se no meio dos crépes, estremecendo a miudo ao olhar em volta; o capitão do regimento de Peniche baixava a cabeça, ao passo que a seu lado Gomes Freire e o marquez d'Alorna, pareciam esmagados tambem pelas dôres que affligiam a rainha.

Tinham aproveitado aquella ceremonia religiosa no paço d'Ajuda para não obrigarem D. Maria Benedicta, a madrinha, noiva ha seis mezes, a tomar parte n'um acto d'alegria.

Thessalonica, quizera tambem lançar mão da occasião para dizer algumas palavras que todos ouviram, e elle lá estava vestido muito simplesmente no seu habito branco de carmelita a aconselhar a soberana, divagando o olhar pelos fidalgos a quem fizera allusões bem comprehendidas pelos cumplices do bispo do Algarve que recusára a assistir ao acto.

D. Ramiro de Noronha, agora tornado aio do principe D. João, inclinou-se para Jacob Mestral e para o conde S. Lourenço (*) e murmurára algumas palavras em segredo, D. Balthazar d'Athouguia trocara um olhar com D. Carlota Joaquina que o fizera seu confidente e D. Antonio de Mello, cheio de raiva, estremecera tendo um olhar vingativo.

No côro da capella, os cantores do paço entoaram uma oratoria, soava a musica, as andorinhas formavam ninhos nos rebordos dos altares.

Notava-se agora o predominio de Carlota Joaquina, ella ao lado do marido tinha o ar d'uma verdadeira rainha e parecia ameaçar o arcebispo com aquelle olhar brilhante e fixo que lhe enviava.

Alguns filhos familia, julgavam-se alvejados tambem pelas palavras do arcebispo apesar do conde de Villa Verde os buscar dissuadir de semelhante cousa.

E depois, quando o prelado desceu e veiu dar a sua benção aos noivos, quando o cortejo se poz em marcha, ouviu-se um susurro mesmo no grupo das damas, e a joven e loura condessa de Pombeiro, uma das maravilhosas sécias da epocha, murmurou enfastiada:

— Este arcebispo, por vida minha que lembra, um arrieiro... Recordações do passado!...

Já se atreviam a fallar d'elle em voz alta ao verem-n'o decahido; a morte do principe do Brazil tornara a rainha melancholica e viam-na abandonar os negocios entregando tudo, quasi por completo aos ministros e a D. João, que se aconselhava com a mulher.

Era pois em torno de Carlota Joaquina, o novo astro, que se agrupavam, abandonando D. Maria Benedicta que se tornara uma nullidade no paço.

Por entre duas pilastras da capella, o arcebispo fazia um gesto a Gomes Freire e a Vasco, trocara com elles algumas palavras que tinham gerado uns gestos de espanto nos mancebos e de seguida viam que o sargento-mór, se dirigia ao veador de serviço, fallando-lhe em voz baixa, d'um modo mysterioso, a que o outro respondia com grande tranquillidade.

Então quando D. Maria I, deixou retirar a côrte e ficou apenas

---

(*) Silva Menezes.

com duas damas a orar na capella, Gomes Freire, conduzido pelo veador, entrou e ficou aguardando que sua magestade désse pela sua presença.

Ella estava n'um recolhimento piedoso e devoto, como absorta em face do altar, recordando ainda as palavras do arcebispo e pedindo a Deus essa força de que o seu confessor fallara.

Houve um momento em que se levantou, e de seguida ergueu-se, para se dirigir á sahida onde os fidalgos ainda formavam alas aguardando o final da oração que a soberana costumava fazer a sós desde a morte do filho.

Deparou com o official que se curvava, estendeu-lhe a mão, onde elle depoz um beijo respeitoso e perguntou:

— Desejaes fallar-me, não é assim?

— Sim, real senhora!

— Fui avisada pelo meu veador... Agora dizei...

— Real senhora... Eu venho pedir a vossa magestade uma licença illimitada.

— Ah! Quereis deixar o meu serviço, não é assim? interrogou a soberana com certo desgosto.

— Não, real senhora... Eu pouco posso fazer em Portugal que está n'um estado pacifico... Se a minha patria carecesse de mim não pediria essa licença, porém...

— O quê?

— Os infieis, os turcos, batem se com a Russia, onde reina sua magestade Catharina II, alguns officiaes estrangeiros juntaram-se ao exercito de czarina e eu...

— Vós?

— Desejava seguir-lhes o exemplo como meu amigo Vasco de Miranda, que partirá dentro em tres mezes com sua esposa se vossa magestade lhes conceder permissão!

— O que? Tambem Vasco de Miranda?...

— Sim, real senhora... E o marquez d'Alorna não parte porque tem os encargos do regimento que commanda!

— Mas qual é o motivo que os impelle a esse commettimento? perguntou a soberana com certa pressa.

— Apenas o de illustrarmos os nossos nomes...

D. Maria I ficou uns momentos meditativa como se não acreditasse n'aquella versão, pareceu dar-lhes razão intimamente e volveu:

— Não tenho a minima objeção a fazer-vos... Apenas lastimo que dois valentes officiaes deixem a patria...

— Favor de vossa magestade, emquanto a designação, porém, real senhora, esses officiaes estarão aqui ao vosso primeiro signal.

— E que diz D. Maria Benedicta, á partida da sua amiga D. Maria de Penha!

— Sua alteza ignora ainda essa resolução tomada pelos dois esposos!

— Ah! Ella vae ficar tão só!... murmurou a rainha com tristeza, mas de seguida, como aborrecida, não tendo força para resistir, accedeu:

— Parti e sêde felizes... Recommendarei a vossa pretenção ao meu novo ministro, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, pedir-lhes-hei cartas para a soberana que ides servir!

— Agradeço a vossa magestade. Resta-me apenas apresentar ao senhor de Runenzoff, ministro da Russia n'esta côrte, e expor-lhe os meus desejos!

— Sim, senhor sargento-mór, ide! Quando voltardes sempre terei um regimento para vos dar, e que terá o vosso nome como o do senhor de Alorna!

— Mais uma vez beijo as mãos de vossa magestade! e o sargento-mór, inclinava-se e sahia da capella real dirigindo-se rapidamente para os aposentos do confessor da rainha.

Thessalonica conversava com Bernardino Freire, tornado coronel do regimento do Porto, e que estremeceu ao vêr entrar o sobrinho.

O arcebispo sorriu e interrogou:

— Então, meu amigo?

E o official beijando a mão a seu tio, disse para o prelado:

— Tudo concedido, grandeza!

— Ah! partis? interrogou Bernardino com a voz estrangulada na garganta.

— Por agora eu, dentro em tres mezes Vasco de Miranda!

— Mas porquê, santo Deus, porquê?

— Porque Elvira de Mello está n'um mosteiro jesuita em Oczakow! volveu elle com grande pressa.

— O quê? A tua noiva!

— Sim, meu tio, o padre geral dos jesuitas conduziu-a para esse

paiz, visto Catharinha II da Russia, como Frederico de Prussia, apesar de protestantes, terem dado guarida nos seus estados aos da Companhia, cuja educação calculadamente entorpecedora, agradou aos dois despotas que buscam assim garantir o throno contra as ideias revolucionarias que vem soprando de França nas obras do senhor de Voltaire e nas de João Jacques Rousseau!

— Oh! Meu amigo, estaes adiantado! bradou n'este momento uma voz da porta ao mesmo tempo que o intendente da policia apparecia muito gravemente.

— Ah! O senhor intendente! exclamaram todos em unisono.

— E' verdade, senhores, eu que cheguei a tempo de ouvir dois maus nomes d'atheus na bocca do nosso sargento-mór... Conheceis essas obras, mancebo? interrogou elle com firmeza.

— Mas certamente, lias na Academia com o senhor conde de Tarouca e com o senhor de Lafões...

— Com o abbade Corrêa de Sousa e com o Fylinto Elysio, não é assim?

— Mas como o sabeis?

— Oh! Conheço os livres pensadores! volveu elle d'um modo frio.

— E v. ex.ª sem duvida já as leu tambem!

— Eu? bradou como offendido o intendente.

— Sim, e porque não? interrogou Bernardino.

— Ah! Mas por quem me tomam! exclamou Pina Manique fungando uma pitada. Eu acho esses livros tão prejudiciaes como os trabalhos dos jesuitas! Uns pretendem fazer com que a egreja domine os soberanos, outros querem o predominio da canalha! E quem viver assistirá a grandes cousas, não em Portugal, assim o espero, pelo menos emquanto eu fôr intendente da policia e inspector das Alfandegas de sua magestade! Eu não sou um revolucionario meus senhores...

— Discipulo de Pombal, julguei...

— Que seguieis o mestre... accrescentou Bernardino.

— E assim faço... Seguro o throno, quero o unico e supremo predominio dos reis!

Aquelle homem singular que tanto auxiliava a propaganda contra a Companhia de Jesus, buscava pôr um entrave as ideias vindas de França nos livros, apenas por que receiava pelos soberanos, edi-

xava o sargento-mór admirado ao vêl-o encrespar o sobr'olho para lhe dizer:

— Fazeis bem em partir para a Russia, senhor... Vireis mudado... Lá ainda não chegaram essas obras! Oh! Agora vou ter trabalho dobrado para o qual conto com o auxilio do senhor arcebispo!

— De que se trata, meu caro intendente? perguntou com serenidade o prelado.

— Como vêdes, depois da morte de sua alteza real, o principe do Brazil, a côrte entrega-se de braços abertos aos jesuitas... O dominador do futuro já eu conheço, e espero ainda vêr a Companhia triumphante, se acaso...

— O quê?

— Nós não lhe puzermos entraves!

Thessalonica fez-se pallido, e exclamou:

— Mas como, se o futuro rei de Portugal, é o amigo dos jesuitas, o instrumento de José Maria de Mello?

— Acima d'elle ha ainda D. Maria I... E' necessario dominal-a... Para isso apenas existe vossa grandeza!

— Eu! Oh! Se soubesse... murmurou Thessalonica com tristeza. Tenho occasiões em que desejo recolher-me ao meu convento de Carnide e acabar além muito em paz os meus dias.

— Tudo sei, grandeza, porque a policia não dorme... Mas juntos acharemos algum meio. E agora, exclamou o intendente, dirigindo-se a Gomes Freire, poder-me-heis dizer porque partis...

— Sim... Vou em busca da minha noiva...

— Ah! Encontra-se na Russia?

— Sim; em poder dos jesuitas que ahi se estabeleceram...

— E como o sabeis?

— Alguem o revelou a Vasco de Miranda, denunciando ao mesmo tempo que se tramava alguma cousa contra a sua vida...

— Ah! E por consequencia contra a vossa...

— Assim o juguei! E mesmo que Elvira não estivesse longe em partir...

— Por Deus, mancebo, e o vosso antigo desejo d'aventuras? interrogou admirado o intendente.

— Ninguem se livra d'uma traição... E eu quero viver para algum fim util... Assim, combatendo, tornar-me-hei digno do respeito de que carecem os que se propõem ás grandes luctas!

O intendente, franziu o sobr'olho, julgou entender ali uma allusão ás ideias vindas de França, e sem se poder conter, quasi ameaçador, exclamou:

— Parti!... Ah! Peço-vos que não fiqueis!

Olharam-no todos admirados ante aquelle novo prisma porque Pina Manique se revelara, e ouviram-no ainda interrogar:

— E os vossos amigos, Vasco de Miranda e marquez d'Alorna, tambem se propõem á lucta, como dizeis?

Elle, desconfiando do tom quasi aggressivo em que lhe falava, volveu:

— Sei apenas de mim, excellencia!

E, já cheio de colera, curvou-se ante o arcebispo, beijou a mão a Bernardim e fez um breve cumprimento a Manique ao mesmo tempo que se dirigia para a porta.

Mas o tio detinha-o e exclamava:

— Acompanho-te!

Sahiram juntos. No pateo, o coronel acercando-se muito do sobrinho, disse-lhe:

— Se tens ideias de liberdade, desconfia tanto do intendente como dos jesuitas...

— Meu tio, acaso elles se entenderão?

— Não... Ambos esses poderes combatem as ideias de Voltaire e de Rousseau, uns porque querem o poder para si, o outro porque quer o poder para a rainha... A unica razão porque Manique nos tem auxiliado é porque nós combatemos os seus inimigos ..

— Porém defendia o principe D. José e elle tambem lia Voltaire... Pelo principe fez verdadeiros prodigios, o intendente.

— D. José era para Manique o futuro rei, e elle pode comprehender que um soberano dê garantias a um povo mas não que este as conquiste...

— Assim, elle seria capaz...

— De tudo... Para haver ás mãos uma das pessoas accusadas de lerem essas obras, e ás quaes já começa a chamar: pedreiros livres!

— Oh! Meu tio... Quem viver verá... Ou eu me engano muito ou dentro em pouco aquellas ideias germinarão em França...

— Quem sabe se não fructificarão depois em toda a Europa!

E elles, muito ao facto do que se passava além dos Pyreneus,

pelas doutas conversações com os sabios fundadores da Academia Real, affastavam-se ao lado um do outro, muito amigavelmente.

Pina Manique conversava tambem com o arcebispo e exclamava:

— Grandeza: A sociedade vae-se perdendo! Agora os homens como nós têm um pesado encargo... Não ouviu esse rapaz como falava?

— Sim .. Mas julgo que uns livros...

— Livros?... Oh! Obras do proprio Satanaz .. Elle não as faria melhor...

— Está severo, senhor intendente...

— Oh! Meu Deus! Tambem vossa grandeza as leu?

— Não lhe digo que não!

— Mas não vê ali o germen da destruição dos thronos!

— Vejo um pequeno começo d'avanço para a humanidade!... volveu d'um modo grave o arcebispo.

E Pina Manique não se atrevendo a retorquir a sua grandeza, apenas murmurou:

— Ou então me engano muito ou grandes infamias se vão preparando por esse mundo!... Meu Deus, d'um lado os jesuitas, do outro os pedreiros livres!... Se até já fazem em Londres e em Paris umas sociedades secretas a que chamam: a maçonaria!... Mas aqui, por Deus o juro, emquanto fôr intendente nem os jesuitas vencerão, nem os taes maçons farão ninho...

— Com que então nem Companhia de Jesus, nem Grande Oriente? disse o prelado com uma risada que deixou Manique, preplexo, os olhos dilatados ao ouvir a ultima palavra do confessor da rainha.

XLIX

A vingança dos jesuitas

TINHAM entrado em pequenos grupos de dois e tres homens e eram uns dez que se reuniam na clareira da mattinha de Queluz.

Eram lacaios disfarçados como se deprehendia d'aquelles ares effeminados com que esses latagões buscavam imitar os amos.

De quando em quando ouvia-se um ruido de ramos quebrados e um veado de grandes hastes em galhos, passava rapido de corrida, o que fazia com que os servos trocassem os seus commentarios:

— Olhe... olhe... Que grande aventesma!

— Por minha fé, como diz o meu nobre amo, o sr. D. Ramiro de Noronha, que aquelle veado é caça real!

— Como toda a da Tapada! exclamou um homunculo no qual seria facil reconhecer Jacintho Peres.

— Eh! Mestre Jacintho, nem toda! casquinou um dos rapazes.

— Toda ella! assegurou de novo o esbirro.

— Menos aquella de que estamos á espreita! tornou um certo latagão robusto com certa intenção.

Quem sabe? fez Jacintho Peres, sonhador.

— Eh! Que lá!... Eu estou aqui porque meu amo me mandou...

— E eu... porque além de me mandar untou as mãos!

— E eu!... e eu!. . e eu...! gritaram os outros, ao passo que o esbirro lhes dizia:

— Basta de rumor... Vocês a modo que querem espantar a caça...

— Ah! Nem pelo diabo!... disseram alguns.

— Trazem os saccos? interrogou n'este momento uma voz por detraz d'elles ao mesmo tempo que apparecia D. Ramiro de Noronha.

A lacaiada descobriu-se respeitosa e volveu:

— Sim, excellencia!

E vinte braços se voltaram a apontar dez pequenos saccos volumosos pela areia que continham.

— Então, attenção e nada de receios...

— Contamos com a protecção de sua excellencia... E d'ahi...

— Podem contar!... volveu elle com aprumo, dizendo para Jacintho Peres:

— E vós vigiae a cousa, hein!

— Podeis partir descançado, excellentissimo.

D. Ramiro voltou-lhes as costas e dirigiu-se por entre as arvores para um pequeno bosque onde estavam os seus habituaes companheiros.

— Então? interrogou fr. Fabricio com certa precipitação, fazendo-se pallido.

— Tudo a postos!... redarguiu o fidalgo.

— E os saquiteis? interrogou logo D Balthazar d'Athouguia com uma risada.

— Rasoavelmente cheios!

— E elle virá? perguntou o conde de S. Lourenço.

— Mas tenho a certeza...

— Se tem a mania de vir inspirar-se nos zephyros da tarde! fez com ironia Jacob Mestral, accrescentando:

— Julgo que depois de velho se tornou rival do Bocage...

— Rival em quê? Nos amores?

— A isso que te respondam as açafatas do paço, estão mais habituadas a conhecerem sua grandeza... Aqui para nós, julgo que o arcebispo verseja... D'ahi a rivalidade com o bohemio Manuel Maria!

Continuavam assim n'este tom de troça, quando ouviram um assobio que imitava o cantar d'um melro, e D. Balthazar exclamou:

— Attenção!

— Que diabo! Nós deviamos assistir mais de perto á farçada!

— Vamos para entre as arvores mas com cautella!

Occultaram-se então todos com infinitas precauções e viram os creados perfilarem-se em alas por detraz dos troncos em quanto Jacintho Peres se deitava ao comprido no meio da clareira, o que obrigou D. Balthazar a dizer:

— Mas que vae fazer aquelle patife!

— Com mil raios, fal o-ha desconfiar...

— Estará o maroto apostado em trahir-nos!

— Oh! Mettia-lhe uma bala na cabeça...

— E eu outra na cabeça do arcebispo! assegurou Mestral com violencia.

— Silencio! murmurou D. Ramiro ao avistar sua grandeza que vestido nos seus habitos de carmelita, vinha lendo attenciosamente um livro.

Estava uma tarde esplendida, banhada de magnifico sol, passaros aos milhares cantavam nos ramos e um fresco delicioso corria além sob as arvores por onde o confessor da rainha caminhava muito absorto na sua leitura.

De quando em quando estalavam troncos á passagem d'uma peça de caça, ouviam-se breves canções dos ceifeiros pelos campos visinhos, tudo dispunha ao repouso e á meditação.

O arcebispo ia dirigir-se para o seu banco predilecto, lá na volta da vereda onde ficaria até á tarde n'uma doce paz.

Estava já muito proximo dos servos que se occultavam, ia passar rente do esbirro estendido na estrada e que o espionava pelo canto do olho, sorrindo ao vêl-o tão mimoso n'aquella leitura.

Mas de repente, Jacintho Peres fez um movimento, agarrou as pernas de sua grandeza e o corpo volumoso do arcebispo, falto de equilibrio, cahiu por terra ao mesmo tempo que se ouvia uma gargalhada unisona e uma voz exclamar:

— Ah! Por minha fé, que o patife teve boa ideia!

O arcebispo escabujava rancoroso, o livro fôra parar a distancia, emquanto que o esbirro carateava em frente de sua grandeza, e exclamava:

— Vamos a arear!

— Miseravel! Miseravel! gritou o confessor da rainha fazendo esforços para se erguer o que ia conseguindo pouco a pouco.

Mas de repente os dez homens empunhando cada um o seu sacco d'areia, lançaram se sobre elle e começaram a descarregar-lhe violentas pancadas, proferindo invectivas.

Eram como camponios malhando trigo n'uma eira.

Batiam pancadas successivas, emquanto Jacintho Peres tapava com um lenço a bocca de sua grandeza que se revolvia, furioso, apopletico, prestes a ficar congestionado.

No grupo fidalgo, cobardemente escondido nas arvores, ria-se a bom rir.

Era uma festa estranha em que os saccos revolteavam e cahiam depois com força no ventre, nos hombros, nas costas, nas pernas, por todo o corpo do pobre confessor da rainha.

— Ahi rapazes, não poupem esse miseravel! bradavam os fidalgos divertindo-se muito com a scena que tinham preparado, esperando deixar ali sem accordo o prelado que os injuriava e que era um entrave ás suas diversas ambições.

E a natureza seguia impassivel a sua marcha, os melros continuavam a assobiar as suas canções, os veados passavam quebrando ramos e o sol infiltrava-se purpuro e brilhante pelas folhas das arvores illuminando a cobarde aggressão.

Os lacaios suavam, derrancados continuavam a descarregar os seus saccos d'areia sobre o carmelita que com o continuo escabujar conseguira despojar se da mordaça e gritava agora com toda a força dos seus robustos plumões, n'um desespero enorme:

— Soccorro! Soccorro!

Ouviu-se um grito estridente, depois duas vozes que bradavam:

— Por aqui! Por aqui!

E os servos atemorisados, seguiam o exemplo de Jacintho Peres que fugia, bradando:

— Fomos descobertos! Fomos descobertos!

— Ah! Mas não escapa á aventura! gargalhou D. Ramiro, bradando para os companheiros:

— Fujamos! Não é conveniente que nos vejam!

— Decerto! Decerto! O maldito é robusto e podia escapar...

E então os fidalgos corriam tambem como os lacaios em direcção aos muros da Tapada ao mesmo tempo que o marquez d'Alorna ao lado de Gomes Freire, chegava ao local onde se passava a scena, ainda a tempo de vêr fugir os nobres.

Foram em sua perseguição, e exclamavam:

— Esperem, cobardes!

Porém elles fugiam cada vez mais, dizendo uns para os outros no calor da carrida:

— Fomos reconhecidos!... O Alorna... O Gomes Freire!...

— Ah! E Vasco de Miranda!... gritou D. Ramiro ao vêr o capitão que lhes embargava o passo de espada desembainhada, exclamando:

— Eh! Por Deus, senhores, esperem os meus companheiros!

Elles nada quizeram ouvir, saltaram lestamente os muros da Tapada real, emquanto, Alorna. dizia:

— Conheceste aquelles homens, Vasco?

— Oh! Mas sim... Eram os quatro serventuarios de José Maria de Mello... Mas que fizeram elles?

— Auxiliados por dez lacaios sovaram sua grandeza que se encontra cahido na clareira!

— Ah! Mas denuncial-os-hemos!

— Para que? bradou Gomes Freire. Elles sabem bem o que fazem... Ficarão impunes a não ser que as nossas espadas vinguem o pobre arcebispo!

— Vingal-o-hemos! Mataram D. José, agora buscam assassinar este... Os jesuitas triumpham, meus amigos!

— Mas soccorramos o pobre confessor da rainha! bradou Alorna, correndo para o logar onde Thessalonica se encontrava sem sentidos.

Tomaram-no com mil cautellas nos braços, e assim carinhosamente, com infinitas precauções, conduziram-no para a porta da Tapada, todos muito cheios de rancor, fazendo projectos de vingança.

O arcebispo, desfallecido, semi-morto encostava-se aos hombros dos fidalgos e ia assim levado sem accordo, o corpo moido pelas bordoadas brutas dos lacaios, ás ordens dos cobardes que tinham fugido.

Porém agora nas suas costas soava uma risada feminina e elles voltando-se viram Carlota Joaquina que galopava ao lado de D. Antonia de Mello e que desappareciam por entre a folhagem.

— Ainda pensas em denuncial-os? perguntou Alorna, com um olhar raivoso.

— Não... E depois a quem o fariamos? Não é aquella mulher a futura rainha?

Caminhavam sempre levando o prelado em direcção ao palacio real.

Pelo caminho, os camponios juntavam-se-lhe e offereciam-se para carregarem com o senhor arcebispo, os creados da casa real amotinavam-se ao vêrem o prelado n'aquelle estado, a noticia espalhou-se em breve pelos corredores, pelas salas, todos corriam a vêr o arcebispo que os tres amigos tinham deitado no seu leito e cuja porta guardavam.

Então, aquelle leigo gordalhudo e d'aspecto lorpa que servira até aquelle momento o confessor da rainha, elle, em quem ninguem descobrira até então um pedaço d'alma, chorava desesperado e acariciava o amo, como cão a lamber as feridas do seu dono.

O physico da real camara fôra enviado pela rainha e corria a entrar nos aposentos do arcebispo.

Porém a passagem era-lhe vedada por Gomes Freire, que muito arrogantemente lhe dizia:

— Senhor Bruno de Sá, que deseja?

— Vêr sua grandeza!

— Como particular ou como physico?

— Como physico que sua magestade me envia! exclamou elle n'um tom altivo.

— Não carecemos dos vossos serviços... Sua grandeza está recebendo curativo pela mão do medico Pedro Celestino, do regimento do senhor marquez d'Alorna!

O outro fez-se pallido e sahiu cheio de raiva entrando nos aposentos de D. Carlota Joaquina que de pé, ao lado do bispo do Algarve, envergando ainda o seu traje de amazona, o olhava interrogativamente:

— Então, Bruno de Sá? interrogou José Maria de Mello com grande impaciencia.

— Nada posso dizer a vossa grandeza!

— Hein? E porque? interrogou elle muito colerico.

— Porque não poude penetrar nos aposentos do arcebispo!

— O que? Não sois o physico do paço?

— A passagem foi-me embargada!

— Mas quem teve semelhante ousadia? perguntou muito cheia de colera a princeza.

— O sargento mór!

— Gomes Freire? interrogou ella no auge do espanto.

— Sim, alteza... Elle que vela o arcebispo com Vasco de Miranda e com o marquez d'Alorna de companhia com Pedro Celestino!

—O physico com que queriam curar D. José, não é assim? perguntou ella com rancor cada vez mais intenso e ante a resposta affirmativa dos dois homens, Carlota Joaquina exclamou:

—Dentro em tres dias esse Gomes Freire que assim se mette nos nossos planos, terá dado entrada no Santo Officio e para não mais sahir em companhia d'esse tal Vasco de Miranda, o recemcasado com a infame D. Maria de Penha que tanto é odiada por D. Antonia...

— Ah! vingue-me, minha princeza, vingue me! bradou a dama entrando e deitando-se a beijar os pés da sua grande amiga que lhe sorria, voluptuosa, dizendo:

— Descança, minha linda! Tu serás vingada!

E logo com raiva accrescentava:

— Noivarão elle na Inquisição, ella em qualquer convento... E' preciso ensinal a a ser dedicada a essa mulher que se chama D. Maria Benedicta!

— Princeza... Falta depois o marquez d'Alorna!

— Ah o coronel, não é assim? interrogou dirigindo-se ao arcebispo que lhe indicou aquelle nome e que á sua pergunta, volvia affirmativamente:

— Ah! esse dá-se muito com a gente da Academia e tem uma posição na côrte!

— Mas lê Voltaire! E eu me encarrego de o indicar a alguem.. bradou o bispo cheio de rancor.

— A quem?

— Ao intendente de policia, que começa a perseguir os pedreiros livres de mistura com os jesuitas!

— Mas falaes a Pina Manique? interrogou ella muito admirada.

— No dia em que fôr inquisidor-geral, elle se curvará... murmurou o bispo quasi em segredo ao ouvido da princeza.

— Bem. . Tratámos dos nossos inimigos... Agora restam os amigos! disse Carlota Joaquina, muito encostada a D. Antonia, e a mostrar que não era ingrata, pelo menos para os cumplices.

— Desde que os inimigos sejam punidos, elles serão contentes porque concluem a vingança e emquanto a recompensas, guardae-as para quando tiverdes na cabeça...

— O diadema real! concluiu D. Antonia beijando-a no pescoço.

O arcebispo, no seu leito, recuperava os sentidos, e vendo-se rodeado pelos mancebos, exclamou:

— Obrigado!... Obrigado!...

Depois teve uma contracção violenta na physionomia, levou as mãos ao peito e supplicou:

— A rainha... a rainha... Depressa!... Ah! E um confessor!

E cahiu desamparado nas almofadas do leito.

L

O ultimo obstaculo

Sua magestade, a rainha! annunciou a voz tremula do leigo, que chorava muito commovido.

Os tres officiaes que rodeavam a cama do confessor e o medico, inclinaram-se até ao chão, á entrada de D. Maria I, que cada vez mais pallida e abatida penetrava nos aposentos do arcebispo.

O sol morria nas janellas, chegavam até ao quarto vagos ruidos vindos de fóra.

A soberana ajoelhou piedosamente junto do leito, como outr'ora ante o confessor e viu um sorriso triste nos seus labios grossos que ainda ha bem poucos dias se tinham descerrado a aconselhal-a.

— Meus filhos, murmurou em voz debil, Thessalonica, deixae-me só com sua magestade!

Os fidalgos sahiram contendo a custo as lagrimas e a rainha ergueu-se ficando a olhar atravez das lagrimas o arcebispo que lhe dizia no seu tom franco e aberto que sempre usara:

— Real senhora, agora é a minha vez de confessar a vossa magestade os meus peccados!

Ella entreabriu os labios para o interromper, mas o prelado n'um gesto, deteve-a, e continuou:

— Vou partir... vou para muito longe... D'onde ninguem volta...

— Grandeza!

— Magestade, escutae-me até ao fim... Isto está por pouco...

Tenho muitas lezões internas e sei que vou morrer... Esse bravo rapaz nada me occultou.

— Quem?

— Pedro Celestino, o physico... Sabe que foi soldado e não teve cerimonias... Eu mesmo lh'o pedi!...

— Oh!...

— Escutae, senhora... Eu morro e sou victima das intrigas da côrte... Um bando d'assalariados me prostrou cobardemente! E não tenho pena da vida, não...

— Mas vivereis... Deus ha de ser justo! disse devotamente a soberana.

— Deus, magestade, deu por concluida a minha missão na terra... E exactamente no momento em que mais carecia de ficar...

— Por Deus, cale-se!...

— Não se aterrorise vossa magestade, serei breve e pouparei aquelles que me mataram! Sei os seus nomes mas não os digo... O intendente da policia se encarregará de pôr termo ás suas conspirações se não fôr tambem victima como eu!

— Meu padre!

— Descançae, senhora... Os meus inimigos são os vossos e por isso vos digo tudo isto! Aconselhae-vos sempre com os Marialvas que são fieis, com os Cadaval e com os Alorna, fugi dos dedicados a vossa nora!

— Que dizeis? interrogou a rainha obedecendo a um secreto impulso.

— Sim, magestade! Os dedicados a D. Carlota Joaquina são os que mataram o principe D. José ..

— Oh! Arcebispo! Que dizeis! Mas meu filho teve uma morte natural!

— Não, real senhora, elle morreu ao abandono...

— Mas quem tentou... Oh! E' impossivel!... Não vos creio... D. José, o meu querido filho, era estimado, a sua morte causou profundo abalo...

— No povo que esperava um bom rei... volveu Thessalonica como se reunisse todas as suas forças para elucidar a soberana antes de morrer.

— Mas porque fizeram isso? Quem foi? interrogou a rainha como louca.

— Alguem que n'isso tinha interesse... D. José foi victima de habeis inimigos que souberam aproveitar muito bem o odio de duas mulheres...

— Carlota Joaquina e Maria Benedicta, não é assim? perguntou D. Maria I, quasi com firmeza.

— Sim... A primeira queria ser rainha para esmagar a segunda! Os jesuitas não queriam no throno um discipulo de Pombal.

— Grandeza!

— E auxiliaram a mulher que é hoje a soberana n'esta côrte mesmo em vida de vossa magestade!

— Enganae-vos!... Eu sei o meu logar!

— Elles conhecem as vossas fraquezas e collocam a vosso lado um jesuita!

— Quereis falar? interrogou a rainha muito pallida.

— Do bispo do Algarve!

— Oh! Deliraes... Deliraes... exclamou a soberana, lançando um olhar compassivo ao arcebispo como se adquirisse a certeza do que affirmava.

Então, elle, falto de forças, teve um olhar para o tecto do aposento, como a implorar a misericordia do céu, e disse em voz cada vez mais debil:

— Vossa magestade não crê nas minhas palavras... Mas ao menos, real senhora, faça-me uma promessa garantida com um juramento e morrerei tranquillo...

— Mas que desejaes, meu amigo? pediu ella, enxugando as lagrimas.

— Que nunca tomeis uma deliberação sem consultardes...

— Quem?... Quem?...

— Os Marialvas e Martinho de Mello, o vosso ministro, esse que raro vem á côrte, mas que é a mais solida cabeça do governo...

— Juro-vol-o! bradou com energia a rainha.

— Bem... Por esse lado parto tranquillo... disse elle como a pôr em ordem as suas recordações e continuando:

— Agora tenho outra cousa a pedir-vos...

— Concedido d'antemão!...

— Ha tres homens que vos são dedicados de corpo e alma... Vossa magestade viu-os ha momentos á cabeceira do meu leito.

— Que desejaes para elles?

— Que logo que eu feche os olhos para sempre, façaes partir Gomes Freire e Vasco de Miranda para a Russia...

— Mas Vasco ..

— Sei o que ides dizer, não pode abandonar sua esposa, não é assim? Pois ella que parta tambem! E' necessario que deixe a côrte! E' preciso que não tome parte nas scenas que se vão desenrolar porque seria victima!...

— Mas então que fazer?

— Affastal-a com D. Maria Benedicta para um mosteiro até á volta do esposo ou deixal-a partir...

— Assim farei... descançae... Mas Vasco de Miranda quererá assim deixal-a?

— Não se recusará a acompanhar o seu fiel amigo...

— Mas e a noiva?

— Comprehenderá o que ha de generoso no seu coração, verá como o marido quer reconquistar para Gomes Freire a mulher que elle ama...

— Ah! E' a razão porque elle parte?

— Essa é a raiva enorme que tem á vossa côrte onde vê a traição que o seu coração grandioso e leal não pode tolerar! Ha ainda o marquez d'Alorna, magestade, que é necessario defender... Protegei-os, magestade!... E agora deixae-me que lhes fale na vossa presença...

Fez um signal ao leigo que chorava muito e d'ahi a momentos os fidalgos entraram acompanhados pelo physico.

O moribundo volveu para elles um olhar e exclamou:

— Meus filhos... Agora mais do que nunca deveis partir! Já nada valemos... Estaes dispostos a sahir do reino?

— Eu parto dentro em vinte e quatro horas! exclamou Gomes Freire, com resolução.

— E tu, Vasco de Miranda? interrogou o arcebispo dando-lhe pela primeira vez aquelle tratamento.

— Dentro em um mez estarei ao lado de Gomes Freire...

— O senhor marquez...

— Fico, grandeza... Elles sabem as razões!

— Muito bem... agora mandem entrar o confessor... disse elle como extenuado.

A rainha curvou-se, beijou-lhe ainda a mão, foi para a porta a

soluçar, ao mesmo tempo que o prior de S. Julião penetrava nos aposentos do arcebispo, que exclamava:

— Venham depois, meus amigos...

Porém n'este momento, um homunculo coberto de lantejoulas, o bobo da rainha veiu cahir de joelhos aos pés do leito do arcebispo, chorando desesperadamente.

Elle quasi na agonia, olhava-o e dizia:

— Ah! D. João de Falperra, D. João de Falperra, eu sou o primeiro a partir!

Mas o truão chorava apenas, não tinha coragem para lhe responder ao vêr que o punham fóra com o leigo deixando sua grandeza com o confessor.

Agora chegava um grande sequito fidalgo á ante-camara do arcebispo.

Luziam espadas, fulguravam condecorações em fardas garridas, cabelleiras empoadas mostravam-se cahidas em hombros forrados de sedas e veludos multicolores, as rendas mais finas debruavam os peitos cortezãos, tricornes sob os braços, camurças calçadas, meias escuras e sapatos com fivellas d'ouro, tudo se confundia e revolteava.

Era a multidão dos aulicos que lhe disputavam o favor e os sorrisos, os que se tinham rojado na sua frente mais que ante os principes e os reis, aquelles que não tinham ousado chegar ao salão do fallecido principe do Brazil nem ao d'el-rei D. Pedro III, quando moribundos e que vinham vêr agora qual o partido mais vantajoso a tomar, a saber se o arcebispo ainda viveria.

E na sua maioria todos aquelles homens conheciam a traição de que elle fôra victima e sabiam os nomes dos culpados, pescavam diplomatica e cobardemente n'aquelle mar duvidoso e no emtanto nenhum d'elles tinha a coragem de abrir a bocca n'uma pergunta directa.

Por fim, o vice-rei do Algarve, babujando-se e sempre engalanado, quasi sem influencia depois da morte do pae, o marquez d'Angeja, dirigiu-se abertamente a Alorna e interrogou:

— Viverá o senhor arcebispo, marquez?...

O coronel achou repugnante a pergunta, comprehendeu que ella significava a interrogação de todos aquelles homens e volveu tranquillamente a reprimir-se:

— Apenas o physico que trata sua grandeza, vos poderá responder, conde de Villa Verde!

— Ah! E onde se encontra sua senhoria? perguntaram os outros em unisono.

— E' o senhor Pedro Celestino! exclamou Gomes Freire, apontando o physico que encarava altivamente os cortezãos e bradava:

— Não tem talvez duas horas de existencia, o senhor arcebispo de Thessalonica, meus senhores!

Como por encanto a turba fidalga recuou ao ouvir aquellas palavras.

Apenas quatro homens avançaram decididos, collocando-se junto dos tres fidalgos; os outros sahiam quasi de tropel a confundirem as carecas e as cabelleiras, espalhando-se pelos corredores.

Então, Alorna estendeu a mão aos quatro individuos sucessivamente e bradou:

— Sabia que ficarieis, senhores! E depois dirigindo-se a cada um d'elles, começou:

— O nobre marquez de Marialva ficaria atravez de tudo com seu filho D. Diogo; o senhor ministro Martinho de Mello procederia de egual modo, eu sabia-o! Emquanto a vós, Bernardino, sois tio de Gomes Freire e isso basta!

Elles inclinaram-se ante o marquez, ao mesmo tempo que no corredor se ouvia a voz do bobo, gritando:

— Eh! Turba de lacaios... Ide procurar os que estão bem vivos e que vos podem dar honras! Lacaiada ignobil... Raça de farçantes!

Os fidalgos trocavam entre si um olhar e ao verem entrar na ante-camara o truão João de Falperra, nenhum teve para elle um olhar desprezador.

— Somos nós os unicos fieis ao arcebispo, quer dizer, á rainha! bradou Marialva, cheio de raiva, dirigindo-se a seu filho e accrescentando:

— Seguirás sempre o bom caminho, Diogo, e lembrar-te-has emquanto viveres d'esta scena!

— Que eu não esquecerei tambem! exclamou Martinho de Mello, continuando:

— Oh! N'esta côrte faz falta um grande estadista! Se o houvesse, os que conspiram seriam esmagados!

— Já lastimaes Pombal, não é assim? interrogou Bernardino Freire.

O ministro que odiava muito o grande marquez, apesar de ter sido seu discipulo, limitou-se a encolher os hombros e a dirigir-se para a janella.

Mas á entrada soou uma voz que obrigou os presentes a voltarem as cabeças ao exclamar:

— Commigo então não contaram?

— O senhor intendente?! bradaram todos admirados ante Pina Manique.

— Eu sim, que venho ainda prestar a humilde homenagem ao arcebispo moribundo!

— E' necessario coragem para isso, meu caro! disse o ministro ao vêl-o.

E o intendente de policia volveu:

— Nao, senhor ministro, é preciso apenas ser intendente! Isto é, ser um individuo que tudo saiba desde os crimes das ruas aos escandalos dos palacios!

Dissera estas palavras em voz baixa e sorria para Martinho de Mello, ao mesmo tempo que o prior de S. Julião chegava á porta e bradava:

— Entrae senhores!

Viram então Thessalonica, livido mas tendo no rosto uma expressão de beatitude e que os encarava quasi sereno.

Chamou primeiro os tres amigos e murmurou-lhes n'um conselho:

— Defendam-se... Affastem-se da côrte e salvem os que lhes são caros... O inimigo triumphou e é poderoso! A traição é a sua arma e vós sereis abatidos porque sois leaes!...

Estendeu-lhes a mão que elles beijaram e de seguida dirigiu-se a Marialva e a seu filho, dizendo:

— Sois os grandes fidalgos do reino e os fieis da rainha, os seus verdadeiros amigos, juntae os bons e defendei a soberana!

— Ah! Grandeza, descançae, o sangue dos Marialva e dos seus parentes não hesitaria em correr para salvar D. Maria I.

Depois para Martinho de Mello, exclamou:

— Senhor, fostes inimigos de Pombal mas deveis seguir-lhe o exemplo! Tenho um juramento da rainha que se vos refere...

— A mim, grandeza?

— Sim... Elle não decidirá nunca as questões sem vos consultar e ao nobre marquez de Marialva, seu gran-mestre de cerimonias e estribeiro-mór!...

— Grande honra é a de sua magestade...

— Honra que era uma necessidade, senhor ministro...

Levou as mãos ao peito como se abafasse e depois em voz mais fraca chamou o leigo para o seu lado esquerdo e disse-lhe:

— O meu testamento está n'aquella gaveta secreta do movel da China, apresenta-o...

E como o visse chorar bem como D. João de Falperra, collocado a seu lado, murmurou:

— Então, rapazes, se a côrte vos visse perdieis os vossos creditos! Deveis rir... Sempre rir, por isso vos pagam!

Despediu-se ainda de Bernardino Freire e do physico, ergueu-se no leito, olhou mais uma vez o sol que agonisava na sua janella e muito lentamente, disse:

— Velem pela rainha, meus amigos!

Depois deitou-se como para dormir, ficou olhando o tecto, além entre o truão e o leigo, relanceou um golpe de vista pelos fidalgos e murmurou com a grande serenidade brava, com stoecismo d'um antigo soldado:

— *Pastecum!*

E cerrando os olhos e soltando um suspiro, assim morreu o confessor da rainha, como d'ahi a meia hora o annunciavam os sinos n'um longo soluçar.

O sol desapparecia para voltar no dia seguinte mas Thessalonica, esse não voltaria mais.

E á sahida do quarto, o intendente de policia, deitando um olhar ao volumoso cadaver que além estava entre o bobo e o leigo que choravam, murmurou:

— Sempre seria verdade que elle lia Voltaire?

LI

Amor louco

Maria I, depois d'aquellas mortes que tinham enlutado a sua côrte, passava os dias na maior das abstracções, sem vontade propria, n'uma melancholia extrema, emquanto em torno se desenvolvia a enorme intriga em que Carlota Joaquina se tinha empenhado buscando esmagar D. Maria Benedicta.

O principe D. João, o herdeiro do throno, buscava impôr-se, mostrar-se forte mas ao mesmo tempo vivia n'um desespero continuo ante o desprezo com que a esposa o tratava sem motivo plausivel.

De quando em quando ella chamava-o ao seu quarto, dava-lhe umas instrucções ou manifestava um desejo em tom breve e com um sorriso nos labios a deslumbral-o; e o principe corria a cumprir as suas ordens, voltando radiante aguardando a recompensa, porém encontrava-a conversando com D. Antonia de Mello e via que mal lhe agradecia.

Tudo isso irritava D. João, louco d'amor por essa mulher ardente e formosa que se lhe recusava, e o seu phrenesi augmentava de dia para dia á medida que encontrava em Carlota Joaquina um desapego absoluto, quasi um odio por elle que era seu esposo.

Inquietava-se, buscava rojar-se muito, e com a sua figura gorda e um gesto rancoroso que contrastava com a voz dolente de frade agostinho, invectivava a sua sorte e andava n'um continuo estado de exaltação.

Vingava-se então por longas penitencias em Mafra, sollicitando do ceu o amor da mulher, e com os seus vinte e cinco annos, roido de ardores, corria a procurar uma mulher fóra do paço, buscando acalmar os impetos, esquecer a esposa.

Porém repellia-as enojado e atirava-lhes por vezes insultos de devoto, tentado pelo peccado da carne, sentindo apenas a paixão por essa princeza que fugia ás suas caricias.

Mas n'aquella noute em que fallecera o arcebispo, ainda os cirios ardiam e se velava o morto, ainda os sinos dobravam a finados e na penumbra discreta do aposento, e a hespanhola, tomando a mão do marido, lhe dizia:

— Eu quero falar-lhe...

Estremeceu e mostrou-se muito decidido a recusar-lhe tudo quanto ella pedisse, desejoso de vingar as suas raivas, tudo quanto ella lhe fizera soffrer.

Levara-o para o seu quarto e estendera-se voluptuosamente com um ar feliz na poltrona, entreabrira os labios vermelhos n'um sorriso quasi provocante, bachico e exclamara:

— D. João, porque não tem vindo vêr-me!

— Eu? Mas vossa alteza bem sabe como me recebe...

— Oh! Não seja assim... Não comprehende então que as preoccupações...

— Que póde ter vossa alteza que a preoccupe...

— Mas a politica...

Fez-se pallido e volveu com rancor:

— Maldito destino que me fez herdeiro do throno!

— O que? interrogou a princeza erguendo-se rapidamente a fixal-o.

— Sim porque se eu fosse apenas o principe D. João e não esperasse vir a chamar me el-rei D. João VI, vossa alteza, como nos primeiros tempos do nosso casamento, seria apenas minha esposa e não pensaria n'essas intrigas que nos affastam...

— Por sua culpa!...

— O que?

— Sim... por sua culpa! volveu Carlota Joaquina, sorrindo-lhe.

— Mas...

— Porque não toma parte n'essas intrigas, porque não está junto a mim a auxiliar-me?...

— Mas, alteza, bem sabe que eu sou a negação mais completa do politico, o contrario de meu irmão D. José! Esse é que devia existir ainda e ser o rei...

— E para que? gritou ella quasi rancorosa, esquecendo-se que era necessario captal-o.

— Para vivermos em paz! Eu com o amor de vossa alteza, longe, na nossa casa da Bemposta, em Salvaterra ou em Cintra...

— Ah! E se eu desejasse ser rainha?

— Rainha? Mas...

— Sim... Julga acaso que não tenho caprichos?...

— Demais o sei...

— E são elles que muitas vezes me affastam de vossa alteza! Eu teria uma vida tão tranquilla se procedesse sempre como desejo...

— Mas porque o não fazeis?

— Seria tão vossa, tão exclusivamente vossa, se por acaso satisfizesse todos os meus desejos!

— E porque não?

— Ah! E' que nem sempre o posso fazer...

— Mas contae commigo! bradou o desgraçado, esquecendo todos os seus juramentos ao vêr a esposa fazer um gentil gesto d'amuo que o transtornou.

— Comvosco, alteza?

— Sim... Se me amaes e se o unico obstaculo á nossa tranquillidade é esse, oh! dizei que tudo farei para vos socegar... Agora sois a futura rainha para a côrte, mas para mim já o sois de facto...

— Não; vós sois o rei...

— Eu abdico ante a vossa belleza! e elle curvava o corpanzil robusto beijando a mão que a princeza lhe estendia.

— Como sois bondoso!

— E vós, formosa! bradou elle, impellido a tudo ao vel-a sorrir-lhe.

Depois a joven, deitava-lhe os braços ao pescoço e beijando-o na testa, dizia:

— Oh! Sim muito vossa, João, desde que conseguisse o que desejo...

— Oh! Falae! gritou o principe, cada vez mais louco de amor.

— D'esse dia em diante... e curvava-se ao ouvido a segredar-

—deitava-lhe os braços ao pescoço...

lhe qualquer cousa que o fez estremecer deliciosamente, envolvendo-a n'um olhar replecto de desejos.

— Oh! Tudo farei para isso! concluiu D. João.

E então, Carlota Joaquina, como se temesse ainda vel-o escapar, dizia:

— E' que ante o vosso affastamento, eu vejo-me obrigada a ter longas entrevistas com pessoas que julgo d'influencia para com a rainha nossa mãe, tenho que expedir emissarios, receber notas, forjar a pequenina conspiração que me diverte, uma especie de jogo em que eu combato Maria Benedicta!

— Porque a odiaes? interrogou então o marido, ao ouvir que ella falava da viuva de D. José.

- Ah! Eu!... calou-se, ia talvez proferir invectivas, mas recordou-se de repente de qualquer cousa, porque amortecendo o olhar volveu:

— Eu não a odeio... Apenas ao começo tivemos uma pequena dissenção por se mostrar altiva em demasia, julgando-se já a soberana!

— Porém agora...

— Já estou vingada, porque o logar de princeza n'essa epocha é agora o meu, por isso não a odeio mas quero fazer seguir o jogo que me diverte... Se a côrte é tão monotona...

— Tendes razão...

— Depois buscamos adivinhar as preferencias uma da outra para as contrariarmos... Assim, quando ella tem um vestido azul afim de impôr a moda na côrte, eu arranjo um vermelho ou côr de rosa... Procedemos sempre em antagonismo...

— E para quê? Não sois ambas princezas?

— Ah! Se ella me falasse, se viesse aos meus aposentos... Mas não! Dirige a intriga com essa D. Maria da Penha, que pelos modos foi amante de vosso irmão, o principe D. José...

— Senhora... Por Deus... Isso é o maior dos peccados... Um falso testemunho...

— Oh! Perdoae, senhor, não sabia que os defendieis! e ella soltou uma gargalhada de escarneo, muito irada sem se poder conter.

— Não as defendo princeza! Eu sei como as cousas se passaram...

— Julgaes saber...

— Sei... Foi até o que motivou que tivesses por aia D. Antonia de Mello...

— Que dizeis? perguntou a princeza fingindo-se surprehendida.

E D. João, que instinctivamente odiava a aia que via sempre junto da esposa, aproveitou a occasião e exclamou:

— Sim Carlota, D. Antonia de Mello antes de ser aia de minha irmã D. Marianna Victorina era-o de D. Maria Benedicta... Um dia por intrigas, fez com que se encontrassem alguns homens em face do principe e deu este por amante da aia, então simples açafata... Mas o acaso fez com que tudo se descobrisse e d'ahi a expulsão de Antonia de Mello de junto da princeza e a sua nomeação para acompanhar a infanta, e quando chegastes entrou ao vosso serviço... Naturalmente insinuou-se e vós acolhestes essa mulher que vos envolveu na intriga com a viuva de meu irmão a quem jámais perdoou ter collocado a seu lado Maria da Penha, a qual D. José realmente amava, mas sempre lhe fugiu com toda a dignidade!

— Estaveis bem informado, alteza! exclamou ella quasi sem se poder conter, mas relembrando para que o mandara ali vir, tomou um ar ingenuo e disse:

— Oh! Não conhecia nada d'essas cousas... Mas agora...

— O quê?

— Cumpre dizer-vos que D. Antonia não me veiu narrar taes episodios nem incitou o meu odio á princeza... Apenas ella é a culpada do que succede!

— No emtanto essa aia...

— Que tem?

— E' uma intrigante... Se a affastasses do vosso lado!

— Exigis isso como troca do que vos quero pedir, não é assim? interrogou ella n'um tom ironico.

E D. João, logo muito tremulo, volveu:

— Não... Por Deus! Não pensareis semelhante cousa... Ficae com a vossa aia e dizei o que desejaes de mim... Sabeis que vos amo e que para merecer o vosso affecto, para estar ao vosso lado serei capaz de tudo, Carlota!

— Ah! João... Esperava isso de vós...

— Conheceis-me bem...

— Oh! Como ninguem... disse elle n'um tom quasi escarninho.

E de seguida continuou:

— Pois trata-se ainda d'um caso succedido com D. Maria Benedicta!

— Oh! Sempre ella!

— Sim... E' como o final d'uma grande lucta que decidirá a victoria e eu quero ganhal-a!

— Que é necessario fazer? interrogou D. João, sentindo mais do que nunca um desejo louco de a beijar.

— Arrancar de sua magestade uma nomeação!

— Pelo que vejo é cousa grave para assim envolver duas princezas!

— Não... E' até bem simples. Mas como sabeis na guerra de mulheres as pequeninas cousas...

— Têm o seu valôr, bem sei! volveu elle d'um modo benevolo ao vêr que a esposa lhe abandonava a mão onde elle depunha muitos beijos, ao perguntar-lhe ternamente:

— Mas de que se trata, meu amor?

— Da nomeação do confessor da rainha! volveu com negligencia.

— Ah! E para quem desejaes a nomeação...

— Para alguem que bem conheceis...

— Quem é?

— O bispo do Algarve emquanto que D. Maria Benedicta prefere o prior de S. Julião...

— O bispo do Algarve! exclamou o principe como se já tivesse alguma prevenção contra o oratoriano.

— Sim... E' o meu protegido!

— Mas...

— Ah! Não quereis interceder por elle! Que importa! Perderei d'esta vez na lucta... Nem por isso vos amo menos, D. João! bradou a hespanhola lançando os braços ao pescoço do marido e dando-lhe um beijo nos labios grossos que o fez estremecer, obrigando-o a levantar-se d'um pulo, e exclamar:

— Tereis a nomeação do bispo para confessor da rainha, ou eu farei desterrar a princeza da côrte... Juro-vol-o... E' necessario mostrar que sou o futuro rei!

Como electrisado por esse beijo sahiu do quarto da esposa e atravessou os corredores cheios de gente que pelo cerimonial iam

desfillar em frente do ataude do arcebispo; e dirigiu-se á pressa para os aposentos da rainha.

Mas via na sua frente o intendente de policia que lhe beijava a mão e exclamava:

— Alteza!... Já pensastes no que vos disse...

— Acerca de quê? perguntou D. João, encarando-o.

— Acerca das intrigas movidas por esse Tavora... contra a vossa familia... segredou o intendente.

— Mas quem?!.. Quem?! exclamou D. João como louco.

— O bispo do Algarve, volveu no mesmo tom discreto, o intendente.

— Ah! Deixae-me com o bispo, senhor intendente... A's intrigas do bispo fecho os ouvidos, ficae sabendo!

E querendo tomar um ar magestoso, impertigou-se e affastou-se na sua obesidade de tonel emquanto Pina Manique, murmurava:

— Está tudo perdido!

Mas sorriu ao avistar no fundo do corredor, o seu chefe de policia, acercou-se, trocou com elle algumas palavras, a que o outro disse:

— Pedreiros livres... Onde, meu senhor... Ah!

— Não, Lopes Cardoso... Ainda os jesuitas!

E tomando-lhe o braço arrastou-o para o jardim onde estiveram conversando algum tempo. Depois o agente metteu-se por um corredor estreito que subia do jardim para a ala esquerda do palacio e começou em grande conciliabulo com o bobo da rainha que abandonara o corpo do arcebispo á approximação dos fidalgos.

No quarto de Carlota Joaquina, mal sahiu o principe soou uma gargalhada e D. Antonia de Mello, sahindo da portinha falsa exclamou:

— Com que então sua alteza, vosso esposo, odeia-me?...

E que tem isso se eu te estimo!... beijou-a e sorriu ante uma pergunta que a outra lhe fez muito baixinho e á qual respondeu:

— Mas estás louca Antonia, eu não o amo... Oh! Nunca Nunca!...

E de seguida, trocou ainda umas phrases com a aia, concluindo:

— Oh! é o ultimo golpe em D. Maria Benedicta:

— E em D. Maria da Penha! Odio de princeza para princeza e de dama para dama!

— Mas a princeza é a futura rainha e vencerá, não é assim?

E beijou D. Antonia mas d'esta vez nos labios.

LII

Amor de mãe

A rainha retirara-se para os seus aposentos muito agitada com a morte de Thessalonica, sentindo-se como abandonada; e no seu excesso de nervosismo chorava desesperada ao recordar-se que perdera mais aquelle dedicado amigo, a quem ultimamente puzera de parte, mordida de escrupulos e de raivas por toda essa gente que o intrigava.

Agora, a dama de serviço, annunciava-lhe o marquez de Marialva que entrava após alguns momentos de espera e lhe dizia:

— Real senhora... Eu venho porque me mandastes chamar...

— Sim marquez, exclamou a rainha rapidamente. Preciso dos vossos conselhos... O arcebispo exigiu-me antes de morrer, o pobre amigo, que me aconselhasse sempre comvosco, meu mordomomór, o que era escusado recommendar e com Martinho de Mello... Eu assim faço... Dizei-me pois quem escolherieis para meu confessor?...

— A pessoa que mais em harmonia estivesse com as idéas do arcebispo... Um seu amigo, um seu discipulo...

— Sede franco... Falae sem rodeios! bradou ella muito nervosa.

— Mas magestade...

— Referi-vos sem duvida ao prior de S. Julião...

— Assim é... Deliberei d'este modo com Martinho de Mello e alguns homens que vos são dedicados...

— Sim... D. Maria Benedicta já me falara tambem d'esse sacerdote... Desejava apenas saber a vossa opinião.

— Muito me honra vossa magestade, tornou o digno fidalgo; mas deixae que vos diga que os proprios interesses do estado exigiam essa nomeação...

— Os interesses do estado?

— Sim... Elle não pertence a nenhum dos partidos da côrte, não anda nas intrigas, affasta-se e vive na sua egreja.

— N'este caso teria que viver no paço...

— Saber-se-hia affastar dos intrigantes!

— Pois bem, chamae-o e dizei lhe que lhe desejo falar, dae-lhe mesmo a certeza da sua nomeação! E agora ide-vos, marquez, preciso repousar... Dae ordem que não deixem entrar ninguem... E vinde com o prior amanhã á hora da missa... na capella real!... Procurae-me nos meus aposentos e desceremos juntos... E' já uma mostra de favor para o prior a quem nomearei bispo dentro em alguns dias... Dizei ao marquez de Ponte de Lima que sollicite uma ordem para Roma!

Marialva, radiante ao vêr as boas disposições da soberana, inclinou-se, e ao sahir, dando as ordens da rainha á dama de serviço, murmurou:

— Oh! Parece que d'esta vez D. Maria I é verdadeira rainha!

Correu a prevenir o prior e desappareceu no corredor onde encontrou o filho ao qual communicou a regia deliberação. Depois procuraram os seus amigos e rejubilaram com a nova.

Entretanto á porta dos aposentos de sua magestade, o principe D. João, muito excitado, exclamava para a condessa de Pombeiro que estava de serviço:

— Preciso falar a sua magestade!

— Perdão, meu senhor, mas exactamente ha momentos o senhor marquez de Marialva me transmittiu uma ordem de sua magestade em que...

— Que diz essa ordem!

— Que sua magestade vae repousar, meu senhor!

— Condessa... Mas apesar de tudo, eu careço de falar a minha mãe!

— Comprehendeis meu senhor que não o posso consentir, senão pela manhã... São apenas onze horas da noute!

— Oh! Por Deus! Mas se é tão grave o que tenho a dizer-lhe...

— Lastimo-vos, meu senhor, mas cumpro o meu dever!

— Então nem sequer me annunciareis?

— Meu senhor, é impossivel!

— E se eu entrasse apesar de tudo!

— Oh! Meu senhor, é contra a etiqueta! exclamou assombrada a loura sécia, a quem D. João, voltava as costas no auge do furor, sahindo do aposento.

Dirigiu-se então para uma pequena portinha cavada no muro junto aos aposentos das damas e bateu duas pancadas, uma voz fanhosa lhe respondeu e elle bradou:

— Abre, D. Rosa, sou eu!

— Vós, meu senhor, exclamou a preta favorita, apparecendo n'uma grande revolta de roupas e fazendo signaes para o interior do quarto.

O principe comprehendeu que estava ali algum dos amantes da favorita, porém sem se importar, exclamou:

— Rosa, preciso falar a minha mãe... A dama de serviço impede-me a passagem, careço que me prestes o teu auxilio.

E era na realidade extranho, aquelle principe de sangue, o futuro rei, sollicitar semelhante favor d'uma repellente negra, de nariz roido e que n'uma revolta de trajoso, fazia signaes a um homem deitado no seu leito para que se aquietasse; e a qual ainda objectava:

— Mas agora, meu senhor... Eu não sei se devo!

— Dize-lhe que se trata da minha felicidade, da minha vida! bradou elle muito arrebatado.

D. Rosa olhou-o como a convencer-se de que era grave o que se tratava e perguntou confiadamente:

— E não é cousa que eu possa dizer a sua magestade, isso que vos punge?...

Era uma pergunta directa, onde ia envolta a necessidade de saber, que o principe já muito irritado lhe satisfez, murmurando:

— Ouve, D. Rosa, trata-se da nomeação do confessor que hade substituir o arcebispo...

— Ah! E por quem sois, meu senhor? interrogou ousadamente a negra d'uma fórma que bem mostrava o seu valimento.

— Pelo bispo do Algarve!

— Ah! Eu vou... eu vou já! bradou ella embrulhando-se á pressa n'uma capa e dizendo ao mesmo tempo:

— E' que ouvira falar que não vos daveis já muito bem com sua grandeza! E eu adoro... adoro esse bello bispo! Eu vou, meu senhor, eu vou!

A preta atravessou o corredor, entrou na ante-camara, passou em frente da aia que dormitava e lançou-lhe um olhar a que a condessa de Pombeiro correspondeu exclamando:

— Boa noute, D. Rosa!

— Ah! Senhora condessa!.. Deus vos acompanhe... Tendes alguma ordem de sua magestade?...

— Não recebe ninguem, mas comvosco é outra cousa... Tendes privilegios como ninguem! Quereis uma das minhas pastilhas de chocolate? e a fidalga, como toda a côrte, lisongeava a negra, estendia-lhe uma caixa d'ouro que a preta tomou com todas as pastilhas, correndo para os aposentos de sua magestade.

A rainha dormitava no seu leito e acordava em sobresalto ao ver D. Rosa, exclamando de seguida:

— Ah! E's tu?

— Sim real ama; fez a negra ajoelhando-se aos pés do leito.

— Vens para o meu quarto?

— Não magestade, salvo se o desejaes...

— Não, pobre D. Rosa, precisas dormir tambem... Mas então o que desejas?

Ella carateou um sorriso e volveu:

— A vossa escravasinha deseja um obsequio...

— Dize...

— Que recebeis vosso filho, o qual está n'um grande desespero!

— Ah! O quê? D. João?

— Sim...

— Sempre a maldita intriga! Quando acabará isto? bradou a rainha tomada de raiva.

— Chego a temer que sua alteza se exaspere... Sabeis como é impressionavel!

— Porém D. Rosa, eu tambem estou doente...

— Oh! Real ama... Falae-lhe apenas uns momentos...

— Seja! Ajuda-me a vestir...

D. Maria I entregou-se nas mãos da negra que se descobria ao vestir a ama e por fim sahiu do quarto, bradando á condessa de Pombeiro:

— Fazei entrar sua alteza com ordem de minha real ama!

— Sim, D. Rosa! volveu a dama com um grande ar de espanto, affastando-se a deixar passar o principe que entrava no oratorio da rainha, emquanto a negra favorita se ia metter no seu leito a repartir com o amante d'aquella noite, algum lacaio, as pastilhas da caixa d'ouro da senhora de Pombeiro.

D. João curvava-se agora em frente da rainha, e dizia-lhe:

— Real senhora, desculpareis a minha insistencia em vos falar...

— Alteza! Seja breve!... volveu D. Maria I, muito seccamente

— Eu venho sollicitar de vossa magestade a minha tranquilidade...

— Ah! Falae... falae... fez a pobre mãe, já esquecida do seu papel de rainha.

— Trata-se dos Tavoras, a minha consciencia revolto-se a todos os momentos desde de que vossa magestade falou em recompensal-os para pagar uma divida em aberto.

— Que quereis dizer? bradou a soberana, fazendo-se livida.

— Quero falar do bispo do Algarve!

— Por Deus! Não me falleis d'esse homem!

— O que, minha mãe, pois já mudastes de opinião? interrogou elle com bem fingindo espanto.

— Não fostes vós, meu filho, que me contou algumas das acções do bispo, confirmadas depois pelo meu fallecido confessor?

— Ah! Magestade, eu fôra enganado pelo intendente da policia, tenho d'isso a certeza!

— Mas eu tenho tambem a certeza que tudo quanto me dissestes é verdade.

— Porém não posso mais!... Oh! Os Tavoras, meu Deus! bradou D. João, buscando servir a esposa louco d'amor.

— Mas que desejaes, emfim?

— Que nomeeis o vosso confessor hoje mesmo...

— Já o nomeei! bradou a rainha, mostrando-se d'uma resolução inabalavel,

— Como! Ah! E quem é?

— O prior de S. Julião! volveu a soberana toda cheia de fleugma.

— Oh! Impossivel! Impossivel! E' preciso nomear o bispo do Algarve.

A rainha muito admirada ante aquella imposição do filho, fez-se livida e ia pronunciar algumas palavras, quando o principe, bradou:

— Perdoae real senhora, mas eu temo enlouquecer no meio de tudo isto... Fazei-me o que vos peço por Deus... Vae n'isso a minha tranquillidade, mais ainda a minha felicidade!

— A vossa felicidade?! gritou ella envolvendo-o n'um olhar amigo.

— Sim, minha mãe, eu amo minha esposa, estou louco, quero o seu amor e para a tranquillisar, para a acalmar, careço de lhe satisfazer um capricho! bradou o desgraçado não se podendo conter mais tempo.

D. Maria I, ficou como paralysada ante aquella revelação e com a voz embargada na garganta interrogou:

— E' então vossa esposa que deseja essa nomeação?

— Sim, real senhora, em opposição a D. Maria, D. Maria Benedicta que deseja a do prior...

— Lucta de mulheres caprichosas que nos envolvem, meu filho... Oh! Mas d'esta vez serei superior a essas cousas, collocarei acima de tudo as razões do estado!

D. João, pallido, muito tremulo, exclamou então:

— E fareis assim a infelicidade de vosso filho?

— Como, a infelicidade?

— Irritareis a princeza servindo-lhe de obstaculo, e ella descarregará sobre mim toda a sua colera!

Então aquella rainha olhou o filho, esse personagem gordo e mellifulo que tinha na sua frente e que tremia ante a colera d'uma mulher, e teve no rosto uma extranha expressão de desgosto, murmurando:

— Oh! Um Bragança, santo Deus, um Bragança! Que fraqueza d'animo!

— Minha mãe, eu sou um homem como todos! Ou consigo auxiliar minha esposa que me ama mas que tem caprichos que devo satisfazer, ou então recolho-me ao convento de Mafra a acabar os meus dias o mais breve possivel!

— Oh! João, meu filho, e o throno e o paiz? Quereis tudo isso

nas mãos d'um ramo bastardo, esse de Lafões, entregue de novo a mulheres como Maria Benedicta, ou sujeito á Hespanha?

— Que importa! blasphemou o principe no auge da loucura. Ou minha mulher como eu entendo, como verdadeira esposa ou então a morte, sim a morte na clausula!

D. João, ao falar assim, sahia fóra dos seus habitos, mostrava-se outro homem, o que admirava profundamente a rainha que lhe retorquia:

— Mas e as razões do estado? A vida d'esse bispo? Oh! Foi sagrado pelas imposições de teu pae, ha-de ser meu confessor pelas tuas!

— Oh! Pelas minhas felicidades, mãe querida!

E d'esta vez o principe, chorava como uma creança e lançava-se aos pés da rainha, deveras desesperado lastimando-se convulsamente a murmurar:

— Que importa tudo ante a felicidade d'um ente querido! Já me não ama, minha mãe... Oh! lembrae-vos que eu sou o vosso unico filho!... Maria Benedicta não soffrerá se o seu protegido não fôr nomeado... Mas eu! oh! eu! Amo tanto Carlota Joaquina como vós me podeis amar, minha mãe! Vejo que soffreis com o meu desespero, calculae o que eu soffrerei com o desespero d'essa mulher que adoro!

O principe, habitualmente ignorante e imbecil, levado pelo amor, por aquella promessa da esposa, sentia-se capaz de tudo e defendia com eloquencia a sua causa, deixando D. Maria I, como admirada e ao mesmo tempo muito impressionada.

Tinham estado assim umas longas horas e agora a manhã começava a clarear as vidraças, mostrando os vultos lividos dos dois reaes personagens.

Acordavam os gallos pelos quintaes e atiravam ao espaço cantares estremunhados, ouviam-se os passos das sentinellas em volta da habitação real.

A rainha, muito fatigada com umas olheiras fundas, cavas, quasi sem vontade propria, excitada pelas commoções da vespera e por aquella noute perdida, sentia-se disposta a ceder.

Mas ao mesmo tempo no seu cerebro passavam mil cousas, recordava-se das intrigas ouvidas pelo principe ao intendente, e que elle mesmo lhe revelara n'um momento de aborrecimento. Via toda

a longa serie de episodios politicos e recordava-se do juramento feito ao arcebispo, cujo corpo rigido ainda além estava n'aquelle andar de baixo e d'onde chegavam murmurios das rezas dos frades.

Era a rainha ao pensar assim por essa madrugada parda, mas volvia um olhar para a sua frente e via o filho ajoelhado, chorando desesperadamente, e supplicante, exclamar:

— Oh! Minha mãe... Minha mãe... E' a felicidade que vos peço... Quereis então que seja desgraçado...

E eram lagrimas grossas como punhos a rolarem nas faces gordas do futuro rei, d'esse que continuaria a dynastia e que seria capaz de morrer de desgosto por um gesto zangado da esposa.

E então em vez de rainha foi mãe.

Sem proferir palavra, dirigiu-se a uma meza, assignou a nomeação, preenchendo-a com o nome do bispo do Algarve e curvando-se a agarrar o filho, beijou-o nas duas faces com carinho e murmurou:

— Aqui tens .. Sê feliz meu querido filho!

Elle, transfigurado, beijou-a tambem e sahiu logo, muito arrebatado, emquanto a manhã rompia e a rainha se deixava cahir muito abatida n'uma poltrona, rasgando com raiva as rendas do vestido, exclamando:

— Oh! As mães nunca deviam ser rainhas!

E ficava chorando, como se comprehendesse a subitas que aquella nomeação que assignara representava a sua desgraça e a dos seus!

D. João ia pelo corredor deveras satisfeito, passava em face dos aposentos da negra favorita d'onde ainda vinha um ruido de beijos e teve tambem um sorriso ao pensar que dentro em alguns momentos beijaria assim a sua esposa.

Lá baixo, um homem vestido como um prelado sahia do escuro e passava rente d'elle, curvando-se n'uma saudação respeitosa.

O principe, olhou-o, e exclamou:

— Vós, senhor bispo do Algarve?

— Sim eu... eu que volto dos officios funebres de sua grandeza o arcebispo de Thessalonica e que me retiro meu senhor...

— Ah! Ide-vos senhor inquisidor-mór! disse alegremente o principe batendo-lhe no hombro.

— Inquisidor-mór, enganae-vos meu senhor! exclamou José

Maria de Mello dardejando um olhar ambicioso atravez dos seus oculos verdes.

— Não, não me engano! Estaes nomeado confessor de minha mãe! bradou com enthusiasmo, accrescentando: E tambem inquisidor-mór!

— Eu?

— Sim... Aqui tendes a vossa nomeação!

Passava-lhe para as mãos o papel n'um gesto febril, e ouvia o bispo dizer:

— Oh! Sei que me intrigavam com vossa alteza mas vejo que sois ainda muito meu amigo! Quanto vos devo, meu principe, quanto vos devo! exclamou elle arrebatadamente.

Mas D. João, despedia-se á pressa, dizendo-lhe:

— Não vos esquecereis de mim nas vossas orações... Deixae os intrigantes porque vos estimo!

O outro affastava-se louco de jubilo e o principe, dirigindo se para os lados dos aposentos de Carlota Joaquina, murmurava:

— Oh! Vou dever-lhe o amor de minha esposa!

Lá ao fim, o bispo do Algarve louco de alegria dispunha-se a descer a escada e murmurava por seu turno apertando o papel na mão crispada:

— Bispo, inquisidor-mór e confessor da rainha! Oh! Agora tremei Braganças que a Companhia e os Tavoras já começam a estar bem vingados!

Sua alteza estava já a pequena distancia dos quartos pertencentes a Carlota Joaquina, quando o chefe da policia que se occultava no vão d'uma porta, o deixou passar, dizendo-lhe nas costas em voz cava, bem disfarçada:

— Entrai depressa nos aposentos da princeza, alteza real.

Elle voltou-se como se julgasse tudo aquillo um sonho, e o outro que não assistia á entrevista com o bispo, exclamava contente affastando-se tambem:

— Ah! E agora assim o espero, será rasgada a nomeação do confessor se a rainha sempre lhe cedeu!

D. João, chegava a alguns passos da porta, o corredor estava ainda escuro e sua alteza viu um vulto que sahia do quarto de Carlota Joaquina, um homem que se envolvia em grande capa e o qual partia em direcção á sahida. Ao infortunado principe pareceu-lhe

entrever o rosto moreno da esposa espreitando a seguir o outro com a vista, pelo corredor.

Do lado de lá, ouvia-se uma risada e depois a voz estridente do bobo da rainha gargalhar.

— Ah! Bons dias senhor almoxarife de Queluz! Muito graves são os negocios das flôres da quinta real que vos trazem tão cedo ao paço!

O outro não lhe retorquiu, embuçou-se mais na capa, emquanto o principe D. João, pallido, livido, comprehendendo tudo, fazia um gesto desesperado e corria para os seus aposentos onde se lançou desesperado sobre o leito, chorando como uma creança e revolvendo-se no auge da colera, mordendo com rancor as almofadas bordadas com as armas reaes que a princeza acabava de prostituir com um rustico.

De baixo vinha o cantico dos frades, orando pelo eterno repouso do arcebispo de Thessalonica que elle acabava de fazer substituir por um homem que a adultera lhe recommendara, promettendo-lhe amor.

— Ah! E já o bobo o sabia na côrte, dentro em pouco todos se ririam d'elle em cuja cabeça um dia se collocaria a corôa dos reis de Portugal.

E havia de partilhar o throno com semelhante mulher!

No cumulo da raiva, dos seus labios grossos sahiu um epitheto dirigido á esposa e que parecia pronunciado por um arrieiro.

Parecia-lhe que pela porta do quarto sentia a penetral-o o olhar de D. João de Falperra com a intensidade prefurante d'uma verruma.

Ao mesmo tempo no quarto da princeza passava-se bem diversa scena.

O bispo do Algarve entrava depois de ter dado uma volta no jardim e acercava-se de sua alteza, que muito languida se atirava para sobre um sophá exclamava á sua entrada:

— Tendes noticias de meu esposo? Por Deus que parece não ter sido feliz na tentativa.

— Enganae-vos senhora, D. João conseguiu o que desejavamos!

— Ah! Encontrasteie-o?

— Sim alteza, e tenho aqui a minha nomeação!

Mostrava-lhe o papel e ante o olhar jubiloso de Carlota Joaquina, exclamou:

— Agora cheguei ao que desejava, resta-me apenas tornar-vos a verdadeira rainha de Portugal.

— E os nossos inimigos, acaso os esqueceis?

— Não... Mas damos-lhe treguas... Gomes Freire vae para a Russia e talvez que uma bala o prostre... Os jesuitas têm lá os seus dominios e elle procura Elvira de Mello, Vasco de Miranda seguil-o-ha e é mais facil fazer desapparecer um homem n'essas paragens do que em Portugal; e para demais quando temos sobre nós o intendente da policia, que apesar de todo o nosso poder é capaz de muitas cousas.

— Mas póde desapparecer tambem!

— Elle! Oh! Não... E' melhor lançar-lhe a mão, e disfarçar-lhe as attenções com outras conspirações...

— Quaes?

— As que o cobrirão de ridiculo, quando perseguir os pedreiros livres, um papão que elle inventou e que é de gerar riso... Para demais fr. Fabricio e Theodoro, o jesuita, partem em seguimento dos que se vão bater! Os que ficarem nós os domaremos... Agora sou o inquisidor-mór!

— E quando esmagaremos essa D. Maria Benedicta e a sua aia?

— Ah! Desde que eu impere no espirito da rainha o que será brevemente assim o espero, exclamou elle accrescentando:

— E vós sereis a rainha!

Depois sahia, passava em frente do quarto do principe D. João, e ouvia ainda as invectivas que elle proferia; teve um sorriso e murmurou, n'um grande desabafo:

— Oh! Dois cadaveres em tão pouco tempo! Estaes bem vingados oh! Tavoras! E' a desordem na côrte dando-me o poder... Começaes a estar vingada tambem, oh! Companhia de Jesus! E teve um bello gesto de grandeza, o novo inquisidor-mór de Portugal.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

...mostrava-lhe o papel...

SEGUNDA PARTE

OS PEDREIROS LIVRES

I

O iniciado

HEGARA o anno de 1791. Em França pairavam latentes as ideias revolucionarias que ameaçavam espalhar-se pela Europa nos livros dos mestres, dos verdadeiros iniciadores da cruzada da justiça, e em Portugal, o intendente da policia, redobrava de zelo ao vêr o avanço d'essa era nova que ameaçava abalar os thronos.

Pina Manique quasi esquecera os jesuitas na sua furia contra os pedreiros livres; e tomado de terrores subitos, tornara-se outro homem, farejava dia e noute as conspirações e organisava a valer um corpo de policia, os *moscas* (*) como elle proprio os denominara não receiando ainda a traducção do termo francez, não temendo que essa simples palavra perturbasse a paz do reino, como mais tarde receiou que a obra revolucionaria fosse feita pelos laços de certas côres onde via embuscada a republica tão odiada por elle.

— Oh! Ninguem em Portugal mas é que o nosso grão-mestre...

(*) Do termo *mouchard* com que se designavam os agentes da policia franceza.

Mas apesar da vigilancia do senhor intendente, n'essa noute chuvosa d'outubro em que elle acompanhava a côrte para Salvaterra, ao baterem as onze horas no relogio da basilica da Estrella que D. Maria I mandara construir, alguns vultos embuçados em capas dirigiam-se para os lados da Boa Morte, encostando-se ás paredes, caminhando a um de fundo e deslisando como phantasmas, penetrando depois com pequenos intervallos, e lançando em volta uns olhares receiosos n'uma pequena casa que ficava a alguma distancia do convento, n'uma volta do terreno um tanto occulta nas arvores plantadas ao acaso.

De seis em seis metros um lampeão, producto do novo imposto (*) espargia uns clarões breves na estrada molhada pela chuva que cahia com força.

Logo que o ultimo vulto desappareceu tudo recahiu no silencio, apenas se ouvia a chuva batendo com força nas vidraças, emquanto que na casa para onde elles entravam nem o menor raio de luz denunciava a presença de alguem.

Subito ouviu-se um som de passos e dois homens embuçados vindos do lado da Estrella avançaram em direcção á casa que ficava ainda um pouco distante.

— Estaes bem decidido ás provas não é assim meu caro marquez? perguntou em voz baixa um dos individuos dirigindo-se ao companheiro que volveu:

— Deveis saber, senhor duque que desde o primeiro dia em que recebi o vosso convite me coadunei com ellas, me dispuz a tudo para entrar no vosso gremio...

— Sei-o, marquez, porém sabei tambem que a maior hesitação daria motivo a suspeitas...

— Por Deus! E quem se atreveria a suspeitar de mim? pergun tou o outro d'um modo colerico.

— E' um estrangeiro?

—Sim. O conde de Stephens, (**) vem de França para implantar

(*) Pina Manique impuzera a todos os funileiros de Lisboa o fazerem seis candieiros que eram alimentados a dispensas dos moradores das ruas que davam um tostão por mez para o azeite.

(**) O celebre José Balsamo de que Alexandre Dumas pae, tratou n'um dos seus extraordinarios romances.

a maçonaria... E' um homem maravilhoso que tem estado em todos os paizes do mundo e que tem uma extraordinaria força de vontade...

— Desconhecia o nome...

— Ah! Elle tem muitos...

— Como...

— Sim... Conde de Stephens em Portugal, José Balsamo na Italia, Cagliostro em França, conde de Saint-Germain na Inglaterra, na Russia passa por persa e em Paris por italiano, na Italia sua verdadeira patria, segundo dizem, é hespanhol; em Hespanha deve sêr polaco ou prussiano, em summa, em todos os paizes cria uma identidade, em todas as cidades uma figura, é como um anjo exterminador que leva o seu sopro de devastação atravez os subterraneos, proclamando liberdade, lançando o germen de ideas novas e que sahe das entranhas da terra para abalar thronos!

— O quê? Senhor duque, disseste...

— Perdão, para gerar liberdades, volveu o outro com um breve sorriso á flôr dos labios.

— Oh! Mas esse homem!

— E' um apostolo do bem! Conheci-o em França, n'um baile da duqueza de Richelieu, apresentava-se então como um fidalgo inglez, grande excentrico que percorria Paris em todos os recantos, que bebia com os barqueiros do Sena nas espeluncas vestido como um operario e tomava chá em Versailles vestido como um nababo, que conhecia o senhor de Voltaire, e Luiz XV, que ajudava Rousseau a colher plantas nas florestas e acompanhava Maria Antonietta atravez da França...

— Oh! Mas é singular...

— Dizia-se que fabricava ouro e bebia sangue, mas aqui para nós eu sempre o vi tirar as moedas communs com a real effigie do rei sol e beber Chypre e Tokay por copos do mais fino lavrado!

O outro baixava a cabeça como admirado e tendo escutado toda aquella prelenga do companheiro, parecia cada vez mais interessado em conhecer esse individuo tão extraordinario, porque perguntou:

— E' ainda muito longe, a casa?

O homem ao qual chamava duque esboçou um sorriso, met-

teu-se com elle por detraz da cerca do convento como se não sentisse a chuva e murmurou:

— Ainda um pouco de caminho... Ah! Mas meu caro marquez ha-de permittir...

— O quê?

— Que lhe vende os olhos! murmurou novamente o outro.

— Mas certamente...

— N'esse caso... e o duque curvava-se a tapar lhe os olhos com um lenço negro, e tomando-lhe a mão dava com elle algumas voltas e dirigia-se emfim para a pequena casa.

Era um predio d'um só andar, d'apparencia mesquinha e onde continuava a reinar o maior silencio.

O duque applicou o ouvido, bateu duas pancadas na porta que se abriu por si mesma e enfiou levando sempre bem agarrado o marquez, atravez d'um estreito corredor, ao fim do qual se curvou como a procurar alguma cousa.

Tacteou durante uns momentos na escuridão e por fim agarrou uma argola chumbada n'uma lage e que puchou para si com força, ao mesmo tempo que debaixo passava uma certa claridade e vinha um bafo do quarto do subterraneo.

O marquez parecia nem dar por tal, curvava-se n'uma grande apathia e apenas estremecia ao ouvir uma voz cava, perguntar em francez:

— Que desejaes?

— Liberdade! retorquiu o fidalgo.

— D'onde vindes? interrogou a voz na mesma toada.

— Das trevas e quero luz!

— Quem sois?

— Um irmão que conduz outro!

— Entrae!

O marquez sentiu-se então arrastado n'uma especie de declive, sentiu cahir a lage do subterraneo e a subitas estremeceu ao tocarem lhe no peito com a lamina d'um punhal, ao mesmo tempo que a venda lhe cahia dos olhos.

Lançou em torno um olhar admirado e á luz breve d'uma pequena lampada suspensa do tecto, viu na sua frente um homem mascarado e envolto n'uma capa negra, e procurando o seu companheiro notou que não se encontrava ali.

— Quem procuraes? interrogou uma voz bem timbrada d'esta vez em portuguez.

— O senhor duque de Lafões que me acompanhava.

— Ah! O irmão Socrates, é elle o vosso padrinho?

— Sim...

— E que vindes aqui buscar?

— Luz para o meu espirito... volveu elle.

— N'esse caso entrae! e affastando-se indicou-lhe a parede fronteira para onde o fidalgo avançou resolutamente.

Mas a subitas abriu-se ali uma portinha e elle avistou vinte homens sentados muito silenciosamente, envoltos em largas tunicas negras e todos mascarados, emquanto no alto d'uma estrado se destacava um outro de pé.

Não occultava o brilho extranhamente magnetico do seu olhar ao fixar o marquez, ficava muito silencioso com os braços cruzados no peito envolto no seu manto sobre o qual á maneira de divisa estava traçada uma grande fita vermelha.

A casa era de tectos baixos toda forrada de vermelho sanguineo, do tecto pendia uma lampada, e no chão estavam dois tocheiros que ajudavam a illuminar o recinto.

Por detraz do homem que estava de pé, via-se um grande triangulo luzente, um emblema maçonico no meio do qual havia um olho que parecia mover-se a espiar os movimentos do neophyto

Os outros estavam impassiveis, mudos como estatuas nas pregas das suas vestes.

Não se ouvia nem um sopro, todo aquelle aspecto intimidava e infundia respeito, principalmente quando os irmãos se levantaram a um gesto do presidente e empunharam uns punhaes de cabo em cruz cujas folhas luzentes tinham um brilho sinistro.

O chefe continuou então de braços cruzados, depois em voz calma e no mau portuguez muito em uso na côrte, interrogou:

— Como vos chamaes?

— D. Pedro d'Almeida e Portugal, conde de Assumar e marquez d'Alorna! retorquiu o mancebo em tom respeitoso.

— Sois da melhor nobreza, deveis commandar um regimento!

— Assim é!

— Muito bem...

— Conheceis algum dos presentes?

— Apenas o que me conduziu aqui!

— Ah! Sereis capaz de o descobrir!

— Não...

— E porque vieste?

— Porque quero vingança!

— Vingança pessoal?

— Não... A vingança dos verdadeiros patriotas!

— Quem desejaes combater?

— A Companhia de Jesus?

— Nos regimens da liberdade ella será banida! E que fareis para alcançar semelhante fim?

— O que de mim exigirem...

— N'esse caso deveis um sacrificio...

— Qual?

— O da vida! bradaram todos em unisono.

O marquez relanceou um olhar pelos parentes e bradou:

— E em que vos póde ser util a minha vida?

— Quereis ser maçon?

— Sim!

— N'esse caso não pergunteis cousa alguma!

— Estou prompto a morrer mas preciso de ter a consciencia de que a minha morte será util á causa...

— Assim deve ser... Pois bem, carecemos que os jesuitas sejam accusados de vossa morte para podermos perdel-os... Tendes aqui um punhal em cuja lamina está gravado o nome d'um membro da Companhia, cravae-o no peito!

E o chefe estendia uma arma ao marquez que sem hesitar a ia cravar no peito, com extranha energia.

— Suspendei! bradou o chefe dos maçons. Dizei-me antes porque odiaes os jesuitas!

— Porque elles perseguem os meus amigos!

— Os vossos amigos?

— Sim...

— E quem são esses homens...

— Vasco de Miranda e Gomes Freire!

— Servem na Russia, não é assim?

— Assim é senhor! bradou o marquez admirado.

— Chamae-me mestre e cravae no peito o vosso punhal!

... viu-se arrastado para um caixão...

— Mestre! exclamou o marquez disposto a tudo.

Mas sentiu se de repente agarrado por todos aquelles homens, e viu-se arrastado para um caixão que se abria entre dois tocheiros e cuja tampa se cerrou com estrepito.

Depois pareciam que iam pregar essa caixa enorme, arrastavam ferramentas, ouvia um rumor surdo e sentia que a tampa era levantada novamente e que lhe diziam:

— Bebei este liquido... E' um veneno terrivel... Sereis amanhã enterrado e o vosso desapparecimento dará logar a uma grande scena com os jesuitas!

— Seja! bradou elle exgotando o frasco e sentindo de novo cahir a tampa do caixão que os homens conduziam atravez das casas, emquanto o marquez começava a ser tomado d'um torpor extranho.

Não fez um movimento, cerrou os olhos sem soltar um grito, e a ultima sensação que teve foi de que o depunham no fundo d'uma cova.

Entretanto os maçons tinham tirado as mascaras e sorriam-se de novo na grande sala. O mestre arrancara o seu disfarce e apparecia aos olhos dos associados.

Era um homem dos seus trinta e quatro annos, pallido, nervoso, d'olhos negros e cabellos tambem negros e sedosos, nos labios tinha uma expressão ironica, nos olhos um clarão vivo

Sentava se n'uma cadeira, e dirigindo-se aos pedreiros livres, começou:

— Sabeis meus senhores que a nossa obra vae em bom caminho?

— Vós o dizeis mestre! bradou o duque de Lafões, aquelle velhinho adamado que fazia rir a côrte e que n'aquelle momento se mostrava entre os mais ousados.

— E vós não o acreditaes, irmão Socrates? Quereis dizer-me que o intendente da policia teve a arte de espalhar entre o povo que nós somos inimigos de Deus e dos altares, tornando-nos assim odiosos? interrogou José Balsamo em tom cheio de fogo.

— Sim... sim... E' o odio da multidão! bradaram todos.

— Que não nos conhece mas que nos verá á sua frente no dia da lucta travada agora na sombra... bradou elle com energia, accrescentando:

— Em França tudo se prepara para uma grande revindicação!

Presinto que as aldeias hão-de vir em massa até Paris, lançarão a baixo as casas dos nobres, arrancarão as flôres de lys dos porticos reaes, e quem sabe se não levarão os proprios soberanos á prisão ou ao cadafalso!

Falava n'um ar d'inspirado e elles olhavam-no admirados e ao mesmo tempo subjugados por aquella palavra vibrante e incisiva.

O conde de Stephens continuava:

— Mas descançae que em Portugal e Hespanha teremos ainda muito que luctar! Eu segui passo a passo os manejos do geral dos jesuitas, estive com elle em Roma e sei o que se passa em Lisboa... No paço ha um homem que servindo a Companhia de Jesus nos serve a nós...

— Quem é?... Quem é?... interrogaram todos admirados.

— Um bispo que fez assassinar um grande principe que estaria aqui se não tivesse sido victima, que tem luctado para se collocar ao lado da rainha a qual será tambem inutilisada:

— O bispo do Algarve! exclamaram elles, accrescentando algumas vozes:

— Mas esse homem incita contra nós o intendente e é nosso inimigo, carecemos de salvar a rainha!

— Não... E' necessario deixal-a perecer...

— Mas...

— Irmãos! Vós sois os vingadores não julgaes que servis os vossos inimigos querendo a morte de Maria I, ao contrario servis apenas a vossa grande obra!

— Como? perguntaram elles admirados.

— Deixando o mais breve possivel o governo nas mãos de D. João...

— Mas...

— Esse reinado se antes d'isso a França não tiver empolgado com as suas ideias o mundo inteiro será o que precederá a epocha de liberdade! D. João é fraco, a mulher é sanguinaria, as turbas populares não o soffrerão, a revolta estaria então feita! Chefes serão os fidalgos ao passo que em França são os plebeus, na Italia os principes farão revoluções e em França ha um que tambem a ajudará a fazer...

— Um principe francez? bradaram admirados.

— Sim... Um que eu, quando usava o nome de lord Stuart, colloquei na presidencia do Grande Oriente de Paris...

— E quem é?... bradaram todos.

— O irmão Phillipe L'Egualité...

— Quem é? interrogaram de novo sem comprehenderem.

— O duque d'Orleans! exclamou José Balsamo triumphante.

Os maçons ficaram admirados ante a revelação do grão-mestre que por fim dizia:

— E agora, irmãos, é necessario nomear um presidente para esta loja, outro para a de Buenos-Ayres e para a da Boa Vista... Está tudo organisado e tenho que partir...

— E quem nos deixareis?

— Um dos meus agentes que legalisará a maçonaria portugueza com as estrangeiras pondo-as em relações! Agora ide buscar o senhor d'Alorna que deve ter dormido um bom somno e iniciae-o...

Puzeram as mascaras nos rostos, emquanto o conde de Stephens despia a sua toga e ficava vestido como um verdadeiro fidalgo n'um trajo riquissimo ante o qual todos ficaram admirados.

Então, sem cerimonia alguma, metteu-se n'um pequeno quarto d'onde voltou dentro em pouco com uma cabelleira empoada que o transfigurava, e apoiando as mãos no punho d'um espadim de côrte, disse:

— Quem deve tomar a presidencia é o irmão *Pericles*, é o mais velho dos iniciados. Não concordaes irmãos?

— Decerto grão-mestre! disseram todos, olhando um homem de elevada estatura que em voz forte, exclamava:

— E porque não quereis vir presidir á iniciação do marquez?

— E' uma hora e meia da noute e eu ás duas tenho que estar no paço de Belem...

— No paço? exclamaram todos muito admirados.

— Sim...

— Mas a côrte está em Salvaterra...

— A' excepção da infanta de Hespanha! clamou elle.

— A infanta?!

— Hoje princeza e muito em breve rainha. Carlota Joaquina está doente e não partiu porque aguarda um enviado do seu paiz, alguem que um membro de sua familia lhe envia n'uma missão secreta.

— Como o sabeis? interrogaram elles muito espantados.

E Balsamo com um olhar de fogo apontando o seu trajo, bradou:

— Sou eu o enviado! E agora iniciae o marquez d'Alorna! concluiu o conde de Stephens transpondo a porta que deitava para o corredor e embuçando-se na capa, emquanto os maçons iam buscar o neophyto.

E dentro em pouco pela Boa Morte rodava uma carruagem que estivera parada nas immediações e onde se recostava José Balsamo, murmurando:

— Oh! O meu sonho! Todos os reis esmagados... Todos os reis por terra!

MARQUEZA DE ALORNA

II

O irmão Pericles

O marquez d'Alorna, acabava de acordar do torpor em que o mergulhara o narcotico ingerido, n'essa bebida que os maçons lhe tinham feito acreditar que lhe daria a morte, e via agora debruçados sobre o seu athaude os longos e negros vultos que o analysavam.

Nem um musculo estremecera na sua face, nem mesmo tivera um olhar mais receioso ao vêr-se assim encarado por todos os que rodeavam.

— Erguei-vos, irmão! murmurou soturnamente uma voz junto d'elle.

O marquez passou a mão pela fronte, relanceou um olhar pelos que lhe falavam, ignorando d'onde partia a voz, e depois movia-se a custo, sem pronunciar palavra, obedecendo ao gesto imperioso d'um dos desconhecidos que lhe apontava o caminho da sala, d'onde sahira José Balsamo havia uns momentos.

Avançou junto das paredes, olhando sempre tudo aquillo muito extranhamente e só então reparou no singular aspecto da sala por cujas paredes forradas de vermelho a luz fazia resaltar umas manchas sanguineas; e attentando no emblema maçonico tornou-se sério subitamente vendo que os outros tomavam rapidamente os logares nas cadeiras vasias, e que um d'elles subia para o estrado, dizendo-lhe em voz serena apesar de cava:

— Quereis ser dos nossos?

— Sim! bradou elle com ousadia, accrescentando:

— Por isso me sujeitei ás vossas provas...

— Que bem extranhas são! Não o julgaes assim? interrogou o outro.

— Estou habituado a encarar os meios pelos fins? retorquiu elle com desembaraço.

— Que quereis dizer?

— Que se me deram um punhal para que o cravasse no peito, e me fizeram beber o conteudo d'um frasco onde julgava encontrar um violento veneno, sem duvida todas essas provas tem um fim superior como ellas e digno dos que se dispõem a tudo!

— Muito bem, marquez, não me admiram as vossas palavras!

— Nem a nós outros, não é verdade irmãos? interrogou um dos maçons.

— Sim... Sim... Já lhe conheciamos o valor! volveram com excitação os outros.

— Agradeço-vos senhores e principalmente a vós, grão-mestre! bradou elle no mesmo tom.

— Chamae-me apenas o irmão Pericles! volveu o que presidia á reunião.

Elle então, acabou por vêr que na realidade aquelle individuo não era o mesmo que o interrogara havia algumas horas, e disse:

— Pois bem, irmão Pericles, não vos conheço, não sei o vosso verdadeiro nome nem o dos maçons aqui presentes, porém sei encontrarem-se aqui vinte homens que combatem o poder dos jesuitas e venho collocar-me a seu lado, prompto a...

— A tudo? interrogou a subitas, o irmão Pericles, cortando-lhe a palavra.

— Vós o sabeis! retorquio elle como unica resposta.

— Comprehendeis que tratamos de propagar as ideias modernas, essas que vão fazendo o assombro do mundo...

— As que Rousseau apresenta nas suas obras, as que Voltaire atirou atravez da Europa?! perguntou o marquez muito cheio de assombro.

— Sim! Sim! exclamaram todos.

— Mas n'esse caso a Companhia de Jesus...

— E' a primeira a ser combatida, porque é ella o primeiro obstaculo.

— Estou ao vosso lado!

— Prompto a um juramento sagrado?

— Sim...

— N'esse caso...

— Oh! Senhores, eu estou aqui porque na folha da minha espada está gravado um nome...

— Um nome?! exclamaram assombrados.

— Sim... e n'um impeto arrancou a espada da bainha e mostrou a lamina aos maçons, exclamando as palavras que ali estavam gravadas:

— Aqui n'esta lamina ha uma inscripção que é um grito:

— Viva D. Maria Benedicta! Pois é por ella, pela noiva infeliz de D. José, principe do Brazil que aqui venho, é por esse nome tão sagrado que anteponho sempre aos olhos dos meus inimigos, que lhes juro...

— Fidelidade?

— Sim...

— Dedicação?

— Sim...

— Chegar aos ultimos extremos pela ideia?

— Sim...

— N'esse caso jurae...

E o presidente honorario n'uma voz pausada, começou:

— «Por vós arbitro supremo, magnifico architecto do universo, eu juro obedecer cegamente aos designios d'este Grande Oriente de que quero fazer parte, juro verter o meu sangue, dar a minha vida pelo credo augusto que elle defende.»

O marquez repetia todas as palavras do outro, com o coração palpitante de jubilo, tomado de grande enthusiasmo, com olhares de fogo para a assembléa.

E ao acabarem o juramento, diante do silencio feito, cruzou os braços no peito e ficou aguardando que se lhe dirigissem de novo:

Foi então que irmão Pericles, exclamou:

— Que pseudonymo desejaes no nosso gremio? Aqui como nas academias de poetas cada um tem um nome que o designa!

— Não o sabia... No emtanto...

— O quê?

— Adoptarei um dos nomes que mais pode designar não o meu valor mas a minha boa fé.

— Qual?

— O de Catão!

— Ah! O civismo!

— O grande romano!

— Ficava bem esse nome!

Exclamaram sempre com as mesmas intonações, e o irmão Pericles acabou por gritar:

— E agora, abaixo as mascaras!

— Sim... sim... repetiram todos.

Alorna, relanceou pelo recinto um olhar admirado e recuou ao reconhecer o homem que falara até então.

Era um individuo de rosto sereno, d'olhar insinuante e altivo, alto, robusto, na cabeça uma tonsura nos labios um sorriso benevolo, ao ouvir o marquez exclamar:

— O abbade Correia da Serra!

— Sim eu!... volveu o outro do mesmo modo tranquillo.

E então, relanceando olhares em volta, descobrindo muitos rostos conhecidos, murmurou:

— O clero, a nobreza, todos os poderes aqui? Lafões, Castello-Melhor.

Ia repetir outros nomes, falava d'aquelles homens entre os quaes reconhecia amigos, gente de talento, filhos da grande nobreza do paiz, porém o abbade Correia da Serra, (*) punha um dedo nos labiose bradava:

— Perdão irmão Catão, nós aqui não temos nomes profanos... Vós sois *Catão,* como eu sou *Pericles*, como aquelle é *Socrates* e o outro *Archimedes*...

— Sim, irmão, volveu o conde confundido.

Então todos despiram as vestes e ficaram com os seus trajes vulgares.

Aqui viam-se os fidalgos recamados d'ouro com espadins de punhos cinzelados e commendas fulgentes no peito, ali eram os ricos mercadores francezes e florentinos, os judeus e os inglezes, a parte

---

(*) Era um dos grandes sabios da epocha.

material da nação envergando os trajes severos, mais adiante um sacerdote, acolá um frade poeta, com o seu ar esturdio, o rosto rapado, os olhos piscos e que bradava:

— Ah! Sim aqui não temos nomes para que não nos succeda o mesmo que ao pobre Fylinto.

— Ah! Fylinto Elisio! disseram todos cheios de piedade.

— Conheceis a historia, sennor marquez?

— Lembro-me d'ella... Foi ha alguns annos...

— Que o religioso que era ao mesmo tempo um grande poeta, murmurou umas palavras que um frade ouviu e foi repetir á intendencia da policia...

— E Pina Manique, que deixa em paz os jesuitas depois de os guerrear, que os mantem em socego, auxiliou a inquisição, e esse grande lumiar da egreja e da poesia...

— Fugiu de Portugal! concluiram todos.

— E agora mendiga o seu pão em côrtes extrangeiras... accrescentou alguem.

— Será aproveitado o seu talento por um homem que o estima e que acabará por impol-o de novo! exclamou o abbade.

— Quem? interrogaram todos.

— E elle volveu:

— Tive noticias de Paris, vindas n'um grande segredo e trazidas pelo conde...

— Quê? Pelo grão-mestre? perguntaram do mesmo modo curioso.

— Sim, José Balsamo ainda auxiliará o homem em questão para que protegesse Fylinto Elisio. (*)

— Mas quem é esse homem? perguntaram de novo.

— O nosso ministro em Haya, replicou elle do mesmo modo.

— O quê? Um diplomata?! bradaram assombrados e cheios do mais intenso pasmo que logo desappareceu ao ouvirem o irmão Pericles, replicar:

— Ah! Mas o ministro, Antonio de Araujo e Azevedo, ao dar-lhe o cargo de seu secretario particular, lembrou-se que era dos nomes...

(*) Francisco Manoel do Nascimento (Fylinto Elisio) grande poeta.

— O quê? Tambem elle? interrogou Alorna no auge do espanto.

E Pericles, volveu:

— Sim tambem elle!

— E alguem esperava acaso que o duque de Orleans fosse o grão-mestre do Oriente de França? interrogou o abbade triumphante além n'aquella sala em que a luz espalhava clarões sanguineos ao bater nos pannos das paredes.

Depois, sentou-se n'uma cadeira no meio do grupo, fez um gesto a Alorna para que esperasse, trocou algumas palavras em voz baixa com os companheiros e d'ahi a momentos dizia:

— Dentro em pouco encarregar-nos-hemos d'uma primeira missão de prova, Catão! Vamos deliberar... Sahi e aguardae! apontava a porta d'um modo authoritario e ficava depois uns momentos silencioso, ao vêr que os outros esperavam a sua proposta em relação ao receminiciado.

Baixaram as cabeças e ficaram na espectativa, ao passo que Correia da Serra, meditava:

Então ao cabo d'algum tempo, o irmão Pericles exclamou:

— Que lhe daremos por prova? Que exigeremos d'elle?

— Irmão, bradou o duque de Lafões, muito seguro de si. Elle chegará a todos os extremos se fôr neccessario. Ordenae, pois...

— Mas não se trata agora de ordenar, mas sim de fazer alguma cousa que seja uma prova e ao mesmo tempo seja util para o nosso gremio...

— Bem... Qual é o fim a que visamos n'este momento? perguntou o frade poeta d'um modo impertinente, como se estivesse na Arcadia em vez de se encontrar na loja maçonica.

— Agora carecemos de impedir que durante dois mezes pelo menos o intendente da policia nos vigie, precisamos desviar-lhe as attenções para outra parte...

— Será essa a prova do marquez d'Alorna!... bradaram alguns.

— Sim... sim... repetiram os outros.

— Pois bem... Chamae-o...

Um dos maçons sahiu do grupo e foi buscar o marquez que ao entrar ouviu o irmão Pericles bradar:

— Sabeis, que sois dos nossos...

FILINTO ELYSIO

— Sim, irmão.

— Que deveis obediencia ás deliberações do gremio...

— Sim, irmão.

— Que não tendes o direito de saber mas sim de executar...

— Sim, irmão.

— Estaes prompto a isso n'este momento?

— Sim, irmão.

— Não desejaes penetrar os nossos secretos designios, não é assim?

— Mas não... não... Quero cumprir o dever a que me obriguei...

— Porém nós é que não o consentimos sem que saibaes primeiro a que ides...

O marquez inclinou-se, e o abbade Correia de Serra, começou:

— Sabeis decerto que Pina Manique, o intendente da policia tem perseguido em grande azafama os maçons, sem que até hoje no emtanto ainda tivesse a certeza completa da existencia dos gremios...

— Sei que aprehendeu a um official de nome Lear...

— Uma carta do general governador de Faro...

— Sim... Oh! Mas ahi ainda o gremio não estave formado... Mas continuaremos:

— Temos tres lojas maçonicas em Lisboa... A da Boa Morte onde estamos, a da Boa Vista, a de Buenos-Ayres... A policia tem procurado descobrir-nos mas sem resultado attendendo ás precauções de que nos cercamos. Agora porém, José Balsamo, o grão-mestre da maçonaria universal e o seu implantador, antes de partir, quer que o Oriente lusitano entre em acção... Temos uma tarefa que é segredo ainda para nós e para qual sabemos apenas ser necessario, mais, ser essencial uma cousa...

— De que me vão encarregar?...

— Certamente.

— De que se trata?

— De desviar as attenções do intendente e da sua policia para outro lado...

Alorna, curvou a cabeça admirado de semelhante cousa, mas com toda a coragem, não sabendo ainda o que iria fazer mas contando com o acaso e com a sua boa vontade, bradou:

— Irmãos estou ás vossas ordens!

— Recebereis todos os auxilios precisos...

— Ah! N'esse caso conto com a victoria...

— Auxilios d'homens dedicados, de dinheiro ou ainda mesm d'influencia... Trata-se de tecer a intriga...

— Serão cumpridos os vossos desejos...

— Bem e quando começareis a vossa obra...

— Hoje mesmo ou antes, amanhã porque a côrte está em Salvaterra... Trata-se de desviar a attenção do intendente durante uns mezes... Pois ella será desviada principalmente se o senhor duque de Lafões me quizer auxiliar com o seu conselho e o senhor de Castello Melhor com o seu braço, emquanto que todos os irmãos aqui presentes se prestarem a coadjuvarem me tambem!

— Sim... sim... Porque todos pertencemos ao gremio...

— N'esse caso, com tão boa vontade e com tão robusta fé venceremos...

— Deve estar a clarear o dia... exclamou o duque de Lafões olhando para o seu grande relogio em cuja tampa havia iniciaes e armas.

— Saihamos com todas as precauções...

— Somos vinte e é preciso cautella...

— Mas temos aqui duas portas além da sahida do predio visinho...

— Bem saihamos então...

— Faltam ainda as insignias do iniciado... bradou Correia da Serra, tirando d'um pequeno cofre uma medalha com um emblema egual ao que estava na parede e suspenso d'uma fita vermelha, que collocou ao pescoço do marquez, dizendo-lhe:

— Usa-se entre a camisa e o colete e ao menor perigo mostrae-o porque os maçons existem em toda a parte principalmente entre os nobres e é possivel que tivesseis de luctar com um irmão. Se são inciados detem-se e mostram-nos as suas insignias, no caso contrario nada está perdido em face de profanos! Agora offerecei a face aos vossos irmãos para o beijo paternal!

E Correia de Sena foi o primeiro a beijar o marquez d'Alorna no que todos o imitaram, dirigindo-se então para as sahidas.

Uns atravessavam um pequeno pateo cujas paredes estavam cobertas de musgos esverdinhados, olhavam o ceu negro onde havia

uns tons ligeirosa nnunciando a manhã chuvosa, e com precauções infinitas mettiam-se pelas terras da Boa-Morte em direcção á Estrella que se destacava na branquidão suja da sua cantaria tocada dos livores da madrugada.

Outros sahiam pelo corredor estreito que punha o subterraneo em communicação com o predio visinho, e desciam pela Fonte Santa onde se erguia a ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, um pequeno grupo dirigira-se para Alcantara rente do muro da cerca dos oratorianos das Necessidades e por fim, o abbade Correia da Serra ficando só com o marquez d'Alorna deu-lhe o braço, viu Lafões que sahia impavido, embrulhado na capa, pela porta que deitava para os campos e avançou com o marquez para a sahida da casa onde se davam as reuniões, começando depois a caminharem ambos sem o minimo receio, o abbade a dizer lhe:

— Tenha a certeza meu caro marquez, e elle parecia agora outro homem ao falar assim, de que as sociedades maçonicas ao estenderem-se no paiz, vão não só abalar o poder da Companhia que lucta nas trevas, mas ainda preparar uma epocha de felicidade... Recebi ha dias nos meus aposentos da Academia um pequeno volume onde auctor desconhecido vaticina uma republica universal!

— Por Deus! Uma republica! bradou o marquez.

— Sim, que não chegará a este extremo da Europa senão depois de termos modificado o poder real como os francezes acabam de fazer...

— Oh! Uma republica, mas essas ideias!

— Adoptal-as-hemos se isso fôr necessario ao bem da patria.,.

— E os nossos irmãos...

— Nenhum acceita por emquanto estas theorias... Todos desejam apenas destruir o poder da Companhia e reconstituir Portugal... São quinhentos homens a quererem concluir a obra de um só...

— De qual?

— Do marquez de Pombal...

E Alorna encostando-se mais ao braço do companheiro, pareceu ficar meditando nas palavras do irmão Pericles, dizendo:

— Mas agora, apenas se trata da Companhia não é assim?

— Sim da Companhia! volveu o outro com um sorriso dubio, olhando a cidade que se estendia ainda adormecida a seus pés.

Com, effeito vindo da luz para a treva da cidade, elles sentiam na alma um renascimento, um desejo forte e augusto de libertação, a ancia de serem, emfim, cidadãos d'um povo livre como os que comprehendiam já atravez dos livros, que um bello vento arremessara por sobre os Pyrincos.

III

Miserias da realeza

A rainha não recebia havia oito dias nenhum dos fidalgos da côrte.

Recusara até falar ao principe D. João e encerrara-se nos seus aposentos onde apenas entrava o confessor.

O bispo do Algarve, tinha agora um olhar dominador, apresentava-se com todo o orgulho d'um favorito ou antes d'um dominador e ia exercendo a sua fatal influencia no animo fraco da soberana, aterrorisando-a a todos os momentos com as mais espantosas revelações.

E ninguem na côrte se atrevia a contrariar a vontade suprema do inquisidor tornado agora o arbitro dos negocios, antepondo a sua vontade á dos ministros que todos os dias faziam antecamara á rainha sem que ella os recebesse.

O intendente da policia continuava nas suas perseguições aos pedreiros livres, os fidalgos entregavam se aos seus amores, obedecendo ás tendencias lubricas da epoca e a pobre rainha ficara abandonada nas mãos de José Maria de Mello, que sedento de vingança jurara anniquillar para sempre a fraca mulher em cuja cabeça pousava uma corôa.

Era ainda cedo, rompera a manhã do oitavo dia em que ella se encerrara.

Rendiam-se as sentinellas do paço de Salvaterra, passavam os

archeiros da guarda nas fardas garridas, as alabardas ao hombro, perturbando o pesado silencio do palacio.

N'aquelle ultimo dia do mez de janeiro, a chuva batia pesadamente nas vidraças n'uns ruidos irritantes, os campos alagados estendiam-se n'uma especie de bruma, e os moinhos no alto dos outeiros de velas esfrangalhadas pela ventania quedavam-se dominando a villa melancholica.

A natureza parecia tornar-se cumplice do jesuita; o estado do tempo influia poderosamente na organisação nervosa da rainha, que nos dias chuvosos chorava a miudo n'uma constante irritabilidade, ficando depois horas esquecidas na peor das taciturnidades, tendo o verdadeiro aspecto d'uma lypemaniaca.

A noute, noute de trovões, em que se espalhava a electricidade no espaço, ella passara-a no auge da excitação, ajoelhara em face do oratorio emquanto na casa contigua o confessor arrastava sandalias, e as luzes estremeciam, vacillavam, desdobrando clarões sinistros nas ricas imagens do bello oratorio de prata.

D. Maria I, muito pallida, as veias azuladas da testa destacando-se grossas e bifurcando-se n'uns tons extranhos na pelle eburnea, continuava ainda ajoelhada e como extranha a tudo, murmurando ao acaso phrases intervalladas:

— Ah!... Meu Deus!... E' el-rei! Pedro... Pedro... Obedeci!... O Tavora... Oh! O marquez de Pombal!

E abafava nos labios um grito estridulo, cahia depois de bruços no chão, e ficava a chorar como louca n'um desespero immenso.

Depois erguia-se d'um salto e corria para a porta, bradando:

— A guerra! A guerra!... Os hespanhoes!...

Agarrava o fecho que sacudia com força, dos labios desmaiados sahia lhe um novo grito, e recuava logo ao vêr na sua frente o vulto sinistro do bispo do Algarve que com um gesto potente, exclamava:

— Senhora!

Como o domador que entrando na jaula da fera a detem, a amesquinha com um só olhar elle cruzava os braços no peito e exclamava de novo:

— Que quereis?

A rainha baixava a cabeça, recuava até á parede como confundida, tinha perdido a noção de tudo, curvava-se ante o confessor que pouco a pouco se lhe apoderara do espirito.

E ella supplicava-lhe:

— Oh! Quero ver meus filhos! Meus filhos! Os negocios do estado!... Oh! bispo... Eu não quero estar presa!

— Vá... bradou elle em voz cava. A porta está além e póde transpol-a... Mas recorde-se, vossa magestade, que as culpas do reinado de vosso pae ainda não estão expiadas... O jejum a que vos entregaes de cousa alguma valerá para Deus, se trahirdes as promessas feitas... E vós jurastes não vêr, nem communicar com pessoa alguma á excepção do vosso confessor, durante oito dias que só terminam ao anoitecer!

— Oh! O castigo! O castigo!... bradou a soberana recuando e soltando um grito lancinante.

Nos olhos passaram-lhe clarões de loucura, estremecia, fixava com a pupilla cava o bispo que em voz terrivel continuava a aterrorisal-a:

— Sabeis bem que os filhos pagam as culpas dos paes!...

— Dos paes... Dos paes... repetiu ella n'um espasmo.

— E o vosso foi bastante culpado por todos os motivos!... E' necessario que vos lembreis de que ha um céu para os bons, e um inferno para os maus! N'um existem canticos, perfumes, flôres, escuta-se a harmonia doce dos anjos, adormece-se sob o olhar incommensuravel e bemdito de Deus, enorme como o azul da amplidão .. Vive se na companhia das santas e dos martyres, d'uma côrte mais brilhante e mais bella do que todas as da terra, porque além só existem almas puras...

Falava n'um tom dolente, em voz melodiosa que aquietava a rainha e a fazia sorrir quasi docemente.

Cahia na poltrona, como magnetisada pela chuva de palavras que o oratoriano deixava escorrer lenta e dolorosamente dos labios grossos onde havia um sorriso sarcastico.

Apoderava-se-lhe assim do espirito conhecendo bem o nervosismo latente da rainha, domava-a fazendo o panegyrico d'esse céu azul e bello em que as cavernas d'ouro tinham chispas d'estrellas, falando dos astros como d'outros tantos paraizos recamados d'ouro, onde se escutavam as harmonias infindas das cythereas harpas tocadas por onze mil virgens d'olhos d'opala e pestanas longas, os cabellos dourados cahidos em espaduas de marfim, os dedos longos de unhas perladas, fazendo sahir dos instrumentos harmonias infinitas que con-

vertiam até as féras mais indomitas das selvas, d'essas regiões longiquas que compunham o titulo d'essa soberana semi-louca pelas suas predicas, e que o escutava como uma creança entretida docemente com uma historia de frades.

E o bispo, amaciando a expressão do rosto, tendo um sorriso breve á flôr dos labios, continuava:

— E ali encontrareis a alma de vosso esposo ..

— E de meu filho... E de minha mãe!... volvia ella enthusiasmada.

— Sim a alma de vossa mãe, não é o que dizeis... Do principe D. José não é o que pensaes? interrogou elle de repente olhando a rainha.

— Sim... sim...

— Oh! Mas é necessario redemil-as pelos vossos actos! Essas duas almas não estão salvas!

— O que? O que?...

— Sim... Não estão salvas! Vossa mãe foi a esposa d'um rei que obedeceu a Satanaz seu ministro, vosso filho foi educado e seguia as ideias d'esse espirito das trevas... E todos elles... vosso pae, vossa mãe, o principe... Todos... todos estão no inferno pagando com as torturas o mal que fizeram na terra, sujeitos ao castigo dos seus innumeros peccados ..

A rainha soltou um grito, escondeu o rosto com as mãos, emquanto o sacerdote por uma transição brusca e em voz terrivel, bradava:

— Sim no inferno, entre o lume que crepita nas forjas negras do anjo cahido... do anjo rebelde!

Via o effeito das suas palavras com um longo sorriso de vingança, e continuava então descrevendo esse imaginario inferno, fazendo tremendas invocações.

Eram as fogueiras enormes onde ardiam os corpos dos relapsos, ao passo que as almas ficavam pairando no negrume do antro soffrendo todas as dôres, todos os martyrios, escorraçadas dos recantos onde era menor o soffrimento, amalgamadas as dos reis com as dos assassinos e com as dos ladrões, n'uma grande egualdade...

— Ah! real senhora, a egualdade que os malditos pedreiros livres, discipulos de Satanaz pedem agora em França obrigando um rei a abdicar da sua dignidade! E Luiz XVI paga os crimes dos an-

tepassados na terra, pagal-os-ha tambem na outra vida, como vossa magestade!

— Podeis escolher entre o céu e o inferno... Tivesteis avôs piedosos como D. João V e esse reunia as culpas de vosso pae...

— Oh! Oh! Eu estou condemnada! Deus não perdôa! Deus não perdôa! exclamou a pobre soberana no auge do terror.

— E vós perdoasteis acaso aos Tavoras? gritou elle buscando rehabilitar os seus, querendo arrancar áquella mulher os ultimos farrapos do poder.

— Os Tavoras... Os Tavoras... murmurou ella como demente.

— Sim os Tavoras, os innocentes suppliciados em Belem...

A sua memoria foi maldita dos homens, maldita ella ainda está e vós nada fazeis para destruir esse erro...

— Os Marialvas... O intendente!

— Ah! E que vos dizem? perguntou José Maria de Mello cheio de colera.

— Que vou manchar a memoria de meu pae com essa rehabilitação...

— N'esse caso preferis condemnar a vossa e a sua alma aos tormentos das penas eternas? Preferis que o demonio se aposse dos espiritos no vosso reino como o está fazendo em França, que os pedreiros livres matem a religião e acabem dominando os reis ao vêrem que Deus os abandona?!

— Não... não...

— Ah! N'esse caso rehabilitae os Tavoras, chamae para junto de vós os jesuitas, restabelecei a Companhia e a vossa alma será salva...

— Os jesuitas?!... os jesuitas?! Oh! Mas Deus é testemunha que eu quero fazer tudo isso?

— E porque o não fazeis?

— Os meus ministros...

— Obedecer-vos-hão...

— Chamae-os... Chamae Martinho de Mello e Luiz Pinto Coutinho...

— Nunca! Não quero perder mais a vossa alma... Lembrae-vos da promessa!

— Ah! Mas logo... logo... Tudo vos farei...

— Quando?

— Quando poder communicar com alguem! Que saudade eu tenho de meu filho!

— Ah! Que vos perdeis! As affeições da terra nada são... E' necessario esquecer a familia em face de Deus, sacrificar tudo ao seu divino esplendor... E o esplendor do christianismo está nos autos de fé, em que se queimam herejes para os purificar do pecado, e salvando-lhes as almas!

— Os autos de fé!... Oh! Que horror! Tenho medo! exclamou a pobre rainha como louca.

E dos labios do jesuita sahiu uma gargalhada extranha ao ouvil-a falar d'aquelle modo.

Encarou-a bem de frente e bradou:

— Ah! Que receiaes? Os autos de fé?... Mas elles nada são comparados com os tormentos enormes do inferno, com essas dôres que vosso pae está soffrendo, a que vosso filho está sujeito! Oh! Vejo-os, meu Deus, eu vejo-os a ambos debatendo-se com as trevas, as almas presas das maiores torturas!... E é um rei... é um principe... Tambem elles vos supplicam que rehabiliteis a memoria dos Tavoras, que se reconstituia em Portugal a Companhia de Jesus com todos os seus antigos poderes!

A chuva continuava a cahir com força sobre a residencia real, pesadamente as alabardas batiam no lagedo, começava a ouvir-se o ruido de passos pelos corredores, e a rainha atirando-se de joelhos aos pés do confessor, bradava:

— Perdão... Perdão para elles!...

— Perdão para os Tavoras, real senhora! exclamou o confessor com o seu tom vingativo.

— Oh! Tudo! Tudo!

— Ah! Concedeis-me então a rehabilitação dos Tavoras? interrogou elle no auge da alegria.

— Sim... sim... volveu medrosa a rainha.

— Concedeis que a sua fortuna passe aos seus parentes, levantando-lhe o sequestro do Estado?

— Sim... sim... tornou do mesmo modo.

— Será admittida de novo em Portugal a Companhia de Jesus, expulsa por esse maldito Pombal?

— Oh! Sim... Os bons padres!

— Dar-lhe-heis o direito dos autos de fé... O antigo poder ser-lhes-ha confiado?...

— Sim... sim... Mas deitae-me a vossa benção!

N'um gesto breve tranquillisou a rainha, depois recuou e tomou um aspecto ameaçador ao ouvil-a bradar:

— Absolvei-me! Absolvei-me! Concedo tudo, meu padre!

— A absolvição?... Oh! primeiro os decretos! replicou elle vendendo aquelle dom de padre muito caro e com a desconfiança d'um habil.

— Logo? logo?... interrogou ainda a pobre rainha.

— Sim... Quando o conselho d'estado vos obedecer!

— Obedecerá... obedecerá!... bradou a rainha n'um grito intenso cahindo desamparada no sophá, e exclamando:

— Quero vêr meu filho! Meu filho!

— Vosso filho! Vou mandal-o chegar aqui se o ordenaes... Porém lembrae-vos tambem...

— Quero... quero...

— E perdereis toda a vossa penitencia...

— Ah! Não... não...

— Ficae tranquilla senhora! Poucas horas faltam para que possaes apparecer ante a côrte! Impuz-vos essa penitencia de oito dias de reclusão, n'um jejum restricto... Tomastes o pão e a agua das santas, assim redimir-se-ha a vossa alma e as dos que vos são caros!

Então a soberana, livida, cheia de febre, muito exaltada pela fraqueza e pelas palavras do ministro de Deus, mordeu raivosamente as mãos, exclamando:

— Tenho fome! Tenho fome!

E aquella raiva era o começo da loucura que a devia impedir de reinar.

O jesuita sorria, cruzava os braços ao vêl-a erguer-se transfigurada e dizia-lhe:

— Senhora... Paciencia ainda por umas horas! Eu vou mandar-vos servir o almoço! Logo estareis livre!

Em voz baixa accrescentava:

— Careço da sua razão até á noute... Quem assignaria então os decretos? Ah! Carlota Joaquina? O principe? Mas seriam regentes e assim é mais seguro...

A rainha, olhava-o, e bradava:

— Não... não... Quero estar em jejum... Não quero quebrar o juramento! Porque Deus castiga... Deus castiga!

Cahia então de bruços em face do oratorio e ficava além n'uma grande exaltação repetindo mentalmente as suas orações que para ella appareciam um tanto confundidas no cerebro transtornado.

O bispo ficou ainda a contemplal-a por momentos e de seguida, murmurou:

— Ah! E' a prostração! O medico falava d'este estado!

Depois muito lentamente passou para os seus quartos que ficavam um tanto desviados dos da rainha, embora communicassem com elle por portas interiores e esfregando as mãos jubilosamente, sentava-se na sua cadeira de espaldar alto e monologava:

— Ah! O combate das trevas é ainda o melhor...

— Principalmente quando se trata de inimigos poderosos! exclamou uma voz que fez estremecer o reverendo bispo.

Ergueu-se d'um salto e correu para o fundo do aposento como transtornado, porém tranquillisava-se ao vêr na sua frente um homem vestido de negro que se curvava até ao chão, murmurando:

— A's ordens de vossa grandeza!

— Ah! Sois vós, mestre Bruno de Lacerda? exclamou elle com certo rancor mal disfarçado, dirigindo-se ao physico da rainha.

— Eu, grandeza, que como desde ha oito dias venho passar algumas horas n'este gabinete, fazendo acreditar á côrte que trato de sua magestade...

— Mestre Bruno... D'esta vez careço de saber a verdade inteira. Que sorte aguarda a rainha?

— Dentro em um ou dois mezes o mais tardar estará totalmente louca! Pelo seu espirito fraco, pelos abalos soffridos, pela sua organisação nervosa, as tendencias manifestaram-se, a religião desperta n'ella grandes dôres, um abalo mais e a historia de Portugal terá pela primeira vez uma rainha louca! Ah! Contribui bem para isso, grandeza!

— Pagar-vos hei, mestre Bruno... A senhora princeza já cumpriu a sua promessa...

— Já, grandeza...

— Eu cumprirei a minha... Dar-vos-hei cem mil cruzados que vos devo e as commendas que vos prometti...

— Sim, grandeza... Mas ha já tresan nos que sois confessor da

rainha e tinhas-me promettido que tudo me seria pago no dia da vossa nomeação...

— Hoje mesmo solicitarei da rainha o que vos devo! Sabeis que cousa alguma me recusa... Ah! E' verdade, e o que se diz na côrte ácerca da reclusão de sua magestade?

— Attribuem-na a devoção e á doença!

— Esperastes que eu partisse para Lisboa?

— Logo no primeiro dia do encerramento de sua magestade!

— Bem... Pois, mestre Bruno, sabei que volto hoje á noute...

— Sim, grandeza! disse elle com um sorriso servil, accrescentando:

— E espero que na volta da vossa viagem não vos esquecereis do promettido!

— Descançae, mestre Bruno, que esta noute falarei á rainha, tratarei umas cousas com sua alteza e de seguida o mais tardar no proximo mez terei a recompensa de todos os vossos serviços...

— Obrigado a vossa grandeza!

— Agora ficae ahi o tempo que desejardes... Eu vou sahir para voltar logo... Annunciae a minha chegada...

— Sim, grandeza!

O bispo embrulhou-se então n'uma larga capa e disse ainda ao physico:

— Assim ninguem me accusará de ter sequestrado a rainha!

— Decerto! Oh! Como sois habil, meu senhor! tornou o outro lisongeando-o.

O bispo sorriu, embuçou-se bem na capa e sahiu do aposento, murmurando:

— Oh! Vaes sendo exigente, Bruno de Lacerda... Mas, terás a paga... Terás a paga!

Ia tão distrahido que não reparou n'um homunculo que se lhe mettia na frente no escuro corredor e que o ia fazendo cahir.

Com a surpreza, José Maria de Mello entreabriu um pouco a capa e ouviu então a voz do bobo da rainha, exclamar:

— Bons dias, bispo do Algarve! Vieste cedo da tua viagem!

Perdia-se então no corredor rindo muito emquanto o bispo fusilava um olhar odiento.

N'aquelle momento o physico assomava á entrada do aposento da rainha, muito cheio de curiosidade e via-a ainda na mesma po-

sição. Então nos labios d'aquelle homem que servia os jesuitas houve um estremecimento, desenhou-se-lhe no rosto uma expressão quasi pesarosa ao vêr a soberana, mas de repente recuperando a sua presença d'espirito exclamou:

— Ora... Que diabo! A realeza tambem tem as suas miserias!

E foi sentar-se na cadeira do bispo tomando uma pitada da sua caixa de ouro.

IV

Transire bene faciendo

O bispo do Algarve ao vêr partir o bobo, fizera o seu gesto d'ameaça e perdera-se tambem no corredor em direcção á sahida do palacio.

Continuava a chover com força, uma neblina densa cahia sobre a villa e as sentinellas recolhiam-se nos portaes muito abrigadas do temporal.

De quando em quando, ouvia-se um trovão que ribombava com furia e depois apenas o constante cahir d'agua alagando as estreitas viellas.

José Maria de Mello, muito embrulhado na sua capa chegava á porta, olhava a rua e depois com certo receio detinha-se não se atrevendo a luctar com a tempestade.

Porém ao cabo d'alguns momentos, fez um gesto resoluto e murmurou:

— E' necessario... Nada de perder tudo por um receio futil...

E d'uma passada larga transpoz o riacho que se formava junto á porta do palacio, exactamente na occasião em que ali passava uma liteira da qual se apeava lestamente um homem que ia esbarrando com sua grandeza.

O bispo, pareceu reconhecel-o, porque aconchegou mais a capa e começou a andar rapidamente sob as bategas d'agua que jorravam impetuosas.

O outro penetrava no corredor do palacio e exclamava como se estivesse deveras preoccupado:

— Quem será aquelle homem ?

— E' o bispo do Algarve ! exclamou uma voz na sua frente ao mesmo tempo que um individuo vestido como um fidalgo mas que elle não conhecia, lhe fazia uma demorada venia. Nos olhos d aquelle homem havia um clarão extranho ao fitar o outro, ao mesmo tempo que sorria com desdem ao ouvil-o dizer :

— O bispo do Algarve ! Mas sua grandeza está em Lisboa !

— Ahi vos enganaes, sr. intendente da policia, os vossos agentes pódem ter affirmado isso em milhares de relatorios para a intendencia, mas tambem vos garanto que José Maria de Mello desde ha oito dias está encerrado nos seus aposentos a impôr penitencias e jejuns a sua magestade !

— Que dizeis ? Que dizeis ?... bradou assombrado o intendente Manique, fixando o desconhecido como se o julgasse louco.

— Digo que v. ex.ª apenas tem olhos actualmente para vêr os pedreiros livres !

— Senhor ! bradou o terrivel magistrado admirado de haver alguem que lhe falasse assim.

O seu interlocutor tinha o ar d'um verdadeiro fidalgo ; notava-se n'elle a maior distincção, nos dedos brilhavam-lhe anneis de preço e pela sua côr bronzeada dir-se-ia um d'esses governadores do Brazil que tinham vindo ao reino depois da revolta do Tiradentes.

— Sim, sr. intendente, tornou o outro d'um modo extranho, como se zombasse d'elle. V. ex.ª esqueceu que os peiores inimigos do throno e de sua magestade...

— São esses herejes que tem ideias francezas ! exclamou o intendente no auge da colera, accrescentando :

— Os malditos maçons, filhos de Satanaz que têm livros escriptos pelos miseraveis da Assembléa Nacional, esses que obrigam o rei christianissimo a fazer juramentos attentatorios á sua dignidade...

— Por isso v. ex.ª vae perseguindo os suppostos pedreiros livres e aprehendendo na Alfandega todos os livros francezes... Vae mandando prender Jacome Ratton...

— Basta-lhe o nome !... E não só esse, mas todos os que me cahirem sob a mão !

O interlocutor esboçou um sorriso sardonico, tomou-lhe a passagem no corredor e bradou :

— E esquece então os jesuitas?

— Eu?

— Sim...

O intendente como movido por um poder occulto ia falando com o desconhecido e dizendo:

— Mas pelo contrario vigio-os!

— E não os conhece?

— Todos... todos...

— Deixa no emtanto o peior de todos fechado nos aposentos da rainha... Deixa esse que fez assassinar o principe D. José e o arcebispo de Thessalonica, levar a cabo a mais infame das obras, apossar-se do espirito de sua magestade, acabar por se tornar o verdadeiro rei, para estabelecer então o Santo Officio e talvez os autos de fé!

— Que está dizendo?

— A verdade! Sei tudo! Conheço o que se passa na côrte e muito do que se dá nas reuniões secretas dos jesuitas! Não é d'hoje é desde os tempos em que elles se reuniam no convento de Mafra!

— No convento? Oh! Mas quem é o senhor que sabe d'essa particularidade!

— Quem sou? Ah! Sr. intendente então não me conhece tambem?

— Eu? Mas nunca o vi! disse elle cheio d'assombro.

— Porém eu já tive a honra de falar com v. ex.ª.

— O senhor? perguntou elle admirado lançando lhe um olhar inquisitorial.

— Eu sim...

— Mas quando? Quando?

— Na noute em que foi encarregado de lêr a carta de Luiz XVI aos soberanos!

— Mas tambem sabe isso?

— Sei...

— Mas não me recordo!. N'essa noute...

— Passou junto a mim no Rocio á porta do Nicola...

— O que? Foi então o senhor que exclamou...

— *Bon soir, monsieur!* accrescentou o outro d'um modo impertinente, concluindo:

— E obriguei assim v. ex.ª a dar uma busca ao café em procura do jacobino que falara a negregada lingua franceza!

— E era o senhor?

— Sim, era eu que além no doce convivio do poeta Manuel Maria e de Nicolau Tolentino...

— Dois hereges?

— Dois vates... Dois cultores das musas, sr. intendente!

— Que hão-de ainda entrar no Santo Officio para aprenderem a respeitar a religião e a pôrem de parte as idéas francezas! Sempre são homens lidos no Rousseau...

— Mas que não usam *fitas da liberdade*... (*)

Pina Manique deu um pulo para traz, agarrou a luneta que trazia suspensa d'um cordão e assestando-a ao interlocutor n'um ar pombalino, bradou:

— Sabe que se está compromettendo gravemente?

— Eu?

— Sim, o senhor a quem não conheço, mas...

— A quem julga um pedreiro livre não é assim? interrogou o outro a chasquear.

— Se o julgasse tel-o-ia feito prender...

— Aqui?

— Sim, aqui mesmo...

— Por Deus que vos seria difficil! Não sabeis então que n'um corredor escuro um intendente da policia tem apenas como poder a sua espada de cavalleiro? interrogou o desconhecido com a altivez d'um principe.

— E atrever-vos-heis a resistir ás minhas ordens?

— Decerto! volveu elle fleugmaticamente.

O intendente louco de colera em frente do homem que se atrevia a dirigir-se-lhe d'aquelle modo, exclamou:

— Sem duvida sois um poderoso fidalgo vindo do Brazil ou da India, e que aproveitaes a quadra do entrudo para vos divertirdes, d'outro modo saberieis decerto que os meus agentes são capazes de descobrir ainda os mais perigosos conspiradores, os mais encarniçados sectarios das idéas francezas e que não lhes seria difficil lançar-vos mão...

(*) Eram umas fitas que os da policia tinham como signaes de jacobino.

BOCAGE

— A mim?... E o fidalgo soltou uma risada que irritou profundamente sua excellencia.

— Sim a vós! bradou elle no auge da colera.

— Oh! Senhor, conheço os vossos *mouchards*...

— Oh! Sois um atheu, empregaes palavras francezas, exclamou Pina Manique, aquelle homem de valor e que á força d'odiar os francezes se tornava ridiculo.

— Mas vós mesmo adoptaes a traducção d'esta palavra nos vossos officios para a Real Meza Censoria creada para o exame dos livros mais inoffensivos!

— Oh! Mas quem é o senhor que lê os meus officios? gritou Pina Manique deveras intrigado e encarando o outro surprehendido como se estivesse vendo na sua frente o proprio Satanaz.

Elle não se dignou responder abertamente; voltou-se para Pina Manique e disse-lhe:

— Sou um homem que lhe vae fazer uma prophecia...

— Sois então um advinho? chasqueou por seu turno o intendente buscando saber o verdadeiro estado d'aquelle homem.

Nos bellos olhos negros do desconhecido passou uma scentelha e em voz pausada, respondeu:

— Não é preciso ser advinho nem feiticeiro para saber o futuro de Portugal e o vosso, meu caro intendente...

— E então que julgaes? interrogou elle um pouco admirado do tom grave que o individuo tomara.

— Julgo que dos Pyrineus sopra mau vento...

— O quê?

— Julgo que o sopro que derrubou a Bastilha será o mesmo que impellirá para aqui essas ideias que vossa excellencia receia.

— Oh! Oh! Mas... titubeou Pina Manique.

— Sim senhor, intendente, se não fôr pela vontade do povo ou dos fidalgos, será pela força!

— Como?

— Sim pela força... Luiz XVI acaba de se dirigir aos soberanos expondo-lhe a sua situação, dizendo-lhes que o seu povo o obriga a jurar uma constituição...

A'manhã os exercitos dos reis irão auxiliar aquelle soberano! Será uma cruzada contra o povo, contra a republica que está imminente!

— A republica! A republica! Oh! Mas o senhor é um dos que a ama! ..

— Não... Eu não sou cousa alguma n'esse caso... Tenho uma divisa á qual tudo sacrifico e é por ella que vos digo ter Luiz XVI, com a penna com que assignou essas cartas para os soberanos, lavrado ao mesmo tempo a sua sentença de morte!

— Hereje! Hereje! Pedreiro livre! Oh! Vou prender-vos eu proprio! exclamou deveras excitado Pina Manique ao ouvir semelhantes palavras.

— Estou ás suas ordens porque todos n'este palacio lhe dirão quaes as minhas ideias, mas antes d'isso permitta que lhe dê um conselho, o mesmo que dei ao senhor de Sartines...

— Sartines? Sartines? Quem é...

— Era o intendente da policia em França...

— Ah! E o senhor vem de França? bradou o outro aterrado, interrogando:

— Mas como penetrou no paiz sem papeis? Sem que a minha policia...

Mas de repente soltou uma risada, bateu na testa e exclamou:

— Ah! Comprehendo!

— O quê? perguntou o outro d'esta vez muito admirado-

— Sois o embaixador portuguez em Paris...

Não lhe respondeu, sorriu, apertou a mão que Manique lhe es tendia, exclamando ainda a rir:

— Ora... ora... E eu a julgar-vos um pedreiro livre...

E depois sério de repente, murmurou:

— E' verdade que o ar de Paris contamina...

— Escutae o meu conselho, o mesmo que dei a Sartines dias antes da tomada da Bastilha!

— Ah! Assististes a esse sacrilegio?! exclamou aterrado.

— Sim, e dissera dias antes aos homens da policia o seguinte:

— Cautella com as perseguições! Sobretudo acautellae-vos n'este momento em que não ha pão! Não me quizeram ouvir a minha voz... Launay o governador da fortaleza apontou-me o faubourg Santo Antonio que a Bastilha dominava e exclamou:

— D'aqui reinamos sobre Paris. Sartines, apontou-me o livro negro da intendencia e exclamou a rir:

— Com este livro reinamos sobre a França..

E dentro em dois dias um e outro tinham sido sacrificados á ira do povo, a Bastilha ao cahir abalara o throno, nos alicerces ficavá agora bem patente a miseria, a oppressão, a furia louca de alguns seculos de monarchia... Eram os ossos dos martyres ao sol em plena rua, eram as correntes onde estavam ainda amarrados cadaveres de mulheres e de homens... Era um longo estendal d'infamias, até então secretas, espalhadas no *faubourg*, collocadas á vista da multidão que derrubara o collosso de granito e ha-de derrubar outro gigante mais forte do que esse, mas que é um irmão gemeo e que se chama: a tradição!

O intendente tornou-se livido ao ouvir pronunciar aquellas ultimas palavras e encarou o desconhecido que parecia crescer á sua vista, continuando:

— Cautella pois, senhor intendente! Não é em Portugal ou pelo menos não é dos portuguezes no anno de graça de 1792 que tendes a temer as represalias, não é dos livros que aprehendeis que sahirá a revolta... Ella seria conduzida pelos soldados francezes no dia em que quizerem formar a republica universal!

Pina Manique encostou-se á parede para não cahir banhado em suores frios ante o tom prophetico em que aquelle homem falava.

— Mas quem é o senhor? Quem é o senhor? bradou elle atemorisado.

— Sou aquelle que vos indica o caminho do futuro! Se quereis ser grande combatei agora os jesuitas! Salvae a rainha! Salvae a rainha das mãos do homem que sahiu d'aqui!...

— Mas quem sois? Quem sois? perguntou de novo muito aterrado.

— Salvae a rainha! Salvae a rainha! gritou elle embuçando-se na capa e deixando cahir propositadamente um papel, desappareceu n'uma cadeirinha que o aguardava a distancia.

O abbade Correia da Serra, estava sentado nas almofadas do vehiculo e ao vêr entrar o desconhecido interrogou:

— Então, senhor conde de Stephens, meu grão-mestre!

E José Balsamo, porque fôra elle o interlocutor do intendente, volveu:

— Disse-m'o o bobo da rainha, o jesuita passara os ditos dias nos aposentos de sua magestade e eu mesmo o vi... Não quero salvar D. Maria I mas tambem para que a sacrificar?... No em-

tanto indigitei o bispo ao intendente da policia, ao mesmo tempo que incitei a perseguir a Companhia de Jesus... Assim ficariamos nós em paz...

— Mas falasteis ao intendente? perguntou assombrado, o abbade.

— Sim... E elle julgou-me o embaixador da côrte em Paris!

— Tem graça...

— Mas desfiz-lhe o erro com um pequeno bilhete que costumo usar!

Era esse bilhete que o intendente ainda não vira, esmagado como estava por tudo que acabava de succeder.

Mas n'este momento a seu lado ouviu-se um ruido de passos e o marido de D. Antonia de Mello, o desembargador que vinha entrando agarrava o cartão e apresentava-o ao Pina Manique dizendo:

— Pertence a sua excellencia?

E elle com os olhos dilatados pegou no bilhete e deixando escapar um grito, bradou:

— Oh! Era um pedreiro livre! Era um pedreiro livre!

Olhava sempre o papel onde se via o emblema maçonico, o compasso e o esquadro entre os quaes o olho de vigilancia se mostrava e em baixo como divisa esta phrase latina:

Transire bene faciendo!

O desembargador ao ouvir falar em maçons, persignava-se devotamente olhando o intendente cada vez mais perturbado por que lhe succedia e murmurando ainda:

— Um pedreiro livre? Ah! E eu... eu que o deixei escapar!

E não despegava os olhos da divisa, repetindo:

— *Transire bene faciendo!* (*)

(*) Fazer bem até morrer!

V

O estafeta

Maria Benedicta tamborilava com os dedos nas vidraças das janellas dos seus quartos, olhando a chuva que cahia em fortes bategas.

Na sua rectaguarda, D. Maria da Penha com um ar melancholico, n'uma extranha abstração, seguia o olhar da princeza real e de quando em quando abafava um suspiro.

A viuva do principe D. José, voltou-se de repente e exclamou:

— Ah! Estavas ahi, Maria da Penha.

— Sim, real senhora... volveu a dama que dava sempre á princeza aquelle tratamento.

— Pensavas sem duvida em teu esposo...

— Sim... Em Vasco... murmurou ella. Já ha muito que não tenho noticias, interrogo-me constantemente desejosa de saber o que se passa, porém tenho de soffrer resignadamente o meu martyrio... Nem uma carta, nem uma simples palavra!

— E a pobre senhora enxugava as lagrimas que lhe cahiam lentamente pelo rosto.

— Mas como querias noticias? Não sabes que elle anda na guerra com os turcos, e que da côrte de Catharina II a Portugal é muito longe...

— No emtanto esse estafeta que chegou para sua magestade deve saber alguma cousa.

— O quê? Um estafeta de Catharina II.

— Sim, real senhora...

— Mas onde se encontra elle?

— No palacio, desde ante-hontem...

— Sem falar a pessoa alguma?

— Decerto, pois que o não entendem e sua magestade não recebe ninguem ha oito dias... Deve trazer credenciaes em francez, talvez que me pudesse dizer alguma cousa de Vasco... Oh! E o pobre filhinho ficará sem pae...

D. Maria da Penha, recordou-se então muito d'essa creança que os seus affazeres junto á princeza não lhe permittiam ter a seu lado e chorou com grande desespero commovendo muito a viuva de D. José, que murmurou:

— Oh! A vida é o peior dos castigos! Mas Maria porque não trazes teu filho para o paço?!... Que edade tem o pequenino Vasco...

— Quatro annos, senhora... O pae não o conhece...

— Descança.. Farei com que esse estafeta fale.

— Vossa alteza?

— Sim...

— Porém, como?

— Vaes vêr...

E D. Maria Benedicta entrando no aposento contiguo dirigiu-se a uma dama que além se encontrava conversando com um fidalgo, e que ao vêrem a princeza se ergueram respeitosamente.

— Ah! Esperava encontral-o, senhor marquez d'Alorna...

— Em que vos posso ser util, senhora...

— Sabia que estavas em Salvaterra e que não deixareis de visitar vossa irmã... e ella apontava a dama, uma mulher alta de perfil realengo, muito magestosa e que as chronicas da epocha tratavam como uma grande poetisa.

— E como está a marqueza, vossa esposa? interrogou a princeza.

— Henriqueta?! Oh! O melhor possivel, alteza... E agradeço-vos o interesse...

— Interesso-me por todos aquelles a quem os meus amigos amam! Eu isolada no meio da minha familia, tenho que procurar as affeições entre os extranhos... A rainha fecha-se nos seus aposentos, meu cunhado cada vez mais taciturno mal me fala e emquanto a essa Carlota Joaquina...

— Conspira! exclamou seccamente a senhora de Alorna.

— Oh! Não o digaes em voz alta, minha boa Leonor d'Almeida supplicou a princeza.

— E porquê, alteza?

— Porque os espiões...

— Irão dizer a Carlota Joaquina que eu a accuso, não é assim? Mas que tem isso? Serei capaz de o escrever! E no dia em que não quizerem receber-me na côrte saberei o caminho da patria de meu marido...

— Vosso esposo! Ah! E' um extrangeiro, não é verdade?

— Sim, alteza!

— De que nação?

— Prussiano.

— Ah! Do paiz alliado com Catharina da Russia?

— Decerto...

— Oh! Minha boa Leonor é que acaba de chegar um estafeta russo...

— A quem vossa alteza queria interrogar...

— Não por mim, mas por essa pobre D. Maria da Penha e Miranda...

— A esposa do amigo de Gomes Freire?! perguntou a senhora d'Alorna.

— Sim, a esposa de Vasco! Mas que lhe succede, alteza? perguntou por seu turno o marquez um pouco assustado.

— Succede que não tem noticias do esposo...

— Ah! Do meu pobre Vasco... Mas não dizeis que está ahi um estafeta?

— Aguardando que a rainha lhe fale...

— Interrogal-o-hemos! bradou apressadamente o marquez.

— Para isso contava com o esposo de vossa irmã...

— Oh! Mas senhora... O conde não conhece a lingua russa!

— N'esse caso nada pudemos fazer! Oh! E essa pobre senhora que tanto soffre... Por ella e pelo filhinho...

— Um filho! volveu D. Leonor. Oh! Eu tambem sou mãe e comprehendo essas dôres... A minha pequenina Juliana conta apenas cinco annos, mas cinco annos para mim todos de inquietações e cuidados... Tenho medo d'aquella creança...

— Calcule pois o que será a dôr de Maria de Penha...

— Mas ha um meio! bradou de repente o marquez d'Alorna.

— Para quê?

— Para falar a esse estafeta e saber noticias de Gomes Freire e de Vasco de Miranda...

— Que meio...

— Por intermedio d'alguem que eu conheço e que está em Lisboa...

— Quem é?...

— O conde de Romazoff... O ministro russo...

— Oh! Tenho-o interrogado mil vezes acerca d'esses dois portuguezes que servem no exercito da sua soberana e até hoje nem a minima noticia... Não se communica assim com um campo de batalha!

— Mas n'esse caso...

— Que fazer?

— Conduzirem-me á presença d'esse correio! exclamou n'este momento uma voz, ao mesmo tempo que apparecia um homem de grande distincção curvando-se ante a princeza.

— Mas quem sois vós? interrogaram as duas damas emquanto Alorna estremecia ao ouvir aquella voz.

— Um simples fidalgo, senhoras!

— E conheceis o idioma russo?

— Falo todos os idiomas...

E elle collocava a mão no peito n'um signal que fez estremecer o marquez ao ouvir o desconhecido dizer:

— E o senhor d'Alorna o póde affirmar... Elle vos póde dizer se fala ou não verdade o conde de Stephens!

Só então o marquez reconheceu José Balsamo, olhou bem de frente e exclamou:

— Na realidade assim é, senhora...

— Mas como conduzir aqui esse correio?

— D'uma fórma bem simples...

— Como...

— Basta apenas mandal-o chamar da parte de sua alteza!

D. Maria Benedicta, então voltando-se para o marquez, pediu:

— Quereis fazer-me esse obsequio, meu caro d'Alorna?

— Mas estou ao dispôr de vossa alteza, replicou elle sahindo do aposento, emquanto a princeza dizia para o grão-mestre da maçonaria:

— Sentae vos senhor...

Elle tomou logar n'uma poltrona com toda a galhardia d'um individuo habituado á côrte de Versailles e tomando uma pitada d'uma caixa d'ouro cravejada de brilhantes, murmurou algumas palavras de cumprimento á princeza.

A sr.ª de Alorna olhava a caixa que José Balsamo segurava ainda entre os dedos e exclamava:

— Oh! E' uma maravilha pois a vossa caixa, senhor conde!

E com effeito ficava arrebatada ante o intenso fulgor das pedrarias habilmente dispostas, ante os lavrados da formosa obra.

— Ah! Tem graça.... Esta caixa foi um presente de Poniatowski.

— Quem é?

— O rei da Polonia!

Ellas soltaram ambas um grito ante o nome d'esse rei que lhes recordava uma horrivel historia, e interrogaram:

— Mas conheceis o rei da Polonia, sr. conde?

— No tempo de Pedro III, o czar fallecido... O marido de Catharina II de quem elle era o favorito. A czarina assassinou o esposo para dar um throno ao amante! Eu vi essa pobre Polonia esmagada pelas hostes russas de Moscow e da Petersburgo... Assisti á dieta de Varsovia... Era amigo do favorito da imperatriz, e mais tarde obstei a que morressem vinte polacos da maior nobreza accusados de conspiradores!

As damas olhavam admiradas aquelle homem singular que assim falava de todas aquellas cousas no tom mais natural do mundo, como se tratasse de qualquer facto banal occorrido n'um salão.

Iam interrogal-o curiosamente, queriam saber pormenores mas n'este momento a porta abria-se e um homem envolto n'um casaco forrado de pelles, a cabeça rapada a dar-lhe um tom extranho, calçando botas de montar e revolvendo na mão um gorro de lontra, appareceu muito hirto no limiar, seguido pelo marquez de Alorna.

— O estafeta russo! exclamou o marquez.

José Balsamo ergueu-se, estendeu lhe a mão e bradou em russo:

— Vem de Moscow?

— Sim da côrte da minha soberana, replicou elle olhando o interlocutor que se exprimia admiravelmente

— Traz cartas para sua magestade!

— Sim para a vossa rainha que não me recebeu!

— Dizei-me: está muito accesa a guerra com a Turquia.

— Temos vencido sempre... A imperatriz quer o protectorado da Moedo-Valachia.

— E espera desmembrar definitivamente a Polonia?

— Sim! bradou elle admirado.

— E Poniatowski!

— Um infame! retorquiu abertamente o estafeta.

— Porque o chamaes assim?

— Eu sou polaco, senhor...

— Vós polaco? E servis a Russia...

— Combato os turcos! Sou official dos regimentos da Polonia. Agora Catharina II enviou-me a correr a Europa a obedeci porque prefiro isso a assistir ao desmembramento do meu paiz... Que rem-no partilhar com a Prussia. . Frederico II de ha muito que o deseja! E nós não podemos por agora revoltar-nos! Somos fracos, mas o céu nos dará força... Porém que desejaes de mim? pergun tou elle muito admirado.

— Conheceis na Russia algum portuguez!

— Um official! Oh! Um heroe! bradou elle no auge do arrebatamento.

— Quem é?

— Gomes Freire de Andrade! Este nome atravessa hoje as fileiras russas como o d'um heroe sublime e grandioso... Combate com o denodo d'um leão, lembra um guerreiro d'outras eras e no exercito é querido por todos...

Vi esse homem no dia de sua maior alegria... A Czarina collocava-lhe ao pescoço o habito de S. Jorge e dava-lhe o commando da sua guarda apesar de elle ser um estrangeiro! De todos os que combatem nas fileiras russas é o unico que ama a minha Polonia.. Um dia dizia-o no acampamento...

— Elle?!

— Sim... Que fôra á Russia para combater turcos mas que a sua espada jámais serviria para retalhar a infeliz Polonia! E' um grande militar o coronel Gomes Freire! Agora marcham para desalojar os infieis e espero que elle se cubra n'essa acção da mais legitima gloria!

José Balsamo ia traduzindo as palavras do estafeta e nos olhos do marquez d'Alorna passavam successivos clarões de jubilo ao ouvir a apologia do seu amigo feita por aquelle estrangeiro.

Era o nome portuguez soando aos ouvidos dos extranhos, engalanado e ennobrecido pelo valente official a quem uma imperatriz offerecia postos e condecorava, proclamando-o um dos primeiros militares da sua epocha e dando-lhe o commando das guardas imperiaes.

Nos olhos de todos os présentes brilhavam lagrimas, quereriam que a nação inteira pudesse ouvir as palavras traduzidas por José Balsamo afim de glorificarem o heroe.

Ao cabo de alguns momentos, a princeza, como se lembrasse a subitas do verdadeiro motivo porque tinham chamado o estafeta aquella sala, disse:

— Senhor de Stephens, interrogae-o acerca de Vasco de Miranda.

Feita a pergunta, o polaco pareceu invocar as suas recordações e de seguida volveu:

— Portuguez tambem?

— Sim... Um companheiro de Gomes Freire!

— Não... não me recordo! volveu elle.

E ao ser traduzida aquella resposta, ficaram todos como paralysados, ouvindo ainda José Balsamo repetir as palavras que o enviado ia pronunciando:

— Não conheço na Russia nem no exercito senão um portuguez. E' Gomes Freire! Com elle não anda nenhum compatriota! Talvez que nos anteriores combates tivesse perecido... Tem ficado muitos mortos nos campos...

A princeza soltou um grito ao ouvir o conde pronunciar aquellas palavras e ao vêr á porta D. Maria da Penha que bradava:

— Oh! Sim... Morto! Morto! O meu Vasco... o meu querido Vasco!

E cahia desamparada nos braços de D. Maria Benedicta como se na realidade tivesse a certeza d'aquella morte que o outro não annunciava cathegoricamente.

O estafeta olhou-a com grande pena e ante as explicações que José Balsamo lhe dirigia exclamou:

— Oh! Mas não sei cousa alguma de positivo acerca d'esse senhor...

No seu rosto firme de soldado desenhou-se um grave desespero e ia preferindo palavras de conforto no idioma polaco, sentindo muito aquella dôr da joven.

Mas n'este momento a porta abria-se e um creado dizia:

— Encontra-se n'esta sala o estafeta de Sua Magestade Catharinha II?

— Sim, é este senhor... volveu o marquez d'Alorna apontando o polaco que continuava a murmurar as suas palavras de conforto.

— E' que sua excellencia, o senhor sub-secretario d'estado Luiz Pinto de Sousa Coutinho quer recebel-o...

Transmittidas estas palavras pelo grão-mestre ao enviado, elle, fez uma venia respeitosa, dirigiu-se para a porta depois de ter apertado a mão ao conde de Stephens, exclamando ainda:

— E' um heroe o vosso Gomes Freire!

— Alorna trocou algumas palavras com o conde e de seguida disse-lhe em voz alta:

— Esse fidalgo não se poderia encarregar d'uma comunicação para o meu amigo.

— Que desejaes marquez... Eu mesmo me encarregarei d'ella!

— Vós?

— Sim...

— Mas... Partis?

— Dentro em oito dias saio para a Russia onde me encontrarei com o nosso heroe! Agradeço-vos até se quizerdes pôr em relação com elle!

Sahiram então ao lado um do outro emquanto o estafeta seguia o creado e foi então que José Balsamo ao despedir-se do marquez, na volta d'um corredor encontrou o bobo da rainha que bradava ainda um cumprimento sarcastico ao bispo do Algarve.

Inteirava-se do succedido, e travava de seguida a sua conversação com o intendente.

Na sala as duas senhoras animavam D. Maria da Penha que recuperava os sentidos, e que ainda muito pallida, deveras agitada, dizia:

— Vasco... Vasco... Oh! Eu advinhara-o... Eu advinhara-o...

— Mas D. Maria da Penha... minha amiga... dizia-lhe a princeza n'um tom carinhoso.

E ella erguendo-se n'uma crise nervosa, exclamava:

— Sou agora só para educar meu filho! Sou agora a mãe que tem deveres muito sagrados... Quero sahir do paço para ir educar, para ir velar pelo meu pequenino Vasco...

Acariciavam-na, buscavam acalmal-a mas a dama proferia sempre as mesmas palavras vertendo copiosas lagrimas.

A princeza e a marqueza d'Alorna choravam tambem.

E de fôra vinha o ruido de chuva batendo nas vidraças e ouvia-se a voz d'um pregoeiro exclamar por entre rufos de tambores:

— E' convidada a côrte por ordem de sua magestade, a assistir hoje ao espectaculo no real theatro de Salvaterra!

— Ah! O espectaculo! O espectaculo! murmuraram as duas senhoras muito nervosas ao ouvirem aquelle convite para uma festa no meio de tamanha dór.

E nem sequer imaginavam que essa rainha a qual no dizer do pregoeiro do paço convidava a sua côrte, aquella mesma chorava tambem convulsivamente, murmurando como louca:

— O inferno! Os Tavoras... Oh! O inferno!...

E o bispo do Algarve ia preparando o espectaculo no palco como o preparara na côrte.

VI

O theatro da vida

CHEGARA finalmente a noute.

José Maria de Mello apeara-se d'uma liteira á porta do paço real de Salvaterra e passara por entre os cortezãos que lhe beijavam o annel, pedindo-lhe ao mesmo tempo noticias da sua viagem.

E elle affectando grandes canceiras, quando não passara da villa, dizia ao marquez de Marialva:

— D. Diogo, meu muito querido amigo, como está sua magestade?

Perguntou aquillo n'um tom tão sinceramente natural, que o intendente da policia que se acercava hesitou em acreditar na revelação que lhe fizera ha pouco o pedreiro livre, e murmurou:

— Oh! Comprehendo, queriam desviar as minhas attenções dos infames maçons para as intrigas suppostas do bispo...

Marialva, n'um ar contristado, dizia:

— Ah! Senhor bispo, ainda bem que chegaste...

— Mas o que se passa? interrogou elle n'um tom de grande anciedade que ainda mais dispoz Pina Manique em seu favor.

— Sua magestade ha oito dias que está encerrada nos seus aposentos sem mesmo querer receber os seus ministros...

— Nem mesmo deu audiencia ao estafeta russo! Tive de o receber eu proprio! exclamou Luiz Pinto, o encarregado dos negocios estrangeiros beijando o annel de sua grandeza.

— Por Deus! Sua magestade entrega-se demasiadamente ás suas

praticas devotas, volveu o bispo do Algarve n'um ar penalisado, interrogando de seguida:

— E que diz o phisico da real camara...

— Digo, grandeza, que sua magestade padece d'uma grave doença nervosa... exclamou Bruno de Lacerda apresentando-se em frente do bispo.

— Oh! Mas é necessario impedir os progressos d'essa doença... volveu o jesuita trocando um olhar com o cumplice.

— Aconselhei-lhe distrações... disse o physico. E hoje mesmo sua magestade assistirá á recita no real theatro de Salvaterra!

— N'esse caso preciso vêr sua magestade! disse o bispo, accrescentando:

— Se o senhor physico não encontra n'isso inconveniente...

— Algum, grandeza... O ponto está em que sua magestade vos receba... disse elle com o mesmo olhar d'entilligencia.

José Maria de Mello, não respondeu... Fez uma venia aos fidalgos e dirigiu-se rapidamente para os aposentos.

D. Maria I, estava sentada no sophá n'uma attitude scismadora, a fronte baixa, nos olhos uma intensa melancholia, n'uns ares de lypemaniaca, sem pronunciar palavra e parecendo nem ter dado pela entrada do seu confessor.

Este dardejou sobre a soberana um olhar magnetico e exclamou:

— Boa noute, real senhora!

Olhou-o com a mesma placidez, como se não o reconhecesse affirmou mais a vista e murmurou:

— Oh! Aquelle reinado! O meu filho... Está no ceu!

O bispo não escutou estas palavras, avançou para ella e em tom authoritario exclamou:

— E' necessario que assistaes ao espectaculo...

— Ah! Ao theatro... Não... não quero! bradou como horrorisada.

— E' preciso obedecer, pela salvação da vossa alma...

— Não quero... não quero...

— E que espereis então na vida futura desde que recusaes obedecer ao vosso confessor? Já vos esquecesteis de receber os vossos ministros?

— Não... não... não quero! replicou ella.

— Senhora! E' necessario rehabilitar os Tavoras! bradou elle com furia.

— Ah! Os Tavoras! os Tavoras! gritou ella espavorida fugindo para o fundo do aposento.

E o bispo do Algarve aquelle homem ambicioso que tinha um fim desde ha muitos annos, que se impuzera pela cabala e pela intriga, avançou de novo para a rainha e em voz terrivel e abafada, sibillando extranhamente as palavras, começou:

— Sim... Os Tavoras! É preciso, quero eu que lhes faças justiça! Teu pae assassinou-os pelo braço do seu carrasco! O patibulo de Belem escutou os gemidos das victimas immoladas á vingança fera d'um atheu, do peor dos impios... Nas minhas veias corre o mesmo sangue que teu pae derramou com a sua chancella real, mais homicida que o cutello e que o garrote! Ouve Maria I... Ou rehabilitas a memoria dos meus parentes, ou me restitues os bens que os Braganças incorporaram nos beneficios da sua casa real ou então eu proprio, rainha sem vontade e sem força, te agarrarei no braço para que assignes esses decretos!

Era terrivel ao falar assim ao dirigir-se á soberana que o escutava cheia de terror, sacudida de estremecimentos com olhares de louca.

Elle continuava:

— Logo, pela noute velha, á sahida d'esse theatro onde irás, porque é preciso que fales aos teus ministros, aqui n'este mesmo logar, eu o inquisidor de Portugal, saberei cumprir a minha promessa se te esqueceres da tua!

Então em passo firme, de cabeça erguida, dirigiu-se aos seus aposentos, dizendo de passagem á dama de serviço:

— Ide vestir sua magestade para o espectaculo.

Depois José Maria de Mello, com um sorriso rancoroso sahiu de novo e entrou nos aposentos de Carlota Joaquina.

A princeza ao vel-o, ergueu-se do sophá onde estava estendida junto de D. Antonia de Mello, a favorita, e correndo para elle exclamou:

— Já voltaste? Oh! E eu que tenho tanto para vos dizer...

Tomou o seu ar frio de homem habituado ás luctas, e volveu:

— Voltei? Oh! Alteza eu nunca parti...

— O que? interrogou ella cheia d'assombro.

— Sim... Para a côrte estive no convento das Necessidades cumprindo uma promessa, mas para vós...

— Onde ficasteis?

— Nos aposentos da rainha!

— Durante oito dias?

— Sim, durante o tempo necessario para enfraquecer aquelle corpo com jejuns...

— Ah! bradou aterrada, D. Antonia de Mello.

Carlota Joaquina apenas volveu um olhar interrogativo para o prelado, dizendo:

— Se isso vos foi util...

— Util? Mas era necessario, replicou elle, accrescentando:

— Vós, alteza, pouco a pouco com o meu auxilio e com o da Companhia, conseguisteis passar de simples princeza a futura rainha... Para isto temos duas mortes na consciencia... Esmagasteis uma rival que vos insultara... Pela morte de D. José, foi vosso esposo, o herdeiro do throno passasteis assim sobre D. Maria Benedicta, calcastei-lhe o orgulho... Porém com a vossa nova posição de futura rainha nada lucrou por emquanto a Companhia...

— Era d'isso que vos queria falar...

— O quê? Da Companhia? bradou elle, dizendo de seguida:

— Já me communicais os vossos planos... Por agora ouvi:

— Perseguimos muita gente, fizemos intrigas, geramos cumplices, temos uma tremenda vingança a exercer nos nossos inimigos... Em Gomes Freire, em Vasco de Miranda, em Alorna, em todos elles! Mas perdiamo-nos no labyrintho intricado creado por nós proprios... O golpe de mestre... O meu verdadeiro fim ainda não está conseguido... A Companhia não voltou, ainda não queimamos hereges nos autos de fé, e o Tavoras não foram rehabilitados!

— Mas onde quereis chegar?

— Ao meu encerramento com a rainha... Ao jejum que lhe impuz, ás palavras que lhe disse, ao acto de força que estou decidido a praticar, se ella ainda assim recusar satisfazer os nossos ou antes os meus desejos!

— Um acto de força?

— Sim... Eu proprio obrigal-a-hei a traçar a sua assignatura n'esses dois decretos de que careço! Que me importa vêr a rainha de joelhos a meus pés? Por acaso os meus antepassados não estive-

ram tambem nas mãos do carrasco? Que me importa as torturas inflingidas a uma soberana? Acaso os padres da Companhia não soffreram o horrivel martyrio... E depois é ella que assim o quer! Restabeleça-nos e ajudal-a-hemos a reinar!

— Bispo... Não quero! Serei eu que reinarei e muito breve! gritou a princeza tendo umas scentelhas raivosas nos olhos negros.

— Vós sim... Mas a rainha ainda está viva...

— Escutae... Recebi ha duas noutes um emissario da côrte de Hespanha... O partido catholico oppõe-se á politica do conde de Florida Blanco e espera o restabelecimento da Companhia de Jesus em Portugal para dar plenos poderes, como outr'ora, aos jesuitas de Hespanha... A religião deve triumphar aqui como no meu paiz! Esse mesmo emissario, o conde de Stephens, membro de confiança do chefe catholico, é um italiano que vem de Roma recommendado pelo Santo Padre... Falámos e elle aconselhou-me em nome da minha familia! Disse-me que os acontecimentos de França todos esses sacrilegios que se vão exercendo na familia real terão ainda um peor fim, e mostrou-me que era necessario tomar aqui uma extrema resolução...

— Mas que quer esse conde de Stephens?

— Quer que meu marido suba ao throno!

— Para restabelecer a Companhia não é assim?

— Assim o julgo! Pelo menos são as suas intenções... Tenho poder como sabeis no animo do principe, leval-o-hei a tudo principalmente desde que seja demittido o intendente da policia...

— O intendente?

— Sím porque elle faz um jogo contrario ao nosso...

— Ah! Porém agora persegue mais os pedreiros livres!

— E' um ardil!

— Como um ardil?

— Sim... Faz constar essas perseguições para melhor espionar os movimentos da Companhia... Depois, vejamos, que tem elle feito contra os maçons?

— Perseguiu alguns poetas, expulsou alguns cidadãos francezes e denunciou o consul americano...

— Gente a quem odeia e de quem se vinga!

— E' possivel! bradou o bispo aterrado, accrescentando logo:

— Oh! Mas isso é muito habil...

— O conde de Stephens tem a certeza d'isso...

— Mas que especie d'homem é esse conde?

— Um homem que tem a confiança de todos os governos desde a Santa Sé até á de Frederico II da Prussia, o amigo dos philosophos!

– Mas n'esse caso é um elemento precioso...

— Deveras precioso, pelo seu muito saber...

— Porém n'esse caso, alteza, é preciso dar o golpe decisivo, restabelecer a Companhia na peninsula...

— No dia seguinte ao da minha subida ao throno!

— Proporcionar-vos-hei essa alegria bem cedo! bradou elle com um ar sinistro, concluindo:

— Após a rehabilitação dos Tavoras que será o ultimo acto de D. Maria I.

— Se ella não acceder a essa rehabilitação eu vol-a darei...

— Não, alteza, é preciso que seja D. Maria I que o faça... Assim será tomado por um acto de justiça d'um filho que reconhece o crime do pae...

— E dada por mim?

— Seria vista como um favor da rainha Carlota Joaquina ao bispo do Algarve, inquisidor-geral...

— E superior dos jesuitas em Portugal, porque é a vós que está destinado sem duvida esse glorioso papel!

— Elle córou de prazer e de seguida, n'um ar grave e sereno, disse:

— Real senhora dentro em um mez sereis rainha!

— Um mez!

— Sim... Estamos hoje no 1.º de fevereiro, no dia primeiro de março, sereis acclamada.

— E D. Maria I...

— Bruno de Lacerda, a fará dormir no mosteiro de S. Vicente de Fóra, ao lado dos seus antepassados! E' este o ultimo acto da nossa tragedia que a vós dará um throno; a mim o triumpho da Companhia de Jesus e o esplendor do nome dos Tavoras!

— Seja! bradou arrebatadamente a futura rainha, estendendo-lhe a mão e correndo a beijar D. Antonia de Mello.

O bispo sahiu então lentamente, com um sorriso á flôr dos labios e dizendo:

— Tem razão esse conde de Stephens .. O intendente precisa a paga dos seus serviços!

E agora esse jesuita habil e ardiloso, deixava-se levar na intriga urdida por José Balsamo que a coberta d'obstaculos desejava implantar a maçonaria em Portugal.

A princeza começava a beijar a sua favorita e a subitas dizia-lhe:

— Ah! Ajuda-me a vestir para o espectaculo. . Quero ir muito formosa... Quero que o estejas tambem... Carecemos de esmagar essa D. Maria Benedicta e essa D. Maria de Penha que apesar de todo o amor do marido vive ahi abandonada na côrte!

— Como uma viuvinha! E elle farto dos seus beijos, anda em aventuras!

A aia tinha despido a princeza.

O corpo moreno, d'umas linhas esculpturaes, mostrava-se d'um nu soberbo nos hombros e nos braços, e ella em face do espelho contemplava-se embevecida, emquanto a dama a contemplava tambem.

Estava como apaixonada pelo proprio corpo e deixava-se além ficar n'uma extranha abstracção, analysando-se.

No aposento contiguo alguem caminhava levemente sobre os tapetes e vinha collar os olhos á fechadura.

O principe D João, louco de lubricidade, espreitava a esposa como um rustico e estremecia de raiva ante aquelle bello corpo que se lhe negava sempre, e que D. Antonia de Mello beijava livremente.

Depois viu que ella se vestia pouco a pouco, assistia ao cobrir d'essa carne latente de desejos, e via agora uma outra mulher cheia d'altivez relanceando para o espelho o mais soberano dos olhares

E elle assim d'aquelle modo como do outro sentia-se devorado de paixão, sentia o estonteamento d'um noviço ao apparecimento do peccado, o arrebatamento d'um frade tentado aos prazeres carnaes e que aplacasse os desejos com os cilicios.

Mas D. João, esse homem obsecado pelo perfume forte d'aquella carne de mulher embriagante como um vinho capitoso, definhava-se e no auge do desespero amaldiçoava a politica que o unira á hespanhola, que o obrigava a esquecer a propria dignidade de principe, de futuro rei, e o levava a espreitar ás portas como um lacaio.

Tinha por ella a paixão e a raiva, o odio e o carinho, enojava-o

com os seus amores extranhos e attrahia-o com os seus olhos negros d'um extravagante fluido, perturbador como um filtro de feiticeria.

E ao perder se nos corredores do paço, elle, murmurava ao vêr os pares ditosos que se dirigiam ao espectaculo:

— De que serve ser principe! Oh! O bobo... O bobo é muito mais feliz!

E seguia com a vista D. João de Falperra que beliscava o braço d'uma loura e lepida creadinha d'uma sécia.

VII

O fim da vingança

Pina Manique estremeceu no seu camarote que ficava em frente do da rainha, que n'uma grande abstração olhava o palco, e erguendo-se rapidamente, sahiu para o corredor, dizendo ao chefe da sua policia:

— Lopes Cardoso: Vês aquelle homem que alem está?

E pela pequenina porta entreaberta indicava José Balsamo que entrara no camarote da condessa de Pombeiro.

Era uma senhora loura, d'uma esplendida carnação rosea e lactea aquella condessa. Os seus olhos d'um azul celeste fixavam-se no palco onde começava o mais extravagante dos bailados ao passo que o conde de Stephens passando distrahidamente a mão enluvada na carapinha da pequenina negra que a fidalga possuia como n'uma manifestação de luxo que a rainha puzera em voga, olhava o camarote da soberana que muito pallida, os labios n'um tremor não dava a menor attenção ao êspectaculo.

O chefe da policia, olhou-o perante a indicação do intendente e volveu:

— Vejo sim excellencia...

— Conhecel-o?

— Não, excellencia...

— Pois sabe que é um pedreiro livre!

— Um maçon? bradou o antigo corregedor no auge do espanto.

— Trata-se d'um caso de maxima gravidade !

— Sim... Eis a prova... e Pina Manique mostrava ao seu subordinado o papel que José Balsamo propositadamente lhe deixara cahir aos pés.

— Mas é necessario tomar uma resolução!

— Decerto... Prendel-o-has... Mas deixa-me primeiro ir ao camarote dos ministros!

O intendente dirigiu se apressadamente para o logar indicado e onde se via Martinho de Mello, ao lado de Luiz Pinto de Sousa Coutinho (*).

Os secretarios de estado voltaram-se rapidamente á entrada do intendente, e nos olhos d'ambos houve uma interrogação.

Elle, muito contente, vendo que ia dar uma grande nova aos ministros que tanto como elle odiavam os maçons, disse:

— Trata-se d'um caso da maxima gravidade!

— Que foi? Que foi? interrogaram ambos sobresaltados.

— Tenho na mão um terrivel pedreiro livre e careço de o prender!

— Mas porque o não faz meu caro intendente? perguntou Luiz Pinto, d'um modo rapido relanceando um olhar para o palco.

— Desejo a authorisação de v. ex.as...

— O que? Mas não tem procedido sempre sem nos consultar? volveu Martinho de Mello, accrescentando:

— E para demais um maçon! Oh! prenda-o, meu caro intendente, prenda-o...

— Porém...

— O que?

— Julgo-o um membro da nobreza...

— Homem mas que tem isso? E' necessario dar exemplos! Não se lembra do marquez de Pombal? exclamou Martinho de Mello que apesar de ter sido um grande inimigo do ministro de D. José, buscava imital o.

— Bem, prendel-o-hei! volveu radiante, Pina Manique.

Mas n'este momento via que os dois ministros se inclinavam com respeito, olhando o camarote de Carlota Joaquina onde José Balsamo acabava de entrar.

Beijara a mão a D. João e a princeza voltara-se graciosamente a

(*) Depois visconde de Balsemão.

conversar com elle ao passo que o duque de Lafões, sentado na platéa lhe sorria com um ar de intimidade.

Pina Manique, fez-se livido ao vêr o maçon no camarote do principe herdeiro e dirigindo-se aos ministros, exclamou:

— Razão tinha eu em consultar v. ex.as, porque esse desconhecido parece ter um grande valimento na côrte...

— Quem é esse homem? perguntou rapidamente o secretario dos negocios extrangeiros

— E' um homem alto, pallido, de grandes olhos negros, e que acaba de entrar nos camarotes de suas altezas.

Duas gargalhadas se ouviram sahidas dos labios dos ministros emquanto o intendente os ficava encarando muito confundido, murmurando:

— Mas de que riem, v. ex.as?

— Oh! Prender o conde de Stephens? Elle um pedreiro livre! Mas, senhor intendente, v. ex.a vê pedreiros livres em toda a parte... D'aqui a pouco accusa-se a si proprio d'esse crime! Chasqueou Martinho de Mello.

— Mas juro-lhes, excellencias, juro-lhes! volveu elle no auge do furor.

— Senhor intendente, saiba que o conde de Stephens é um enviado secreto de sua magestade Frederico II... disse-lhe em voz baixa Luiz Pinto d'um modo sobranceiro.

— Mas é um maçon! Para demais é enviado d'esse rei que protege os philosophos e que foi amigo do senhor de Voltaire... Senhores ministros esse homem vem fazer atheus ao nosso paiz...

— O senhor é o intendente da policia não é verdade? perguntou Martinho de Mello, com certo desdem.

— Mas certamente, excellencia!

— N'esse caso proceda como entender!

— Não isso não... obstou o secretario do extrangeiro. Se der causa a um conflicto diplomatico não é o senhor intendente que o resolve... Se o conde fôsse um francez perfeitamente d'acordo porque eu odeio esse povo e contaria com o auxilio da Inglaterra e da Hespanha para o esmagar, mas com a Prussia! Oh! senhor intendente, lembre-se que Frederico II é alliado de Catharina da Russia.

— Então devo deixar em liberdade o maçon? perguntou elle deveras irado.

— Peça authorisação de sua magestade!

— Pedil-a-hei senhores! bradou elle impavido na sua grande raiva aos pedreiros livres, sahindo do camarote e dirigindo-se para a tribuna real.

D. Maria I, continuava na sua grande melancholia de lypemaniaca e tinha a seu lado a princeza viuva e o marquez de Marialva.

Pina Manique, curvou-se ante a soberana que nem sequer o olhou e disse:

— Real senhora...

— A rainha ficou na mesma immobilidade, sentindo um vacuo no cerebro, recordando-se de todas as commoções soffridas assim como n'um tempo muito distante e estremeceu ao sentir que o marquez de Marialva lhe tocava no hombro muito respeitosamente, a chamar-lhe o uso da memoria:

— E' o sr. intendente da policia...

Volveu para elle um olhar desvairado e murmurou:

— Sim... sim...

— Real senhora, desejo uma ordem que emane directamente de vossa magestade... Trata-se d'um caso grave... Está entre nós um fidalgo que faz profissão de maçon... Protegido por credenciaes, os ministros temem a sua prisão, mas para gloria de vossa magestade e bem do reino, careço de prender esse homem embora seja apenas para o pôr na fronteira...

— Um pedreiro livre, aqui? bradou assustada D. Maria Benedicta.

— Um maçon?! exclamou o marquez de Marialva. Mas sua magestade não póde oppôr-se a essa prisão.

A rainha parecia não ouvir cousa alguma, olhava o tecto do theatro nos seus ares extranhos de lypemaniaca e n'um repente, murmurou muito baixinho:

— O inferno... o inferno... Assignarei... assignarei ..

O intendente não ouviu as palavras da soberana, e interrogava-a ainda com o olhar cada vez mais admirado da sua extraordinaria attitude.

No camarote fronteiro, José Balsamo, dardejava sobre ella o seu olhar e nos labios tinha um extranho sorriso, como se estivesse ouvindo as accusações do intendente que continuava:

— Concedeis-me a permissão para deter esse homem, não é assim real senhora?

— Quem é... quem é? perguntou ella como se fizesse um grande esforço de memoria, e accrescentando de seguida:

— O Tavora... o Tavora mas sim... sim... Que não o veja mais... Tenho medo!

D. Rosa a negra favorita que estava sentada aos pés da soberana, lançou um olhar para a porta esperando vêr apparecer o bispo do Algarve, emquanto os outros espectadores d'esta scena ficavam como abysmados ante a incoherencia da resposta real.

E D. Maria Benedicta, sempre inconsolavel no seu lucto, muito agitada pelo soffrimento da sua dama de honor, ante aquellas palavras da rainha tornava-se livida e apenas perguntava ao intendente:

— Mas quem é esse homem?

— Um tal conde de Stephens! Encontra-se n'este momento no camarote de D. Carlota Joaquina! disse o intendente buscando captar a sympathia da princeza para a sua obra.

— Conde de Stephens? exclamou ella. Oh! Que quereis fazer, senhor?

— Mas prendel-o, alteza! volveu elle com grande energia.

— Oh! Prendel-o?

— Sim, e porque não o farei?

— Prender o conde de Stephens, mas não sabeis então que esse grande fidalgo é um amigo do rei da Polonia? perguntou a princeza com certa indignação, continuando:

— Informae-vos com o marquez d'Alorna que o conhece... Falae ao duque de Lafões que lhe dava ha pouco o braço, dizei á nobreza que elle visitou, dizei-o até mesmo a sua magestade a quem pediu uma audiencia...

— Quem... quem... O Tavora... murmurou a rainha muito obsecada por aquella unica ideia.

— Não real senhora, o homem que vem espalhar o atheismo em Portugal!

— O atheu! O atheu! Elle! E é bispo! murmurou D. Maria I dando agora evidentes signaes de desiquilibrio.

O intendente recuou, tornou-se livido bem como o marquez de Marialva e a princeza, ao ouvirem n'a agora, dizer n'um tom imperioso:

— Não o quero vêr mais... Prenda o... prenda o... sr. intendente!

Pina Manique comprehendeu que o delirio se apossara da soberana, no emtanto, como se o não tivesse percebido, fingindo vêr n'aquellas palavras da pobre desiquilibrada a ordem ha tanto sollicitada ia avançar para a porta disposto a ser elle o proprio que prenderia José Balsamo.

Porém a sahida foi-lhe embargada por um homem que vinha entrando e o intendente ouviu o camarista annunciar:

— O sr. conde de Stephens!

E logo uma voz muito sua conhecida, a voz de José Balsamo, exclamou:

— Boa noute sr. intendente!

— Senhor! bradou Pina Manique n'um ar grave.

— Cale-se sei o que vae dizer! respondeu José Balsamo d'um modo imperioso.

— Senhor! tornou Pina Manique sentindo-se arrastado para fóra do camarote real, e fazendo-se livido de colera.

— Sei o que vae dizer mas abafe a sua voz... Vae ordenar a minha prisão em nome de sua magestade, não é assim? perguntou elle n'um tom levemente ironico.

— Mas como o sabe? exclamou assombrado o intendente.

— Não é difficil de adivinhar, como tambem não é difficil dizer-lhe que o senhor ha-de ser uma das victimas d'esses francezes que tanto odeia...

— Mas antes d'isso vós sois meu prisioneiro! gritou Pina Manique levando aos labios um apito de prata d'onde tirou um som estridulo, e exclamando de seguida:

— Conde de Stephens, está preso em nome de sua magestade!

— Cale-se senhor! ordenou José Balsamo pela terceira vez. Não póde dar ordens em nome d'uma rainha que está louca!

— Louca!

— Sim... E victima dos jesuitas que o senhor deixou em liberdade emquanto perseguia os pedreiros livres!

— Oh! Zomba ainda de mim?! bradou Pina Manique ao sentir que os agentes de policia corriam para aquelle lado.

Mas ao mesmo tempo o bispo do Algarve apparecia no camarote de Carlota Joaquina e na sala ouvia-se um grito enorme, estri-

dente, sobrehumano, sahido dos labios da rainha que se erguia e avançava para a porta do camarote de cabellos cahidos, bradando:

— Elle! Elle! O Tavora! Oh! O inferno...

Estabeleceu-se o panico no theatro, os agentes de policia correram para a soberana assim como toda a côrte ao passo que José, Balsamo com um sorriso mysterioso, agarrando com força o braço do intendente e arrastando-o para um canto, exclamava:

— Podia matal-o n'este momento... Mas eu sou indulgente para os intendentes de policia... Deixo sempre ao povo a vingança! Prefiro em vez da morte dar-lhe um conselho, Pina Manique!

O intendente, livido de terror, deveras agitado ao ouvir o ruido, a confusão que se estabelecera no theatro, começando a encarar como um ser extranho esse homem que o segurava, disse:

— Qual? Qual?

— Deixe em paz os maçons e vigie os jesuitas que enlouqueceram D. Maria I... E agora se quer que sua magestade recupere o uso da razão e que reine mais alguns annos em vez de Carlota Joaquina que o odeia e protege a Companhia, dirija-se a um homem, o unico medico que a póde curar... Um que já tratou de um louco coroado que se chamou Jorge III de Inglaterra! Aqui tem o nome d'esse medico!

Mettia um cartão na mão do intendente e desapparecia no meio do ajuntamento que se formara á porta da casa para onde a rainha fôra conduzida entre as lamentações da côrte.

E o intendente lendo o cartão recuou espavorido.

Era inteiramente egual ao que n'essa manhã José Balsamo lhe deixara cahir aos pés e escripto á penna, lia-se ali um nome e uma designação:

Dr. Willis

Medico de Jorge III d'Inglaterra

O conde de Stephens, conseguiu então introduzir-se junto da rainha que estava estendida n'um sophá e tinha perto d'ella o physico da real camara e o bispo do Algarve, bem como Carlota Joaquina e o principe D. João que chorava desesperadamente.

O physico arregaçava a manga do vestido da soberana e preparava-se para a sangrar, tendo no emtanto grandes hesitações

além á vista da côrte que de cabeça baixa lamentava a loucura da soberana.

José Maria de Mello, olhava-a com uma expressão triumphante e Carlota Joaquina erguia a cabeça com altivez emquanto D. Maria Benedicta de joelhos ao lado de Marialva, pedia a Deus pela soberana.

José Balsamo, ao vêr a indecisão do physico, exclamou :

— Senhor: mais um minuto de demora póde ser a causa da morte de sua magestade !

O outro não respondeu como se na realidade quizesse essa morte, e então elle, n'um gesto brusco, arrancando com raiva a lanceta da mão do physico fez uma incisão na arteria do braço da soberana, d'onde começou a pingar um sangue negro e coagulado.

D. Maria I, abriu os olhos soltou um novo grito e exclamou :

— Os jesuitas ! Os jesuitas !

E José Balsamo, com extranha habilidade ligou-lhe o braço ensopando o seu lenço no sangue da rainha e guardando-o na algibeira, sahindo depois de se ter curvado em frente dos principes.

Continuava a ouvir-se os mesmos gritos da louca, da rainha que perdera o uso da razão e que era conduzida para o palacio.

O intendente da policia, muito humilde, acercava-se de José Balsamo e exclamava :

— Para quereis esse lenço manchado de sangue ?

— E' sangue real ! volveu elle com um sorriso odiento que o intendente não viu.

— Mas para que o quereis ?

— Para o mostrar ao povo e destruir assim a lenda do sangue azul ! retorquiu o mestre da maçonaria, desapparecendo no angulo do palacio real, emquanto Pina Manique, deveras assombrado ante tanta audacia, clamava :

— Ah ! E' um verdadeiro maçon ! Mas será enforcado, será enforcado !

— E n'esse dia vós sereis morto tambem ! Lembrae-vos que a rainha está louca, Pina Manique ! bradou n'este momento uma voz a seu lado.

E voltando-se, como louco tambem, apenas viu um vulto negro que se sumia.

que se sumia

D. Maria I, passava nos braços da familia para o palacio onde o jesuita realisava o fim da sua vingança.

O bispo, o Tavora, tambem ia no sequito illuminado aos clarões dos archotes vermelhentos.

E a historia de Portugal contava agora uma louca entre as soberanas de que devia descrever os feitos.

VIII

Oczakow

AVISTAVAM-SE ao longe n'um crepusculo pardo as pantalonas e os turbantes turcos de côres vivas e os canos immensos das espingardas vomitavam balas sobre os russos que avançavam sempre como excitados pelo som retumbante dos instrumentos guerreiros soprados com ardor pelos *moujiks* arrigementados á pressa e que estalavam as bochechas, loucos de enthusiasmo, ao verem o effeito das suas trombetas sobre o numeroso exercito que apertava a praça de Oczakow no circulo d'aço das suas bayonetas tintas de sangue infiel.

Cahia o granizo em pedras, em amendoas geladas fazendo tanto damno como as balas dos entricheirados que além estavam á sombra do seu pagão estandarte onde se recortava uma meia lua de prata; accendiam-se fogueiras muito a custo á approximação da noite, espirrando e apagando-se como lume de lenha verde e a subitas o inimigo cessava o fogo ao baterem as seis horas no relogio do convento onde habitavam os jesuitas e que ficava no interior da praça.

Os russos aconchegando as grandes capas, que lhe defendiam os rostos do frio, mettendo-se bem nas pelles de lontra das suas altas barretinas e acercando-se das fogueiras buscavam um repouso d'algumas horas e continuavam olhando serombaticos os inimigos que descançavam tambem.

A noite envolvia tudo, as torres que ha pouco se destacavam

erectas e firmes em linhas rijas, pareciam amollecer pouco a pouco esforçarem-se no escuro da noite que cahia.

As tendas de campanha negrejavam; vultos mal distinctos de sentinellas mostravam-se na linha de defeza, soprando as mãos emquanto os musicos depunham os instrumentos e se juntavam nas improvisadas lareiras dos soldados, ouvindo narrar algum tremendo episodio de barbaros da Siberia ou um caso dramatico da altiva Polonia.

E lá em baixo junto do valle innundado pelas cheias vindas das penedias, além onde se erguiam as tendas dos chefes brilhava uma luz e uma sentinella paciente vigiava o campo.

As horas iam decorrendo e o acampamento parecia adormecido; pouco a pouco russos e turcos cediam á fadiga e do alto das serras nevadas, chegavam ruidos intercallados como se alcateas de lobos avançassem a devorarem os mortos insepultos perdidos nos barrancos e nos desfiladeiros.

Mas a subitas um vulto envolto n'uma longa capa de pelles, trazendo a gola bem levantada, irrompeu do lado da praça sitiada e avançou para a tenda do principe de Stanbow que commandava o exercito.

Ouviram-se os seus passos batendo cavos na neve, n'aquelle solo rijo que geiava, e a voz de sentinella soou, exclamando somnolenta:

— Quem vem lá?

— Superior... volveu em francez a voz do individuo que caminhava para a tenda do principe.

O soldado, um bambino finlandez louro e claro, não comprehendendo a resposta interrogou ainda:

— Quem vive!

— Czarina e a Russia!

E ante o signal do soldado que ouviu pronunciar em russo estas duas palavras, o desconhecido penetrou na tenda do commandante.

O chão estava coberto de pelles até certa altura e sobre ellas via-se uma especie de trenó onde se recostava um homem de meia edade de grandes barbas e olhos azues profundos e quietos, que ao ver entrar o outro bradou em mau francez:

— E' singular a vossa visita a esta hora, coronel Gomes Freire!

— Meu principe venho de fazer uma importante descoberta que póde trazer a victoria ás nossas armas!

— Como? exclamou o outro espantado.

— Sim... Após seis mezes de cerco a praça render-se-ha por um acto de coragem e de audacia! volveu o official portuguez.

— Mas como? Como?

— Se houver alguem que se atreva a avançar durante a noite com uma duzia d'homens até ao lado norte onde existem apenas uns quatro ou cinco turcos que bebem regaladamente o seu *kirssek* apanhado em Oczkacw, emquanto fingem vigiar-nos.

— Mas como o sabeis? interrogou o principe deveras admirado.

Porque volto de lá! tornou Gomes Freire com certa simplicidade.

— O que! Voltaes de lá?

— Sim alteza?

— Mas com quem?

— Só...

Nos olhos azues e profundos houve n'um lampejo, alguma cousa de extranho; e de seguida Stambow erguendo-se nas suas pelles, semi enterrado nos tapetes, exclamou:

— Mas tendes bem a certeza?...

— Acabo de ver...

— Mas...

— O que, alteza?

— Estiveistes realmente n'esse logar? bradou de novo cheio de pasmo.

— Alteza, sua magestade, a czarina fez-me coronel d'um regimento.

— Mercê da vossa bravura! exclamou o russo com dignidade.

— E essa patente envolve para mim a responsabilidade de conduzir o meu regimento á victoria!

— Porém, coronel...

— O que, senhor, duvidaes ainda! exclamou Gomes Freire quasi irado.

— Não... Mas sois vós um extrangeiro que falaes d'esse modo?

— A minha patria adoptiva merece tanto como a outra! volveu com laconismo.

— Vós...

— Mas senhor...

— Vós procedeis d'este modo ao passo que os meus generaes... Viatka... Vologda... Norone... Os mais coroneis desde o principe de Ladoge até Ivan Smalova dormem descançados nas suas tendas.

E o principe encarou agora com grande espanto o heroe, estendendo-lhe a mão generosamente.

— Ah! Os vossos officiaes, volveu elle com gentileza, descançam dos feitos do dia...

— E vós?

— Oh! Eu...

— Não luctaste tambem?

— Senhor... Estive inactivo no dia anterior... disse elle queixando-se d'este modo, quasi instinctiva.

— Mas... Oh! Não o acredito! Um coronel extrangeiro feito por distincção... E' impossivel!

— Principe... O meu posto é o hospital de sangue...

— Por Pedro, o grande, esse é o logar dos invalidos...

— Pelo que vejo não é assim! Eu posso combater...

— Mas quem commanda a vossa divisão? interrogou com desconfiança o principe.

— Vologda!

Nos labios do Somabow passou um sorriso, pareceu recordar-se d'alguma cousa e de repente bradou:

— Gomes Freire... Quereis tentar a aventura? Não é esse o vosso desejo?...

— Sim, alteza! tornou elle muito alegremente.

— Pois bem procedei como o desejaes!

— Porém...

— O que?

— Preciso ser auxiliado.

— Mas falai, ordenou o chefe, mettendo friorentamente a mão na sua peliça.

— E' necessario que o general Vologda avance com a sua divisão ao assalto desde que eu penetre na praça... Com um regimento seria uma temeridade!

— Vologda! exclamou o príncipe.

— Mas sim...

— Não .. Irei eu proprio...

— Vossa alteza? bradou Gomes Freire arrebatado.

— Sim, eu proprio... volveu de novo o grande senhor, como se tivesse pensado de repente qualquer cousa de muito grave.

E chegando-se a um dos lados da tenda, levou aos labios uma buzina ao som da qual appareceu um joven ajudante de campo que cravou o seu olhar duro e d'um rebrilhar falso no official portuguez.

— Ivan Samalow! exclamou o principe. Ide dizer de minha parte ao general Vologda que se aprompte para marchar para o corpo do exercito que guarda a retirada!

O ajudante estremeceu, olhou sempre do mesmo modo falso o official portuguez e fazendo a continencia ao principe sahiu rapidamente da tenda.

O commandante, ficou pensativo uns momentos e depois tomando o braço de Gomes Freire, obrigou-o a sentar se a seu lado no trenó forrado de pelles, e interrogou:

— Não tendes um amigo no exercito!

— O coronel Leão Ingeneff...

— Ingeneff! Conheço... E' um bravo! volveu simplesmente o principe, accrescentando:

— Mas eu fallo d'um vosso compatriota...

No rosto sereno de Gomes Freire passou uma nuvem de tristeza e replicou:

— Realmente esse amigo esteve aqui!

— E já não está?...

— Não sei mesmo se pertencerá ao numero dos vivos...

— Morto?!

— Em Odessa, senhor, depois da batalha, quando vossa alteza em nome da patria russa me agradecia o dever que eu cumprira...

— O vosso amigo...

— Que estivera a meu lado no combate e que eu procurava com a vista para o apresentar a vossa alteza...

— Que lhe succedeu?

— Tinha desapparecido, durante a refrega assim o julgo e d'então para cá...

— Procuraes encontral-o não é assim?

— Oh! Mas isso para mim representa o unico pensamento!

Vasco de Miranda é para mim um irmão... Infelizmente julgo-o morto e bem morto...

— Porque o julgaes?

— Se estivesse vivo ter-se-hia posto já em communicação commigo...

— E se estivesse entre os turcos? interrogou o principe fixando n'elle o seu olhar metallico.

— Prisioneiro?! gritou Gomes Freire e logo n'um repente, interrogou como louco:

— Sabeis alguma cousa?... Oh! dizei-m'o por piedade... Dizei se o meu amigo está em poder do inimigo?

— Gomes Freire, ignoro-o...

— Porém as vossas palavras...

— Que indicam?

— Julguei divisar n'ellas alguma cousa acerca de Vasco de Miranda...

— Conheceis o conde de Tremouilles, um francez que commanda uma divisão de Ismail Pachá? perguntou de repente o principe.

— Um francez entre os turcos! bradou elle assombrado.

— E o chefe, com um meio sorriso volveu:

— Sim... Francezes, inglezes e até prussianos são os chefes d'essa legião barbara...

— Na realidade?

— Não tendes reparado nos officiaes turcos? Nos graduados? Nos que acompanham o Pachá?

— Mas...

— Pois são estrangeiros como vós e como o vosso amigo! exclamou o principe olhando-o com uma extranha expressão. Vós combateis pela Russia, elles pela Turquia... São estrangeiros desejosos de louros, mercenarios que servem Ismail...

— Por Deus!

— Sim... Gente que pertence á Turquia pelo interesse...

E o principe continuava sempre do mesmo modo olhando attentamente o official:

— Hoje pertencem-lhes como amanhã nos pertencerão! E' o mal dos estrangeiros n'um exercito.

— Senhor! bradou indignado Gomes Freire, como se tivesse

comprehendido de repente uma perfidia nas palavras de Somatow, continuando cheio da mais interna colera medonhamente transfigurado:

— Senhor as vossas palavras parecem encerrar um insulto para mim e sobre tudo para a minha patria! Sou estrangeiro e sirvo Catharina II que sem motivo galardou os pequenos serviços que prestei. Porém juro-vos que combateria do mesmo modo como simples soldado não carecendo de recompensas... Se as vossas palavras se referiam aos mercenarios que estão junto dos turcos não devieis misturar os estrangeiros que servem a Russia n'essa designação vil! Eu no meu paiz, revoltava-me a miudo contra as insinuações de que era alvo, contra as intrigas que se accumulavam em torno de mim! No paiz alheio mais cioso devo ser da minha dignidade e por isso principe de Somatow, eu vos declaro pôr de parte a patente que sua magestade me conferiu desde que ouvi as vossas palavras.

Elle mostrava-se da mais legitima e altiva colera ao dirigir-se assim ao principe, que levado por um movimento de grande sympathia bradou estendendo-lhe a mão:

— Coronel! Nunca desconfiei de vós, as minhas palavras no emtanto tinham um fim...

— Um fim?

— Sim...

— Mas qual podia ser?

— O de vos obrigar a ouvir uma confissão!

— Mas senhor...

— Ouvi...

E o principe passando a mão na testa alta, começou:

— Ha pouco quando vos falei do vosso amigo, quando vos perguntei se conhecieis o conde de Tremouilles, o francez que serve os turcos tinha um fim...

— Mas qual? Qual?

— O de vos narrar um caso, o de vos explicar a minha actual conducta para com o generel Vologda do qual incumbo de guardar uma retirada que não se fará assim o espero em Deus e em S. Miguel.

— Mas o general Vologda!

— Revelou-me uma pseuda traição em que ao principio acreditei, visto não vos conhecer e menos ainda ao vosso amigo... Po-

rém agora, quando vos vindes offerecer para rechaçar os turcos, expondo-vos como os meus officiaes não se expõem, eu que vos excitava ha pouco falando dos estrangeiros sou o primeiro a estender-vos a mão e a pedir-vos desculpa juntamente com um momento d'attenção antes de vos entregardes á vossa bella obra!

Gomes Freire, de momento a momento, estava mais excitado, olhava o general d'um modo extranho e nos seus olhos passara um rapido clarão raivoso ao ouvir algumas palavras d'aquelle preambulo.

E o outro continuava, d'esta vez com grande fluencia:

- Gomes Freire! O vosso amigo era accusado por Vologda de ter um pacto com o conde de Tremouilles, por isso ha pouco vos perguntava...

Mas não poude concluir, Gomes Freire ergueu-se como louco e bradou:

— Vologda! Vologda! Ah! Mas então não conhece tambem Vasco de Miranda...

— Fôra visto por um dos seus ajudantes conversando altas horas para lá da linha com um dos officiaes do conde francez... Foi de que o accusaram... D'ahi as minhas palavras quando vos falava dos turcos.

— Miseraveis! Sempre a intriga, a maldita intriga! Ah! E talvez me accusassem de cumplicidade não é verdade?

O principe baixou a cabeça e volveu:

— Assim era!

A colera do official chegou ao seu auge, levou a mão aos copos da espada, avançou para a porta da tenda com grande audacia emquanto o principe se lhe collocava no caminho e bradava:

— Que ides fazer?

— Matar o calumniador. Exigir-lhe contas da traição vil que nos preparou!

— Coronel!

— General! Sou um estrangeiro, preciso afiançar a minha honra, sou um militar e o nosso brio mostra-se com o sangue!

— Depois das batalhas, quando a victoria corôa frontes, não no momento em que a patria ou os seus soldados carecem de sua vida! Sois estrangeiro dizeis! Quereis afiançar-vos! Eu vos servirei de fiador! E agora ide cumprir a vossa missão... Ide fazer a bella

acção que vos illustrará... Eu vos auxiliarei. Ide Gomes Freire, ide meu amigo.

— Porém senhor...

— O que?

— Eu não posso commandar soldados que talvez desconfiem tambem do seu chefe!

Somabow, olhou-o de frente, tomou-lhe o braço, chegou á porta, e gritou á sentinella:

— Faze chegar aqui os officiaes do regimento da Imperatriz que é commandado pelo coronel Gomes Freire!

— Que quereis fazer? interrogou admirado o official.

— Quero cumprir a minha promessa como espero cumprireis a vossa! Agora que vos considero um leal e honrado militar e como tal devo ver os vossos amigos, sou eu proprio que á vista dos vossos officiaes vou entregar-vos a tarefa de tomardes na praça de Ockachw, mostrando-lhes como vos offerecestes para esse feito de tal ordem que póde ser a morte ou a gloria!

E o principe apertava-lhe a mão n'um enthusiasmo extranho ao recordar-se das intrigas ouvidas a Vologdal.

N'este momento entravam na tenda os primeiros officiaes do regimento, e o principe ficava no escuro fixando extranhamente Gomes Freire, desposto a cumprir o seu dever.

IX

O coronel Ivan

O ajudante de campo do principe de Somabow, sahiu da tenda do general onde o general o enviara e dizia para um individuo que o acompanhava:

— Muzok, não te esqueças das recommendações do teu general!

— Descance coronel Ivan, descance que Muzok sabe cumprir as suas promessas... E esse maldito que assim vae roubando a gloria aos nossos e servindo a Polonia não terá muito tempo de vida...

— E sabes que d'isso depende a tua carreira!

O outro, encolhido n'um capote de soldado, álem sob o granizo, tinha um lampejo de raiva nos olhos e apertava febrilmente o cabo do seu yatagan.

— Desde as primeiras batalhas, á volta da Moldavia que elle se tem mostrado um verdadeiro inimigo, e julgo que tem um fim secreto... O principe de Somabow está informado das suas acções e das d'esse companheiro de Gomes Freire que se passou para os turcos... Elle ama a Polonia, esse portuguez, ainda ha dias no acampamento o dizia aquelles que o rodeavam. E a Polonia devia ser encorporada nos nossos estados! Polionotowisk o rei dos polacos é um russo!

— Que ninguem desthronará por nossa gloria! volveu o soldado.

— Apesar de todas as traições! E agora vae e sê feliz na em-

preza, concluiu o coronel, despedindo o soldado com um gesto e dirigindo-se para a tenda, exactamente na occasião em que os officiaes do regimento da imperatriz, se retiravam rodeando Gomes Freire. Ivan estremeceu, na sua grave face de carrasco, houve uma contracção, depois entrou de cabeça erguida na tenda do chefe.

Gomes Freire, no meio dos seus officiaes avançava sempre para onde acampava o grosso do exercito e ia pensativo ao recordar-se das palavras do principe, ao lembrar-se d'aquella ignobil traição de que accuzavam o seu amigo, comprehendendo a inveja, que a sua bravura gerara nos corações dos generaes russos. O acampamento estava silencioso, a neve cahia sempre de continuo envolvendo a praça forte.

E, então elle, voltando-se para os officiaes, disse a meia voz: Senhores, recolham-se aos seus postos, façam com que os soldados despertem, sem ruido e ao signal combinado avancem pela brecha, emquanto o principe de Sovatow, atacará de frente a fortaleza.

No escuro, um homem, aquelle soldado que estivera fallando com Ivan, agarrava cada vez mais convulsivamente o cabo do yatagan. Os officiaes, apertavam em silencio a mão do coronel, e affastavam-se a cumprirem as suas ordens, emquanto Gomes Freire corria para as avançadas.

O soldado seguia-o sempre, deslisando como uma sombra, como uma fera prompta a saltar sobre a presa.

Elle acabara por chegar ás avançadas

Dez soldados estendidos em torno d'uma tenda, tiritavam com frio, e do interior do pequeno alojamento, chegou um breve ruido de vozes. Gomes Freire, penetrou no recinto, dois officiaes que além se encontravam, ergueram-se rapidamente á sua entrada, ao passo que o coronel, dizia em francez:

— Sois vós que commandais este posto?

— Sou eu, meu coronel, volveu um mancebo imberbe, tendo uma leve pronuncia ingleza, ao retorquir-lhe.

— Ah! Pois senhor alferes, acordae os vossos homens!

— O que se passa? perguntou o outro dirigindo-se ao inglez.

— Ignoro-o ... volveu o companheiro na mesma lingua.

— Quem é este official? interrogou Gomes Freire, ao reparar no que falara.

— E' o medico do regimento do coronel Voetck...

— Ah! Senhor... Deixai-vos ficar que os vossos serviços vão ser muito uteis!

— E para o alferes accrescentou:

Transmitti as minhas palavras ao vosso companheiro, e conduzi os vossos homens, ao meu regimento porque alguma coisa de muito grave se vae passar.

O joven, olhou o coronel com respeito e sahiu da tenda a cumprir a ordem, emquanto o medico olhava espantado o extrangeiro.

Gomes Freire, sahiu então do abrigo e viu os guardas da avançada postados silenciosamente a distancia.

Acercou-se d'elles e disse para o alferes:

— Falaes o russo, sr. official?

— Sim coronel!

— Pois dizei a estes soldados que vamos penetrar na praça!

— O que?! Penetrar na praça?!... bradou elle no auge da admiração como se não acreditasse n'aquellas palavras do official.

— Tental-a-hemos pelo menos!

O joven inglez, limitou-se a dizer algumas palavras aos soldados que começaram a seguir Gomes Freire o qual já se encontrava a alguns passos de distancia.

Muzok, o soldado, seguia tambem a escolta tendo nos labios um mau sorriso.

Encontravam-se agora perto das avançadas turcas.

Viram alguns homens sentados em torno d'uma fogueira semi-apagada e a cujos rostos, o breve clarão dava um cunho feroz. Eram bem elles, esses turcos selvagens e temidos, de grandes barbas e olhares ferozes que além estavam bebendo *kirsk* e rindo n'um caretear extranho de alcoolicos embrutecidos.

Os russos viram-nos e ficaram uns momentos paralysados.

Muzok, recuou admirado pela grandeza do feito.

O coronel era o primeiro a avançar de rastos pela neve, transido de frio e levando a espada entre os dentes, olhando com attenção os inimigos.

Via-os sempre nas mesmas posições, como estatuas á porta d'um bazar mussulmano, as pernas dobradas sobre o corpo, os turbantes alvos engrinaldando-lhes os rostos bronzeados e murmurando phrases seccas com risadas selvaticas.

Eram oito. Quatro estavam de costas os outros de frente, e

Gomes Freire, rastejando na neve fazia um signal ao alferes para avançar com os seus homens sem ruido.

Os russos, cheios de terror, mas querendo corresponder ao brilhante acto d'aquelle extrangeiro, iam envolvendo os inimigos sem que estes dessem por tal.

Foi então que o coronel erguendo-se de repente do lado onde estavam ensarilhadas as armas appareceu em frente dos turcos segurando nervosamente a sua espada.

Agora fazia um gesto ao vêr o movimento de terror de que os soldados davam mostras e lançando-se sobre elles deu o signal aos seus homens que se precepitaram sobre os turcos, os quaes começaram a soltar gritos roucos de espanto e terror.

Foi então que a neve se tingiu no sangue infiel. Os oito soldados feridos em pleno peito, desarmados, as vozes abafadas na garganta fôram chacinados além em face da fortaleza que guardavam.

— Alferes, dizei aos vossos homens que vistam esses uniformes!

Ficaram apenas dois fardados com o uniforme russo e Gomes Freire, ao ver por terra os turcos, as faces bestiaes esmagadas na neve, murmurou:

— Agora os dois que têm o uniforme russo, assim como o sr. official, serão conduzidos pelos outros ao interior da praça enganando as outras sentinellas!

— E o coronel?

— Eu serei tambem prisioneiro! Marche!

E então além entre os seus homens entrou no acampamento, metteu-se pela praça, deixando Muzok admirado sem se atrever a passar das avançadas, murmurando:

— E' um heroe! E' um heroe! E serve bem a czarina! Não é um amigo da Polonia!

E no seu cerebro de exaltado patriota, começou a dar-se uma reviravolta favoravel a Gomes Freire e contraria ao coronel Ivan.

Elle, o soldado, agarrou nervosamente o molho das espingardas que os seus camaradas tinham substituido pelas armas turcas e murmurou:

— Oh! Um punhado de valentes!

Pegou então apenas n'uma espigarda e correu em seguimento dos outros que penetravam na cidade.

No acampamento russo, moviam-se as tropas, avançavam lentamente para a fortaleza.

Mas de repente, o pequeno nucleo d'heroes foi detido por uma ronda turca que caminhava rente dos fossos.

O official exclamou então em bom francez:

— Quem vem lá?

Os russos pararam petrificados e Gomes Freire, cheio d'audacia, gritou:

— Prisioneiros!

— E's tu Alentours? perguntou de novo o official que commandava os turcos.

— Não... bradou Gomes Freire, desembainhando a espada e correndo á frente dos seus homens disfarçados, sobre a ronda.

— Os russos! Os russos! bradou o official ao reconhecer o embuste.

Travou-se então um singular combate junto dos fossos. Tiniam armas, o engano dos uniformes perturbava tudo; e via-se então um soldado russo, Muzok, chegar rapidamente a metter-se entre os combatentes gritando desesperadamente:

— Sustentem-se! Sustentem-se que Sovatow avança!

Porém a cidade despertara sobresaltada.

Ao começo foi impossivel comprehender o arrojo d'aquelle assalto, corriam todos para os baluartes, por aquella noite de neve e organisavam a defeza, clamando:

— Os russos! Os russos!

Porém o principe avançava com o seu exercito, os turcos tinham sido chacinados junto ao fosso e as portas d'Oczakw, abriam-se d'aquelle lado onde Gomes Freire reunia as tropas que vinham chegando á sombra da bandeira russa que fôra o primeiro a arvorar na cidadella.

A seu lado havia um soldado que não o largava, aquelle mesmo que jurara assassinal-o e que n'aquelle momento o olhava quasi enternecido.

O exercito chegava, entrava de roldão pela brecha aberta e precipitava-se na cidade emquanto os turcos a defendiam do lado opposto onde estava o principe de Sovatow attacando a com denodo.

Mas a subitas tudo mudou.

Os turcos fôram mettidos entre dois fogos, viram com terror

...appareceu deante dos turcos segurando nervosamente a sua espada.

chegar a legião immensa que os desalojava e o coronel Ladoge que gritava desesperado:

— Viva a Russia!

Gomes Freire, á frente do seu regimento que chegava, obrava prodigios de valor e travava uma collossal batalha no angulo norte da cidade conseguindo desalojar o inimigo em alguns minutos.

Muzok, sempre a seu lado parecia querer fazer-se matar, tal era o denodo com que se expunha.

O coronel reparou n'elle e gritou-lhe:

— Assim, meu valente!

O soldado não comprehendeu, mas sorriu e continuou a attacar os turcos que fugiam indo cahir entre as fileiras dos russos que os chacinavam.

O alferes que acompanhava Gomes Freire, era agora attacado por dois soldados turcos que tinham ficado na rectaguarda e se defendiam com ardor selvagem, cobertos de feridas, soltando gritos.

E do solo erguiam-se mais do montão dos mortos, alguns que esperavam escapar mas que defendiam agora os camaradas com valentia.

O joven inglez, perdido no meio dos turcos, buscava responder-lhes mas sentia-se perdido. Sobre a sua cabeça erguiam-se as armas e elle ia ser victima.

Porém Gomes Freire, corria para o seu lado á frente dos dez bravos com que penetrara no acampamento e conseguia salval-o d'um golpe mortal que um dos inimigos lhe despedia.

O alferes, pallido, no auge da alegria, lançou-se então em perseguição do resto do exercito, emquanto ao som das cornetas e dos tambores, os russos entraram na praça onde o heroe portuguez arvorara a bandeira.

Porém elle parecia não ter ainda terminado a sua missão porque avançava para o lado da fortaleza onde avistara alguns dos inimigos.

Estavam por terra, segurando as espingardas dispostos a morrer; em torno d'elles erguiam se barricas de polvora a que um official segurando um morrão se dispunha a largar fogo.

E mais abaixo ficava um baluarte, onde appareciam rostos lividos, d'onde vinham gritos, vozes exclamando em diversas linguas:

— Soccorro! Soccorro! Querem fazer voar o baluarte.

O coronel avançava com o seu regimento e via já na sua frente o joven alferes que salvara ha pouco; gritava-lhe:

Senhor! Recuae!

Elle parecia não o ouvir e quando quiz parar era tarde.

Só então viu o official que empunhava o morrão e gritava:

— Estão aqui os vossos prisioneiros! Recuae ou então faremos voar o baluarte e com elle o convento!

Apontava com o morrão acceso a residencia dos jesuitas que Catharina II acolhera; e no seu rosto nobre havia um sorriso d'orgulho. Falava em francez e tinha um ar heroico que encantava os turcos ao falar assim.

Porém a subitas levou as mãos ao peito soltou um grito rouco e cahiu estatalado na neve onde o morrão se apagava ao mesmo tempo que os turcos soltavam um brado colerico.

E Gomes Freire empunhando ainda a pistola fumegante com que salvara a vida dos prisioneiros e pela segunda vez a do joven alferes deu uma ordem e bradou para os inimigos:

— Rendam se!

E juntando a acção á palavra esmagou no circulo d'aço das bayonetas, os rebeldes que se levantaram espavoridos ao verem-se prisioneiros.

De baixo, do baluarte junto do convento sahiram mil gritos d'applauso, ao mesmo tempo que o joven alferes, acercando-se do coronel, exclamava:

— Senhor... Devo-vos por duas vezes a vida! Podeis dispôr de mim para tudo! Deixae que aperte a vossa mão heroica que empunhando uma bandeira conduziu á victoria um grande exercito!

Muzok, o soldado, olhava muito enternecido o coronel e nos seus olhos appareceram lagrimas ao vêr o portuguez segurando a espada e bradando para o alferes:

— Aqui tem a minha mão, mancebo... E fica ás vossas ordens o coronel Gomes Freire!

— Gomes Freire! Sois hespanhol? Não é assim? Já ouvi falar muito de vós, porém não vos conhecia... Oh! quanto folgo em vos dever a vida, em ter contrahido para comvosco a mais sagrada das dividas.

— Sou portuguez, mancebo! bradou com orgulho Gomes Freire.

— Portuguez! Oh! E' para mim ainda mais intenso o jubilo, porque emfim pertencemos ambos a dois paizes alliados...

— Qual é a vossa nacionalidade?

— Sou inglez! Chamo-me mylord Arthur Campbell e sirvo na Russia para entreter ocios!

— Pois mylord Campbell sois um valente! E agora que a Russia venceu em Oczakow, permitti que vos saude como um dos que mais concorreram para esse feito!

O inglez ia responder mas n'este momento abriam-se as portas da fortaleza onde se encontravam os prisioneiros e elles sahiam de tropel. A' mistura com os uniformes esfarrapados viam-se muitos habitos de burel das freiras que os turcos tinham recolhido além junto com os padres catholicos encontrados no convento.

Accendiam-se archotes e viam-se rostos lividos, braços que se erguiam ao som das musicas festivas que começavam a tocar.

E quando mylord Campbell ia dizer mais umas palavras a Gomes Freire, este viu na sua frente um homem vestido de negro que exclamava:

— Sr. official! Sr. official soccorra-nos! Os prisioneiros morrem de fome! Os turcos logo que lhes faltaram as provisões deixaram de pensar n'elles:

— Oh! Com mil bombas! bradou o inglez estupefacto.

Gomes Freire, lançara um breve olhar ao homem vestido de negro e reconhecera n'elle um padre catholico, olhou então a fortaleza e exclamou:

— Mylord Campbell! Ide dizer por favor, ao principe de Sovatow que lhe peço de comer para os desgraçados prisioneiros!

O inglez affastou-se de corrida e n'aquelle momento, o coronel Ivan, chegando-se ao official portuguez, bradou:

— Sois o coronel Gomes Freire!

— Sou eu, senhor!

— Vinde á presença do commandante em chefe!

— Gomes Freire! murmurou assombrado o padre catholico, olhando o cheio de terror e affastando-se para o grupo dos prisioneiros.

O coronel Ivan, dissera rudemente aquella ordem ao heroe que se dirigia para o logar onde se encontrava o commandante em chefe.

Então, ao vel-o partir, Ivan fechou o murro e bradou em russo:

— Oh! Ainda vivo este miseravel! Maldito soldado que não cumpriu a promessa! Serei eu então que cumprirei a promessa que fiz a Volty?

Porém sentiu-se agarrado por um hombro e ouviu uma voz bradar-lhe:

— Deus te defenda de lhe tocares coronel Ivan!

— Muzok! exclamou elle voltando-se e reconhecendo o soldado.

— Sim eu! bradou, os seus olhos estavam injectados de sangue e continuava: Eu que sou patriota e vejo no coronel portuguez um heroe que acaba de servir valentemente a Russia!

— Roubando a gloria aos nossos! Mas não será por muito tempo!

O soldado fez-se livido, olhou o coronel, e exclamou:

— Que lhe fareis?

— Matal-o-hei, desde que te tornas seu cumplice!

— Seu admirador, seu servo porque amo a Russia, gritou o soldado.

— Oh! Pagal-o-has!

— Coronel! Não desisteis do vosso proposito? interrogou serenamente, Muzok.

— Nunca!

— N'esse caso, S. Miguel me perdôe! exclamou elle cravando um punhal no peito do official e buscando arremeçal-o de seguida para o fosso.

Mas Ivan, no estertor, agarrara-o fortemente e o soldado sentindo-se tambem arrastado para o precipicio, bradou:

— Ah! Miseravel! Querias o mal da Russia pelo odio a um homem! Mas Muzok, o soldado, ama a patria acima de tudo!

N'um puchão soltara-se-lhe dos braços e depois agarrando-o com força herculea atirou-o do alto da fortaleza para o fosso, gritando:

— E' um dever de patriota o que acabo de cumprir!

Porém era agarrado brutalmente por alguns soldados e exclamavam:

— Ah! Muzok assassinou! A' morte! A' morte!

A manhã rompia dando á planicie gelada uns tons de zinco, e a bandeira russa desfraldava-se nas muralhas de Oczakow.

Prisão de Muzok

X

A recompensa

Com o principe, falara Gomes Freire alguns momentos, que lhe tecera elogios sem par e exclamava ao apertar-lhe a mão em face de todo o seu estado maior:

— E agora nomei-vos governador da praça até que partamos para a Polonia que se revolta e onde a vossa espada é necessaria á causa russa! Catharina II, saberá premiar o vosso valor...

— Principe! Exclamou o coronel fazendo-se pallido ao ouvir aquelle convite e ao recordar-se da Polonia, eu quero partir! Não posso acceitar as vossas mercês!

— Partir?

— Sim... Quero regressar a Portugal!

— A Portugal! Mas porque não ficaes para sempre ao serviço da Russia?

— Porque talvez o meu paiz careça de mim... volveu elle com um ar extranho cumprimentando mais uma vez o commandante.

N'este momento ouviu-se uma grande algazarra fóra da sala onde se passava esta scena e alguns homens inrrompiam exclamando:

— Temos fome! Temos fome!

Eram os prisioneiros dos turcos que chegavam a solicitarem ao principe o soccorro que Gomes Freire pedia.

Um homem alto de boa apparencia vestido no uniforme de capitão do exercito russo, avançava para o principe e gritava:

— Senhor! Nós chegámos ao ultimo extremo! Lá em baixo ha quatro centros homens semi-mortos de fome e feridos pelos turcos que nos inflingiram maus tratos! A praça cahiu em poder do exercito que nós servimos, só resta implorar o vosso soccorro!

— Gomes Freire, voltou-se rapidamente ao ouvir esta voz e exclamou:

— Vasco!

O outro estremecia, soltava um grito e lançando-se nos braços do amigo, tremulo de alegria e ebrio de mais extranha anciedade exclamava:

— Gomes Freire! Tu! Oh! Tu meu amigo! Tens noticias de Portugal?

— Não, meu amigo, não tenho! Volveu elle apertando-o cada vez mais ao peito e tendo ambos estampados no rosto, signaes evidentes do mais intenso jubilo.

— Mas como te encontras aqui, Vasco?

— Fui prisioneiro dos turcos em Odessa! Obrigaram-me a atravessar as cidades por entre o gelo emquanto eu via cahir os nossos infelizes companheiros! Uma vez aqui chegados atiraram-nos para o fundo d'um subterraneo á mistura com os habitantes da cidade e com as mulheres e os frades do convento! E, Gomes Freire, tu vaes vêr que a mão de Deus nunca nos abandona porque...

Porém elle interrompia-o tomado de furia e bradava para o principe:

— Senhor, é este o meu amigo Vasco de Miranda a quem os russos accusaram de traidor!

— Traidor eu! Bradou o official cheio da mais intensa colera, accrescentando:

— Mas onde se encontram os que me accusaram?

— Senhor! Dentro em pouco recebereis os nomes de todos esses homens que vos intrigaram! volveu o principe, dizendo de seguida:

— Porém dae-me a vossa mão! O principe de Suvatow chama-vos seu amigo porque o sois do heroe ao qual devemos estar aqui!

— O que, Gomes Freire! Pois foi elle? Exclamou alegremente correndo a apertal-o ainda nos braços.

— Sim elle que é uma gloria militar a quem a Russia deve uma iminente victoria! Os que accusaram ambos estão desar-

mados com este feito e agora resta-nos proceder como homens d'honra ante calumniadores!

De fóra chegavam sempre os mesmos gritos dos que pediam pão, ouviam-se gemidos e ferinas imprecações, emquanto o principe dava as necessarias ordens para que fôssem soccorridos, concluindo a dizer:

— Senhor Vasco de Miranda, convido-vos para almoçar na minha companhia e na do vosso amigo a quem sua magestade ha-de fazer cavalleiro pelas suas brilhantes acções... A medalha de S. Jorge que só se concede aos grandes da Russia será a recompensa mais digna de tal heroe!

Vasco, louco de jubilo, inclinava-se ante o principe e dizia:

— Senhor... Primeiro, eu e Gomes Freire, temos um outro de ver a cumprir!

— Um dever? Qual? Bradou o coronel rapidamente.

— Gomes Freire! Ha pouco, quando eu dizia que Deus não nos abandonara, tinha uma poderosa razão para fallar assim! disse elle com gravidade.

— Eu aqui exilado, longe de minha mulher e do meu pequenino Vasco, tive uma das mais intensas alegrias da minha vida! E por ti, meu amigo, por ti a quem sabia na Russia e qual o fim que te conduzira!

Gomes Freire, muito livido, os olhos dilatados apenas bradou.

— Elvira!

— Está aqui, meu amigo!

Foi conduzida de Lisboa pelo geral dos jesuitas para este convento que Catharina II concedeu á Companhia de Jesus!

Narrou-me as suas dores durante o captiveiro, fui eu que a protegi dos insultos d'esses barbaros, eu que velei por ella que para mim representava a tua noiva!

Fallavam em portuguez de forma que o principe e o seu estado maior não os comprehendiam mas viam que alguma cousa de muito extranho se passava porque o coronel empallideceu, ficou um momento sem poder fallar e gritava de seguida:

— Oh! Vasco! Vasco! Porque o não o disseste logo!

E para o principe, louco de jubilo, gritava:

— Alteza! A maior recompensa que a Russia me podia dar Deus acaba de me conceder!

E sem se deter um momento, arrastando Vasco para fóra do aposento, exclamou:

Mas onde está ella? onde está ella?

— Deixei a na fortaleza! Vamos... Mas é necessaria cautella! Está muito fraca e uma grande alegria pode matal-a!

Sovatow, o principe, sahiu tambem em seguimento dos dois portuguezes, porem no caminho era detido á vista dos prisioneiros que devoravam os mantimentos e perante um grupo de soldados que conduziam Muzok sob prisão.

— Que quer dizer isto? perguntou com authoridade o principe ao ver que arrastavam aquelle homem.

E então viu perfilado na sua frente mylord Campebell o joven alferes inglez, que bradava:

— Este homem assassinou o vosso ajudante de campo, meu general!

— Ivan? bradou o principe cheio de pasmo.

— Sim, meu general, o coronel Ivan! Ha pouco além junto do fosso cravou-lhe um punhal no peito e arremeçou-o da fortaleza!

O principe estremeceu de colera e bradou:

— Senhor alferes encarregue-se de fazer fusilar esse miseravel!

Nem um só musculo da face de Muzok estremeceu, com a mais extranha serenidade, olhou o seu chefe e exclamou:

— Graça por uma hora, meu senhor!

— Esperas o teu perdão vindo de Moscow? chasqueou um dos soldados.

— Espera a graça de sua alteza! Quero apenas uma hora de vida... Desejo ter uma entrevista com um official!

— O nome d'esse official? Interrogou o principe um pouco admirado com aquelle pedido do soldado.

— E' o coronel Gomes Freire! O heroe!

— Gomes Freire! bradou mylord Campebell, bem como o principe!

— Sim elle!

— Mas que pode haver de commum entre ti e esse grande homem? Interrogou o principe.

— Ha, que elle corre perigo! É necessario salval-o para bem da Russia! gritou o soldado.

— Não comprehendo!

— S. Miguel me perdoará, disse com fanatismo o Muzok.

— Mas que perigo corre o coronel? Ordeno-te que falles, miseravel! ordenou o principe.

— Tem inimigos!

— Quem são?

— O vosso general! volveu elle ainda com altivez entre os que seguravam, continuando:

— Um homem invejoso da sua gloria e que o accusava de traidor, armando-me o braço esta noute para que o assassinasse!

Olharam-no estupefactos, julgando-o louco; porém o principe pareceu comprehender bem tudo aquillo e exclamou:

— Como te chamas.

— Muzok, o filho de Arzor Leumitow de Moscow!

— Pois Muzok... acompanha-me! Ordenou o principe, e para os soldados disse:

— E vós outros segui-me a distancia.

Depois encostado ao reparo d'uma peça, olhando a planicie immensa e onde acampava o resto do exercito, disse para o soldado:

— Quem te armou o braço!

— O homem que assassinei!

— O meu ajudante? perguntou muito admirado, o chefe.

— Elle mesmo... O coronel Ivan por conselho do general Voltey a quem prometti matar o grande official! Segui-o durante a noute, julgando-o um falso, vi-o avançar para as linhas turcas e Muzok apertava o seu yatagan para lhe decepar a cabeça! Julgava-o um inimigo da Russia, como me dissera o general, um que servia a Polonia e buscava dar a victoria aos turcos! Vi-o avançar pelo gelo e chegar ás primeiras sentinellas com os seus homens! A todos julguei traidores e quiz voltar a prevenir, mas Gomes Freire estava ali e devia morrer!

O principe olhava admirado aquelle patriota que assim falava e nos seus olhos passavam uns clarões quasi alegres.

O outro continuava:

— Porém cheguei as avançadas e vi como atravez um sonho, o coronel attacando os turcos, vi como penetrava na fortaleza, como ganhava uma praça e uma brilhante victoria! Puz-me a seu lado para morrer!

— Morrer!

— Sim meu general, morrer, porque eu estivera a ponto de fazer um grande mal á minha patria!

O principe estremeceu de novo e encarou ainda com maior pasmo o soldado que continuava:

— Depois da victoria encontrei Ivan que me increpou.

— Elle? O coronel?

— Sim!

— E então...

— Assassinei-o porque o traidor era elle! Porque jurava ainda matar Gomes Freire! Depois quiz sahir da praça e ir fazer o mesmo ao general!

— Oh! Oh!

— Mas fui agarrado e feito prisioneiro!

Suvatow passou a mão pelo rosto e murmurou algumas palavras inintelligiveis.

— Principe, concedei-me agora que falle ao coronel... Preveni-o vós mesmo de que tem inimigos mas deixae ainda que eu beije a mão que collocou primeiro a bandeira da Russia nas muralhas d'Oczakw.

— Sim soldado, será feita a tua vontade, mas de seguida sereis fusilado para punir o crime de assassinares um chefe!

Encolheu os hombros desdenhoso e volveu:

— Que importa a morte?

— O quê deixas então a vida com alegria? interrogou o general n'um ar sonhador.

— Sim...

— E porquê?

— Porque eu ia impedindo que a Russia contasse mais uma victoria.

Então aquelle principe olhou com admiração o soldado; via bem que elle levado por uma extranha fé patriotica não tinha o minimo remorso pelo assassinio do chefe, julgava ter cumprido o seu dever e ia morrer cheio de jubilo

Suvatow, encarou-o com dignidade e n'um ar triste, disse:

— Vae!

Fez um gesto á escolta e deixou que o soldado partisse depois de ter bradado:

— Esse homem só será fusilado amanhã ao alvorecer!

Retirou-se taciturno, cada vez mais compungido, cheio de pena, mas querendo ainda assim cumprir o que julgava um dever.

Mylord Campebell falava tambem em voz baixa com o prisioneiro desde que o ouvira pronunciar o nome de Gomes Freire.

Agora ás portas da fortaleza passava um carro d'onde sahia um homem envolto em pelles e que subia pela escada em direcção ao logar onde estava installado o quartel general; porém encontrava-se face a face com o principe de Suvatow e exclamava:

— Sois vós, o commandante em chefe do exercito não é verdade, principe de Suvatow?

Elle recuou, correspondeu á saudação do desconhecido e volveu:

— Sim, cavalheiro! A quem tenho a honra de falar?

— Ao conde de Plok...

O principe olhou-o com desconfiança e exclamou:

— Nobreza polaca?!

Elle sorriu d'uma fórma mysteriosa e volveu:

— Perguntae ao rei dos palacos, a Poniàtowiski!

— Conheceis o rei?

— Lede esta carta! e estendia ao principe um papel dobrado que tirou do peito de sua pelliça.

O outro leu olhou-o espantado e estendeu-lhe rapidamente a mão, bradando:

— Estou ao vosso dispôr?

— Agradeço-vos e o rei da Polonia vol-o agradecerá tambem!

— Em que vos posso ser-vos util? interrogou o principe.

— Ides sabel-o...

— Falae...

— Careço apenas d'uma informação... Se não estiverem aqui as pessoas que procuro pedir-vos-hei apenas um salvo conducto e apresentações para os governadores das cidades visinhas...

— De bom grado, vol-as darei, senhor... E agora dizei do que se trata?

— Tendes ao vosso serviço dois officiaes portuguezes?

— Os seus nomes?

— Vasco de Miranda e Gomes Freire de Andrade! volveu o outro com anciedade!

— O ultimo, senhor, é a quem devemos estar aqui!

— O quê?

— Sim... Gomes Freire é o homem que tomou Oczakw.

O desconhecido olhou a planicie e tomando o braço do principe exclamou:

— Preciso falar-lhe! Não me tinham enganado, é um heroe! Mas depressa, senhor, conduzi-me onde elle se encontra.

O principe arrastou-o então para o reducto dos prisioneiros.

XI

Corações que sangram

o entrar n'aquelle logar onde se amontoavam os prisioneiros todos envoltos em farrapos, as faces esqualidas, chupadas, recuou como attingido por subito mal e viu que Vasco de Miranda avançava para os desgraçados que devoravam a comida que o principe lhes mandara distribuir.

Eram quatrocentos seres dos dois sexos, os homens cobertos de feridas, envergando restos de fardas ou habitos religiosos encobrindo peitos sãos porque os padres não tinham combatido, as mulheres aldeãs das pequenas villas e as damas da cidade, agglomeradas com as freiras envoltas nos seus bureis.

Passou a mão pela fronte, sentiu-se agitado por um grande estremecimento e murmurou:

— Elvira... Elvira...

Na sua frente, hirta, delgada, como um phantasma, estava uma mulher vestida de religiosa, as faces lividas, d'uma pallidez de cêra, os olhos encovados, e que tremia de commoção ao defrontar-se com o heroe além na boca do humido subterraneo, onde os outros agonisavam e curtiam dôres.

As creancitas sobretudo, tinham um ar extranho de grande soffrimento, e dos seus labios sahiam risos claros, ao verem-se livres.

A mulher continuava a olhar Gomes Freire que lhe pronunciara o nome n'aquelle breve murmurio; e depois cada vez mais

commovida passando no rosto a mão diaphana a esconder as lagrimas, gritava:

— Gomes! Gomes!

— Oh! E's tu! Tu... Oh! Graças, meu Deus! bradou elle, emquanto Vasco de Miranda se recolhia n'um canto mais sombrio escutando a scena, tomado de enorme desgosto ante aquella grande dôr do amigo que quasi não reconhecia a mulher amada.

Corria para ella n'um impeto e apertava-a nos braços, estreitava-a ao peito no auge da amisade, a mais sincera e á vista d'aquellas lagrimas que escorriam lentas pelo rosto macerado da monja; e bradara:

— Elvira! Elvira! Acabaram-se agora os teus soffrimentos... Esta longa separação, teve emfim termo... Vim de Portugal no proposito firme de te encontrar... Sabia-te na Russia e precorria-a em todas as direcções que o acaso da guerra me fornecia, penetrei em todos os conventos d'onde buscava arrancar-te para cumprir a minha promessa.

Encarou-o quasi serenamente na sua attitude meiga e piedosa de santa e volveu:

— Oh! Tenho soffrido muito, tambem, desde o dia em que me internaram nos carceres da Inquisição depois de me terem arrancado dos teus braços... Eras o meu noivo, o amante idolatrado d'uma mulher nova que jurara pertencer-te e a mais ninguem... Inflingiram-me torturas sem par, fallaram-me d'aquelle homem que se queria tornar meu marido e ao qual devemos uma grande parte dos nossos males, e emfim, fizeram-me sahir da patria, arrastaram-me até aqui... Uma vez internada no convento a minha vida foi uma longa série de dôres horriveis e, Gomes Freire, juro-te que cheguei a descrer de Deus!

— Oh! minha querida... minha santa esposa! bradou elle tomando-lhe a mão e arrastando-a para o alto da fortaleza além para o grande ar, dizendo sempre:

— E que pensaste quando não me viste chegar?

— Que ignoravas o logar do meu exilio...

— Tinhas razão... E no emtanto só bem tarde o soube... Oh! Mas agora...

— O quê?

— Chegou o momento da nossa felicidade!

— Gomes ! Gomes !

— Quem t'o disse?

— O meu coração, o amor que nos liga, a liberdade de que gosamos.

O heroe cobria-lhe as mãos de beijos e não reparava na transformação soffrida pela monja, que estremecia e dizia depois como n'um sonho:

— Liberdade?!

— Sim... Offereceram-me ha pouco o logar de governador d'esta cidade e eu não o acceitei, e sabes porquê?

— Não...

— Porque desanimara de te encontrar, porém agora...

— O quê?

— Ficarei, acceitarei todos os postos que Catharina II me queria conceder e serei o teu esposo, aqui bem longe d'essa patria que nos torturou, que nos fez soffrer! Vasco de Miranda regressará ao seu lar, nós formaremos aqui o nosso!...

— O nosso lar?... Oh! Mas meu amigo, isso é impossivel! exclamou ella derramando copiosas lagrimas.

— Impossivel? E porque? perguntou o coronel no auge da agitação.

— Porque não posso ser tua esposa...

— Elvira! gritou elle com o maior dos desesperos ao ouvil-a fallar assim.

— Meu amigo!

— Mas que se oppõe então a que eu cumpra o meu dever?

— Os votos que me ligam a Deus! tornou ella desesperada tambem.

— O quê? Pois tu...?

— Sim, Gomes Freire.. Eu sou freira... Professei!

Então, o coronel, cheio de intensa raiva, tomado de louca furia, gritou:

— Descreras então de mím?

— Soffrera muito!

— Oh! Mas sem duvida obrigaram-te a tomar semelhante resolução!

Hesitou uns momentos, enxugou algumas lagrimas que lhe corriam no rosto e murmurou:

— Não... Não... Fui eu que busquei esquecer o mundo!

— Não te lembravas então que havia longe de ti, um homem cuja alma anciava pelo momento de te vêr... Um homem que contrahia para comtigo o dever de ser teu esposo?

— Oh! No seio de Deus busquei o conforto para as maldades da terra!

— E destruiste a nossa felicidade, o nosso futuro! gritou elle cheio de intensa cólera.

— Gomes, perdôa... perdôa... Porém eu soffria muito!

Então, aquelle heroe, o homem que por um rasgo de audacia tomára uma fortaleza, commoveu-se tambem e enxugou á pressa duas lagrimas.

Mas de repente, retomando toda a sua energia, gritou:

— E que importam os votos? Antes de seres de Deus, pertencias-me!

— Gomes! Isso é um sacrilegio...

— Tu disseste ha pouco que duvidavas de Deus!

— Mas depois, foi n'elle, foi na religião que achei conforto, durante os longos seis annos que aqui vivi... Os turcos chegaram e eu soffri com resignação... Na minha memoria passava-se como uma transformação rapida, e eu dizia commigo que na minha ultima hora devia ter resgatado o passado...

Fez um gesto desesperado de louco, encarou-a mais uma vez e gritou enraivecido:

— E julgas acaso que atravessei os mares, que cheguei á Russia, que luctei, para te deixar n'esse convento?

— Mas que queres fazer? perguntou ella assustada.

— Tornar-te a minha esposa estremecida!

— Oh! Gomes... E os meus juramentos...

— Recebi-os eu primeiro...

— Porém isso constituiria para mim um cruel remorso!

— Elvira... Eu tive outr'ora a coragem d'um sacrilegio...

— Em que eu fui cumplice!

— Arrependes-te?

— Paguei-o... Penitenciei-me apesar de te amar como então!

— Pois bem .. Mesmo sem a tua cumplicidade terei de novo a coragem de ser sacrilego! bradou o coronel no auge da excitação.

— Gomes! Gomes! Pelo nosso amor te supplico! exclamou ella desolada.

E a longa planicie nevada, com reflexos de zinco estendia-se por alli fóra como um deserto immenso.

Elles estavam sempre face a face e debatiam aquelle problema.

O coronel, cheio de furia, a monja com uma serenidade doce de santa, as faces banhadas de pranto, encolhida no burel que lhe disfarçava as formas, supplicando sempre.

— Ah! Sou muito infeliz! Mas dedicarei á vingança uma vida inteira!

— E de quem vos quereis vingar Gomes Freire? perguntou de repente uma voz a seu lado, e elle voltando-se viu aquelle padre que encontrara de manhã.

— Dos que para aqui conduziram a minha noiva, dos jesuitas que me roubaram a felicidade! exclamou elle olhando altivamente o frade e accrescentando:

— E que quereis vós, senhor?

— Dizer-vos que não deveis cometter esse sacrilegio! tornou o outro como se dispuzesse a tudo.

— Com que direito me fallaes assim?

— Com o direito d'um homem que vos vem offerecer a vingança, replicou o outro, cruzando os braços.

— Fr. Fabricio! exclamou a monja cheia de desespero.

— Deixae minha irmã... E' necessario que cumpra tambem o meu dever!

— O dever d'um padre, talvez d'um jesuita! exclamou o coronel, d'um modo que alegrou o frade.

— Sim, d'um jesuita! tornou serenamente. Um jesuita que vos vem dizer o seguinte:

— A vossa noiva, essa monja que hoje não vos póde pertencer, representa a vingança da Companhia de Jesus, a vingança d'um homem...

— Ah!...

— Sim... D'um homem que atravez de tudo fazer-vos sangrar o coração para saldar uma grande divida!

— Uma divida!

— Fr. Fabricio! bradou de novo a monja.

— Sim... Uma divida aberta entre a vossa familia e a d'elle... Esse homem veiu tambem á Russia para se vingar, depois de ter feito em Portugal todas as diligencias para o conseguir, porém sem

resultado... Era um filho que buscava vingar sua mãe, victima, segundo elle julgava, de vosso pae!

— De meu pae? gritou Gomes Freire assombrado.

— Sim, nos tempos em que Ambrosio Freire, frequentava a Universidade...

— E que succedeu, senhor? Meu pae era um homem d'honra!

O jesuita lançou-lhe um breve olhar e volveu:

— Dera-se com elle um triste episodio... Tivera amores com uma joven da qual nascera um filho, jurara unir-se com ella pelo casamento, porém não cumpriu a sua promessa porque os seus lhe negavam esse consentimento...

— Bem e depois? exclamou deveras irado e impaciente, o coronel.

— Essa joven, era filha d'um simples barqueiro do Mondego que n'uma noute aguardou o fidalgo á sahida de casa da filha e lhe vibrou uma punhalada... Passava um bando e arrancando-o dos braços da joven que o occultava, foi conduzido á cadeia emquanto vosso pae perdia os sentidos e ficava um mez entre a vida e a morte velado pela mulher cujo pae para defender a sua honra, jazia entre os ferros d'el rei...

— Bem e depois!

— Quando elle se restabeleceu ella banhada em lagrimas contou-lhe tudo e supplicou-lhe o perdão do pae... E então...

— Então... então?... interrogou o coronel muito interessado n'aquella historia que desconhecia.

— Então é aqui que está o horrivel da historia!

— Fallae! exclamou elle muito impaciente.

— Vosso pae comprehendeu a acção do pobre homem e escreveu á sua familia a narrar-lhe o caso e intercedendo pelo desgraçado... Vosso tio partiu para a côrte, e dentro em alguns dias vosso pae, era nomeado para a embaixada portugueza em Roma...

— E o barqueiro? gritou elle com grande agitação, emquanto Elvira de Mello exclamava:

— Oh! Fr. Fabricio por piedade!

— Descançae soror... Já sei a verdadeira historia!

— Ah! Então a que me narrastes era falsa? perguntou ella anciosamente.

O jesuita não respondeu, fez-se pallido e continuou:

— E o barqueiro era enforcado.

— Enforcado! Oh! Mas n'esse caso, meu pae...

— Supplicara o seu perdão, vosso tio rojara-se aos pés do marquez de Pombal, cujo irmão servira com vosso avô em Pernambuco...

— Ah! E depois... depois?...

— O grande ministro, com effeito expediu a ordem de soltura que chegou no momento em que o desgraçado expirava na forca... Vosso pae tinha partido para o seu solar a activar o perdão do criminoso e quando voltou a Coimbra entrou na pequena casa onde occultava os seus amores e não encontrou a mulher amada que julgando-se abandonada quizera suicidar-se... Procurou-a mas debalde... Ella levando o filho ao collo lançara-se ao rio Mondego...

— Morta tambem! bradou o official aterrorisado.

— Não... Ambrosio Freire, tinha um amigo que sabia dos seus amores e conhecia bem esta extranha historia, um amigo que soubera da sua partida, do papel desempenhado por elle no perdão do criminoso... Porém chegara o tempo das ferias e o outro não recebera noticias de Ambrosio Freire... De volta a Coimbra chegou a tempo de salvar a joven com quem fallara momentos antes! Ignorava que vosso pae partisse para Roma e apesar da confiança que tinha no seu caracter duvidou d'elle tambem!

— Ah! E depois? Depois?

— Em vez de se recolher no seu quarto de estudante, partiu para a sua casa da provincia e levou comsigo a joven... Como não recebesse noticias de Ambrosio Freire, durante um anno, julgando que elle abandonara a desgraçada, tornou-a sua esposa!

— Meu Deus!

— Porém um dia voltando a Coimbra o seu antigo companheiro de quarto, entregou-lhe um masso de cartas recebidas durante um anno e enviadas por Ambrosio Freire que pedia contas da mulher amada e lhe enviava uma grande quantia para que se fosse encontrar com elle a Roma e com o filho que reconheceu!

— Ah! Esperava isso... Meu pae era um homem digno!

— Porém o amigo narrou-lhe toda a verdade e concluia a sua carta dizendo-lhe que a tornara sua esposa!

— Mas senhor, não vejo ahi motivo para vingança?

— Ah! É que ao filho d'essa mulher houve alguem que se encarregou de contar a historia d'outro modo!

— Dizendo-lhe talvez...

— Que vosso pae abandonara a desgraçada e pedira a Pombal a morte do barqueiro!

— Ah! E com que fim disseram isso a meu irmão?

— Para que elle se vingasse n'um homem que era inimigo dos jesuitas!

— Ah! foram então elles?...

— Sim... Foram elles que me impelliram á vingança, que me obrigaram a traições, que me levaram a fazer professar a vossa noiva devorado pelo desejo de vingança.

Gomes Freire, soltou um grito enorme e bradou:

— Ah! sois então vós o meu inimigo?

— Sou a victima dos jesuitas! Perguntae-o a Vasco de Miranda!

— Sim amigo! bradou o official apparecendo de repente. Este homem serviu d'instrumento á seita... Accusaram-no contando-lhe uma historia falsa para que elle não desistisse da vingança o que conseguiram, roubando-te para sempre a mulher que amas!

— Ah! Miseraveis! bradou Gomes Freire empallidicendo e perguntando de seguida:

— Mas como só agora, souberam a verdade?

— Porque eu lh'a narrei! exclamou Vasco.

— Tu?

— Sim...

— Porém nunca me fallaes d'elle...

— Meu pae contara-me occultando-me os nomes, fallando apenas...

— De quem?

— De si proprio, Gomes Freire, porque era elle o amigo de teu pae!

— Oh! Mas n'esse caso... fr. Fabricio...

— E' teu irmão por teu pae, é meu por sua mãe!

— Oh! E' singular e no emtanto...

— Fiz-vos muito mal, não é assim? Mas juro-vos que não mais me vereis! Que saberei punir-me tambem!

— Fr. Fabricio! exclamou Gomes Freire com certa piedade, comprehendendo bem como elle servira de instrumento aos miseraveis.

— Chamae-me Luiz de Berredo e Freire... O fr. Fabricio, o jesuita, morreu no dia em que comprehendeu a Companhia de Jesus!

— Mas n'esse caso agora?...

— Irmão! Quereis perdoar-me o meu crime? exclamou o frade.

Gomes Freire, olhou Elvira que ajoelhava na platafórma da torre e cujos olhos se erguiam ao céu n'uma prece, depois volvia um olhar para Vasco e ouvia dizer:

— Perdoa-lhe amigo, eu t'o supplico em nome de teu pae!

— Sim Luiz de Berredo, a meus braços... Agora a minha vida pertence á vingança exercida sobre aquelles que vos impelliam... Elvira não póde ser minha, para que me serve, pois, a vida? Irei até ao fim!

O outro cahiu-lhe nos braços e exclamou commovido:

— Agora serei eu quem vos vingará...

Ficaram então todos tres abraçados no mesmo fraternal amplexo, emquanto a freira dava graças ao céu por aquelle perdão do coronel.

Por fim Gomes Freire, acercou-se d'ella muito commovido ergueu-a nos braços e exclamou:

— Elvira tu não podes ficar n'este convento!

— E porque?

— A Companhia de Jesus tem aqui os seus adeptos.

— E para onde irei?

— Elvira, não podes ser minha noiva, sê minha amiga! disse elle deveras commovido.

— Mas sou, como de ninguem...

— N'esse caso recolhe-te ás Ursulinas de Vienna, onde se praticam as mais altas virtudes! Mais tarde quem sabe o que succederá!

E ficaram todos como paralysados, engolfados nos seus pensamentos em face da planicie côr de zinco.

XII

José Balsamo

ERA dia de festa em Oczakow.

Desfraldavam-se bandeiras por toda a cidade, os sinos dos conventos repicavam festivos e as musicas atroavam os ares.

Gomes Freire, era o heroe cujo nome andava em todas as boccas mal pronunciado pelos slavos de grossa voz guttural e selvatica.

E no emtanto na sua physionomia apesar de todas as saudações que recebia, havia alguma cousa de extranho, uma grossa ruga lhe encrespava a testa e passeava deveras agitado na sala que a amabilidade do principe de Sumatow lhe reservara.

Para a noute estava projectada uma grande festa em que as damas d'Oczakow tomariam parte em honra do heroe.

E no emtanto, elle continuava sempre do mesmo modo extranho, agitado, passeando na sala.

A subitas a porta abriu-se e Vasco de Miranda, vestindo um uniforme novo de capitão do exercito russo, penetrou no quarto com um modo abstracto, olhando o amigo que o interrogava avidamente, e exclamava:

— Então...

— Não ha meio volveu o outro.

— Ah!

— Elle está bem guardado na prisão da fortaleza. Tem sentinellas em todos os fossos e é servido por um carcereiro feroz...

— Pobre rapaz! murmurou o coronel com desalento.

E recordava-se então muito d'esse soldado, de Muzok, com o qual se encontrara n'essa manhã e que lhe narrara o succedido, pedindo apenas a graça de lhe beijar a mão.

— E' então impossivel salval-o? perguntou elle cheio de desespero.

— Completamente impossivel... A não ser que o principe...

— Sumatow! Ah! Não contes com elle! Suppliquei-lhe o perdão d'esse homem e negou-m'o apesar de me offerecer tudo quanto pudesse desejar, á excepção d'esse perdão... Quer manter a disciplina, e as leis na Russia devem ser severas!

— N'esse caso Muzok, será fusilado ao cahir da noute!

Gomes Freire, passou a mão pela testa molhada de suor e murmurou:

— Oh! E' impossivel!

— Porém que fazer?

— Forçar tudo, atravessar os fossos, arrancal-o da prisão e conduzil-o comnosco!

— Porém...

— O que?

— Expomo-nos á mesma pena!

— Serei eu só que me exporei! Que me importa agora a vida? E depois esse homem para mim, representa uma grande alma!

— Gomes Freire! exclamou Vasco um tanto reprehensivamente.

— Que queres?! E' o que entendo!

— Mas sabes que emquanto estiver a teu lado nunca te exporás sósinho...

— Perdôa amigo... Mas é que em Portugal existem uma mulher e uma creança que te esperam.

Vasco, olhou-o enternecido e volveu:

— Maria e o meu pequeno Vasco...?

— Sim elles... Elles que não têem mais ninguem no mundo.

— Porém sabes que sou o teu irmão d'armas...

— Nunca consentirei que chegues ao extremo de um semelhante sacrificio... Esta noute irei, porém só... Arrancarei o soldado da prisão e partiremos juntos... Aguardar-nos-has na villa proxima e d'este modo partiremos para Portugal!

— Nunca Gomes Freire, acompanhar-te-hei n'essa extranha aventura...

— Irei só! exclamou elle com energia, n'uma inabalavel resolução.

— Não irmão, não irás só! gritou da porta a voz de Luiz de Berredo. Eu partilharei a tua sorte com a pessoa que me acompanha!

E apontava aquelle homem que chegara na vespera e estivera conversando com o principe.

— Quem sois vós? interrogou Gomes Freire surprehendido e dirigindo-se ao recemchegado.

— Um amigo do marquez d'Alorna! volveu o outro em portuguez.

— De D. Pedro?! exclamaram ao mesmo tempo Vasco e Gomes Freire.

— Sim d'elle que ficou em Portugal!

— Por Deus! Vindes de Portugal? perguntaram d'esta vez todos tres reunindo-se em torno do desconhecido.

— Sim... Venho de Lisboa...

— E que noticias nos daes de D. Pedro...

— O marquez! Mas elle proprio nos vae dizer as suas impressões! exclamou o recemchegado entregando a Gomes Freire a carta de Alorna que o coronel começou a lêr juntamente com o amigo, cujos olhos se arrazavam de lagrimas perante as referencias que o marquez fazia a sua esposa.

— E julga-me morto?! bradou elle de repente. Oh! E' necessario que parta! E' preciso socegar minha pobre esposa que assim se retira da côrte para carpir a sua viuvez... Pobre Maria, a julgar-me morto! Oh! Meu Deus como ella me ama!

— Sim ama-vos muito! Eu vi como ella soffria ao ouvir o correio russo dar noticias de Gomes Freire e dizer ignorar o que se passava a vosso respeito! Agora sei que ereis prisioneiro dos turcos! Mas depois, vossa esposa fez bem em sahir da côrte... E ainda assim no seu retiro precisa de ser protegida!

— O que? Corre então algum perigo? interrogaram elles deveras sobresaltados.

— O perigo que correm todos os amigos de D. Maria Benedicta desde que D. João reina com Carlota Joaquina!

— D. João! Mas e a rainha? interrogaram elles cada vez mais admirados.

— D. Maria I, está louca!

— Louca! bradaram cada vez mais admirados.

— Sim... Uma noute no theatro de Salvaterra, soltou um grito que fez estremecer toda a côrte.. A soberana estivera durante alguns mezes á disposição do seu confessor que a reduziu aquelle estado!

— Oh! Maldito! Maldito bispo do Algarve! bradou Gomes Freire, e logo com odio tornou:

— Eu devo partir, devo ir velar pela soberana... Devo velar pela esposa de Vasco...

— Descançae que outros vão cumprindo essa tarefa!

— Outros?

— Sim...

— Mas quem? Apenas o marquez de Alorna...

— E muitos outros desde os nobres até aos operarios!

— Mas...

— O que?

— Quem são esses homens que assim se expõem ás iras da Companhia de Jesus? interrogou o coronel admirado.

— Os pedreiros livres! volveu o outro muito gravemente...

— Pedreiros livres?! Oh! E o intendente da policia? perguntou Vasco, no auge da admiração.

— Persegue-os com selvagem ardor!

— E n'esse caso...

— Descobre as exterioridades e esquece os grandes centros onde Alorna, Lafões e o abbade Correia da Serra, vão fazendo a obra, a grande obra que virá dentro em annos a dar o mesmo resultado que em França!

— Que em França?

— Sim onde a tensão dos espiritos tem chegado ao seu auge e onde eu preciso estar dentro em alguns dias para assistir á mais memoravel das revoluções!

Olharam admirados aquelle homem que assim fallava e perguntaram de repente:

— Mas quem sois vós?

— Na Russia o barão Polok, um polaco amigo de Polinowisk!

— Do rei da Polonia?

— Sim... Porém em França, chamo-me, o conde de S. Germain, Cagliostro, e José Balsamo, como em Portugal me chamei o conde de Stephens!

— José Balsamo! exclamaram elles deveras admirados ante aquelle nome universalmente conhecido.

— Sim José Balsamo, sou eu! exclamou o maçon com aprumo. Sou eu que volto de Portugal onde o intendente da policia quiz exercer violencias sobre mim e onde acabo de fundar a maçonaria como a fundei em Inglaterra sob o patrocinio de lord Seymour e em França sob a direcção do duque d'Orleans!

— O irmão do rei! O irmão de Luiz XVI.

— E o seu peior inimigo!

— E vindes á Russia para a fundar tambem?

— Não... A Russia ha-de caminhar na rectaguarda das nações... A maçonaria existe em Vienna, em Berlim, em Londres, em Paris, em Madrid, em Lisboa, no resto dos paizes cujas capitaes citei... Na Polonia estende-se dia a dia... Está ainda na adolescencia mas em França vae dar um soberbo resultado! D'alli partirei para a America, irei até ao Brazil, mais tarde, e tenho a certeza de um dia conseguir uma republica universal!

— Mas quem sois vós? interrogaram assombrados.

— O homem que os reis encontrarão sempre no seu caminho, a quem chamam amigo e que os destruirá para que a humanidade marche para a verdadeira liberdade... Se vim á Russia foi para vos encontrar!

— A mim?

— Sim... Careço de vós para a minha empreza... De vós todos... Em França os grandes homens fazem n'este momento a revolução! bradou elle como um inspirado.

— Porém...

— O que? Não acceitaes? Lede bem a carta do Alorna!

— Já a li, senhor...

— E que respondeis!

— Que desde a juventude sonho com a liberdade! volveu Gomes Freire.

— N'esse caso iniciar-vos-heis no Oriente Lusitano, não é assim?

— Decerto, com os meus amigos...

— Que dizeis senhores? interrogou José Balsamo.

— Que odeio a Companhia de Jesus d'onde sahi e que nunca acatarei como escravo os reis! Estou prompto a auxiliar a vossa obra! gritou fr. Fabricio ao recordar-se ainda da traição que os outros tinham praticado e do acto infame a que o arrastaram.

— E vós, Vasco de Miranda? perguntou de novo o grão mestre.

— Oh! Eu... Estou ligado a Alorna e a Gomes Freire para a vida e para a morte!

— N'esse caso irmãos, confio em vós!

Elle tirando da algibeira uma roseta branca que era o signal da maçonaria, e entregando-lhes uns papeis por onde se reconheciam maçons, e exclamou:

— E agora estamos ligados para sempre! Conheço-vos em demasia... A vossa iniciação será uma simples fórmula!

— Grão-mestre! exclamou de repente Gomes Freire. Concedei-me licença, porém, tenho n'este momento um grave dever a cumprir! exclamou Gomes Freire vendo que a noite se approximava.

— Ah! Já sei de que se trata!

— Vós? bradou elle deveras admirado.

— Sim... Eu! Ides vêr...

Chegou á porta soltou um silvo prolongado por entre dentes e ao qual appareceu um homem que se curvou ante elles.

— Demetrio! exclamou o grão-mestre. Conduzi estes senhores á prisão de Muzok, o soldado que deve ser fusilado d'aqui a horas.

— Sim excellencia! volveu o outro que era o chefe da prisão inclinando-se de novo e fazendo um gesto aos presentes que cada vez olhavam José Balsamo com maior pasmo.

— Mas... Que poder é o vosso senhor? exclamou de novo Gomes Freire.

— Ah! Esquecia-me de vos dizer que salvei uma vez a vida ao rei da Polonia, que como sabem é o favorito de Catharina II...

— E depois? Senhor parte d'ahi o vosso poder...

— Sou membro do Santo Synodo russo, sob o nome de barão Pulok.

— Mas n'esse caso podeis salvar Muzok, bradou o coronel.

— Posso sollicitar o seu perdão da imperatriz e seria attendido... Isso leva dois dias e elle vae morrer dentro em horas.

— Mas supplicando ao principe!

— Sumatow para não ceder aos vossos rogos porque vos estima e muito, partiu para o logar onde se encontra Catharina II e só voltará após a execução...

— Porém... Poderei arrancar esse homem da prisão? exclamou elle n'um impeto.

— Sim... Ninguem vol-o impedirá... Acompanhar-vos-hei! Apesar de que na Russia, isso é o mais grave dos crimes!

— Que importa! bradou o coronel.

E José Balsamo, olhando o com admiração deu-lhe o braço e conduziu-o atravez da fortaleza para o logar onde se encontrava o soldado.

Atravessaram o acampamento e desceram por umas escadinhas de pedra até aos fossos onde as sentinellas o olhavam fazendo a continencia a Gomes Freire, que para os soldados, bem como para os outros representava um grande heroe.

O chefe da prisão acompanhava-os e abrindo uma portinha baixa, fel-os entrar na masmorra onde se encontrava Muzok.

Elle ao vel-os correu para Gomes Freire, beijou-lhe a mão e exclamou em russo:

— Oh! Oh! Tu salvaste a Russia... Dar-te-ha victorias, meu bom senhor...

— Queres acompanhar-me? interrogou o coronel cheio de jubilo ao ver que o chefe da prisão se retirava discretamente.

Muzok não percebeu logo e foi necessario que José Balsamo lhe repetisse a pergunta.

Elle ergueu-se, fez-se livido e volveu:

— Sahir d'aqui?... O perdão da imperatriz?

— Não... Fugirás comnosco e irás com Gomes Freire a quem estimas...

Na face do soldado, pintou-se o maior pasmo, encarou o coronel e bradou:

— E era elle que vinha salvar-me?

— Sim era elle!

— Perdia-se... Oh! E' na verdade um grande coração... Não, não irei...

— Descança que sahirás livremente!

— Não... A lei é a lei e eu sou russo! A patria precisa do

meu sangue vou derramal-o com prazer! A justiça quer a minha cabeça, tel-a-ha porque eu matei um chefe!

O soldado falava sempre no seu grande ar sonhador de fanatico, a cabeça loura d'um tom rijamente desenhado, muito erguida, nos labios um sorriso ao dizer:

— Gomes Freire, ficará no meu coração... Mas não troco a patria nem por elle nem mesmo por meu pae que está na Finlandia resando no seu barco... Não quero ver a casa nem a familia porque a patria precisa do meu sangue!

E aquelle soldado respeitado da lei, amigo da patria, que amava os homens que a salvaram, beijou de novo a mão do coronel e não houve meio de o arrancar das palhas onde se foi estender com uma serenidade socratiana.

Elles olhavam-no admirados por aquella recusa, e de repente Gomes Freire, comprehendendo que tudo era inutil, bradou:

— Tem razão eu procederia do mesmo modo! A lei é a lei... E agora só um regio perdão o poderá salvar...

Desceram para o fosso muito commovidos, olhando-se extranhamente.

N'este momento accendiam-se as luzes na cidade, as mulheres vestidas garridamente dançavam ao som das musicas e Oczakow resplandecia com as luzes aos milhares, pregadas no alto das torres e dos mirantes reflectindo-se na planicie gelada.

De repente dos lados das portas da cidade, um brado immenso atroou os ares, os canhões salvaram, soou o hymno imperial e como um grito de victoria um brado immenso sahiu de todos os labios na mesma ancia:

— Viva a imperatriz!... Viva Catharina II...

— A imperatriz?! bradou Gomes Freire com um sorriso. Oh! N'esse caso Muzok está salvo!

XIII

O heroe luzitano

Era com effeito Catharina II que acabava de atravessar a cidade, sob festões de verdura, por entre o brilho das luzes, ao som de musicas estrondeantes e ante um povo ajoelhado sobre a neve, as cabeças inclinadas em face de continuadores da obra de Pedro o Grande, a esposa de Pedro III, ao qual assassinara para dar um throno ao amante.

Ella, no interior da carruagem de posta, magra e pallida, olhava aquelle povo, bem refestelada nas almofadas, e nos seus olhos azues como retalhos de ceu, não passava o minimo signal de orgulho.

Sentia que lhe eram devidas todas aquellas homenagens, as suas mãos manchadas no sangue real não se levantavam para abençoar as multidões, e trepava para o palacio onde o principe estabelecera o seu quartel, vendo agora os grandes dignatarios tambem de joelhos á sua passagem, e, erguendo o busto flexivel, lembrava-se que era mulher e via-se n'um grande espelho collocado no alto da escada; com os dedos rebrilhantes d'anneis, aconchegava o manto.

Sumatow, o commandante em chefe, que fôra ao encontro da imperatriz, julgando assim fugir ás instancias de Gomes Freire, vira-se obrigado a entrar de novo na cidade, e no seu rosto passara uma nuvem de tristeza ao ver o general Volty, que Catharina obrigara a cavalgar á sua estribeira desde que o encontrara na povoa-

ção visinha, sorria, com um ar soberano, por entre os bigodes brancos.

Chegaram os bispos de longas barbas, envoltos em vestes recamadas de ouro, elles os primeiros da vespera, conduzindo a deputação das senhoras que vinham offerecer flores á imperatriz, umas pobres flores creadas entre estufas com incalculaveis despezas, e trazendo n'um rico estojo uma espada d'honra para o heroe que libertara a sua cidade.

Ao clarão das luzes, na branquidão dos collos em que as joias faiscavam, arrancadas de novo das bagagens turcas, viam-se fardas brilhantes da casa militar do principe e da imperatriz.

Na rua os mesmos sons atroavam os ares, as musicas tocavam, e os turcos encurralados nas suas prisões, contavam já com a morte desde que sabiam o caracter violento da czarina, que jámais poupara os revoltados, nem mesmo quando elles eram de sangue real.

Agora sorria ás damas d'um modo altivo e dizia a meia voz para o principe:

— Sumatow, onde está o teu heroe?

— Mandei que o conduzissem á vossa presença, real senhora!

— Sim... Quero vel-o... murmurou ella, com certa curiosidade.

Mas n'este momento, além, entre toda a brilhante côrte, por entre a garridice das tropas, no esplendor oriental que cercava a imperatriz, Gomes Freire, vestido no seu uniforme de coronel — o mesmo uniforme com que entrara em Oczakow — tendo a seu lado Vasco de Miranda e fr. Fabricio, que deixara as suas vestes fradescas, avançava para a imperatriz, ao mesmo tempo que a ala brilhante da sua casa militar buscava impedir o passo a esse official quasi esfarrapado e que não conheciam; e que Volty, com auctoridade, bradava:

— Que quereis, senhor coronel?

Elle encarou-o com altivez e, em bom francez, bradou:

— Quero fallar a sua magestade!

A imperatriz, que não o conhecia tambem, admirada da sua semceremonia, lançou-lhe um olhar soberano e exclamou:

— Não é costume fallar assim aos subditos! Eu costumo marcar as minhas audiencias!

— E' Gomes Freire de Andrade, o vencedor de Oczakow, real senhora! exclamou então o principe.

E ella, adoçando a expressão da sua physionomia, estremécendo ante o heroe luzitano, exclamou:

— Sois Gomes Freire!

— Sim, real senhora!

— Approximae-vos! bradou com certa alegria a czarina, levantando-se e estendendo-lhe a mão, que elle beijou.

A seu lado duas formosas senhoras seguravam a espada d'honra cravejada de pedras preciosas que a cidade offerecia ao bravo official, e a imperatriz exclamava:

— Devo-vos uma victoria, senhor!

Fallou em russo, de forma que elle, sem a comprehender, ficou-se a olhar serenamente, volvendo em francez:

— Real senhora, é o momento mais feliz da minha vida, este em que me ajoelho aos pés de vossa magestade!

— Ah! Não sabeis o russo! interrompeu a imperatriz, d'esta vez em francez.

— Não, real senhora... Sei apenas o francez e algumas palavras do tcheque, o bastante para uma conversação.

— Do tcheque? Estivestes na Austria?

— Em pequeno vivi na Bohemia!

— Ah! Polonia dos austriacos. Os pequenos estados junto dos grandes precisam ser absorvidos para sua gloria! Desapparece uma nacionalidade mas fica um grande povo que pode tomar parte nas glorias do seu conquistador... A Bohemia estava n'esse caso!

— Minha mãe é de nobreza da Bohemia, real senhora! volveu elle com orgulho. Sou da familia do conde de Schagoff...

— Ah! Porém, sois portuguez!

— Sim, por meu pae, que era embaixador em Vienna!

— Uma nobre raça, a luzitana! exclamou lisongeiramente a imperatriz, dizendo de seguida:

— Vim a Oczakow apenas para conhecer o vencedor dos turcos... Passava para a côrte e não quiz deixar de vos conhecer.

— São honras que jámais esquecerei, real senhora! volveu o heroe com impaciencia.

— E agora, Gomes Freire, sem duvida, ficaes ao serviço da Russia... Polionowisk, na Polonia, precisa d'alguem bastante va-

loroso para o ajudar ao desmembramento d'esse paiz, que se revolta a miudo... Vós sereis o governador da Varsovia...

O coronel empallideceu, viu na sua frente, confundido na onda dos dignatarios, José Balsamo, que o olhava anciosamente, e volveu:

— Agradeço a honra de vossa magestade...

— E acceitaes?

— Não, real senhora!

— Amaes então a Polonia? perguntou ella encrespando o sobr'olho.

— Eu amo sempre os que soffrem, sejam nações, sejam simples homens... Dos mais opulentos aos mais humildes, quando as suas almas são grandes e os seus caracteres honestos, encontram em mim um amigo; é na conformidade do que digo a vossa magestade, que tenho uma graça a sollicitar-vos!

A côrte admirava-se d'aquella forma de fallar e elle ia continuando no mesmo tom:

— Trata-se d'um pequeno, d'um filho do povo, rude mas generoso e grande pela alma.

Nos olhos de Sumatow rolou uma lagrima, nos de Volty houve um clarão raivoso.

— E que succedeu a esse homem? perguntou a imperatriz ante o silencio da côrte, emquanto o general Volty dizia algumas palavras ao ouvido d'um ajudante de campo, olhando Gomes Freire.

— Esse homem, real senhora, é um dos vossos soldados!

— Ah! E depois?

— Foi convidado por alguns homens de patentes superiores para assassinar um outro no qual viam um traidor... disse elle com modestia.

O ajudante de campo de Volty sahia lentamente da sala e dirigia-se para os lados da fortaleza, embrulhando-se muito na sua pelissa.

— Seguiu esse homem, continuou Gomes Freire, e, n'uma noite em que a neve cahia a flocos, viu-o avançar para o acampamento turco...

— E o meu soldado matou-o, não é assim? interrogou a imperatriz com colera.

— Não, real senhora, o vosso soldado seguiu esse homem, que

foi o primeiro a penetrar em Oczakow com dez outros e entre elles um offlcial inglez de nome mylord Archibald Campbell!

— Ah! Ereis vós... E quem vos accusava de traidor? interrogou ella ainda mais colerica.

— Real senhora! Peço-vos que escuteis o resto da minha historia.

O general Volty fazia-se livído e Sumatow olhava-o com grande raiva, esperando a revelação de Gomes Freire.

— Fallae! disse Catharina II.

— O vosso soldado portou-se como um valente na tomada da praça, e, depois, quando a bandeira da Russia tremulou ovante na fortaleza, elle, em vez de assassinar o homem que lhe tinham indicado, procurou a pessoa que servira de intermediaria para esse crime e apunhalou-a...

— Ah! Mas é bravo, esse militar! bradou a imperatriz e a côrte, enthusiasmadas, á excepção de Volty, que se tornava cada vez mais livido.

Gomes Freire, implacavel como o destino, continuou:

— Porém, o assassinado era um fidalgo e eu um coronel! A lei da Russia é peremptoria a tal respeito e o digno principe de Sumatow ordenou que se fusilasse esse militar que assassinara um superior, cumprindo n'esse ponto o seu dever:

— Sim, o principe cumpriu o seu dever! Porém, o soldado...

— Ah! Real senhora, foi preso no momento em que se dispunha a praticar do mesmo modo para com o verdadeiro mandatario do crime, o qual accusava sem provas dois militares dignos... A mim e a Vasco de Miranda!

E elle apontava o amigo, que se conservava ante a imperatriz.

— O vosso amigo esteve comvosco na tomada da praça!

— Real senhora, era prisioneiro dos turcos desde Odessa! Mas é ainda sobre esse soldado que tenho a sollicitar a graça de vossa magestade! Esse homem vae morrer dentro em alguns momentos e eu, apesar das leis, peço-vos o seu perdão!

— Quem ordenou a esse homem que vos assassinasse? exclamou a imperatriz.

— E' um segredo que pertence a Muzok, o soldado, se elle vol-o confiar eu não me opporei, porém, dos meus labios jámais sahirá o nome do meu inimigo!

Volty teve um impeto alegre ante a generosidade d'aquelle homem e tranquilisou-se um pouco mais.

— Que esse soldado seja posto em liberdade, principe de Sumatow! exclamou a imperatriz.

E emquanto um official partia a cumprir a ordem e que Gomes Freire ajoelhava a agradecer a graça, ella deitou-lhe os braços ao pescoço e, sobre a farda esfarrapada do heroe, brilhou o cordão de S. Jorge. Toda a côrte ficou assombrada perante aquella distincção, concedida aos grandes fidalgos, e o coronel, vendo a condecoração a reluzir-lhe no peito, curvou-se mais a agradecer á imperatriz.

Catharina II, encarava a sua face nobre e leal de bom soldado, e, tomando a espada que as damas seguravam, exclamou:

— Gomes Freire, eu vos faço cavalleiro de S. Jorge para premiar o vosso valor; a cidade, que tão brilhantemente nos entregasteis, offerece-vos esta espada de honra, em cuja lamina estão gravados os agradecimentos dos seus habitantes. Como imperatriz da Russia, nomeio-vos definitivamente coronel do meu exercito e cavalleiro de S. Jorge; como patriota, como mulher digo-vos lealmente: Gomes Freire! Não quero forçar-vos a que acceiteis o logar de governador de Varsovia, no entanto a guerra com a Turquia está terminada, a Moldo-Valachia pertence-me e vós rematastes brilhantemente a serie de victorias dos meus exercitos. Assignou-se o tratado de Jassy e o rio Danástre é hoje a fronteira do meu imperio... Vae desmembrar-se a Polonia mas vós não sois obrigado a servir n'esse paiz; ficae na Russia, na côrte, até que os vossos serviços, a vossa bravura possam brilhar de novo...

— Real senhora, volveu elle. A minha patria, esse pequeno paiz, perdido no fim da Europa, talvez careça brevemente de mais um soldado... Eu vou partir para Portugal!

— Procedei como desejardes, coronel; no entanto lembrae-vos sempre que a imperatriz da Russia, reconhece em vós um heroe!

Elle curvou-se de seguida e olhou para a porta com impaciencia. Acabava de assomar ali o official que Sumatow enviara á prisão e o qual, n'um ar contristado, dizia algumas palavras ao ouvido do principe, que se fazia pallido e encarou Volty, que fallava tambem com o seu ajudante de campo.

— Principe, disse a subitas Gomes Freire. E Muzok?

— Acaba de ser fusilado! Era a hora!

— Ah! A Russia acaba de perder um dos melhores patriotas.

— Porque o dizeis? interrogou o chefe.

— Porque, em respeito á lei da patria, recusou ha pouco a liberdade que lhe offereci...

— Vós? interrogou o principe surprehendido.

— Bem como eu, alteza! murmurou a seu lado José Balsamo, passando a inclinar-se em frente da imperatriz, que, ao vêl-o, exclamou:

— Vós aqui, barão de Pulok!

— Eu, real senhora, eu que volto da Polonia...

E a imperatriz affastou-se com José Balsamo para o vão d'uma janella, chamando Sumatow, emquanto a côrte se distanciava com respeito.

Gomes Freire apertava a mão de Vasco de Miranda, nomeado capitão pela czarina, e sahia com elle e com fr. Fabricio, dizendo ao vêr-se no terraço do palacio.

— Partiremos de madrugada!

— Para onde?

— Para Portugal! Mas passaremos por Paris, onde, segundo diz o grão-mestre, a revolução avança a passos agigantados!

— Por Deus e é elle, o homem que vive na intimidade dos soberanos!

— De todos elles! exclamou Luiz de Berredo.

— Ah! Camaradas, antes de partir tenho ainda alguns deveres a cumprir... disse Gomes Freire.

— Tu?

— Sim... Conduzir Elvira de Mello para Vienna e enterrar o corpo de Muzok, antes de metter uma bala na cabeça de Volty...

— Volty?! bradou Vasco de Miranda.

— Sim... Foi elle que, com o coronel Ivan, nos accusou de traidores!

O capitão mordeu os labios e lançou um olhar raivoso para os lados onde estava a côrte.

Em baixo folgava-se. Era sempre a mesma continua agitação, as luzes espalhando os seus clarões, as musicas tocando alegremente.

A cidade estava em portentosa festa e os tres homens agora atravessavam a multidão, que berrava o nome da imperatriz.

Alguem reconheceu Gomes Freire e um grito sahiu de todos os labios acclamando o heroe portuguez.

E então elle, dirigindo-se em francez a um *pope* (*) que estava na multidão, disse:

— Senhor... Acaba de ser fusilado um soldado, quereis por minha intenção acompanhal-o á ultima morada?...

— Mas decerto, salvador! volveu o *pope*.

— Vamos!

Porém, o povo, á vista de Gomes Freire, enthusiasmado com o homem que libertara a sua cidade, acompanhava-o instinctivamente e acclamava-o.

Chegaram aos baixos da fortaleza e, n'um mar de sangue, junto á parede crivada de balas, jazia, estendido, o corpo de Muzok.

A farda, que abrigava um peito leal, estava perfurada pelas oito balas do pelotão, e o soldado, com um reflexo de luar no rosto tumido, tinha a attitude serena d'um justo.

Gomes Freire, embrulhou piedosamente o corpo n'uma bandeira arrancada d'um poste, improvisaram uma maca com verdura, e, assim, conduzido pelos tres portuguezes e pelo *pope*, o soldado patriota, ia ser conduzido á sua ultima morada, fóra da cidade, no meio do gelo, que se abria, como lençol immaculado, a recebel-o.

E toda a população da cidade, attrahida pelo seu heroe, acompanhava, em silencio, o corpo de Muzok, que tinha uma expressão doce no rosto, como se agradecesse ao coronel aquellas honras.

Mas, antes de chegarem ás portas, o *pope* sentiu que alguem o affastava e no seu logar appareceu Sumatow, que cumprimentou Gomes Freire com um longo olhar.

E a gente da cidade marchava, sempre gravemente, acompanhando o pobre Muzok á sua campa de neve immaculada.

(*) Padre na Russia.

XIV

A desforra do heroe

As muralhas d'Oczakow, resplandeciam de luzes e lá de dentro das salas enormes da velha fortaleza, chegavam acordes de musica ao som da qual volteavam as camponezas vestidas nos seus pittorescos trajes em presença da côrte que aguardava a entrada da imperatriz, para tomar parte n'esse baile commemorativo da victoria sobre os turcos. O tratado de Jassy fôra assignado e tinham terminado as luctas com os infieis; a esquadra do pachá rendera-se com honra. Oczakow estava em poder dos russos e nada mais havia a fazer. Fôra a noticia do tratado que resolvera a imperatriz a ficar ainda mais uns dias, muito desejosa de gosar longe da politica aquella victoria que começava a engrandecer a Russia, a tornal-a a potencia forte e respeitada.

Por isso, os generaes turcos, aquelles guerreiros de longas barbas que fallavam um idioma barbaro, acabavam d'entrar na sala e eram recebidos com toda a diplomacia pelo principe de Sumatow, que lhes fazia as honras da fortaleza onde tantas atrocidades tinham sido commettidas.

Era na realidade um extranho espectaculo o de todos esses barbaros, vestidos nos mais garridos uniformes misturados com os officiaes vencedores, entrajados de côres severas, tudo isto agglomerado ao clarão feeríco das luzes, rodeando o grupo das camponezas que dançavam animadamente, erguendo de quando em quando os braços n'um cumprimento proprio da dança.

O general Volty acabava d'entrar e mettera-se no grupo dos dignatarios; o seu olhar tomara uma extranha dureza ao vêr que Gomes Freire penetrava tambem na sala acompanhado de Vasco de Miranda e de Luiz Berredo.

O heroe, vestia o seu novo uniforme de coronel, trazia a banda e a condecoração refulgente no peito da farda e a espada d'honra pendia-lhe da cinta n'uns reflexos de prata, a mostrar o valor d'esse militar que sorria tranquillo.

De repente, um joven official, fardado de tenente da legião extrangeira, dirigiu-se para o recemchegado, todo elle alegre, exclamando ao vêr-se face a face com o coronel:

— Ah! Ainda bem que chegastes, senhor!

— Porque? Acaso se notou a minha ausencia?! interrogou Gomes Freire com um sorriso.

— Como se nota sempre a ausencia dos heroes das festas e principalmente quando elles são como vós os heroes do dia!

— Cautella meu caro Campbell!... tornou o coronel, a gracejar. Olhae que vos vão alcunhar de lisongeiro!

O joven inglez, olhou admirado o seu companheiro da noute e retorquiu:

— Lisongeiro?! Oh! acaso alguem se atreverá a dar-me semelhante epitheto?! Nós, na nossa patria, estamos muito habituados á fleugma para semelhante cousa!

— Reparae que redobraes, Campbell! volveu o coronel, sorrindo, e perguntando logo:

— Mas ainda não me dissesteis a razão porque tanto desejaveis a minha chegada!

— Primeiro por estar a vosso lado! Segundo porque a imperatriz manifestou a vontade de abrir o baile da côrte pela vossa mão!

Gomes Freire, encolheu os hombros como se pouco lhe importasse semelhante honra e redarguiu:

— Agradeço-vos o interesse!... E por agora, meus amigos, deixae-me!... supplicava por fim olhando Volty que o olhava tambem.

— Que ides fazer? perguntou Campbell cheio de amisade.

— Vou dizer duas palavras ao general Volty!

E antes que o podessem impedir, o novo coronel, atravessou

na direcção onde o russo o aguardava a pé firme, mais desejoso de pôr a claro a situação.

O baile continuava, os turcos de longas barbas e uniformes garridos, olhavam sempre os russos que se mostravam serenos; e Osmem-Pachá, o chefe do exercito, o antigo governador de Oczakow, tinha uma sombria expressão na physionomia ao assistir aquella festa que era como um insulto que lhes atiravam.

Gomes Freire, muito junto de Volty, pronunciava lentamen e algumas palavras; depois affastavam-se ambos para o vão d'uma janella e o coronel, dizia abruptamente:

— Venho fazer-vos as minhas despedidas, general!

— Ah! Partis! interrogou o russo buscando amortecer a expressão radiante da sua physionomia.

— Sim... Volto para o meu paiz, mas não quero deixar a Russia sem vos agradecer o bem que me tendes dispensado!... e Gomes Freire, fallava n'um tom onde havia uma ironia habilmente dirigida ao interlocutor que se tornava livido.

O heroe, continuava:

— Desde o dia da minha entrada no exercito de sua magestade a czarina, até hoje, tenho achado em vós um verdadeiro patriota, general! Sabeis agradecer bem o sacrificio da vida e do sangue d'aquelles que vem de longinquas terras a pôrem o seu braço ao serviço da vossa soberana! Vós e alguns dos vossos companheiros, sois valorosos deveras!... E ante a lividez cada vez mais pronunciada de Volty, ante o gesto que elle fazia para lhe retorquir, o coronel com desembaraço não podendo mais tempo refrear a colera que lhe subia em borbotões aos labios, bradou em voz suffocada:

— Sim, patriotas. Oczakow ter-se-hia perdido se os vossos intentos tivessem tido execução; sim, valorosos, porque armaes braços nas trevas contra aquelles que vem defender os vossos interesses! Eu sou d'esse numero, general Volty, eu pertenço a esses! Por isso aqui estou para vos dizer:

— Olá sr. militar... Agora frente a frente tereis a mesma coragem?

Gomes Freire, alteava a voz, encarava de frente o adversario e todos os olhares convergiam para alli.

O russo levava a mão á espada e dizia por seu turno:

— A's vossas ordens!

— Vamos! bradou de novo o heroe, deveras satisfeito.

Porém n'este momento, todas as cabeças se inclinavam e a voz do mestre de cerimonias, exclamava:

— Sua magestade a imperatriz, nossa senhora!

O baile suspendeu-se e a musica começou a tocar o hymno imperial, viam-se dorsos curvados em attitudes respeitosas e apenas Gomes Freire ia para transpor ousadamente a porta; o proprio Volty parara na sua carreira, tendo no rosto os mais evidentes signaes de raiva.

Mas Catharina II, olhava o portuguez, sorria-lhe e em voz affavel que era para extranhar n'essa orgulhosa e terrivel mulher, dizia-lhe:

— Coronel, ficae!... Dae-me a vossa mão... Sois o heroe da festa, como sois o heroe da batalha!

O amigo do marquez d'Alorna, olhava serenamente a imperatriz e ia retorquir-lhe talvez com uma escusa respeitosa, porém n'este momento fazia-se um grande movimento no ajuntamento e o general Volty, tornava-se ainda mais livido ao vêr José Balsamo acercar-se ao lado do principe de Sumatow e ao ouvir este dizer-lhe:

— Senhor... Sua magestade está informada acerca do vosso procedimento criminoso para com o vencedor d'Oczakow... Elle poupou o vosso nome e queria apenas a vossa vida, mas sua magestade não o entende assim e por isso e em nome da imperatriz vos peço a vossa espada!

— Prendeis-me?! exclamou elle como louco, ao vêr todos os nobres senhores e os illustres militares affastarem-se d'elle com repugnancia.

O principe apenas fez um gesto imperioso e o general, em voz tremula retorquiu ainda:

— E qual é a fortaleza que me destinam? Oh! Meu general valia mais ter morrido no campo de batalha, assim poupava a vergonha aos meus!

A musica rompia de novo a começar o baile e Catharina II, aquella poderosa e temida mulher d'estado, esqueceu-se por momentos do seu tenebroso papel á face do mundo e recuperando todas as graças femeninas, deu o signal do divertimento, conduzida por Gomes Freire que estava muito pallido ao vêr que lhe roubavam a vida do general.

Agora já ninguem se importava com Volty que fôra conduzido pelo principe e todas as attenções se voltavam para aquelle par formado por uma soberana e por um heroe, ao qual ella distinguia de tão graciosa maneira.

Os nobres senhores e damas da cidade seguiam sempre a imperatriz e ao brilho das luzes era um quadro na realidade sublime e admiravel, o d'aquella bella e luzida côrte dançando na sala empedrada d'uma fortaleza.

O heroe estava silencioso. Porém ao cabo d'uns momentos, murmurava :

— Real senhora, tenho uma graça a pedir-vos!

— Dizei! exclamou ella com um sorriso animador.

— Peço-vos que poupeis a honra do general Volty!

— E sois vós que me pedis semelhante cousa?

— Eu sim, real senhora!

— Mas não sabeis então o nome do homem que levantou contra vós a arma de Muzok, o soldado?

— Já o esqueci, real senhora... Já o esqueci!

— Pois é possivel?! Não existe no vosso coração o odio, coronel!

— Só emquanto os que odeio estão de pé! Ao vel-os por terra apossa-se de mim a piedade que todo o homem de bem deve sentir pelo semelhante prostrado!

A imperatriz olhou extranhamente aquelle homem singular e retorquiu ainda:

— Porém, o general...

— Devia-me a vida e não a honra! Eu sei como essas cousas se fazem na Russia!

— Quereis dizer que eu sou mais severa que os outros soberanos, não é assim?... perguntou aquella mulher que perdera o esposo, encrespando as sobrancelhas em ar zangado.

— Não real senhora, e se acreditasse semelhante cousa não vos pediria essa graça! Porém real senhora, apenas vos peço que não deshonreis o nome de Volty!

— Interessai-vos então muito pela honra do vosso inimigo? perguntou de novo como se não comprehendesse.

— Como pela minha!

— E' singular...

— Não real senhora, é até vulgar! O interesse que eu tomo pela honra de Volty é o que todo o homem deve ter pela do adversario!

— O que?!

— Sim.... Não o deshonreis porque n'esse caso não lhe posso pedir a vida! Ninguem se bate com um homem deshonrado!

Catharina II, teve um terrivel sorriso ao ouvir o coronel fallar de semelhante modo, e redarguiu:

— O carrasco vos dará a vingança!

E era alli, no esplendor d'aquelle baile, entre o luxo e as pompas d'uma côrte, ao som da musica a mais estonteante que a imperatriz lavrava assim a sorrir a sentença que deshonraria o general.

— Real senhora, peço-vos que perdoeis a Volty!

— Nunca! Os traidores, os vis, devem receber castigo egual á sua traição! Ha pouco quando vos ouvia fallar, dizia commigo mesma que a dar-se a vossa morte, Oczakow estaria talvez ainda em poder do inimigo! Desejei logo saber quem era esse homem que assim encarava os negocios da sua patria e buscava a gloria pela traição ignobil! Vós, como fidalgo, e leal soldado, recusastes dizer-me esse nome... Mas um homem que tudo sabe, que tudo vê, que tudo prescruta, revelou-me o nome de Volty, mais ainda, disse-me que vós querieis bater-vos com o general!

— Ah! E quem o sabia?

— José Balsamo... O barão Pulok, que tudo sabe! disse ella, cheia de superstição. E eu, temendo nova traição, resolvi proceder energicamente! Agora é tarde, Gomes Freire! E' esta a minha ultima palavra... Volty será condemnado á morte!

— Será fusilado! exclamou o coronel deveras perturbado.

— Gomes Freire... O fusilamento é a morte dos militares; o general Volty deixará de ter o seu posto para ser enforcado!

— Real senhora... Mas para tão pequeno crime!...

— Crime pequeno?! Oh! Não... Essa ninharia ia fazendo com que Oczakow ficasse em poder dos turcos... Pedi-me o que quizerdes, coronel, excepto a vida do general Volty, ou antes, do reu d'alta traição que usa esse nome...

— Alta traição?!

— Sim... Quem vos diz que não estava vendido ao inimigo!

O heroe ia protestar; porém, a musica terminava e a impera-

triz, com um amavel sorriso, perguntava a Sumatow, que se approximava:

— Como se chama o passo que acabamos de dançar?...

O principe achou-a deveras admiravel e retorquiu:

— Mas chama-se: o passo da Bohemia!... Foi escripto em memoria do heroe da festa!

— Pois para nós chamar-se-ha: o passo do perdão!

— O quê, vossa magestade perdôa a Volty? perguntou rapidamente Gomes Freire, deveras radiante.

— Coronel! Será o passo do perdão, não porque eu perdoe a esse homem, mas sim a vós por me terdes fallado d'um traidor!

A imperatriz sorria ainda do mesmo modo terrivel e affastava-se seguida pelo principe.

Gomes Freire, ficou uns momentos meditativo, e de seguida avançou para José Balsamo, que narrava a vida intima da côrte austriaca a alguns generaes turcos, fallando este idioma.

— Barão! exclamou o coronel. E' certo que tudo sabeis? E' certo que tudo podeis! interrogou elle affastando-se um pouco com o chefe dos pedreiros livres.

— Quasi, meu amigo... Mas porque me fazeis semelhante pergunta?

— Porque desejo o perdão do general Volty!

— Já o sollicitastes de Catharina II?

— Já!

— E ella recusou, não é assim?

— Sim, recusou!

O grão-mestre esboçou um sorriso e volveu:

— Nada de salvação... Precisamos mostrar aos jesuitas existentes na Russia que estão muito longe de terem poder no animo da soberana!

— Mas que tem Volty com a Companhia?

— Tem que elle é um dos mais encarniçados defendores do catholicismo na Russia. Suas filhas estão entre os jesuitas aqui existentes! Além d'isso, é um traidor. Estava vendido aos turcos, disse-m'o Osman Pachá!...

— José Balsamo, fallaes verdade?

— Suppondes acaso que preciso mentir? interrogou elle, orgulhosamente.

— N'esse caso, que siga o seu destino! replicou o coronel.

— O quê? Acaso tinheis pensado...

— Sim; tinha pensado em chegar á sua prisão e offerecer-lhe a minha pistola para que desse um tiro na cabeça, afim d'escapar á morte ignominiosa que o espera!

— Pois guardae a vossa pistola! Eu preciso não só da vida mas da deshonra publica d'esse homem! E' o melhor meio de fazer recuar os jesuitas!

— E' tarde para isso! exclamou, n'este momento, a seu lado, Archibald Campbell, o joven tenente inglez, Volty, não será deshonrado publicamente porque está morto!

— Morto! bradou Gomes Freire, estupefacto, bem como o grão-mestre.

— Mas como?

— Pelo suicidio! Volty matou-se! Fez voar os miolos com a bala d'uma pistola que eu lhe cedi atravez as grades!

— Vós?!

— Eu, sim... Jámais terei a coragem de vêr enforcar um militar, embora elle seja um traidor, e o principe de Sumatow dissera que era essa a morte que esperava o inimigo de Gomes Freire! replicou ousadamente o joven official.

E o coronel, com os olhos orvalhados de lagrimas, apertou ao peito o generoso bretão, exclamando:

— Era o que eu teria feito, meu amigo! Oh! Sois um grande coração!...

Apertaram então vigorosamente as mãos e d'ahi a momentos o coronel entrava nos aposentos para onde Catharina II se retirara.

— Venho despedir-me de vossa magestade! bradou elle, inclinando-se reverentemente.

— Oh! Já?!...

— Sim, real senhora... Tenho de estar em Praga dentro em alguns dias!

— E que ides fazer a Praga? Julguei que partias para Portugal, Gomes Freire.

— Com effeito, é esse o meu destino! Mas é que a minha passagem por Praga tem um fim, o qual não posso deixar de cumprir... Vou conduzir a um dos conventos da cidade uma senhora

que amei na minha juventude e a qual se encontra nos estados de vossa magestade!

— Quer dizer que já não amaes essa dama? exclamou a imperatriz muito interessada pelo seu heroe.

— Se a amo, real senhora! Mas se foi o primeiro e será o unico amor da minha vida! volveu tristemente o heroe.

— N'esse caso, porque não a tornaes vossa esposa? perguntou ella, rapidamente.

— Real senhora... D. Elvira de Mello professou! replicou elle como desesperado.

— Ah! E aqui na Russia?...

— Não, real senhora... Em Roma, d'onde veio para aqui quando os jesuitas!

— Porque não fica, n'esse caso?... Dar-lhe-hiamos um abbadessado nos nossos estados da Polonia! Sim, porque não fica? interrogou a imperatriz.

— Real senhora... D. Elvira de Mello é uma victima da Companhia de Jesus e por isso não póde ficar aqui, onde os padres catholicos são apenas os jesuitas!

— Porém, na Polonia...

— A Polonia está n'um latente estado de revolta e a dama de que vos fallo carece de socego e paz, quanto eu careço d'agitação e ruido! Separados para sempre, resta a cada um de nós a morte! Eu, no campo da batalha; ella, na clausura, orando por mim!... Por isso, eu parto, com vossa permissão, senhora!

Catharina II, estivera ouvindo-o, de cabeça baixa, toda engolphada n'aquella ideia do amor, de que elle lhe fallava em tão sincera linguagem; depois, soltava um suspiro e retorquia:

— Vós o sabeis, coronel!... Desejaria que fosses feliz!...

— Feliz me sinto com as honras que vossa magestade me concedeu! E agora, resta-me beijar, respeitosamente, a mão que me distinguiu e partir!

E elle, n'um galante meneio, beijava a mão da imperatriz e sahia da sala.

Ella ergueu-se d'um salto e chegou á janella; viu a sege de posta, para onde o coronel subia e onde D. Elvira de Mello o esperava, e, em voz commovida, murmurou:

— Feliz rainha, a que possuir semelhante defensor!

Ao mesmo tempo, o coronel dizia para a antiga noiva:

— Elvira... E' chegado o momento do nosso ultimo encontro!

— Não... Não... O ultimo será no ceu!

A carruagem sahia a toda a brida, as portas da cidade, e elles continuavam ainda a invocarem as recordações do seu amor passado E, ao lado da mulher amada, Gomes Freire deixava essa Russia onde se mostrara um heroe e onde fizera considerar o nome portuguez.

Vasco de Miranda, e Luiz de Berredo, tinham-se despedido de José Balsamo e de Sumatow e iam tambem regressar á patria, onde novas luctas e novas intrigas aguardavam a chegada de Gomes Freire para se desenvolverem.

Era no fim do anno de 1792, e a França revolucionaria ia dar ao mundo o espectaculo do Terror.

XV

1793

Europa soffrera um rude abalo ante a audacia da França, revoltada contra o direito divino dos reis, aos quaes atirara, n'um desafio, a cabeça ensanguentada de Luiz XVI. Nas fronteiras, os generaes da republica ganhavam victorias, ao som da *Marselheza*, cantada por todos os bravos, e a França mostrava bem ao mundo que, ante uma ideia de justiça, os aldeãos e os operarios não eram inferiores, como soldados, aos das disciplinadas hostes dos reis que buscavam suffocar a affirmação potente da liberdade que raiava, estremecendo sobre os thronos balanceados a esse vento de revolta que passara dos Pyrineus para a peninsula, que ganhara a fronteira belga e atravessara a Mancha, n'um alarde de força. A Inglaterra estremecia de pavor ao recordar-se que essa ideia da França representava um incitamento a algum novo Cromvell ousado. Havia a precedencia de Carlos I, secundada agora pela de Luiz XVI, e as cabeças coroadas lançavam vistas receiosas atravez das fronteiras; e os monarchas uniam-se n'uma cruzada contra a liberdade, que raiava com sangue real espalhado. Eram represalias de seculos que os soberanos temiam; eram os crimes dos antepassados do Capeto que a França vingava, n'aquelle delirio de revolução.

A furia do povo, respondera á dominação da nobreza; os crimes imputados á Convenção parecem enormes porque foram feitos no curto espaço d'alguns mezes. No fim tudo a perseguição á no-

LUIZ XVI

breza, o sequestro dos bens, a proclamação da republica, não era mais do que a resposta á exploração, á infamia, aos crimes praticados desde a fundação do reino até ao Capeto timido, que pagara por todos. As hediondas scenas entrevistas na Bastilha tinham excitado a colera do povo, e a guilhotina respondera aos cadafalsos numerosos que a realeza erguera para justiçar o povo, quando não se limitava a suspender milhares de creaturas dos troncos das arvores, onde a flor de luz ia distinguir o crime; o *ça irá* e os lanternins de Paris, enfeitados de cadaveres, eram uma condigna resposta para aquella epoca. Muitos condemnam a hecatombe d'onde brotou a luz, d'onde sahiu o guerreiro ousado, o corso ambicioso que subjugou a Europa esperando subjugar o mundo, é no emtanto certo que sem a revolução franceza, ainda hoje as oligarchias dominariam por toda a parte.

Enchia-se pois a Europa do som triumphal da *Marselheza*, os povos acreditavam n'um seculo novo de paz e felicidade universal, os reis davam as mãos e formavam um circulo d'aço com os seus soldados buscando esmagar a republica.

A imperatriz da Austria, buscando sustentar o throno de Maria Antonieta sua filha, dava a mão ao rei da Prussia que temia pelas suas fronteiras; e em Pilnitz trataram da invasão da França. Brunswich avançava, a Vendea revoltava-se, a Inglaterra ficava na espectativa emquanto a Hespanha se movia, temerosa tambem, d'essa avalanche que rolava pelos Pyrineus. Mas cada homem da republica era um soldado: ferreiros de mãos callosas, como Lannes, tornavam-se generaes victoriosos, soldados como Lefebre eram os heroes do dia seguinte, um simples tenente como Bonaparte, coroava esse edificio gigantesco com a sua audacia, Hoche, Jourdan, Dumoriez, batiam exercitos com bandos de camponios e a bandeira da republica fluctuava sempre óvante, sempre triumphal n'um desafio, e a guilhotina decepava cabeças dia e noite como se quizesse acabar d'uma vez para sempre com o sangue azul.

Em Portugal, o terror chegara ao seu auge. Pina Manique, o intendente da policia, andava esbaforido dia e noite na sua campanha contra os pedreiros livres, esquecendo os jesuitas que erguiam a cabeça e iam para os degraus dos thronos a exercerem vinganças.

D. Maria I, estava louca e passava os dias resando fervorosamente no seu quarto, recebendo apenas as visitas do bispo do Al-

garve, d'esse Tavora que tomava uma grande importancia na côrte, e a do dr. Willis que viera de Londres para tratar a regia enferma, elle que fôra já o enfermeiro d'outro doido coroado, Jorge III de Inglaterra. Governava como regente, o principe D. João, esse que mais tarde foi o rei sempre dominado pela esposa, a Carlota Joaquina impudica que deshonra a casa de Hespanha e mancha a corôa dos Braganças com os seus vicios, com os seus crimes, com as suas proezas de meretriz coroada.

O ministro da guerra, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, tomado de bellicos ardores, sentindo uma revolta enorme contra essa França que levantava mão sacrilega para a nobreza, de ha muito que buscava alliar-se á Hespanha e á Inglaterra n'uma cruzada de nova especie contra a religião da liberdade. Mas a Hespanha desdenhara o auxilio do pobre povo e a Inglaterra desprezara-o com a sua altivez de leopardo, não querendo receber Portugal como alliado mas sim como tributario, acceitando as offertas do ministro com o grande desplante de quem lhe prestava um favor, porém conservando-se ainda na espectativa.

Estavam as cousas n'este pé, quando o ministro, todo vestido de negro, o rosto pallido, todo tremulo, subia as escadas do paço de Ajuda e se fazia annunciar ao regente.

— Sua alteza está com o seu confessor, excellencia... respondeu o camarista.

— Trata-se d'um caso de maxima urgencia! replicou elle, sempre á pressa.

— Porém eu tenho ordens... Sua alteza impediu-me de annunciar-lhe alguem seja qual fôr o motivo... Entrega-se ás suas devoções!

— Sim e na realidade, sua alteza tem necessidade de pedir ao céu clemencia para os reis! bradou n'este momento uma voz na antecamara, ao mesmo tempo que um homem fardado de sargento-mór, se apresentava aos olhos espantados do ministro da guerra, o qual perguntava logo com um tom altivo:

— E porque o dizeis, senhor?

— Porque venho de França! explicou o recemchegado muito serenamente.

— De França! Vós vindes de França! bradou o ministro deveras admirado, olhando para todos os lados como se estivesse e-m

MARIA ANTONIETA

presença d'um jacobino da Convenção, que no seu espirito appareciam como monstros.

O proprio camarista, recuava dois passos e benzia-se devotamente esperando vêr no desconhecido talvez a cauda do proprio Satanaz.

Porém aquietaram-se um pouco ao olharem bem de frente esse homem que estava na sua presença, ao lerem a bondade n'aquella physionomia franca e aberta em cujos olhos brilhava a luz dominadora d'uma intelligencia vigorosa. Elle esboçava um sorriso e continuava :

— Sim, sr. ministro, assisti ha doze dias á morte de Luiz XVI!

— A morte do rei! Pois atreveram-se! O quê? Luiz XVI está morto?! gritou o ministro fazendo-se livido e recuando ante o recemchegado que taes noticias lhe dava.

— Oh! E atrevem-se esses miseraveis a enviarem-nos ainda um commissionado! Sim, esse mr. Arbaud que acaba de chegar e conduz comsigo todas as maldições! E era quando eu vinha pedir a sua alteza, o direito de expulsar esse intruso, esse enviado d'uns assassinos, que vós me participaes a morte de sua christianissima magestade! Oh! E' necessaria a guerra, a guerra sem treguas e sem quartel a esses pedreiros livres! Contae com o nosso odio vós francezes! concluiu Luiz Pinto fechando o murro e apontando-o ao tecto vigorosamente.

E logo, duvidando das palavras do sargento-mór, com grande colera, bradou de novo:

— Mas quem vos disse tudo isso?

— Quem?! Mas vi eu excellencia!... Sim, sr. ministro, eu vi o lugubre cortejo sahir do Templo em alas enormes de patriotas que cantavam o *ça ira*, esse grito de morte aos nobres que hoje reboa em todos os cantos de Paris... O monarcha, na sua attitude doce, serena, n'um ar de justo que vae pagar com a vida as culpas de ter nascido n'um throno, caminhava resignado para essa guilhotina vermelha como o sangue e que se estadeava lá em baixo entre bayonetas e rodeada de populaça embrutecida que rouquejava invectivas! Em todos os chapéus, o tope tricolor, em todas as mãos chuços e bayonetas, em todos os labios o mesmo *Eia avante*, sunoros e fortes e ao som do qual os francezes tem obrado prodigios nas fronteiras!

O ministro ouvia-o aterrado, a porta do gabinete de sua alteza

abrira-se e o principe ficara no limiar ao lado do confessor que estava livido, o desconhecido parara uns momentos de fallar e das arcadas do palacio chegavam gritos alegres de gente que voltava d'uma caçada; Luiz Pinto, franzira as sobrancelhas e bradara:

— Prodigios?! Acaso reconheceis os feitos d'esses miseraveis?

— E porque não excellencia! E porque não?! Admiro essa legião esforçada e valente que com generaes sahidos do povo, batem o proprio duque de Brunswich, um dos mais afamados cabos de guerra da Europa! Admiro-os como soldados não como politicos! E sabeis porque?

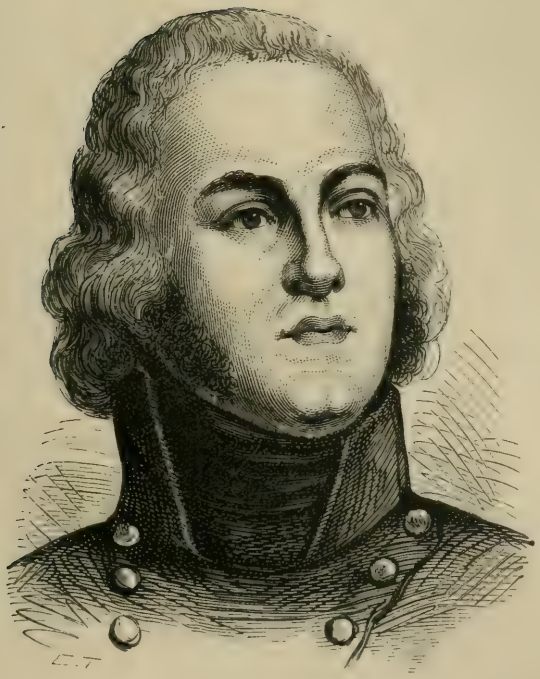
— Porque sem duvida sois um fiel vassalo da rainha de Portugal e um respeitador de todos os monarchas.

Ao fim do corredor e sem que elles dessem por tal acabava de apparecer o vulto negro de Pina Manique, que ouvira as palavras do ministro e farejava a resposta do outro que retorquia:

— Porque tenho ainda na retina a visão sangrenta d'essa machina que um rei aperfeiçoou e onde o mesmo morreu! Porque me parece vêr ainda o perfil pallido e magestoso de Luiz XVI de pé na platafórma da guilhotina, fazendo um gesto ao povo que lhe gritava:

— Morra o Capeto!

Porém era tão augustamente dolorosa a expressão d'aquella régia physionomia, que as proprias *furias da guilhotina*, essas velhas hediondas que appareciam sempre como aves agoureiras em torno dos mortos pela republica, se calaram cheias de terror. Nem o mais leve ruido se ouvia. Ali era agora o Paris que se admirava da sua propria audacia, que parecia hesitar n'aquelle momento supremo... Em todos os cerebros passou um breve lampejo de razão, todos viram a hediondez do crime e estacaram... Lá em cima, no cume da sinistra machina, o rei ia fallar, nos seus olhos havia lagrimas á recordação d'esse bom povo que tantas vezes o applaudira, do seu coração de pae ia sahir uma supplica a essa gente... Ia pedir-lhes pelo filho, pelo pequeno delphim, que aquella hora devia rezar por elle! Eu estava entre a multidão, pensei que o rei recolheria ao Templo, tal era a expressão piedosa de todos os rostos, pensei que esse acto d'audacia da republica a ia deitar por terra, olhei mais uma vez o rei e do intimo d'alma lhe desejei a vida. . Estava commigo um homem valoroso... Em Portugal dominaria todo



HOCHE

aquelle povo, em França não passava d'um extrangeiro, e tive que assistir a tudo!... No meio d'aquella angustia, d'aquella intensa dôr, do terror de todas as physionomias, do receio que o espantoso acto inspirava, bastaria um grito e a republica pagaria caro a ousadia! Um homem comprehendeu isso e amando mais a liberdade do que a vida do rei, quando Luiz XVI ia pronunciar as primeiras palavras, levantou-a voz rouca. Era Santerre, que bradava: Rufem os tambores! E logo uma cabeça real cahiu no cesto da guilhotina! Luiz XVI fôra justiçado, a sua cabeça era atirada em desafio á Europa inteira!

Dois gritos estridulos soaram; um solto pelo principe que estava livido e cahia desamparado nos braços do confessor, o outro pronunciado por Pina Manique que avançava livido tambem, bradando:

— Sois um pedreiro livre... Vindes de França!

— Senhor, eu sou Gomes Freire, sargento-mór do exercito de Portugal e coronel de sua magestade Catharina II da Russia! Venho de França sim e então?! gritou elle n'um tom de desafio, dirigindo-se ao intendente.

— Ah! que não sabeis senhor que isso constitue um crime! Quem uma vez pisa esse terreno maldito, fica empestado para sempre!

O sargento-mór, voltou-se então para o ministro e exclamou:

— Excellencia, eu vinha ao paço procurar o meu amigo, o conde de Assumar para de seguida me ir collocar ás vossas ordens! Que ordenaes pois?!

— Que me acompanheis á intendencia... Não é assim excellencia?... Oh! Notae que está em Lisboa mr. Arbaud o enviado d'esses miseraveis francezes... clamou o intendente.

O ministro estava preplexo, não sabia que resolução tomar, olhava o principe D. João que por seu turno olhava o intendente e não sabiam como resolver aquella questão da morte do rei que começava a preoccupal-os muito.

Por fim D. João, murmurou:

— Que fazer?! Que fazer?!

— Meu senhor... E' necessario declarar a guerra á França! bradou Luiz Pinto, agora mais do que nunca tomado das suas idéas bellicosas.

— Meu senhor, é preciso prender todos os pedreiros livres! gritou Pina Manique com um olhar de raiva ao sargento-mór.

— Pois prendei... prendei, sr. intendente e vós Luiz Pinto, tratae de pôr quanto antes fóra de Portugal esse mr. Arbaud que a França nos envia! murmurou o regente em voz tremula, temendo ver apparecer d'um momento para outro essa tão temida figura do enviado francez.

E como se o receio do medroso principe se tornasse realidade, como se todos os membros da convenção fossem irromper pelas portas e atirar á guilhotina a cabeça dos reis, uma figura espectral, pallida, esguia, de cabellos em desordem como um symbolo caricato da realeza, appareceu de repente, e uma voz perturbada exclamou:

— João... João... Não quero a guerra! Ouçam o embaixador... ouçam-no!

— Minha mãe! gritou o principe ao ver-se em presença da rainha louca que contrahia medonhamente a physionomia, onde os olhos amorteciam pouco a pouco.

— Senhora! exclamou o ministro curvando-se, emquanto o intendente olhava Gomes Freire que se curvava tambem.

— E' preciso! E' preciso! clamava Maria I, agarrando o braço do filho e continuando:

— Eu sou a rainha! Eu sou a rainha! Eu quero que se receba o enviado! Eu quero que haja paz!...

Mas o dr. Wills, um velhote de bom aspecto, em cujos olhos azues se lia a bondade e em cuja alta testa a intelligencia se mostrava, apparecia e collocava-se junto da doente que ao vel-o estremecia, soltava um grito de contentamento e dizia já sem espasmos, quasi naturalmente:

— Não é verdade, meu amigo, não é verdade que devemos fallar a esse homem?

O medico callava-se e fixava-a longamente; os outros espectadores d'esta scena estavam como aterrados.

A porta abria-se, um camarista entrava esbaforido, de corrida e bradava:

— E' mr. Arbaud que se diz enviado da republica franceza!

Aquelle nome cahido assim de chofre no meio da reunião, deixou-os uns momentos preplexos, a encararem-se, apenas o inten-

dente da policia se acercava de sua alteza e trocava com o principe algumas palavras em voz baixa sahindo de seguida.

— Que entre! Que entre! gritou a louca passando as mãos pelos longos cabellos hirsutos.

O camarista interrogava o principe com o olhar, fazendo pouco caso das ordens da rainha e por fim D. João, muito livido, com grande timidez, murmurou para o confessor:

— Que fazer?!

— Dizer a esse homem que o governo de Portugal não reconhece a republica franceza e antes lhe declara a guerra! tornou Luiz Pinto com colera.

— Era esse o meu aviso, senhor... assentiu o confessor, dizendo de seguida: A França é um paiz d'hereges e nenhuma nação póde reconhecer tal republica!

Gomes Freire, estremeceu, fez-se pallido, e viu que egual pallidez se desenhava no rosto da rainha, que bradava:

— Que entre! Que entre!

— Doutor, murmurou então Luiz Pinto em inglez. Peço-vos que conduzais sua magestade!

O medico agarrou o braço da rainha e buscou arrastal-a para fóra do aposento, porém ella como tomada de subita colera, livrou-se da mão que a prendia e bradou:

— Nunca! Nunca! Aqui sou eu a soberana! Querem que elles nos matem... Querem que nos prendam! Luiz XVI está no Templo!... Soltava uma gargalhada terrivel e continuava: Os Tavoras, os Tavoras hão de vir!... Alguns estão em França, eu tenho medo! Eu não quero!... Que entre... que entre o enviado!

— Cumpriremos as ordens de vossa magestade! resolveu firmemente Luiz Pinto olhando o principe, que fez um gesto d'assentimento e foi tomar o outro braço de sua mãe, dizendo-lhe:

— Mr. Arbaud, será recebido, descançae senhora!

— Que entre! Que entre! gritou ella desejosa de vêr chegar o enviado.

Porém era arrastada para fóra pelo medico e pelo principe e durante muito tempo os seus gritos resoaram nos aposentos baixos do palacio onde tinha a sua residencia.

Luiz Pinto, voltava-se para Gomes Freire e dizia-lhe:

— Aguardae-me sr. sargento-mór. . Preciso dar-vos destino! e para o camarista, ordenou:

—Fazei entrar esse mr. Arbaud para o gabinete de sua alteza.

O outro curvou-se e o ministro desappareceu nos aposentos do principe, tendo antes dito ao outro camarista:

— Fazei prevenir do que se passa ao sr. José Seabra da Silva ministro do reino!

— Sim excellencia vão ser cumpridas as vossas ordens! replicou o outro affastando-se, emquanto o ministro ficava de pé no meio do gabinete aguardando a entrada do republicano.

XVI

Ça irá, ça irá!

Tinha um bem monastico aspecto o gabinete onde o principe D. João se entregava aos negocios do reino que lhe coubera reger. Esse principe, que annos depois devia ser acclamado com o nome de D. João VI e que deixaria na nossa historia o maior rasgo de cobardia de que é susceptivel um rei, lembrava um Bourbon pela ignorancia, semelhava-se muito a seu primo Fernando IV de Napoles. Na historia ha destinos que se parecem como uma gotta com outra gotta, epocas em que os factos se semelham por todo o Universo, reis que se parecem com outros reis. Assim entre D. João e Fernando IV, a semelhança era completa, ambos eram gordos, de fradesco aspecto, gulotões e de preferencias plebeas, a um coubera em sorte o canto da peninsula onde as armas francezas deviam ser rechaçadas, ao outro coubera-lhe tambem esse cantinho da Italia onde os francezes de Championet deviam ajudar a proclamação d'uma republica. E para a nota de semelhança ser mais completa até as esposas se pareciam nos sentimentos. Uma, Maria Carolina austriaca orgulhosa, irmã de Maria Antonietta, descia muitas vezes da sua dignidade real repartindo os seus beijos entre a formosa lady Hamilton e os officiaes do seu exercito, a outra deixava em dias de aborrecimento as caricias dè qualquer das damas e entre as quaes se contava D. Antonia de Mello pelo babujar dos beijos do almoxarife do Ramalhão.

E tanto se pareciam nos instinctos como era egual a indole dos

seus povos: Napoles e Portugal, tornados quasi prefeituras britannicas recebiam as ordens da Inglaterra altiva; os dois povos folgavam e riam sobre um vulcão, fanatisados os *lazzaroni* pelo milagre de S. Januario, cheia de devoção a populaça da Ribeira e os faiantes d'Alfama pelos milagres do bento Santo Antonio e do Senhor da Graça. Nos negocios, como em tudo se egualavam e por isso, agora ali estava Luiz Pinto de braços cruzados, esperando que o principe voltasse, desejoso da sua sancção para tudo quanto dissesse ao francez. O camarista já annunciara mr. Arbaud, e do outro lado da porta ouviam-se os seus passos ao longo do corredor, exactamente na occasião em que uma porta occulta na tapeçaria do gabinete de sua alteza se abria, e o principe entrava cada vez mais tremulo.

— Meu senhor... Já ahi vem o enviado da França...

— Oh! Sousa Coutinho!... disse D. João com grande terror, dando ao ministro os seus dois ultimos nomes. Livra-me d'esse hereje!

— Mas alteza real não é outro o meu fim... Vossa alteza mesmo vae ouvir!

— Não... não... Sousa Coutinho, pede-me que te faça conde ou marquez mas não exijas de mim que esteja um só minuto na presença d'esse homem! replicou o principe com um estremecimento de beato.

— Mas como tratar então com elle? interrogou logo o ministro da guerra, sentindo tambem um calafrio ao ver-se só.

— Como?! Mas como quizeres, meu amigo! redarguiu o regente dispondo-se a sahir e exclamando:

— Tens plenos poderes... Apenas não quero tratar com elle!

— Mas porque, alteza?

— E' um excommungado... Toda a França, tudo quanto de lá vem é excommungado!... Por Deus, se eu nem quero vêr no paço esse conde d'Assumar que mandou equipar á franceza os soldados do seu regimento!... Se ainda ha pouco dei ordem para que o Pina Manique fizesse acabar semelhante heresia! E o principe corria de novo para a porta e ia sahir, quando se ouviu uma voz altiva, exclamar:

— Eu aqui estou comvosco, sr. ministro!

E o perfil vaidoso de Carlota Joaquina appareceu á entrada da porta.

— Vós senhora?! bradou Luiz Pinto estupefacto.

— Sim, e porque não? Não sou acaso a esposa do regente? bradou ella orgulhosamente.

O ministro franziu o sobr'olho e retorquiu:

— Porém...

— O que?! tornou ainda a hespanhola erguendo a cabeça.

— Vossa alteza deve ser extranha á politica, segundo as leis! murmurou elle timidamente emquanto o regente aproveitava a occasião para se esgueirar com grande pressa pela abertura.

— Aqui não ha politica! Ha apenas a solidariedade dos reis em defeza d'esse bom Luiz XVI, cuja sorte teremos se acaso não respondermos com ousadia aos pedreiros livres. Trata-se ou da guerra com a França ou da liberdade do rei!

— De quem fallaes? perguntou o ministro cheio d'assombro.

— Do prisioneiro do Templo!...

— Senhora, Luiz XVI está morto!

A princeza soltou um grito, fez-se livida, e interrogou de seguida:

— Morto?!

— Sim alteza... Foi guilhotinado ha doze dias!

— N'esse caso ha só uma solução, é retirar-me depois de vos dizer:

— Sr. ministro, a nossa dignidade de reis, carece que as armas portuguezas tomem parte na santa cruzada contra a republica franceza!...

— Senhora... Apenas espero que a Inglaterra e a Hespanha nos tomem como alliados! A guerra é o meu fim, como sabeis! Desde ha muito que faço tratados, desde ha muito que imploro das potencias essa cruzada! Fui eu o primeiro a dirigir-me á Inglaterra que quiz esperar os acontecimentos, depois a Hespanha que respondeu d'egual modo! Agora parece-me que chegou a hora!

— Sim é a hora! Agora já não temos a recear que maltratem o martyr! Declarae a guerra... Eu tenho noticias de Hespanha!

— Vossa alteza!

— Eu sim... Sei que não ha agora o minimo obstaculo á empreza! Fallae afoutamente ao enviado! e ella ordenava aquillo com o sangue frio e altivez d'uma rainha e sahia fazendo um cumprimento ao ministro que murmurava:

— Por Deus! E' uma bravata hespanhola! E' impossivel, elles não quererão a guerra!

Porém a porta abria-se e um correio coberto de poeira, entrava; estendia uns papeis ao ministro e exclamava:

— Chego agora mesmo... Foi só o tempo de atravessar o caminho até Ajuda! Venho das legações de Hespanha e da Inglaterra onde me enviastes excellencia.

O ministro já não o ouvia, lia os documentos com avidez, o seu rosto tomava uma expressão alegre e bradava:

— Oh! Oh!

Mas de seguida fazia-se pallido e murmurava:

— Como auxiliares... Então e a alliança?!

Passava a mão na perruca, ficava uns momentos taciturno e ordenava logo ao correio:

— Faze entrar o enviado francez!

E ao vel-o sahir, começou de novo o seu monologo:

— Mas é impossivel! Enviar uma divisão á Hespanha... Mas porque não somos tomados como alliados! A esquadra portugueza para a Mancha! Mas é quasi um insulto d'esses senhores!

E ao cerebro do ministro vinha logo o pensamento de recusar o que lhe offereciam, fazia-se livido e recordava-se de que ultrajavam Portugal repudiando a sua alliança, não o reconhecendo, querendo a Hespanha uma divisão, querendo a Inglaterra a esquadra para incorporar na sua.

Porém, na sua frente estava o enviado francez, que se curvava n'uma reverencia deveras cortezã, e que admirava o ministro. Era um homem alto, bem feito, de rosto insinuante, e que se vestia como os funccionarios da republica: calça comprida e justa mettida nas altas botas á valachia, casaca azul com banda tricolor á cinta, militarmente abotoada, trazia sob o braço o seu tricorne e collocava a mão enluvada nos copos do espadim, ao mesmo tempo que com a outra, estendia ao ministro um papel fechado com as armas republicanas. Luiz Pinto, recuou como se temesse receber a morte ao tocar n'esse papel e interrogou em francez:

— Sois mr. Arbaud não é assim?

— Sim, cidadão ministro, bradou o francez delicadamente. Sou o enviado da França, isto é, d'uma potencia amiga!

O ministro recuou de novo e nem sequer mandou sentar o seu interlocutor, que continuava:

— D'uma potencia amiga, repito! Porém, ninguem tal diria ao vêr a fórma como sou recebido em Portugal! Na fronteira foi-me negada a passagem; tive que aguardar alguns dias em Elvas que vós, cidadão ministro, me enviasseis a ordem de seguir... Entro em Lisboa e, quando esperava a recepção cordeal a que teem direito os plenipotenciarios das potencias amigas, — e elle sublinhava muito estas palavras — eis que todas as portas são fechadas, desde as dos ministerios até ás dos hoteis, e vejo-me na collisão de tomar logar n'uma miserrima hospedaria, a do Caldas, a unica que se atreveu a receber o enviado de França!

O republicano fallava com cordura, embora altivamente; via-se que a custo abafava a colera de que estava possuido, e, sem deixar que o ministro lhe respondesse, proseguiu:

— Porém, cidadão ministro, um republicano não é um leproso, e todos os homens desejam as commodidades. N'essa miserrima espelunca coisa alguma havia, serviam-me a medo, procuravam desgostar-me, os agentes da vossa policia não largavam um instante a minha porta, as pessoas da minha nação que me visitavam eram seguidas, e eu resolvi recolher-me a casa d um particular, um cabelleireiro francez na rua Nova do Carvalho, onde tenho estado sempre vigiado pelos vossos *mouchards!* Que fazer n'este caso? Julgo que vós, cidadão, não tendes conhecimento do que se passa e por isso me queixo, no emtanto deixemos os meus negocios e tratemos antes dos do meu paiz! Eis as minhas credenciaes!

E o francez estendia de novo os papeis ao ministro, que mascava em secco e retorquia de seguida, muito embaraçado:

— Senhor... Não posso receber as vossas credenciaes!

Coube então a vez aó enviado da republica de dar dois passos para traz e exclamar:

— Não quereis então reconhecer a minha qualidade de embaixador da França?!

— Senhor, sua magestade fidelissima me ordena de não receber ninguem como ministro da França!

— Mas, reparae, cidadão ministro, que os mais altos laços de sympathia unem o meu paiz ao vosso, reparae que a França é uma

boa amiga de Portugal, que os tratados antigos nós estamos dispostos a mantel-os!

— Os tratados antigos foram feitos com os reis da França! gritou então o ministro, rancorosamente.

— Mas a republica os arroga a si!

— Nada temos a vêr com a vossa republica! Portugal não reconhece a republica da França; Portugal, como o resto da Europa, está de luto pela morte de Luiz XVI... tornou o ministro, com raiva intensa.

— E' a guerra que nos declarais? perguntou então, muito serenamente, mr. Arbaud.

— Coisa alguma vos posso dizer, senhor!

Então o outro encarou-o de frente, muito cheio de altivez, e bradou:

— Chamae-me cidadão, ministro de Portugal. Chamae-me cidadão, que em França já não existem classes, já não ha differenças, a egualdade brotou no cantico sagrado do *Çá irá* e da *Marselheza*, e que cada homem é uma parte d'esses mesmos canticos, cada francez é um soldado da sua nação! Pois eu vinha aqui, firme e crente na sympathia de Portugal, vinha eu, o filho d'uma nação poderosa, trazer-vos a paz nas dobras d'esta credencial, e sou repellido como um embusteiro?! Que esperaes então?! Julgaes que é vosso pequeno povo que vae fazer peso na balança da Europa contra a França?!

— Duvidaes do valor portuguez? interrogou o ministro em tom de desafio.

— Não, cidadão ministro! Conheço em demasia a historia do vosso povo, para o não julgar, para duvidar do vosso valor! Sei quanto sois arrojados, mas sei tambem que os vossos soldados irão a esse combate sem o enthusiasmo que gera a defeza da patria ou da liberdade! Pequena é a França para responder ao mundo e no emtanto a historia da sua curta republica já é brilhante! Jemapes e Valmy valem uma epopeia! E sabeis porque vencemos! Porque em cada peito bate um coração pelas causas sagradas da patria! Por isso eu digo que não é o vosso povo que vae fazer peso na balança do mundo contra a republica!

— E' a Inglaterra, é a Hespanha! Não é só Portugal! gritou então, bem pouco diplomaticamente, o ministro, em resposta ao enviado.

— Que dizes, Luiz Pinto? perguntou, n'este momento, da porta uma voz assombrada, e José Seabra, o ministro do reino, appareceu aos olhos espantados do estrangeiro.

— Digo que Portugal não reconhece a republica franceza, antes lhe declara guerra, guerra de morte. Sim, guerra sem quartel, eis a resposta que levareis a mr. Lebrun, dizei-lhe mais que Portugal repelle os seus offerecimentos com a altivez d'um paiz catholico contra um bando de hereges, dizei-lhe que escuso de ler a sua carta e participae-lhe que vamos enviar tropas para as suas fronteiras!

Suava, resfolegava, estava vermelho de colera, e depois, por fim, n'outro tom, dizia:

— Podeis exigir os vossos passaportes na secretaria dos estrangeiros, e dou-vos quarenta e oito horas para sahirdes de Portugal!

Mr. Arbaud teve um estremecimento nervoso, encarou ousada e firmemente o ministro e bradou-lhe:

— Isso eu direi ao meu governo, eu lhe participarei a vossa alliança com potencias que vos hão-de espesinhar, e a minha resposta ás vossas ameaças, ao insulto dirigido á França, é a seguinte: Portugal ha-de desapparecer do mappa no dia em que a França dominar o mundo! E' um vaticinio apenas... A verdade é esta: *Çá irá!... Çá irá!...*

E o enviado poz abruptamente o seu tricorne e sahiu trauteando a *Carmagnole.*

Os dois ministros ficaram frente a frente e só então José de Seabra exclamou:

— Oh! Que loucura, que rematada loucura!

O outro, offegante, cançado, deixava-se cahir na cadeira do principe e replicava:

— Loucura!

— Sim... Portugal não pode declarar guerra a nenhuma potencia quando não tem armas, quando não tem munições, quando não tem officiaes!

— E a França?... bradou o outro, deveras enraivecido ante a censura.

— A França combate por uma coisa que a enthusiasma, que a move d'um extremo ao outro...

— Oh! Mas ha a Inglaterra, ha a Hespanha!

— E quererão esses paizes intervir? interrogou José de Seabra, rapidamente.

E o outro, com um sorriso triumphante, apontou-lhe os papeis collocados na sua frente e que José de Seabra começou a lêr.

Mas de repente fez-se pallido, amarrotou febrilmente aquellas notas que as legações tinham enviado e exclamou:

— E' uma humilhação a que tu nos obrigas!

— Uma humilhação! bradou então o outro, fazendo-se pallido.

— Sim, uma humilhação, Luiz Pinto! Se querias declarar a guerra á França negociasses com as outras potencias, dirigisses as tuas propostas á Prussia e á Austria, que nos tomariam como alliadas, ao passo que a Hespanha e a Inglaterra nos teem hoje, graças a ti, como auxiliares! Sim, tratam-nos como nunca tratariam a Turquia, ouve bem!

— O necessario é castigar os republicanos, os hereges!

— Para castigar é precisa a auctoridade que nos falta, a força de que carecemos, o direito que não possuimos, a dignidade que vamos perdendo, desde que essas potencias nem sequer nos acceitam para alliados!

E o ministro do reino voltava tambem as costas ao collega, com um desprezo mais profundo do que ha pouco lhe votara o enviado francez quando entoara o seu vibrante *Çá irá.*

Cabia então a vez de Luiz Pinto deixar cahir a cabeça sobre a mesa e ficar para ali amollentado, pensando muito no mau passo em que se mettera.

O principe regente entrava, via-o, soltava um suspiro, ante o qual o ministro erguia a cabeça e respondia ao olhar interrogador de sua alteza:

— Está tudo terminado, meu senhor!

— Temos a guerra? perguntou o principe, fazendo-se pallido.

— Sim, meu senhor... Mandaremos uma divisão auxiliar á Hespanha e a nossa esquadra irá a Mancha pôr-se ao serviço da Inglaterra!

— Ah! Que Deus tenha piedade da familia real!

E D. João cahia de joelhos no meio do aposento como se tivesse a previsão que esses soldados francezes lhe haviam um dia arrancar a corôa por muito tempo.

Então, o camarista apparecia e exclamava:

— Excellencia, o sargento-mór Gomes Freire, que esperava duas horas as vossas ordens, pergunta o que determinaes?

O ministro, que tão prompto fôra em declarar a guerra, passou a mão pela peruca, ficou uns momentos silencioso e por fim respondeu:

— Que venha ámanhã! E' preciso pensar onde devo collocal-o!

E logo que o camarista sahiu, Luiz Pinto, lançando um olhar a sua alteza, supplicou um elogio:

— Senhor, estaes contente com o vosso servidor?

D. João, na sua voz pastosa, apenas resmungou, sempre ajoelhado:

— Que a Santa Virgem da Conceição tenha piedade da familia real!

E o ministro ficou tão taciturno como ante o *Çá irá* de mr. Arbaud, o enviado da republica franceza.

XVII

Companhia de Jesus

HEGOU a occasião do golpe supremo! Vencemos em toda a linha! bradou aquelle homem alto e vigoroso de boas feições, vestido n'um habito de dominicano, fallando á numerosa assembléa que estava na sua frente, além nas casas baixas do convento do Carmo.

Grossas sombras pesadas vinham do alto, da aboboda arqueada de cantaria forte, e pelos ralos junto ao chão entrava uma aragem fina que fazia vacillar as luzes dos grandes candieiros de latão suspensos do tecto que ressumava humidade.

Estava alli gente de todas as classes, silenciosos e graves os amigos da Companhia, deixavam fallar o dominicano. Eram os militares de fardas bordadas, os fidalgos de vestes em seda, os mercadores que se conheciam pelos enormes brilhantes das cadeias, os magistrados d'ar severo e olhos prespicazes, entrajados de negro, e sobretudo os frades de todas as ordens, os verdadeiros jesuitas embuscados nos habitos das outras congregações, e que ouviam tranquillamente as palavras do dominicano, que de pé sobre o estrado, continuava a sua arenga com enthusiasmo:

-- Os jesuitas expulsos pelo negregado Sebastião José, vão retomando dia a dia o seu poder... Occupam os mais altos cargos; um dos nossos é confessor da rainha!

Um sussurro prolongado d'approvação coroou aquellas palavras e todos os olhares se voltaram para o logar onde estava José Maria

de Mello, vestido muito simplesmente no seu habito d'oratoriano, e o qual fusilando um olhar por detraz dos seus oculos verdes, redarguiu erguendo-se:

— Sim irmãos, vencemos senão já de facto ao menos caminhamos para isso! O principe D. José jaz ha muito no tumulo, o arcebispo de Thessalonica nosso figadal inimigo está morto tambem, a corja vil e ignara dos pedreiros livres tem agora por inimigo o mesmo Pina Manique que nos combatia e que ante os acontecimentos da França, nos deixa respirar voltando-se para elles! D. Maria I está louca! e ao pronunciar estas palavras os olhos do bispo mostraram a sua rancorosa expressão.

A assembléa applaudiu, elle continuou:

— Deu-se a deserção d'um dos nossos, um certo Luiz de Berredo que fôra enviado á Russia para vigiar Gomes Freire, o qual tem relações com pedreiros livres...

— E entre elles encontra-se o peior de todos! O conde d'Assumar, ou se melhor o desejam, o marquez d'Alorna... exclamou uma voz rancorosa.

— Que dizeis?! O irmão de D. Leonor d'Almeida, a poetisa? gritou um outro fidalgo que teria os seus trinta e cinco annos e em cujo rosto se notavam traços indeleveis d'uma vida de dissipação. No emtanto, ao fallar assim, ao fixar o outro, a physionomia mostrava uma dolorosa surpreza e o seu olhar tinha uma expressão triste.

— Sim, sr. conde da Ega! gritou por seu turno o que primeiro fallara, e que era um mancebo de fidalga apparencia, vestido no uniforme de capitão do regimento de Olivença. Repito, tornava elle. O conde d'Assumar é um herege! Os que com elle vivem, hereges e pedreiros livres são!

— Mas em que vos baseaes para semelhante affirmação? interrogou o conde da Ega em voz vibrante.

E o outro, com um sorriso bem perfido a franzir-lhe os labios grossos, a physionomia a esclarecer-se no auge do contentamento, bradou:

— Quereis maior prova do que a maneira como elle veste os soldados do seu regimento? Os uniformes vieram de França, foram equipados como os soldados d'essa infame republica... Nas barretinas trazem o cocar da liberdade, as espadas tem uma serpente e

uma setta enrolada nos copos! Tudo isto mostra bem as preferencias do conde, e por consequencia as do seu amigo Gomes Freire!

— Mas reparae D. Miguel Forjaz, bradou o conde da Ega, devéras assombrado. Reparae que o sargento-mór Gomes Freire é vosso parente!

— E que importa?! exclamou o nobre com um ar raivoso. A familia nada tem a vêr com as opiniões. Eu sacrifico tudo á religião... Por isso se um dia tiver Gomes Freire sob a minha alçada, desde que incorra n'um acto criminoso se tivesse de ser seu juiz, nem por isso deixaria de o condemnar! Antes de tudo a santa religião, o bem da Companhia!

Grandes applausos resoaram; o conde da Ega sentou-se devéras perturbado pela logica do seu adversario, e este com grande alegria, começou conversando a meia voz com um homem gordo e espadaudo fardado de major e que estava a seu lado.

O dominicano lá do alto da sua peanha, clamava:

— Assim são os verdadeiros amigos da religião... Louvo as vossas palavras D. Miguel de Forjaz... E agora ouvi uma vez ainda a palavra inspirada de José Maria de Mello!

O bispo, que estivera até então extranho, absorto, como preso na sua idéa fixa de vingança, continuava agora:

— Resta-nos senhores em face dos acontecimentos, dar o golpe decisivo! A Companhia deve ser implantada de novo em Portugal, não nas trevas mas á luz do dia, a Inquisição deve ser restabelecida, a ordem dos jesuitas deve chegar até ás culminancias do poder! Temos entre nós militares que nos sustentarão com as suas espadas, mercadores que farão o nosso commercio, magistrados que julgarão os nossos inimigos, fidalgos que serão o nosso apoio nas familias! Que nos resta pois? bradou elle, ficando callado uns momentos e como embriagado do som das proprias phrases. Sem duvida alguma arrancarmos do regente o édito da nossa reconstituição!

Aqui os applausos foram unanimes, todos se ergueram em grande grita, todos acclamaram o bispo que parecia mudar d'idéa de repente, querendo tirar do effeito o contraste que o levaria aos seus fins.

— Mas quererá D. João assignar esse édito?

— D. João é um principe devoto! clamou o dominicano.

— Mas d'animo fraco... Será amanhã o rei logo que a louca morra! gritou outra voz.

— Talvez antes ainda! exclamou D. Miguel Forjaz com um riso satanico.

— Pois sim meus senhores, mas está no poder um homem que nos combaterá sempre! José de Seabra, o ministro do reino, odeia a Companhia, depois Pina Manique nunca o consentiria, o povo havia de clamar...

— E que importa?! gritou o dominicano do alto do seu estrado. Para dois homens temos mil, para o povo temos o exercito!

— E para os pedreiros livres, para os maçons? Sim, julgaes acaso que não ha entre elles homens assaz fortes, pertencentes a todas as classes? A maçonaria é o inimigo mais poderoso!

— Destruir se-ha! bradaram em unisono.

Nos labios do bispo passou um sorriso e elle redarguiu:

— Irmãos: Sabeis a lucta titanica travada em Portugal para a abolição da nossa ordem, sabeis como os outros paizes a coadjuvaram, e sabeis tambem como nós erguemos sempre as cabeças e como apparecemos por toda a parte! Pois a maçonaria é uma sociedade formada no genero da nossa! Jámais será destruida! Depois a Companhia de Jesus tem outros encargos... Sei que D. João nunca terá coragem, apesar da sua devoção extrema, de nos restabelecer! Tem medo que lhe fuja o terreno sob os pés...

— Mas então que fazer?! interrogou o dominicano.

— Eis ahi o ponto! Irmãos, Carlos IV d'Hespanha é um monarcha piedoso!

Elle callara-se, fizera-se de seguida um silencio enorme, todos pareciam estupefactos de semelhantes palavras; e o bispo sentindo referver o seu sangue tomado do seu grande odio aos Braganças, desejoso de levar até ao fim essa vingança começada pela morte do principe D. José e pela de Thessalonica, continuada pela loucura de Maria I, sentia a vontade de concluir a sua obra pelo roubo do throno a esses Braganças que tinham deshonrado e justiçado os seus. Por isso, continuava:

— Sim, Carlos IV é um monarcha piedoso! Se amanhã Portugal se tornasse uma provincia hespanhola facil nos seria o dominio! Para demais já aqui temos alguem da familia de Hespanha!

— A regente! bradaram com enthusiasmo.

— Que seria amanhã a unica soberana de Portugal! gritou um individuo no cumulo da alegria.

— Sim, D. Ramiro, ella seria a unica soberana! gritou o bispo dirigindo-se ao rival de Gomes Freire; e logo D. Miguel de Forjaz, curvando-se para o outro, murmurou:

— E vós terieis o poder! Ella distingue-vos!

— Porque não vos conhece! tornou o outro muito lisongeiramente.

O bispo continuava sempre:

— E agora resolvei, senhores! Pensae se temos de dirigir a nossa politica para a côrte d'Hespanha ou se temos d'operar apenas em Portugal!

Foi então que D. Miguel Forjaz, n'um impeto, tomado d'intenso calor, cheio de enthusiasmo se ergueu e começou:

— E porque não acceitaremos a mui alta e poderosa princeza Carlota Joaquina por nossa unica soberana? D. João é um principe timorato, a regente dispõe d'audacia e é catholica como uma proxima parente do rei de Hespanha! Ella ergueria a Companhia de Jesus tão alto quanto a Companhia desejasse, para demais ha entre nós um fidalgo que priva de perto com sua alteza e que se encarregaria de transmittir as nossas deliberações! Sim meus senhores, elle aqui está a meu lado chama-se D. Ramiro...

— Muito bem! Muito bem! gritaram todos não o deixando concluir.

Começou então a votação, todos se erguiam e iam lançar o seu voto na urna que o dominicano collocara sobre a mesa.

Escreviam á pressa a sua opinião e o seu nome e iam lançal-o no fundo do vaso que o dominicano revolvia com mãos tremulas. E ao cabo de duas horas, estava votada a exclusão do throno do principe D. João em proveito de sua esposa D. Carlota Joaquina.

Os jesuitas sahiam então cautellosamente, aos grupos de dois do convento silencioso aquella hora.

D. Miguel e D. Ramiro tinham partido juntos, e agora além na rua apertando as mãos effusivamente, exclamaram:

— Teremos a victoria!

— Sim, accrescentou D. Ramiro, seremos os ministros d'essa soberana á qual deixaremos proceder livremente, apoiando nos no leão de Castella!

— E só então chegará o dia de eu vingar em Gomes Freire um antigo odio de familia! exclamou D. Miguel de Forjaz com uma grande expressão de raiva. Um odio que ha desde seculos entre os Pereira Forjaz e os Freire! Sempre nos disputaram as honras, foram sempre os primeiros da familia... Nas honras como na riqueza!

— Mas Gomes Freire, é pobre!...

— Será rico um dia por morte d'um dos seus tios paternos!

— Bernardino!

— Esse!...

— Ah! Vingar-mos-hemos juntos! Vós tereis a riqueza d'elle, eu terei a sua vida a sua honra! Ainda não me esqueci das affrontas...

— Trata-se de Elvira de Mello? interrogou o outro.

— Sim, d'essa mulher da qual a Companhia se apossou e a quem já cousa alguma me prende! Mas o seu amante, o seu raptor, esse tem para mim uma divida....

— Iremos até ao fim... Aguardaremos a sua volta da Russia e então será o momento! exclamou D. Miguel.

— E acaso elle voltará? perguntou o outro avidamente.

— Tendes um bom meio de saber isso!

— Qual?

— Perguntae-o ao seu dilecto amigo, a esse conde d'Assumar, herege e pedreiro livre!

— Perguntal-o-hei! Mas e vós porque não lh'o perguntaes?

— Quasi não fallo a D. Pedro...

— Mas sois o ajudante d'ordens de seu cunhado, o marido da poetiza...

— Breve deixarei esse cargo... replicou o outro.

— E porque?

— O general está moribundo e vou ser nomeado para partir com Forbes!

— Para onde?

— Para a guerra com a França! Disse-m'o esta manhã, Luiz Pinto!

— Ah! Eis ahi um bello cargo! O general Forbes é uma excellente pessoa!...

— Bom e malleavel! volveu o fidalgo com uma risada, tendo um olhar para o amigo.

Elles conversavam e caminhavam; iam sempre em direcção ao

Caes dos Soldados, onde tomariam o bote que os devia conduzir a Ajuda onde tinham as suas residencias.

Aquella mesma hora á porta principal do paço apeava-se d'uma sege que viera a toda a brida um homem envolto nos habitos dos oratorianos.

Era o bispo do Algarve que regressava da reunião e que subia precipitadamente para os aposentos que lhe estavam reservados.

José Maria de Mello, occupava os antigos quartos de Thessalonica e continuava a exercer a sua pressão no animo da rainha louca. A's vezes, altas horas, ouviam-se os gritos da doente, as imprecações raivosas, que abalavam o palacio e via-se então sahir dos aposentos de Maria I, o Tavora, como se fosse um espectro, com os labios franzidos n'um sorriso de odio.

N'aquella noite, porém, não se dirigiu para o lado do palacio onde habitava a rainha; penetrou nos aposentos que lhe pertenciam, arrancou o habito e vestiu a sua roupeta roxa de bispo, murmurando sempre palavras inintelligiveis. Depois sahiu de novo, sem acordar o seu leigo, que se atravessava junto a um movel e resonava com estrepito, e dirigiu-se atravez d'um corredor estreito para a ala esquerda do palacio, que deitava para os campos. Apenas lá em baixo, para lá do Jardim Botanico, se erguia para o espaço a cupula da ermida da Memoria, que ali estava a incitar o seu odio, a recordar-lhe o attentado dos seus parentes contra o pae da rainha, que elle enlouquecera.

Chegado ao fim do corredor, subiu uma escada, enfiou ainda por um novo corredor e carregou n'uma mola occulta na tapeçaria e que lhe abriu uma pequena porta por onde elle penetrou logo.

— Ah! sois vós, monsenhor?! exclamou uma voz de mulher, ao mesmo tempo que o bispo exclamava:

— Onde está sua alteza?

— Carlota, retorquiu D. Antonia de Mello, com certo desgosto, corre esta noite aventuras!

— O quê?! Sua alteza não está no palacio?

— Não, excellencia... Sua alteza sahiu ao bater da meia noite, na sua cadeirinha! volveu a favorita, cada vez mais rancorosamente.

— E para onde foi? perguntou elle, com grande tom auctoritario na voz.

— E' a mim que o perguntaes? exclamou ella, deveras impressionada.

— Sim, e porque não... Acaso não sois a sua amiga, a sua confidente?

— Mas não conheço o que se passa no cerebro de sua alteza! Não estou a par do maior numero de caprichos que a tentam!

O bispo curvou a cabeça, resmungou algumas palavras e disse de seguida:

— Sua alteza d'esse modo perde-se no animo de D. João, que a adora...

A outra esboçou um sorriso de desdem e volveu:

— Ella sempre o domina!

— Excepto no dia em que o regente conhecer as suas aventuras nocturnas! Calculae que José de Seabra o sabe!

— E que pode contra nós o ministro! Olhae, monsenhor, eu apenas lastimo essas aventuras por um motivo... e nos olhos da morena lasciva passava um clarão d'odio ao recordar-se dos amores da soberana, continuando logo: Depois, se apenas causasse mal ao meu coração! Mas é que ha alguem a soffrer tambem, alguem a quem odeio, mas que pode tentar alguma coisa contra ella! Por isso eu temo!... Por isso eu temo...

—Tentar alguma coisa contra a regente! E quem se atreveria? perguntou sua grandeza, fazendo se roxo de indignação.

— Um homem que a ama, um homem que é o seu amante mais dilecto!

— Por Deus... Fallaes de D. Ramiro!

— D. Ramiro nunca foi amante da princeza... E' o seu valido, o seu *factotum* apenas!

— Ah! disse o bispo, um pouco mais contente com aquella revelação, temendo muito pelo seu poder, desde que alguem muito intimo da princeza lh'o disputasse.

— Mas de quem fallaes? interrogou de novo.

— Do João dos Reis...

— O quê? O almoxarife do Ramalhão? Esse lacaio elevado á mordomia? bradou o Tavora no auge do espanto.

— Elle mesmo! Sim, elle, o lacaio, o amante da princeza... Elle, o brutal, que lhe enodoa o corpo nos momentos de colera...

— Calae-vos! gritou elle, como enojado de tal estendal de baixezas.

Mas a favorita da hespanhola, ella que conhecia bem os segredos do corpo regio, ella que sentia a colera subir-lhe do coração aos labios, continuava, irada:

— Sim, monsenhor... Elle, o antigo caseiro de Queluz, que se souber que a princeza tem novos amores é capaz de a matar! Por isso eu tremo d'essa aventura nocturna!

— Deixae em paz o plebeu e o seu amor... Para mim ha apenas um receio...

— O do marido!

— Sim! O de D. João...

D. Antonia soltou uma risada e volveu:

— D'esse nada ha a recear... volveu ella muito desdenhosamente. A esta hora dorme como um abbade!

— Sim, é o que vale!... resmungou o bispo, accrescentando logo: Pois chamae-me, D. Antonia de Mello, seja a que hora fôr e logo que venha sua alteza!

— Assim farei, monsenhor...

O bispo sahiu então de novo pela porta secreta, ao passo que a favorita murmurava:

— Que mais teremos!... e applicava o ouvido á porta como tomada de medo.

Depois aquietou-se, sentou-se e começou a meditar muito n'aquella aventura, para ella desconhecida, sem duvida um novo amor a que a princeza se entregava. Lia-se-lhe a colera no rosto, tremia como desde que ella sahira e por fim erguia-se d'um salto e corria para o aposento contiguo. A cama da princeza estava feita no meio d'esse aposento luxuoso, como o d'uma sultana, onde os moveis tinham curvas voluptuosas, onde se espalhava um perfume violento que obrigou a favorita a soltar um grito, a cerrar os olhos, toda palpitante d'um goso inexplicavel. E de seguida avançava para o leito e começava a beijar as almofadas onde a princeza deixara o seu perfume.

XVII

O cadete da legião

Era nos aposentos que o marquez de Alorna — o conde de Assumar, tão amigo outr'ora das aventuras — reservara para seu uso no quartel da sua legião, no recanto das Junqueira e no mesmo palacio onde mais tarde foi o quartel general inglez.

O marquez, estendido n'uma poltrona, tendo a seu lado a espada, conversava com Gomes Freire, que se encavallara n'uma cadeira, como nos seus bons tempos de cadete.

Pelas paredes viam se laminas que luziam, amostras de fardamentos de todos os paizes, diversos emblemas guerreiros, que davam á sala o mais grandioso aspecto militar.

D. Pedro d'Almeida estendia a mão para um copo ainda cheio que ficara no meio das garrafas que ambos tinham esvasiado alegremente, erguia um pouco o corpo e d'um trago bebia o resto do liquido, exclamando n'um ar alegre:

— Com que então quasi não me encontravas?! Ah! meu velho... A Russia fez-te esquecer o idioma... Bastava que desses ahi dois berros na praça publica e perguntasses aos que se juntassem: «Olá, amigos, o que é feito do Assumar?» Verias rostos admirados, gente que cochichava entre si e logo de seguida um brado unisono te responderia: «Esse herege, esse negregado, fortificou-se no seu quartel e não sae de lá dia e noite!...» O sr. Pina Manique, intendente da policia, não se atreve sequer a passar a dois mil metros

de distancia, temendo alguma partida da legião, que anda vestida como os infames francezes jacobinos... Para demais, meu velho, tu devias-me uma visita! Tenho aqui teu primo, o filho de Bernardino.

— O filho de meu tio, o general Bernardino Freire?

— Sim... Um bello rapaz, do qual hei-de fazer um valente official!...

— Ah! Fallar-lhe-hei ámanhã... Nem sequer o conheço...

— Pudera, se vens da Russia! chasqueou o fidalgo. Pudera, se quasi não te lembravas do teu velho Assumar!

— Ora, amigo, bem sabes que tenho sempre presente a nossa boa amisade!

— E não acceitas aqui o posto na minha legião!... Serás o coronel de facto, eu sel-o-hei comtigo!

— Não, D. Pedro... Eu sou apenas sargento-mór...

— Do exercito de Portugal! Mas na Russia...

— Por Deus... A Russia é muito generosa! disse o heroe sorrindo e perguntando logo ao amigo n'outro tom: Mas porque teimas em contrariar o intendente!

O coronel encrespou as sobrancelhas, olhou de face o amigo e replicou:

— Porque teimo?!

— Sim... Podias modificar as fardas!

— Nunca! bradou elle, e logo com colera, accrescentou: Porque teimo... Porque elles me desafiam! clamou o antigo cadete do regimento de Cascaes. Porque na nossa loja maçonica da Boa-Morte jurei que nunca cederia um passo a semelhantes patifes?! E' verdade que paguei os fóros do meu regimento? Que teem elles então a vêr com os meus soldados! Querem-nos para a guerra! Fallem, mandem uma ordem e eu marcharei com elles, com mil bombas, e não hão-de fazer má figura, como nenhum regimento portuguez a faz! Que tem o intendente da policia a vêr com os uniformes?! Já disse que não obedeço a intimações civis, para demais em vespera d'essa guerra, que, segundo dizes, elles declararam á França! Ah! amigo, como deves achar tudo isto ridiculo... Tu... tu... a quem a imperatriz da Russia condecorou! Ah! Gomes Freire, eu teria pena a valer, mas desejava deveras que lá tivesses ficado no exercito!

— Pedro!

— Sim... Já perdeste a tua furia contra essa peraltada infame que nos governa?

E o marquez continuava:

— Pois olha, eu cada vez os odeios mais! Quem é o ministro da guerra? Um Luiz Pinto, que foi embaixador em Londres e não passa d'um lacaio dos inglezes! Quem é o presidente do erario? Um velho sachristão, a quem fazem marquez de Ponte de Lima por saber rosnar um cantochão!... Por isso eu equipo a minha gente á franceza, n'um protesto, por isso eu estou do lado da liberdade que viste raiar lá fóra ao lado do teu amigo Pamplona e do nosso Vasco de Miranda!

— Pamplona... Elle esteve na Russia mas não combatemos juntos .. Se o visses quando assassinavam Luiz XVI... Parecia um leão na sua colera!...

— E' o unico acto mau da republica!... Mas em compensação são uns heroes! gritou o marquez.

— Eu o disse a Luiz Pinto!...

— Estás feliz... Aposto que já és tido como herege... Olha, eu, pouco se me dá! Veem atacar-me, defendo-me, mandam-me ordens ácerca do fardamento, devolvo-as e digo á minha gente: «Rapazes, firmes... Preparem as escorvas e tenham paciencia»... Olha que não sahem do quartel ha oito dias e não se ouve um murmurio!

— Não sahem?! perguntou o outro espantado.

— Não... Não quero que se exponham á vista do povo fanatisado, entre o qual o Pina Manique tem espalhado boatos contra os meus soldados!

— Porém agora tu mostrarás o seu denodo na divisão auxiliar!

— Mais um insulto da Hespanha .. Ah! Amigo meu... Decididamente eu sou francez pelo coração... Quer dizer, eu sou republicano por instincto!

Gomes Freire, sorriu e volveu:

— Republicano?! Olha lá que em Portugal isso é uma heresia...

— Espera! exclamou D. Pedro, erguendo-se e applicando o ouvido. Parece que anda gente lá por cima... Não ouves barulho?

O coronel da imperatriz, applicou tambem o ouvido e volveu:

— Com effeito... Parece que alguem desce ao telhado...

— Olá... Dar-se-ha o caso que o inimigo tenha transporto a praça!... Ah! que apanha uma lição se tem tal atrevimento! bradou o marquez, agarrando rapidamente a sua espada.

O sargento-mór ficou calado e ao cabo d'uns momentos continuou:

— Hum... Foi engano...

— Tambem me parece... volveu o amigo, que já não escutava o menor ruido.

Mas de repente, como se não se conformasse com semelhante resolução, foi abrir lentamente a vidraça e espreitou para o pateo.

— Ah! espera que dos aposentos dos officiaes sae alguem... murmurou elle, olhando a ala esquerda do palacio.

Era n'um recanto; o corpo principal do edificio tomava todo o comprimento, porém era ladeado por uma outra edificação contigua e que servia de aquartellamento aos soldados, do lado de baixo havia outra casa semelhante, e uma grade mettia o palacio n'um meio que formava um pateo com as duas outras dependencias.

Do rez do chão é que sahia alguem cuidadosamente embuçado, caminhando com precauções infinitas, emquanto a sentinella continuava o seu passeio do lado de fóra da grade.

O marquez chamava Gomes Freire com um gesto e ficavam ambos analysando o vulto que se esgueirava para o angulo formado pelo palacio e pelo quartel e uma vez ahi olhava para o telhado d'onde cahia uma corda cheia de nós que se juntava a parede.

— Ah! Já percebo... murmurou o marquez, sorrindo. E' um que tem amores...

— Espera lá vae subir!

Com effeito o vulto trepava lestamente pela corda que um outro segurava no alto do telhado e que fizera aquelle ruido que os dois amigos tinham ouvido.

Agora pareciam andar de gatas por sobre o edificio, talvez no intuito de descerem do mesmo modo para a banda das terras.

Na realidade assim era. Dois homens deslisavam pelo telhado e desciam depois pela corda que prendiam n'um dos florões da cantaria.

E uma vez no chão, além no escuro das terras, retiniu uma gargalhada argentina e ouviu-se uma voz juvenil dizer:

— Com esta já são tres noutes que faço partida!

Quem assim fallava n'uma alegria louca de collegial, era um joven, alto e bem feito, de rosto claro e olhos azues, cujo cabello louro apparecia sob a peruca empoada. Vestia o uniforme de cadete do regimento do marquez de Alorna, isto é o tão detestado fardamento semelhante ao francez. Casaca curta com botões amarellos, calça de camurça mettida nas botas altas, e a barretina com tope que fazia o desespero do intendente.

— Trouxeste a capa, Alvaro? interrogou elle no seu ar jovial, dirigindo-se ao individuo que auxiliara a sua invasão e que era o seu perfeito contraste.

Alto, espadaudo, de apparencia rude, cabellos e olhos negros, a pelle tostada, todo com o aspecto de marinheiro.

— Eu esquecia-me lá d'isso! disse tambem d'um modo alegre. Nada que isso seria o mesmo que ter o rato escondido com o rabo de fóra, meu caro Nuno .. Então vamos a andar que a minha conquista já me deve esperar lá em cima nas Salesias, concluiu aquelle que se chamava Alvaro.

— E a minha deve estar a estas horas no botequim do Neutral, exclamou Nuno, o cadete, rindo com grande enthusiasmo e começando a caminhar.

— Homem acautella-te com essas aventuras... Se D. Etelvina da Gama o suspeita...

— Ella! Mas dorme a estas horas na sua casa de Pedrouços, sonhando commigo e com seu velho pae doente, e o mancebo ao acabar de proferir estas palavras, ficava um momento pensativo e accrescentava logo de seguida e n'outro tom: Depois que ciume podia ella ter da mulher com quem me vou encontrar! Meu caro, a minha conquista, essa que te occulto ha quinze dias, essa não faz sombra a ninguem! E' a amante d'uma hora... Uma vendedeira de Belem, graciosa como o demo! E' da raia e tem a graça andaluza!... E' uma amiga da mulher do pastelleiro do mestre João Negraes... Já vês que Etelvina póde estar tranquilla. Eu não vou casar com a vendedeira de fructa... e concluia soltando uma nova risada.

— Bem agora cautella, temos de dar a volta, embuça-te bem por causa da sentinella!

E elles torneavam o palacio e vinham passar de novo em frente

do quartel pois do lado opposto a sahida era-lhes impedida por uma quinta que deitava para a Junqueira.

Entretanto o marquez d'Alorna, fechara a vidraça e exclamara para o amigo:

— Com mil raios, já é audacia! Sempre tenho vontade de conhecer o bonifrate que se atreve a transgredir as minhas ordens!

— Basta que o aguardes até de manhã! replicou o sargento-mór.

— Olá.. E se fôr uma deserção! Se ellas começam pelos officiaes mau é! E o patife sahiu dos aposentos dos superiores...

O marquez agarrava pressurosamente a capa e a espada, punha na cabeça um chapéu de grandes abas que lhe substituia a barretina e dizia:

— Anda d'ahi tornear o palacio, meu velho!

— Vamos lá!... redarguiu o official n'um assentimento.

Atravessavam o pateo, e dirigiam-se para os lados da sentinella que bradava:

— Quem vem lá?

— Espera não é teu sobrinho que está de guarda, como julgava!... balbuciou o marquez olhando o amigo com bondade e bradando para o cadete que fazia a guarda: Abri... Sou o vosso coronel!... e logo n'uma interrogação ao vêr a porta aberta: Não tem passado vultos suspeitos, sr. cadete?

— Não meu coronel! balbuciou elle olhando a rua.

Mas de repente, murmurou:

— Vêem ahi dois embuçados...

— Ah! Bem, fechae a porta! replicou o marquez escondendo-se com o amigo no interior do pateo.

— Mas que idéa é esta das sentinellas feitas por cadetes? perguntou Gomes Freire, devéras admirado.

— Porque?! Ah! É que os bons officiaes têem obrigação de serem excellentes soldados...

— Escola de Lippe...

— Pschiu! fez o marquez apontando os dois embuçados que passavam e murmurando:

— Lá vão os nossos homens!

E logo que elles se affastaram, sahiram tambem e foram em seu seguimento Junqueira fóra em direcção a Belem.

Os outros continuavam a caminhar e o cadete ia dizendo sempre para o amigo:

— Realmente, meu caro Alvaro de Sá, ha noutes em que preferia ser da marinha como tu...

— E porque?

— Por que tendes a liberdade, ao passo que nós outros...

— Sim, principalmente com o teu marquez.

— Que resiste como um valente ao tal sr. Manique!

— Mas que te obriga a saltar telhados para ires ao encontro das tuas conquistas!

— Que queres?! Na guerra como na guerra! replicou o cadete.

— Por emquanto ella é apenas com os moscas do sr. Manique... Mas dentro em pouco as partazanas da chuchadeira e os espadins ferrugentos dos espiões serão substituidos pelos petardos francezes e então é que é dizer: na guerra como na guerra! disse serenamente o guarda-marinha.

— Que dizes?! Vamos ter guerra?! perguntou Nuno com alvoroço.

— Ah! É verdade, tu ignoras tudo! Pois sabe amigo que dentro em pouco parto para a Mancha na esquadra... E vós outros, partireis tambem... A legião do marquez é uma das indicadas! Disse-o ha pouco o proprio Luiz Pinto em casa da marqueza de Niza!

— Ah! Até que emfim! gritou o cadete, deveras contente. Até que emfim! repetia no auge da alegria! Mas n'esse caso preciso vêr Etelvina!

Elle fallara em voz muito alta e n'uma cadeirinha que atravessava a rua, uma mulher estremecia ao ouvir a voz do mancebo que accrescentava:

— Oh! Irei amanhã, á sua casa de Pedrouços... Quem sabe o que succederá n'essa guerra!... E a despedida é bem necessaria!

Paravam á esquina da calçada d'Ajuda, ao mesmo tempo que o marquez e o coronel da imperatriz ficavam tambem parados a analysarem os dois rapazes.

O guarda-marinha, exclamava:

— Felicidades com a tua vendedeira! Por mim as espero tambem com a minha freira!

Gomes Freire, estremeceu ao vêr Alvaro cortar para o campo das Salesias e disse em voz entrecortada:

— D. Pedro... Lembras-te? Ha exactamente doze annos... Tambem nós atravessamos aquelle campo em direcção ao convento... Tu ficavas com a tua sege a meio das trevas, eu ia buscar Elvira de Mello. Quantos acontecimentos após tudo isto!.. Ah! Estamos velhos, meu amigo, estamos velhos! Deixa folgar a mocidade e vamo-nos!

— Gomes... O tempo de cadetes deixou-nos más recordações para que teimamos em ser indulgentes para com os outros! Vae alli um do meu regimento, pela severidade é necessario impedir-lhe a desgraça!... Se o marquez das Minas tivesse feito o mesmo quando era nosso coronel, não teriamos hoje a lastimar tantos males irremediaveis, desde o odio da côrte á professão da tua amada

E o coronel precipitou-se em seguimento do cadete pelo largo de Belem e via-o desapparecer no limiar do Neutral.

Uma cadeirinha vasia ficava parada a meio do largo, o marquez lançava-lhe um olhar e murmurava:

— E' a dama d'aventura!

D. Miguel Forjaz, deixara Ramiro á porta da sua casa e ia subir tranquillamente a calçada exactamente na occasião em que o marquez pronunciara aquellas palavras, e ao ouvir aquella voz, tão sua conhecida, estremecia e parava por momentos a olhar os dois vultos.

— O conde d'Assumar! murmurou elle como admirado. Mas então atreve-se a sahir do seu quartel? Por Deus que boa caçada para o intendente.

Ficava uns momentos pensativo e dizia por fim:

— E o homem que o entregasse a uma ronda cahiria nas graças do regente, pois acabariam os taes uniformes francezes e o herege seria condemnado! Nada! Preciso encontrar mestre Negraes!

Relanceou um olhar em volta, teve o pensamento de acordar de novo D. Ramiro cujo palacio ficava á entrada do pateo das Zebras mas de repente estremeceu e tornou com grande alegria:

— Estou em maré de sorte!...

E' que a ronda das ordenanças vinha silenciosamente da Junqueira no seu passo assentado de todas as noutes desde ha doze annos.

E agora, segundo as novas ordenanças, o corregedor da béca, a suprema autoridade na ausencia do capitão-mór, avançava no meio dos lojistas deveras magestoso

D. Miguel, sahiu da esquina, os da ronda recuaram e elle em voz pausada exclamou:

— Conheceis-me sr. corregedor de Belem, sr. Ferreira Raposo?!

O homem de beca fez um signal negativo e replicou:

— Não tenho essa honra!

— Pois sabei que sou D. Miguel Forjaz, ajudante do sr. conde Oeynhausen!

— A's vossas ordens!

— Trata-se d'um importante serviço que podeis prestar ao sr. intendente!

Mestre João Negraes, agora ainda mais rotundo que ha doze annos, tornou-se livido e começou a tremer, o corregedor, cheio d'animo, replicava:

— Oh! Dizei... dizei... Trata-se d'algum pedreiro livre? O sr. intendente por cada um dá cem cruzados...

— E por este vos dará uma commenda, sua alteza!

— Ah! Dizei... dizei... E' então um perigoso herege!

— O marquez d'Alorna! murmurou a meia voz.

— Céus! O das legiões, o que tem resistido á policia?!... E onde vae? Onde está elle?

— Alli! Acaba de se dirigir ao Neutral! assegurou D. Miguel, cheio de contentamento.

— E vae só? perguntou por seu turno o mestre das rondas, João Negraes, em voz tremula.

— Vae com um outro que não conheço!

— Vamos a elles! Que são dois homens para vinte? bradou o corregedor enthusiasmado e accrescentando: E para demais tereis segura recompensa... Vamos!

A ronda hesitou uns momentos ao recordar-se da lenda de bravura d'esse marquez que queriam prender, mas ante as ordens terminantes do Raposo corregedor, avançou com precauções em direcção ao Neutral, ao mesmo tempo que D. Miguel Forjaz dizia:

— Ah! Prestei um bom serviço ao estado... Não se fará esperar a recompensa!

E desejoso d'assistir ao fim da festa encostava-se n'um portal e

ficava a ver a ronda que se estendia junto ás paredes do café, commandada pelo proprio corregedor que ia espreitar á porta e que com effeito via o marquez além em plena luz, sem chapéu, interrogando o hospedeiro que o reconhecia tambem e se desbarreteava submisso e tremulo.

De dentro, nem o minimo ruido, a casa parecia deshabitada e a ronda enchia-se de coragem para prender esse herege pelo qual o intendente offerecia grandes recompensas.

Então D. Miguel, avançou tambem e veiu collocar-se sob os arcos de Belem, tendo nos labios um bello sorriso de intima satisfação.

Atravez das vidraças via os vultos dos dois homens em frente do taberneiro que parecia fazer protestos com os braços muito abertos, traçando grandes sombras nas vidraças.

XVIII

Mocidade, primavera da vida

O cadete estava sentado n'um pequeno gabinete no interior do *Neutral* e na sua frente estava uma formosa mulher morena, de rosto insinuante, olhos negros e luzentes a denunciarem um temperamento de fogo. Os seus magnificos cabellos negros cahiam-lhe com graça na testa, n'um penteado plebeu, e a curva do pescoço desenhava-se pura no decote limitado do casebeque de mau tecido, vestia saia de ramagens vistosas e calçava tamancas; tinha todo o aspecto d'uma vendedora, d'essas que n'aquella epoca, como hoje, atravessam as ruas carregadas ao peso de fartas gigas.

E ali, n'aquelle quarto miserrimo de espelunca, essa mulher, d'ares aciganados mas d'uma formosura estranha, parecia emmoldurada n'um quadro natural, que condizia bem com a sua belleza de rapariga das ruas atirada na enxurrada que lhe maculara o corpo de divindade.

Sorria, a mostrar dentes brancos e esmaltados, ao rapaz que lhe dizia:

— Hoje, como sempre fosteis a primeira a chegar, minha formosa! Desculpa!

— Alguma vez succederá o contrario, senhor...

— Senhor, sempre senhor... Ora para que é semelhante tratamento entre pessoas que se estimam, como nós!

Ella baixou os olhos como a esconder o rubor das faces ardentes e volveu com infinita graça:

— Se queres dar-te-hei outro tratamento...

— Se quero! Mas se não te peço outra coisa! e elle enlaçava-a amorosamente pela cintura e sentava-a nos joelhos.

Porém a joven parecia absorta em algum pensamento estranho, pois não correspondia ás caricias que o amante lhe prodigalisava, deveras descuidado, n'um grande ardor de mocidade desejosa de gosos.

Beijava-a nos labios, apertava-a doidamente ao seio e de seguida exclamava:

— Mas que tens?! Tu não pareces a mesma!

— Eu? Eu!... Oh! Meu amor! e a rapariga retribuia-lhe as caricias n'uma voluptuosidade de gata, enroscava-se com elle, apertava-o, jungia-o ao peito, que palpitava ancioso.

E era na realidade um grupo encantador aquelle.

A mulher, morena, viva, insinuante nas suas vestes, a contrastar com a alvura do mancebo, de cabellos louros e olhos azues, vestido na farda tão odiada pelo intendente, assim unidos no mesmo amplexo estonteante, na mesma doida caricia.

Mas de repente, ella encarava-o como tomada de alguma ideia estranha, parecia analysar bem as linhas d'aquelle rosto, passava da physionomia á farda, na mesma analyse minuciosa, e bravada:

— Mas tu és do regimento do Alorna?

Elle esboçou um gesto d'espanto ao ouvir a sem-ceremonia com que aquella rapariga, uma vendedora, fallava do seu coronel e redarguiu em voz tranquilla:

— Do sr. marquez d'Alorna, minha bella!

A joven mordeu os labios, e disse de seguida:

— Sim, do sr. marquez...

— Mas que tem isso? perguntou elle com rapidez.

— E' que tenho ouvido dizer que os seus soldados e officiaes não sahem do quartel, que a policia, ás ordens do intendente, procura lançar mão sr. marquez, por causa d'uma rebellião!

— Ah! Sim... Qualquer coisa ha a esse respeito!... disse elle com desdem. A policia busca com effeito deitar a mão ao meu coronel! Mas elle é um bravo e fortificou-se com sua gente! Dou-lhes

um doce se o agarrarem... Nada, que o sr. d'Alorna não é para ahi qualquer pedreiro livre!. .

— Mas falla-se...

— Sim... Falla-se d'uma sociedade secreta... Mas são lerias!... redarguiu elle, beijando-a de novo.

E então a joven volveu:

— Mas se não é permittida a sahida, tu foges todas as noites...

— Assim é... E faço-o com pena d'enganar o nobre coronel! Mas que queres, se ha cá fóra uns olhos negros que me attrahem, uma boquinha de coral que me incita, um corpo de serpente que me chama, e por isso eu cá estou a teu lado, beijando todas essas perfeições! e com effeito, beijava-a sempre e exclamava: E' por poucos dias, infelizmente!

— O quê?! gritou ella saltando-lhe dos joelhos e ficando de pé na sua frente.

— Sim, minha amiga, eu parto para a guerra que vamos ter com a França!

— Tu! exclamou ella, como perturbada e lançando-lhe os braços ao pescoço.

— Sim, eu... Marcho com a minha legião...

Ella então baixou a cabeça como commovida, encarou-o de seguida rapidamente, pallida, toda n'uma grande anciedade, e perguntou:

— E desejarias muito não partires, não é assim!

— Com mil demonios! exclamou o cadete. Por quem me tomas?!

— Mas... E' que eu amo-te... Sim, e tu ha pouco parecias descontente com essa partida!

— Descontente, eu?! gritou o rapaz, com enthusiasmo. Descontente? Mas, ao contrario, muito ao contrario, estou radiante!

E sem reparar na lividez que se espalhava na physionomia da amante, elle continuava:

— Um soldado deve marchar, deve ser bravo, deve ouvir assobiar aos ouvidos as balas inimigas, portar-se como um valente, cobrir-se de gloria, como meu primo o acaba de fazer e como meu pae m'o disse! Elle é um valente, um heroe que respeito e admiro... Desejo ser assim; quero que o meu nome resoe aureolado pela fama, desejo isso acima de tudo...

— Para agradares talvez a alguem... murmurou ella, como despeitada.

— Sim não o nego!...

— O que? Tu amas outra mulher? perguntou a joven n'um tom e como uma tal expressão colerica na physionomia que o mancebo ergueu-se e volveu com apparente serenidade:

— Mas quem falla de mulheres?... Se quero agradar a alguem é a meu pae, é a meu primo, e a mim proprio... Quero ver brilhar um galão na manga da minha farda...

— Para seres admittido na côrte, não é assim? interrogou ella novamente.

E o cadete, com desprezo, n'uns ares desdenhosos, volveu:

— Na côrte?! Mas se quizesse iria lá... Dá-me direito a isso o meu nascimento! Os Freire de Andrade foram officiaes de mar e de terra... Meus avós privaram de perto com os reis e accrescentavam-lhes os dominios com as suas espadas gloriosas!...

— Tu és Freire de Andrade?! exclamou a joven abruptamente e com pasmo.

Elle olhou-a tambem com grande admiração e redarguiu:

— Mas sim... Sou Nuno Freire de Andrade, filho de Bernardim e primo do heroe da Russia! Sim primo de Gomes Freire que se bateu como um leão em Oczakow e ao qual a imperatriz condecorou! Isso constou em Lisboa... Mas porque me perguntas se sou Freire?

— Ah! disse ella como embaraçada. E' que tenho ouvido fallar d'elle! Pelos modos é amigo do teu coronel!

— Ah! Grandes amigos desde a mocidade!

— E teu pae?...

— Esse é general e adora meu primo...

— Sim, d'essa maneira... e ella adoçando a voz, murmurou: Mas porque não ficas em Lisboa?

— E as minhas promoções?...

Nos olhos da joven prepassou um clarão extranho; baixou a cabeça e depois saltou-lhe alegremente ao pescoço beijando-o loucamente, interrogando-o:

— Mas juras-me que não amas outra mulher?

Elle hesitou uns momentos, no rosto desenhou-se-lhe uma expressão de desgosto e tornou:

— Não... não...

E ficaram assim enlaçados, sob o clarão mortiço do candieiro da espelunca.

Elle arrastava-a d'ahi a momentos muito docemente para o interior d'um aposento contiguo que servia de quarto de dormir ao dono do Neutral e foram cahir ambos enlaçados sobre o leito pobre.

Cá fóra, na sala do café, o marquez d'Alorna, continuava a fallar com o Neutral, Gomes Freire sentara-se n'um banco e parecia pensativo.

O marquez continuava:

— Dizes então que não entrou para aqui ninguem?

— Mas dou-vos a minha palavra, excellencia.

— N'esse caso, amigo, aluga-nos por esta noute, o quarto interior da tua taberna!

O dono da locanda, deu dois passos para traz, tornou-se livido e titubeou:

— Mas... mas... sr. marquez!

— O que? Acaso receias alguma cousa...

— E' que a policia anda em vossa perseguição, excellencia, exclamou o outro, vendo alli a salvação.

— E alcunham-me d'herege não é assim? perguntou o coronel esboçando um sorriso.

— Assim é, senhor...

— E tu, vil patife, temes que um fidalgo do meu sangue, venha alugar a tua hospedaria para praticar heresias? Olá, velha raposa, affasta-te... Nós tomaremos o aposento com espadeiradas já que o não cedes por dinheiro!

— Excellencia! supplicou o pobre homem cahindo de joelhos aos pés do marquez.

— Ergue-te, patife! gritou então Gomes Freire, tomado de colera. Ergue-te e dize-nos a verdade inteira... Eu gosto pouco de scenas demoradas...

O Neutral, tornou-se livido, encarou deveras tremulo os dois homens e em voz baixa murmurou:

— Não me desgraceis, senhores!

— Que queres dizer? perguntou logo o marquez.

— Que tenho realmente gente n'aquelle quarto!

— Muito bem... Ora até que emfim és rasoavel.

— Para vos servir...

— E está ahi um official do meu regimento não é assim? perguntou o marquez rapidamente.

— Ignoro-o meu senhor, isso ignoro-o!

— Como? Pois não sabes o que tens em tua casa? interrogou de novo o coronel em voz terrivel.

— Não, excellencia, elle entra e sahe embuçado...

— Ah! Mas havias de tratar com elle para o aluguer do aposento...

— Não, excellencia... Eu não conheço nenhuma das pessoas que aqui vem!

— Patife?! bradou Gomes Freire. Queres então que vamos nós mesmos reconhecel-os?

— Juro-vos... balbuciou o pobre homem pondo a mão no peito.

— Não o acredito... Tu deves ter espreitado os teus freguezes .. Para demais julgo que se trata d'uma scena d'amor...

— Senhor... Vindes talvez da parte do marido... titubeou elle como louco.

E o marquez, vendo alli uma boa sahida, replicou:

— Pois bem... E se assim fosse?!

— Oh! Meu senhor... Apenas vos poderia dizer que foi um homem com apparencia de creado de boa casa quem veiu alugar a minha cama e o meu quarto... retorquiu elle n'um ar d'intelligencia.

— Muito bem... E depois!

— A' primeira noute veiu uma dama velada que mal entrou no quarto o fechou por dentro logo que chegou um embuçado... Sahiram do mesmo modo para voltarem desde ha doze dias... Ella, segundo parece, esconde a capa e o veu e fica n'um traje de mulher do povo!

— Com mil raios, aqui anda mysterio! murmurou o marquez, ficando pensativo.

E Gomes Freire, para o hospedeiro, interrogou:

— E não conheces a dama?

O Neutral, muito conscientemente, redarguiu:

— Via-a apenas duas vezes aqui e por Deus vos juro que não sei o seu nome... No emtanto parece-me, sem o jurar todavia, que já a encontrei fosse onde fosse!

— Pois bem, meu amigo, tu vaes deixar-nos penetrar muito tranquillamente, n'aquelle aposento! exclamou o coronel deveras contente com a aventura e desejoso de conhecer e confundir o seu official apanhado em falta.

— Mas é impossivel, senhor... A porta está fechada por dentro!

— Arrombal-a-hemos n'esse caso? exclamou o marquez, sempre tentado a extremas resoluções.

— Alorna! disse Gomes Freire, com certa presuação. E' melhor esperar prudentemente que saiham!

— Assim é, excellencia, assim é! murmurou o Neutral.

— N'esse caso, fiquemos! assentiu o coronel, sentando-se tranquillamente á mesa e dizendo: Esperaremos! Mas por Deus vos juro que hei-de ver o rosto á tal dama! e elle soltava uma gargalhada como nos seus bons tempos de cadete.

Porém n'este momento, ouvia se uma grande algazarra na rua, soavam violas e flautas e um bando esturdio irrompia pela espelunca clamando:

— Vinho! vinho!

— Olá taberneiro das duzias Anastacia dos Algibebes, de cara rapada e sem vergonha, porque a d'ella tem barbas, dá-nos vinho porque tenho as guellas seccas de versejar e trazemos comnosco um bom patife apanhado a namorar nas Salesias!

Quem fallava assim era um homem magro, pallido, d'olhos azues, e cabellos em desordem, vestido n'um fato esfarrapado e que batia palmadas amigaveis no hombro d'um mancebo fardado de guarda-marinha e no qual seria facil reconhecer o amigo de Nuno Freire e que ajudara a sua evasão do quartel.

— Olá tento, amigo Bocage, não queiraes que eu pague o vinho e ainda que sirva de divertimento a estes cavalheiros!

Elle relanceava um olhar em roda e recuava ao deparar com o marquez d'Alorna que continuava silencioso ao lado de Gomes Freire.

D. Miguel Forjaz que estava sempre escondido nos arcos, ao ver entrar aquelle novo bando, avançou para o corregedor e exclamou:

— Sr. Raposo .. Pelo sim, pelo não, farieis melhor em buscar auxilio no regimento do Caes, porque o novo grupo que entrou é de arruaça!

— Sim... sim... Eu mando... Ou antes eu vou!

— Acompanho-vos!

Affastaram-se então rapidamente em direcção ao Caes, depois de terem dado ordens a mestre João Negraes para que não deixasse sahir o marquez da espelunca.

O fidalgo, ebrio de jubilo, obrigava o corregedor a caminhar rapidamente e dizia-lhe:

— Sem duvida tereis uma commenda, senhor!

No Neutral continuava a algazarra e apenas Alvaro de Miranda parecia preplexo ao deparar com o marquez além n'aquelle logar onde o seu amigo se encontrava sem duvida nenhuma aquella hora.

E abençoara mentalmente os do bando que assim o tinham ido arrancar aos encantos do seu amor, para o conduzirem a essa taberna.

Viera-lhe então o pensamento de salvar o cadete e começava a puchar o casaco de Bocage, deveras impaciente, emquanto o bando do povo que trazia os instrumentos, e os fidalgos que acompanhavam o vate, iam bebendo os copazios que o Neutral enchia a miudo.

O poeta, offerecia o copo ao guarda-marinha e dizia:

— Olha Alvaro de Miranda, bebe á saude da tua bella que eu bem sei o que é isso d'amores, principalmente em vesperas de partida... elle tinha um estremecimento ao recordar-se da sua vida passada e accrescentava logo: Bebe anda! Bebe á tua bella... Emquanto eu bebo á morte dos burros d'Arcadia onde José Agostinho dá leis de funil!... e d'um pulo collocava-se sobre a mesa e bradava: A' morte d'Arcadia! A' vida de Alvaro de Miranda, o melhor guarda marinha das naus!

— Desde que Bocage é paizano! gritou uma voz.

E logo todos em grande grita applaudiram.

Bocage, olhava tudo aquillo, sentia-se deveras contente n'aquelle meio esturdio.

— Eh! Alma pequena! gritou lhe um mancebo fardado de capitão de cavallaria. Atira para ahi uma versalhada!

— Esperae Gastão de Seabra! clamou elle. Deixa-me dar attenção a este leãosinho do mar! retorquiu o vate, prestando-se a attender o official de marinha, que murmurava:

— Bocage... Preciso de ti...

— Oh! Amigo, eu pouco valho... Calcula que ninguem me empresta um tostão!

— Bocage, tornou o outro em voz baixa. Nada de gracejos, trata-se de salvar um amigo!

Em torno ria-se e fallava-se em grande grita, continuavam a beber, os poetas discipulos de Bocage juntavam-se n'um grupo e argumentavam, os fidalgos esturdios clamavam sempre:

— Bocage... Bocage... Salta versalhada para o taberneiro! Anda que ainda temos de ir a Pedrouços acordar com berros o teu José Agostinho, esse maldito que tanto odeias!

Mas o poeta não os ouvia; arregalava muito os olhos e murmurava:

— Salvar um amigo?!

— Sim; um pobre cadete do regimento d'Alorna que se encontra n'este logar!

— Mas onde?

— Sem duvida no interior da casa!...

— Bem e depois?

— O marquez está alli e ha-de vel-o sahir!

— O marquez?! bradou o poeta como admirado.

— Sim, volveu elle indicando o fidalgo com a vista, e começando a pôr o vate ao facto da situação.

— Oh! Com os demonios! Mas é preciso salvar esse pobre cadete que não conheço...

— Mas como?! perguntou o outro deveras afflicto.

O poeta, ficou uns momentos pensativo e de seguida saltando para sobre a meza, bradou:

— Rapazes: Chegamos a uma epoca d'intolerancia...

— E' discurso! E' discurso! bradaram todos gracejando.

— Agora é a serio! clamaram de novo, ao verem-no tomar uma attitude digna.

— Sim trata-se nada menos do que fazer uma partida ao sr. intendente da policia, de que mostrarmos que a mocidade não se curva!...

— Cautella, Bocage, cautella! bradaram vozes assustadas.

— Que receiam?! Não vos declaraveis ha pouco dispostos a tudo? Pois bem, se nas vossas veias ha sangue tratem de o mostrar!...

— Como?... Como? bradou uma voz juvenil.

— Como, Pato Moniz, exclamou o vate, dirigindo-se a um mancebo que o olhava enthusiasmado.

— Mas deixando em paz esse porco do José Agostinho e partindo para a Junqueira a dar uma serenata ao sr. marquez d'Alorna que tem resistido ao intendente como ninguem até hoje!...

O marquez estremeceu ao ouvir o seu nome pronunciado por aquelle esturdio e os outros bradaram enthusiasmados, muito desejosos de contrariarem o intendente:

— Bravo! Bravo! Vamos á Junqueira!

Até os plebeus que traziam os instrumentos, agora tontos pela bebida, applaudiram o vate que, de repente, cheio de si, como se ainda quizesse despertar maior enthusiasmo, accrescentava:

— Calculem amigos, como um fidalgo protesta nobremente contra as infamias do Manique... Sua excellencia, não altera um só botão nas fardas dos seus soldados que vestem á franceza... Sua excellencia, admira a republica franceza ..

— Basta, senhor!... gritou n'este momento o marquez d'Alorna erguendo-se e correndo para o vate. Não quero o meu nome atirado assim, não quero passar por um demagogo... Se resisto ás ordens da policia é por brio proprio e não porque applauda os excessos da republica franceza!

— Sois o marquez d'Alorna! Oh! Viva sua excellencia! clamou o vate que conseguira os seus fins.

A turba muito enthusiasmada pelas palavras do fidalgo, agarrara-o e applaudia-o loucamente.

— Levemol-o em triumpho! disse Bocage. Levemos sua excellencia até ao seu quartel! e logo em voz baixa para o guarda-marinha, murmurava: Vamos, corre a prevenir o teu amigo que se evada... Quando largarmos o marquez, já elle deve dormir a somno solto!

E o official atirando um empurrão ao locandeiro que lhe embargava a passagem exclamava:

— Sim, é necessario salval-o! Obrigado, Bocage!

— Fico assim pago do teu vinho! retorquiu o poeta sorrindo, emquanto Alvaro de Miranda arrombava a porta com dois empuchões e bradava no aposento:

— Nuno! Nuno!...

Uma voz lhe respondeu do interior do quarto do hospedeiro, e

o mancebo appareceu aos olhos do amigo, trazendo aos hombros a casaca do seu uniforme.

— Que queres? Que succedeu? perguntou elle deveras assustado.

— Foge! E' o marquez d'Alorna que está na taverna... Conduzem-no agora em triumpho, graças á esperteza d'um dos meus amigos, e tu podes fugir bem embuçado!... Vamos!... e buscava arrastal-o d'alli emquanto elle murmurava:

— Mas não posso deixar assim esta mulher!

— Com mil raios! Uma mulher do acaso, gritou o outro. Anda... Lembra-te que te perderás se o marquez te conhece... Vamos, peço-t'o por Etelvina!...

— Vamos! exclamou o mancebo vestindo á pressa o casaco e embrulhando-se na capa, disposto a partir.

Mas um grito intenso se ouviu e a amante do cadete, penetrava no aposento e exclamava desesperada:

— Ah! bem dizia eu que amava outra mulher!...

Elle já não a ouvia, acabava de transpor a porta e entrava na sala da espelunca.

E então o rosto formoso da joven, soffreu uma bem extranha transformação; lia-se-lhe uma colera mas uma colera de rainha offendida n'essa physionomia bella, e a vendedora, rouquejava.

— Chama-se Etelvina... Oh! Já o ouvira ha pouco! Vingar-me-hei! Vingar-me-hei!...

Entrava de novo no quarto, punha á pressa uma capa que alli deixara, e ia ajustar o veu ao rosto, quando se ouviu um grande ruido na taberna, um tinir d'armas, a algazarra da ronda que exclamava o nome do marquez ao mesmo tempo que dois homens entravam esbaforidos no aposento. Lá fóra era sempre o mesmo tinir d'armas e de repente soava fortemente uma voz, bradando:

— Salve-se quem puder!

Depois era o ruido d'uma correria atravez das ruas, contiguas e no interior da espelunca a voz do corregedor, clamando para o taberneiro:

— Entregae-nos o herege marquez d'Alorna que se refugiou na vossa casa!

— Respondemos a essa canalha, não é assim, Gomes Freire? bradou um dos refugiados do interior do aposento, e com colera.

— Sim, vamos-lhes responder a tiro, D. Pedro! retorquiu o sargento-mór.

— Ah! A tiro... Eu para lhes responder apenas tenho a minha espada!

— E' pouco para outro homem, mas na tua mão, é muito!... Aguardamos os acontecimentos!

E elles ficaram a barricar a porta a toda pressa com o enthusiasmo de dois bravos.

Do lado de fóra, o corregedor exclamava:

— Sr. marquez, rendei-vos, bem sabeis que é inutil a resistencia!

— E' o que vamos vêr, amigo corregedor! gritou Gomes Freire soltando ao mesmo tempo uma gargalhada.

D. Miguel Forjaz, estremecia ao ouvir aquella voz e murmurava para o official de justiça:

— Cautella não nos escapem essès hereges!...

E agora acalentava já mais uma esperança ao ouvir a voz de Gomes Freire.

Os soldados do Caes, tomavam a porta e o official ficava junto do corregedor esperando as suas ordens.

Na rua ouvia-se sempre o mesmo vozear da ronda que perseguia o grupo dos esturdios.

O marquez e o sargento mór lado a lado, admiravam-se de se encontrarem alli mettidos, comprehendendo porém tarde ser impossivel a victoria tanto mais que a casa não tinha outra sahida, como ao começo julgaram.

Viam então maravilhosamente a sua situação, os perigos a que estavam expostos e lastimavam a imprudencia de se terem deixado ficar alli, confiados em que a ronda apenas perseguia o bando.

Quando o bando esturdio quizera conduzir o marquez d'Alorna em triumpho, este começara a debater-se mas mesmo assim fôra levado para a porta entre acclamações festivas. A ronda ao vêr do que se tratava buscava impedir-lhes a passagem e os rapazes tinham-lhe respondido á espadeirada. Nuno Freire, fôra arrastado para longe por Bocage e por Alvaro de Miranda que exclamavam:

— Fujamos! O marquez sósinho basta para pôr a ronda em debandada... e tinham-se affastado tranquillamente, emquanto na realidade o resto do bando, Alorna e Gomes Freire, espancavam os logistas que pediam soccorro. Mas de repente apparecera a força

que o corregedor fôra buscar e os do bando evadiam-se trocando ainda algumas espadeiradas com os soldados.

Os dois amigos tinham ficado juntos e no meio do tumulto, deixavam-se ficardentro da taberna, dispostos a conservarem-se alli mal suspeitando do laço que lhes fôra armado.

O marquez, tinha a consciencia que ninguem o reconheceria; e embuçava-se á pressa na capa ao passo que o amigo conservava o rosto descoberto.

— Eis alli o herege! Prendei o marquez d'Alorna! gritara então o corregedor; e o fidalgo comprehendendo tudo, correra juntamente com o amigo para o interior do aposento que Nuno deixara havia instantes.

Agora estavam alli trabalhando na sua defeza e dispostos a venderem cara a vida, tendo visto emfim o que se desejava d'elles.

— Foi uma imprudencia o ter sahido do quartel... murmurava o marquez deveras colerico.

— Imprudencia a que vamos fazer face! bradou o outro.

— Aqui embocetados, pelo diabo!... Olha lá começa a arenga novamente! clamou o fidalgo ao ouvir a voz do corregedor bradar ainda uma vez:

— Em nome de sua magestade, entregae-vos, sr. marquez d'Alorna! Entregae-vos para evitar uma violencia!

Gomes Freire, bradou então:

— Preferimos a violencia, sr. corregedor! Eu o sargento-mór, Gomes Freire e o meu amigo marquez d'Alorna não nos entregamos a esbirros!

— Reparae que estão aqui soldados de sua magestade! bradou então o official.

— Soldados que estamos muito habituados a mandar para que os temamos! retorquiu Alorna.

— Prendei esses senhores em nome de sua magestade! ordenou no meio do silencio, a voz serena do official da justiça.

Mas ao ouvir o nome de Gomes Freire, cujas proezas na Russia começavam a correr em Lisboa, o official hesitava uns momentos e murmurava:

— Mas não seria melhor, a presuasão!...

— Estão esgotados todos os meios presuasivos! disse D. Miguel Forjaz ao ouvido do corregedor.

— Assim é.. volveu este, e para o official ordenou: Obedecei ás ordens de sua magestade, senhor!

— Seja!... replicou o official de muito mau humor, dando uma ordem a um dos seus homens.

Ouviu-se um tiro, e uma bala atravessando a porta passou zunindo aos ouvidos dos dois officiaes ao mesmo tempo que um grito estridulo se ouvia solto pela amante de Nuno Freire que ficara no limiar do quarto.

Gomes Freire, segurava já a sua pistola e bradava:

— Ah! Miseraveis!

Porém ao ouvirem aquelle grito, os dois amigos voltavam-se e deparavam com a joven que dizia em voz tremula:

— Senhores... senhores...

E então, no cumulo do espanto, os dois homens, olhando-a bem de frente, exclamaram cheios de pasmo, no cumulo da admiração:

— Carlota Joaquina! A princeza!...

Ouvia-se um novo tiro, depois um grande ruido de gente que se approximava, o som de pancadas fortes na porta que buscavam abrir e á qual Gomes Freire se encostava com sobre humana força, ao passo que a princeza confundida na presença dos dois homens, exclamava:

— Senhores... Evitae que essa gente transponha essa porta!... Evitae que me reconheçam!...

— Guarde-se, vossa alteza!... bradou o marquez ainda cheio de pasmo. Nós vamos responder a esses miseraveis!...

E o coronel abria elle mesmo a porta, desembainhava rapidamente a espada e começava a acutilar desesperadamente os soldados que recuavam admirados de tanta audacia.

Gomes Freire, collocara-se a seu lado de pistola em punho depois de ter dito a Carlota Joaquina:

— Senhora, velae o vosso rosto...

E então ambos ficaram alli face a face com os soldados que tinham recuado; no rosto do marquez lia-se a mais energica resolução de vender cara a vida, Gomes Freire estava apparentemente socegado e exclamava:

— Reparae, sr. official, que somos apen s dois contra os vossos doze soldados... Olhae que fomos attacados, que contra nós se dispararam tiros e que somos vossos superiores!

D. Miguel Forjaz, escondera-se no grupo dos da ronda que chegava, sem trazer comsigo, apenas um dos esturdios. Alguns logistas mostravam grandes arranhaduras no rosto e dois d'elles soltavam gemidos e deixavam-se cahir no chão da espelunca O taberneiro olhava a scena tomado de grande desespero.

O corregedor era quem respondia agora ao sargento-mór:

— Senhores: Entregae-vos e tudo estará terminado! Ha uma ordenança do sr. intendente que manda prender o sr. marquez d'Alorna e por isso tenho de cumprir o meu dever!...

— O vosso dever é deixar-nos passar! clamou o marquez avançando ainda dois passos.

Porém os soldados cahiam sobre elle e o bravo coronel defendia-se atirando lhes golpes mortiferos, ao mesmo tempo que Gomes Freire, disparava a sua pistola contra o corregedor.

Depois recuou dois passos, acercou-se da princeza que estava livida sobre o seu veu e murmurou:

— Quereis passar? Esperae uns momentos!

Avançou de novo como um leão e atirou-se aos soldados que recuavam sem terem tempo de carregar as espingardas e que debandaram com a ronda ao ouvirem a voz d'um dos seus, exclamar:

— Vem ahi o regimento d'Alorna!

— Com mil raios! Que vem cá fazer esses patifes! gritou o coronel correndo para a porta em seguimento do official que fugia tambem.

D. Miguel Forjaz, sahira com o corregedor ao grito d'alarme e este que estava ferido, gritava:

— Ah! Os patifes são de primeira força!

— Maior é agora a sua culpa!... Deixae-os com o sr. intendente da policia!

E elles desappareciam ao mesmo tempo que uma companhia do marquez d'Alorna commandada por um capitão parava em face da taberna.

— O nosso coronel! O nosso coronel! gritava a soldadesca em grande vozear.

— Eh lá! bradou elle, deveras enfurecido e sentindo uma raiva intensa: Ide-vos! Ninguem vos chamou a esta contenda!

— Meu coronel! Perdoae, fui eu!... exclamou então Nuno

Freire apparecendo ao marquez que ficou muito grave e replicou com doçura:

— Ah! Comprehendo... Pois pede perdão a teu primo de teres ido contra as minhas ordens! e indicava-lhe Gomes Freire que abraçava o mancebo e lhe dizia ao cabo d'uns momentos:

— Vae-te com elles, Nuno...

— E o meu coronel? perguntou o joven enthusiasmado.

— Deixa-o! Elle tem forte o braço!...

E Nuno Freire, partiu em seguimento da companhia que se affastava; então o marquez com lagrimas nos olhos, entrou no aposento onde estava a princezae offerecendo-lhe galantemente o braço, disse de chapeu na mão:

— Senhora, vossa alteza tem o caminho desembaraçado!

Carlota Joaquina, apoiou-se no braço de Alorna e apenas murmurou:

— Acompanhar-me-heis com o vosso amigo, não é assim?

Era na realidade extranha, aquella princeza sahindo d'uma espelunca entre dois bravos aos quaes a lei chamava hereges.

E mestre Neutral fechando a porta resmungava:

— Hum... Aquillo são mysterios lá da fidalguia!... e casquinava uma risadinha satisfeita ao contar o dinheiro da bolsa que a dama lhe atirara.

Alorna murmurava para o amigo:

— Desculpal-o hei... Mocidade primavera da vida!

XIX

Suas altezas!

Justiça, meu senhor, justiça! bradava o intendente da policia, apparecendo de repente a sua alteza, o regente, que passeava no jardim botanico com D. Ramiro e com fr. Mathias da Conceição, um frade do Carmo, tornado agora o confessor do principe.

D. João recuou, tomou uma pitada da sua caixa d'ouro, para que lhe passasse a impressão causada pelo subito apparecimento do intendente e resmungou:

— Por Santa Maria de Belem... Nem me deixam tranquillo emquanto passeio! Depois, com um suspiro resignado, murmurou para o frade: Ah! Eu não fui talhado para esta vida de governar povos! Um dia recolho-me de todo a Mafra... Sempre preferi um cantochão ás queixas dos meus subditos...

— Justiça, meu senhor, justiça! clamava ainda o intendente, de habito tão terrivel, curvando-se em frente de sua alteza, prestes a ajoelhar-se.

D. Ramiro, fez um gesto de mau humor, o principe ficou surumbatico e o confessor começou a analysar com evangelica paciencia uma magnifica tulipa que erguia os seus ramos como a servir de guarda-sol a uma estatua de Minerva.

— Que succedeu, Pina Manique, que succedeu? interrogou D. João, ao cabo d'uns momentos.

— Mas, meu senhor, o peor dos attentados contra as vossas ordens, contra a tranquillidade, contra os bons costumes!

— Meu Deus! Os pedreiros livres! exclamou sua alteza, apoiando-se no braço de D. Ramiro e espetando o seu ventre obeso.

— Dois d'elles, meu senhor...

— Pois prendei... prendei... Mas deixae-me pacifico! Fr. Mathias, quando temos missa nova? interrogou o regente, prestes a voltar as costas ao intendente da policia.

Manique comprehendeu que o golpe ia falhar e então, decidido a tudo, exclamou:

— Trata-se da salvação do estado! Trata-se da minha dignidade! Esta noite dois homens atreveram-se a espancar a minha ronda e a pôr em fuga doze soldados e um official de vossa alteza!

— Ah! Por Deus, que são valentes, os vossos pedreiros livres! redarguiu o principe em voz fanhosa.

— Não admira, real senhor, disse então fr. Mathias, que dava habitualmente aquelle tratamento ao principe. Essa gente tem a força que o inimigo lhe fornece em troca das suas almas!

— Hereges, que precisam ser queimados na praça para exemplo! resmungou D. Ramiro.

— Mas de quem se trata? perguntou, ao cabo d'uns momentos, o principe.

— Das unicas pessoas que se atreveriam a zombar dos decretos!

— Pois dizei ao ministro do reino que vos dê ordens:

— Sua ex.ª não me quiz receber esta manhã!

— Pois ide lá de tarde e deixae-me tranquillo, Pina Manique... Por Deus! Todos os dias me embaraçam a digestão com os taes pedreiros livres .. Que livram tudo excepto a minha pessoa de ouvir o seu negregado nome!

— Pois bem, real senhor, escutae por momentos sua ex.ª... supplicou o frade.

— Fr. Mathias, tende piedade de mim! Intendente, vinde ámanhã! voltava-lhe as costas sem ceremonia alguma e ia affastar-se quando Pina Manique bradou, lançando mão d'um ultimo argumento:

— Alteza... Vós, e toda a côrte, trazeis luto pelo infame attentado praticado ha quinze dias em França, olhae que em Portugal os hereges levantam a cabeça!...

— Quereis dizer?! perguntou o principe, fazendo-se muito pallido.

— Que esses miseraveis já fallam em vosso desabono pelas espeluncas... Quero dizer que esta noite, n'um café de Belem, alguem subiu para cima d'uma mesa no meio d'um immenso concurso de povo e nobreza e fez o elogio do marquez d'Alorna, d'esse fidalgo que tem resistido aos editos e que é um apaniguado dos hereticos francezes!

— E quem se atreveu?! bradou D. Ramiro, cheio de indignação.

— Ignoro o nome do miseravel, mas sei que o marquez seria levado em triumpho pelo povo se acaso a minha ronda não puzesse em fuga esses infames!

— E' grave, muito grave!... exclamou D. Ramiro, que, desde que ouvira fallar d'Alorna, tomara decisivamente o partido do intendente e o auxiliava.

— Olhae, Manique, mas então o marquez já não está no quartel? interrogou o principe, deveras admirado.

— Sae d'elle altas horas para ir conspirar no Neutral... Mandei vigiar o café que dá abrigo a semelhantes miseraveis e esta noite a minha ronda de Belem, reforçada pela de Alcantara, rodeará a espelunca e prenderá todos os maçons que ahi se encontrarem... Outrosim, pela secretaria da guerra, foi ordenado ao regimento do Caes que estivesse prevenido ao menor tumulto! Tremo pela segurança do throno de vossa alteza!

— Oh! Oh! Sim, tens rasão... Daremos um exemplo! exclamou o principe, disposto a affastar-se.

— Mas, meu senhor. . Eu desejo...

— O quê?!

— Que assigneis vós mesmo as ordens de prisão para o marquez d'Alorna e para um sargento-mór de nome Gomes Freire, os quaes, desde ha muito, são reus de grandes crimes...

— Mas, José de Seabra porque as não assigna? interrogou sua alteza, de muito mau humor.

— S. ex.ª... Teima em não me receber. Diz-me um visionario, quando ha provas palpaveis de conspirações...

O intendente, na sua grande furia contra os maçons, que viera substituir n'elle a raiva contra os jesuitas, accusava a torto e a di-

reito, dizia coisas que nunca tinham existido, fallava de movimentos revolucionarios, dizia que os soldados do marquez d'Alorna, vestidos á franceza, eram jacobinos, e concluia a affirmar, muito grave, cheio de convicção:

— Se até os botões dos punhos do herege Alorna representam um laço da liberdade!

Aqui sua alteza deu um salto para traz. Parecia-lhe o peor dos crimes e exclamava:

— Oh! E os meus teem o Senhor da Graça!... E' quando dou este exemplo que elles se atrevem... E, n'outro tom, á pressa, perguntava: Trazeis as ordens de prisão?

— Sim, alteza!...

— Pois aguardae-me... Eu as assigno!...

Tomava rapidamente os papeis da mão do intendente e entrava n'um pavilhão que existia além no jardim; molhava com presteza a penna, garatujava a sua rubrica no final das ordens de prisão e soltava um suspiro d'allivio.

Mas ao mesmo tempo ouvia-se um passo miudinho e leve pisando a areia do jardim e á entrada do pavilhão apparecia o perfil de Carlota Joaquina, exclamava na sua mais agradavel voz, com a visivel pretenção d'agradar:

— Estaes só, meu senhor?

— Vós, alteza! bradou o principe, deveras radiante, ao vêr a esposa, que raramente o procurava.

Fazia-lhe um respeitoso cumprimento e depois agarrava-lhe a mão, conduzia-a para o interior do recinto e dizia sempre:

— Grande bondade a vossa em procurar um pobre principe sobrecarregado pelos trabalhos da sua posição...

Ella lançava um olhar rapido para a mesa, via as ordens de prisão que o marido assignara e que ia metter no bolso e precipitava-se para elle, n'um bem fingido accesso de ternura, exclamando:

— Meu senhor...

— Carlota! exclamou elle apertando-a ao peito largo e tendo nos labios grossos um sorriso de intima satisfação.

Ella, com toda a perecia d'uma comica de largo folego, deixava-se cahir no sophá oriental que rodeava o pavilhão, arrastava o na cauda das suas longas saias e murmurava:

— Oh! Como sois bondoso em ficar a meu lado! Estou hoje n'um dos meus dias de abatimento, João!...

E a formosa hespanhola pronunciava aquelle nome n'uma caricia, deixava pender a cabeça no hombro do regente, que ficava tranquillo, tendo bem apertadas nas suas as mãos tepidas da esposa, que o seduzia e o admirava n'aquelle momento com a sua ternura subita.

Estava uma d'essas tardes amenas d'inverno em que brilha um sol pallido, a cujos raios os passaros se aquecem, modulando gorgeios de satisfação; ali proximo, uma fonte murmurava na pedra marmorea do seu tanque uma canção doce; elles ficavam envoltos na agradavel sombra do logar e a voz da princeza, terna e agradavel, dizia, d'um modo encantador:

— João, tenho um grande prazer em estar a teu lado!

— Ah! Carlota, e eu?! Eu, sempre abandonado, tendo por unico refugio o convento de Mafra, onde ouço as doutas prédicas dos bons frades, vivendo deveras aborrecido no meio d'uma côrte em que lavra a intriga, sem descanço d'uma hora, obrigado a velar pela corôa, em demasia pesada para mim, sujeito a ter a sorte do infeliz Luiz XVI!...

E o principe estremecia, como ha pouco, a essa ideia que começava a tomar vulto no seu cerebro, deveras impressionado com as palavras do intendente, querendo livrar-se a todo o custo.

Depois continuava, em voz tremula e mal segura:

— Chegou o momento da guerra com a França e isso assusta-me deveras! Receio que as forças hespanholas e portuguezas sejam vencidas e que esses hereges entrem em Portugal... Que seria de nós? Que seria de ti, minha boa Carlota!

E sua alteza, n'um grande movimento de medo, encostava-se ao seio da esposa e depunha-lhe um beijo nos labios, ante o qual ella teve um estremecimento de repulsão.

Tentou sorrir; desviou-se e exclamou de repente, deixando a mão entre as do principe, que a olhava com adoração:

— Não temeis a guerra, meu senhor, nada receies, João! A Hespanha dispõe de numerosa força, a Inglaterra auxilia-nos com a sua esquadra e depois em Portugal ha militares valorosos promptos a morrerem por vossa alteza, officiaes valentes e esforçados que enaltecem o nome da patria no estrangeiro!

— No extrangeiro?! bradou D. João, deveras admirado.

— Sim... Um d'elles acaba de ser nomeado coronel pela imperatriz da Russia que o condecorou com o cordão de S. Jorge! Outro é seu companheiro e tem uma legião ás ordens de vossa alteza!

— Bravo!... O cordão de S. Jorge?!... Oh! Quem são esses valentes? perguntou rapidamente o principe.

— Gomes Freire de Andrade!...

— Ah! Um herege... bradou assombrado.

— O marquez d'Alorna! concluiu ella com altivez.

— Oh! Quasi um rebelde! tornou o principe desvairadamente.

— Que dizeis, meu senhor? Esses homens são uns bravos militares! bradou Carlota Joaquina muito reconhecida aos seus salvadores.

— Bravos militares! Bravos militares contra os quaes acabo de assignar ordens de prisão!

— Senhor! exclamou ella fingindo intensa commoção.

— Sim... Vós, princeza, chamaes bravos militares a dois homens que pertencem á horda dos pedreiros livres e que querem proceder para commigo como os jacobinos de França para com o infeliz Luiz XVI!... Oh! Estaes louca... Bravos militares!... e elle conciuia a resfolegar, o rosto a suar, deveras aborrecido, dizendo logo: Mas não fallemos de politica, minha amiga!

— Oh! João, tornou ella com humildade. Faze o que quizeres!...

Tinha uma expressão d'amor gracioso no rosto moreno e insinuante, deixava pender a sua formosa cabeça na almofada do sophá, e quando o principe louco de desejo se ia ajoelhar a seus pés, ella erguia-se rapidamente e murmurava tristemente em voz tremula:

— Adeus João!...

— Onde ides?... perguntou elle com desanimo.

— Oh! Vou orar por esses militares que a justiça de vossa alteza exige como presos!...

Ia sahir porém o principe collocava-se-lhe na frente, embargava lhe o passo e exclamava:

— Carlota... Dou-te a liberdade d'esses dois homens! e estendia-lhe as ordens de prisão, ao mesmo tempo que a princeza se deixava cahir de novo nas almofadas, mettendo os papeis na algibeira e consentindo os beijos do principe.

E era na realidade bem extranho, essa princeza vendendo-se agora ao marido, quando na vespera se dera a um amante resgatando a liberdade de dois heroes com a entrega do corpo a esse homem que não amava e antes odiava do intimo d'alma.

D. João, embriagado por todos os encantos d'aquelle corpo femenino, voluptuoso e bello, beijava-a estonteado por tanta condescendencia da parte da esposa e ficava por fim adormentado, como ebrio por tanta felicidade, encostado ao hombro que a princeza lhe cedia

Os cortezãos rondavam de largo e o intendente franzia as sobrancelhas ante aquella demora extranha, e murmurava:

— Deus queira que a princeza não nos corte a vasa!

— Ah! Descançae, sr. intendente, exclamou D. Ramiro com o sorriso superior d'um homem bem informado da indole da esposa de D. João. Por aquelles nunca Carlota Joaquina receberia um unico beijo do marido! e elle dizia aquellas palavras a meia voz, um tanto pallido mas procurando sorrir ante aquella permanencia da princeza na presença do regente.

— Tambem o julgo! assentiu fr. Mathias, dizendo logo: Julgo até que será capaz de offerecer a corda para os enforcar!

— Ah! Sua alteza odeia os então? interrogou elle no seu habito de tudo esquadrinhar.

— Meu Deus! Odeias como a mortaes inimigos...

— Ah! Desde do tempo do principe D. José... clamou Pina Manique com alegria.

Os outros olharam-no e sorriram n'um assentimento.

Mas suas altezas continuavam ainda no pavilhão. Carlota Joaquina olhava docemente o esposo e dizia-lhe:

— Agora, meu senhor, fazei-me uma graça...

— Dizei... Que podeis desejar e que eu vos negue? disse elle enthusiasmado.

— Ha um cadete que desejo promover...

— Dae-me o seu nome... Eu mesmo direi a Luiz Pinto para o incluir na lista das promoções a alferes! Temos guerra e facil isso é!

— Mas é que eu desejava conservar o novo official na guardas reaes!

Elle olhou-a com desconfiança, embora vaga, e retorquiu:

— Faremos o possivel... O seu nome?

— Nuno Freire de Andrade! tornou ella brandamente.

— Ah! senhora, quereis então ser a boa fada de todos esses senhores?

— Oh! João... E' primo do sargento-mór e os parentes dos bravos que os soberanos estrangeiros distinguem, devem merecer a nossa consideração... Pois bem, fazei-lhe mercê!

— Deferida a vossa pretenção, alteza! exclamou elle, escrevendo á pressa a nomeação no alto d'um papel e entregando-a á joven princeza que disse:

— Falta a rubrica do ministro da guerra não é assim?

— Decerto... Luiz Pinto a deve assignar!

O principe estava á porta, e o ministro da guerra que vinha do lado opposto ouviu ainda aquellas palavras.

Curvou-se em face de suas altezas e exclamou:

— A's vossas ordens, meu senhor!

Chegas a proposito!... Dá-me os parabens meu amigo... E' hoje o dia mais feliz da minha vida!

O ministro viu o olhar que D João dirigia á princeza, comprehendeu-o e sorridente, volveu:

— A felicidade dos soberanos, é a felicidade dos subditos .. Mas em que vos posso ser util meu senhor?

— Ah! Assigna aquella nomeação.

Luiz Pinto, tomou o papel das mãos da princeza, traçou-lhe a sua assignatura e bradou ao ver o nome do cadete:

— Tem graça...

— O que? Aposto que trazias egual nomeação?

— Não, meu senhor, não... Não se trata de promover um cadete mas sim um sargento-mór do mesmo apellido... Pelo modo esse homem vem da Russia e foi feito coronel por sua magestade Catharina II... Não póde ter no reino patente inferior... Para demais precisamos de fazer marchar a divisão e falta um coronel!

— E tu queres nomear esse tal Gomes Freire?

— Sim, meu senhor, é essa a minha intenção! replicou elle ao ver o sorriso satisfeito de Carlota Joaquina.

— Pois dá-lhe um regimento... Dá-lhe um regimento! assentiu D. João, traçando a sua assignatura no documento; e fazendo uma venia á esposa, affastou-se em direcção dos que o aguardavam.

Pina Manique, veiu lepido ao seu encontro, porém o principe tomou o braço do confessor e como se cousa alguma se tivesse passado com o intendente, perguntou a fr. Mathias na sua voz pastosa:

— Meu padre quando temos missa nova?

— Meu senhor, ordenou-se ha dias um noviço do convento da Cartuxa!

— Assistiremos... assistiremos... volveu elle muito contente.

O intendente, acercava-se de novo, punha-se bem á vista, tinha uma pergunta á flôr dos labios mas sua alteza largava á pressa o braço do confessor e corria para um homem que acabava de chegar.

Era um individuo alto, de boa presença, vestido de negro e que se lançava de joelhos aos pés do principe e exclamava n'uma mistura de francez e portuguez:

— Meu senhor... meu senhor... Tenha vossa alteza piedade do vosso humilde servo! Senhor, tende piedade do vosso mestre de esgrima do pobre Jacques Lebon ao qual o sr. marquez mordomo-mór acaba de despedir... E sabeis porque meu senhor?... Apenas por ser francez, como se eu tivesse culpa do que fazem os meus compatriotas...

D. João, olhou-o velhacamente, fez um gesto aborrecido e murmurou:

— Jacques, tu fallaste a alguem da missão de que te encarregou o sr. D. Ramiro!

— Eu não, meu senhor...

— N'esse caso ficas ao meu serviço! Nunca esquecerei que me destes boas lições de esgrima... Ergue-te e está prompto amanhã á noute para me acompanhares!

— Sim alteza real! bradou o francez todo radiante.

E D. João, acercando-se então de D. Ramiro, murmurou-lhe ao ouvido:

— Ramiro, só amanhã á noute poderei ir passar umas horas da noute no convento das Salesias... Jacques não fallou a ninguem do meu secreto desejo!

— Mas e a entrevista!... Era para amanhã, meu senhor ..

— Ah! Estou farto de mulheres agora que possuo a minha! disse sua alteza sorrindo alegremente e buscando affastar-se, ao passo que D. Ramiro fazia um gesto de desespero.

Pina Manique, chegava-se então e exclamava:

— Alteza real... Aguardo as vossas ordens...

— Quereis dizer as ordens de prisão?!

— Sim, alteza real!

— Pois deixae em paz os vossos suppostos hereges porque Luiz Pinto carece de coroneis...

E d'esta vez sua alteza caminhou com pressa para a porta, dizendo sempre para o camarista e para o confessor:

— Sou feliz! Sou feliz hoje e espero que o serei sempre!

O intendente ficava só; passava as mãos pelos cabellos n'um gesto desesperado e apontando o murro fechado á estatua de Cupido que estava á sombra da tulipa, exclamou irado:

— Maldita! Maldita sejas!...

E nunca ninguem soube se o sr. Manique se referia a Carlota Joaquina se á pobre estatua do Amor que alli estava muito tisnada a disparar a sua aljava, com um riso ironico nos labios de pedra.

XX

Rival coroada

Ali a dois passos da praia de Pedrouços, n'uma casinha modesta encravada na propriedade do duque de Cadaval, residia Etelvina da Gama, a joven de quem Alvaro de Miranda, tinha fallado ao cadete Freire de Andrade e cujo nome bastara para causar uma enorme impressão no mancebo. Elle, sahira n'esse dia do quartel vestido com aprumo n'um trajo fidalgo e com permissão do coronel que conhecia a inclinação do mancebo e pensara em salval-o das garras d'essa mulher com a qual se encontrara na noute anterior. Não dissera todavia ao primo do heroe, a alta situação da sua amante, e apenas tivera para elle um sorriso affectuoso, e lhe murmurara com benevolencia extrema:

— Nuno... Não quero privar-te da presença da tua noiva. E' a unica mulher que deves amar... Vae, meu rapaz, vae despedir-te d'ella, porque pouco falta para a deixares... e fallara-lhe do aviso recebido n'essa mesma manhã e em que o ministro da guerra lhe mandara apromptar a legião.

Nuno, sahira pois da Junqueira, todo radiante, levado pelo pensamento de Etelvina e ao chegar á porta da joven parara uns momentos sentindo o coração replecto de enorme felicidade.

Entrara n'uma sala modesta, mobilada quasi pobremente com duas mesas d'ebano e algumas cadeiras de couro pregueado e na qual se encontrava um ancião vestido n'um trajo safado, mas cuja

cabeça insinuante e bella na neve dos annos, indicava alguma cousa de respeitavel e de excessivamente digno.

D. Affonso da Gama, era um fidalgo coberto de gloriosos serviços á sua patria mas cujo nome esquecera na côrte de que voluntariamente se affastara após o desterro do marquez de Pombal de quem fôra devotado admirador e grande amigo. Homem de espirito recto, via no grande ministro, o verdadeiro reformador, sentia por elle o fanatismo d'um crente em face d'um idolo e se não tomara parte nos actos de força de Sebastião José, ao menos servira com o conde de Lippe e ajudara a reorganisação do exercito, exercera varios cargos militares no Brazil e voltara á patria quando a estrella do marquez empalledicia, mercê das intrigas dos aulicos. Collocara-se logo a seu lado, com o desinteresse dos animos valorosos, ficara-lhe fiel até ao fim e quando o ministro descera á sepultura, elle recolhera-se á privada com uma magra tença, vivendo apenas para a filha, o fructo querido dos seus amores com uma açafata, mulher do povo, mas digna e honesta que escolhera entre todas ao notar-lhe a honradez e o amor no meio do descalabro da côrte. Ferira-o o contraste e entregava-lhe a honra da sua familia, conscio de que praticava um acto de audacia que lhe agradava. Esse casamento desigual indispoz D. Alvaro com todos os fidalgos e sómente no grande coração do seu amigo, o ministro, encontrara lenitivo á sua dôr.

Repetia a miudo a phrase que o marquez lhe dirigira a synthetisar a sociedade do seu tempo, e dizia-a com um fogo intenso no olhar agora amortecido pela edade:

«—Que importa o teu casamento, meu camarada, o marquez chamava lhe sempre assim em memoria do tempo da mocidade. Essa gente despreza-te e tu deves responder-lhe com a sobranceria... Se tua mulher fosse rica e nobre, embora tivesse deixado a honra por mãos alheias serias respeitado, obedeceste ao teu coração todos te atiram pedras... Essa gente de coração só sabe alguma cousa com respeito ao meu... e o ministro sorrira fazendo allusão á maxima que corria de que elle tinha cabellos no coração.»

Estas palavras tinham bastado para consolar D. Affonso que alli no seu retiro prestes a deixar a vida, as recordava a miudo com orgulho.

Quando viu entrar Nuno Freire, o velho general, ergueu-se na

poltrona, esboçou um sorriso de alegria que lhe mostrou as gengivas quasi viuvas de dentes e exclamou com bonhomia:

— Viva! o meu bravo cadete! Ora approxime-se que lhe quero ralhar muito...

E ante o mancebo que lhe sorria tambem, apertando-lhe as mãos com effusão, o velho, continuou:

— Com que então já se esqueceu d'esta casa!... Oh! Meu amigo... Seu avô, nunca teve taes esquecimentos, e para demais não havia junto a mim uns bellos olhos que o prendessem...

— Mas D. Affonso, meu nobre amigo, tenho estado ás ordens do marquez, fechado no quartel da Junqueira! Se s. ex.ª se lembrou de resistir ao intendente da policia...

O pae de Etelvina soltou uma risada e volveu:

— E até a *Gazeta* tem publicado censuras ao sr. d'Alorna! Eu calculo: o marquez tem um genio impetuoso como seu pae... Conheci muito o velho marquez... Se nos batemos duas vezes por causa do grande ministro!... Mas no fundo um bello caracter, um excellente coração... Pedi depois por elle a Sebastião José de Carvalho e apesar de toda a amisade que tinha por mim, teimou em fechal-o no forte da Junqueira. Agora por seu turno, o Alorna novo, fecha os seus soldados no quartel...

E o velho muito enthusiasmado por aquellas recordações da mocidade, fallava sempre com grande copia de detalhes e concluia extenuado, deixando-se cahir na sua poltrona:

— Mas eu aqui a fallar e alguem lá dentro muito impaciente... e em voz alta, bradava:

— Etelvina! Etelvina!

— Meu pae.. respondeu uma voz argentina do interior da casa.

— Vem cá!...

Ouviram-se passos, Nuno córou e appareceu uma joven alta e graciosa, vestida pobremente mas com certa garridice e em cujos olhos castanhos passou uma scentelha de alegria ao deparar com o joven.

— Nuno! murmurou ella, sorrindo-lhe castamente.

— Etelvina...

E não disseram mais nada que os seus nomes, ficaram além face a face, confusos, embaraçados, emquanto o velho ria e dizia de seguida em tom de contentamento:

— Anda, ralha-lhe agora se és capaz... Dize-lhe tudo quanto querias... Falla em lhe exprobrares a sua ausencia!

— Meu pae!... titubeou a joven vermelha de pejo.

— Ah! São todas o mesmo... Quando não vêem a pessoa amada, mil recriminações, mil pequenos amuos, uma serie de doestos, uma raiva contra tudo e contra todos... Mas depois chega o ente tão anciosamente esperado, a alegria apossa-se d'ellas e nem uma palavra d'amor são capazes de dizer quanto mais uma phrase de censura...

Etelvina, estava cada vez mais confundida e por fim sorria ao ouvir Nuno, exclamar:

— Mas não tinhas razão, Etelvina... Sabeis bem que vos amo, que se não vinha aqui é porque alguma cousa de extraordinario se passava!

Tinham-se sentado junto ao velho que estava louco de jubilo e a joven perguntava anciosamente:

— Mas succedeu-vos, algum mal!

— Não... Apenas durante alguns dias estivemos detidos no quartel por causa d'uma questiuncula sem importancia com o intendente da policia, e agora estamos preparando tudo para a proxima partida!...

Dissera aquillo irreflectidamente, muito turbado ao recordar-se das suas fugas por causa d'outra mulher, e ficava preplexo ao ouvir a joven exclamar:

— Partis?!

Não se atrevia a responder, cada vez mais triste, uma grande e bem manifesta indecisão se manifestava na sua physionomia sympathica.

Ella olhava-o sempre do mesmo modo ancioso, o seio arfava-lhe; n'um desejo de pôr termo aquella impaciencia, querendo saber tudo, interrogava de novo:

— Partis, Nuno?

— Por S. Jorge, como dizia o grande ministro, bradou o velho subitamente. Dizei-lhe tudo... Que grande cousa!... Ora, meu Nuno, costumae-a... A esposa d'um soldado deve sempre estar prompta para estas noticias...

— A guerra, não é assim? exclamou ella extranhamente surprehendida.

— Sim, Etelvina, a guerra, que me dará os ambicionados galões, que me dará a vossa posse, o direito de vos fazer minha esposa! exclamou por seu turno o mancebo deveras impressionado tambem.

Etelvina, baixou a cabeça, algumas lagrimas lhe deslisaram pelo rosto formoso, ao principio muito lentas, depois n'um caudal.

E o pae, buscando pôr termo a semelhante dôr, bradava:

— Então?!... Tem coragem, filha, deixa que elle voltará... Oh!... Se tua mãe fosse viva, ella mesma te diria como se passam essas coisas... Deixava-a algumas vezes quando tinha de partir para o Brazil e ficava por lá annos a fio... Voltava, e mal tinha tempo de lhe dar o abraço da chegada, eis que o serviço me chamava novamente...

— Sim, e era para tão longe... Quanto mais eu que vou ali á Hespanha trocar algumas balas com os francezes e voltarei em anno e meio, quem sabe se até mesmo n'um anno, já com um galão, cheio de alegria e de contentamento para vos tornar minha esposa! disse o mancebo, a auxiliar o velho.

— Sim, mas é que na troca d'essas balas perde-se muitas vezes a vida... E eu que faria então... eu, sem ti, Nuno, que vida teria?

E ella tratava-o já como a um esposo, cada vez mais perturbada, muito assustada com aquella inesperada partida.

— Etelvina, meu Deus, sê rasoavel! Pois não vês, não sentes, que eu serei poupado! Eu tenho coragem...

— Sim... Mas é a tua coragem que eu temo! disse ella com um estremecimento doloroso.

— Não penses n'isso... Deus ha-de proteger-nos!... replicou o cadete, accrescentando: Os galões não se conquistam aqui na metropole servindo no paço, e, quando assim succede, esses militares não tem o direito d'erguer altivamente a cabeça, a gloria não lhes aureola a fronte, são aulicos, não são soldados...

— Tens rasão... murmurou o velho, deveras satisfeito com tal coragem.

— Depois, eu tenho obrigação de seguir as tradições da minha familia... Meu pae bateu-se já mil vezes, todos os meus tios são militares, meu primo Gomes Freire acaba de conquistar a sua gloria na Russia, em batalhas mil vezes mais perigosas do que as que vamos travar...

— Gomes Freire é o filho de Ambrosio Freire... murmurou o ancião, como a invocar as suas recordações.

— E parte tambem, teu primo? perguntou ella, rapidamente. Parte tambem?

— Sim... Deve ir como sargento-mór em qualquer regimento!

— No teu?

— Não... Mas vae comnosco o marquez d'Alorna!

— Ah! Gomes Freire, eu conheço-o bem, é justo, é bom... murmurou Etelvina da Gama ao recordar-se do heroe.

E como se a companhia do bravo fosse garantia sufficiente para a vida do seu bem amado, ella enxugou as lagrimas e começou conversando com o mancebo e com o pae, agora a mostrar-se resignada.

Elle deixava-se além ficar como preso aquellar lar que em breve seria seu e esquecia-se das horas ao ouvir a voz da joven, que fallava sempre dos seus projectos de futuro, quando tivessem a sua casa, quando tivessem o direito de se amarem livremente e que Nuno ia conquistar n'essa guerra que ella tanto temia.

Por fim elle ia sahir com a promessa de voltar no dia seguinte, e o velho, sorridente sempre, dizia-lhe:

— Nuno... Pode beijar a sua noiva! Deixe, que o velho não tem inveja...

Elle depoz um beijo casto na testa da joven e desceu rapidamente a escada, emquanto Etelvina corria para a janella e dizia ainda para o mancebo:

— Não vos esqueçaes que ámanhã vos aguardo!

— Descança, Etelvina, descança... E' uma promessa que se cumpre com tanto prazer!

Affastou-se então á pressa na sege que o conduzira até ali, ao mesmo tempo que dois homens sahidos rapidos do escuro do portão do duque de Cadaval, murmuravam:

— Amanhã já estarás a bom recato!

— Na paz do Senhor e livre de amores terrenos, amigo Jacintho Peres... tornou o outro dirigindo-se ao esbirro que perguntou:

— E os vossos homens, João Correia?

— Elles nos aguardam! replicou o outro em voz forte.

— Chamae-os pois, que isto deve ser feito depressa!

— Sim, para não chamar as attenções da visinhança!... retorquiu o outro, tornando: E' verdade que a respeito de visinhos só se fôr ali o sr. duque de Cadaval, que não se mette no serviço da princeza, ou fr. José Agostinho, que a esta hora revolve papelada!

— Vamos lá! Vamos lá! disse com impaciencia o esbirro do Santo Officio, agora ao serviço secreto de Carlota Joaquina.

O outro soltou um silvo prolongado e logo do lado da praia appareceram uns oito vultos embuçados que conduziam duas cadeirinha e avançavam silenciosamente em seguimento do seu chefe.

Este, acompanhado de Jacintho Peres, que andava agora completamente entrajado de novo, dirigiram-se para a residencia da joven, subiram a escada e bateram duas fortes argoladas na porta.

— Quem é? perguntou de dentro a voz socegada de Affonso da Gama.

— Abri em nome da rainha! bradou Jacintho Peres na sua voz rouca.

— E' tarde para abrir, amigos, e o serviço de sua magestade costuma ser feito a melhores horas! replicou o velho com desconfiança.

— Em nome da rainha, D. Affonso da Gama, vos ordeno que communiqueis com os seus enviados!

Ouviu-se um ruido de passos, depois á vista dos esbirros, appareceu o velho fidalgo armado da sua espada e levantando sobre a cabeça o candieiro de tres bicos.

— Que desejaes senhores? perguntou elle um pouco mais tranquillo ao vêr o distinctivo da policia que o companheiro de Jacintho Peres puzera á cinta.

— Sois D. Affonso da Gama? interrogou este em voz pausada.

— Sim... Sou o general Affonso da Gama...

— Pois bem, vós e vossa filha estaes presos como suspeitos de entreterdes convivencia com maçons e hereges!

— Nós?! bradou o velho, deveras assombrado.

— Sim... Vós, que recebeis em vossa casa gente do regimento d'Alorna!

— Por Deus... Mas referi-vos sem duvida a D. Nuno Freire! Elle é o noivo de minha filha... replicou elle deveras impressionado.

— Que importa! Executamos ordens, não as discutimos... Entregae-vos!

— Mas é impossivel... Ha aqui um engano!

— Que desmanchareis na presença do sr. intendente! bradou o esbirro, fingindo vir da parte da policia.

— Mas, senhores, não se tratam assim subditos leaes que teem vertido o seu sangue no serviço de sua magestade! clamou o fialgo deveras transtornado e em voz tão alta que despertou a attenção da filha, a qual veiu de corrida perguntar assustada:

— Com quem fallaes, meu pae?... Que quer isto dizer?

— Quer dizer que nos prendem, Etelvina, quer dizer que nos accusam de heresia...

— Oh! Mas é falso!... gritou ella angustiosamente.

— Senhora... Temos ordens expressas e vamos dar uma busca á casa!

— Nunca! Nunca! bradou o ancião, sentindo referver todo o seu sangue. Na casa d'um velho subdito dos reis de Portugal não se entra a não ser pela força ou com magistrados competentes!

— Pois, á falta de magistrados, entraremos pela força! bradou Jacintho Peres, desejoso de pôr termo áquella scena e soltando um assobio, ante o qual os oito homens, armados, abandonando as cadeirinhas, subiram lestamente a escada.

D. Affonso da Gama, buscou defender-se mas foi desarmado rapidamente pelos esbirros e amarrado com solidas cordas; Etelvina começara a chamar por soccorro, porém, fôra amordaçada e levada em braços, bem como seu velho pae, cada um para a sua cadeirinha.

Depois o bando dos esbirros penetrou na casa, apossou-se do pouco dinheiro e dos objectos de mais valor que encontravam em casa do fidalgo e por fim, pondo-se aos varaes das caixas, começaram a caminhar em direcção a Belem.

— Ella para as Salesias... Será entregue á abbadessa, que tem lá um seguro *in pace*. Elle para o Santo Officio e eu me encarregarei da parte... Pois se o magano lia Voltaire!... exclamou o esbirro com uma risada e tirando da algibeira uma pequena brochura, que mostrou ao collega, accrescentando:

— E' o bastante para o ter preso toda a vida!

— Deixa estar que não dura muito!

— Depois, este livrinho sempre rende, disse o outro com grande alegria.

— Sim, além dos patacos que sua alteza distribue liberalmente, ainda ha os despojos...

— E a instrucção que se apanha lendo estas brochuras! casquinou o outro.

— Eh! Deus me guarde de tal!... disse João Jacintho com mostras de terror, accrescentando: Além de serem excommungadas, são escriptas n'uma linguagem que nem o inimigo a entende... Eu prefiro o *Almanach das Musas* ou as *Rimas de Bocage*...

— Ou então as *Aventuras d'um cego, um cão e um burro!* redarguiu o outro, a mostrar os seus conhecimentos litterarios

Entretanto tinham chegado ás Salesias, batiam d'uma forma particular no portão, que se abrira, e a cadeirinha que conduzia D. Etelvina penetrava no edificio, acompanhada por Jacintho Peres, o qual dizia para um homensinho rachitico que viera abrir:

— Desejo fallar á sr.ª abbadessa da parte de sua alteza.

O homem estremeceu e volveu em vozbaixa:

— Não vos fallará agora... Deu-me ordens terminantes...

— Ah! Essa é que transtorna... volveu o esbirro, dizendo logo: No emtanto, podeis encarregar-vos da pessoa que vos conduzo e d'esta carta de sua alteza para a sr.ª abbadessa?

— Sim, posso... Trazeis ahi mais uma recolhida, não é assim? disse o outro d'uma forma pouco tranquillisadora para a joven que os ouvia.

— Sim... sim... Mais uma recolhida! tornou o esbirro, entregando-lhe a carta e fazendo signal aos homens para que ficassem.

Mas tão depressa elle transpunha a porta, a joven arrancava rapidamente a mordaça e começava a clamar: «Soccorro! Soccorro!» e a sua voz reboava estranhamente no claustro.

Os homens da cadeirinha e o do convento, lançaram-se sobre ella para lhe abaffarem os gritos.

Ao mesmo tempo, Jacintho Peres ordenava aos companheiros:

— Eh! Agora é marchar para o Santo Officio... D'uma já estamos livres!

E a cadeirinha perdia-se no escuro da Junqueira, conduzindo

o pobre velho, cujo unico crime consistia em ter uma filha que amava o mesmo homem que a mais devassa das princezas.

Nuno Freire, entrava no quartel, radiante de felicidade, dormia tranquillamente, sem a menor recordação d'aquella mulher com quem se encontrava no *Neutral*, agora como purificado ao contacto da joven.

E no dia seguinte, logo que sahiu do leito, correu a procurar seu primo, muito desejoso de fallar com elle ácerca da noiva tão amada.

O regimento preparava-se para a proxima partida, grandes carros de munições atravancavam o pateo, desempilhava-se correame e mochilas, as espingardas novas luziam ao sol junto das espadas aguçadas.

Nuno ia sahir, porém, n'este momento, ouvia uma voz que o chamava, voltava-se e deparava com um dos seus camaradas, que lhe bradava:

— Olá, Nuno... Procuram-te!

— Obrigado, Garção!... retorquiu elle de muito bom humor, dirigindo-se ao collega e perguntando: Mas quem me procura?

— Um soldado das ordenanças...

Com effeito, um soldado empregado no serviço do ministerio da guerra acercava-se do mancebo, depois de ter sabido o seu nome, e entregava-lhe um despacho de que era portador e que o cadete abria rapidamente, exclamando de seguida:

— E' impossivel... é impossivel!...

— Mas o quê? interrogou o outro, com immensa curiosidade.

— E' a minha promoção a alferes! tornou elle, ainda muito impressionado.

Depois, tomado d'uma alegria louca, avançou para a porta do quartel, emquanto o outro ficava murmurando:

— Alferes!... Alferes! Tem uma boa sorte, este Nuno... Se ha apenas seis mezes que está na legião!

O joven, louco de jubilo, corria para a Junqueira e ia chamar uma sege, soltava umas palavras em que ia toda a sua alegria, murmurava-as cheio de surpreza e pensava em pôr Etelvina ao facto do succedido.

Para elle, aquella subita promoção, representava nada menos que a felicidade; era a posse da mulher amada a desenhar-se no

horisonte da sua vida, era o futuro a entreabrir-se-lhe risonho pela mão d'alguma fada, que não conhecia e por isso o mancebo sorria e fallava comsigo proprio, fazia um gesto á sege para que parasse e ia subir exactamente na occasião em que o chamavam pelo seu nome sem que elle ouvisse, tal era a sua alegria.

Mas de repente viu a seu lado Gomes Freire, que lhe bradava:

— Eh! Por S. Jorge... Parece que vaes louco!

— Meu primo!... Oh! Sou muito feliz! retorquiu o mancebo, querendo abraçar o heroe.

— E porquê? perguntou elle, muito simplesmente; ao ouvir a nova encrespava as sobrancelhas e perguntava:

— E que vaes fazer?

— Vou dizer tudo a Etelvina, vou dizer-lhe que será brevemente minha esposa!

O coronel da imperatriz, baixava a cabeça e dizia:

— Sim... Tu foste nomeado, eu tambem, porém vou devolver a minha patente de coronel!

— Vós!...

— Sim, Nuno... Um militar honesto só póde acceitar as distincções quando lhe são devidas!

O mancebo, vendo ali uma recriminação, curvou a cabeça e replicou:

— Porém, o acaso...

— O acaso obedece muitas vezes a factos; o acaso occulta muitas vezes cousas extranhas.

E, sem querer explicar mais coisa alguma, deveras perturbado, o heroe deixou-se conduzir, não trocando mais palavra com o mancebo até á residencia de D. Etelvina.

Uma vez ali, Nuno apeou-se rapidamente, correu para a escada e penetrou pela porta da casa que os esbirros tinham deixado aberta, gritando cheio de enthusiasmo:

D. Affonso... Etelvina...

Ninguem lhe respondeu. Em torno havia moveis arrombados, roupas espalhadas, visiveis signaes do roubo praticado pelos esbirros, e então o joven soltava um grito ao percorrer toda a casa e ao qual accudia Gomes Freire, que perguntava:

— Que succede? Que succede, Nuno?

— Succede que nem Etelvina nem seu pae aqui se encontram! A porta estava aberta, aqui praticou-se um crime!

A face do heroe tornou-se livida; reparou em toda aquella desordem e concluiu por murmurar comsigo mesmo:

— Tenho a certeza do que foi... Sim... Comprehendo tudo!

Nuno cahira a soluçar sobre a poltrona onde a joven tomara logar na vespera e o heroe deixava-o chorar livremente, lembrando-se bem do seu passado.

E ao cabo d'uns momentos, com subita energia, deveras resolvido a tudo, bradou:

— Dá-me a tua patente, Nuno!

Arrancou-lh'a das mãos, tomou-lhe de seguida o braço e exclamou:

— Vem... Preciso ir pedir justiça, quero saber noticias de Etelvina!

— Mas onde? A quem?! perguntou no cumulo do espanto.

— Longe d'aqui!... Vem...

E mesmo contra sua vontade, buscando enxugar-lhe o pranto com algumas consolações habeis, levou-o pela escada abaixo, trepou para a sege e ordenou ao bolieiro:

— Ao paço d'Ajuda!

O mancebo, com os olhos nublados de lagrimas, interrogou em voz tremula:

— Que ides fazer?

— Justiça! Justiça!... replicou cheio de dignidade o heroe.

E Nuno Freire, o joven cadete, chorava sempre a perda da sua noiva.

O coronel da imperatriz, murmurava algumas palavras inintelligiveis, e a sege rodava sempre em direcção ao paço de Carlota Joaquina.

XXI

Ordens da princeza

ARLOTA Joaquina, acabava de fazer um signal imperioso á dama que guardava os seus aposentos e ella accorrera pressurosa a curvar-se ante a princeza, que lhe ordenava:

— Fazei entrar o novo alferes das guardas. O sr. Freire de Andrade!

— Sim, alteza real! exclamou a dama, sahindo toda dobrada n'uma reverencia.

A princeza, com os labios franzidos n'um sorriso, os olhos fulgurantes como carbunculos, fixava a porta por onde Nuno Freire ia entrar dentro em instantes, e do intimo do seu peito vinha-lhe uma onda de goso ao lembrar-se da alegria que lhe daria ao mostrar-se tal qual era como n'um conto de fadas as protegidas d'ellas se transformam de simples pastoras em princezas.

Tinha já á flor dos labios as palavras que lhe dirigiria á entrada, preparava já o beijo com que calaria a sua exclamação de espanto e estremecia como uma donzella, ao ouvir passos que se approximavam, ao sentir que a mão da dama corria o reposteiro de velludo bordado com as armas dos Bragança e ao ouvir a sua voz annunciar:

— O sr. Freire de Andrade!

Ergueu-se d'um salto e ia correr para a porta, porém recuou logo ao ouvir uma voz forte e severa, embora respeitosa, exclamar:

— Sou eu, alteza real!

— Como sois vós, sr. coronel?! bradou ella deveras espantada ao vêr na sua presença o amigo do marquez d'Alorna.

— Sim, alteza real... Sou eu...

— Mas que desejaes? perguntou a princeza com grande pasmo.

— Desejo deixar-vos aqui a minha patente de coronel, essa graça que devo a vossa alteza!

— A mim? gritou ella no auge da admiração, olhando-o de frente.

— Sim, alteza, as patentes costumam-se conquistar pela antiguidade ou por serviços prestados no campo da batalha e não por um acto que qualquer fidalgo tem obrigação de prestar a uma mulher, seja ella princeza ou simples vendedora!

— Coronel! exclamou Carlota Joaquina deveras admirada.

— Já tive a honra de communicar a vossa alteza as minhas intenções... Coronel, sou-o apenas de sua magestade Catharina II!

— E por isso mesmo Luiz Pinto, veiu solicitar de meu esposo a vossa patente no exercito portuguez, Gomes Freire!

— Como? Luiz Pinto?! bradou elle por sua vez assombrado.

— Sim, coronel, volveu teimosamente a princeza. Podeis perguntar-lh'o e sabei que deveis esse favor á vossa bravura de militar e não á vossa galanteria de fidalgo!

Carlota Joaquina sorria amavelmente e sentava se na poltrona ao vel-o indeciso e como ultimo argumento dizia:

— Podeis pois acceitar o regimento, Gomes Freire, de que meu esposo vos fez mercê por indicação do seu ministro...

— Senhora... Garantis-me que tudo se passou assim? perguntou elle cheio de duvida.

Por unica resposta Carlota Joaquina, estendeu a mão para a campainha agitou-a tres vezes e para a dama que appareceu ordenou:

— Chamae sua alteza, o regente!

— Que ides fazer, senhora?... interrogou, o heroe.

— Convencer-vos já que não me acreditaes!

— Peço perdão a vossa alteza, volveu elle serenamente, accrescentando:

— E' escusado o testemunho do principe D. João, meu amo e senhor...

A camarista retirou-se a um gesto da princeza e o coronel continuou:

— Dizeis que devo aos meus serviços semelhante distincção, não é assim, alteza!

— Totalmente a elles! retorquio ella com certa graça, muito amavelmente.

E então o coronel, d'um folego, quasi indignado, bradou:

— E meu primo Nuno? Parece-me senhora que não querieis tambem galardoar os feitos d'essa creança por causa de quem aqui estou mais do que por mim mesmo! Uma nomeação de coronel, quando não é devida, rasga-se para dar accesso aos que a merecem, succede o mesmo á promoção d'um alferes como succedeu á de Nuno, porém ha coisas que nem da memoria se podem rasgar e eis o motivo porque me encontro n'este momento na presença de vossa alteza!

— De que se trata, pois? interrogou ella, tornando-se um pouco pallida ante o tom energico do official, que continuava:

— Quero fallar, senhora, d'uma pobre menina que foi a noite passada arrancada da sua residencia juntamente com seu velho pae, um antigo servidor d'el-rei D. José. Quero fallar d'essa joven, esposa indicada e promettida de meu primo Nuno!

— Bem, e depois? perguntou Carlota Joaquina em voz tremula, accrescentando: E sabeis para onde conduziram essa joven de que fallaes?

— E' isso o que venho perguntar a vossa alteza! exclamou o fogoso coronel, sem se poder conter mais tempo, livido de colera, no auge da excitação, disposto a tudo para restituir Etelvina ao seu inconsolavel noivo.

— Quero acreditar que estaes louco, sr. coronel! bradou a princeza n'um grande tom de dignidade offendida.

— Louco?! exclamou o primo de Nuno, fazendo-se livido, e logo de seguida, com um sorriso triste: Sim, tendes talvez rasão, senhora... Estou louco e retiro-me!... Estou louco porque acredito n'uma vil historia que ninguem acreditaria... Louco por me recordar ainda bem de que uma princeza desceu a uma espelunca, da qual a salvaram dois homens de bem, que essa princeza feriu depois em pleno peito atirando-lhes com perdões de que elles não careciam porque não eram culpados... Perdões que serviriam tal-

vez para pagar o seu silencio sobre uma aventura indigna!... E' por isso que eu sou louco... Por isso e por pedir a uma senhora do mais alto nascimento a restituição aos seus d'uma pobre rapariga cujo unico crime consiste em amar o mesmo homem que a alta dama deseja... Tendes rasão, alteza real, os homens da minha estofa são loucos porque obedecem sempre aos impulsos de generosidade, trate-se de salvar uma rainha ou uma mulher do povo, os homens da minha profissão, quando a exercem com nobreza, são dementes porque acreditam no bem! Senhora, eu estou doido e retiro-me da vossa presença na certeza que saberei arrancar D. Etelvina da Gama seja de que antro fôr com a mesma dignidade com que ha algumas noites ajudei a livrar alguem d'um mau passo! Eu vos saudo, princeza!

E o coronel, com passo firme e de cabeça erguida, ia dirigir-se para a porta, quando se lembrou d'alguma coisa e por isso voltou de novo, sempre no seu ar digno, e bradou para a esposa do regente:

— Alteza real! Ha um Freire de Andrade que vos deve uma patente, porque a minha, segundo dizeis, parte do ministerio da guerra! A de Nuno Freire aqui vol-a entrego, a minha a todo o tempo vol-a enviarei se não estiver legal! Os Freire de Andrade, senhora, não acceitam favores senão dos seus amigos, não recebem recompensas senão quando as merecem, não querem honras senão conquistadas com a espada!

N'um gesto energico apontava a nomeação de Nuno que deixava sobre a mesa, e, concluidas as suas palavras, avançava para a porta sem saudar a princeza, que estava agora de pé, livida, muito agitada pelo tom altivo d'aquelle homem singular.

E alli, á porta, voltando-se, o coronel curvava-se como um perfeito fidalgo n'uma ultima saudação á princeza, que o olhava ainda admirada de semelhante audacia.

Depois, quando o reposteiro cahiu e as armas dos Braganças ficaram além apenas ante a sua vista como um incitamento ao dever, á honra da esposa que ella protrahia, Carlota Joaquina atirou-se para sobre o sophá e começou rasgando com furias as rendas do corpete, tomada da mais intensa colera. Soltava gritos de louca, essa princeza, extranhamente devassa, via que alguem a insultara face a face e alguem a quem ella devia a salvação; sentia-se mor-

talmente ferida no seu orgulho de mulher de sangue real e no intimo da sua consciencia nascia a maior revolta contra os preconceitos que a obrigavam a calar aquella affronta. Mas se esse homem fallasse? Se elle fosse espalhar o episodio d'aquella noite? Como fizera mal em pedir ao marido o seu perdão! O seu indulto?! Oh! Mas ella possuia essa ordem de prisão assignada! Bastava estendel-a e o infame pagaria a ousadia! Uma vez preso, ella se encarregaria do resto. Oh! Mas havia o marquez d'Alorna, esse homem tão amigo do outro! Prendel-o-hia tambem... Mas, e o escandalo? Que lhe importava? Ella, a esposa do regente, em breve seria a rainha, talvez a unica senhora d'esse paiz, como lh'o deixara entrever na vespera o bispo do Algarve ao fallar-lhe da conspiração jesuitica... Já agora iria até ao fim... E Nuno? Oh! Para esse todo o seu amor... Elle viria ali sem duvida, saberia conquistal-o...

Tocava agitadamente o timbre e a dama que apparecia perguntava:

— Não está na antecamara um joven cadete?

— Real senhora... Esse mancebo sahiu com o sr. Freire de Andrade!

Então Carlota Joaquina, livida de colera, exclamou:

— Enviae-me D. Ramiro... Depressa!

— Vossa alteza tem alguma cousa!

— Não... Mandae-me aqui D. Ramiro, gritou no auge da raiva.

Entretanto Gomes Freire, tinha sahido do paço ao lado do primo que o interrogava com respeito e anciosamente:

— Então meu primo, soube alguma cousa de Etelvina?...

O heroe olhou-o de frente e retorquio:

— Soube o que já sabia, meu amigo!

E o rapaz não o comprehendendo, interrogava:

— Mas e a minha noiva?

— A tua noiva?!... Ah! meu bravo, pensa n'ella como se pensam nos mortos! exclamou o coronel abruptamente.

— Que quereis dizer... Etelvina está morta?!

— Pelo menos está sepultada para sempre!

— Oh! Meu Deus! Meu Deus, e seu velho pae?

— Ah! Elle!... Devia ter a sorte da filha... E agora para a guerra que nos espera!

Porém, Nuno Freire, cambaleava ante tão rude golpe, encostava a cabeça ao peito do heroe que o amparava e ouvia-o murmurar deveras impressionado :

— Meu amigo... E' agora a tua vez de soffrer... Mas consola-te que eu já soffri tambem assim!... e n'um gesto chamava uma sege que passava e gritava ao bolieiro :

— Para o quartel do sr. marquez d'Alorna!

Era n'este momento que D. Ramiro penetrava nos aposentos da princeza todo curvado, muito humilde.

N'um relance comprehendeu que alguma cousa de horrivel se passava e perguntou com grande pressa, buscando impôr-se á exaltação de que Carlota Joaquina dava grandes mostras.

— Que póde carecer vossa alteza do seu humilde servo?

— Ramiro, gritou ella como louca. Faça executar estas ordens de prisão! estendia-lhe os papeis assignados pelo regente, elle lia-os n'um relance e bradava :

— Gomes Freire!... O marquez d'Alorna! Oh! Até que emfim são nossos!

E todo o odio accumulado pelo fidalgo desde muitos annos, a raiva intensa que sentia no intimo do peito pelo homem que lhe roubara a noiva, essa D. Elvira de Mello, transpareceu-lhe no rosto, e o camarista de D. João bradou :

— E' a vingança!... E' a vida d'esse homem que vossa alteza me entrega... Como vos agradeço!...

Curvava-se, beijava-lhe a mão n'um transporte louco e ouvia-a exclamar :

— Não vos esqueceis de Alorna!... Elle em liberdade poderia comprometter tudo!

— Comprometter?! interrogou D. Ramiro desejoso de saber o que se passara, e que obrigara Carlota Joaquina a sollicitar do principe o perdão d'esses dois homens.

Ella mordeu os beiços e volveu :

— Sim... Elle trabalharia para a liberdade do seu amigo; e eu careço D. Ramiro, de tirar uma terrivel vingança do primeiro d'esses miseraveis!

— Vós tambem senhora! Oh! N'esse caso somos dois cheios de colera, e desejosos de lançar por terra o inimigo... A mim roubou-me a felicidade, roubou-me a mulher amada...

— E teve a ousadia de me insultar! bradou ella, cheia de colera intensa, a dar razão ao fidalgo.

— Alguem existe tambem que o odeia, um homem que é ainda seu primeiro parente e do qual tem recebido d'essa familia todas as affrontas!

— Da propria familia?... Mas é tambem um Freire?

— Alteza... E' D. Miguel de Forjaz! E' esse official que tem por Gomes Freire o maior odio!

— E' vosso amigo?

— O melhor amigo...

— Pois participae-lhe que está vingado!

— Sim real senhora, graças!...

— Ide, correi ao intendente da policia que ha dias sollicitava essas ordens de prisão, entregae-lh'as da minha parte!

— Assim farei! e o fidalgo sahia de corrida e exclamava, para D. Miguel de Forjaz que o aguardava no corredor:

— Miguel! Estamos vingados!

Mostrava-lhe as ordens de prisão e o outro dizia cheio de jubilo:

— Oh! obrigado... obrigado, Ramiro, e a meia voz, murmurava:

— Serei rico... Já tenho que deixar aos meus!

— Estamos com sorte; ahi vem o intendente... Depressa que eu hoje tenho de acompanhar sua alteza!...

Correram então para o fundo do corredor onde se desenhava o vulto negro de Manique, sinistro como uma ave de agouro rondando em torno da presa.

XXII

Palavra real

Dez horas. Estava uma grande neblina a estender-se n'um vago veu pela cidade, lá de baixo do Tejo vinha uma aragem fria que regelava. As sentinellas do paço real d'Ajuda embrulhadas nos capotes da ordenança passeavam d'um lado para outro batendo os pés nas lages, o olho attento, bocejando de quando em quando aborrecidamente.

O soldado que estava á entrada da arcada, teve um sobresalto; olhou em volta e fez um gesto d'espanto, ao vêr dois vultos embuçados que se dirigiam para a sahida n'umas passadas tranquillas:

— Quem vem lá? gritou o soldado acercando-se dos dois embuçados que paravam sob o lampeão, suspenso junto a uma estatua da portaria.

— Serviço de sua magestade! replicou um dos embuçados muito gravemente.

— A senha? interrogou o soldado buscando divisar o rosto do seu interlocutor.

Elle calou-se por uns momentos e de seguida, murmurou:

— Diabo! Lá nos esqueceu de perguntar a senha!

— A senha? interrogou de novo o soldado com grande pressa, impaciente.

O embuçado que avançava recuou de novo até junto do outro que estava junto á arcaria e murmurou:

— Meu senhor... Esqueceu-nos de saber a senha!

— Oh! Por Santa Maria de Belem! Tantas formalidades para ir ouvir um côro de freiras! Tanto mysterio e tudo para que?

— Para que ninguem suspeite da sahida de vossa alteza e que poderia ser attribuida a bem diversos, a bem menos piedosos motivos, tornou d'um outro modo, pesadamente palaciano, como se temesse muito pela reputação de sua alteza!

O principe, olhou o aulico e retorquiu:

— Mas porque não passaremos, D. Ramiro?

— Meu senhor: Todos saberão da vossa sahida...

— Todos?! Não... Apenas esse soldado!...

— Meu senhor... não é bom confiar n'essa gente!... E eu tenho receio... balbuciou D. Ramiro com exaggerado terror.

— Porém... Que fazer então... Eu de fórma alguma quero deixar d'ouvir a musica sacra da formosa Scarlatti... E bem sabes que não posso ir de dia a sua casa, que não posso ir ao convento senão com a pompa d'uma cerimoniosa visita, o que me tira todo o prazer!

— N'esse caso, vossa alteza, ordenará!... disse D. Ramiro com enorme contentamento, que disfarçava em submissão.

O soldado, conservava-se sempre no seu posto, d'olho attento, disposto a tudo para cumprir o seu dever, impedindo a passagem dos embuçados.

Porém sua alteza fazia um gesto, D. Ramiro começava a caminhar a seu lado e acercando-se do guarda, D. João desembuçava-se, mostrava-se em toda a sua obesidade, o rosto farto muito vermelhaço, na apparencia d'um conego farçante, e perguntava fanhosamente á sentinella:

— Conheces-me?

— Sua alteza! bradou o soldado no auge da admiração.

— Sim... eu... Mas apenas tu o deves saber...

Passava então impavido em frente do militar emquanto D. Ramiro sorria cheio de jubilo ante aquella escapada do regente.

Elle, que buscara sempre arrastal-o, a uns amores longe do paço, que deixassem em liberdade a princeza, seguindo n'este ponto a sua politica, animado do desejo de ter Carlota Joaquina á sua disposição, ia radiante pois pensava em que sua alteza se apaixonaria pela *Scarlatti*, essa filha d'um velho capitão de cavallaria, de descendencia italiana e cuja voz arrebatava ao resoar nos canticos sa-

grados em que era eximia. Por isso o aulico fallara da joven a sua alteza lisongeando-lhe a sua paixão devota herdada do bisavô D. João V. Agora desciam as terras do Galvão, mettiam depois á quinta do meio e atravessavam em direcção ás Salesias onde as freiras estavam prevenidas para a visita do principe.

A madre, soror Françoise Salesia, uma monja franceza de perfil anguloso e ar beato, alta, secca, mirrada, curvava-se na presença do principe e murmurava:

— Grande honra é a vossa visita, meu senhor!

— Antevia já o vosso acolhimento, minha boa madre!... replicou sua alteza deveras impressionado pelo magnifico aspecto da sala onde era recebido.

Tinham-se trazido as lampadas da egreja, aquellas bellas lampadas d'ouro macisso que suspensas do tecto espargiam uma luz breve d'oleo aromatico sobre a mesa coberta de flôres e onde estavam alguns pratos de doce fabricado no convento para a refeição do regente. As educandas estavam recolhidas e apenas as sorores em numero de dez se enfileiravam por detraz da madre, todas curvadas em reverencias.

— A nossa joven Scarlatti, murmurou a madre, apresentando a cantora que para o effeito vestira o habito das irmãs salesias.

— Mas é uma professa? interrogou o principe deveras admirado.

— Não, alteza real, é visinha do convento e está aqui desde esta tarde... Porém para não admirar as nossas ingenuas educandas vestimos-lhe o habito.

D. João, tinha um movimento que apenas exprimia cortezia e lançava um olhar indifferente a joven.

Mas na realidade ella era formosissima assim vestida.

O rosto roseo lacteo, os olhos azues, os cabellos louros mal contidos na touca, a sua estatura franzina mas elegante envolta no habito, dava-lhe um ar singular; recordava uma d'essas santas da edade media, de linhas puras, e olhos onde se coalhava um raio de graça celestial.

— Vamos, minha filha, agradeça a sua alteza a honra que lhe concede! disse soror Salesia, dirigindo-se á joven, que n'um cumprimento o mais mundano e que destoava por completo com o seu trajo, murmurou na sua voz harmoniosa:

— Agradeço-vos, meu senhor, a honra que me daes, vindo ouvir a minha pobre musica!

— Não é isso o que me dizem, senhora! Porque tendes fama de boa cantarina e excellente executante!...

— Desilludir-vos-heis ao ouvires-me, meu senhor! replicou ella avançando uns passos para sua alteza n'uma reverencia timida mas graciosa.

A um canto da sala entre um grupo de plantas as mais raras, estava um cravo. (*)

A joven dirigiu-se para alli, sentou-se com permissão de sua alteza e passou rapidamente a vista pelos circumstantes.

D. João tomara logar um pouco distante da cantora, obrigava a madre a sentar-se a seu lado, fizera um gesto ás monjas para que tomassem logar nas cadeiras da sala e apenas D. Ramiro ficava de pé por detraz do principe e trocava um expressivo olhar com a cantora, como a dizer-lhe:

— Arrebate-o!

Ella pareceu comprehender; passou-lhe uma scentelha extranha nos seus olhos de previnca; attacou gravemente o cravo na modulação d'uma aria de Jomelli.

E a sua voz limpida, com inflexões doces, ternas, sublime de expressão, estrangulada por vezes como n'um caudal de lagrimas, recitava os versos d'aquella canção piedosa, arrebatava, seduzia, embriagava, resoava além n'essa sala do convento com todo o encanto d'uma verdadeira composição d'artista inspirado na vida de Jesus.

No theatro, teria arrebatado uma platéa por mais exigente que fosse, alli seduzia as monjas e deixava sua alteza como suspenso dos seus labios, acorrentado n'aquella infinita harmonia.

Aquelle homem, gordo, obeso, que o destino impellira para o throno, tinha lá bem no fundo da alma o culto da religião tal como lh'a ensinara o fallecido Pedro III.

Não era uma fé sincera, ingenua, franca e impulsiva que embriaga as imaginações dos devotos por indole, dos mysticos; não era esse ardor forte e sagrado do catholicismo primitivo que calava

(*) Instrumento musico.

no animo do principe, antes era alguma cousa de exterior, de vulgarmente corrente que o prendia. Para elle a religião, eram os seus bons frades de Mafra, de craneos luzidios nas suas calvas, sahidos da bibliotheca, cheios de poeira e de idéas falsas, eram as procissões pomposas onde Deus era conduzido como um idolo oriental no meio do mais aziatico luxo, eram os conventos monumentaes povoados de frades que litaniavam cantochões que cahiam no espirito do principe como o embriagava o cheiro da cêra derretida, por isso agora alli no meio d'aquellas monjas, escutando a formosa mulher que cantava, elle se deixava seduzir pouco a pouco como entre os frades.

Mas não era o desejo moderado do homem pela mulher que o attrahia, antes era o amor do regente por tudo quanto dizia respeito ás exterioridades da religião que actuava ainda no seu espirito, a ponto de ficar embevecido quando ella terminou.

A cantora, voltava-se para elle com os olhos humidos, o rosto transfigurado pela paixão da sua arte e parecia pouco se importar com as monjas, apenas sollicitava um gesto approvativo de sua alteza que murmurava como fallando comsigo mesmo:

— E' o estylo magistral, e cheio de sciencia do meu bom Ferracuti, o melhor cantor da capella real.

— Senhor... Confundis me.. volveu a joven n'um agradecimento, muito commovida.

E o principe, pedia então:

— Sabeis alguns trechos de Peres?

— Sim alteza real!... retorquiu ella um pouco despeitada pela frieza dos olhares do regente.

E então, obedecendo á sua vaidade de mulher, propondo se a seduzil-o deveras, começou uma canção do inspirado hespanhol e onde havia a harmonia quente do paiz de sol d'onde o artista era originario. Era uma canção d'amor, terna e sublime, perturbadora, d'uns effluvios doces que contrastava com a anterior e destoava além n'aquelle convento como uma mascarada n'um cemiterio.

Sua alteza, deixava-se enlevar pela voz da cantora como já succedera, mas d'esta vez tinha um arrepio gelido ao vêr essa mulher vestida nos habitos de religiosa, atirar ao espaço n'uma voz de *houri*, de esplendida bachante grega, esse canto de amor que lhe dava dobrado encanto.

E ao terminar, o principe, com manifesto desgosto ao vel-a na sua frente assim vestida, sentia bem que a religião fôra profanada e dizia:

— Recommendareis esta grande cantora a sua alteza, a princeza, D. Ramiro!...

Ao principio a Scarlatti julgou ver alli uma ordem para a conduzirem ao paço d'onde o seu corpo virginal sahiria maculado d'um leito real, mas antes a expressão de desgosto que viu no rosto do aulico entristeceu.

D. João, recusava a mulher que se lhe offerecia, e avançara já para a porta, emquanto o camarista murmurava ao ouvido da joven:

— Escolhesteis mal o trajo, não se harmonisava com a canção! e voltava-lhe as costas como a uma rainha que tivesse decahido.

A madre Salesia, sollicitava então de sua alteza:

— Não quereis provar os nossos doces, meu senhor!

— Não... não... agradeço-vos! e mais do que nunca parecia ter o desejo de sahir do convento.

Porém n'este momento, o principe recuou, a madre fez-se livida, as freiras estremeceram ao passo que D. Ramiro e a Scarlatti se olhavam com pasmo.

E' que um grito estridulo, angustioso, extranho, cortava o espaço e resoava terrivelmente nos claustros, chegava até alli a essa sala e obrigava o principe a interrogar:

— Que é isto?!

— Mas ignoro-o, senhor! volveu a madre, correndo apressadamente em direcção aos claustros.

Lá ao fim, illuminados apenas pela luz breve d'uma lampada, alguns homens agarravam um corpo de mulher e buscavam transportal-o nos braços em direcção a um pateo interior do convento.

— Que é isto? exclamou a madre rapidamente.

— Madre: A pessoa que a trouxe traz esta carta de sua alteza real!

— Da princeza!... Oh! Depressa, depressa para o *in-pace!* ordenou ella, ao passo que a mulher que elles conduziam á força bradava:

— Soccorro! Soccorro!...

— Depressa! Depressa! tornava a madre como espavorida, mettendo rapidamente na algibeira a epistola de Carlota Joaquina.

Mas sua alteza approximava-se a largas pernadas seguido por D. Ramiro e pelas monjas e interrogava:

— Que significa isto!

Os homens tinham largado o corpo da joven e desappareciam pelo pateo, emquanto soror Françoise ficava deveras embaraçada em presença do principe e d'aquella joven que ella não conhecia e que se lançava de joelhos a seus pés, ao vêr o seu habito de religiosa, buscando alli amparo, bradando em voz angustiada:

— Oh! Minha irmã tende piedade de mim!

— Mas que succedeu, minha filha, que quer dizer a vossa presença n'este logar? interrogou ella deveras impressionada.

— Eu mesma o ignoro... replicou D. Etelvina da Gama, pois era ella a mulher que alli estava de joelhos e banhada em pranto.

Continuava então em voz tremula, angustiosamente:

— Sei apenas que hoje, ha alguns momentos, uns homens desconhecidos penetraram em minha casa e me declararam presa bem como a meu pobre pae... Fomos conduzidos á força para as cadeirinhas, senti apenas que me levavam, ouvia vozes ironicas e por fim fizeram-me entrar n'este convento onde não vejo meu velho pae... Senhora, minha irmã, tende piedade de mim!...

— E de que crime vos accusavam? interrogou então o principe D. João que parecia deveras interessado pela desgraçada.

— De herege, de ter convivio com maçons e pedreiros livres... Quando apenas recebemos em nossa casa o meu noivo, Nuno Freire, cujo unico crime e pelo qual me accusam consiste em pertencer ao regimento do marquez d'Alorna.

— Nuno Freire?! Vós sois a sua noiva?... Oh! Lembro-me de ter assignado a sua nomeação d'alferes... murmurou o regente com grande pasmo da joven, que exclamou:

— Oh! senhor... Pelo que vejo tendes poder... Livrae-me d'aqui, livrae-me d'esses homens e Nuno vol-o agradecerá!

D. João ficava silencioso, parecia que no seu cerebro se travava uma lucta e de repente perguntava:

— Onde estão os homens que vos conduziam?

— Sahiram por aquella porta, senhor...

— Ramiro, procura esses homens e que venham á minha presença... exclamou o regente olhando a sahida que deitava para o pateo.

A madre fazia-se livida ao vêr que o fidalgo deveras admirado de semelhante aventura se dispunha a executar as ordens do principe e n'um habil movimento ao vel-o passar a seu lado, murmurou:

— Eram ordens da princeza!

Ramiro ouviu-a e estremeceu, correu para o pateo e com effeito distinguiu os vultos dos conductores da cadeirinha acocorados no escuro; ao verem-no ergueram se e lançaram em volta uns olhares espavoridos.

— Olhae, sois vós os que conduzisteis aqui uma senhora? interrogou o fidalgo em voz baixa

— Mas, excellencia, retorquiu um d'elles, obedeciamos a Jacintho Peres...

— Pois bem... Tratae de sahir do convento o mais breve possivel e que ninguem suspeite de que ainda aqui vos encontraveis! ordenou elle rapidamente.

— Porém, já o teriamos feito, mas é impossivel a sahida! Não temos a chave da porta e os muros são altos... Tememos fazer ruido arrombando a porta e não ha meio algum de transpol-a...

— Deixae-vos estar n'esse caso... Alguem vos salvará! disse elle; e desembainhando a espada correu para junto de sua alteza e exclamou: Fugiram os miseraveis... e ao mesmo tempo trocava um olhar d'intelligencia com a madre que ficava mais tranquilla.

Porém inquietava-se logo ao ouvir o principe interrogar:

— E que dizeis a isto, soror Françoise Salesia?

— Mas, meu senhor, eu ignoro tudo!

— Ah! Então já vejo que o vosso convento está em pouca segurança, desde que n'elle se introduzem pessoas sem vosso consentimento, desde que se faz d'elle prisão illegal para mulheres accusadas e que deviam estar no Santo Officio logo que se provassem os crimes de que as accusam! Não concordaes com isto, madre?

— Porém alteza real!... murmurou a religiosa deveras transtornada.

E Etelvina ao ouvir o tratamento que a madre dava aquelle homem que parecia interessar-se por ella, vendo n'elle um principe, supplicou:

— Sois soberano, meu senhor, tende piedade de mim! Fazei com que saia d'aqui para ir procurar meu pobre pae...

— Mas onde, infeliz creança... Sabeis acaso onde o encontrareis? disse elle deveras impressionado.

— Não... não... Mas Nuno o descobrirá... retorquiu ella chorando muito.

D. João, ficava taciturno, olhava-a de novo, via-a cheia de graça e de mocidade e dizia-lhe por fim:

— E para onde quereis ir?

— Mas para minha casa...

— Onde serias de novo presa, pois ao que vejo perseguem-vos!... Vinde commigo eu me encarregarei de vos restituir ao vosso noivo!

— Ah! senhor, e meu pobre pae?

Era tão commovedora a inflexão que ella dava ás suas palavras, que o principe n'uma grande explosão de carinho, bradou:

— Descançae senhora!... Eu vos dou a minha palavra de principe que o hei-de encontrar, que hei de vêr claro n'este tenebroso mysterio!...

Ella cahiu-lhe aos pés, soluçando desesperadamente, e o regente, curvando-se, erguia-a, ainda todo admirado da audacia de que se sentia possuido, elle de habito tão timido e para a madre exclamava:

— E vós soror Françoise Salesia, mandae redobrar as fechaduras do vosso convento para que ninguem se introduza n'elle, nem mesmo os officiaes do Santo Officio que tiveram agora a idéa de aqui enviar!... e sua alteza offerecia o braço a joven e dizia-lhe galantemente:

— Vamos senhora...

Cabia então a vez da madre se lançar aos pés de sua alteza, soluçando no que era secundada pelas monjas que supplicavam:

— Senhor, tende piedade de nós!...

— Juro-vos que ignorava tudo! tornava a madre no auge do desespero.

E então o principe todo desgostoso, volvia:

— Por isso vos disse que fechasseis bem o vosso convento para que nem o Santo Officio n'elle podesse penetrar!

Impavido, grave, quasi magestoso, conduzindo a joven que chorava, sua alteza dirigia-se para a porta que lhe abriam e achava-se na rua, onde soltava um suspiro de allivio e começava a cami-

nhar em direcção a Ajuda ao lado de D. Ramiro e levando comsigo D. Etelvina que chorava sempre.

O principe foi silencioso até á quinta do meio e uma vez alli, disse para o aulico:

— Onde conduzir esta dama? Onde deixal-a!... Pensei que em casa do almoxarife da quinta...

— Alteza, saber-se-hia logo... murmurou o outro.

— Mas então...

— Porque não a leveis a casa de mestre Lebon? o qual vossa alteza dispensou de o acompanhar esta noite e que se deve encontrar em casa...

— Jacques Lebon... Ah! Sim... Elle tem a sua residencia nas casas do Botanico... Vamos lá!...

O fidalgo teve uma expressão radiante na physionomia ante o assentimento do principe, e d'ahi a momentos batiam á porta do mestre de esgrima que apparecia a uma das janellas da casa baixa do jardim e perguntava com a sua grande intonação franceza:

— Quem é?

— Abre, Jacques!...

— Sua alteza!... bradou o francez deveras admirado e correndo a abrir a porta.

— Onde está *madame* Lebon? perguntou sua alteza ao penetrar na casa do mestre d'armas.

— Mas está deitada, real senhor! Grande honra me fazeis...

— Depressa Lebon... Entrego-te esta dama da qual me encarrego... Deixo-a ao cuidado de tua esposa...

— Grande honra... ia começar a dizer de novo o francez, porém o principe n'um gesto rapido mettia-lhe na mão uma bolsa e dizia-lhe:

— Amanhã fallaremos!... e curvando-se ante a joven com grande cortezia, murmurou: Desejo-vos uma boa noute, senhora...

— Senhor... Não vos esqueçais de meu pae! retorquiu ella banhada em pranto e saudando o principe.

— Já vos dei a minha palavra! disse elle sahindo com nova cortezia.

E na rua, com um olhar para a janella do mestre d'armas, o regente, disse para o aulico:

— Ramiro... Irás chamar o intendente da policia quanto antes!... Toma uma sege, e segredo!...

— Meu senhor, sabeis quanto vos sou dedicado...

— Sim, conto comtigo... Vae... E nem uma palavra ácerca d'esta joven!

— Mas e a Nuno Freire?...

— Silencio, e vae lesto... Quero ser agradavel a tão formosa creatura, conde.

— Conde?!... bradou D. Ramiro, devéras admirado, e de seguida vendo no titulo o pagamento do seu silencio, interrogou com grande agudeza: Conde e de que, meu senhor?

— Conde d'Alva porque a manhã vem rompendo! volveu D. João, começando a caminhar em direcção ao paço.

E o aulico, murmurou então:

— Oh!... Ia procurar uma amante para sua alteza e eis que o acaso me depara uma, que em vez de pedir recompensas ainda faz com que elle m'as conceda!

Mas de repente, D. Ramiro, parou, fez-se pallido, e exclamou:

— E a princeza? Que dirá a princeza a tudo isto?...

Pareceu então mudar de resolução e em vez de se dirigir a cumprir as ordens do regente, enfiou em seu seguimento para o paço e murmurou:

— Sua alteza já vae esquecendo os frades pelas bellas!

Mas de seguida, voltava de nòvo e tornava:

— Não... Chamemos sempre o intendente... Quem sabe o que póde uma mulher?... Transformam o caracter dos principes, ás vezes!... Oh! melhor do que o *Telemaco!*

— Que dizeis?... Oh! Isso é maravilhoso!...

XXIII

O sr. conde d'Alva

O senhor conde d'Alva! annunciou a camarista de sua alteza a senhora D. Carlota Joaquina que n'esse dia não quizera receber nem mesmo os seus intimos senão á hora habitual das audiencias, até á qual estivera mysteriosamente encerrada nos seus quartos.

— Conde d'Alva?! Não conheço... Mas fazei entrar...

E D. Ramiro, todo triumphante, appareceu aos olhos da princeza que soltou uma risada e exclamou:

— E' uma das vossas graças, não é assim Ramiro?

— Alteza... Nunca me permittira gracejar comvosco! Sou conde na verdade, conde d'Alva para vos servir...

— Mas dou-vos os parabens!... Eu vos felicito... E a quem deveis?

— A vosso esposo, alteza? volveu o *factotum* com todo o aprumo.

A princeza soltou uma nova risada e retorquio desdenhosa.

— Já o sabia... Esse titulo tem a chancella piedosa da mão que vos deu! D. João devia escolher o nome d'um paramento sacerdotal para vos distinguir... Se o acompanhaes sempre nas suas devoções!

— Pois, alteza real, d'esta vez fui distinguido não em memoria das devoções de sua alteza mas sim symbolisando os seus amores!

— O quê?!... Então meu esposo tem agora amores terrenos?... gargalhou Carlota Joaquina deveras admirada e rindo muito. Então o vosso titulo é um symbolo?

— Sim, alteza real, porque vosso esposo declarou-se apaixonado ao romper d'alva!...

— Oh! Oh! Gentil galanteria de sua alteza?! E por quem se apaixonou o principe?...

— Por uma pessoa na realidade interessante a todos os motivos! disse o conde, buscando excitar a curiosidade da princeza e querendo dar-lhe a noticia muito circumstanciadamente.

— Já sei... Talvez uma açafata do paço... Se meu esposo, nunca vê outras mulheres!

— Enganae-vos ainda, senhora... Sua alteza frequenta conventos...

— O de Mafra que é de frades... continuou Carlota Joaquina no seu tom torcista.

— E o das Salesias que é de freiras! retorquiu o outro, rindo tambem.

— Ah! Foi então uma sortida nocturna...

— Em harmonia com os desejos de vossa alteza!...

— Ah! Mas tinheis-me promettido que sua alteza teria uma amante, mas jamais me fallaveis que ella seria monja!...

— E monja esta não é!... replicou o outro.

— Sabeis D. Ramiro, ou antes sabeis senhor conde de Alva, que não gosto d'enigmas?!

— Por isso vou ser explicito, redarguiu o aulico a quem a princeza fez um gesto para que se sentasse ficando a ouvil-o muito attentamente. Vossa alteza, chamou-me uma vez e disse-me: Ramiro é necessario que sua alteza tenha uma amante, alguem cuja vontade possamos dirigir em nosso proveito porque eu não estou disposta a pagar com fingido amor os favores de meu esposo! Vossa alteza queria entregar-se de alma e coração á tarefa que os nossos amigos da Companhia de Jesus iam encetar...

— Assim era... assim é!...

— Pois bem... Dirigi as attenções de sua alteza para uma formosa mulher que para demais o devia encontrar com o fervor religioso que põe em todas as canções que lhe sahem dos labios... A muita devoção do principe havia de falar alto em face d'essa mulher

que sem ser monja tem todos os seus encantos augmentados ainda por uma graça mundana...

— Bem... bem... E depois, conde?

— A Scarlatti, é este o nome da dama em questão, prestava-se de bom grado a ser a favorita d'esse principe e contava com os recursos da sua voz para o seduzir, para o prender, para o dominar!

— Ah! E essa princeza de mão esquerda é então uma cantora?!...

— Não, alteza, escutae... Sua alteza, o principe vosso esposo, ouviu-a, felicitou-a e por fim comparou-a a Ferracuti, o cantor! Disse-lhe algumas palavras de louvor e concluiu por me pedir que falasse d'ella a vossa alteza!

— A mim?

— Sim, alteza... D. João dava assim uma resposta á Scarlatti... Era como se lhe dissesse: Cantas muito bem as arias de Jomelli, e as canções de Peres mas não quero contar comtigo um duo d'amor... Prefiro a princeza!... E na realidade sua alteza admirava apenas a artista!...

— Oh! N'esse caso, terei eu ainda que cantar o duo com meu esposo? bradou a hespanhola em tom ironico, accrescentando desdenhosa:

— E por um amor á arte te faz conde!...

— Não, alteza, por um amor á desventura e á belleza!

— Mas não comprehendo!...

— E' que o romance de sua alteza, a historia do meu titulo tem uma tragica continuação...

— Ah! Ah!... N'esse caso, dize...

— Quando sua alteza se retirava, continuou o fidalgo, ouviam-se gritos nos claustros, o principe correu para aquelle lado e viu uma formosa mulher que se atirava de joelhos aos pés da madre Salesia.

— Ah! uma monja?! perguntou a princeza.

— Não, real senhora, uma joven que para ali fôra conduzida por Jacintho Peres!...

— Que dizes?! exclamou então Carlota Joaquina, erguendo-se d'um pulo e fazendo-se pallida.

— Sim alteza, uma joven que se dizia a noiva d'um cadete de nome Nuno Freire, julgo que parente do nosso commum inimigo!...

— Etelvina da Gama! gritou ella no auge do espanto, toda livida, tremula.

— Sim, alteza, julgo ser esse o nome da joven! bradou velhacamente o conde.

— Ah! Salvou a então não é assim? Vamos, Ramiro, já sei o resto da historia... Salvou essa mulher?!

— Sim alteza salvou-a, e conduziu-a comsigo... Sua alteza está apaixonado!...

— Pela mulher que eu mais odeio no mundo! exclamou Carlota Joaquina, inconscientemente.

E o conde, querendo, espiçal-a, perguntou ingenuamente:

— Mas vossa alteza, conhece-a?

— Não...

— N'esse caso o odio!...

— E' um capricho meu... retorquiu a esposa do regente com altivez e sem querer explicar cousa alguma ao fidalgo que retorquia:

— Pois é essa a mulher de quem sua alteza vae sem duvida alguma fazer sua amante!

A hespanhola, já o não ouvia, estava sentada no sophá, toda mergulhada nos seus pensamentos, muito silenciosa, a deixar transparecer na physionomia os mais evidentes signaes d'uma grande cogitação.

E de repente interrogava:

— E meu esposo ha-de visitar essa mulher?...

— Decerto, alteza!

— E tu sabel-o-has não é assim?...

— Sim, alteza!

— E dir-mo-has não é verdade, conde?

— Sim, alteza!

— Pois bem, n'esse caso, o intendente da policia que não dê execução ás ordens da prisão de Alorna e Gomes Freire!

Coube então a vez do fidalgo, se mostrar surprehendido e encarar a princeza com evidente desgosto.

— Mas, alteza e a nossa vingança?

Carlota Joaquina, mordeu os labios e retorquio:

— Tel-a-hemos mais tarde!...

— Porém... Pode escapar-nos... Agora é mais seguro!

— Nunca! Gomes Freire não será preso, Ramiro... Vae exi-

gir as ordens ao intendente, arranja-te como quizeres mas eu quero o coronel em liberdade!

—E se elle já estiver preso, alteza? perguntou muito serenamente, o fidalgo.

—Irás exigir de teu amo, a graça de o soltar!

—Senhora... Lembrae-vos, que eu sou inimigo d'esse homem que o odeio do fundo d'alma, que os seus males, os seus desgostos são a minha alegria!... Roubou-me Elvira de Mello é necessario que eu fira no intimo do peito, attacou-me uma noute e deixou-me por terra junto ao muro das Salesias e eu ainda não me vinguei! E agora que elle está preso, agora que eu vou rejubilar, vós exigis que o solte? Mas pelo contrario eu desejava até ser o seu carcereiro... Depois eu sou solidario n'essa vingança com D. Miguel de Forjaz, o qual jamais consentiria em semelhante cousa!...

—Ramiro sahe... ordenou a princeza n'um gesto simples porém energico. Sahe, conde d'Alva!

—Senhora! exclamou elle, fazendo se pallido.

—Sahe! bradou Carlota Joaquina livida de colera. Eu não quero na minha presença senão os vassallos obedientes! Sahe!... disse d'esta vez com grande furia disposta a arcar com tudo.

—Mas minha ama, reparae que sempre vos tenho servido lealmente! murmurou elle cheio de desespero.

—Sim... E no dia em que deixaste de o fazer, no dia em que discutiste as minhas ordens, eu tenho o direito de expulsar!... Julgas acaso que podes luctar commigo?... Pensas que essa amisade de teu amo, esse segredo existente entre ambos, esse titulo de conde d'Alva, te garantira contra mim?! Sahe d'uma vez para sempre, que eu, eu princeza Carlota Joaquina, posso quebrar como a um vidro a tua influencia no animo de D. João!... Lembra-te que elle me ama!...

—Senhora! exclamou o fidalgo com uma scentelha extranha no olhar.

—O quê?!... Bem vejo o que vaes dizer... Queres falar dos serviços prestados desde ha muito, dos segredos que sabes e os quaes empregarias para te defenderes, para te segurares!... Mas insensato, julgas acaso que alguem acreditaria em tudo isso?! Pensas que se falasses dos meus amantes ou das minhas conspirações com o bispo ou com a Companhia, que me castigariam?

Louco tu serias tomado como um diffamador da tua rainha futura e os vassallos que insultam soberanas, enforcam-se na praça publica, embora elles se chamem conde d'Alva e devam o seu titulo a uma aventura nocturna com um principe!...

— Mas senhora... Eis o motivo porque deveis deixar enforcar, Gomes Freire!... Insultou-vos!... redarguiu o cortezão deveras cheio de razão.

— Uma das faculdades dos soberanos é a do perdão!...

— E vossa alteza...

— Faço-lhe graça... O que não quer dizer que proceda para comtigo d'egual modo no dia em que dos teus labios sahir uma só palavra do que sabes!...

— Senhora!...

— Basta... E agora, sahe, conde da Alva!...

— Senhora, obedecer-vos-hei... Gomes Freire ficará em liberdade! disse elle rojando-se aos pés da princeza que exclamou:

— Ergue-te e escuta n'esse caso!...

Depois, como se cousa alguma se tivesse passado, a adultera murmurou:

— Vae falar ao intendente!

— E se elle recusar, alteza real?

Pede a teu amo o perdão do coronel!

— Mas como explicar a sua alteza a existencia das ordens em poder do intendente.

— D. João não te pedirá explicações! Demais se o fizer, accusa-te ou accusa Manique... Com tanto que o coronel fique em liberdade! Depende d'isso o teu futuro! Bem sabes, Ramiro, que és pobre, bem sabes que eu vou ser a rainha!... Sabes tambem que no meu governo preciso homens dedicados e então em vez de conde sem condado como meu esposo te fez, eu te farei marquez mas com fôros e terras! Em vez de conde d'Alva serás marquez da Trindade... Sim porque as trindades batem no sino da egreja na hora em que t'o digo!...

E Carlota Joaquina ajoelhava ao ouvir bater as *Avé-Marias* e benzia-se com uma grande fé de hespanhola.

O conde, passava a mão na cabelleira empoada e retorquia ao vêl-a erguer-se:

— Vossa alteza tem uma tal fórma de fazer fieis que agrada e

gera fanaticos! retorquiu o cortezão beijando-lhe respeitosamente a mão, ao passo que a princeza ordenava:

— Vae!...

— Ah! Esquecia-me de vos dizer, alteza, que vosso esposo está interessado em fazer a graça de restituir o pae a essa joven...

— Ah! o velho?!... Pois sua alteza, n'esse ponto não será feliz! exclamou ella com um sorriso sinistro, ordenando de seguida:

— Envia-me o bispo do Algarve!

— Sim, alteza real!

— E' necessario que Nuno seja nomeado e que parta nós o chamaremos depois.

— Informa-te de quando sua alteza vae visitar essa joven... Ah! E' verdade e onde se encontra ella?

— Em casa do mestre Jacques Lebon...

— E' homem vendavel?

— Como todos os homens, alteza!...

— Falar-lhe-has, e entender-te-has com elle acerca d'essa mulher!... Ninguem deve communicar com ella a não ser o regente até nova ordem!...

— E' apenas o que ordenaes, acerca d'ella?! perguntou D. Ramiro com espanto.

— Sim...

— N'esse caso... A's ordens de vossa alteza!

— Até logo, Ramiro!

E o senhor conde d'Alva, sahia do aposento com tres humildes reverencias, ao mesmo tempo que a princeza, murmurava:

— Replica já!... Oh! Quando não precisar d'elle eu me desembaraçarei... D'elle e dos outros!...

Ouvia passos e voltava-se, na sua rectaguarda estava o bispo do Algarve que entrava pela porta secreta e que estava muito pallido ao ouvir as palavras da princeza.

— Bispo!... disse ella com serenidade, sois o inquisidor-geral não é assim?

— Graças a vossa alteza!...

— Bem... Eu sei sempre a quem auxilio... Careço de vós ou antes da influencia do vosso alto cargo no Santo Officio!...

— Senhora, sou o vosso servo!...

— Encontra-se ali desde a noute passada um fidalgo de nome

Affonso da Gama, é necessario que esse homem não seja registado nos livros do santo tribunal, é preciso que elle fique á vossa disposição em grande segredo, até nova ordem!

— Assim farei, alteza real...

— Bem e agora, sentemo-nos, e dizei como vae a rainha?

— Por ella aqui vinha, alteza.

— Que succede? perguntou rapidamente a princeza.

— Sua magestade tem agora momentos lucidos... Conversa horas inteiras como se estivesse no uso da razão!...

Carlota Joaquina, fez-se livida e exclamou:

— O vosso meio já falha?

O bispo, baixou a cabeça e retorquiu:

— E' apenas n'esses instantes, quando lhe fallo dos Tavoras, quando invoco o passado que ella se transtorna, que ella solta os seus gritos, que diz vêr espectros!...

— Ah! Pois dizei-lh'o sempre, bispo, dizei-lh'o... Eu não quero que a rainha o seja de facto... A regencia deve manter-se até ao dia em que a Hespanha mande n'esta terra e em que eu seja soberana!

— Porém, senhora, o tratamento do dr. Willis, d'esse inglez de má morte, que veiu de Londres, vae dando os seus resultados! Sua magestade recupera dia a dia o uso da razão!...

— Pois mandaremos em paz o dr. Willis se elle nos embaraça!

— Senhora, que dirão?

— Que o doutor é impotente para realisar essa cura!

— Mas com que meios contaes para tal?

— Com o abandono do seu cargo junto á louca e que o doutor deixará quando quizermos... Todos se vendem...

— Senhora... Elle tem ouro bastante!... Recebeu dez mil libras, e agora tem mil todos os mezes!... Além d'isso quer ter a gloria da cura!...

— Mas sahirá no dia em que fôr contrariado, quando notar que é aqui demais!

— Ah! E elle realmente pensa em partir e em levar comsigo sua magestade!...

— Comsigo?! E para onde? bradou ella com espanto.

— Para Inglaterra... Conta com o auxilio d'outros medicos e com o clima!... Era a noticia que vos trazia

— Nunca!... Entendeis bem, nunca!... No dia em que Maria I recobrar o uso da razão, vós sahireis do seu lado, porque ella vos odiará, nós perderemos o nosso poder!...

— Mas que fazer, alteza!..

— Oh! Fallae-lhe dos Tavoras...

— Mas como se o doutor quasi não deixa!...

— Então supprimiremos esse charlatão! .. disse a princeza com um sorriso sinistro, accrescentando como conclusão: Os estorvos derrubam-se!... E eu quero ser a unica soberana! e ria com raiva, aquella mulher de sangue real.

XXIV

Ordens do regente

E acceitas não é assim, Nuno Freire? interrogou o marquez d'Alorna com uma certa expressão de desgosto, em frente do cadete.

— Venho aconselhar-me com v. ex.ª, meu coronel! retorquiu elle, olhando-o tambem e accrescentando: Meu primo, fez-me recusar a primeira nomeação... Eu tambem não a queria acceitar porque o ouvi fallar d'uma fórma que me impressionou! Porém agora, isto é legal, o ministerio da guerra nomeia-me alferes e colloca-me á ordem do general Forbes como ajudante de campo... Devemos partir hoje para Hespanha com o estado-maior! Porém eu hesito! Hesito sempre, tanto mais que não tenho noticias da pessoa que mais amo no mundo!

— E que está perdida para ti, meu rapaz, desengana-te, retorquiu o marquez que fôra posto ao facto da situação pelo sargento-mór.

Depois em tom amigavel, quasi sereno, o bom marquez, continuava:

— Aconselho-te como faria a um filho! Nuno, tu deves partir!...

E elle por aquelle modo desejava affastar o mancebo do campo da intriga, atirando-o antes para o logar da batalha.

Porém Nuno, fazia-se livido e murmurava:

— Mas, meu coronel, não esperaes então que encontre Etelvina?

O marquez passou a mão pelo rosto como para occultar uma grande perturbação e volveu apenas:

— A esperança deve sempre existir no coração do homem!...

— Mas n'esse caso, fico...

Alorna, teve um sobresalto, e volveu de repente:

— Não, Nuno... Marcha com o general... Agora é o teu dever!... Essa promoção alguma cousa significa! Recusas-te já, agora enviam-t'a de novo... Parte... D'este momento em deante és um dos ajudantes de Forbes!

E o fidalgo, parecia desejar vel-o bem longe, afim de que não cahisse de novo nas mãos da princeza.

— Ordena-o, meu coronel? interrogou com desgosto.

— Peço-t'o... Livrar-te-has assim de maiores pesares... Etelvina se tiver de ser tua, alguem se encarregará de a impellir para os teus braços!...

— Quem?... perguntou n'um impeto.

— Os nossos amigos!

— E quem são elles, os que ficam?

— Vasco de Miranda!... Um leal rapaz que não conheces mas que nos estima... Fallar-lhe-hei descança... E quando elle não te auxiliar, quando elle não descobrir o paradeiro da tua noiva, pessoa alguma o descobrirá... Anda, Nuno, vae apresentar os teus respeitos ao commandante em chefe!...

O mancebo sempre de cabeça baixa ia retirar-se, porém n'este momento Gomes Freire entrava a toda a pressa já vestido no seu uniforme de coronel cuja patente conservara apenas tivera a certeza de que ella partia do ministro.

— Onde vaes, Nuno? interrogou elle apertando a mão do marquez.

— Vou para junto do general!...

— Ah!... Acceitas então a tua patente?.. Partes hoje?...

— Assim m'o aconselha o meu coronel!... retorquiu o mancebo deveras triste.

— Sim... Tens razão... Elles teimam... Elles teimam... murmurou o heroe como preoccupado, e de seguida, rapidamente em voz vibrante, bradou:

— Escuta porém: Vaes vestir essa farda d'alferes e começas agora a tua vida a valer... E's um homem! Deves ter coragem para todos os golpes...

— Meu primo a adversidade, tornou-me estoico!... retorquiu desanimado a desmentir as suas palavras.

— Creança! tornou o heroe com um benevolo sorriso. Julgas acaso que não comprehendo essa serenidade? Sei o que pensas, sei quaes são as tuas idéas n'este momento?

— Meu primo!

— Sim, meu rapaz, tu apparentas frieza, pedes conselhos, tens um grande desejo de marchar, e uma vez no campo de batalha arriscar-te-has ás balas, quando o teu general te mandar transmittir uma ordem ao extremo do campo, tu atravessarás os logares onde seja mais bravo o fogo do inimigo com a esperança que uma bala virá pôr termo á tua angustia, ao teu soffrimento... Não te defendas, Nuno, eu já fiz o mesmo e era mais velho do que tu!...

— Meu primo, juro lhe...

— Não jures... Dize apenas se não tenho razão?...

— Ah! Que dizer... tornou d'esta vez muito desanimado.

— A verdade apenas... Isto é, o seguinte: «Sim, meu primo, na realidade eu quero morrer!...»

— Bem... Sim... Quero morrer! exclamou elle em voz angustiada, encostando a cabeça ao peito do coronel e mostrando só então toda a sua dôr.

— E porque?... Por Etelvina não é assim?... Porque ella está perdida para ti não é verdade?...

— Sim... sim... Nunca mais a verei!

— Pois bem... Partirás amanhã muito tranquillo com a tua legião! Embarcaremos todos ao romper do dia... O meu regimento e o do teu coronel já estão a bordo da *Medusa*, tu irás comnosco e ganharás no campo a tua patente, resigna-a ainda... Sim demora-te até de manhã e terás noticias de Etelvina!...

— Fallaes verdade, meu primo?! bradou o mancebo deveras admirado.

— Que dizes, Gomes Freire? perguntou tambem por seu turno e muito espavorido o marquez d'Alorna.

— A verdade!... Trata-se apenas de tempo...

— Mas resigno tudo... Que me importa essa patente? De que

me serve esse grau no exercito sem ella?... Para morrer com honra tanto faz ser official como simples cadete...

— Não morrerás, Nuno... Esta noite saberás alguma coisa da tua noiva e se ella ainda fôr digna do teu amor voltarás da guerra para te tornares seu esposo, embora tenhas de deixar o exercito e recolher ás vossas terras como eu quiz fazer n'outro tempo!

— Deixar o exercito?!...

— Sim... Isto é outra coisa... Fallemos antes de Etelvina!...

— Mas se é o meu maior desejo! exclamou elle no auge da impaciencia.

— N'essa caso exime-te ao cargo para que te nomeiam... Se quizeres conquistarás valentemente esse posto... Teu pae dir-te-hia o mesmo se aqui estivesse!...

— Mas de bom grado! replicou elle, perguntando logo: E a minha noiva?

— Ouve!

E o general ao pronunciar estas palavras tirava do seio uma carta recebida havia alguns momentos e começava a lêl-a em voz pausada com grande espanto do joven e do marquez, que se fizeram pallidos de commoção.

Gomes Freire, ia dizendo sempre:

— «Sr. coronel: Sei que procuraes uma menina de nome Etelvina da Gama e que ha dias foi raptada da sua residencia, sem que até hoje houvesse noticias d'ella. Accusaste então alguem que tem hoje por dever o mostrar quanto era errado o vosso juizo, offerecendo provar-vos que na realidade a pessoa em questão está livre de culpas n'esse negocio... Se quereis saber mais, ide esta noite pelas dez horas á residencia do mestre Jacques Lebon nas casas baixas do jardim botanico, onde alguem vos introduzirá, e podereis então assistir a uma scena que por si só bastará para vos dar a prova que a pessoa por vós accusada tem por dever fornecer-vos em troca d'um serviço prestado tão cavalheirosamente... Podeis levar o vosso amigo d'Alorna e apenas elle!...»

— E a assignatura? perguntou o mancebo rapidamente.

— Não tem...

— Oh! Que importancia ligaremos a um anonymo...

— A mesma de que se esta carta estivesse assignada por um rei!... replicou o heroe com convicção.

— Conheceis então essa pessoa... Sim, vós que a accusaveis!..

— Nuno... Esta noite saberás tudo, pois penso em levar-te commigo a essa entrevista que me marcam... Passarás esta noite pelo sr. d'Alorna!...

— Oh!...

— Sim, meu amigo, o que não quer dizer que eu vos abandone! Irei e esperarei pelos resultados! replicou o coronel da legião, com um olhar d'intelligencia para Gomes Freire.

Nuno escrevia á pressa o seu pedido de demissão d'alferes, allegando querer ficar com Alorna e exclamava por fim:

— Eu voltarei breve, meu primo!

E com uma saudação partia a entregar a sua desistencia na secretaria em Ajuda.

No momento em que sahia, acercou-se d'elle um corregedor e interrogou:

— Está ahi o sr. coronel Gomes Freire?...

— Elle se encontra com o sr. d'Alorna!...

— Muito bem... Podeis pedir-lhes que cheguem aqui...

— Mas entrae, amigo, entrae, elles vos receberão!...

— Tinha que lhes dizer longe de testemunhas!...

— Ide que estão sós!...

O corregedor pareceu hesitar uns instantes e de seguida, ao vêr a mancebo affastar-se, fez egual pedido a um soldado dos poucos que tinham ficado no quartel ao serviço do marquez.

O soldado assentiu e voltou d'ahi a momentos, dizendo:

— Entrae, aguardavam-vos!...

— Dizei... O regimento já está a bordo?...

— Apenas ficamos aqui dois soldados para o serviço de s. ex.ª, os meus camaradas já estão na *Meduza*... Nós embarcaremos ao romper do dia!...

— Bem... Obrigado, rapaz! exclamou o corregedor, tendo uma expressão alegre na physionomia e fazendo um signal a um homem collocado na esquina e que desapparecia.

D'ahi a momentos, vinte soldados de cavallaria paravam á porta do quartel e ficavam ali sob o commando d'um official, emquanto o corregedor chegava á presença dos dois amigos.

— Que quereis, senhor? interrogou o marquez de muito mau humor ao deparar com semelhante visita.

— Senhores... Sois os srs. Gomes Freire e o marquez de Alorna?

— Sim... responderam a um tempo encarando-o de frente.

— Pois eu venho dar cumprimento a uma ordem de sua alteza que se vos refere!... murmurou o homem de justiça um pouco tremulamente.

— Dizei!... exclamaram em unisono.

— Senhores, titubeou elle. Comprehendeis bem como um homem do meu officio tem ás vezes bem graves, espinhosas e tristes missões a cumprir!...

— Que quereis dizer? interrogaram elles deveras espantados.

— Senhores, estaes presos em nome de sua alteza! desabafou o pobre do corregedor olhando-os espavorido, ao vêr que ambos se erguiam e o encaravam bem terrivelmente.

— De que alteza fallaes, sr. corregedor? interrogou o coronel com desprezo.

— Sim, quem vos envia? bradou o marquez.

— Mas é sua alteza real, o regente, quem assigna as ordens! titubeou de novo o official de justiça.

— Não o creio! exclamou o heroe. Sua alteza, quando quizesse prender leaes vassallos, fal-o-hia não nas vesperas de elles marcharem para a guerra e quando os seus regimentos estão a bordo, mas mandal-os-hia deter mesmo no meio dos seus homens porque tinha a certeza de ser obedecido! Esse procedimento parece mais uma traição e eu acho sua alteza incapaz d'ellas!

— Sim... Não o acredito tambem, bradou o marquez. Sua alteza sabe bem quanto amor e respeito lhe devemos para que nos trate como a vis, como a bandidos apanhados em descuido!...

— Senhores, são as ordens do regente!

— E' o que vamos saber! exclamou o marquez tomando o braço de Gomes Freire e dispondo-se a caminhar para a porta.

— Senhores, sereis presos, é inutil a resistencia! bradou o corregedor.

— Vêl-o-hemos! Sabei, amigo, que nós conhecemos bem quem vos enviou! gritou Gomes Freire avançando para a porta.

Porém o official do destacamento collocava-se-lhe na frente e bradava:

— Coronel! Tenho ordem de vos conduzir ao forte da Junqueira!...

— E eu tenho o desejo de que me conduzais antes ao paço da Ajuda! retorquiu o heroe.

— Impossivel!... E' a ordem do regente!

— Ah! Alorna, exclamou o coronel, eu já esperava que ella frustraria esta entrevista que me offerecia!...

O marquez baixou a cabeça e elles dispunham-se já a entregar-se ao official, obedecendo assim ao principe, porém n'este momento ouvia-se o tropel d'um cavallo e D. Miguel de Forjaz saltava d'elle rapidamente, parecendo espantado ante o espectaculo que se lhe deparava.

Estava fardado de capitão e trazia o distinctivo de ajudante de ordens, dirigia-se para Gomes Freire e bradava:

— Meu primo, sou portador d'uma ordem do general Forbes, ao qual estou ligado como ajudante de campo!...

— Oh! Primo... disse o coronel com certo interesse. E'-me impossivel obedecer ás ordens do commandante em chefe porque sou prisioneiro de sua alteza!...

— Vós, preso?! exclamou D. Miguel de Forjaz com bem fingido espanto.

— Sim... Olhae e dizei ao general o que se vos deparou...

— Por Deus!... Lêde no entanto a ordem!...

— Seja... Todavia, não lhe poderei obedecer!

Rasgava rapidamente o papel, abria o e uma expressão de contentamento se lhe espalhava nas faces. O envolucro continha apenas as contra-ordens de prisão que D. Ramiro obtivera facilmente do regente e que por uma habil machinação enviara ao general pelo proprio D. Miguel Forjaz, afim de o metter assim na intimidade do coronel.

Gomes Freire, acabava de lêr, voltava-se para o official da escolta e dizia:

— Senhor... Deixae-me que obedeça ao meu general!

— Porém...

— Sua alteza enganara-se... Estas ordens de prisão eram apenas umas ordens de marcha! e estendia a nota em contrario ao official franzindo os labios n'um sorriso ironico.

O outro fez a continencia e affastou-se ao mesmo tempo que Alorna perguntava:

— Mas que quer isto dizer?...

— Que ha uma grande falta de officiaes na expedição! retorquiu o heroe sempre com o seu sorriso sarcastico.

E para o primo exclamou:

— Deus vos pague, D. Miguel, e eu folgo em terdes sido vós o portador d'estas noticias, que nos encheram de jubilo!

— Oh! meu senhor e primo, deveras folgo tambem em vos ter trazido feliz noticia!...

— E como vae vossa mãe, D. Miguel? interrogou o heroe de bom humor.

— Bem vae, meu primo! volveu com o seu mais bello sorriso.

— E vossa esposa? tornou Gomes Freire, como a insinuar-se no animo do parente, deveras feliz ao recordar-se que iria assistir a essa entrevista.

— Minha esposa?! exclamou o outro com grande desespero. Mas morreu, meu primo, morreu e deixou-me uma creança, um filho, o meu pequeno Miguel no qual resumo todas as minhas esperanças!

— Desejo-lhe bem como a vós as maiores felicidades! Até á vista, primo! e o heroe estendia-lhe lealmente a mão, que o outro apertava com bem fingida amisade.

— Desejaes de mim alguma coisa mais?

— As nossas saudações ao general Forbes! Ao romper da manhã estaremos a bordo!...

— Sim, meu primo! A's vossas ordens! Adeus, sr. D. Pedro!

E o marquez, que estava taciturno, apenas respondeu:

— Deus vos acompanhe, D. Miguel!

E, ao vêl-o desapparecer, voltava-se para o amigo e exclamava:

— Teu primo, este D. Miguel de Forjaz?

— Sim... Um parente affastado!

— E d'elle te deves affastar a valer, amigo!... volveu o fidalgo.

— Mas porquê, meu velho? perguntou Gomes Freire, admirado.

— Esse homem tem alguma coisa de falso!... Foi ajudante de meu infeliz cunhado e eu analysei-o durante algum tempo... Tenho por elle uma repulsão instinctiva!...

— Ora, amigo, esses homens de má catadura são inoffensivos! Tal qual como os colossos!... Má apparencia mas excellente fundo!

O marquez encolheu os hombros e aconselhou ainda:

— Comtudo meu amigo, desconfia sempre!

N'aquelle momento D. Miguel encontrava-se com D. Ramiro, que o esperava no fundo d'uma sege no becco dos Algarves, perto de Santa Margarida de Crotona, e ouvia o conde d'Alva, o aulico de Carlota Joaquina, interrogar:

— E então?

— Cahi como a sopa no mel... Tive a entrada d'um heroe a salvar um infeliz...

— Sim, meu novo Antonio de Padua, correste a salvar não teu pae mas teu primo da forca!...

— Para o mandar para lá na primeira occasião... Emfim, resigno-me a esperar...

— Como eu... Ou antes, Carlota Joaquina obriga-me á resignação! volveu o outro, perguntando de novo: E elle, como encarou isso?

— Da melhor maneira... Ficamos os melhores amigos do mundo! tomou o fidalgo com cynismo.

— Pois explora-lhe agora a amisade que é o melhor caminho para lhe teres a herança, principalmente se nos auxiliares! Sempre é bom ter um auxiliar na praça!...

D. Miguel sorriu com raiva e bradou:

— Ah! Conde, mas é que tenho medo de me denunciar, tal é o odio que tenho a esse parente que veiu do inferno para minha tortura!...

— Espera com paciencia e verás, ou antes, veremos a tortura d'elle! redarguiu o fidalgo soltando uma risada sinistra e affastando-se na sua sege.

XXV

A' sorte

ESTRE Jacques Lebon, muito pensativo, n'um ar misantropo, decahido, os labios enrugados n'uma flagrante indecisão, olhava a esposa, a *madame*, uma mulheraça rotunda, de boas carnes, toda secia, a imitar as grandes damas e que estava de pé na sua frente:

— Que farias tu no meu caso, Jenny?

— Oh! Meu velho, lembra-te do meu collar de ouro com a medalha de Notre Dame!!... Desde que casamos o tenho promettido e só agora vejo a boa occasião de o possuir... Sua alteza mostrou ter confiança em ti, faze por ser digno d'ella e por arranjares dinheiro para o meu collar! volvia a *madame* malignamente.

— Porém, porém... Ha dois partidos a tomar...

— Eu não sei...

— Sim, ou servir D. Ramiro e receber mil cruzados, ou servir sua alteza e talvez não receber coisa alguma!...

— E o teu emprego?! perguntou á pressa a sr.ª Lebon, encarando o marido.

— Oh! O meu emprego... Mas rende-me uma ninharia!... E depois um mestre d'armas da minha estofa, bem cotado, com largos serviços no paço, sempre encontra freguezia!... Ora pensa que eu com os mil cruzados abria uma sala de esgrima!... Corriam ali todos os peraltas e eu fazia-me pagar como um antigo sargento de suissos de sua magestade christianissima, como um mestre

d'armas de sua alteza o infante D. João, hoje regente d'estes reinos e brevemente rei de Portugal !...

— Que tu pensas em atraiçoar, apesar de tudo! regougou a mulher a meia voz.

— Hein! Atraiçoar... Mas não vejo a traição!... Então vê bem!... Ha alguem que me propõe para deixar entrar uma dama velada que deseja vêr a joven que sua alteza nos confiou!

— Sim, e que manifesta esse desejo para uma noite em que sua alteza aqui venha!...

— Assim é...

— Ao mesmo tempo quer que entrem aqui tambem dois desconhecidos, que ficarão no teu quarto!... Pois queres mais claro?! Toda essa gente quer assistir a uma conversação de sua alteza com a formosa senhora!

— Madame Lebon! exclamou o mestre d'esgrima deveras impressionado. Julgaes isso?!

— Tenho quasi a certeza?...

— Mas como, se D. Ramiro é um servidor do principe e decerto não o atraiçoava! exclamou elle triumphante.

— Ora, e tu não és um servidor de sua alteza e não estás indeciso no partido a tomar?!

— Madame!... bradou Jacques que gostava de dar aquelle tratamento á esposa, D. Ramiro, o sr. conde d'Alva, é um fidalgo eu não passo d'um pobre mestre d'esgrima!

— E a differença entre os dois está no dinheiro que se offerece a cada um! D. Ramiro se te dá mil cruzados é porque recebeu dez mil! concluiu a franceza com grande philosophia.

— Oh! Oh! E se assim fosse?! exclamou Lebon cada vez mais indeciso.

— Tu não passarias d'um pobre parvo engrolado por um esperto fidalgo e em troca terias o santo officio como recompensa de sua alteza! Nada, sr. Lebon, obrae pelo seguro... Servi sua alteza com lealdade e deixae em paz as damas veladas e os desconhecidos que buscam esconder-se!...

— Mas que fazer, madame? perguntou com grande pressa.

— Correr ao paço, sollicitar uma audiencia de sua alteza e narrar-lhe tudo! disse ella com grande simplicidade.

— Mas D. Ramiro vêr-me-ha!...

— Acolher-te-has á protecção do principe!... insinuou ella.

— E' grave! Muito grave! titubeou o sr. Lebon.

— N'esse caso faze o que julgares conveniente... Eu por mim já nada espero... Se o santo officio te empolgar, o mais que posso fazer é ir dizer a sua alteza que bem te aconselhara!

— Oh! Minha boa amiga... Eu resolvo-me... eu tento-me... Vou contar tudo a sua alteza e peço-lhe a sua protecção!...

— Ah! Até que emfim! exclamou ella dando muito á pressa a capa e a espada ao marido, que a beijou na face, e avançou de seguida para a porta, deveras radiante.

Mestre Jacques, no curto trajecto do botanico para o paço, caminhava vagarosamente, agora mais do que nunca absorto, pensando bem em tudo aquillo, hesitando em guiar-se pelo conselho da esposa, murmurando:

— Isto de mulheres nunca dão bons conselhos! Fazem só o que lhes vem á cabeça sem reflexão alguma... E se eu optasse por D. Ramiro?...

Subia já a escada do palacio e ia em direcção aos aposentos do camarista, porém tomava de repente uma resolução, todo impressionado, cheio d'uma suprestição de jogador.

— Cautella mestre Lebon que jogaes o futuro... murmurava elle, sacando da algibeira uma moeda e atirando-a ao ar no corredor do paço.

Mas de repente ouviu ruido de passos, alguem que corria e se precipitava sobre a sua moeda, e uma voz fanhosa, extranha, zombeteira, bradava:

— Oh! Até que vejo a côr do bom metal! e um homunculo lançava-se sobre a moeda e revirava-a com prazer nas mãos carateando o mestre de esgrima que se tornava pallido e murmurava:

— Cunho... Cunho... E' por D. Ramiro!...

De seguida, com colera, accrescentava para o extranho personagem que estava na sua frente:

— Dae-me a minha moeda, D. João de Falperra!

O bobo da rainha, porque na realidade era elle quem se apossara do dinheiro, continuava a caratear o francez, rindo de bom grado.

Mas que grande mudança se operara no truão!

Já não era o mesmo D. João de Falperra luzido e flammante

que outr'ora exercia uma grande pressão nos fidalgos e cuja escarcella andava sempre recheada de ouro.

Agora, era uma especie de mendigo de vestes esfarrapadas, casaca desbotada e calças em frangalhos, o rosto magro, ossudo, extranho, a bocca sem dentes, os olhos luzentes na má physionomia equipatica. Estava abandonado, era uma ruina desde que sua ama enlouquecera; com a razão da rainha fôra-se o seu poderio, decahira muito, não se atrevia já a rir abertamente dos fidalgos que se vingavam das passadas troças a vigoroso pontapé. Não passava para elles d'um pobre louco á imagem e semelhança da soberana e como um rei desthronado, o rei da loucura, elle tambem em terra, soffria as perseguições dos cortezãos.

No intimo da sua alma desenvolvia-se o odio mais intenso dia a dia a cada nova provação e se ainda ria era mais por um desabafo do que pelo desejo de desempenhar o seu papel. Esfaimado, escorraçado das cosinhas pelos servos, posto de lado, elle chorava em segredo as suas desditas e agora tornava-se uma especie de lobo sempre prompto á vingança pela traição.

— Olá D. bobo, dae-me o meu dinheiro! berrava o mestre de esgrima com intensa colera.

— Por S. Raymundo, o patrono, vos juro que nem o vereis de longe! casquinou D. João de Falperra rindo muito.

— Sr. bobo sabeis que vos estrangulo!

— Bello serviço me prestaes, mestre, sempre ganha quem não tem que perder!... retorquiu elle n'um ar triste. E logo, n'uma risada irritante com duas cabriolas, elle exclamou: Por S. Raymundo... por S. Raymundo!...

— Quereis ou não dar-me a minha moeda? perguntou com colera mestre Lebon.

— Nem que vos pintasseis!... casquinou D. João de Falperra, rindo ainda, e como mestre Jacques avançasse para elle de punho erguido, o truão levou a moeda á bocca e enguliu-a rapidamente, bradando: Se a quereis, abri-me o ventre... Vá, tentae a operação sr. espadachim! Por menos de meio cruzado tendes já feito semelhantes actos!... Andae, andae e matae o bobo que não tem que perder a não ser esta moeda a qual está tão guardada como o proprio coração.

— Ah! Patife! exclamou o mestre arremeçando um socco a

D. João que fugiu lestamente em direcção aos aposentos do principe sendo sempre perseguido pelo francez que bradava os mais soezes epithetos buscando alcançal-o.

Por fim lançou-lhe a mão e começou a atiral o de encontro á parede emquanto o truão gritava por soccorro.

Passavam fidalgos dos mais nobres da côrte e lançavam olhares para a lucta travada a distancia, creados deslisavam em seu seguimento e encolhiam os hombros, como os amos, indifferentemente, murmurando:

— Ah! é o bobo!...

E D. João de Falperra, o antigo flagello na côrte, era ali espancado sem que ninguem o salvasse, agora que o poder de sua ama se afundava na treva da loucura.

E ella, rainha, e bobo, tinham um destino bem egual. Aquella soberana, cuja protecção assegurava a tranquillidade ao truão, estava agora na mesma, carecida de protecção contra aquelles que a perseguíam. E o pobre mono nada podia fazer-lhe... Elle, que não tinha a força necessaria para se defender!

No emtanto, muitas vezes, altas horas, o tinham visto rondar perto dos aposentos de Maria I, os olhos fuzilando clarões de colera ao sentir os gemidos de sua ama, ao ouvir a voz do confessor, do bispo do Algarve, sempre ameaçador e terrivel.

Agora, ali nas mãos do fero mestre de esgrima, D. João de Falperra debatia-se e outro gritava sempre:

— Pagarás a minha moeda real por real, meu patife, vil bobo!...

— Eh! mestre Jacques, que vos põe assim em colera! exclamou subitamente uma voz ao mesmo tempo que o mestre d'armas se voltava e descobria o obeso vulto do principe regente, que olhava a scena com um sorriso nos labios.

O francez, largou então rapidamente o bobo e curvou-se na presença de sua alteza, ao mesmo tempo que a voz esganiçada de D. João de Falperra bradava:

— A tua moeda fica commigo apesar de tudo, meu herege, eu a levo no estomago, ella vae commigo!... Só se me matares a terás e nem para isso tens coragem, francez!...

Os seus olhos despediam scentelhas de colera, que a sua bocca desmentia franzida n'um riso trocista.

— Vae-te, bobo! ordenou o principe com desprezo.

— Primeiro ha-de vossa alteza ouvir-me!... O unico meio que tenho de obter uma audiencia de vós, meu senhor, é deixar-me bater á vossa porta!... Ouvi a minha voz, eu vos peço por vossa mãe!...

— Vae-te, bobo! exclamou de novo o principe com desdem.

— Ah! Meu senhor, eu não vos peço attenções! .. Que posso exigir, que posso desejar?!... Meu senhor, se quereis esmagae-me sob os vossos pés, deixae que morra calcado por vós, mas concedei-me um quarto d'hora de tortura em que vos direi tudo o que me vae n'alma...

— Queres dinheiro, não é isso? bradou D. João para o bobo.

— Dinheiro?!... Oh! Oh!... Dinheiro!... Mas quando o tinha á farta, quando o exigia das bolsas fidalgas, deixava-o bem escorrer da minha escarcella para outros que mais careciam! Não, alteza real, o bobo não quer dinheiro, quer que o escuteis, quer, debaixo dos vossos pés, revelar-vos coisas que o demonio inspirou aos vossos inimigos!...

— Louco, vae-te! gritou o principe d'esta vez com colera.

— Louco?!... bradou o truão com uma risada sinistra. O mesmo dizem de vossa mãe e no emtanto ella tem a rasão...

Não poude concluir, o principe empurrava-o rudemente e ante a resistencia d'elle exclamava:

— Sahirás do paço... Estou farto das tuas loucuras... e para o mestre Jacques dizia:

— Olá mestre, poreis na rua este miseravel, ordenareis da minha parte á guarda que não o deixe aqui entrar!...

— Meu senhor... Sahir do paço?! exclamou D. João de Falperra no auge da dôr, como se aquella ordem fosse para elle a maior das desgraças. Tende piedade!... Tende piedade!... Que hei-de fazer longe de todos, longe da rainha! Oh! que batam no bobo, que o espesinhem, que lhe cuspam no rosto... Mas que elle fique aqui, alteza, que elle não saia d'este palacio onde foi feliz!...

D. João encolheu os hombros e bradou de seguida:

— N'esse caso, vae-te! Sae da minha presença!...

— Eu vou, meu senhor, eu vou! exclamou elle.

E viram-no desapparecer em direcção aos aposentos de Maria I, a enxugar lagrimas, o pobre truão.

D. João voltava-se para o Lebon e dizia:

— Que vos traz, mestre?...

Elle estremeceu, olhou o principe, deixou se levar pelo acaso que o conduzira ali e bradou:

— Tenho uma communicação a fazer-vos!

— Pois entrae!... disse o principe com grande alegria.

E ao vêl-o no interior do gabinete interrogou logo:

— E Etelvina?... Fallou de mim?... Vindes da sua parte, não é assim?...

— D. Etelvina, essa joven que vossa alteza confiou á minha guarda, mantem-se na mesma reserva, meu senhor!... Não falla de vossa alteza, apenas deseja ver seu pae, que segundo diz, é victima d uma vingança!

— Sim... sim... Eu já entreguei o negocio ao intendente!... disse o principe na sua voz pastosa, accrescentando: Mas então não falla de mim?...

— Não, alteza... Apenas falla de seu pae!...

— Oh!... Comprehendo, deve soffrer... Irei vêl-a, mestre Jacques!...

— E' que, meu senhor... titubeou o mestre d'armas encarando o principe.

— O quê? perguntou este tomado d'um calafrio.

— Eu tenho a pedir-vos um momento de attenção, alteza real! tornou o mestre d'armas resolvendo-se emfim.

— Mas fallae... fallae... exclamou deveras impaciente.

Então o mestre de esgrima, com uma bella semceremonia, começou:

— Meu senhor, eu vou perder mil cruzados no serviço de vossa alteza.

— Mestre Lebon, que dizeis? interrogou á pressa sua alteza.

— Digo-vos que vou perder mil cruzados a não ser que as minhas palavras vos interessem!...

D. João sorriu e volveu:

— Dizei... Se o interesse vier, interessado fico!...

— E eu, meu senhor?!...

— Tu... Oh! mestre Jacques, falla e depois veremos...

— Pois bem, meu senhor, antes de tudo o vosso serviço! exclamou o velhaco com grande aprumo.

— Dize... Dize...

— Meu senhor... Alguem me offereceu mil cruzados para eu consentir em que uma dama velada e dois desconhecidos penetrassem em minha casa n'uma noite em que vossa alteza tivesse uma entrevista com D. Etelvina da Gama!

D. João fez-se pallido e exclamou de seguida:

— E quem vos fez semelhante offerecimento?

— Senhor, permitti que guarde para mim o nome de quem m'o fez...

— Não vol-o permitto! Ahi ha uma traição... Se apenas tu e D. Ramiro sabem das minhas visitas!... bradou o regente com colera.

— Pois bem, meu senhor, foi o sr. conde d'Alva que fez o offerecimento!

— Mentes! gritou o principe no auge da raiva. O conde é fiel, o conde é um leal vassallo!

— Meu senhor... Longe de mim a ideia de accusar s. ex.ª! Eu apenas conto como as coisas se passaram!

— Sim... E qual foi a tua resposta?

— Senhor...

— Dize! Qual foi a tua resposta?

— Accedi, tendo logo o intuito de prevenir vossa alteza para que faltasse á entrevista!

— Ah! Trahiste-me então? gritou o regente muito irado.

E o habil francez, com desplante, retorquiu:

— Ao contrario, meu senhor, prestei-vos um serviço!

— Como?! Pois tu, miseravel, consentes que dois desconhecidos penetrem em tua casa, que vejam a joven que ahi occulto, que a aventura se espalhe e tens a ousadia de chamares a semelhante coisa um serviço?!... Repara, Jacques, de que a forca já tem tido suspensos dos braços reus de menores crimes!

— Alteza real... Eu pensava em vos fazer vêr essa gente, queria que vossa alteza visse bem o que elles desejam afim de conhecerdes os vossos amigos ou inimigos!...

— Que dizes?!

— Eu, meu senhor, fiz o seguinte raciocinio: «Sua alteza falta á entrevista mas esconde-se no quarto contiguo ao de D. Etelvina, ouve o que se passa, vê o rosto aos dois desconhecidos, compre-

hende o que se trama e dá um grande castigo aos que tentarem contra a sua sagrada vontade, recompensando ao mesmo tempo o seu bom Jacques!...» Foi o que pensei, alteza!

D. João, que tomara muita attenção nas palavras do mestre de esgrima, bradou então quasi a medo:

— Mas se é uma conspiração contra a minha vida?

— Vossa alteza ordenará antes de ir a casa do seu fiel subdito o seguinte: «Jacques... Escolhe dez homens decididos e fortes na guarda real, faze tudo isso em segredo absoluto, embusca-os no jardim, abre a porta á menor tentativa e chama-os! Teremos nas mãos os inimigos e tu terás ganho...

— Uma commenda!... bradou o principe todo radiante em face da scena que o francez preparava.

Mas Jacques Lebon fazia uma careta e volvia:

— Meu senhor, por muito menos tornasteis D. Ramiro conde d'Alva!...

— Pois terás um titulo... prometteu o principe.

— Eu prefiro uma tença, meu senhor...

— Pois tel a-has! E agora, Jacques, faze o que disseste... Vae á guarda real escolhe dez homens e procede como quizeres!

— Vossa alteza dirá ao sr. conde...

— Que estou doente...

— Meu senhor, eu dir-lhe-hia antes que estava o mais são possivel até á hora da entrevista... Fallaria d'ella todo o dia e depois, quando o momento, quando o vosso bom Jacques vos enviasse aviso de que se encontravam já os personagens em sua casa, vossa alteza iria então pela porta do Botanico, metter-se-hia no quarto e ouviria tudo...

— E o conde d'Alva?

— Vossa alteza dar-lhe-hia uma ordem á pressa e não deixaria que vos acompanhasse... Por exemplo, vossa alteza esquecia-se do relogio!...

— Muito bem!

— Depois eu, alteza, teria a honra de vestir o vosso trajo habitual e, embora nada me pareça com vossa alteza, poderia muito bem passar, com a devida distancia, pela vossa real pessoa...

— Mas para quê?

— De costas todos se parecem, mais ou menos, e elles poriam

a scena em execução, pois só pelas costas me veriam e confundiriam a minha pessoa com a vossa!...

— Jacques, sabes que nasceste tanto para ensinar a intriga como a estocada!...

— Meu senhor, volveu o francez com desembaraço. Tanto a intriga como a estocada estão ao serviço de vossa alteza!

— Acceito e até á noite! exclamou o principe com bom humor.

Porém, Lebon fazia uma carantonha triste e perguntava:

— E vossa alteza dá-me licença para acceitar os mil cruzados do sr. conde d'Alva?

— Sim... Sim... Tens todas as licenças!

— Mesmo a de beijar a vossa real mão...

O principe, por unica resposta, estendeu-lhe a mão papuda, onde o mestre d'esgrima depoz um beijo respeitoso e sahiu depois com uma grande reverencia, emquanto sua alteza ficava meditativo.

Jacques Lebon, na rua, emproava-se e murmurava:

— Quem sabe... Se não fosse estrangeiro, talvez chegasse a ser ministro!

Depois, ao entrar em casa, ao vêr a mulher que vinha ao seu encontro com uma interrogação no olhar, elle encarou-a d'alto e exclamou:

— Faço vos graça do vosso collar, madame Lebon, e sabei que tendes na vossa presença um homem honrado com a confiança do melhor dos principes!...

— Ah! O meu conselho... o meu conselho! disse ella toda altiva.

— Enganae-vos, madame, o vosso conselho foi jogado á sorte d'uma moeda, a qual por seu turno foi tragada por um bobo... A ella, só a ella, devo tudo isto...

A sr.ª Lebon fez uma careta e affastou-se muito zangada com o tom imponente do esposo.

Sua alteza, pela tarde, ao vêr entrar D. Ramiro, teve um impeto ao recordar-se da intriga, mas de seguida, lembrando-se bem dos conselhos do francez, exclamou:

— Conde... conde... Iremos hoje vêr Etelvina... Oh! Como sou feliz!...

— Ah! Cede aos desejos de vossa alteza, não é assim, meu senhor? interrogou elle com grande interesse.

Por unica resposta, D. João, esboçou um sorriso indefinido, mas no qual o aulico quiz vêr fatuidade, e volveu:

— Logo o ouvireis, sr. conde d'Alva, logo o vereis!

Dos aposentos baixos do palacio chegavam os gritos da rainha louca, e o perfil do bobo desenhava-se perto da janella hermeticacamente fechada e nos seus labios havia um rictus de rancor, de colera, ao vêr sahir dos aposentos de sua magestade o vulto negro do bispo do Algarve.

E como por encanto, os gritos da louca coroada tinham cessado.

XXVI

Os pedreiros livres

Era na loja da Boa-Morte, um casarão enorme forrado de negro e por cujas paredes se viam os mais symbolicos signos maçonicos. Penetrava se por uma escada lobrega, subiam-se alguns degraus e entrava-se n'uma casa mobilada modestamente e onde nem o mais habil espião do sr. Manique descobriria signaes de heresia, como se dizia no tempo. Pelo contrario, até as paredes estavam forradas com imagens, em que as vestes de S. Sebastião e os martyrios de todas as Virgens tinham um bom logar. Porém, erguendo um pouco o tapete que forrava o chão, ver-se-hia, ao cabo de minucioso exame, uma frincha nas taboas, puxando uma d'ellas, abrir-se-hia um pequeno quadrado, dando-se ao trabalho de erguer as outras, apparecia uma escada de mão. Quem descesse iria dar a um subterraneo no qual seria detido por um homem mascarado que exigia uma senha ao recemchegado e ante a qual lhe abria uma porta que dava para essa immensa sala forrada de negro e onde n'aquelle momento estavam uns trinta homens, todos envoltos em longas vestes negras e em cujos peitos se destacavam emblemas que marcavam os graus herarchicos dos maçons ali presentes.

Sentavam-se em bancadas unidas, e os seus vultos pesados pareciam petrificados, os rostos negros pelas mascaras, negros os corpos, negra toda a sala.

De repente tres pancadas soaram do lado de fóra e todos

aquelles homens se ergueram como tocados por molas; as suas mãos appareceram armadas de luzentes espadas e elles correram para a porta, oede formaram duas alas, unindo os bicos das espadas por sobre as cabeças, formando uma abobada d'aço que annunciava a chegada d'um chefe.

Com effeito n'um homem tambem mascarado e em cujo peito brilhava um triangulo d'ouro e o compasso dos obreiros passou triumphante por sob a abobada e foi tomar logar n'um estrado elevado ao fim da sala, em frente d'uma mesa tambem negra.

Os outros rodaram silenciosos para os seus logares, apenas dois d'elles se collocaram aos lados do mestre que ficava sereno e firme, passeando o seu olhar luzente atravez da mascara, pela assembleia.

E como na reunião dos jesuitas no subterraneo do Carmo, reinou o maior silencio durante alguns momentos, o qual só foi quebrado pela voz do mestre, que bradou:

— Irmãos... Falta aqui um dos nossos!... E sem offensa para ninguem, direi mesmo o mais prestavel de todos... Fallo d'um irmão que se uniu á nossa loja e que recebeu na Russia das mãos do supremo grão-mestre os poderes mais exclusivos! Fallo de Gomes Freire, irmãos, fallo d'esse heroe, unido comnosco contra os manejos jesuiticos! No emtanto a sua falta tem o mais serio dos motivos, trata-se de alguem da sua familia que é necessario salvar e eis o motivo da ausencia d'esse dedicado irmão!...

Um sussurro de approvação se ouviu e logo de seguida um dos homens que estavam nas bancadas se ergueu para bradar:

— Mestre... Está á nossa porta alguem que tem graves revelações a fazer á ordem, grandes auxilios a sollicitar de nós outros! E' um irmão do Grande Oriente de Londres que está em Portugal ha apenas um mez!...

— Que entre... Que entre!... bradaram todos, e o mestre ordenou:

— Que entre!...

Como por encanto a porta abriu-se, e um homem alto, de boa apparencia, vestido de negro, o rosto insinuante onde brilhavam os olhos d'um azul carregado, penetrou na sala. No peito da sua casaca via-se o distinctivo de veneral d'uma loja estrangeira e todos se ergueram na sua presença.

Elle inclinou-se tres vezes; poz a mão no peito, enviou um olhar ao mestre e exclamou em inglez:

— Irmãos... Só no ultimo extremo recorro a vós outros!... Vim a Portugal n'uma missão scientifica e o meu desejo seria leval-a a bom fim sem sollicitar do conselho supremo o auxilio que se deve a todos os irmãos!

— Quem sois? interrogou o mestre, fixando-o.

— Sou o dr. Willis de Londres!...

— O medico da rainha! exclamaram todos olhando attenciosamente o doutor, que continuava:

— Sim, irmãos... Sou o dr. Willis, tratei Jorge IV d'Inglaterra d'uns accessos de loucura e por isso foi chamado á vossa patria afim de dar os soccorros da sciencia a uma pobre cabeça que o peso da corôa enlouqueceu!

«Com effeito, não era desesperado o estado da rainha... Tinha apenas a lypemania com uns leves ataques de delirio da perseguição... Era um pobre cerebro de mulher fraco em demasia para os negocios de estado... Vê-se claramente que o terror do ceu, o medo dos espectros que diz apparecerem-lhe por vezes, partem do trabalho de sapa d'um homem que busca destruir os lampejos de rasão de que por vezes dá provas a pobre rainha! Foi elle que, dia a dia, hora a hora, fazendo ou ordenando crimes que apresentava á sua confessada como castigos do ceu, turbou aquella rasão, é elle que, ainda hoje, por horas mortas, se encerra no seu quarto e lhe falla dos mesmos horrores! Ouvi-o eu, ninguem m'o disse! Eu o ouvi, eu e um pobre bobo que dia e noite fareja o momento de se lançar aos pés de sua ama... E nos seus olhos não se lê a loucura, mostra-se antes o odio ao homem que persegue a pobre soberana... Eu quero cural-a e o preciso para isso é leval-a para longe da influencia nefasta d'esse miseravel, porém todas as calumnias de que que são susceptiveis os vis cortezãos se teem accumulado afim de impedir este remedio supremo e que daria a rasão a D. Maria I... Sim, irmãos, pouco é preciso para curar essa soberana!... O supremo remedio é affastal-a d'esse homem!

— E quem é elle? interrompeu friamente o mestre.

— José Maria de Mello, bispo do Algarve! replicou o dr. Willis.

— O bispo?! Mas é um jesuita!... exclamou de novo o presidente da reunião.

— E' um homem que ou busca uma vingança ou obedece a algum secreto designio! replicou o medico, continuando logo:

— A rainha teme-o; basta proferir o seu nome para que ella solte gritos de louca furiosa!... Prohibi a entrada d'esse homem nos aposentos de sua magestade, sequestrei a todo o convivio e a razão voltava momento a momento em rapido caminhar... Sua magestade já se entregava a trabalhos de agulha, parecia esquecer apenas que era soberana, de quando em quando rezava pelos seus queridos mortos! Veiu-me então o pensamento de a conduzir a Inglaterra, communiquei-o ao mordomo-mór para que falasse d'elle a sua alteza, o regente!

— «Porém no dia seguinte, continuou Willis, o velho e honrado marquez de Marialva, acercou-se de mim e com a voz embargada de soluços disse-me:

— Meu amigo, desista do seu proposito de conduzir a rainha para Inglaterra.»

— «E porquê? interroguei á pressa não comprehendendo aquella commoção.

— «Então o fidalgo narrou-me o que se passava; as accusações que me eram feitas, as intrigas que se desenvolviam contra mim, a serie de infamias que me imputavam e que tinham gerado a recusa do conselho de estado.» Sua alteza quizera ouvir os cortezãos; o seu coração de filho cedeu o logar á sua posição de futuro rei. Não se tratava d'uma mãe como todas. D. Maria de Bragança não era apenas a mãe do regente do reino, era ella propria a rainha de Portugal! E para esses aulicos, uma soberana não sahe assim do seu paiz acompanhada d'um estrangeiro, sobretudo d'um inglez que póde exercer pressão no seu animo!» Como se eu senhores, não fizesse um sacerdocio do meu mister! O bispo do Algarve exercera ainda mais uma vez a sua pressão nos animos e a rainha ficou de novo nas suas mãos. Eu desprestigiado, olhado como um charlatão ambicioso sou vigiado de perto, recebo cartas anonymas em que me insultam, não sei que partido tomar e para vós apello, irmãos!...

E o bom doutor, cançado, offegante, deixava-se cahir na bancada ao mesmo tempo que o mestre exclamava:

— Vê-se ahi a intriga jesuitica, vê-se ahi o dedo dos mesteiraes da Companhia que querem a regencia porque mais facil lhes é dominar um principe que passa metade dos mezes em Mafra, do que

o animo embora fraco d'uma rainha que tem junto de si bons conselheiros como o Marialva e como Martinho de Mello e José de Seabra!

— Sim, é a intriga da Companhia! gritou um outro, erguendo-se. E a ella devemos oppor todas as nossas forças, toda a nossa energia! Não sois d'accordo irmãos que se para curar a soberana é preciso derrubar o bispo que elle seja votado ao nosso odio?...

— Sim... sim... Que o bispo seja apontado como inimigo da ordem!...

— Inimigo do progresso, da luz, da razão, amigo dos jesuitas, o quer dizer amigo da traição, da vileza, do crime, elle o é de ha muito! bradou o mestre continuando:

— Quantas torpezas para subir, quantos crimes para dominar no animo d'essa pobre soberana que enlouqueceu... A alma d'esse Tavora é formada de todo o lodo, de todos os horrores... Torvo o seu aspecto, lugubre a sua consciencia!... Não é o odio de raça que o move, é o desejo do dominio da Companhia de Jesus! E' Tavora e conseguiu a rehabilitação dos seus! Se fosse uma bondosa alma isso lhe teria bastado! Mas não... No fundo da alma d'esse frade havia o odio intenso não a um soberano mas a uma era de liberdade que ia raiar!... Quando ámanhã Portugal, livre das roupetas, prosperar, caminhar de novo, livre e sem peias, quando o seu pavilhão de pequena potencia merecer o respeito dos extrangeiros, a posteridade agradecerá aquelles que souberam impedir o passo aos inimigos da luz!...

— Muito bem!... Muito bem!... gritaram em unisono.

— E somos nós, os pedreiros livres, esses que o paiz hoje accusa de hereges pela voz do intendente da policia, que esmagaremos os inimigos de todas as liberdades!... Não queremos fumentar um cataclysmo como o que revolve n'este momento a França! Não... não queremos o sangue derramado... O nosso fim é outro!... E' a destruição dos inimigos da liberdade que são os jesuitas!... Elles tem por condição a torpeza, por fim a infamia, por armas a perfidia e a ignobil traição... Ferem os que lhes são antipathicos, os que os incommodam no mais intimo do peito... O seu odio persegue seculos a fio familias!... José de Tavora é jesuita, elle n'este momento exerce uma grande pressão no animo da rainha, vae matal-a... Que fazer irmãos?! Resolvei, vós outros que bem ouvisteis as palavras do dr. Willis!...

O mestre callava-se e ainda como na reunião do convento do Carmo, viam-se todos aquelles vultos moverem-se, escreverem á pressa os seus votos e os seus nomes, atiraram-nos bem dobrados para o fundo d'uma caveira que servia d'urna e a qual o mestre como o dominicano da reunião jesuitica, agitava.

Os dois secretarios tomavam notas, os seus rostos eram impenetraveis sob as suas caras e diziam por fim algumas palavras ao mestre, que tinha falado sempre:

— Dr. Willis, dissera elle, recolhei ao paço, tratae a rainha, encontrareis apoio em alguem, cumpri até ao fim a vossa missão!

O doutor curvara-se de novo n'uma saudação e depois com toda a fleugma exclamava:

— Conto comvosco!... e sahira rapidamente.

Mal o seu vulto transpoz a porta, ouviu-se de novo a voz do mestre bradar:

— Irmãos... Por trinta votos, o bispo do Algarve, José Maria de Mello, está condemnado á morte pelos delegados do Grande Oriente aqui reunidos!

Ouviu-se um sussurro de approvação e logo em seguida um brado unanime:

— A eleição! A eleição!...

— Irmãos, exclamou o mestre, é necessario excluir d'essa votação os nomes dos que partem no exercito ámanhã de madrugada...

— E quem são elles? bradou uma voz.

— Gomes Freire e Alorna!... Sim, amigos, não pudemos ter a honra de prestar um serviço tão relevante á ordem!...

— Pois bem serão excluidos os vossos nomes!...

Agora um dos secretarios revolviam a caveira onde estavam os votos assignados e o outro preparava-se para escolher um ao acaso.

Reinava um silencio de morte; todos aguardavam o nome do escolhido e viam o secretario empunhar um dos papeis e ouviam-no bradar:

— Irmão, Vasco de Miranda, vós sois o escolhido para assassinardes o bispo do Algarve!...

Então um dos homens se ergueu e exclamou:

— Quereis ceder-me o vosso logar, Vasco de Miranda?

O amigo de Gomes Freire, olhou o outro e retorquiu:

— Sois vós a unica pessoa a quem não posso negar tal pedido!... Ireis Luiz de Barredo, sereis voz o algoz d'esse miseravel!

E logo o antigo fr. Fabricio, esse homem que os jesuitas tinham outr'ora impellido ao crime, clamou:

— Agradeço-vos Vasco!... Chegou para mim o momento de tirar a vingança de toda a Companhia de Jesus!...

— E sobretudo d'esse bispo que tanto perseguiu o teu pobre irmão!... murmurou o outro.

— Inventando calumnias que tu desfizeste ao narrares-me como minha mãe encontrou acolho nos braços de teu pae, amigo do progenitor de Gomes Freire!... Todos tres irmãos, todos tres perseguidos por esses miseraveis a algum de nós caberia a desforra!...

— Sim e na nossa familia apenas um que está longe deixaria de acceitar esse encargo!

— Sim falaes de teu irmão, Luiz!...

— Assim é!...

— Pois eu terei por dois o odio que elle não tem!...

Tinham falado sempre assim a meia voz, e agora os vultos sombrios dos pedreiros livres, iam sahindo pouco a pouco, evacuando a sala.

Na rectaguarda d'ambos ouviram então uma voz dizer:

— E agora, amigos, ainda ha um outro dever a cumprir!...

— Qual?! interrogaram elles ao verem que quem lhes falava era o proprio mestre que pessoa alguma ali conhecia.

— O de irdes ainda em soccorro de Gomes Freire que pode precisar de alguns braços d'aqui a momentos!

— E onde se encontra elle?! perguntaram os outros n'um sobresalto.

— Em Belem!...

— Com quem? interrogaram de novo.

— Com seu primo Nuno!...

— Mas corre algum perigo? exclamaram pasmados.

— O perigo a que está sempre exposto um homem generoso, bom e esforçado!...

— Iremos n'esse caso...

— Eu já o sabia... Eu vos acompanharei amigos! bradou elle n'outro tom de voz e arrancando a mascara, além em presença dos dois rapazes que estavam sós na sala.

—O mestre!... O marquez d'Alorna! exclamaram por seu turno deveras admirados.

—Silencio e partamos! exclamou elle afivelando de novo a mascara e enfiando pelo corredor sempre seguido por ambos.

A noute estava escura, era uma d'essas horas da traição e todos tres tiveram um estremecimento ante a recordação de Gomes Freire que se encontrava talvez em perigo.

XXX

O embaraço do regente

ARLOTA Joaquina, sósinha e a pé, penetrava nas viellas tortuosas que do paço iam dar ao jardim botanico, e fôra bater á porta de mestre Jacques que exclamava ao ver a dama embuçada com cuja visita já contava:

— Podeis passar, senhora!...

E affastava-se a ceder o logar á princeza que entrava por fim na casa e lançava um olhar em torno como a assegurar-se que o esposo ainda não chegára.

Mestre Lebon, apontou-lhe o quarto onde ella se devia occultar, e esfregando as mãos cheio de contentamento dirigiu-se para o pequeno pateo que ficava na rectaguarda da sua casa, dizendo ao vêr-se ali:

— E' tempo de prevenir sua alteza!...

— Escusado, mestre, eu apenas aguardava a vossa presença!... murmurou a voz pastosa do principe.

Occultos na folhagem para lá do muro, os vultos dos homens d'armas harmonisavam-se com o escuro e mestre Jacques, bradava:

— Vós, meu senhor?...

— Eu mesmo... Segui as tuas indicações com respeito a D. Ramiro... mandei que me aguardasse no pateo das damas... E ali ficará, descança! volveu o principe com uma risada, accrescentando: Tanto mais que o encarreguei de vigiar a morada d'uma das açafatas...

— Entrae... entrae, meu senhor!... tornou então o francez

nclinando-se a deixar passar sua alteza e conduzindo-o de seguida para o seu proprio aposento.

D. João, deixou-se cahir offegante sobre a cama do mestre de armas, e começou a pensar n'essa extranha aventura em que se mettera.

Esse principe, já gordo e pesado, embora estivesse no vigor da mocidade, não era feito para semelhantes emprezas. Habituado desde muito novo ao convivio dos frades de Mafra com os quaes seu pae D. Pedro III o pozera em contacto, seguia agora essa carreira de semi-aventureiros, mercê da necessidade imperiosa de distracções que não encontrava no matrimonio nem na vida pesada de dirigir povos.

Foi com um suspiro que começou a despir o traje habitual e a vestir o que enviara do paço.

Mestre Jacques, pediu venia a sua alteza para penetrar no aposento, tomava os vestidos do principe e d'ahi a momentos apparecia n'aquelle traje que condizia bem com a sua estatura e obesidade semelhante á do regente; este ficava agora no seu traje claro de que fazia um disfarce, elle que de habito usava sempre as côres severas.

Tinham batido as dez e meia no relogio d'Ajuda.

Soaram duas pancadas na porta e a mulher de Lebon correu a abrir.

Carlota Joaquina estremeceu no seu esconderijo e nos seus labios appareceu um sorriso de satisfação.

E' que dois vultos nos quaes julgou reconhecer Alorna e Gomes Freire, acabavam de penetrar na sala.

Ficaram embuçados a olharem *madame* Lebon que dizia, bem instruida por seu marido:

— Aguardae-me, senhores... e correu a prevenir o mestre de armas que se dirigiu para o quarto que deitava para a rua e onde devia ter logar a scena.

Era um aposento quadrado, mal mobilado, com algumas cadeiras de couro e com uma mesa de pés torneados sobre a qual estava pousado um candieiro de tres bicos, das paredes pendiam dois maus quadros representando os donos da casa, e o chão era forrado por um mau tapete já no fio.

Madame Lebon, voltava e dizia para os dois recemchegados:

— Olhae para esse aposento!... Porém, sêde prudentes...

Acercavam-se lentamente, olhavam para o interior do quarto e viam apparecer a amada de Nuno Freire, na face da qual e de costas para a porta estava o mestre d'armas vestido no traje de sua alteza. Conversavam, porém os recemchegados não podiam ouvir as suas palavras.

Gomes Freire, pois era elle que além se encontrava com seu primo, fizera-se pallido julgando reconhecer o principe no interlocutor da joven, apertava com força o braço do cadete e murmurara:

— Silencio!...

Porém Nuno Freire, mal continha a sua impaciencia, olhava fixamente a amada, sentia impetos de correr a abraçal-a e ao mesmo tempo tomado d'um indeciso ciume, empallidecia ao vêr que o desconhecido continuava a acercar a sua cadeira, conversando sempre em voz baixa com D. Etelvina.

Da rua não chegava o menor ruido; alli reinava o menor silencio.

Carlota Joaquina, espreitava á porta do quarto onde se occultara, sorria cheia d'intimo jubilo pela scena que ardilosamente preparara e esperava apenas o momento de poder justificar-se em frente de Gomes Freire.

Porém elles continuavam tranquillos, quasi abraçados um ao outro, os dois primos, achavam deveras extraordinaria essa conversação d'aquelle individuo com essa joven que na realidade parecia encantada e que sorria.

E' que mestre Lebon, fallava-lhe de seu pae, dizia-lhe que dentro em pouco seria posto em liberdade, em virtude do empenho que sua alteza mostrava por ambos.

Etelvina, louca de jubilo, murmurava então:

— E poderei partir então com elle? Poderei ir para a minha casa?

— Mas certamente... certamente... volvia o mestre d'armas com um sorriso extranho que ella não via tal era o seu contentamento.

D. João, analysava tambem a scena, olhava esses dois vultos que estavam de costas para a porta do aposento onde elle se escondia e não conseguia vêr Etelvina.

Para elle era cada vez mais mysterioso o que se passava; não

comprehendia o intuito de D. Ramiro introduzindo ali aquelles homens que pareciam deveras interessados no que se passava.

Porém Nuno Freire, deixava o seu posto de observação, vinha até meio da casa, desembuçava-se bem como o coronel e sua alteza recuava e escondia-se murmurando:

— Meu Deus... Elles... Oh! Era sem duvida uma cilada!...

Agradecia então n'uma fervorosa prece a Deus a idéa do mestre d'armas, dizia comsigo que tudo havia a esperar de semelhantes homens e ouvia Nuno Freire bradar no auge da cólera:

— Não posso mais, meu primo... Isto é uma infamia!...

— Por Deus, Nuno... Aconselho te resignação... Só duas pessoas no mundo poderiam ser culpadas do rapto de Etelvina... E agora já sei o que queria saber.. Vamos!... e ia dirigir-se para a porta conduzindo comsigo o primo quando este exclamou deveras irado:

— Impossivel, meu primo, eu não posso sahir d'aqui sem ter morto aquelle homem!...

— Desgraçado? E sabes acaso a quem terias de matar?... bradou o coronel rapidamente.

— Que importa?! Póde ser um grande da côrte que para mim não passa d'um vil!...

— Nuno!...

— Meu primo!...

— Ordeno-te que esqueças essa mulher! Vem... Teu pae no meu caso, dir-te-hia o mesmo... e buscava sempre arrastal-o para fóra da casa, ao passo que elle perdendo toda a serenidade gritava d'esta vez em voz bem alta:

— Preciso castigar semelhante audacia!

— Alto, senhor... exclamava então a voz de Carlota Joaquina, ao mesmo tempo que a princeza apparecia rapidamente, bem certa de não ser reconhecida pelo amante. Só eu tenho aqui o direito de exigir contas!

E como louca, correu para o interior do quarto onde a joven se encontrara, sempre seguida por Nuno e por Gomes Freire, deveras admirados de semelhante interrupção.

— E' assim que vossa alteza cumpre o seu juramento de fidelidade conjugal! bradou Carlota Joaquina á entrada do quarto em voz terrivel.

— Senhora, que dizeis?! exclamou Jacques Lebon voltando-se e apresentando a sua caratonha vermelhaça aos olhos de sua alteza que recuava espavorida.

— Vós...? vós?... E com o fato do principe?!...

— Uma dadiva de sua alteza, o regente, ao seu humilde servo, volveu elle com uma grande cortezia.

D. João, no seu esconderijo, ouvia agora distinctamente o que se passava e a custo continha o riso ante a preplexidade da princeza.

Etelvina da Gama, correra para Nuno deveras surprehendida e bradava:

— Nuno... Oh! Tu?!...

— Senhora... O vosso procedimento!...

— Nuno... Juro-te que não sou culpada!...

Carlota Joaquina, lançou-lhe um olhar repleto de odio e exclamou por sua vez, dirigindo-se ao mestre d'armas:

— E' debalde, mestre Lebon, que buscaes encobrir meu esposo... Tudo o indica, desde esse trajo á scena que preparasteis... Tenho a completa certeza que o regente vem a esta casa no intuito de se encontrar com a pessoa que n'ella guardaes!

A princeza voltava-se e o seu rosto apparecia agora em plena luz.

Confundida, cheia de raiva, sentindo referver-lhe no coração o mais intenso odio, buscava separar para sempre Nuno d'essa mulher que temia como rival.

Porém o mancebo reconheceu a sua amante n'essa princeza que tão indignada se mostrava e, fixando-a franca e abertamente, exclamava:

— Vós?! vós... a esposa do regente!...

Olhou-o serenamente, fez um gesto imperioso e ordenou ao mestre de esgrima:

— Sahi d'esta sala, senhor... Levae comvosco a amante de meu esposo!

Atirava assim aquelle insulto á joven, via que Nuno se tornava livido e ao reparar em que mestre Jacques sahia, conduzindo comsigo a joven, voltava-se para Nuno e dizia-lhe:

— Eu sim... eu!...

— Oh! Nunca o julguei!... titubeou o cadete, vermelho de

vergonha, ao mesmo tempo que a princeza, dirigindo-se a Gomes Freire, começava:

— Senhor, e vós quereis acreditar agora na minha innocencia?!

O coronel baixou a cabeça e não se atreveu a redarguir.

— Sim, parece-me que não podeis inculpar-me do rapto d'esta joven... volveu de novo a princeza. Parece que não seria eu quem arranjaria as amantes para meu esposo. E vedes bem, vós e Nuno que o disfarce d'esse vil mestre d'armas indica apenas que o meu segredo foi descoberto... Sabia do amor de sua alteza por D. Etelvina, quiz convencer-vos, mostrar-vos a realidade dos factos, porem alguem, talvez um d'elles, espiões que vivem nos corredores do paço, tudo descobriu e preveniu o principe que ordenou ao seu amigo, o francez, para me deixar livre a passagem!...

Estava deveras colerica ao fallar assim, indignava-se pouco a pouco ao ver que os dois homens continuavam silenciosos e buscando armar á sua piedade, continuou:

— Gomes Freire, coronel... Eu sei bem quanto vos devo para desejar merecer o vosso odio!... A ultima vez que estivesteis na minha presença, sahistes deveras formalisado com o que julgaveis a minha acção!...

— E agora peço-vos desculpa das minhas palavras!... disse o coronel vendo que na realidade o disfarce do mestre d'esgrima encobria qualquer cousa, sentindo-se quasi certificado do amor do principe pela joven.

— Eu vos perdôo, coronel, disse ella deveras radiante. Jamais esquecerei o serviço prestado á vendedeira...

Nuno, estava agora muito pallido ante tantas scenas inesperadas e começava a sentir uma grande repugnancia por essa princeza que descia á praça publica com os seus disfarces, para n'elle escolher os amantes.

Carlota Joaquina, continuava:

— E vós Nuno, comprehendeis agora a perfidia d'essa mulher?

— Senhora...

— O que, ainda duvidaes? bradou ella tornando se vermelha de colera.

— Espero que Etelvina se justificará!

— Vós?!

— Sim, alteza real!... tornou com serenidade o mancebo.

Eu, que n'este momento estou deveras compungido por todos estes acontecimentos! Vejo só agora porque meu primo foi ao paço... Sem duvida reconheceu em vossa alteza a mulher que estava commigo na locanda do Neutral, julgara por conseguinte que tivesseis sido a culpada do succedido a Etelvina... Ah! meu primo nunca vos perdoarei, o terdes callado a alta qualidade de pessoa com quem me encontrava. E não vos perdoarei, porque se tivesse sabido tudo isso não viria aqui!... E' triste na verdade, que eu, um simples cadete, affastado da côrte, esteja agora em frente de semelhante sucesso, que n'elle tome parte!

— Nuno...

— Sim, meu primo, agora que sei o nome do amante de Etelvina, como quereis que ame o meu rei? gritou elle no auge na colera, accrescentando: E' elle o unico homem que poderei poupar!... Outro morreria ás minhas mãos!... Podeis dizer que estou vingado por ter possuido o amor d'uma princeza, esposa d'esse mesmo principe que me roubou o amor de Etelvina!... Mas sabei que não acho sufficiente!... Essa vingança nem merece tal nome!... Eu julgava-me apenas o amante d'uma vendedeira!... Hoje mesmo deixarei o exercito!... Um Freire de Andrade não serve aquelles que o insultam!

Carlota Joaquina, estava livida de terror ao ouvir o mancebo fallar assim e, ao vêl-o dirigir-se para a porta cheio de dignidade, bradou em voz commovida:

— Nuno!...

— Senhora... Deixae-o: a mocidade é impetuosa!... Sahimos d'esta casa conscios da vossa pureza em tal negocio, porém levaremos comnosco a certeza d'um attentado praticado pelo unico homem que não pudemos punir!

— Sr. Gomes Freire... exclamou então D. Etelvina apparecendo ao olhos admirados dos actores d'esta scena, e cahindo aos pés do coronel. Escutae-me!...

— Erguei-vos, senhora!... disse com grande pena, o heroe, olhando a joven que chorava, ao passo que Nuno recuava cheio de desespero.

Carlota Joaquina, de pé, em ira sempre crescente, fixava a joven e estremecia ao ouvil-a dizer:

— Não culpeis sua alteza real, o regente

....

— E' então sobre vós que recahirá a culpa, não é assim, senhora? exclamou a princeza dirigindo-se-lhe abertamente. Foi então a ambição que vos moveu a acceitardes o amor de meu esposo?!

A joven fez-se vermelha de pudor ao ouvir semelhantes palavras, baixou a cabeça, e ficou como paralysada em frente d'essa princeza que a accusava.

— Vamos... Fallae!... gritou Carlota Joaquina com intensa colera no olhar e no gesto.

— Sim, fallae, Etelvina, explicae-nos a vossa presença n'este logar!... disse por seu turno o coronel.

— E' escusado! atalhou Nuno Freire, é escusado!... Todos o sabem! Não soubestes resistir ao amor d'um principe, acceitastes as offertas, esperando que eu voltasse da guerra para onde devia partir ámanhã vos acceitaria manchada, sahida d'um leito real! ..

— Nuno!... bradou ella excessivamente pallida e cahindo nos braços do coronel que deveras commovido a amparava.

— Ah! E' demais, e não puder mostrar a esse homem a tacita confissão que tal mulher faz com o seu silencio! bradou o cadete enfurecido. Não poder dizer-lhe face a face: «Senhor... Eu tinha uma noiva na qual depositava todas as minhas esperanças, todos os meus desejos... Era bella e appetecestes o seu corpo, roubastes essa joven ao carinho dos seus, fizestes d'ella a vossa amante, ao mesmo tempo que buscaveis affastar para longe o homem do qual ella se tornaria esposa; a vossa acção é infame!... Era um subdito, um dos mais humildes, dos mais ignorados, que importa isso para um futuro rei?!... Ah! A vida que nós damos nos campos da batalha em defeza d'um rei nada é, nada vale, cumprimos a lei de nossos paes quando nos deixamos matar, mas a honra, a dignidade, que nos roubam, embora o ladrão seja um principe, é muito, é tudo, porque é a unica coisa que possuimos de sagrado!... E eu fui ferido na minha honra, recebi de vós um profundo golpe no coração... Pois bem, soldado em frente do seu chefe, subdito em face do seu rei, eu vos desafio, eu vos desafio!...»

E o mancebo, no auge da colera, gritava aquellas palavras deveras perturbado ante o silencio da sua noiva, de seguida continuava:

— Oh! E no emtanto nem isso posso fazer... Seria o primeiro Freire de Andrade rebellado contra os seus reis, seria o primeiro

fidalgo que vingaria a sua honra ultrajada, fal-o-hia não n'uma emboscada como os Tavoras, mas face a face, bradando: «Sois um um vil, senhor regente...»

— Nuno!... bradou o coronel admirado d'aquellas palavras, de semelhantes insultos.

Mas, n'este momento, Etelvina da Gama recuperava o uso da palavra e bradava:

— Nuno, as phrases que soltaes seriam bem cabidas se acaso tivesseis a certeza das vossas accusações!

— E' acaso licita a minima duvida? exclamou elle sempre no mesmo tom colerico.

— Sim... Eu não sou a amante de sua alteza!... Devo-lhe antes um serviço!... Sou antes a sua protegida... Fui arrancada por elle d'um convento onde me queriam encerrar!

— Mentis!... volveu o mancebo na mesma raiva.

— Não minto nunca, Nuno!... tornou na sua grande tranquillidade. E para que mentir agora, se vejo que perdi o teu amor?

Carlota Joaquina, tremia cada vez mais ao escutar essas palavras, ao vêr que ia ser destruida toda a sua obra; no emtanto buscava sempre uma occasião favoravel para desmentir aquella mulher que ia dizendo sempre, tendo os olhos rasos de lagrimas:

— Estava em casa com meu velho pae, quando os esbirros nos levaram... A mim para um convento, a elle para um logar que desconheço!

— Ah!... Foi então esse homem que tal ordenou! gritou o cadete no cumulo da colera.

— Não... Sua alteza, como já disse, arrancou-me do convento para onde me conduziram...

— E onde elle se encontrava?

— Sim...

— Foi bem preparada a scena! gritou então Carlota Joaquina, aproveitando a confissão da joven. Meu marido queria passar por vosso salvador!... Desejava assim merecer a vossa gratidão!... Era a melhor maneira de vos seduzir...

A joven, curvou a cabeça por seu turno, não se atrevendo a retorquir á accusação da princeza.

Porém, ao cabo d'algum tempo, dizia:

— Sua alteza nunca me fallou d'amor!...

— Aguardava para isso a occasião que eu soube evitar!...

— E que eu vos agradeço, senhora, porque d'este modo Nuno Freire terá a mais pura das noivas, uma mulher que nem mesmo dos labios d'um principe escutou uma confissão... A sua noiva será assim mais digna do que a minha propria esposa, porque essa, embora disfarçada em vendedeira, já tem descido ao amor de outros homens!

Todos recuaram assombrados ao verem o principe D. João, que ao acabar de pronunciar estas palavaras na mais digná das attitudes, accrescentava:

— Nuno Freire, podeis conduzir essa joven e sabei-a tão pura como quando para aqui a conduzi!... Se ha pouco não respondi ao vosso desafio, respondo agora á intriga!... O regente que alcunhaveis de vil só póde vingar-se d'um subdito enviando lhe os seus officiaes de justiça, o homem, esse perdoa porque é, como vós, uma victima!

Fazia dó esse pobre principe, certo agora da traição da esposa e ao qual ninguem se atrevia a responder.

Elle continuava para Gomes Freire:

— E vós, coronel, não procurareis saber de onde partiu o golpe. guardae-vos de tal... Ha coisas que ninguem deve penetrar e que eu proprio quero deixar no olvido!...

— Meu senhor... balbuciou o heroe.

— Acreditaes na minha palavra, não é assim? Pois, por ella vos juro que Etelvina está pura, por ella vos juro que não ordenei a sua prisão nem a de seu velho pae que lhe hei-de restituir!...

Etelvina, encostara-se ao braço do noivo, que estava livido, Gomes Freire começava a perceber toda a intriga, Carlota Joaquina ficava como confundida e o principe, sempre do mesmo modo triste, exclamava dirigindo-se á esposa:

— Senhora, apesar de tudo, é no paço o vosso logar!...

E sem lhe offerecer o braço conduziu-a para a porta no auge do desespero.

— Foi ella! murmurou Gomes Freire ao vêl-os sahir.

— Sim... Foi ella!... assentiu Nuno, dizendo para a noiva: Vamos... Teu pae ser-te-ha restituido.

Mestre Lebon estava desesperado a chorar sobre o leito, murmurando:

— Ah! que me perdi de vez!...

E D. João, na rua, ao lado da esposa, que não se atrevia a pronunciar palavra, dizia:

— Vinha para conhecer os meus inimigos, para os castigar... Encontrei minha esposa, soube positivamente das suas traições... Deixarei para outros o castigo, para ella apenas terei o desprezo!

— João!... balbuciou emfim a adultera buscando commovel-o, sentindo-se derrotada.

— Chamae-me regente, senhora... O esposo desappareceu para dar iogar ao principe!...

E elle julgava fallar verdade ao pronunciar semelhante sentença, não contando com os artificios da hespanhola que se via obrigada a começar de novo a sua obra de dominio.

Caminhava agora silenciosa ao lado do marido que meditava tambem; e quando entraram no paço, cada um d'elles no seu aposento, deu a mesma ordem.

— Chamae, o conde d'Alva!...

Gomes Freire com Etelvina e D. Nuno sahiam do Jardim Botanico e encontravam tres homens embuçados que se lhe dirigiam:

— Amigos!! exclamou o coronel deveras enternecido ao reconhecer, Alorna, Vasco de Miranda e Luiz de Berredo,

— Estaes livres, não é assim?!... perguntou o marquez com grande pressa.

— Pelo menos por hoje, meu amigo!... replicou o heroe começando a narrar o succedido ao seu camarada.

A noute ainda não terminara, quando D. Ramiro chegou a presença do regente.

O fidalgo, entrou esbaforido, curvou-se ante sua alteza e exclamou:

— Tenho estado no pateo das damas aguardando vossa alteza!...

E no intimo, o conde d'Alva rejubilava ao vêr o semblante carrancudo do principe, julgando que tudo sahira ao contento de Carlota Joaquina desde que pagara a mestre Lebon de cuja traição não suspeitava sequer.

O regente, teve para elle um ollhar tranquillo, socegado, e na sua voz pastosa interrogou:

— Tens um posto no exercito, não é assim, Ramiro?

Admirado de semelhante pergunta, o fidalgo, balbuciou:

— Sou tenente das vossas guardas, meu senhor...

— Ah!... E' que já não te vejo fardado ha muito tempo...

D. Ramiro, sentiu então que sua alteza ia talvez recompensar com uma nova patente os seus serviços, comprehendeu que não lhe imputava as culpas do desastre preparado e mostrou uma physionomia radiante.

Sua alteza continuava:

— E' que desejo, sim, tenho prazer em ver a tua figura com um uniforme! E's homem esbelto, Ramiro, deve dizer-te bem a farda de tenente de infantaria do regimento Gomes Freire para o qual te nomeio!

— Meu senhor, vossa alteza espulsa-me?! exclamou o conde d'Alva n'um desvairamento.

— Qual!?!... Quero apenas dar-te o ensejo de morreres ou de distinguires n'um serviço bem differente do que tens feito até hoje... Olha, gente para bordo... A expedição vae-se ao romper d'alva...

E o regente muito satisfeito com o trocadilho em que mostrava romper sempre de vez com o conde, estendia-lhe a sua nomeação.

— Mas, meu senhor...

— Que queres, tenho este desejo!...

— Mas...

— Partireis... ordenou o regente apontando-lhe a porta e voltando-lhe as costas com grande desplante.

O conde d'Alva ia sahir, via que todo o seu futuro se derrocava, comprehendia onde o tinha levado o seu desejo de vingança, que o collocava agora ás ordens do seu mortal inimigo e n'uma patente deveras inferior para elle que gosava da confiança d'um principe e no cumulo do desespero, murmurava:

— Oh! Oh!... D'este modo só me resta assassinar esse infame e morrer de seguida!...

Agora ouvia a seu lado a voz de D. Antonia de Mello que lhe dizia:

— Senhor conde, sua alteza, esperava-vos.

— A princeza?!... Oh!... Não me lembrava. E' um supremo recurso!

E começava a caminhar rapidamente para os aposentos de Carlota Joaquina.

Ella, recebeu-o de pé, excessivamente pallida, toda agitada pela scena que se passava e ao vel-o entrar, exclamou:

— Sois, marquez, sem duvida, senhor?!

D. Ramiro, deu um salto para traz e bradou:

— E' vossa alteza que m'o diz?! Ah! o vosso promettimento...

— Conde d'Alva, basta de disfarces! Sois um traidor... Hoje mesmo sahireis do paço apesar de todas as ordens que vosso amo possa dar em contrario!...

— Não comprehendo, vossa alteza, senhora!... titubeou elle como se visse o mundo a desabar sobre a sua cabeça, tornando-se extremamente livido.

— Pois eu vos elucido, senhor! clamou a princeza n'um tom tão ironico, como sua alteza, o regente, fallara ha pouco:

— Expuzeis-te-me ao peor dos desaires!

— Entrando em casa de mestre Lebon por vosso conselho no intuito de confundir o regente, no fim de mostrar a Nuno Freire como a sua amada se portava para com elle, sabeis o que consegui?

— Mas sem duvida os vossos intentos... exclamou o conde lembrando-se bem da paga do principe.

— Sim, os meus intentos!... casquinou a hespanhola n'uma risada sarcastica, accrescentando logo:

— Se os meus intentos eram descobrir as sahidas nocturnas que tenho feito, se os meus desejos eram decahir no animo do principe, se devia em vez d'uma victoria trazer para o paço uma derrota, consegui tudo!... Mas se desejava fazer de Nuno Freire, o peor inimigo d'essa Etelvina da Gama, se procurava esmagar o regente, então só tenho a dizer-vos:

— Conde d'Alva, servisteis bem vosso amo quando ordenasteis a Lebon que envergasse o fato do principe para me obrigar a apparecer! Tendes boas ideias, senhor conde e antes devereis ser o auctor das farças do theatro do Salitre do que o confidente de principes!...

— E' por isso que a Deus o juro, obrigar-vos por todos os meios a sahirdes do paço...

Então D. Ramiro, todo agitado, todo commovido, volveu em voz tremula:

— E' escusado a violencia, minha senhora e ama, de sua alteza, o regente eu tenho ordem de deixar a côrte!...

Carlota Joaquina, soltou um grito de pasmo e interrogou logo no seu ar sarcastico:

— Ah! Da-vos uma embaixada! E para onde, senhor conde? Escolhei a de Hespanha que talvez vos utilise!

— Senhora... Eu tenho de partir hoje mesmo, d'aqui a horas na frota que vae para o vosso paiz...

— Como embaixador?!

— Não, senhora, como tenente do regimento Gomes Freire!...

— Vós?! bradou espavorida a princeza. Ah! Quer dizer que meu esposo vos entrega ao inimigo... E' habil, deseja captar sympathias...

— Mas, alteza real eu não sou culpado!...

— Desteis-lhe até a victoria!... tornou a hespanhola no seu tom de ironia.

E depois, d'um modo onde ia toda a sua colera, bradou:

— Mas parti... parti... Recebesteis a melhor lição que vos podiam dar! Meu caro conde d'Alva, sereis reduzido a vidro moido nas mãos do vosso coronel! .. Sua alteza, vinga-me... Oh? Agradecer-lhe hei, descançae!

— Mas senhora, eu juro-vos que cousa alguma percebo de tudo isto!...

— Vejamos, D. Ramiro, acaso não combinasteis com sua alteza tudo o que se passou? perguntou ella, um pouco interessada em desvendar todo esse mysterio. Não deixeis de fallar verdade... Sabei que estou sempre disposta a perdoar...

E a hespanhola era mais ironica do que nunca ao falar assim.

— Senhora!... Por Deus, vos juro... Eu apenas consegui do Lebon que nos deixasse livre o logar e que deixasse Gomes Freire penetrar em sua casa!...

— Pois bem... Porem alguem houve que avisou o principe!... Por essa ordem de partida eu vejo que na realidade, sua alteza, ficou descontente com o vosso serviço!

— Falaes d'um aviso a sua alteza?!... Oh! foi elle...

— Mas quem?...

— Esse maldito francez... Outra pessoa nunca o poderia fazer...

— Ah! Tendes razão!... Elle... elle... Mas n'esse caso sabia quem devia ir a sua casa... Quiz mostrar a sua fidelidade ao principe e preparou a scena!... Pois esperae pela recompensa!

Carlota Joaquina, mostrava-se agora bem uma mulher de resoluções extremas ao fallar de tal modo, encarava o tenente e dizia-lhe:

— Em todo o caso, fosteis imprudente... Não devieis ter exigido de tal homem uma cousa tão melindrosa a não ser com as mais infinitas precauções... Parti pois na frota, não tenho agora o minimo valimento, graças a este meu negocio, D. Ramiro...

— Senhora! E acaso posso ficar ás ordens do homem que mais mortalmente odeio?... interrogou elle como louco.

Carlota Joaquina, baixou a cabeça e redarguiu:

— Do homem, que como seu primo e Alorna, sabe d'um acto que deve esquecer!...

— De que falaes, senhora? interrogou á pressa o conde.

A princeza, teve um dos seus terriveis sorrisos e volveu:

— Não queiraes tambem, conde d'Alva, serdes sabedor de segredos em demasia!

— Mas, alteza real.

— Ouve... Basta apenas que saibas o seguinte:

— Passou-se entre mim, Gomes Freire, Alorna e um cadete de nome Nuno Freire, uma scena que teve o seu *desideratum* esta noute e em face das primeiras e da ultima pessoa que nomeei!... Sabem demais... Ouviram dos labios do meu esposo, as palavras com que se declarou sabedor d'uma cousa grave... E' a honra de meu marido que velo quando te afianço Ramiro e d'esta vez para sempre Associo-me á tua vingança!...

— Senhora, sabia que não deixarieis de vingar o vosso servo...

— Vae Ramiro... Dou-te o direito de assassinares esses homens se fôr preciso!... exclamou ella em voz rouca, tomada de desejo de fazer desapparecer todas as testemunhas do seu adulterio. Mas pareceu reflectir, a imagem do cadete, appareceu-lhe, teve um sorriso e já n'outro tom disse ao conde:

— Entrego-te Alorna e Gomes Freire!... Poupa-me no emtanto, Nuno!

O conde d'Alva temendo tornar-se sabedor de mais scenas, tendo ainda nos ouvidos as ameaças d'essa mulher exclamou logo:

— Assim farei!...

— Ouve... Serás um dos ajudantes de Forbes... Eu assim o quero!...

Sentava-se á secretaria, escrevia rapidamente algumas palavras, entregava o bilhete ao conde e dizia-lhe:

— E agora já não estarás ás ordens do teu inimigo!...

— Do mal o menos... tornou elle sorrindo e curvando se a beijar a mão de sua alteza que murmurou:

— Vae... Quero ter sempre noticias dos teus successos... A' volta já eu serei a unica rainha! concluiu em tom deveras extranho, accrescentando:

— E então nada deterá os meus desejos!... Felicidades, conde de Alva!...

Ao vel-o sahir, essa mulher que sentia bem ainda as palavras do esposo e os olhares despresadores em que Gomes Freire e Nuno a tinham envolvido exclamou:

— Margarida de Borgonha, destruiu os amantes, emudecia-os para sempre!... Eu dos meus não receio, faço-os escravos!... Mas as testemunhas dos adulterios reaes não devem existir!...

Chamava então Antonia de Mello que se acercava toda submissa, como costumava nos dias em que sua ama não lhe sorria e ordenava-lhe:

— Previne o João dos Reis que preciso d'elle... Que venha amanhã á hora do costume...

— Mas é que, minha ama, o almoxarife do Ramalhão, está ali!

— E ha muito? interrogou a princeza n'um sobresalto.

— Desde que vossa alteza voltou...

— Ah! Ignora a minha sahida?...

— Sim, alteza...

— Pois que entre... ordenou de novo, tendo no olhar um brilho extranho de desejo e de raiva, de amor e de odio.

Ouviram-se passos mal abafados pela alcatifa e um homem appareceu á entrada do aposento.

XXXI

O almoxarife

almoxarife do Ramalhão, João dos Reis, era um homem dos seus vinte e quatro annos, alto, espadaudo, de grandes olhos castanhos que conduziam com a côr dos seus cabellos sem pós. Lia-se n'aquelle rosto toda a energia selvatica do aldeão que sente dia a dia a sahida da sua pessoa para o mundo superior.

Mostrava-se bem na sua attitude em que havia um certo desejo de ser notado, a visivel preoccupação de intimidar pelos modos bruscos, á mulher que tinha na sua frente e cujo fundo de perfidia desconhecia.

Via n'ella, apenas uma amante diversa das outras mulheres que conhecera até então, d'essas raparigas do campo que se lhe tinham entregado sobre feixes de palha. Para elle, a princeza representava um ser que tudo póde dar, mas ainda assim dominavel.

Ficava além á entrada do aposento, conscio do seu predominio sobre ella, a encaral-a d'uma fórma extranha.

— João, approxima-te !...

— Que desejas de mim, para assim me receberes tão promptamente? interrogou elle com certa rudeza.

E como Carlota Joaquina, o encarasse por sua vez, o almoxarife do Ramalhão, que de simples moço de estribeira chegara á sua situação actual e que se tornaria mais tarde capitão-mór de Cintra, continuou:

— Sim... Ha tres noutes que venho consecutivamente e a tua porta tem estado fechada para mim!... E no emtanto, lembra-te, Carlota, que entre nós não devem existir taes prejuizos...

— João... murmurou de novo a princeza deveras intimidada por aquelle tom brutal e aggressivo.

— Vamos... Que desejas de mim? Bem sabes que sou teu escravo! volveu com certa raiva, deixando-se abraçar pela hespanhola que se erguera e bradava:

— Meu amigo! Bem sabes tambem que na minha posição ha taes deveres, complicações de tão diversa natureza...

— Que impedem a princeza Carlota Joaquina de ver durante minutos a pessoa que mais a ama n'este mundo!... redarguiu elle n'outro tom de voz, quasi humilde, ao sentir essa mão aristocratica nos seus cabellos crespos.

— Louco!... Por alguns minutos!... E acaso já succedeu isso alguma vez?...

— O quê?!... Quererás acaso que fique...

— Mas certamente, meu lobo!... volveu a princeza, abraçando-o e dando-lhe um grande beijo nos labios.

D'esta maneira tinha prompto para tudo aquelle homem ao qual ella propria chamava lobo; bastava um dos sorrisos da princeza para o obrigar a todos os actos, um só dos seus olhares seria o bastante para o lançar ainda mesmo contra o proprio principe.

— Ouve, João, os cuidados da alta intriga em que ando, mal me deixam o tempo de te vêr... Porém, chegou o momento de obrar de commum accordo comtigo... Quero para ti uma situação invejavel, sou muito ambiciosa como sabes!...

— Sim e depois?

— Ha ainda obstaculos á realisação dos meus planos...

— Desconheço os teus planos! tornou o almoxarife com intenção.

Ella beijou-o de novo, e accrescentou:

— Oh! Sabel-os-has, descança... E dentro em pouco tempo... Queres trabalhar para mim?

— Falla!... exclamou o João dos Reis deitando-se no regaço da princeza.

— Sabes que se ámanhã alguem te offendesse eu seria capaz de exercer sobre esse alguem a mais terrivel vingança?

— Era desnecessario, Carlota, aquelle que me offendessse, receberia o castigo das minhas mãos embora elle fosse o teu esposo!... bradou o collosso com grande cólera.

— Sei que és valente... Por isso mesmo quero incumbir-te da minha vingança!...

No rosto do almoxarife passou uma expresssão de desgosto ao ouvir aquellas palavras, ao comprehender a vontade da amante que continuava:

— Ha ahi um homem que se propõe a restituir a razão a Maria I...

— Ah! O medico inglez! exclamou o João dos Reis, muito serenamente.

— Pois bem, é elle... No dia em que fôr necessario que elle desappareça...

— Conta commigo!... assentiu de boa vontade.

Carlota Joaquina, soltou um grito de prazer, e bradou logo:

— Talvez para breve... Agora vamos a outro...

— Conheces, mestre Lebon, o francez que móra no Botanico?

— Sim...

— Preciso da vida d'esse homem!...

— E porque? interrogou elle com presteza.

— Porque é contra mim e serve o regente!

— Basta! exclamou elle com pressa. Os amigos de teu marido são os meus inimigos... Mestre Lebon, irá para melhor vida, quando o desejares!

— Pois para breve!...

— Hoje mesmo?!

— Não... Hoje pertences-me, meu João!

E a languida hespanhola, deitava os braços ao pescoço do almoxarife do Ramalhão e ficava assim unida com elle durante algum tempo.

Por fim levantava-se; arrastava-o comsigo para o seu quarto,

a porta fechava-se e a princeza Carlota Joaquina pagava com beijos o sangue que o amante derramaria á sua ordem.

A manhã rompia; ouviam-se salvas nas fortalezas e as naus *Medusa, Bom Successo* e *D. Sebastião,* e a fragata *Venus,* deixavam o porto levando comsigo as tropas que iam defender o nome portuguez ás ordens da Hespanha e da Inglaterra, em serviço d'um throno onde devia ter logar tempo depois a adultera Carlota Joaquina.

Gomes Freire, no convez da nau fallava com o primo e com Alorna e deixava errar a sua vista pelo palacio da Ajuda, que lá estava no alto abrigando a mais criminosa das princezas.

E as fortalezas salvavam sempre á passagem das naus embandeiradas e flammantes, os soldados soltavam vivas que vinham até á praia n'uma algazarra confusa.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE DOS CAPITULOS

PRIMEIRA PARTE

A VINGANÇA DOS JESUITAS

		PAG.
I	A ronda das ordenanças	5
II	O Intendente da policia	15
III	O frade Cartuxo	29
IV	Um ninho d'amorosos	47
VI	O principe do Brazil	63
VII	A intriga regia	73
VIII	Aventuras d'um vice rei	82
IX	O primeiro segredo	91
X	O «Neutral» de Belem	101
XI	Os esbirros	113
XII	As promessas do arcebispo	125
XIII	O oratoriano	134
XIV	Os carceres da inquisição	145
XV	O inquisidor supremo	155
XVI	A descoberta do esbirro	165
XVII	A açafata da rainha	176
XVIII	O pastelleiro dos arcos	186
XIX	O mensageiro	196
XX	A volta do noivo	206
XXI	Os jesuitas	215
XXII	A historia d'um jesuita	225
XXIII	Audace fortuna Juvat	334
XXIV	O fio da meada	344
XXV	A proposta ao cardeal	354
XXVI	O poder do odio	364
XXVII	O poder do amor	373
XXVIII	As idéas da açafata	383
XXIX	O cadete de Peniche	394
XXX	Aventura real	403
XXXI	O cumplice da açafata	412
XXXII	A felicidade de fr. Fabricio	422

PAG.
XXXIII — As desgraças de fr. Fabricio 432
XXXIV — Os ciumes da princeza 441
XXXV — Justiça real 450
XXXVII — Os prisioneiros 459
XXXVIII — A infanta de Hespanha 468
XXXIX — O grande golpe 479
XL — Um ardil da policia 489
XLI — A aventura d'um principe 499
XLII — A sagração 514
XLIII — Carlota Joaquina 524
XLIV — Outro cumplice 536
XLV — A caçada real 545
XLVI — Confidencias 553
XLVII — O começo da vingança 562
XLVIII — No leito de morte 571
XLIX — O confessor da rainha 580
XLIX — A vingança dos jesuitas 588
L — O ultimo obstaculo 596
LI — Amor louco 604
LII — Amor de mãe 612

SEGUNDA PARTE

OS PEDREIROS LIVRES

I — O iniciado 623
II — O irmão Pericles 633
III — Miserias da realeza 643
IV — Transire bene faciendo 653
V — O estafeta 661
VI — O theatro da vida 670
VII — O fim da vingança 678
VIII — Oczakow 687
IX — O coronel Ivan 696
X — A recompensa 705
XI — Corações que sangram 713
XII — José Balsamo 722
XIII — O heroe luzitano 730
XIV — A desforra do heroe 738
XV — 1793 748
XVI — Ça irá, ça irá! 757

PAG.
XVII — Companhia de Jesus 766
XVII — O cadete da legião 775
XVIII — Mocidade, primavera da vida 785
XIX — Suas altezas! 801
XX — Rival coroada 811
XXI — Ordens da princeza 823
XXII — Palavra real 830
XXIII — O sr. conde d'Alva 841
XXIV — Ordens do regente 850
XXV — A' sorte 859
XXVI — Os pedreiros livres 870
XXX — O embaraço do regente 878
XXXI — O almoxarife 894

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

	PAG.
Gomes Freire	4
A ronda rodeava-a agora	14
— Regicida! .. Regicida!	22
— Toma cautella não estales!	30
Arcebispo de Thessalonica	32
Gomes Freire, exclamou:	54
— Attacae, senhor, attacae!	58
Principe D. José	62
D. Pedro III	68
— Sahi, senhor principe do Brazil	72
Marquez de Marialva	76
E o carmelita ficava-se a tomar a sahida	78
D. Maria I	80
— Cautella... cautella.	82
— Peço-te que não partas	96
— Eu sou o corregedor do crime!	110
O Joannico fazia frente com um pesado banco	120
Fina Manique	124
D. Maria e o arcebispo de Thessalonica	132
O cardeal da Cunha e fr. José Maria de Mello	136
D. Maria Benedicta	173
— Oh! Maria... Minha querida Maria!	182
— Onde vae n'esse traje, senhor meu marido?	190
— Descei... descei... bradou impaciente o esbirro	202
— Vossa grandeza perdoar-me-ha o disfarce	836
...acêrcava-se do enfermo...	356
Principe D. João	64
— Sua alteza! bradaram todos	408
— Minha Nossa Senhora	420
D. Maria Benedicta e D. Maria da Penha	456
— Sou eu, senhor, volveu o alferes	464
— Para a frente, malditos!	500
— Por Deus, real senhora	522
D. Carlota Joaquina	524
Agarrado brutalmente por um homem	550

PAG.
A rainha D. Maria I em oração 564
Morte do principe D. José 578
— deitava-lhe os braços ao pescoço 606
... mostrava-lhe o papel 622
... viu-se arrastado para um caixão 628
Marqueza de Alorna 632
Filinto Elysio 636
Bocage 656
— Trata-se d'um caso de maxima gravidade! 679
... Appareceu deante dos turcos segurando nervosamente a sua espada. 700
Prisão de Muzok 704
— Gomes! Gomes! 714
Luiz XVI 748
Maria Antonieta 750
Hoche 752
— Que dizeis?... Oh! Isso é maravilhoso! 840

PQ
9261
M37934
G6
v.1

Martins, Francisco José Rocha
Gomes Freire

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 11 04 023 3